
Soman Chainani
Best-seller do The New York Times
A
ESCOLA
3
do BEM e do MAL
Infelizes para sempre
GUTENBERG

Soman Chainani



Ilustração: Iacopo Bruno
Tradução: Alice Klesck

GUTENBERG

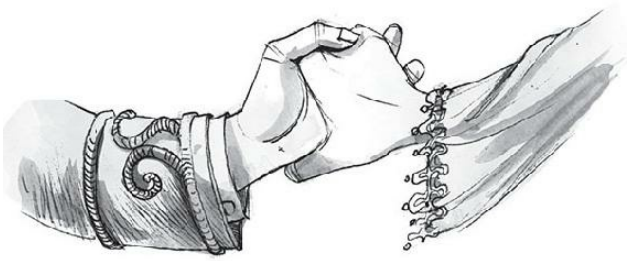
Agora, em seu amor, que era mais forte, havia sementes de ódio e medo e confusão, que cresciam simultaneamente: pois o amor pode existir com o ódio, cada um à espreita do outro, e é isso que o torna tão furioso.

O Único e Eterno Rei, T.H. White



Na Floresta Primitiva
Há duas torres erguidas
Na Escola do Bem e do Mal,
A Pureza e a Malícia.
Quem nelas ingressar
Não tem como escapar
Se um Conto de Fadas
Não vivenciar.

PRIMEIRA PARTE



1
O Diretor e a Rainha

É natural duvidar de seu verdadeiro amor, se você não sabe se ele é jovem ou velho.

Ele certamente parece jovem, Sophie pensou, observando o menino esguio e sem camisa, enquanto ele olhava pela janela da torre, banhado pela luz suave do sol. Sophie reparou na pele branca e nas calças pretas e justas que ele vestia; nos cabelos cor de neve fartos e espetados, nos braços cheios de veias saltadas e nos olhos de um azul glacial... Ele não parecia ter mais que 16 anos, entretanto, dentro desse belo estranho, havia uma alma muito, muito mais velha. Durante as três últimas semanas, Sophie havia recusado sua aliança. Como ela poderia se unir a um menino que trazia o Diretor da Escola dentro de si?

Quanto mais Sophie olhava para ele, porém, menos via o Diretor da Escola. Ela só via um jovem etéreo pedindo sua mão, com maçãs do rosto saltadas e lábios fartos, mais belo e mais poderoso que um príncipe e, ao contrário daquele tal Príncipe Fulano de Tal, esse menino era *dela*.



Sophie corou, lembrando-se de que estava totalmente sozinha no mundo. Tinha sido abandonada por todos. Seu grande empenho em ser do Bem tinha sido punido com traição. Ela não tinha família, amigos ou futuro. E agora, esse menino arrebatador à sua frente era a última esperança de amor. O pânico ardia em seus músculos e ressecava a garganta. Não havia mais escolha. Sophie engoliu em seco e caminhou lentamente até ele.

Olhe para ele. Ele não é mais velho que você, pensava, tentando se acalmar. O menino dos seus sonhos. Ela estendeu os dedos trêmulos até o ombro nu do rapaz... e subitamente parou. *A magia trouxe esse menino à vida*, pensou ela, escondendo a mão dentro da manga do vestido. Mas quanto tempo a magia duraria?

"Você está se fazendo as perguntas erradas", disse a voz macia. "A magia não é contada pelo tempo".

Sophie ergueu a cabeça. Sem olhar para ela, o menino manteve o foco no sol pálido por entre a névoa matinal.

"Desde quando você consegue ler meus pensamentos?", perguntou Sophie, irritada.

"Não preciso ouvir pensamentos para saber como funciona a mente de uma Leitora", ele respondeu.

Vestindo uma capa preta, Sophie parou ao lado dele, sentindo o frio emanar daquela pele cor de mármore. Pensou na pele de Tedros, sempre suada e bronzeada, calorosa como um urso. Uma onda irrompeu dentro dela — ódio, arrependimento ou algo entre uma coisa e outra. Ela se forçou a aproximar-se do menino, esbarrando o braço na pele clara de seu peito.

Ainda assim, ele não olhou para Sophie.

"O que foi?", ela perguntou.

"O sol", ele disse, observando-o por entre a névoa. "A cada dia ele nasce mais fraco".

"Se ao menos você também tivesse poder para fazer com que o sol brilhasse...", Sophie murmurou. "Todos os dias poderiam ter uma festa no jardim."

O menino a fulminou com o olhar. Sophie ficou rígida, lembrando que, ao contrário daquela que um dia foi sua melhor amiga do Bem, seu novo pretendente não era nem do Bem, nem amistoso. Olhou rapidamente de volta para a janela, estremecendo com a brisa gélida.

“Ah, pelo amor de Deus, o sol fica mais fraco no inverno. Não é necessário um feiticeiro para saber disso.”

“Talvez seja necessária uma Leitora para explicar isso também”, respondeu ele, apressando-se até o canto da mesa de pedra branca, onde uma caneta comprida e afiada, em formato de agulha de tricô, pairava acima de um livro aberto. Sophie virou-se para o livro, dando uma olhada na pintura da última página: ela mesma, beijando o Diretor da Escola e trazendo-o à juventude, enquanto sua melhor amiga desaparecia, voltando para casa com um príncipe.

Fim

“Três *semanas* se passaram desde que o Storian escreveu nosso Infelizes Para Sempre”, disse o menino. “Depois de alguns dias, ele deveria ter começado uma nova história, com o amor do lado do Mal. Amor que destruirá o Bem, uma história de cada vez. Amor que transforma a caneta em uma arma do Mal, no lugar de sua maldição.” Ele estreitou os olhos. “Em vez disso, ele reabre o livro que acabou de fechar e *permanece* ali, pairando logo acima do Fim, como em uma peça teatral cuja cortina não se *fecha*.”

Sophie não conseguia desviar o olhar da página onde Agatha e Tedros se abraçavam amorosamente enquanto desapareciam, e sentiu um nó por dentro, o rosto ardendo em fogo.

“Pronto”, ela disse com a voz esganiçada, fechando o livro de capa vermelha com força e o enfiando ao lado de *O Príncipe Sapo*, *Cinderela*, *Rapunzel* e o restante dos contos concluídos pelo Storian. Seu coração se aquietou. “Cortina fechada.”

O livro ricocheteou instantaneamente da prateleira e bateu em seu rosto, fazendo-a colidir contra a parede, antes de voar de encontro à mesa de pedra, abrindo-se novamente na última página. O Storian pairava desafiadoramente acima dele.

“Isso não foi nenhum acidente”, disse o menino, caminhando em passos firmes até Sophie, enquanto ela esfregava o rosto dolorido. “O Storian mantém nosso mundo vivo escrevendo novas histórias e, no momento, ele não tem qualquer intenção de seguir adiante, deixando a *sua* história. Enquanto a caneta não seguir rumo a um novo conto, o sol vai enfraquecer mais a cada dia, até a floresta escurecer e decretar o Fim de todos nós.”

“Mas... mas o que ele está esperando?”, Sophie olhou para ele, com a silhueta contornada pela luz fraca.

Ele se aproximou e tocou em seu pescoço, encostando os dedos gélidos na pele clara, cor de pêssego. Sophie recuou, trombando na estante de livros. O menino sorriu e chegou mais perto, bloqueando a luz do sol.

"Receio que ele tenha dúvidas quanto a eu ser o seu verdadeiro amor", ele disse baixinho. "Ele tem dúvidas quanto ao seu comprometimento com o Mal. Tem dúvidas se a sua amiga e o príncipe dela devem permanecer desaparecidos para sempre."

Sophie olhou lentamente para cima, para a sombra negra.

"Ele está esperando por você", disse o Diretor da Escola, estendendo a mão.

Sophie baixou o olhar e viu o anel de ouro naquela mão jovem e fria, assim como o seu rosto aterrorizado refletido nele.

Três semanas antes, Sophie beijou o Diretor da Escola, transformando-o num menino e banindo sua melhor amiga de volta para casa. Por um instante, ela tinha sentido o alívio da vitória enquanto Agatha desaparecia silenciosamente com Tedros. Sua melhor amiga podia ter escolhido um príncipe em detrimento dela, mas, em Gavaldon, não havia algo como um príncipe. Agatha morreria como uma garota comum, com um menino comum, enquanto ela aproveitaria seu Felizes Para Sempre, muito, muito longe dali. Envolvida nos braços de seu verdadeiro amor, diante de sua torre prateada no céu, Sophie esperava se sentir feliz. Ela tinha ganhado seu conto de fadas e aquilo deveria significar felicidade.

Contudo, naquela sala sombria de pedras, Sophie começou a tremer. Agatha se fora. Sua melhor amiga. Sua alma gêmea. E tinha levado consigo o menino de quem Sophie havia se aproximado de várias maneiras: quando ela era menina, quando ela era menino, quando ele era seu verdadeiro amor, quando ele era apenas seu amigo. Agatha tinha ganhado Tedros, o único menino que Sophie conheceu de verdade; Tedros ganhou Agatha, a pessoa sem a qual Sophie achou que jamais viveria. E Sophie ganhou um belo menino, sobre quem ela nada conhecia, exceto as profundezas de sua maldade. Enquanto o Diretor da Escola vinha sorrindo presunçosamente em sua direção, jovem como um príncipe, Sophie soube que havia cometido um equívoco.

Só que era tarde demais para voltar atrás. Através da janela, ela teve um vislumbre das cinzas de Agatha desaparecendo, os castelos se deteriorando

enegrecidos, meninos e meninas travando uma guerra vil, professores lançando feitiços nos alunos e uns nos outros... Estarrecida, ela se virou para o Diretor da Escola..., e viu o menino de cabelos de neve ajoelhado diante dela, com a aliança na mão. *Aceite*, ele havia dito, e dois anos de guerra cessariam. Não haveria mais o Bem contra o Mal. Nem meninos contra meninas. Em vez disso, apenas o Mal invencível: um Diretor da Escola e sua Rainha. *Aceite o anel*, disse o belo menino, e ela finalmente teria seu final feliz.

Sophie não aceitou. O Diretor da Escola deixou-a sozinha na torre, trancando a janela para que ela não pudesse fugir. Todas as manhãs, quando o relógio batia dez horas, ele vinha e perguntava novamente, com seu corpo jovem e esguio inexplicavelmente trajando roupas diferentes: um dia, uma camisa trançada; no outro, uma túnica ou um colete justo e gola de babados, e os cabelos platinados igualmente inconstantes, ora com brilhantina, ora despenteados ou cacheados. Ele também trazia presentes: vestidos ricamente bordados com pedrarias, buquês magníficos, perfumes de lavanda, frascos de cremes, sabão e ervas, sempre antevendo o próximo desejo de Sophie. Mas, dia após dia, ela ainda meneava a cabeça, e ele saía sem dar uma palavra, de cara feia, emburrado como um adolescente. Sophie ficava ali, presa e sozinha em seus aposentos, na companhia da biblioteca repleta de contos de fada, seus antigos robes azuis e a máscara prateada abandonados como relíquias penduradas em ganchos na parede. Três vezes por dia, refeições surgiam por encanto no instante em que ela sentia fome, e vinha precisamente o que ela tinha vontade de comer, em porções perfeitas dispostas em pratos feitos de osso: legumes, frutas, peixes cozidos no vapor e, ocasionalmente, uma tigela de feijão com bacon (ela não conseguia se livrar dos desejos do tempo em que era menino). Ao cair da noite, uma cama gigante se materializava no meio do quarto, com lençóis aveludados da cor de sangue e com dossel de renda branca. A princípio, Sophie não conseguia dormir, temendo que ele fosse aparecer no escuro. Mas ele nunca voltava; apenas na manhã seguinte, para o ritual silencioso de recusa da aliança.

Lá pela segunda semana, Sophie começou a imaginar o que teria acontecido com as escolas. Teria sua rejeição prolongado a guerra entre meninos e meninas? Teria ela custado alguma vida? Perguntava-se o que teria acontecido com suas amigas Hester, Dot, Anadil e com Hort — mas ele não respondia perguntas, como se a aliança fosse o preço para seguir adiante.

Desde que a levou até ali, aquela foi a primeira vez que ele disse algo. Agora, em pé ao lado dele sob a luz fraca do sol, Sophie via que não podia mais seguir em frente sem consequências. Havia chegado a hora de selar seu final com ele, ou ela também começaria a sumir bem devagar, até morrer. A aliança dourada cintilava mais forte na mão do Diretor da Escola, prometendo vida nova. Sophie ergueu os olhos para o menino sem camisa, rezando para ver motivo para aceitá-lo... e não viu nada além de um estranho.

"Não posso", ofegou, recuando junto a uma prateleira. "Não sei nada sobre você."

"O que você gostaria de saber?", o Diretor da Escola a encarou, contraindo o queixo quadrado, e colocou a aliança de volta no bolso da calça.

"Para começar, o seu nome", disse Sophie. "Se eu for ficar aqui com você, preciso chamá-lo de alguma coisa."

"Os professores me chamam de Diretor."

"Eu não vou chamá-lo de Diretor", Sophie retrucou.

Ele cerrou os dentes, prestes a revidar, mas Sophie não se intimidou.

"Sem mim, seu Infelizes Para Sempre não existe", ela se antecipou, elevando o tom de voz. "Você não passa de um menino... um menino bem encorpado, forte, terrivelmente lindo, mas ainda um *menino*. Você não pode mandar em mim. Não pode me amedrontar para me fazer aceitá-lo como meu amor verdadeiro. Não me interessa se você é deslumbrante, rico ou poderoso. Tedros tinha todas essas coisas, e aí? Aquilo acabou muito bem, não acha? Mereço alguém que me faça feliz. No *mínimo*, tão feliz quanto Agatha, e ela não precisa chamar Tedros de *Príncipe* pelo resto da vida, não é? Porque Tedros tem nome, como todo menino do mundo, assim como você, e eu vou chamá-lo pelo seu nome, se é que você espera que eu lhe dê uma chance!"

O Diretor da Escola ficou roxo de raiva, mas Sophie agora cuspia fogo.

"É isso mesmo. Agora, eu que mando! Você pode ser o diretor dessa escola infernal, mas não manda em mim e nunca vai mandar. Você mesmo disse: o Storian não escreve porque está esperando a *minha* escolha, não a sua. Eu que escolho se aceito a aliança. Eu escolho se esse será o Fim. Eu escolho se esse mundo vive ou morre. E terei o maior prazer em vê-lo virar pó, se você espera uma escrava em vez de uma rainha."

O Diretor da Escola a fulminava com o olhar, as veias pulsando no pescoço branco fantasmagórico. Ele mordeu o lábio com tanta força que Sophie achou que ele estava prestes a comê-la viva. Deu um passo para trás,

apavorada, e o viu murchar com um suspiro zangado, desviando o olhar. Então, ele ficou quieto por um bom tempo, de punhos cerrados.

"Rafal", ele murmurou. "Meu nome é Rafal."

Rafal, pensou Sophie, perplexa. Num instante, ela o viu de maneira diferente: o tom leitoso de sua pele, o brilho adolescente de seus olhos, o peito estufado, tudo combinava com o furor e a jovialidade de um nome. *Rafal*. O que há em um nome que nos leva a acreditar em uma história?

Ela subitamente sentiu um rubor de desejo, ansiando por tocá-lo... até lembrar-se do que significaria escolhê-lo. Esse menino havia matado alguém de seu próprio sangue em nome do Mal, e ele acreditava que Sophie era capaz de fazer o mesmo.

"Qual era o nome de seu irmão?", ela perguntou, contendo-se.

Ele girou o corpo, com os olhos faiscando. "Não vejo como isso pode ajudá-la a me conhecer melhor."

Sophie não pressionou. Então, atrás dele, acima dos dois castelos negros à distância, ela notou a neblina se dissipando e revelando uma névoa esverdeada. Era a primeira vez em três semanas que ele abria a janela por tempo suficiente para que ela tivesse um vislumbre lá de fora. Mas as duas escolas pareciam terrivelmente silenciosas, sem qualquer sinal de vida em nenhum dos telhados ou sacadas.

"On-onde estão todos?", ela gaguejou, estreitando os olhos para a Ponte entre os castelos. "O que aconteceu com as meninas? Os meninos iam matá-las..."

"Uma rainha teria o direito de me fazer perguntas sobre a escola que ela administra", ele respondeu. "Você ainda não é uma rainha."

Sophie limpou a garganta, notando o volume do anel no bolso da calça justa que ele usava.

"E... por que você está sempre mudando de roupa? É... estranho."

Pela primeira vez, o menino pareceu constrangido.

"Diante de suas recusas, imaginei que se me vestisse como os príncipes que você tanto deseja, isso ajudaria a fazer com que as coisas progredissem", ele coçou a barriga definida. "E aí me lembrei que o filho de Arthur não era afeiçoado a camisas."

"Não achei que o todo-poderoso hesitasse", Sophie bufou, tentando ignorar o tórax perfeito.

"Se eu fosse o todo-poderoso, poderia fazer você me amar!", ele rugiu.

Sophie ouviu a petulância em sua voz e, por um momento, viu um menino comum, apaixonado, lutando por uma garota que não conseguia ter. Então, lembrou-se de que ele não tinha nada de comum.

"Ninguém pode fazer com que outra pessoa o ame", ela disparou em resposta. "Eu aprendi essa lição do jeito mais duro do que qualquer pessoa. Além disso, mesmo que você pudesse me fazer amá-lo, você jamais poderia me amar. Você não consegue amar nada. Não quando abraça o Mal. Por isso o seu irmão está morto."

"No entanto, eu estou vivo por causa de um beijo de amor verdadeiro", disse ele.

"Você me ludibriou para beijá-lo..."

"Você não me soltou."

Sophie ficou lívida.

"Eu jamais o beijaria, e estou falando sério!"

"Ah, é? Para que eu voltasse à vida, voltasse à juventude... o beijo tinha de ser *recíproco*, não?", ele olhou no rosto estarrecido de Sophie e sorriu. "Sua melhor amiga certamente lhe disse isso."

Sophie ficou em silêncio. A verdade acabou com a briga. Da mesma forma que Agatha poderia ter segurado a mão de Tedros antes de escolher a mão de Sophie, Sophie também poderia ter mandado o Diretor da Escola de volta ao túmulo. No entanto, ali estavam eles, ambos lindos e jovens, vítimas de um beijo que ela estava tentando negar. *Por que eu me agarrei a ele naquela noite?* Era a pergunta que Sophie fazia a si mesma. Mesmo quando soube que era *ele* quem ela beijava? Olhando para esse menino de porcelana, ela pensava em tudo que ele havia feito para ganhá-la, passando pela morte e pelo tempo... a fé inabalável de que poderia fazê-la feliz, mais que qualquer família, amigo ou príncipe. Ele veio atrás dela quando ninguém mais a quis. Ele acreditou nela quando ninguém mais acreditou. A voz de Sophie embolou na garganta.

"Por que você me quer tanto?", perguntou, rouca.

Ele a encarou, seu maxilar relaxou e seus lábios se abriram ligeiramente. Por um instante, Sophie achou que ele se parecia com Tedros quando baixava a guarda — um menino perdido brincando de gente grande.

"Porque houve um tempo em que fui exatamente como você", respondeu baixinho. Ele piscou depressa, puxando a memória. "Eu tentei amar meu irmão. Tentei fugir do meu destino. Até achei que havia encontrado...", ele se

interrompeu. “Mas isso só me levou a mais dor... a um Mal ainda maior. Parece que toda vez que você vai atrás do amor ele acaba o levando de volta para o mesmo lugar. Sua mãe, seu pai, sua melhor amiga, seu príncipe... quanto mais você busca a luz, mais escuridão você encontra. Ainda assim, você duvida de seu lugar no Mal.”

Sophie ficou tensa, e ele delicadamente ergueu o queixo dela.

“Durante milênios, o Bem nos disse o que é o amor. Já tentamos amar do jeito deles, e só acabamos sofrendo”, ele disse. “Mas, e se houver outra forma de amor? Um amor mais sombrio que transforma a dor em poder. Um amor que só pode ser compreendido pelas duas pessoas que o compartilham. Por isso você retribuiu nosso beijo, Sophie. Porque eu a vejo como realmente é e a amo assim, quando ninguém mais consegue fazê-lo. Porque o que sacrificamos um pelo outro está além do que o Bem jamais poderá imaginar. Não importa se eles não chamam isso de amor. Nós sabemos que é, assim como sabemos que os espinhos fazem parte da rosa tanto quanto as pétalas.”

Ele se aproximou e seus lábios roçaram na orelha dela.

“Sou o espelho de sua alma, Sophie. Amar a mim é amar a você mesma”, sussurrou, erguendo a mão dela até os lábios e a beijando como um príncipe, antes de soltá-la, delicadamente.

Sophie sentiu um aperto tão forte no coração que ele pareceu ter sido arrancado do peito. Em toda sua vida, ela nunca se sentiu tão despida. Aninhou-se no manto preto, segurando-o mais firme junto ao corpo. Então, aos pouquinhos, olhando a simetria rude do rosto dele, Sophie sentiu a respiração voltar, e um calor estranhamente seguro transbordando em seu íntimo. Esse menino de alma sombria a compreendia, e, nas facetas de safira de seus olhos, ela viu o quanto eles eram profundos. Ela sacudiu a cabeça, aturdida.

“Eu nem sei se você é realmente um menino.”

“Se o seu conto de fadas lhe ensinou uma lição, Sophie, é que as coisas são como você as vê”, ele sorriu para ela.

Sophie franziu a testa.

“Não entendo...”, ela começou a dizer. Mas no fundo, entendia.

O menino olhava o sol lá fora, fraco e enevoado, acima de sua escola, e Sophie soube que o tempo para perguntas havia acabado. Quando ele enfiou a mão no bolso, Sophie sentiu seu corpo inteiro tremer, como se estivesse em uma correnteza, sendo empurrada na direção de uma cachoeira da qual não

podia escapar.

“Nós seremos tão felizes quanto Tedros e Agatha?”, ela pressionou, com a voz falhando.

“Você precisa confiar na sua história, Sophie. Ela chegou ao Fim por um motivo”, ele respondeu, virando-se para ela. “Mas agora é hora de você acreditar nela.”

Sophie olhou para a aliança de ouro na mão dele, a respiração acelerando cada vez mais... Estremecendo, ela o afastou. Ele estendeu os braços para ela, que o empurrou de encontro à parede, pousando a mão em seu peito gélido. Ele não resistiu quando Sophie passou a mão em seu peito, com os olhos vidrados, respirando ofegante. Ela não sabia o que procurava, até encontrar... Sua mão pairou e pousou sobre o peito dele, onde o coração batia disparado. Devagar, Sophie ergueu os olhos para ele, sentindo o coração do menino batendo tão forte quanto o dela.

“Rafal”, ela sussurrou, desejando que o menino ganhasse vida.

As pontas dos dedos dele acariciaram o rosto de Sophie, que pela primeira vez não recuou da mão fria. Conforme ele a puxou para perto, ela sentiu as dúvidas se dissipando, o medo dando lugar à fé. Com a capa preta pressionada junto ao corpo branco, como dois cisnes, Sophie ergueu a mão esquerda sob a luz do sol, firme e determinada. Então, Rafal colocou o anel em seu dedo, o ouro aquecido deslizando por cada pedacinho de sua pele, até encaixar no lugar. Sophie ofegou e o menino branco como a neve sorriu sem jamais tirar os olhos dela.

Nos braços um do outro, o diretor e a rainha se viraram para a caneta encantada, acima do conto de fadas, prontos para que ela abençoasse o amor dos dois... prontos para que ela finalmente fechasse o livro... A caneta não se moveu.

O livro se abriu. O coração de Sophie parou.

“O que aconteceu?”

Ela seguiu os olhos de Rafal até o sol âmbar, que havia escurecido muito rápido. Seu rosto endureceu como uma máscara mortal.

“Parece que nosso final feliz não é o único do qual a caneta duvida.”

2
Infelizes Para Sempre

“Você não sabe nada sobre mim!”, Tedros vociferou e bateu com o travesseiro embolorado no rosto de sua princesa.

Agatha tossiu e depois revidou, batendo nele com outro travesseiro e lançando-o de encontro à moldura preta da cama enquanto penas voavam por todo lado e o encobriam. Reaper saltou no rosto de Tedros, tentando comer as penas.

“Eu sei até demais sobre você, esse é o problema!”, Agatha rugiu e agarrou a bandagem mal feita colocada ao redor do colarinho azul do príncipe. Tedros afastou-a, e Agatha o empurrou de volta antes que ele se atracasse com Reaper e jogasse o gato na cabeça dela. A garota se abaixou e Reaper entrou voando no banheiro, sacudindo as patas enrugadas antes de aterrissar de cabeça dentro do vaso sanitário.

“Se você me conhecesse, saberia que faço as coisas do meu jeito”, Tedros bufou, ajustando os cordões da camisa.

“Você jogou *meu gato* em cima mim porque estou tentando salvá-lo de ter *gangrena*?”, Agatha berrou, pulando de pé.



“Esse gato é o Satanás”, Tedros chiou, observando Reaper tentar sair do vaso e escorregando de volta para dentro. “E, se você me conhecesse, saberia que *detesto* gatos.”

“Sem dúvida, você é o tipo de pessoa que gosta de cães, seres babões, sem graça e, agora que estou reparando, muito parecidos com você!”

Tedros lançou-a um olhar raivoso.

“Vamos começar com ofensas por causa de uma atadura?”

“Três semanas se passaram e não está sarando, Tedros”, Agatha pressionou, pegando Reaper e o secando com a manga da roupa. “Vai infeccionar se eu não cuidar...”

“Talvez o tratamento seja diferente em *cemitérios*, mas, de onde eu vim, uma atadura resolve.”

“Uma atadura que parece ter sido feita por uma criança de 2 anos de idade?”, Agatha debochou.

“Tente ser ferida com sua própria espada enquanto está desaparecendo”, disse Tedros. “Tem sorte por eu estar vivo... mais um segundo e ele teria acabado comigo...”

“Mais um segundo e eu teria me lembrado do gorila que você é e o teria deixado para trás.”

“Como se você pudesse encontrar algum menino melhor que eu nessa ratoeira de cidade.”

“A essa altura, eu trocaria você por um pouquinho de espaço e silêncio...”

“Eu a trocaria por uma refeição decente e um banho morno!”

Agatha o encarou, com Reaper tremendo em seus braços. Por fim, Tedros

suspirou, parecendo envergonhado. Ele tirou a camisa, abriu os braços e se sentou na cama.

“Vai fundo, princesa.”

Durante os dez minutos seguintes, nenhum dos dois falou, enquanto Agatha limpava o corte de oito centímetros no tórax de seu príncipe com óleo de rosa, aveleira de bruxa e uma pitada de peônia branca do carrinho de poções de ervas de sua mãe. Pensar em como Tedros adquiriu o ferimento, tão perto do coração, fez Agatha sentir um frio na barriga e ela se obrigou a focar na tarefa. Não precisava pensar nisso — já que os pesadelos horrendos já cumpriam bem essa função. O Diretor da Escola rejuvenescendo... sorrindo para Tedros amarrado a uma árvore... os olhos faiscando em vermelho ao apunhalá-lo... Agatha não conseguia entender como Tedros não tinha pesadelos sobre os últimos momentos que eles passaram na escola, mas talvez essa fosse a diferença entre um príncipe e um Leitor. Para um menino da floresta, cada dia que não acabasse em morte já seria um bom dia.

Agatha salpicou açafrão fervido no ferimento e Tedros cerrou os dentes, contendo os gemidos baixinhos.

“Eu disse que não estava sarando...”

Tedros deu um rugido de leão e virou o rosto.

“Sua mãe me odeia. Por isso ela nunca está em casa.”

“Ela está ocupada à procura de pacientes”, disse Agatha, esfregando o pó amarelo. “Temos que comer, não é?”

“Então, por que ela deixa o carrinho de remédios aqui?”

A mão de Agatha parou no peito de Tedros. Ela vinha se perguntando a mesma coisa sobre os longos sumiços da mãe. A garota apertou o ferimento com mais força e o príncipe se retraiu.

“Olha, pela última vez, ela não odeia você.”

“Nós estamos presos nessa casa há três semanas, Agatha. Eu como toda a comida dela, sou uma droga na limpeza, tenho o hábito de entupir o vaso sanitário e ela está sempre nos vendo brigar. Se ela *ainda* não me odeia, logo vai começar.”

“Ela só acha que você é mais uma complicação para uma situação já complicada.”

“Agatha, tem uma cidade inteira lá fora que vai nos matar no ato. Não há nada complicado nisso”, Tedros argumentou. “Olha, eu farei 16 anos em um mês. Isso significa que vou assumir o trono de Camelot. O reino certamente

está falido, metade das pessoas partiu e o lugar está em ruínas, mas nós mudaremos tudo isso! Lá é nosso lugar, Agatha. Por que não podemos voltar...”

“Você sabe o motivo, Tedros.”

“Certo. Porque você não quer deixar sua mãe para sempre. Porque eu não tenho mais família e você tem”, ele disse, desviando o olhar. O pescoço de Agatha ficou vermelho.

“Tedros...”

“Não precisa explicar”, o príncipe sussurrou. “Se o meu pai ainda estivesse vivo, eu também jamais o deixaria.”

Agatha se aproximou. Ainda assim, ele não a encarou.

“Tedros, se o seu reino precisa de você... você deve voltar”, ela se forçou a dizer.

“Eu jamais a deixaria, Agatha”, o príncipe suspirou. Ele puxou um fio de sua meia suja. “Não poderia nem se quisesse. A única forma de voltar à Floresta é fazermos um pedido juntos.”

Agatha ficou tensa. Ele havia pensado em deixá-la para trás? Ela engoliu em seco e agarrou-lhe o braço.

“Eu não posso voltar, Tedros. Coisas terríveis acontecem na Floresta”, ela disse, ofegante. “Tivemos sorte de escapar...”

“Você chama isso de sorte?”, o príncipe enfim olhou para ela. “Quanto tempo conseguiremos ficar presos nesta casa, Agatha? Por quanto tempo podemos ser prisioneiros?”

Agatha ficou tensa. Sabia que Tedros merecia respostas, mas ela não as tinha.

“Não importa onde é o seu Felizes Para Sempre, importa? Só importa com quem você está”, disse, tentando parecer esperançosa. “Um professor disse isso, um dia.”

Tedros não sorriu. Agatha levantou e arrancou um pedaço de uma toalha limpa pendurada no mastro da cama. Ele voltou a se deitar, com os braços abertos, e ficou em silêncio enquanto Agatha enfaixava o ferimento com o pano.

“Às vezes sinto falta de Filip”, ele disse, baixinho.

Agatha olhou-o, surpresa. Tedros ficou vermelho e cutucou as unhas.

“É ridículo, depois de tudo que ele fez para a gente... Ou ela... tanto faz. Eu deveria odiá-lo... Quer dizer, *odiá-la*. Mas os meninos se entendem de um

jeito que as garotas não conseguem. Mesmo que ele não fosse realmente um menino", Tedros observou o rosto de Agatha. "Deixa para lá."

"Você realmente acha que não te conheço?", Agatha perguntou, magoada.

Tedros prendeu a respiração por um momento, como se pensasse se deveria ser honesto ou mentir.

"É que... naqueles dois primeiros anos, nós buscávamos a ideia de estarmos juntos em vez de estarmos juntos de fato. Eu tive a chance de conhecer Filip melhor do que a você: ficando juntos do nascer ao pôr do sol, roubando costeletas de carneiro do Salão de Jantar, ou simplesmente ficando sentados no telhado, conversando... sobre nossas famílias, ou sobre do que temos medo, ou que tipo de torta gostamos. Na verdade, realmente não importa como foi o desfecho... Ele foi meu primeiro amigo verdadeiro", Tedros não conseguia olhar para Agatha. "Você e eu nunca nem chegamos a ser amigos. Nem apelidamos um ao outro. Com você eram sempre momentos furtivos e a fé de que o amor seria, de alguma forma, o suficiente. E agora, aqui estamos nós, há três semanas entocados numa casa, sem tempo para ficarmos sozinhos nem espaço para darmos uma volta, ou caçarmos, ou nadarmos, para depois dormirmos, comermos, *respirarmos*, com a outra pessoa em volta, como se fosse um cuidador... E ainda assim nos sentimos como estranhos. Eu nunca me senti tão *velho*", ele deu uma olhada no rosto de Agatha. "Ora, vamos, você também deve se sentir assim. Somos como dois tolos bolorentos e casados. Cada coisinha que lhe incomoda a meu respeito deve ser ampliada mil vezes."

Agatha tentou parecer compreensiva.

"O que te incomoda em mim?"

"Ah, não vamos entrar nesse jogo", Tedros bufou, virando de bruços.

"Eu quero saber. O que eu faço que te incomoda tanto?"

Seu príncipe não respondeu. Agatha salpicou açafrão quente em suas costas. Tedros se virou, zangado.

"Em primeiro lugar, você me trata como se eu fosse um idiota."

"Isso não é verdade..."

"Você quer saber ou não?", Tedros franziu o cenho para ela.

Agatha cruzou os braços.

"Você me trata como se eu fosse um idiota", Tedros repetiu. "Você finge estar ocupada toda vez que tento conversar. Age como se para mim fosse fácil abrir mão da *minha* casa, embora seja uma princesa que deva seguir seu

príncipe. Você anda pela casa feito um elefante com esses sapatos horríveis, e deixa o chão molhado depois de tomar banho. Nunca tenta sorrir, e se eu questionar qualquer coisa que diz ou faz, você tem essa postura de que eu não deveria desafiá-la, porque você é tão... tão..."

"*Tão* o quê?", Agatha o encarou.

"*Boa*", disse Tedros.

"Agora é minha vez", disse Agatha. "Primeiro, você age como se fosse meu prisioneiro, como se eu o tivesse sequestrado de seu melhor amigo, que nem sequer *existe*..."

"Agora você está apenas sendo maldosa..."

"Você faz com que eu me sinta culpada por trazê-lo para cá, como se eu não devesse ter *salvado a sua vida*. Age como se fosse todo sensível e cavalheiro, depois diz coisas como *uma princesa deve seguir seu príncipe*. Você é impulsivo, você sua demais, você generaliza sobre coisas que não sabe, e sempre que derruba alguma coisa, o que é bem frequente, você culpa a *minha casa*, em vez de você mesmo..."

"Esse lugar mal tem espaço para andar..."

"Você está acostumado a viver num *castelo*! Com várias alas e salões de tronos e empregadinhas bonitas", Agatha disparou. "Pois muito bem, você não está num castelo, ó, principesco... nós estamos na vida real. Você já imaginou que talvez eu esteja gastando todo meu tempo me preocupando em nos manter vivos? Pensou que eu talvez esteja tentando encontrar um jeito de fazer com que o nosso final feliz seja realmente *feliz*, e é por isso que não estou passando o tempo todo como uma palhaça, nem tendo conversas profundas tomando cappuccino? Claro que não, porque você é Tedros de Camelot, o menino mais bonito da Floresta, e Deus me livre que ele se sinta *velho*!"

Tedros deu um sorriso.

"Sou tão bonito assim, é?"

"Até Sophie é mais tolerável que você!", Agatha gritou num travesseiro. "E ela tentou me matar! *Duas vezes*!"

"Então, vá para a Floresta e pegue sua Sophie de volta!", Tedros retrucou.

"Por que você não vai e pega seu Filip de volta!?", Agatha rugiu.

Então, bem devagar, os dois coraram em silêncio, percebendo que estavam falando da mesma pessoa.

Tedros sentou-se ao lado de sua princesa e passou os braços ao seu redor.

Tentando não chorar, Agatha cedeu ao abraço apertado e afetuoso e sussurrou:

“O que aconteceu com a gente?”

Na ocasião em que salvou Tedros do Diretor da Escola, Agatha achou que havia encontrado o caminho para sair de seu conto de fadas, escapado da morte, salvado seu príncipe e deixado a Floresta para trás, com a amiga mentirosa e traidora lá dentro. Enquanto se agarrava ao verdadeiro amor, cercada pela luz branca entre os mundos, Agatha respirava o alívio do Para Sempre. Ela finalmente tinha Tedros... Tedros, que a amava tanto quanto ela a ele... Tedros, cujos beijos ela ainda podia sentir... Tedros, que a faria feliz para sempre...

Agatha bateu de cara numa parede de terra.

Confusa, abriu os olhos na escuridão e seu corpo estava sobre o corpo de seu príncipe, no cemitério de Gavaldon. Num instante, lembrou-se de tudo o que deixara para trás nesse pequeno vilarejo: uma promessa rompida a Stefan de trazer sua filha de volta para casa, a ameaça dos Anciões de matá-la, as histórias de bruxas que um dia foram queimadas na praça... Relaxe. *Esse é o nosso final feliz*, ela tranquilizava a si mesma, acalmando a respiração. *Não pode acontecer mais nada de mal*.

Agatha estreitou os olhos e viu o pico de um telhado no alto de uma montanha nevada em forma de chapéu de bruxa. Seu coração se enchera ao pensar em estar em casa de uma vez por todas, de ver o rosto eufórico da mãe... Ela olhou para baixo, para seu príncipe, com um sorriso travesso. *Se ela não tiver um ataque cardíaco primeiro*.

“Tedros, acorde”, ela havia sussurrado. Ele continuou imóvel em seus braços com a capa negra da Prova, e os únicos sons vinham de alguns corvos que ciscavam, bicando as minhocas dos túmulos, e de uma tocha fraca que crepitava acima do portão. Ela agarrou seu príncipe pelos cordões da camisa para sacudi-lo, mas suas mãos ficaram manchadas com algo morno e pegajoso. Agatha ergueu-as lentamente sob a luz da tocha.

Sangue.

Ela tinha disparado freneticamente por entre as sepulturas pontiagudas, pelo mato cortante, pela neve fofa, antes de ver a casa adiante, sem nenhuma das velas habituais acesas na varanda. Agatha virou a maçaneta da porta com cuidado, mas as dobradiças rangeram e um corpo saltou da cama, embrulhado

nos lençóis, como um fantasma desajeitado. Enfim, Callis pôs a cabeça para fora, piscando os olhos arregalados. Por uma fração de segundo, ela pareceu feliz ao reencontrar a filha que ficara longe por tanto tempo. Mas, em seguida, viu o pânico no rosto de Agatha e empalideceu.

"Al-alguém a viu?", Callis gaguejou. Agatha sacudiu a cabeça. A mãe sorriu com alívio e correu para abraçá-la, antes de ver que o rosto da filha não tinha mudado. Callis gelou e seu sorriso sumiu. "O que foi que você fez?", ela resfolegou.

Juntas, desceram Graves Hill, Callis vestindo a camisola preta e larga, e Agatha à frente, liderando o caminho de volta até Tedros. Arrastando-se pela neve, elas o levaram para casa, cada uma delas de um lado, segurando-o pelos braços. Agatha deu uma olhada para a mãe, apenas uma versão mais velha de si mesma, com os cabelos negros e a pele clara, esperando que ela se enrijecesse diante da visão de seu príncipe da vida real, — mas Callis manteve o olhar fixo na cidade escura, abaixo. Agatha não podia se preocupar e perguntar o motivo. Naquele momento, salvar seu príncipe era a única coisa que importava.

Assim que elas o puxaram porta adentro, sua mãe deitou Tedros no tapete e rasgou-lhe a camisa molhada, com o príncipe inconsciente e coberto de capim, enquanto Agatha acendia a lareira. Quando a garota virou-se de volta, quase desmaiou. O ferimento feito pela espada no peito de Tedros era tão profundo que quase dava para ver seu coração pulsando.

Os olhos de Agatha se encheram de lágrimas.

"E-ele vai ficar bem, não vai? Ele tem que ficar..."

"É tarde demais para anestesiá-lo", disse Callis, remexendo a gaveta em busca de linha.

"Eu tinha que trazê-lo, mãe... eu não podia perdê-lo..."

"Depois conversamos", Callis disse tão bruscamente que Agatha se encolheu junto à parede. Agachada acima do príncipe, sua mãe deu cinco pontos, mal fechando o ferimento, antes que Tedros subitamente recobrasse os sentidos, dando um grito de dor ao ver a agulha na mão daquela estranha, agarrando uma vassoura próxima, ameaçando atingi-la na cabeça se ela se aproximasse mais.

Depois disso, ele e Callis nunca mais se olharam olho no olho.

De alguma forma, Agatha convenceu Tedros a dormir e, na manhã seguinte, enquanto ele dormia um sono agitado, com os pontos ainda pela

metade, Callis levou a filha até a cozinha, pendurando um lençol preto no cômodo para fechar o quarto. Agatha logo sentiu a tensão.

“Olha, da primeira vez que nós nos encontramos, ele também ameaçou me matar”, ela disse, tirando dois pratos de ferro do armário. “Ele vai melhorar com você, eu prometo.”

Callis despejou um cozido do caldeirão numa tigela.

“Vou costurar uma camisa nova pra ele, antes de ele partir.”

“É... mãe, tem um príncipe de verdade, de um conto de fadas, deitado no nosso chão, e você está preocupada com a camisa dele?”, disse Agatha, sentando numa banqueta. “Esqueça que a visão de mim a menos de cem metros de um menino possa ser motivo para uma passeata na cidade, ou que você vem me dizendo que os contos de fadas são reais desde o dia em que eu nasci. Você não quer saber quem ele é...”, os olhos de Agatha se arregalaram. “Espere. Antes de *ele partir?* Tedros vai ficar em Gavaldon... para sempre.”

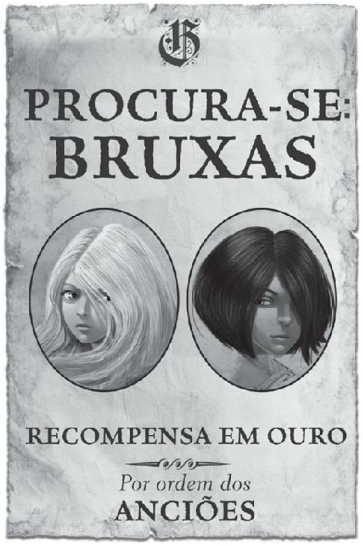
“Ninguém gosta de sopa de bode fria”, Callis pousou a tigela diante de Agatha.

Agatha continuou falando.

“Olha, eu sei que a casa está lotada com ele aqui, mas Tedros e eu podemos arranjar trabalho na vila. Pense nisso, se nós economizarmos o suficiente, talvez a gente possa se mudar para uma casa maior, talvez até algum lugar nas ruas com casinhas”, Agatha sorriu. “Imagine, mãe, talvez a gente possa até ter vizinhos vivos...”

Callis encarou-a fixamente de um jeito frio, e Agatha parou de falar. Depois, seguiu o olhar da mãe na direção da janela suja de limo, acima da pia. Agatha empurrou a cadeira para trás, levantou sem tocar a tigela e pegou um pano de prato molhado no escorredor. Ela o esfregou no vidro, tirando a sujeira cinzenta, uma mistura de poeira, gordura e mofo, até que um raio de sol entrou. Agatha recuou surpresa.

Abaixo, na colina coberta de neve, bandeirinhas vermelhas tremulando em todos os postes da praça.



“Bruxa?”, Agatha engasgou, encarando estupefata as centenas de reflexos de seu próprio rosto. Além da praça, as casas coloridas dos livros de história que foram dizimadas pelos ataques da Floresta haviam sido reconstruídas como monótonos abrigos de pedra. Uma tropa de guardas de longas capas pretas e máscaras negras de ferro portavam lanças, patrulhando as ruas das casinhas e o entorno da floresta. Com o pavor aumentando, os olhos de Agatha recaíram no local onde as estátuas dela e de Sophie um dia reluziram, perto da torre inclinada do relógio. Agora, havia apenas um palco de madeira com uma imensa pira feita de varetas de bétulas, com duas tochas em chamas afixadas ao andaime e um cartaz com os rostos das duas pendurado entre elas.

Agatha sentiu um nó no estômago. Ela havia escapado da execução pública na escola só para se deparar com outra, em sua cidade.

“Eu lhe avisei, Agatha”, disse sua mãe, atrás dela. “Os Anciões acreditavam que Sophie era uma bruxa que lançava seus ataques da Floresta. Eles ordenaram que você não fosse atrás dela na noite em que eles a cercaram. No instante em que você os desobedeceu, também se tornou uma bruxa.”

Agatha se virou, as pernas bambas.

“Então eles querem me *queimar?*”

“Se você tivesse voltado sozinha, os Anciões poderiam te poupar”, Callis estava sentada à mesa, a cabeça apoiada nas mãos. “Você poderia ter sido punida, como eu fui, por tê-la deixado fugir.”

Um arrepio percorreu a espinha de Agatha. Ela olhou para a mãe, mas não havia ferimentos ou marcas em seu rosto com o nariz aquilino, nem em seus braços magros; todos os dedos das mãos e dos pés estavam intactos.

“O que fizeram com você?”, Agatha perguntou, aterrorizada.

“Nada que se compare ao que farão a vocês dois quando os encontrarem”, Callis olhou para cima com olhos marejados. “Os Anciões sempre nos desprezaram, Agatha. Como você pôde ser tão imbecil de trazer alguém de volta da Floresta?”

“O li-livro de história dizia ‘Fim’”, Agatha gaguejou. “Você mesma disse... se nosso livro disser “Fim”, *tem* que ser nosso final feliz...”

“Final feliz? Com *ele?*”, Callis disparou, colocando-se de pé num pulo. “Há um motivo para que os mundos sejam separados, Agatha. Há um motivo para que os mundos precisem ser separados. Ele jamais será feliz aqui! Você é uma Leitora e ele é...”

Callis parou e Agatha continuou olhando para ela, que rapidamente virou-se para a pia e colocou água numa chaleira.

“Mãe...”, disse Agatha, sentindo um frio súbito. “Como você sabe o que é uma Leitora?”

“Mmm, não consigo ouvi-la, querida”

“Uma *Leitora*”, Agatha disse alto, acima dos barulhos estridentes na pia. “Como você conhece essa palavra...”

Callis batia com mais força.

“Devo ter visto em algum livro, tenho certeza...”

“Livro? Que livro?”

“Um dos livros de história, querida.”

Claro, Agatha suspirou, tentando relaxar. Sua mãe sempre parecera saber coisas do mundo dos contos de fadas — como todos os pais em Gavaldon que fervorosamente compravam livros de histórias da loja do Sr. Deauville, à caça de pistas sobre as crianças sequestradas pelo Diretor da Escola. *Um dos livros devia mencionar isso,* Agatha disse a si mesma. Por isso ela me chamou de Leitora. Por isso ela não se surpreendeu com um príncipe.

Mas quando Agatha olhou para Callis bombeando água na chaleira, notou que ela já estava cheia e transbordando na pia. Viu a mãe encarando o nada com os punhos fechados, bombeando a água mais depressa como se bombeasse também para afastar as lembranças. O coração de Agatha começou a apertar lentamente dentro do peito, até que aquela sensação de frio

retornou ainda mais profunda... sussurrando que o motivo para que sua mãe não tivesse se abalado pela aparência de Tedros não havia sido por ler livros de histórias... mas porque ela sabia como era viver através de um deles...

"Ele volta para a Floresta assim que acordar", declarou Callis, soltando a bomba. Agatha foi arrancada de seus pensamentos.

"A *Floresta?* Tedros e eu mal conseguimos escapar vivos... e você quer que a gente *volte*?"

"Você, não", disse Callis, ainda de costas. "Ele."

Agatha a encarou, chocada.

"Só alguém que nunca vivenciou o verdadeiro amor poderia dizer uma coisa dessas."

Callis gelou. O relógio de esqueleto batia seu tic-tac em meio ao silêncio esmagador.

"Você realmente acredita que esse seja seu final feliz, Agatha?", Callis questionou, sem olhar para ela.

"Tem de ser, mãe. Porque eu não vou deixá-lo novamente. E não vou deixar você", Agatha disse, suplicante. "Achei que eu talvez fosse feliz na Floresta, que eu poderia fugir da vida real... mas não posso. Nunca quis um conto de fadas. Tudo que eu sempre quis foi acordar todas as manhãs, bem aqui, sabendo que tinha minha mãe e minha melhor amiga. Como poderia saber que aquela amiga acabaria sendo um príncipe?", Agatha secou os olhos. "Você não sabe o que passamos para encontramos um ao outro. Não sabe o Mal que deixamos para trás. Não me importa se Tedros e eu teremos que ficar presos nessa casa por um século. Pelo menos estamos juntos. Pelo menos estamos felizes. Você só tem de nos dar essa chance."

O silêncio invadiu a cozinha escura.

Callis virou-se para a filha.

"E Sophie?"

A voz de Agatha esfriou.

"Ela se foi."

A mãe ficou olhando para ela. O relógio da cidade bateu baixinho lá na praça, antes que o vento o abafasse. Callis pegou a chaleira e foi até o fogão à lenha. Agatha ficou na expectativa, observando-a acender uma chama embaixo da chaleira e jogar dentro algumas folhas, mexendo e remexendo por muito tempo depois que as folhas já haviam dissolvido.

"Imagino que iremos precisar de ovos", disse a mãe, enfim. "Príncipes

não comem bodes.”

Agatha quase desmaiou de alívio.

“Ah, obrigada, obrigada, obrigada...”

“Vou trancar vocês dois aqui quando eu for à cidade todas as manhãs. Os guardas não virão para estes lados, contanto que sejamos cautelosos.”

“Você vai amá-lo como a um filho, mãe, você vai ver...”, Agatha fez uma careta. “À cidade? Você disse que não tinha nenhum paciente.”

“Não acenda a lareira, nem abra as janelas”, ordenou Callis, servindo duas canecas de chá.

“Por que os guardas não virão aqui?”, Agatha forçou. “Não seria o primeiro lugar que eles checariam?”

“E não abra a porta para ninguém.”

“Espere... e quanto ao Stefan?”, perguntou Agatha, animando-se. “Ele certamente pode falar com os Anciões, por nós...”

Callis virou-se de volta.

“E *principalmente*, não abra a porta para o Stefan.”

Mãe e filha se olharam fixamente.

“Seu príncipe jamais pertencerá a esse lugar, Agatha”, Callis disse baixinho. “Ninguém pode se esconder de seu destino sem um preço.”

Nos imensos olhos de coruja da mãe de Agatha havia um medo que ela jamais vira, como se não estivesse mais falando de um príncipe. Agatha atravessou a cozinha e deu um abraço forte na mãe.

“Eu lhe prometo. Tedros ficará tão feliz aqui quanto eu”, ela sussurrou. “E você irá se perguntar como pôde duvidar de duas pessoas tão apaixonadas.”

Um tilintar ecoou do quarto. A cortina foi puxada antes de cair inteiramente e Tedros entrou mancando, grogue, de olhos vermelhos, meio desnudo, com um pedaço de lençol ensanguentado grudando e pendendo de seu ferimento. Ele sentou junto ao balcão, cheirou a sopa e pareceu ter ânsia de vômito, depois a empurrou de lado.

“Nós vamos precisar de um cavalo robusto, uma espada bem afiada e pão e carne suficientes para uma jornada de três dias”, ele ergueu os olhos para Agatha, com um sorriso sonolento. “Espero que você já tenha se despedido, princesa. É hora de cavalgarmos até meu castelo.”

Naquela primeira semana, Agatha acreditava que isso fosse somente mais

um teste na história deles. Era apenas uma questão de tempo até que a pira fosse tirada, a sentença de morte suspensa e Tedros se sentisse à vontade com a vida comum. Olhando para seu lindo príncipe, a quem ela tanto amava, ela sabia que independentemente do tempo que eles passassem ali, encontrariam um meio de serem felizes.

Na segunda semana, no entanto, a casa começou a parecer menor. Nunca havia comida ou toalhas suficientes; Reaper e Tedros brigavam como irmãos perturbados; Agatha começou a notar os hábitos irritantes de seu príncipe (usar todo o sabão, beber leite da jarra, exercitar-se a cada segundo do dia, respirar pela boca); e Callis tinha o fardo de sustentar dois adolescentes que não gostavam de ser sustentados ("Até a Escola era melhor que isso", Tedros dissera, morto de tédio. "Vamos voltar e você pode acabar de ser esfaqueado", Agatha respondeu). Até a terceira semana, Tedros tinha passado a jogar rúgbi contra ele mesmo, esquivando-se de adversários invisíveis, sussurrando a cada jogada, e indo de um lado pro o outro como um animal enjaulado, enquanto Agatha ficava deitada na cama, com um travesseiro em cima da cabeça, mantendo a esperança de que a felicidade chegaria como uma fada madrinha vinda de uma estrela. Em vez disso, foi Tedros que caiu de cabeça, um dia, enquanto catava uma bola, reabrindo seus pontos. Agatha o atingiu com o travesseiro e Tedros revidou com o dele e logo o gato estava na privada. Enquanto eles ficaram deitados na cama cobertos de penas, Reaper pingando num canto, a pergunta de Agatha pairava no ar.

"O que aconteceu com a gente?"

Conforme a quarta semana prosseguiu, Tedros e Agatha pararam de passar tempo juntos. Tedros parou com os exercícios malucos e ficou sentado, amuado, junto à janela da cozinha, sem se barbear e sujo, silenciosamente olhando a Floresta Sem Fim. Ele estava com saudades de casa — era a culpa por saber que lá, em algum lugar, numa terra distante, não haveria um novo rei para receber a coroa do antigo. Mas Agatha não tinha nada a dizer para que ele se sentisse melhor, nada que não parecesse trivial, e ela se escondia embaixo das cobertas, lendo e relendo seus antigos livros de histórias.

Olhando as belas princesas beijando seus príncipes, ela se perguntava como seu Felizes Para Sempre tinha desandado. Todos esses contos de fadas tinham terminado de forma tão caprichada e satisfatória... Enquanto isso, quanto mais ela pensava no seu, mais pareciam surgir pontas soltas. O que

acontecera às suas amigas: Dot, Hester, Anadil, que haviam arriscado suas vidas por ela, durante a Prova? O que acontecera às Meninas, irrompendo rumo à Guerra contra Aric e os Meninos? Ou à Lady Lesso e Professora Dovey, agora diante do regresso do Diretor da Escola? Agatha sentia um aperto no peito. E se o Diretor da Escola recomeçasse a sequestrar as crianças em Gavaldon? Ela pensou nos pais que perderiam mais filhas e filhos... sobre Tristan e como seus pais ficariam sabendo de sua morte... sobre o equilíbrio da Floresta, inclinando para a morte e o Mal... sobre sua ex-melhor amiga malvada, deixada à sua própria sorte...

Sophie. Dessa vez, a raiva não veio com o nome. Somente um eco, como uma senha para a caverna de seu coração. *Sophie*.

Sophie, a quem ela amara através do Bem e do Mal. Sophie, a quem ela amara, através de Meninos e Meninas. Sophie, a quem ela havia jurado proteger para sempre, jovem ou velha, até que a morte as separasse.

Como se dá as costas para sua melhor amiga? Como a deixar para trás?

Por um menino.

A vergonha a fez corar.

Por um menino que agora mal consegue suportar me olhar.

Agatha sentiu um aperto no coração. Todo esse tempo, ela achou que tinha de escolher entre Sophie e Tedros para ter um final feliz. No entanto, cada vez que ela escolhia um em detrimento do outro, a história dava uma reviravolta e o mundo parecia ficar ainda mais fora dos eixos. Cada vez que ela pensava em Sophie sozinha na torre com um vilão mortal, sentia ainda mais culpa, mais medo, como se estivesse presa num purgatório que ela mesma criou, como se não tivesse fracassado por escolher um príncipe em vez da melhor amiga... mas simplesmente por ter feito a escolha.

"Eu também penso nela."

Ela se virou e viu Tedros junto à janela, observando-a, os lábios trêmulos.

"Sobre a forma como simplesmente a deixamos", ele disse, com a voz rouca, os olhos se enchendo de água. "Eu sei que ela é uma amiga ruim, sei que ela é do Mal, sei que Filip foi uma mentira... mas nós simplesmente a abandonamos... só para nos salvarmos. Que tipo de príncipe é esse, Agatha? O que o meu pai pensaria de mim?", as lágrimas escorreram pelo rosto com a barba por fazer. "Eu não quero que você deixe sua mãe. Realmente não quero. Mas nós não estamos felizes, Agatha. Porque o vilão ainda está vivo. Porque não temos nada de heróis. Somos... covardes."

Agatha olhou nos olhos do príncipe, para seu rosto sincero, e lembrou-se por que o amava.

“Esse não é o nosso final feliz, é?”, ela perguntou, ofegante.

Tedros sorriu, com a animação voltando.

E, pela primeira vez desde que eles tinham voltado pra casa, Agatha também sorriu.

3
O Novo ou o Velho

“Talvez a gente deva fechar os olhos”, propôs Tedros.

“Ou fazer a dança da chuva cantando ‘Ring Around the Rosie’”, resmungou Agatha, com Reaper dormindo profundamente em seu colo. “Já passou da hora de jantar e estou faminta. Quantas vezes podemos tentar isso?”

“Ah, me desculpe. Você tem algum lugar melhor para ir no momento?”

Agatha observou um rato correr e se espremer para passar por baixo da porta da frente trancada com duas voltas de chave, antes de desaparecer. “Você tem razão”, ela disse e fechou os olhos.

“Certo”, Tedros inalou, também fechando os olhos. “Um... dois... três!”

Agatha cerrou os olhos e Tedros fez o mesmo, e os dois apontaram os dedos indicadores um para o outro. Eles exalaram ao mesmo tempo e abriram os olhos.

Nenhum dos dois estava com a ponta do dedo reluzindo.



Tedros olhou atentamente para os dedos de Agatha.

“Você rói demais as unhas”.

“Ah, pelo amor de Deus. Não podemos entrar na Floresta a menos que nossa magia volte”, ela disparou, enfiando a mão no bolso. “A magia segue a emoção. Foi isso que aprendemos na escola. Você mesmo disse! Se nós dois fizermos o pedido ao mesmo tempo, os portões devem abrir...”

“A não ser que um de nós não tenha certeza”, disse Tedros.

“Então, sugiro que você se decida”, Agatha bufou, levantando-se. “Vamos tentar de manhã. Minha mãe nunca chega tão tarde assim. Ela estará aqui a qualquer momento...”

“Agatha.”

Ela viu Tedros dando aquele sorriso torto... o sorriso que dizia saber exatamente o que ela estava pensando, mesmo que ela estivesse fazendo todo o possível para esconder dele.

“Você é mais esperto do que parece”, ela lamentou, sentando outra vez.

“E você é famosa por não julgar o livro pela capa.”

Ele sentou mais perto dela.

“Olha, se primeiro você quiser se despedir de sua mãe...”

“Isso só irá piorar as incertezas”, Agatha murmurou. “Como se diz para sua mãe que você a está deixando para sempre?”

“Eu não saberia. Minha mãe me deixou sem se despedir de mim”, respondeu Tedros.

Agatha olhou pra ele, subitamente sentindo-se uma tola. Tedros se aproximou mais.

“O que foi, meu amor?”, perguntou ele. “O que você realmente teme?”

Agatha sentiu o pânico aumentar, algo que ela não conseguia conter.

“E se o problema for eu?”, ela disse de repente. “Toda vez que tento ser feliz, dá errado. Primeiro, com a Sophie, depois com você, e eu só consigo pensar que não somos nós que estamos com problema... sou *eu*. A garota que estraga a história de todo mundo. A garota que foi feita para ficar sozinha. Por isso que eu tenho medo de deixar minha mãe. Porque, e se não for para eu ficar com você, Tedros? E se for para eu ficar aqui, assim como ela, sem encontrar o amor?”

Tedros gelou, surpreso.

Agatha sentiu o ar voltando devagar aos pulmões, como se uma rocha

tivesse sido tirada de seu peito.

O príncipe tracejava os tijolinhos do chão com o dedo.

“Nós só vemos os livros de histórias terminados, Agatha. Como sabemos se o Felizes Para Sempre não requer algumas tentativas? Pense nisso. Cada vez que você deixou a Floresta, você tentou voltar para sua vida antiga. Mas dessa vez é diferente, não é? Quando chegarmos ao nosso verdadeiro final, você terá uma nova vida comigo. Nós temos o meu reino para proteger até ficarmos velhos e chegar a hora de passá-lo adiante. Assim como meu pai fez, e o pai dele, e os que vieram antes.”

Olhando pra ele, Agatha percebeu o quanto vinha sendo egoísta e mesquinha em manter seu príncipe ali.

“Eu prometo”, disse ele, apertando a mão dela. “Dessa vez, nós *seremos* felizes.”

“Certo, digamos que a gente consiga voltar à Escola do Bem e do Mal”, disse Agatha. “Qual é o nosso plano?”

“Endireitar as coisas, é claro”, Tedros bufou. “Resgatar Sophie, matar o Diretor da Escola, pegar a Excalibur de volta, libertar os outros alunos, e você e eu vamos para Camelot a tempo do meu aniversário de 16 anos e minha coroação como rei. Fim”, ele fez uma pausa. “O Fim de verdade”.

Agatha fez um som que era algo entre uma tosse e um espirro.

“Tudo bem, se você for criar dificuldades, a Sophie também pode vir junto”, ele suspirou.

“Tedros, meu amor”, Agatha disse, cortando. “Você acha que podemos simplesmente entrar bailando pelos portões da escola e matar o Diretor, como se estivéssemos comprando bombons na padaria?”

“Acho que, nesse momento, comprar qualquer coisa na padaria seria um obstáculo bem maior”, disse Tedros, olhando para a porta com três trancas.

Agatha o soltou e se preparou para uma briga.

“Primeiro, o Diretor da Escola é um feiticeiro poderoso, que vimos pela última vez voltando da morte, jovem outra vez, e que atingiu você com uma espada. Segundo, até onde sabemos ele matou os Sempre e todos do seu lado. E, terceiro, você não acha que ele terá guardas e armadilhas e...”

“Merlin tem um dizer: *Preocupar-se não resolve problemas, só dá gases*”, Tedros bocejou.

“Retiro o que eu disse sobre você parecer mais esperto do que é”, Agatha gemeu. O gato se remexeu e saiu mancando de seus braços, mas só depois de

cuspir no colo de Tedros. O príncipe lhe deu uma bofetada com as costas da mão e Reaper fugiu, lançando um olhar horrendo para Agatha, por conta da escolha de seu par.

“Ele me amava”, Agatha justificou, observando o gato mordiscando a cabeça de um canário morto.

“Agatha, olhe para mim.”

“Tedros, você nem tem sua espada, muito menos um plano. Nós vamos morrer.”

“Agatha, por favor, olhe para mim.” Ela olhou, de braços cruzados.

“Você não pode planejar sua história mais do que pode planejar por quem irá se apaixonar. Esse é o sentido da história”, disse Tedros. “Mesmo que pudesse, qual é a emoção de vivenciar tudo, se você já sabe o que vai acontecer? Tudo que sabemos é que o Bem sempre vence, certo? Portanto, se o Bem ainda não derrotou o Mal, nossa história *não pode* ter terminado. Assim que fizermos nosso pedido, estaremos de volta onde devemos estar, em busca de nosso final feliz. Confie em nossa história, Agatha. Nós saberemos o que fazer quando chegar a hora.”

“E quanto à Sophie?”, Agatha perguntou. “E se ela não nos perdoar?”

Tedros pensou por um instante.

“Tudo que Sophie fez, ela fez para ficar mais próxima de você ou de mim. Todos nós cometemos erros, isso é certo. Mas, pelo Bem ou pelo Mal, Menino ou Menina, nós três estamos nessa história juntos.” Ele olhou nos olhos dela. “Então, como a Sophie pode ficar feliz sem que a gente esteja?”

Agatha ficou em silêncio, ciente da sala escura que a prendia com seu príncipe mas que, mesmo assim, os mantinha separados.

Muito tempo antes de ter conhecido a melhor amiga, ela tinha lido em segredo os livros do Sr. Deauville, comprando-os logo depois que a loja abria, quando ainda não havia ninguém lá dentro, e pagando com moedas que sua mãe lhe dera para doces. Ela havia bebido mais daquelas lições dos livros de histórias do que qualquer chocolate quente; a mesma lição que dizia e repetia: você não precisa de cem amores verdadeiros para ter um final feliz para sempre... você só precisa de um. Não importava se uma cidade inteira a chamasse de aberração, de bruxa ou de vampira. Se ela pudesse encontrar apenas uma pessoa que a amasse — uma mísera alma — então, ela teria tudo que uma princesa tem, menos o vestido cor-de-rosa horrendo, o odioso cabelo louro e o olhar sonhador.

Desde o momento em que ela conhecera Sophie, ela *foi* essa alma: a amiga que fez com que ela se sentisse normal, que a fazia sentir-se necessária, que claramente se importava com ela, apesar de todos os seus esforços para disfarçar. Naquela época, Agatha fazia qualquer coisa para garantir que elas ficassem juntas para sempre em vez de deixar que sua melhor amiga fosse roubada por um menino... até que, de alguma maneira, a própria Agatha se apaixonou por um menino. E aí a história virou de pernas para o ar; dessa vez, com Sophie fazendo tudo que podia para manter separados o menino e a melhor amiga. Era um triângulo amoroso pernicioso, com Sophie no papel de ponta a ser eliminada, até que Agatha e Tedros finalmente se livraram dela, transformando aquele triângulo em linha direta entre os dois — príncipe e princesa, finalmente unidos como nos livros de histórias escondidos embaixo de sua cama. Mas agora, enquanto Agatha estava ali sentada na escuridão, sentindo-se cada vez mais como a garota do cemitério dos velhos tempos, ela se perguntava se o motivo para sentir tanta falta da melhor amiga era o mais simples de todos. E se Sophie não fosse a força que a mantinha longe de Tedros? E se Sophie fosse a força que os mantinha juntos?

Sem Sophie, ela jamais teria aberto seu coração. Sem Sophie, ela jamais teria aprendido a amar. Sem Sophie, jamais existiria Tedros e Agatha.

"Princesa, o que foi?"

Agatha ergueu lentamente o rosto para seu príncipe e seus olhos ganharam vida.

"Vamos encontrar nossa melhor amiga."

Tedros piscou algumas vezes, perplexo. Seu rosto ficou rosado e ele engoliu em seco as palavras tragadas pela emoção. Pôs a mão atrás das costas.

"Então, você quer reabrir nossa história?"

Agatha sorriu e escondeu a mão.

"Quero reabrir nossa história."

Tedros fechou os olhos. "Um..."

"Dois...", disse Agatha, fechando os dela.

Eles respiraram juntos e estenderam os dedos. "*Três...*"

A porta escancarou-se com violência, revelando o ruído de botas. Agatha pulou de pé. Era um Guarda dos Anciões que estava na soleira, e o contorno da capa preta e a máscara de ferro se fundiam à noite. Tedros segurou Agatha

e puxou-a para a parede da cozinha. Ele atracou uma faca de carne na pia e empunhou para o guarda, bloqueando o corpo da princesa com o dele.

“Aproxime-se mais e eu cortarei seu pescoço!”, Tedros vociferou.

O guarda bateu a porta fechando-a e chiou baixinho, para eles.

“*Escondam-se!* Os dois!”

Agatha estreitou o olhar para o par de olhos castanhos reluzindo através da máscara de guarda. “*Mãe?”*

“Escondam-se *agora!*”, Callis deu um gritinho, apoiando o corpo na porta.

Agatha não conseguia se mexer, tentando processar o que estava acontecendo, boquiaberta diante da mãe vestida com o mesmo uniforme dos guardas da cidade que ordenaram que ela fosse executada.

“Eu n-não enten...”

Então, Agatha ouviu que eles estavam vindo... passos... vozes... Ela derrubou Tedros no chão. Surpreso, o príncipe deixou a faca cair, e tentou segurá-la enquanto Agatha o puxava pela fivela do cinto, para debaixo da cama. Tedros esticou-se e pegou a faca...

A porta foi escancarada e Agatha se virou, vendo Callis sendo lançada por trás, empurrada contra a parede por dois guardas.

“Não!”, Agatha arfou, saltando para fora, mas Tedros puxou-a para debaixo da cama, ao mesmo tempo em que manuseava a faca. Ele acabou furando a mão para segurá-la, mas o quadril de Agatha trombou na faca, afastando-a. Horrorizados, os dois olharam a lâmina deslizar pelo chão e parar ao lado de uma bota de couro enlameada. Lentamente, os olhos dos dois se ergueram.

Um guarda alto entrou na casa, mostrando os dentes através da máscara. De seu bolso, ele tirou um punhado de ovos e os revirou na mão grande, como se fossem bolas de gude.

“Da primeira vez que a vi roubando, achei que talvez não pudesse pagar. Da segunda, achei que talvez estivesse faminta. Mas, da terceira...”, ele deixou os ovos caírem e arrebentarem junto aos pés de Callis, “fiquei me perguntando para *quem* ela os estaria roubando.”

Ele girou e chutou a lateral da cama, revelando Tedros desarmado e de mãos erguidas. Os olhos azuis brutais do guarda se fixaram no príncipe.

“Você e eu podemos duelar como homens”, Tedros ameaçou. “Mas deixe minha princesa em *paz*.”

O guarda o encarava estranhamente... depois ergueu o olhar. Suas pupilas ficaram paralisadas, refletindo Agatha atrás de Tedros, prostrada no chão. Num piscar de olhos, ele jogou Tedros de lado, derrubando o príncipe nas tábuas corridas do chão. Mas os olhos do guarda continuaram fixos em Agatha.

Ela tremia, enquanto as botas dele se aproximaram esmigalhando os ovos quebrados, passo a passo, até que ele colocou a ponta fina e imunda da bota junto ao pescoço dela. Ele tirou a máscara.

"Grandes promessas", Stefan rosnou.

A gaiola era destinada a um prisioneiro, não três, portanto, Agatha teve de ficar em pé junto a mãe, com Reaper encolhido nos braços de Callis, enquanto Tedros permanecia agachado e aturdido, com a mão sobre o olho roxo. Lá na casa, Agatha lhe disse para não resistir, mas Tedros garantiu que o futuro rei de Camelot poderia derrubar seis guardas armados de mãos vazias.

Ele estava errado.

Agatha segurava as grades enferrujadas tentando manter o equilíbrio enquanto o cavalo arrastava a gaiola pelo cemitério escuro, com Stefan nas rédeas. Dava para ver uma aglomeração se formando na frente da pira acesa, observando os guardas marchando colina abaixo, à frente dos prisioneiros.

"Essa foi sua punição por me deixar fugir, não foi? Os Anciões a transformaram em guarda", disse Agatha, virando-se para a mãe. "Por isso eles nunca vasculharam a casa. Porque você estava com eles, protegendo a cidade de sua própria filha."

Callis empalideceu ao ver a pira ao longe, duas tochas vorazes pendendo do palanque.

"Quando as pessoas culparam você e Sophie pelos ataques, os Anciões designaram Stefan e eu como líderes da nova patrulha, responsáveis por capturar vocês dois, caso se atrevessem a voltar. Foi um teste à nossa lealdade, é claro. Ou víamos nossas filhas como traidoras e jurávamos fazê-las serem queimadas, ou nós mesmos seríamos queimados como traidores", ela olhou para Agatha. "A diferença entre Stefan e eu é que ele levou o juramento a sério."

"Como o Stefan pôde trair a própria filha? Foram os Anciões que entregaram Sophie aos agressores. *Eles* que são do Mal! Por que ele os

obedeceria...”

Mas à medida que a gaiola rangia ao ingressar na praça iluminada pela lua, Agatha viu a resposta para sua pergunta. A viúva Honora e seus dois filhos pequenos, Jacob e Adam, reunidos, ao fundo da multidão crescente, observando Stefan trazendo os prisioneiros. Agatha sabia o quanto os meninos eram importantes para o pai de Sophie, que parecia amá-los muito mais do que a própria filha. Mas não foi nos meninos em que Agatha fixou o olhar. Foi na aliança de ouro reluzindo no dedo da mão esquerda de Honora.

“Ele teve de obedecê-los”, Callis disse, baixinho. “Porque os Anciões fizeram Stefan escolher entre sua nova família e sua família antiga.”

Agatha olhou pra ela, estarrecida.

“Deixe comigo”, uma voz rugiu sob elas. Tedros se levantou entre Agatha e a mãe, lançando ambas contra as grades. “Eles despertaram a fera”, ele disse, enfurecido, esforçando-se para piscar o olho inchado. “Ninguém vai encostar a mão em nós.”

A porta da gaiola foi escancarada atrás dele, e dois guardas amordaçaram Tedros com um pano imundo e o arrastaram para fora segurando por debaixo de seus braços, antes de também arrastarem Callis. Antes mesmo que Agatha pudesse reagir, Stefan pulou para dentro da gaiola e a retirou.

“Stefan, me ouça... a Sophie precisa de nossa ajuda...”, Agatha pedia, enquanto ele a puxava por entre a multidão que a agredia com gritos de “bruxa” e “traidora”, lançando punhados de comida podre. “Eu sei que você tem uma nova família, mas você não pode desistir dela...”

“Desistir? Você acha que eu *desisti?* Da minha própria *filha?”*, ele disse, lívido, puxando-a escada acima até a pira atrás de Tedros, que chutava os guardas com gritos abafados. “Você me prometeu, Agatha. Você *prometeu* que a salvaria. E em vez disso, você a deixou lá para morrer. Agora você verá como é a sensação.”

“Stefan, nós ainda podemos salvá-la!”, Agatha vociferou. “O Tedros e eu!”

“Sempre achei que um dia, minha filha abandonaria você por um menino”, disse Stefan. “No fim das contas, a história estava totalmente *errada*.”

Ele amarrou-a à pira com uma corda comprida em volta de sua barriga, enquanto dois guardas empurravam Tedros até seu lado. Agatha sentia o calor das tochas ardentes acima dela.

“Stefan, você tem que acreditar em mim! Nós somos a única esperança da Sophie...”

Ele amordaçou-a com um pano preto, mas bem na hora em que ele ia apertar, ela conseguiu dar o último suspiro...

“O Diretor da Escola está com ela!”

As mãos de Stefan pararam e seus olhos azuis cruzaram com os dela, arregalados. Então, o silêncio recaiu sobre a multidão e Agatha soube que chegara a sua hora. Os Anciões haviam chegado.

4

Morte numa execução

“Receio que só tenhamos espaço para dois na pira”, disse o Ancião de capa cinzenta e a barba mais comprida, sorrindo para Agatha e Tedros ao andar de um lado para o outro no palanque. Ele olhou com maldade para Callis diante da multidão, com as mãos amarradas e em pé no meio dos dois Anciões mais novos, ambos de capas cinzentas e cartolas pretas. “Deixemos que a mãe assista, antes de chegar sua vez”, ele refletiu, enquanto os dois Anciões arrastavam Callis para dentro da turba.

Agatha avistou a sombra de Reaper disparando para longe de sua mãe, na direção de Graves Hill, com um pedaço do que parecia um pergaminho preso nos dentes. Presa na pira, ela recostava impotente junto às cordas, suando pelo calor das tochas acima dela. Se sua mãe tivesse entrado na casa um segundo depois, ela e Tedros teriam recuperado a magia, e, a essa altura, estariam longe, Floresta adentro, e sua mãe já não estaria em perigo. Contendo as lágrimas, Agatha procurou por ela, mas a escuridão encobria a multidão como um mar de sombras. Eles a chamavam de bruxa desde o dia em que nascera, destinada a ser queimada num poste, e agora tinham feito com que a história se tornasse realidade. Na primeira fileira, algumas crianças de rostos rosados olhavam Tedros, boquiabertas, agarradas aos livros de histórias que traziam junto ao peito, como se fossem talismãs contra o menino daquelas páginas.

“Mas claro que não somos selvagens”, disse o Ancião, virando-se para os prisioneiros. “A justiça só é feita quando há um crime.”

A multidão fervilhava impacientemente, ávida para ver o show e ir para a cama.

“Conheçamos nosso convidado da Floresta”, o Ancião proclamou. Seus olhos brilhantes desviaram-se para Tedros. “Qual é o seu nome, menino?”

Um guarda arrancou a mordaça de Tedros.

“Se tocar nela, vou matá-lo”, o príncipe disparou.

“Ora essa”, o Ancião ergueu as sobrancelhas, desviando o olhar de Tedros para Agatha, “durante duzentos anos, os que vêm da Floresta têm sequestrado nossos pequenos, destruído nossas famílias, atacado nossos lares. Durante duzentos anos, os habitantes da Floresta não trouxeram nada além de terror, dor e sofrimento às nossas crianças. E aqui está você, o primeiro a ficar diante de nós, alegando proteger uma delas. É uma reviravolta improvável...”, ele estudou o modo como Tedros olhava para Agatha e abrandou o tom de voz. “Mas, se for verdade, talvez a clemência esteja nas cartas, no fim das contas. Somente o mais duro dos corações pode resistir ao amor jovem.”



A multidão rugiu, como se tivesse transformado os próprios corações em pedra, querendo vingança por todas as maldições da Floresta. No entanto, ao analisar a feição do Ancião, Agatha viu que agora sua expressão era quase amistosa.

“Você vai nos deixar viver?”, Tedros insistiu.

O coração de Agatha estava disparado, rezando para que seu príncipe tivesse acabado de salvá-los. O Ancião tocou o peito de Tedros com a mão enrugada. Tedros se encolheu, o machucado ainda sensível.

“Você é jovem e belo, tem a vida inteira pela frente”, disse o Ancião, com a voz suave. “Conte-nos o que você sabe sobre aqueles que nos atacaram e eu prometo que não irei machucá-lo.”

Agatha sentiu um aperto na barriga. Aquele tom. Ela já ouvira. Foi o mesmo jeito como ele dissera à Sophie que ela seria protegida dos assassinos... Antes de deixá-la para morrer.

Agatha pressionou o punho fechado nas costelas de Tedros. Ele não podia entrar nesse jogo...

“Tedros”, o príncipe disse ao Ancião. “Tedros é meu nome.”

Agatha ouriçou-se e o atingiu com mais força.

“E como é que você conhece nossa amada Agatha, Tedros?”, incitou o Ancião, aproximando-se ainda mais.

“Ela é minha princesa”, declarou Tedros, delicadamente, segurando o punho fechado de Agatha. “Em breve será a Rainha de Camelot e entrará para a família do Rei Arthur, portanto eu sugiro que nos solte de uma vez.”

A multidão aquietou-se incrédula, as crianças agarradas aos seus livros com mais força (Radley, com seus cabelos ruivos, olhava para Agatha apatetado, “As opções na Floresta deviam ser um tanto limitadas”, disse ele).

“Um príncipe de verdade!”, o Ancião deu um passo atrás. Pela primeira vez, ele pareceu hesitante em relação a Tedros, como se forçado a reconhecer a existência de um mundo maior que o seu. “E a que devemos essa honra?”

Agatha se retorcia em suas amarras, tentando fazer com que Tedros olhasse pra ela.

“Eu vou levá-la para o meu castelo, na Floresta”, Tedros falou, de olhos fixos no Ancião. “Nós não representamos qualquer ameaça a vocês.”

“E, no entanto, fomos atacados há apenas alguns meses por assassinos da Floresta”, devolveu o Ancião, com a massa clamando atrás dele. “Ataques dos quais ainda estamos nos recuperando.”

“Bem, os ataques terminaram”, respondeu Tedros. “Sua cidade está segura.”

Agatha cravou o calcanhar no pé dele. Tedros rechaçou.

“Ah, é mesmo? Seus poderes principescos vêm com previsões?”, o Ancião riu com escárnio e a plateia ecoou seu riso. “Como saberia algo em relação ao destino de nossa cidade, quanto mais de ataques?”

Agatha gritou com a mordaça, tentando detê-lo...

“Porque eu os ordenei”, Tedros disparou.

A multidão caiu em silêncio. Agatha murchou em suas cordas. O Ancião encarou Tedros... então, abriu um sorriso lento e suas bochechas foram ficando coradas.

“Ora, ora. Nós sabemos tudo que precisamos saber sobre nosso caro convidado, não é?”, ele deu um sorriso de lobo para o príncipe e saiu do palanque, passando por Stefan com olhar fulminante. “Primeiro a bruxa.”

Os rugidos irromperam da turba, mais perto da pira. Tedros girou para Agatha e viu seu rosto.

“Mas ele nos prometeu!”, ele gritou.

O Ancião olhou para trás ao descer os degraus.

“Toda história traz uma lição, não é, jovem príncipe? Talvez, a sua seja que está velho demais para acreditar em contos de fadas.”

Agatha sentiu Tedros começar a suar, enquanto os guardas recolocavam sua mordaça. Frenético, o príncipe se debatia na corda, tentando libertar sua princesa, mas seus movimentos só deixavam a corda ainda mais apertada. Esforçando-se para respirar, Agatha buscava pela mãe, mas não conseguia encontrá-la. Ela girou de volta para Stefan, sabendo que estava prestes a morrer...

Mas, em seu lado do palanque, com o olhar fixo nela, Stefan não se movera.

“Algum problema, Stefan?”, inquiriu o Ancião, agora à frente da massa.

Stefan continuava olhando Agatha.

“Ou nós devemos substituir nossos prisioneiros por sua nova família?”, disse o Ancião.

Stefan virou de repente. Os guardas seguravam Honora, Jacob e Adam, em meio à aglomeração. O homem mordeu o lado interno da bochecha. Então, sua expressão ficou sinistra. Ele seguiu em direção à Agatha, já sem conseguir olhar para ela. Com o corpo próximo ao dela, estendeu a mão e pegou a tocha acesa. Agatha retraiu-se do calor da chama quando ele a desceu, cegando-a com a fumaça. Ela ouvia os gritos abafados de Tedros, os ecos da gritaria da horda, mas eles foram afogados pela tocha voraz, chiando como uma serpente endemoniada. Com os olhos lacrimejando, ela viu o lampejo do peito arfante de Stefan, sua pegada trêmula na tocha, as manchas vermelhas em seu rosto...

“Por favor...”, Agatha resfolegava, amordaçada.

Stefan ainda não conseguia olhar para ela, e a chama da tocha serpenteava tanto que as brasas salpicaram o vestido de Agatha, abrindo buraquinhos queimados.

“Stefan...”, o Ancião alertava, com uma voz ameaçadora.

Stefan assentiu, as lágrimas se misturando ao suor. A multidão caiu em silêncio mortal vendo quando ele se curvou na direção da estaca. Ele ergueu a tocha até os gravetos acima da cabeça de Agatha, com as chamas prestes a lamberem a madeira...

“*Leve-me!*”, a voz angustiada de Callis irrompeu no silêncio. “Por favor,

Stefan! Deixe-me morrer com ela!”

Stefan gelou, a chama estava tão perto de Agatha que chamuscou a mordaça em sua boca. Com o coração parado, Agatha o observou analisando o momento, o rosto paralisado como uma máscara... Então, ele recuou e se virou para o Ancião.

“É o último pedido de uma mãe”, disse Stefan, dando uma fungada. “Jogue-a com sua filha traidora e veja a carne das duas derretendo. Elas merecem se contorcerem juntas, não?”

Até os espectadores mais sedentos de sangue ficaram desconcertados, submetidos ao Ancião. As pupilas do Ancião percorreram Stefan, antes de seus lábios se apertarem.

“Então, que seja rápido.”

“*Não!*”, Agatha gritou, arrebentando sua mordaça.

Os guardas agarraram Callis na multidão e a levaram até o palanque, empurrando-a até o lado de Agatha e amarrando sua cintura à pira. Impotente, Tedros puxava a corda, com as veias do bíceps prestes a estourarem.

“Isso é culpa minha...”, Agatha dizia, aos prantos. “É tudo culpa minha...”

“Feche seus olhos, querida”, disse Callis, tentando não chorar. “De agora em diante será rápido.”

Agatha olhou para cima e viu que a mão de Stefan não estava mais tremendo na tocha. Com uma calma sinistra, ele se aproximou rumo a ela e à mãe, a chama dançando na direção dos gravetos de madeira entre elas. Ele finalmente cruzou com o olhar de Agatha, com uma estranha tristeza no rosto.

“Se algum dia você vir minha filha, além desse mundo, diga a ela que a amo.”

“*Agora*, Stefan”, o Ancião comandou.

Petrificada, Agatha pegou a mão de Tedros ao recostar no ombro da mãe. Ela viu Stefan olhando para Callis com os lábios trêmulos.

“Eu sin-sinto muito”, ele sussurrou.

“Um dia, você me salvou, Stefan”, Callis sorriu pesarosamente para ele. “Eu tenho uma dívida com você.”

“Eu n-não posso”, Stefan hesitou.

“Você tem de fazê-lo”, disse Callis, com dureza na voz.

“AGORA!”, o Ancião ordenou, num estrondo.

Com um grito doloroso, Stefan lançou a tocha na direção de Callis.

Agatha gritou...

Callis estendeu o dedo por baixo das cordas e lançou uma rajada de luz verde à tocha. O fogo ficou verde e ricocheteou da pira como um cometa, lançando Stefan para fora da plataforma, antes de circundar o palanque de chamas verdes, trancando os prisioneiros ali dentro.

Antes que Agatha conseguisse sequer resfolegar, sua mãe cortou suas amarras e as de Tedros, com a ponta do dedo acesa. Ela agarrou Agatha e falou, acima dos gritos dos aldeões, além da parede de fogo...

"O feitiço não vai durar, portanto ouça atentamente. Stefan sabia o que eu era, Agatha. Desde a noite em que você foi atrás de Sophie, nós tínhamos um plano para salvar vocês dos Anciões, se algum dia vocês voltassem. Stefan faria qualquer coisa para manter a filha em segurança. Mas quando você voltou sem Sophie, Stefan não tinha motivo para manter o plano e colocar sua nova família em perigo... a menos que ele acredite que a filha ainda precisa de você. Você precisa pagar minha antiga dívida com ele, Agatha. Você precisa salvar Sophie, como Stefan salvou você. Está me ouvindo? *Não falhe*. Agora, corra até Graves Hill, o mais depressa que puder.

"Você é uma br-bruxa...", Agatha gaguejou, tentando respirar. "Você sempre foi uma bruxa..."

"O túmulo entre os dois cisnes. Lá haverá ajuda à sua espera", a mãe acrescentou. "Você precisa encontrar o túmulo, antes que seja tarde demais."

Confuso, Tedros virou-se para Agatha, esperando que ela soubesse do que a mãe estava falando. Mas Agatha estava paralisada, olhando adiante. Tedros girou de volta para Callis.

"Quem estará esperando por nó..."

Só agora que Tedros via para onde sua princesa estava olhando... o círculo de fogo ao redor do palco estava apagando, o feitiço de Callis estava prestes a acabar. Sob a luz esverdeada do fogo, Agatha teve um vislumbre de Stefan, estarrecido, no chão, mas sem ferimentos, antes que uma horda pulasse por cima dele, disparando diretamente para eles. Callis segurou o rosto de Agatha com as duas mãos:

"Não olhe pra trás, Agatha", ela beijou fervorosamente a testa da filha. "Faça o que fizer, prometa-me que não vai olhar para trás."

Com um grito assustado, Agatha agarrou a mão da mãe, mas seu príncipe já a arrastava até a beirada do palco, na direção contrária aos guardas que vinham correndo. Tedros enlaçou Agatha com o braço e pulou com ela da

plataforma, num salto pelo ar. Girando, Agatha puxou a mãe com eles, segurando a mão dela com toda sua força...

Callis sorriu para Agatha sob a luz do fogo que enfraquecia e soltou a filha. Agatha caiu na terra torcendo o tornozelo, antes que Tedros a erguesse na escuridão e a levasse até os portões da cidade.

“Não... eu não posso deixá-la...”, ela dizia com a voz rouca, resistindo a ele.

“‘Não olhe para trás’, foi o que ela disse”, Tedros relutava, puxando-a. “Confie em sua mãe, Agatha. Ela é uma bruxa. Uma bruxa poderosa. Agora, nós é que precisamos nos salvar.”

Ao ouvir os gritos dos guardas, Agatha deixou que Tedros a levasse adiante. Ela fixou os olhos à frente, nos portões de Graves Hill, cambaleando ao lado do príncipe. *Não olhe para trás*, ela implorava a si mesma, com Tedros ao lado, segurando-a com força. *Não olhe para trás*...

Agatha olhou pra trás e viu três guardas juntos, na parede de fogo que baixava, seguindo em direção a Callis, com as lanças prestes a espetá-la. Sua mãe manteve-se firme.

“O que ela está fazendo?”, Agatha disse, sufocando, paralisada de pavor.

“Agatha, *não faça isso!*”, Tedros gritou...

Agatha soltou-se dele e começou a correr de volta.

“O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO...”

“Matem-na!”, a voz do Ancião ecoou ao longe.

Callis ergueu os braços, dando boas-vindas aos guardas.

Eles avançaram e a mãe de Agatha caiu.

“NÃO!”, Agatha gritou, a voz rasgando a garganta. Ela caiu de joelhos, aos pés de Graves Hill. Seus olhos embaçaram. Seu coração desfaleceu. Ela só via um borrão das sombras enxameando a mãe quando as pequenas chamas foram extintas. Um exército de escuridão sufocando as últimas cinzas de luz.

“Ela deixou que eles...”, Agatha sussurrou. “Ela deixou que eles a matassem.”

Aos poucos, Agatha sentiu a terra molhada em seus joelhos, a dormência foi sumindo e dando lugar a uma dor pungente — a ideia profundamente dolorosa de não ter mais ninguém da família... de que sua mãe a desertara... que sua mãe não lhe deixara nada para regressar para casa. Ela se encolheu, chorando furiosamente. Homens não eram páreo para uma bruxa. Ela poderia

ter feito outro feitiço! Ela poderia ter estraçalhado todos eles! Agatha chorou e chorou, até que ouviu um eco estranho por entre o choro soluçante... o som sussurrado de seu nome...

Ela ergueu o rosto para o menino de olho inchado em pé à sua frente; lindo e marcado; e, por um instante, não viu nada além de um estranho. Só quando notou suas pernas hesitantes, foi que Agatha soube que seu príncipe estava tentando lhe dizer algo. Tedros lentamente apontou um dedo trêmulo acima da cabeça dela. Agatha virou.

Seis guardas correram na direção deles, vindo da praça, armados com tochas e lanças.

"Temos que correr, Agatha", Tedros disse, rouco. "Precisamos correr agora mesmo."

Agatha não se mexeu, ainda nauseada.

"Como ela pôde deixar que eles..."

"Para salvá-la, Agatha", o príncipe disse, suplicante, vendo os guardas se aproximando. "E tudo que ela fez, tudo que a sua mãe e o pai da Sophie fizeram para nos manter vivos será em vão, se nós não formos, *agora*."

Agatha olhou as lágrimas nos olhos dele e subitamente entendeu. Sua mãe não queria que a filha ficasse com ela. Sua mãe não queria que ela voltasse para Gavaldon. Ela queria que Agatha salvasse a melhor amiga... que encontrasse a felicidade com seu príncipe... que abandonasse esse mundo por um mundo melhor, muito, muito longe... Porque seu final feliz não era ali. Nunca foi ali.

Sua mãe morrera para libertá-la. *Não falhe*.

Ela tinha que correr.

Agatha ergueu os olhos e viu os guardas disparados na direção deles, empunhando lanças sob a luz das tochas. A fúria irrompeu em seu sangue e incendiou seus músculos, sem que nada mais a detivesse. Ela colocou-se de pé num salto e saiu em disparada, pela colina Graves Hill.

"Vamos! Nós vamos despistá-los nas sepulturas!"

Juntos, entraram como flechas pelos portões do cemitério, adentrando a vasta escuridão dos túmulos. Mesmo no breu total, Agatha conhecia cada passo, correndo por entre as lápides como um esquilo selvagem, enquanto Tedros trombava nelas, xingando tão barbaramente que até as minhocas fugiam.

Cuspindo fogo, sua princesa o conduziu até o meio do cemitério. Os

Anciões haviam tirado sua família dela. Eles não tirariam seu príncipe também.

“O túmulo entre os cisnes”, Tedros gritou atrás dela. “Ela disse que haveria ajuda esperando lá...”

“Cisnes?” Agatha disse. “Não há cisnes em Gavaldon!”

Tedros olhou para baixo, ao pé da colina, e viu os guardas subindo, carregando as tochas.

“Trinta segundos, Agatha! Nós temos trinta segundos!”

“Eu nem sei o que estou procurando!”, Agatha vasculhava pedras e placas e obeliscos, à procura de um cisne.

“Vinte segundos!”, ecoou a voz de Tedros.

Ela não conseguia mais ver seu príncipe. Agatha vasculhava de forma desesperada, tentando equilibrar a mente. Os únicos pássaros que ela já vira em Gavaldon eram patos cor de neblina e fumaça, e pombos obesos. Ela nunca tinha visto um cisne de verdade, muito menos um em Graves Hill...

O coração de Agatha batia ainda mais veloz. Mas ela já tinha visto cisnes, não? Os cisnes eram o símbolo da Escola do Bem e do Mal: um preto e um branco... representando dois Diretores de Escola, em harmonia... um irmão do Bem, um irmão do Mal...

Se Callis era uma bruxa, ela conheceria os cisnes do Bem e do Mal. Por isso ela sabia tanto sobre a escola, pensou Agatha. Sua mãe deve tê-la visto...

“Dez segundos!”, Tedros gritou...

Agatha fechou os olhos e tentou focar, as têmporas latejando.

Cisnes... escola... Stefan... Você me salvou, Callis tinha sussurrado para ele.

“O que ela quis dizer? Se Callis e Stefan tiveram uma história, talvez os cisnes envolvam algo que ligava sua mãe e o pai de Sophie... algo que ambos tinham em comum... ou *alguém*...”

O coração de Agatha parou. Seus olhos se abriram num estalo. Ela já estava correndo.

“O que foi?” Tedros gritou, vendo a sombra da princesa disparar, adentrando ainda mais o cemitério em direção à casa, em Graves Hill.

“Aqui! É aqui!”

Tedros saiu correndo atrás dela, estreitando os olhos para enxergar sua silhueta que sumia no escuro. Ele olhou para trás e viu um exército de

sombras irrompendo pelos portões do cemitério, lanças reluzentes em punho. Tedros mergulhou no chão, atrás de uma lápide. Ele deu uma espiada e viu os guardas e suas tochas se espalhando pelas fileiras de sepulturas. Tedros abaixou-se.

“Isso é pior que a Floresta”, ele disse, rastejando por entre as lápides para seguir Agatha. “Muuuito pior...”

Então, ele a viu agachada na última fileira de lápides, a apenas uma pequena distância de sua casa. Tedros chegou derrapando na terra, ao lado dela.

“Eles estão vindo, Agatha!”

“A mãe de Sophie. Isso que ligava os dois”, Agatha disse, segurando e arrancando uma lápide do chão, com as palavras *“Esposa e Mãe Amorosa”* gravadas nela. Duas pequenas sepulturas ladeavam a maior, como asas, uma mais clara e outra mais escura, cobertas de terra grudada. “Antes de Sophie, ela não conseguia ter filhos. Dois meninos nasceram mortos.”

Ela passou a mão no túmulo mais claro, tirando a sujeira. Os olhos de Tedros se arregalaram quando os dedos de Agatha limparam a lápide, revelando um pequeno cisne preto gravado na cova sem identificação. Tedros arrancou o musgo da sepultura mais escura, revelando um cisne branco na pedra. Ele e Agatha se viraram para o túmulo maior, no meio dos dois cisnes.

“Quando não podia ter filhos, a mãe de Sophie foi ver a minha, como paciente. Isso que a Sophie me contou”, disse Agatha. “De alguma forma, tudo está ligado. A mãe de Sophie... minha mãe ser uma bruxa... o débito que ela tinha com Stefan... não sei como tudo isso está ligado, mas tem que estar...”

A luz das tochas passou acima dos dois. Agatha e Tedros grudaram no chão e se viraram para ver os guardas a cinco fileiras de distância.

“Nós encontramos os cisnes... encontramos a sepultura...”, Tedros disse, em pânico e boquiaberto diante da lápide maior. “Onde está a *ajuda?”*

“Não podemos lutar contra os guardas sem magia, Tedros!”, Agatha sacudiu a cabeça. “Temos que fazer nosso pedido!”

O príncipe engoliu em seco.

“Peça para reabrirmos a nossa história, na contagem de três, está bem? Mãos atrás das costas...”, ele parou.

A ponta de seu dedo direito já estava reluzindo em dourado. Agatha olhou para baixo, para o seu dedo reluzindo num tom quase idêntico.

“Você fez o pedido?” perguntou Tedros.

Agatha meneou a cabeça.

“Nem eu”, disse Tedros, confuso. “Então, como os nossos dedos podem estar reluzindo?”

A luz das tochas brilhou nos rostos deles.

“*Eles estão aqui!*”, um guarda gritou. “*Eles estão bem aqui!”*

Agatha se virou e viu as sombras encobrindo as últimas fileiras de túmulos.

“A menos que minha mãe não tenha interrompido nosso pedido, na casa. A menos que nosso pedido tenha dado certo quando o fizemos da primeira vez. A menos que nosso conto de fadas estivesse em funcionamento o tempo todo.”

Agatha olhou para seu príncipe, mortalmente pálido.

“Nós já estamos de volta em nossa história, Tedros. Estamos em nossa história desde o momento em que os guardas nos encontraram...”

Tedros ergueu os olhos para as lanças apontadas para seus corações.

“O que significa que nós morremos no fim, Agatha!”

Aterrorizados, ela e Tedros deram as mãos, cada um deles recuando das lanças, encostando em um dos cisnes...

Bem nessa hora, viram uma mão branca sair da sepultura entre eles e puxar os dois pra dentro.

5
A Princesa Regressa

Túmulos são feitos para gente morta, que não precisa enxergar, respirar ou usar o banheiro. Infelizmente, para Agatha, ela precisava fazer as três coisas. Presos na escuridão do subterrâneo, ela e Tedros inalaram um monte de terra, embaralhados nos braços e nas pernas suados um do outro. Agatha não conseguia identificar o rosto de seu príncipe, mas ouvia que ele estava sufocando de pânico.

"Você está usando todo o seu ar!", Agatha estrilou.

"Túmulos têm cor-corpos... corpos de gente morta..."

Agatha ficou pálida quando a ficha caiu e se agarrou a Tedros.

"A mãe de Sophie... *ela* que nos puxou aqui para dentro?"

"N-não dá para ver nada. Até onde sabemos, ela está bem aqui, do nosso lado."

"Magia", disse Agatha. "Use a magia!"

Tedros puxou uma golfada de ar e focou no medo, até que seu dedo piscou em dourado, como uma vela, iluminando uma cova larga e rasa do tamanho de uma cama grande. Tremendo, um em cima do outro, Tedros e Agatha lentamente viraram à direita.

Terra.

Nada de corpos. Nem ossos.

Só terra.

"Onde está ela?", perguntou Agatha, sem ar, rolando para o lado, saindo de cima de Tedros, que gemeu e esfregou o peito. Ela pegou o punho do príncipe e passou o dedo iluminado pela metade da sepultura do lado direito, avistando apenas dois besouros brigando por uma bola de terra, num canto.

Ela sacudiu a cabeça, aturdida, e girou a mão de Tedros para a esquerda...

Os dois gelaram.

Dois olhos castanhos olhavam para eles através de uma máscara ninja.

Agatha e Tedros abriram a boca para gritar, mas a silhueta tampou a boca dos dois com suas mãos magras.



“Shhhh! Eles vão ouvi-los!”, a estranha sussurrou, com uma voz baixa e ofegante.

Tedros olhava boquiaberto para a ninja que estava na cova com eles, envolvida em uma túnica de panos pretos.

“Você é... você é mãe da Sophie...”

“Ah, mas que absurdo. Agora, *shhh!*”, a ninja soltou uma risadinha.

Agatha ficou tensa. Essa risadinha. Onde teria ouvido? Ela tentou ver os olhos de Tedros, torcendo para que ele também tivesse ouvido, mas seu príncipe estava abraçando o estranho.

“Ah, graças a Deus! Há um mês que nós estávamos presos numa casa minúscula e mais fedorenta do que você pode imaginar, quase fomos queimados numa estaca e chegamos perto de sermos espetados por um exército, então você nos puxou aqui pra dentro, seja lá quem for, o que significa que você vai nos tirar daqui! Nós precisamos chegar à Escola do Bem e do Mal e salvar nossa melhor amiga. Você certamente sabe disso. Fica

no meio do caminho das Montanhas Murmurantes e...”

A ninja tampou-lhe a boca.

“Eu conheço gatos que ouvem melhor que você.”

“Você não faz ideia”, Agatha murmurou, meio zonza pela falta de ar.

Um estalo ruidoso surgiu acima da cabeça deles, como uma espada fincada na terra, e o túmulo tremeu enquanto fragmentos de terra caíam sobre seus rostos.

“Verifique todos”, alguém rugiu com aspereza, seguido por mais tremores. “Interceptamos uma mensagem da Liga dos Treze. Dizia que eles estão vindo através de um túmulo.”

Agatha sentiu um aperto no estômago. A voz não parecia de um Ancião.

“Poderiam ter sido mais específicos. Há milhares deles e eu estou faminto”, disse uma voz grossa e estúpida. “Além disso, deveríamos estar consertando as nossas histórias como os outros, não vasculhando sepulturas. De qualquer maneira, o que há de tão importante nesses dois?

“O Diretor da Escola os quer. Já é um bom motivo pra você”, retrucou a voz áspera, pontuada por outro estalido violento. “Ele logo nos dará nossa chance com a nossa história.”

Agatha e Tedros viraram um para o outro. Os homens do Diretor da Escola, em *Gavaldon?* Como eles passaram pelos guardas? O teto sacudiu com mais força, lançando uma chuva de nacos de terra.

“Acha que ele vai nos deixar comer um menino Sempre como recompensa?”, perguntou a voz do tolo.

“Talvez nos deixe comer até dois”, respondeu a voz áspera.

Uma pata de pelo preto irrompeu do teto da cova com cinco garras afiadas circulando para a direita e esquerda. Agatha e Tedros contiveram os gritos, enquanto a ninja os grudou junto à parede de terra. As garras golpeavam o ar, quase pegando a bainha da calçola de Tedros. Ele golpeou mais algumas vezes, em vão, depois encolheu as garras e fechou o punho.

“Nada por aqui”, a voz áspera rugiu. “Venha, vamos comer. Quem sabe a gente encontra um garotinho suculento em Oakwood.”

A pata recuou vazia e sumiu, seguida por pegadas ruidosas

Um silêncio aterrorizante se estendeu... Então, Tedros e Agatha enfiaram as bocas num buraco no teto e tragaram o ar. Agatha olhou para Tedros, para ter certeza de que ele estava bem, esperando que ele estivesse fazendo o mesmo por ela. Em vez disso, seu príncipe estava puxando as calçolas,

olhando para baixo. Tedros sorriu, aliviado... E aí, ele viu Agatha franzindo a testa.

“O quê?”, perguntou Tedros.

Agatha estava prestes a questionar suas prioridades, e então notou que os passos tinham parado. As vozes também. Os olhos de Agatha se arregalaram e ela mergulhou na direção de seu príncipe...

“Tedros, cuidado!”

A pata preta irrompeu pelo teto e agarrou Agatha, tirando-a de seu príncipe e arrastando-a pra fora da cova. Tedros saltou para pegá-la pela perna, mas era tarde demais. Ele olhou para cima, horrorizado, vendo a pata segurar sua princesa no céu noturno como se ela fosse um ratinho capturado.

Agatha encarava os olhos amarelos e vermelhos de um lobo alto, ossudo e marrom, de duas patas, pelos e carne faltando em seu rosto, deixando buracos sobre pedaços de seu crânio.

“Olhem, só! A princesa voltou”, o lobo rosnou asperamente, com os ossos das maçãs do rosto para fora dos buracos.

Agatha empalideceu. Ele que estaria falando do Diretor da Escola? Como poderia um lobo do Mal ter conseguido atravessar e chegar até Gavaldon? E onde estava a Guarda dos Anciões? Os olhos dela percorriam os arredores, mas tudo que ela conseguia enxergar na escuridão era um punhado de lápides tortas. Ela tentou fazer seu dedo acender, mas o lobo estava segurando sua mão com muita força.

“O Storian não está escrevendo, o mundo está morrendo, os exércitos estão surgindo; tudo por causa de *você?*”, ele disse ronronando, tracejando sua pele pálida e os cabelos negros. “Eu diria que está menos pra princesa e mais pra... gambá. Nem sei como o Bem está tomando meu tempo. Até aquela tampinha da Chapeuzinho Vermelho era um petisco mais apetitoso.”

Agatha não fazia a menor ideia do que ele estava falando, mas, depois de tudo que ela vira essa noite, a última coisa que precisava era ser insultada por sua aparência por um lobo falador com problemas de pele.

“E, no entanto, o lobo da Chapeuzinho Vermelho aprendeu sua lição, não foi?”, ela alertou, sabendo que seu príncipe devia estar por perto. “Arranjou confusão com o Bem e um caçador arrancou-lhe a barriga.”

“Arrancou-lhe a barriga?”, o lobo quis saber, espantado.

“Com as próprias mãos”, Agatha mentiu bem alto, sinalizando para Tedros.

“E esse lobo... está morto?”

“Bem morto, portanto é melhor você dar o fora, antes que o meu caçador chegue”, Agatha gritou novamente dando a dica para Tedros.

“Morto, mortinho, mesmo?”, o lobo perguntou, aflito.

“Morto, mortinho”, Agatha estrilou, estreitando os olhos para seu príncipe.

“Morto, mortinho”, murmurou o lobo, matutando sobre seu destino horrendo. “Bem, se isso é verdade...”, ele ergueu seus olhos grandes e brilhantes. “Como é que eu ainda estou aqui?”

Agatha baixou os olhos até sua outra pata, batendo numa cicatriz horrível em sua barriga. Ela perdeu totalmente a cor.

“Im-impossível.”

“Posso comer essa?”, perguntou a voz de parvo atrás dela. Agatha se virou e viu um gigante de três metros, careca, balançando Tedros para cima e para baixo pelo cadarço da bota. A carne estava se soltando no crânio coberto de pontos, enquanto ele cutucava e beliscava os músculos de Tedros. “Não vejo uma carne tão firme desde que o jovem João subiu no meu pé de feijão.”

O coração de Agatha subiu até a garganta. O lobo morto de Chapeuzinho Vermelho... o gigante morto de João e o Pé de Feijão... *vivos?* Tedros olhou para ela, pálido, de cabeça para baixo, claramente petrificado pela mesma pergunta.

“Eu já te disse. O Diretor da Escola quer os dois conscientes”, disse o lobo.

O gigante suspirou tristonho... Então, viu o lobo dando um sorrisinho.

“Mas isso não significa que não podemos tirar uns pedacinhos...”, disse o lobo, segurando Agatha com mais força.

Ela e Tedros soltaram gritos idênticos enquanto o gigante e o lobo erguiam os dois bem ao alto, e depois desceram lentamente as perninhas deles para dentro de suas bocas, como se eles fossem costelinhas de porco...

“Essa seria uma decisão muito ruim”, disse uma voz aerada.

O lobo e o gigante pararam com as presas quase na boca, desviando os olhos para a ninja no chão. O lobo puxou Agatha pra fora da boca e sorriu para o estranho mascarado, preparado para adiar seu petisco se isso pudesse resultar numa refeição maior.

“E por que seria, Ser sem Rosto?”

“Porque se vocês os soltarem, deixarei que sigam seu caminho”, disse a

ninja.

“E se não soltarmos?”, disse o gigante de forma debochada, com Tedros na boca, tremendo entre os dentes do gigante.

“Então, vocês ficarão em uma desvantagem preocupante”, disse a ninja.

“Estranho...”, respondeu o lobo, aproximando-se da desconhecida, com Agatha na mão. “Já que seu príncipe e sua princesa estão meio presos, vejo uma de você e dois de nós. Ele pairou sobre a ninja, iluminado pela lua. “O que significa que você é que está em desvantagem.”

A ninja lentamente ergueu o rosto. Ela tirou a máscara preta, revelando seus olhos amendoados, a pele morena, os cabelos negros esvoaçantes.

A Princesa Uma sorriu.

“Então, você não está olhando muito atentamente.”

Ela soltou um rangido agudo por entre os dentes, e um rugir ecoou de todos os cantos da escuridão, um estrondo sob os pés deles. Por um instante, o lobo e o gigante giraram desnorteados, enquanto o rugido vinha na direção deles, do norte e do sul, leste e oeste... Até que eles soltaram os dois prisioneiros como se fossem batatas quentes. Do chão, Agatha ergueu seu dedo aceso bem na hora do estampido dos bois pulando por cima de seu corpo, indo de encontro ao lobo e o gigante como se fossem bolas de boliche derrubando pinos. Cavalos e ursos saltaram por cima de Tedros, com suas patas e garras rumo aos monstros. Quando Agatha e Tedros finalmente conseguiram ficar de pé, com seus dedos dourados iluminando a cena, o lobo e o gigante já estavam uivando, suplicando piedade, gritando acima da onda de feras que os atacavam na escuridão. A Princesa Uma assoviou um agradecimento alegre, e seu exército animal ecoou com rugidos cantarolados. Suas sombras logo se dissiparam e o lobo e o gigante sumiram.

Agatha virou-se para a Princesa Uma, professora da Escola do Bem, de quem ela debochara, julgando ser inútil, passiva e fraca, mas que acabara de salvar sua vida e a de Tedros.

“Achei que os príncipes a tivessem matado!”, Agatha gritou. “Hester disse que a Reitora Sader a deixou morrer na Floresta. Todos nós pensamos que você estivesse morta...”

“Uma professora de Comunicação Animal incapaz de sobreviver na Floresta?”, a Princesa Uma girou o dedo e transformou sua túnica de preta para cor-de-rosa, com um emblema de cisne prateado bordado sobre o coração. “Até sua mãe tinha mais fé em mim e nós nem nos conhecemos.”

“Você... conversa com a minha mãe?”, perguntou Agatha. *Conversava*, uma voz corrigiu. Agatha relutou contra uma nova onda de náusea. Ela não conseguia se forçar a dizer isso.

“Somente através de mensagens para a Liga”, respondeu Uma.

“Liga? Que Liga?”, Tedros perguntou.

“A Liga dos Treze, é claro”, disse Uma, sem ajudar muito. “Sua última mensagem para nós deixou três coisas bem claras: que a gente protegesse a vida de vocês. Que fizéssemos com que vocês chegassem até Sophie. E que os encontrássemos bem aqui.

Tedros e Agatha seguiram o olhar da professora a na direção da cova vazia que um dia abrigara a mãe de Sophie... Só que agora a lápide estava diferente. Em vez de um retângulo alto, ela era oval e escura, com uma longa rachadura bem no meio, entalhada com grossas letras pretas.



“Vanessa era a mãe de Sophie. Acho que é o que o nome significa ‘Borboleta’”, lembrou Tedros, estudando a pedra. “Sophie me disse isso uma noite, quando ela era Filip.”

“Sophie nunca me disse o nome da mãe”, revelou Agatha, magoada.

“Talvez porque você nunca perguntou”, disse Tedros. O rosto dele mudou. “Espere um segundo. O nome dela não estava no túmulo, antes. E, olhe, não diz ‘Mãe e esposa amorosa’ como dizia antes”, ele estreitou os olhos, sob a sombra das lápides tortas ao redor deles. “Estamos no mesmo cemitério, exatamente no mesmo ponto. Não faz sentindo algum. Uma lápide não pode simplesmente mudar...”

“A menos que você não esteja no mesmo cemitério, no fim das contas”, disse a Princesa Uma, por detrás deles.

Agatha e Tedros se viraram para ver a professora lançar um raio de luz branca no céu. De todas as direções, milhares de vaga-lumes zuniram em direção ao raio, como um sinal, enxameando as cabeças do Sempre e detonando asas verdes em neon numa nuvem gigante de luz, iluminando e se estendendo pela paisagem, em todas as direções. O príncipe e a princesa

olhavam o vasto cemitério, com milhares e milhares de túmulos pelos morros acima. Por um momento, Agatha achou que Graves Hill tivesse magicamente aumentado. Mas era o que estava além do cemitério que fez Agatha sentir-se fraca — um emaranhado escuro de árvores negras que se erguiam ao alto, noite adentro, como um monstro primitivo.

Eles não estavam em Graves Hill.

Não estavam em Gavaldon.

“Estamos na Floresta”, disse Agatha, com a voz rouca.

Ela subitamente estava consciente do mar de cadáveres sob seus pés. Num instante, as imagens que ela vinha contendo irromperam impetuosamente — guardas, lanças, sua mãe caindo... Agatha dobrou-se, prestes a vomitar...

“Estou bem aqui”, a mão de Tedros tocou seu braço.

A voz dele a trouxe de volta àquele momento. Agatha engoliu o gosto amargo em sua boca e se levantou, segurando o príncipe pelos cordões de sua camisa. Ela estabilizou as pernas, tentando ver um cemitério à sua frente, apenas um cemitério e nada mais...

“Espere aí. Eu já estive aqui”, disse Tedros, olhando a paisagem.

“No primeiro ano, cada Grupo Florestal faz uma viagem para investigar as minhocas. Sem dúvida, Yuba os acompanhou”, respondeu a Princesa Uma.

“O Jardim do Bem e do Mal”, disse Tedros. “Assim que é chamado. Todos os Sempre e os Nunca cujos nomes chegam a um livro de história estão enterrados aqui.”

Sob a nuvem de pirilampos, ele olhou os milhares de caixões de um dos lados das colinas, repletos de sepulcros incrustados de pedras preciosas destinados aos pares de Sempre unidos na vida e, agora, na morte.

“Ali é o Aterro dos Sempre, onde ficam os maiores heróis”, disse ele. “Exceto meu pai, é claro”, Agatha olhou para seu príncipe, esperando que ele prosseguisse, mas ele se virou de volta para ela. “Nós só podemos ter saído do outro lado do túmulo de Vanessa. De um lado fica Gavaldon, do outro é a Floresta. É a única explicação. Mas como a sua mãe saberia que o túmulo era um portal?”

Agatha pensou nos cisnes preto e branco, nas duas sepulturas ladeando a da mãe de Sophie.

“Mesmo que de alguma forma ela soubesse, por que a sepultura da mãe de Sophie teria ligação com os dois mundos?”

“Vocês estão fazendo as perguntas erradas, alunos.”

Agatha e Tedros ergueram os olhos para a Princesa Uma, observando-a atentamente.

“Vocês deveriam perguntar por que a sepultura dela está *vazia*.”

Uma girou o dedo para o céu e a nuvem de vaga-lumes passou acima das cabeças deles, iluminando o pequeno monte onde Agatha e Tedros estavam. Uma margem de lápides rachadas e cobertas de limo reluziu sob a estranha luz verde, irradiando de colinas escuras e irregulares.

“Cume Necro”, disse Tedros. “É onde os piores vilões são enterrados.”

“A mãe de Sophie era uma *Nunca?*”, perguntou Agatha, desorientada.

“Segundo nossas descobertas, não. A Liga dos Treze não tem nenhuma prova de que Vanessa de Além da Floresta tenha frequentado a Escola do Bem e do Mal, sido mencionada num conto de fadas ou tido seu corpo enterrado aqui”, disse Uma, guardando algumas minhocas cinzentas tiradas de uma tumba. “No entanto, ela tem um túmulo dentre nossos Nunca mais famosos.”

“Você continua falando dessa Liga”, Tedros disse, irritado. “Nunca ouvi falar deles...”

“E nem deveria ter ouvido”, disse Uma, ajudando ainda menos que antes. “Ouça-me, Agatha. Não há palavras para abrandar a dor que você está sentindo nesse momento. Mas sua mãe morreu antes que pudesse dar à Liga as respostas de que nós precisávamos. Pense em retrospectiva. Você tem alguma ideia do motivo para que o nome de Vanessa esteja gravado numa lápide, no Cume Necro? E de onde seu corpo pode estar?”

“Não vejo por que nós devemos ajudar uma Liga da qual não sabemos nada sobre”, Tedros resmungou.

Mas a cabeça de Agatha ainda estava girando. Callis, sua própria mãe, transitava entre os dois mundos como bruxa, sem que ninguém em Gavaldon soubesse, incluindo a própria filha. E, ainda assim, sua mãe se encaixava em todos os traços de uma Nunca — não era casada, misteriosa, reclusa... Agatha deveria ter notado as pistas. Mas, a mãe de Sophie? Sophie só falava na mãe com entusiasmo, dela apaixonada pelo marido perverso e infiel até o dia de sua morte. Não havia qualquer pista de que ela fosse algo além de uma mulher e esposa radiante e amorosa. Portanto, como seu nome pode estar escrito na tumba de um vilão? Num beco sem saída, Agatha sacudiu a cabeça... até que seus olhos subitamente se arregalaram.

“O Guardião da Cripta vai saber!”, ela rapidamente olhou o horizonte em busca do gigante de pele azulada e cabelos de dread do qual ela ouvira falar na escola, como sendo o responsável por cavar e preencher todas as covas. “O Hort disse que ele enterra todo mundo ele mesmo. Nunca deixa que ninguém interfira. Por isso que o pai de Hort está esperando um caixão há todos esses anos. Portanto, o Guardião da Cripta tem de saber por que a mãe de Sophie tem uma lápide aqui...” Mas as colinas estavam desertas, exceto por alguns abutres pairando por perto. Ela virou-se para Uma. “Onde ele está...”

Agatha parou de repente, vendo a expressão de Uma.

Devagar, ela se virou de volta para os urubus.

No chão, deitado entre eles, havia um corpo imenso de pele azul, embolado num monte de terra. Seus ossos estavam quebrados e sua garganta aberta com um corte, o sangue que havia escorrido secara há muito tempo. Agatha podia ver o branco de seus olhos arregalados, como se o choque de morrer não fosse nada em comparação ao que o matou.

A garota sentiu Tedros apertar-lhe a mão com a pele suada, dizendo que ela não tinha visto o pior. Com o pavor aumentando, ela acompanhou seu olhar além do Guardião da Cripta, até as duzentas covas do Cume Necro que marcavam o local de descanso dos famosos vilões de contos de fadas. Mas agora Agatha entendera por que havia tantos montes de terra escurecendo a grama. Cada uma das tumbas dos vilões famosos havia sido escavada...

“Vazias”, disse Agatha. “As sepulturas dos vilões estão vazias.”

Com as pernas trêmulas, Tedros olhava boquiaberto para os túmulos.

“O lobo da Chapeuzinho Vermelho... O gigante do João e seu pé de feijão... E muitos outros bem piores...

Agatha empalideceu, lembrando do que o lobo dissera, de para quem ele trabalhava.

“E eles estão todos sob o controle do Diretor da Escola.”

A Princesa Uma se aproximou, parando atrás deles.

“Durante muitos séculos, o Mal perdeu todas as histórias, porque o Bem tinha o amor do seu lado. O amor dava ao Bem um poder e um propósito que não eram páreo para o Mal. Mas aqueles finais felizes só duraram enquanto o Mal não conseguia amar. As coisas mudaram, alunos. O Diretor da Escola encontrou alguém que o ama e a quem ele também ama. Ele provou que o Mal merece uma chance de reescrever seus contos de fadas. Agora, cada

antigo vilão tem uma nova chance em sua história. Cada vilão morto vive novamente.

Verdadeiro amor? O Diretor da Escola? Agatha sacudiu a cabeça, tentando entender. Como alguém poderia amá-lo?

Subitamente, Agatha olhou mais uma vez para a cova de Vanessa e seu coração parou.

“Espere... o corpo da mãe de Sophie... desaparecido... isso significa que ela.... ela está...”

“Ela não foi enterrada aqui, lembra?”, disse Uma, interrompendo-a. “Nós nem sabemos se o seu corpo foi enterrado. E, no entanto, o Guardião da Cripta reservou essa sepultura para a mãe de Sophie, dentre os Nunca famosos — o Guardião da Cripta, que não obedece a ninguém, exceto ao próprio Storian. Talvez, a razão pela qual ele guardou uma sepultura de vilão para ela, seja nossa maior pista para entender como o Diretor da Escola veio a escolher sua nova rainha.

Agatha sentiu um frio sinistro na barriga. Ela tinha mil perguntas: sobre sua mãe e a mãe da melhor amiga, sobre cartas e Ligas, sobre covas vazias e vilões ressuscitados... Porém, apenas uma importava.

“Rainha?”, ela sussurrou, erguendo os olhos. “Quem?”

Uma olhou para ela.

“Sophie aceitou a aliança do Diretor da Escola. Ela é seu verdadeiro amor.”

Agatha não conseguia falar.

“Mas... mas nós viemos salvá-la dele”, disse Tedros, perplexo.

“E vocês *têm* de fazê-lo. Mas isso não será tarefa fácil”, disse Uma. “O beijo de Sophie pode tê-lo trazido de volta à vida... Mas é a aliança dela, no dedo dela, que torna duradouro o poder daquele beijo. Enquanto Sophie usar a aliança, o Diretor da Escola permanece imortal. Entretanto, há uma forma de desfazer o beijo, crianças. Um meio de destruir o Diretor da Escola de uma vez por todas. E é nossa única esperança”, a voz dela soava voraz, urgente. “Vocês precisam convencer Sophie a *destruir* a aliança, e o Diretor da Escola será destruído também, para sempre.”

Agatha ainda estava perdida.

“Mas cuidado”, Uma acrescentou. “Enquanto vocês buscam o verdadeiro final da história de Sophie e Agatha, o Diretor da Escola também busca pelo dele.”

Tedros viu que Agatha estava olhando fixamente para o nada, sem ouvi-los.

“E que final é esse?”, perguntou ele.

Uma se aproximou e suas feições delicadas ficaram sérias.

“O lobo e o gigante não foram acidentais. A guerra está a caminho, Filho de Arthur. Enquanto Sophie usar a aliança do Diretor da Escola, todo Bem corre um perigo terrível; o passado e o presente, jovem e velho. Ou você e sua princesa trazem Sophie de volta ao Bem... ou o Bem como o conhecemos será eliminado para sempre. Esse é o final que ele busca.

Agatha sentiu o coração batendo em seus ouvidos.

Houve um dia em que ela e Sophie mataram um vilão mortal que as destruiu. Agora, sua melhor amiga tinha dado seu coração a esse vilão.

“Mas ele é do Mal. Ela *sabe* que ele é do Mal... E Sophie não é mais malvada”, Agatha resfolegou, olhando para cima. “Por que ela ficaria com ele?”

“Pelo mesmo motivo que você e seu príncipe querem estar um com o outro”, Uma deu um sorriso melancólico. “Para ser *feliz*.”

Agatha e Tedros observaram a princesa girar o dedo, extinguindo os vaga-lumes, e apressar-se na direção da Floresta escura, além das colinas.

“Depressa, Sempres”, disse ela, arrancando mais algumas minhocas de uma sepultura. “É uma jornada de dois dias até a escola, e nós temos que chegar à Sophie, antes que eles os encontrem.”

Tedros franziu o rosto, andando mais devagar atrás delas.

“Antes que quem nos encontre?”

“*Quem?*”, Uma olhou pra trás, incrédula. “Quem quer que estava naquelas covas.”

6
Uma Floresta que Não é Mais Azul

Rafal nunca dormia em seus aposentos, então nas primeiras horas do amanhecer, quando a caneta finalmente começou a escrever, era Sophie que estava ali para ver.

Fazia seis noites que ela estava doente, desde o dia em que aceitou a aliança... tão doente, ardendo em febre, com arrepios tão terríveis que nem conseguia sair da cama. Encolhida nas cobertas, ela imaginava Agatha e Tedros se divertindo, passeando pela cidade, comendo cupcakes na Battersby (*talvez ele fique gordo*, ela torcia) e vendo o pôr do sol perto do lago *(talvez ele se afogue)*, enquanto ela estava ali, presa naquela torre escura, fungando e tremendo como a ranhenta da Rapunzel, e ninguém gostava da Rapunzel, porque ela era entediante.

"Você disse... que eu poderia... ver a... escola", ela dissera a Rafal, naquela manhã, suando sem parar. "Quero ver... Hester... Anadil..."

"E infectá-las com essa praga que você está portando?", ele provocou, embrulhando-a num cobertor novo.

Ela teria pressionado, se ao menos ele não estivesse cuidando tão bem dela. Ele mal saíra de seu lado durante o dia: passando a esponja em sua testa, alimentando-a com sopa de tutano, trazendo-lhe camisolas pretas confortáveis para sua hibernação e suportando sua tagarelice sobre Tedros e Agatha, e como eles estariam se divertindo muito ou pouco, dependendo do grau de inveja que ela estivesse sentindo naquele momento. Não tardou para que Sophie passasse a odiar as noites, quando Rafal ia embora, do mesmo jeito que ela temia aquelas primeiras manhãs, quando tinha medo que ele viesse. Em seu torpor delirante, ela começou a desejar o conforto de seus

braços... seu cheiro de frescor adolescente... o toque frio em sua pele febril... sua voz tirando-a dos pesadelos...

“Aposto que você... me deixou doente... para que eu precisasse de você...”, Sophie disse com a voz arrastada, quando ele ia saindo.



O jovem Diretor da Escola olhou para trás e sorriu.

À medida que a febre foi se acentuando, os pesadelos de Sophie foram ficando mais claros. Essa noite, ela tinha sonhado com um túnel em breu total, com um halo de luz no final. Dentro do túnel escuro, havia uma aliança de ouro flutuando, contornada por dentes afiados, girando em pleno ar, bloqueando seu caminho. Conforme ela seguia em sua direção, a aliança girava mais depressa, até que ela só via seu reflexo no borrão espelhado dos dentes. Só que quando foi em direção à aliança, Sophie percebeu que o reflexo não era dela. Era de um rosto que ela nunca tinha visto — de um homem estranho, com cabelos castanhos rebeldes, escuros, pele enrugada e um enorme nariz curvo. Confusa, Sophie aproximou-se para vê-lo mais de perto... mais perto... até que o homem ergueu os olhos negros e cansados, um sorriso perigoso no rosto...

Então, ele estendeu as mãos e prendeu Sophie na guilhotina de dentes.

Sophie acordou resfolegando, morrendo de medo... Ficou paralisada. Havia alguém no quarto. Arranhando e raspando, como um gato preto afiando as unhas.

Com o coração disparado, ela estreitou os olhos para a manhã. Não havia ninguém ali. Ela virou a cabeça lentamente e, para seu alívio, viu que não era uma pessoa que estava fazendo o som, mas o brilho chiado do aço. Ainda meio dormindo, ela primeiro achou que fosse um fuso, antes de se lembrar que fusos eram para a Bela Adormecida, a princesa mais caída de todos os tempos, e certamente morta a essa altura, já que era velha e gente velha morre e Sophie não era velha e nem estava morta... e, bem, isso finalmente a fez sair da cama.

Ela teve que piscar algumas vezes para ter certeza do que estava vendo;

certeza de que aquilo realmente estava ali: o Storian que estava fazendo o som arranhado... a caneta que havia escurecido a Floresta Sem Fim por recusar-se a escrever, agora... *escrevendo*.

Mas como?, pensou ela. O Storian estivera parado há semanas acima da última página do livro da história que ela compartilhava com Agatha. Ele não se movera um milímetro quando ela aceitou a aliança do Diretor da Escola. O que significava que não era do fim dela que a caneta vinha duvidando, mas, em vez disso... O coração de Sophie apertou. *Impossível*...

Puxando as cobertas ao seu redor, ela foi caminhando de camisola preta folgada, receando que o menor som pudesse incomodá-la. Contudo, conforme Sophie foi se aproximando, viu que a caneta não estava escrevendo nada, estava bicando em seu livro de história, como um pedreiro removendo tijolos, arrancando a última linha, letra por letra, até que o "*FIM*" sumiu totalmente. Com um brilho vermelho fogo, o Storian girou no ar, como uma borboleta liberta de seu casulo, e mergulhou novamente no livro, continuando a história de onde havia parado. A ponta de aço começou a aplicar a tinta nas páginas novinhas, repletas de dúzias de pinturas que Sophie mal conseguia acompanhar: paredes de chamas cor de esmeralda... guardas de máscaras negras... túmulos marcados com cisnes... um lobo cadavérico e um gigante... até que rabiscos verdes da floresta surgiram numa página em branco.

Dois corpos esguios surgiram emoldurados pelas árvores altas da Floresta. Sophie observava a caneta preencher o vazio de seus rostos... os olhos azuis de um menino de lábios suculentos... as sobrancelhas retas de uma garota de bochechas fundas... *Não pode ser*, pensou ela, esperando que o Storian escrevesse uma linha errante. Porém, a cada golpe da caneta, a cena se tornava ainda mais real, como se tivesse nascido de sua própria lembrança, até que Sophie teve certeza de que tudo isso ainda era um sonho, pois a caneta estava desenhando duas pessoas na Floresta... duas pessoas que *não podiam* estar na Floresta, porque elas tinham encontrado um final feliz em outro lugar. Ela beliscou com força o próprio braço, esperando acordar na cama, mas as imagens ficaram ainda mais claras: Agatha e Tedros, vivos na página, olhando-a de olhos arregalados, convidando-a para entrar.

Eles... estão de volta? Sophie resfolegou, com o coração apertado. O ciúme, a traição e a dor se partiram como a casca de um ovo e uma onda de ternura e esperança a percorreu antes que ela pudesse se conter. Ela acarinhou os dois amigos, olhando o livro de história, e permitiu-se sentir o que a

envergonhara todo esse tempo.

Sinto sua falta, Aggie. Sinto sua falta, Teddy.

Com as lágrimas brotando, ela se imaginou no espaço vazio entre os dois, na página...

Até que o Storian desenhou as mãos de Tedros e Agatha entrelaçadas, os dois Sempre seguindo uma sombra, adentrando a escuridão da Floresta.

Sophie observou as mãos dos dois onde já não havia espaço para ela.

"Eles estão vindo atrás de você", disse uma voz atrás dela.

Sophie virou-se para Rafal, lindamente parado junto à janela como um rebelde adolescente, vestido com uma blusa preta de cordões e calças pretas de couro. Seus olhos azuis gélidos fixos no livro de história, mas não demonstravam surpresa, como se ele já esperasse que o príncipe e a princesa fossem regressar.

"Eu lhe disse que não era o nosso final que o Storian estava questionando", disse ele. "No fim das contas, seus amigos não estão felizes sem você. Eles acham que você precisa ser salva de mim. Que o seu final é com eles."

Sophie olhou de volta para o Storian, escrevendo abaixo de uma pintura de Agatha e Tedros, com tinta fresca:

"*O amor já não era mais suficiente. Eles precisavam de sua melhor amiga*".

Sophie olhava boquiaberta o livro de história. E ela que estivera se repreendendo por ficar pensando em Aggie e Tedros a cada momento... quando eles também estariam pensando nela? Ela sorriu diante da ideia, comovida. Então, seu sorriso desapareceu.

"Como três pessoas podem ter um final feliz?", perguntou Sophie.

"Se uma delas puder ser feliz sozinha, claro", Rafal a observava atentamente.

"Enquanto duas ficam uma com a outra?", perguntou Sophie, franzindo o rosto.

"Ah, você se acostumaria. A vê-los se beijando na frente da lareira... a sentar-se sozinha na hora do jantar, enquanto eles trocam carinhos... a andar atrás deles nos passeios no jardim, como um cachorrinho na coleira... ano após ano, assumindo seu papel de vela...", Rafal se aproximou dela, com metade do rosto ainda na sombra. "Mas, por outro lado, você pode conhecer

algum menino em Camelot. Já não é grande coisa como reino, mas há meninos aldeões de sobra para escolher. Bochechas queimadas de sol, dentes amarelos, traseiros gorduchos, sem um centavo no bolso. Mas um bom menino, não é isso que importa?", ele a puxou para seus braços. "Um menino que viva a vida com sua velha mãe enrugada, em um casebre, criando cabras e porcos. Um menino que lhe dará uma vida comum, na qual você vai fritar carnes para ele, dará banhos na velha mãezinha e criará seus filhinhos gorduchos queimados de sol..."

"Isso nunca vai acontecer", ela sussurrou e seus músculos relaxaram nos braços dele. Sophie estava ficando tão tensa que nem conseguia respirar.

"Achei que não", Rafal respondeu num sussurro. Ele tocou-lhe o ombro e seus longos dedos brancos percorreram-lhe o pescoço. A pele de Sophie se arrepiou. Ela nunca tivera um menino que ela não manipulasse. Nunca tivera um menino que a tocasse que não se importasse com as tormentas e a fúria de seu coração. Ela jamais tivera um menino que a amasse por tudo que ela era, com verrugas e tudo.

Sophie ergueu os olhos e o viu sob a luz — sua pele cor de pérola, angélica, os olhos azuis tão claros, a deliciosa boca rosada, como um jovem Jack Frost — tão belo e branco, tão lindo que ela subitamente sentiu-se a mais feia dos dois.

"Você pode gostar de mim agora, mas o que acontece quando eu envelhecer?", ela perguntou. "Então, você ainda vai gostar de mim?"

Rafal sorriu.

"Meu irmão e eu permanecemos jovens enquanto nos amávamos. Quando eu quebrei nosso elo, fiquei destinado a envelhecer e morrer como todos os vilões que se provaram incapazes de amar. Mas seu beijo recuperou minha juventude, Sophie. Seu amor permitirá que eu viva para sempre, exatamente como foi um dia com meu irmão. Da mesma forma que um dia meu amor também o manteve vivo. Isso significa que, contanto que você use minha aliança, nem você, nem eu, jamais ficaremos velhos.

"Eu vou viver para sempre?", Sophie virou-se para ele.

"*Nós* viveremos. Juntos", Rafal puxou-a, mais uma vez.

Viver eternamente? Sophie pensou, confusa. Velha, porém jovem... jovem, porém velha... exatamente como o belo menino que a abraçava. Como seria amar alguém para sempre? Será que o amor sequer dura todo esse tempo? Ela pensou em Agatha, à beira do lago, jurando ser sua amiga para

sempre... em Tedros, na ponte, sob a luz do luar, prometendo ser seu príncipe para sempre... Agatha e Tedros se beijando, fazendo juramentos um para o outro... "*Para sempre*..."

Só que o para sempre nunca parecia durar.

Sophie recostou-se no peito firme de Rafal, observando o dedo com a aliança dourada combinando com a sua. Todo esse tempo, ela havia se sentido tão magoada pelos dois melhores amigos que a abandonaram, tão certa de que eles haviam se esquecido dela e seguido adiante, rumo à felicidade perfeita. Em vez disso, eles tinham voltado para refazer o Felizes Para Sempre, querendo-a, *precisando* dela, para serem felizes. Sophie esperava ter a mesma sensação, escolher seus dois melhores amigos, mesmo que isso significasse acabar sozinha...

Mas tudo que Sophie sentia eram os braços de um menino que se mantivera leal a ela desde o começo, um Para Sempre que finalmente parecia ser verdade.

Ela se virou e beijou Rafal, cujos lábios frios encostaram nos seus, mantendo um beijo longo e lento, esperando por algo em seu coração que a impedisse. Nada impediu. Quando os lábios se abriram, ela viu o Storian elaborar uma nova página, capturando o beijo com cores brilhantes, antes de acrescentar uma frase para concluir:

"*Mas amizade não era mais suficiente para Sophie. Ela precisava de amor*".

Sophie ergueu os olhos para Rafal, com a testa salpicada de gotinhas de suor. Ele levou a mão até sua testa.

"Veja só. A febre cedeu."

Juntos, eles assistiram ao sol sair de uma nuvem, e Sophie achou que ele fosse voltar a brilhar radiante... só que o sol estava ainda mais franzino que antes, brilhando fraco e pálido em contraste com a manhã fria e azul. Só que não estava somente mais fraco, estava pingando pequenas porções de luz amarela do céu, ping, ping, ping, como um picolé no verão. Sophie aproximou-se do parapeito da janela, de olhos arregalados. Não havia dúvida quanto àquilo.

O sol estava derretendo.

"Mas você disse que se o Storian escrevesse...", ela se virou para o

Diretor da Escola.

“Uma *nova* história. E a nossa ainda precisa de um fim”, disse Rafal, sério. “Nosso livro de história não pode fechar agora que seus amigos voltaram. Não enquanto eles tiverem um novo final em mente. Um final no qual o Bem vence e o Mal morre...”, ele parou, fixando o olhar nos olhos esmeralda dela. “Eles estão vindo para me matar, Sophie.”

Ela o encarou também, perplexa, e olhou para baixo, para Agatha e Tedros seguindo caminho por entre a Floresta para salvá-la. Na versão deles da história, eles a salvavam de um malvado Diretor da Escola. Mas, para Sophie, seus amigos do Bem estavam prestes a matar o único menino que já tivera amor por ela, para que ela pudesse ser a coadjuvante do Felizes Para Sempre de outra pessoa.

Coadjuvante. Esse era o final que eles achavam que ela merecia.

Sophie ardia de raiva, olhando para sua aliança de ouro. Ela era uma *rainha*.

“Não vou deixar que o machuquem”, disse ela, furiosa.

“Você faria isso por mim?”, o rosto de menino do Diretor da Escola se contorceu de emoção. “Você lutaria contra seus próprios amigos?”

Sophie ficou tensa.

“Lutar com Agatha e Tedros...? Mas eu achei que...”

“Que eles nos deixariam em paz e seguiriam seu caminho, se você lhes pedisse?”, Rafal perguntou, carinhosamente.

“Mas eu não posso lutar contra ela. Certamente há outra maneira...”, Sophie pressionou.

“A guerra está próxima”, os olhos dele endureceram.

Sophie se arrepiou com a mudança no tom de voz de Rafal, mas ela sabia que ele estava certo. Depois que o jovem Diretor da Escola quase matou Tedros com sua própria espada, o príncipe estava voltando com sede de sangue, e Agatha estaria em sua retaguarda. A guerra despontava no horizonte e Sophie teria que escolher um lado.

Ela relembrou de todas as vezes que Agatha tinha se aliado a Tedros, contra ela: durante o Circo de Talentos e o Baile do Mal; depois, em seu plano secreto para beijar Tedros e bani-la de volta pra casa, durante a Guerra dos Meninos e Meninas. O sangue de Sophie ferveu. Na Floresta Azul, Agatha tinha até acreditado que ela estava se transformando numa bruxa, preferindo crer em Tedros, em detrimento de Sophie, quando o tempo todo

era culpa da magia da Reitora Sader. *Eu não sou isso!*, Sophie gritara, implorando que a amiga visse a verdade. Mas Agatha manteve-se firme, ao lado de seu príncipe.

Sophie também tinha um lado a tomar — mesmo que isso significasse lutar contra sua melhor amiga. Da mesma forma que Agatha protegeria seu príncipe, ela protegeria seu verdadeiro amor.

"Chegou a hora, não é?", sussurrou ela, observando o sol derretendo. "Ou eles morrem... ou morremos nós. O Bem contra o Mal. Essa é a forma como terminam todos os contos de fadas."

Ela viu o peito de Rafal inflar quando ele respirou fundo, como se eles finalmente estivessem na mesma sintonia.

"Seus amigos acham que podem impedir que nosso livro se feche, meu amor", disse ele, com a voz meiga novamente. "Eles acham que podem parar o futuro. Mas chegaram tarde demais", ele observava o sol se pondo, como se estudasse uma ampulheta. "A guerra contra o Bem já começou."

Sophie o viu olhar de volta para ela com um sorriso maquiavélico; e a garota começou a ficar tensa, temendo haver mais em seu regresso do que beijos e alianças.

"Mas o Bem sempre vence, no fim...", ela começou, só para ver o Diretor da Escola sorrindo mais abertamente.

"Você se esqueceu de uma coisa que tenho do meu lado, e que eles já não têm mais", Rafal seguiu na direção dela, lenta e suavemente... "*Você*."

Sophie cruzou olhares com ele, aflita.

"Venha, minha rainha", ele convidou, entrelaçando os dedos aos dela. "Seu reino a aguarda."

O coração de Sophie bateu mais forte. *Reino...* era uma vez uma linda garotinha, de vestido cor-de-rosa, esperando em sua janela para ser sequestrada, convencida de que um dia ela seria a soberana de uma terra distante... Ela ergueu o rosto para Rafal, com o antigo brilho em seus olhos.

"E que se dane Camelot."

Sophie sorriu, sua aliança passou pela dele, e ela seguiu seu amor, de mãos dadas com ele, para lutar pelo final feliz dos dois — exatamente como o príncipe e princesa da página que ela deixara para trás.

"Eu não devo me trocar primeiro? Não posso sair perambulando vestindo *isso*", Sophie bufou, tentando segurar a camisola esvoaçando ao vento. Seus

sapatos de cristal hesitaram no parapeito da janela, lançando pedrinhas prateadas abaixo, no abismo de névoa esverdeada. Ela recuou junto à parede da torre, segurando o bíceps de Rafal. Eles estavam tão lá no alto, no céu, que ela nem conseguia enxergar o chão. “Certamente há escadas que podemos descer. Só alguém meio maluco construiria uma torre sem escadas ou uma corda, ou uma saída de incêndio adequada...”

“Você confia em mim?”

Sophie olhou nos olhos de Rafal, ardentes de adrenalina, sem o menor sinal de medo.

“Sim”, Sophie sussurrou.

“Então, não solte”, ele pegou-a pela cintura e mergulhou da torre.

A neblina verde os engoliu conforme eles mergulhavam velozes como balas, adentrando o frio ártico. Qualquer instinto que Sophie tivesse para gritar, sumiu, por conta da força que Rafal fazia para segurá-la, usando os músculos para grudá-la em seu peito. Segura em seus braços, ela se deixou levar, resfolegando enquanto Rafal manobrava, girando como um falcão, em velocidade máxima; os membros entremeados aos dela, descendo em espiral rumo à terra. Com uma pirueta completa, ele subiu novamente, e Sophie gritou, se entregando, fechando os olhos e estendendo os braços junto a ele, como se fossem asas. Eles zarpavam, entrando e saindo das sombras, e raios solares lançavam lampejos nas pálpebras enquanto ela sentia o gosto das nuvens na boca. Se ao menos Agatha pudesse vê-la agora, pensou — feliz, apaixonada, despreocupadamente viva, como uma princesa cavalgando em seu dragão, em vez de lutar contra ele. Rafal disparou atravessando a enseada como uma bola de fogo, e ela pressionou o rosto em seu pescoço, eletrizada com a pele dele na sua, sua respiração ofegante cada vez mais rápida, suas mãos segurando com mais e mais força... até que os pés dele delicadamente tocaram o chão, sem qualquer som, e Sophie sentiu-se suspensa no ar como o Storian acima de seu livro.

Ela se aninhou a ele, vermelha e quente.

“Faz de novo”, ela sussurrou.

Rafal deu uma risada, tocando seu rosto, e Sophie lentamente abriu os olhos para o mundo. A primeira coisa que ela notou foi que a Floresta Azul já não era mais azul. Ela se afastou de Rafal, arrebatada e tonta, e cambaleou à frente, no meio da floresta.

Os Carvalhos Azuis haviam apodrecido e se tornado cascas negras. A

grama azulada, que antes era à prova do tempo, agora tinha um tom amarelado de urina, estalando e partindo sob seus pés. Encolhida diante da brisa de inverno, Sophie seguiu por entre troncos caídos e mortos da Mata Turquesa, e sua camisola ia encrespando em fungos e bolor. O pior de tudo era o fedor: um cheiro acre e ácido, que fazia seus olhos lacrimejarem, ficando cada vez mais forte e profundo conforme ela adentrava a Floresta. Ao chegar ao Jardim de Tulipas, um depósito de cinzas em tons âmbares e marrons, ela cobriu o rosto com as duas mãos, mal conseguindo manter-se em pé, ereta. Olhou de volta para Rafal, mas não conseguia vê-lo.

Sophie resfolegou sem ar e seguiu em frente. Ela tinha que sair dali.

Cambaleou rumo ao Campo de Samambaias, desesperada para encontrar os Portões do Norte, mas subitamente parou. As samambaias, que antes eram lindas e viçosas, com frondes em azul-cobalto, pareciam uma terra devastada de animais mortos e enxames de baratas e moscas. Sob a luz do sol pálido amarelado, havia carcaças de animais mortos como coelhos, cegonhas, esquilos e veados, espalhadas; caídos na terra diante dos portões lacrados, como se todos tivessem tentado fugir, sem sucesso.

Então, ela ouviu um chiado familiar. Ergueu os olhos e viu dúzias de víboras negras enroscadas nos portões, mostrando as línguas vermelhas. Sophie se encolheu, recuando das cobras de cabeça chata, com barbatanas mortais entremeadas às escamas, cobras que um dia evitavam que qualquer criatura entrasse na Escola dos Meninos, e agora evitavam que todos os animais saíssem. Sophie olhou lentamente para cima, para a torre do Diretor da Escola, pairando distante acima da Floresta Azul como um ponto de referência no parque dementado.

O coração de Sophie murchou. A Floresta Azul um dia foi o quintal dos fundos da escola, uma réplica protegida da Floresta Mortal. Ela sorriu, revivendo seus melhores momentos ali: correndo em círculos ao redor de um stymph raivoso nos Campos de Mirtilo enquanto Agatha a repreendia; seduzindo Tedros na Mata, com os uniformes do Mal; seu coração disparado enquanto o príncipe se debruçava para beijá-la por cima do Riacho Azul... então, seu sorriso foi lentamente sumindo, enquanto outros momentos na Floresta também lhe vieram à mente. Tedros rejeitando-a na mata, quando ela não o salvou na Prova; Tedros nos Carvalhos Azuis, parecendo tão traído enquanto ela voltava ao seu corpo normal; Agatha e Tedros se afastando dela, no pinheiral, antes de tentarem mandá-la para casa... Não tardou para que as

más lembranças sufocassem as boas e, enquanto Sophie olhava para cima, a Floresta foi ficando mais escura e desanimadora diante de seus olhos.

"Ela gosta de você", disse Rafal, com a fala arrastada, aproximando-se por trás dela. Sophie se virou para ele.

"O quê? *Eu* que fiz isso?"

"Você fez tudo isso", ele confirmou, olhando toda a Floresta morta. "Você e eu, juntos."

"E-eu... não entendo", Sophie gaguejou. "Não quero a Floresta desse jeito..."

"Não importa o que você *acha* que quer. Só importa o que está dentro de você de verdade", Rafal interveio. "As Escolas espelham as almas de seus Diretores, assim como o Storian que ambos protegem. Quando meu irmão regia comigo, os castelos refletiam o equilíbrio entre nós: um claro, do Bem, um escuro, do Mal. Ano passado, com a guerra entre Evelyn Sader e Tedros, os castelos refletiam o equilíbrio entre Meninos e Meninas", ele afagou a aliança na mão de Sophie. "Mas, agora, com você do meu lado, há um novo equilíbrio... além do Bem e do Mal... além de Meninos e Meninas..."

Sophie seguiu o olhar dele até os dois castelos negros acima da Floresta, encobertos pela estranha névoa esverdeada. À primeira vista, ambos os castelos pareciam indistinguíveis... então, Sophie olhou mais atentamente. O velho castelo do Mal tinha se transformado em rochas cheias de mossas, fazendo lembrar as mandíbulas de um monstro, e as assustadoras trepadeiras em tom vermelho sangue, que se enroscavam às três torres, agora tinham o mesmo tom sinistro de verde da neblina. O antigo castelo do Bem agora também era preto, cercado pela mesma névoa verde, mas suas quatro torres tinham telhados pontiagudos e muros lisos e brilhosos que pareciam molhados, como se a escola inteira fosse feita de rocha obsidiana polida. Unidas pela ponte nebulosa, de longe as duas escolas pareciam o Antes e o Depois: um castelo demoníaco, uma ruína de dentes pontiagudos; outro castelo como uma fortaleza fria e lustrosa.

Confusa, Sophie se aproximou dos portões da Floresta, tentando ter uma visão melhor das escolas... quando os olhos de todas as víboras a encararam. Sophie cambaleou para trás, esperando que elas cuspissem seu veneno nocivo... em vez disso, todas elas curvaram suas cabeças como escravas, e os portões dourados se abriram, ofertando um caminho livre rumo à Clareira.

Intrigada, Sophie seguiu rumo à Floresta. Ainda bem que não havia

surpresas na clareira. Como antes, havia dois túneis de árvores saindo do campo, um entrando em cada castelo. Durante a guerra entre Meninos e Meninas, os túneis haviam sido lacrados com rochas gigantes, mas agora eles estavam inteiramente abertos, como eram no primeiro ano. Só que quando Sophie se aproximou, ela viu que ambos os túneis estavam demarcados com placas de madeira pregadas acima das entradas. Letras pretas e tortas estavam escritas em cada um deles.

O túnel que levava ao castelo dentado dizia:



O túnel que conduzia ao castelo liso e brilhoso dizia:



Sophie levou um susto quando sentiu sua mão ser envolvida. Ela olhou para Rafal, que sorria com dentes afiados.

“Um diretor testado pelo tempo. Uma rainha jovem e vigorosa”, ele disse. “E a escola do mal *renascida*.”

Sophie deu um sorriso fraco, contendo a sensação de desapontamento que sentia no estômago.

Ele a conduziu pelo túnel que dizia NOVO e Sophie apressou-se para alcançá-lo, lembrando a si mesma de que tinha finalmente encontrado o amor, um amor *de verdade*, que era digno de qualquer coisa que ela tivesse de fazer para mantê-lo.

7
O Mal é o Novo Bem

O túnel de árvores levava direto às portas do castelo do Bem, que costumava ser iluminado por velas que a essa altura geralmente já seriam visíveis entre os arbustos. Todavia, quanto mais Sophie avançava, mais escuro o túnel ficava, com um som de estalido agudo se amplificando adiante, como um relógio agressivo. Inquieta, ela pegou a mão de Rafal.

"Eu não esperava que a Reitora Sader bagunçasse tanto as coisas", ele suspirou. "Achei que ao colocar um pedaço de minha alma em Evelyn, eu teria algum controle sobre ela, no caso de minha morte..."

Sophie ouvia os sons mais ruidosos. Click clack. Click clack. Click clack.

"De dentro do corpo de Evelyn, eu tinha controle suficiente para garantir que ela lhe trouxesse de volta à escola... e, um dia, para mim", ele continuou. "E, no entanto, eu não podia controlá-la *inteiramente*. Aquele negócio bruto de meninos escravos e mundos sem príncipes e meninas do Bem e meninos do Mal... ela estava sempre ressentida com os dons do irmão, e eu receio que meus alunos tiveram que sofrer por isso."

Sophie mal conseguia ouvi-lo acima dos estalidos, enquanto via portas geladas adiante, pretas em vez das antigas brancas, as tochas acima delas, que antes eram azuladas, agora eram verdes.

"Ela deixou para trás uma guerra horrenda, com Meninos e Meninas determinados a se destruírem", ele continuava dizendo, "mas, no fim, não foi difícil fazer com que eles baixassem as armas. Afinal, não importa o quão divididos tivessem ficado, agora eles têm algo até mais forte, que os une...", ele parou junto à porta, com um sorriso espirituoso.

"*Eu*."

Sophie ficou olhando para ele. Confusa, ela escancarou as portas...

Uma multidão de corpos quase a esmagou e ela agarrou-se à uma parede, defendendo a própria vida.

“Bem vinda à Escola do *Novo* Mal”, disse Rafal.



Em um foyer de mármore preto e branco, meninos e meninas de boinas e uniformes pretos impecáveis marchavam em filas perfeitas. De queixos erguidos, peitos estufados, eles passavam com seus olhares frios, direita-esquerda, direita-esquerda, passando as escadas de vidro, agora em tons de verde. Os meninos usavam calçolas com cintos de couro, camisas pretas de meia manga com golas engomadas, gravatas verdes estreitas, botas de saltos grossos, enquanto as meninas usavam aventais pretos justos, por cima de blusas verdes, meias três quartos e sapatilhas pretas. Duas das meninas marcharam na frente de Sophie: Mona, de pele verde, e Arachne, a careca de um olho só, de lábios fechados e apertados, olhos fixos adiante. Ravan estava logo atrás delas, com seu rosto oleoso lavado e limpo, seus cabelos antes compridos e ensebados, cortados curtos e alinhados. O endiabrado Vex vinha marchando ao seu lado, de cabeça raspada, coluna ereta, sutilmente puxando a calçola que parecia prender em seu traseiro.

Sophie ficou dura de susto. Os Nunca elegantes... limpos... em filas retas? Ela um dia havia desprezado os vilões por sua aparência ruim, mas, agora, era Sophie que se sentia constrangida por seu próprio rosto sem lavar e sua camisola preta maltrapilha. Ela tentou olhar mais rostos dos Nunca, por baixo das boinas, mas o foyer estava escuro, mantendo-os na sombra. As únicas luzes pareciam vir de lampejos de luz verde, lançada acima do exército sincronizado com a marcha, como se houvesse um enxame de vaga-lumes mantendo o ritmo.

Então, Sophie percebeu outro facho de luz verde acima do Obelisco das

Lendas, centralizado entre as quatro escadarias, apinhado com retratos de alunos. Em busca da fonte, ela olhou para os janelões de vidro (antes com visões em halos de um cisne branco, agora substituído por um cisne negro fulminante), até a abóboda do teto solar, selada com estalactites mortais, reluzindo em um tom verde-serpente, como um lustre malevolente. Conforme o olhar de Sophie percorria as escadarias, os arcos brilhosos em ônix, e os implacáveis componentes da marcha, ela viu que o lar do Bem e tudo que lhe pertencia — elegância, disciplina e estilo — tinha sido inteiramente usurpado pelo Mal.

E, no entanto, assistindo a essa parada, Sophie sentiu seu estômago relaxar, pois não havia nada sequer minimamente sinistro quanto ao Mal querer ser "Novo", ou acrescentar uma pitada de cor, ou mostrar um pouquinho de coxa. Na verdade, em seu primeiro ano, ela tinha realizado debates, durante o horário do almoço, pleiteando essas três coisas...

Subitamente, abaixo das estalactites, ela avistou outro rosto no exército dos Nunca: um menino de expressão amedrontada, de peito grande e braços cabeludos. Os olhos cinzentos de Chaddick cruzaram com os de Sophie, tão chocados de vê-la quanto ela a ele. Nos cantos de sua boca, ele expressou a palavra "Socorro"... antes que um enxame de luzes de vaga-lumes verdes irrompesse ao redor dele, e ele rapidamente desviou o olhar à frente, retraindo-se de dor.

Aturdida, Sophie seguiu junto à parede, tentando captar uma última visão, enquanto ele desaparecia rumo às outras alas. Chaddick? O assistente mais leal do Bem? Por que ele estava com os *Nunca?*

Mas, de seu novo ponto de observação, Sophie viu mais dos Sempre marchando de uniformes pretos: a deslumbrante Reena, com sua pele caramelo... a bela e esguia Giselle... o moreno Nicholas... a ruiva e sardenta Millicent... Hiro, com seu rostinho de bebê... todos trêmulos e tensos, enquanto os vaga-lumes surgiam ao redor deles, como sinais de alerta.

Com o pavor aumentando, Sophie virou-se de volta para o Obelisco das Lendas. Os retratos dos Sempre, antes sorridentes e bondosos, agora pintados com caras feias e debochadas, combinando com as pinturas dos Nunca, agora todos colocados na mesma coluna.

"Os Sempre, aprendendo... o Mal?", balbuciou Sophie, resfolegando, olhando para cima, para Rafal.

"Ambos, os Sempre e os Nunca", disse o jovem Diretor da Escola,

corrigindo-a. “Depois de dois anos de guerra, uma escola unificada, protegendo o futuro do Mal”, ele inspecionou suas tropas. “Os alunos tiveram que se adaptar ao convívio no mesmo castelo, é claro. Mais deles em cada quarto, mais competição nas salas de aula... mas, se alguém tem alguma reclamação, *eu* não ouvi falar.”

Sophie estreitou os olhos, espiando pela janela, lembrando-se do outro túnel de árvores.

“Mas o que há na “Velha” escola?”

Rafal deu uma olhada nas torres apodrecidas do outro lado da Ponte do Meio do Caminho.

“Se a Escola do Novo vai escrever o futuro do Mal, então, a Escola do Velho reescreve seu passado...”, ele virou as pupilas para Sophie, com a rapidez de um lagarto. “Mas você não tem que pisar na Escola do Velho. É *proibido* para todos os alunos e para você. Entendeu?”, ele a encarava, olhando-a de cima como um diretor, apesar de sua pouca idade.

Sophie assentiu, surpresa.

“Suas responsabilidades são aqui e apenas aqui”, ele comandou, “garantindo que seus jovens colegas se adaptem à nova escola. Com a volatilidade dos dois últimos anos, todos os alunos serão levados a... como devo dizer... um padrão mais *alto* que antes.

“Mas você disse que todas as almas nascem Boas ou Más”, provocou Sophie, “que elas não podem ser modificadas...”

“E, no entanto, uma garota sabida me ensinou que o que importa não é o que você é, mas o que você *faz*. Exatamente como a nova rainha.”

Sophie seguiu o olhar dele até a parede do mural do foyer, todas mostrando imagens dela e do jovem Diretor da Escola se beijando, com o céu noturno como pano de fundo. Os dois vestidos de couro preto e usando coroas de metal dentado, enquanto estrelas faiscantes lançam halos de luz em suas cabeças. Em cada mural, uma única letra verde estava sobreposta acima de seus corpos abraçados. A parede, cujas pinturas antes diziam B-E-M, agora diziam... M-A-L.

Enquanto os alunos seguiam passando, Sophie se virou, completando um círculo completo, absorvendo sua imagem pintada em todas as paredes: os cabelos louros esvoaçantes por baixo de uma coroa de rainha; seus lábios pressionados junto aos de seu verdadeiro amor, um menino tão ardente, tão intenso, tão *angustiante*, que ele teria feito com que Branca de Neve,

Cinderela e Bela Adormecida dispensassem seus príncipes na hora. Toda sua vida, ela havia devorado livros de histórias, desesperada para ter seu próprio rosto importante o suficiente para que o mundo o louvasse... para ter um Felizes Para Sempre que deixasse as meninas se contorcendo de inveja... e agora, Sophie percebia que havia ganhado. Ela era o rosto de uma escola. O rosto de uma geração. O rosto do *futuro*. Sophie não conseguia impedir seu sorriso imperial, sentindo-se cada vez mais como seu velho eu.

"Durante séculos, Leitoras como você quiseram ser do Bem porque o Bem sempre vence. Mas nossa história mudará tudo isso", disse Rafal, puxando-a para si. "O Mal é o novo Bem."

Sophie se sentia tão segura nos braços dele que suas palavras a tomaram.

"O Mal é o novo Bem", ela disparou, aninhando-se a ele... até que viu a meiga Kiko na fila, contendo as lágrimas, com um elaborado véu preto sobre o rosto, como se estivesse a caminho de um funeral. "Mas, supondo que eles não consigam ser do Mal?", Sophie, perguntou, sentindo-se culpada, afastando-se.

"Todos os alunos têm uma escolha: juntar-se ao Mal ou morrer", ele explicou, com sarcasmo, com o fervor da juventude de sangue quente. "E ingressar no Mal não é o suficiente. Eles têm de ser excelentes nisso."

Ele estava olhando as escadarias de vidro verde nos cantos da sala; os balaústres já não traziam mais os entalhes com os quatro valores do Bem. No lugar disso, cada escada tinha uma nova inscrição:

O MAL É O NOVO BEM

LÍDERES
CAPANGAS
ANIMAIS
PLANTAS

"O terceiro ano é um ano de acompanhamento", continuou Rafal. "Nós vamos abrigar os alunos por suas colocações, enquanto eles se preparam para ingressar em suas novas vidas, após a formatura. E se isso não for incentivo suficiente para uma boa atuação... digamos apenas que eu me saio melhor que *borboletas*."

Com um manejo dos dedos, ele acendeu o lustre, e agora Sophie via que

os vaga-lumes não tinham nada de vaga-lumes. Flutuando acima dos alunos, havia uma nuvem de fadas de asas negras, munidas de espetos verdes e mandíbulas de tubarões, com dentes negros. Se qualquer Sempre ou Nunca retardasse o passo na fila ou olhasse na direção de Sophie, as fadas espetavam com uma luz enfurecida, cutucando e mordendo, ou até que os últimos alunos aterrorizados sumissem pelas alas. Enquanto as fadas zuniam atrás deles, Sophie teve um vislumbre de seus rostos — pele horrendamente descascada, pontos costurados, e olhos brancos enevoados, como zumbis. Sophie retraiu-se surpresa, só para ver uma das fadas do grupo parar e olhar diretamente pra ela: na verdade, era um menino mago que ela conhecia, com o rosto magro e asas finas.

Bane. O mago bondoso que ela havia matado no primeiro ano.

Só que agora Bane estava bem ali, à sua frente, zumbizado e malvado, encarando sua assassina.

Sophie grudou na parede, à procura de algum lugar onde se esconder, mas era tarde demais. Bane irrompeu em sua direção, com um chiado violento, mostrando os dentes afiados...

O Diretor da Escola o atingiu com raios brancos, jogando Bane pra fora do foyer, como um balão estourado. Curvada de alívio, Sophie ergueu os olhos para Rafal.

“M-magos mortos... *ressuscitados*?”

“Era uma vez, os Nunca que fracassaram em serem do Mal e foram transformados em escravos do Bem. Agora, eles têm uma segunda chance de provar seu amor pelo Mal e sua lealdade a mim”, seus olhos faiscavam, olhando fixamente nos dela. “Exatamente como você”, ele saiu, cantarolando uma musiquinha suave. “Venha, meu amor. Tem mais coisa a ser vista.”

Sophie não foi atrás, sua respiração havia parado.

Não vá, sussurrou baixinho, uma voz dentro dela.

A voz de Agatha.

Isso não é você, Sophie. Isso não é amor verdadeiro.

Sophie sentiu o suor em suas costas, a aliança de ouro em seu dedo queimando subitamente, de tão quente.

Ele está usando você.

A luz fluiu através dela e Sophie não conseguia respirar. Ela fechou os olhos, a aliança fervendo em sua pele, como se estivesse prestes a devorá-la... como se ela tivesse de destruí-la, *naquele momento*...

“Sophie.”

Ela abriu os olhos.

“Ninguém ama você além de mim”, disse Rafal, com a voz soando como um punhal. “Ninguém além de mim *jamais* vai te amar.”

Sophie ficou olhando as pupilas dele, e viu seu próprio reflexo. A aliança esfriou em seu dedo. A voz de Agatha aquietou-se dentro dela. Dessa vez, Rafal segurou-a pela cintura, e Sophie não resistiu. Enquanto ele a conduzia em direção à escadaria dos Líderes, ela ouviu a voz dele ecoando por dentro... *ninguém além de mim*... ecoando cada vez mais fundo, mais fundo, como uma pedrinha lançada num poço, até se acomodar lá no fundo, uma verdade inegável. Erguendo os olhos para Rafal, ela se aninhou mais firme ao seu lado, temendo soltar-se...

Ela parou de repente.

Um menino de cabelos negros como um corvo estava logo adiante, à beira do foyer. Peito e músculos do tórax rijos em sua camisa preta do uniforme, suas calçolas revelavam panturrilhas definidas. Sua franja negra caía sobre a testa, e seu nariz comprido era a única feição desproporcional em seu rosto em formato de coração. Sophie inalou, arrebatada por sua postura tranquila e ereta, e, por um instante, achou que ele fosse o mesmo homem estranho de seu sonho. Mas ele era jovem demais, claramente um aluno. Só que ela não o reconheceu, de nenhuma das escolas...

Então, Sophie viu seus olhos. Fulminando-a de tanto ódio.

Seus olhos pequenos de doninha.

“Você não deveria estar em outro lugar, Hort?”, perguntou o Diretor da Escola, encarando-o.

Hort olhou mais profundamente para Sophie, fixando o olhar na mão dela segurando a de Rafal, antes de finalmente erguer os olhos.

“Eu estava dando umas marteladas no ginásio, Mestre”, ele respondeu, seco e duro. “Ganhei um tempo extra.”

“Certo. Ouvi dizer que você vem pontuando bem, conseguindo as primeiras colocações”, observou o Diretor da Escola, segurando Sophie com mais força, assegurando-se de que Hort visse. “Mantenha o bom trabalho, Capitão.”

Hort lançou a Sophie um último olhar mortal antes de sair andando, rumo a outras alas. Sophie não se mexia, sentindo o coração disparado. Primeiras colocações?... ginásio?... capitão? *Hort?*

“Vamos?”

Ela olhou para Rafal, que encarava o vazio onde Hort estivera em pé.

“Não quero que você perca sua primeira aula”, ele falou, colocando um pequeno pergaminho de papel na mão dela antes de seguir escada acima, à sua frente.

Sophie ficou pra trás, ainda confusa pelo ressurgimento de Hort e os olhares estranhos entre ele e Rafal... Então, seus olhos se arregalaram.

“Minha primeira *o quê?”*

“Aula?”, Sophie disse, agitada, atrás do Diretor da Escola, olhando o pergaminho desesperadamente. “Enfeiamento Avançado... Treinamento Avançado para Capangas... isso é uma *grade de aulas!* Você disse que eu era uma rainha! Uma rainha não frequenta *aulas*...”

“Uma rainha tem responsabilidades”, disse Rafal, chegando calmamente ao primeiro andar.

“Ah, eu sinto muito, por acaso a Cinderela ia à aula em seu final feliz? A Branca de Neve encontrou o verdadeiro amor e depois foi fazer seu dever de casa?”, Sophie continuou, com a voz grasnada. “A vida de uma rainha deve ser uma cornucópia de avisos aos serviçais, provas de espartilhos, reuniões com a corte, degustações de caviar, jantares com oficiais, planejamentos de bailes e massagens com sais marinhos feitas por meninos vestindo pouca roupa. Não o regresso para alunos plebeus em aulas sem graça...”

Sophie parou de repente, notando o ambiente ao seu redor. A entrada do corredor que levava à Torre da Honra, decorada com tema marinho, cujas paredes e teto antes imitavam uma onda azulada do mar, agora estava com a pintura de água coberta pelo mesmo tom de verde limão da névoa que encobria os dois castelos. Por um momento, ela ficou confusa com a mudança, até que olhou por uma janela feita em escotilha e viu a Baía do Meio do Caminho, sob a luz do sol derretido. Pela primeira vez, em dois anos, não havia nenhuma linha divisória entre as águas, nada de metades na baía. Seu corpo inteiro era do mesmo verde limão das marés pintadas nas paredes ao seu redor.

“Um mergulho e isso irá arrancar toda a carne dos seus ossos”, disse Rafal, encostado a uma coluna. “Uma boa intimidação a qualquer um que possa tentar nadar para entrar na escola... ou *sair*.”

Sophie ouviu o alerta na voz dele, pois ela tentou escapar através da baía,

em cada um dos últimos anos. Rafal ainda estava claramente testando sua nova aliança a ele. *Onde teriam ido parar os crocodilos?*, pensou ela, distraída, em busca dos jacarés brancos comedores de stymphs que antes protegiam o fosso. Então, ela avistou um focinho branco sem corpo, flutuando na superfície verde brilhante. Os crocodilos tinham durado quase o mesmo que os stymphs.

Sophie seguiu Rafal pelo chão de conchas marinhas, agora artisticamente borrado com manchas sanguinolentas, enquanto uma antiga estátua de um deus marinho, de peito nu e tridente, tinha sido refeita com seu rosto mostrando uma cara feia, punhos cerrados e o tridente posicionado para matar. Ao virar o corredor, Sophie observou os murais épicos ao longo das paredes, antes visões das vitórias mais honradas do Bem, agora ostentando finais diferentes: um lobo mordendo o pescoço da Chapeuzinho Vermelho... um gigante no alto de um pé de feijão, quebrando João como se ele fosse um graveto... a Branca de Neve e seus anões de cara no chão, em poças de sangue... o Capitão Gancho cravando seu gancho no coração de Peter Pan...

Sophie sabia que deveria estar enjoada pelo que estava vendo, mas, em vez disso, ela sentia uma emoção rebelde diante da visão do Mal vencendo de forma tão desafiadora, tão casual, como se o Bem nunca fosse destinado a vencer nada. Como ela poderia deixar de sentir um prazer secreto ao pensar nisso? Ela tentara ser do Bem a vida inteira. Tentara ingressar na escola, onde achou que seria seu lugar. Só que o Bem a rejeitara repetidamente, e ali estava ela, a Rainha do Mal... rainha da mesma escola que um dia ela julgou um erro. Observando o último mural, — da Bela Adormecida e seu príncipe, amarrados a uma roda e incendiados por uma bruxa de capa preta — Sophie começou a se sentir desorientada, como se não conseguisse se lembrar mais dos *verdadeiros* finais.

E se eu tivesse aprendido essas histórias quando criança? Será que algum dia eu iria querer ser do Bem? Não importa, pensou Sophie, saindo de seu transe.

“Um tanto inspiradora, essa decoração, Rafal. Ainda assim, isso não transforma nada disso em verdade.”

“Quem disse?”, ele respondeu.

Sophie franziu o rosto, olhando os murais.

“É o que dizem os livros de história, obviamente. Eu posso pintar um final em que me esbaldo numa ilha tropical, servida por escravos musculosos.

Mas tudo isso é apenas fantasia. Não significa nada. O final verdadeiro já aconteceu.”

“E quanto ao seu beijo em Agatha?”, Rafal virou-se. “Ou o beijo de Agatha e Tedros? Aqueles também não foram finais *verdadeiros*? E, no entanto, aqui estamos nós, de volta à sua história, como se aqueles finais nunca tivessem acontecido. Finais podem ser modificados, minha rainha”, ele olhou pela janela, para a Escola do Velho. “E modificados *eles têm* de ser.”

Sophie podia jurar ter ouvido um rugido vindo do fundo do Velho castelo, como um monstro fugindo de sua jaula.

“Os reitores estão ansiosos para conhecê-la”, ele disse, seguindo em direção à escadaria dos fundos. “Eles vão levá-la à sua sala de aula.”

Sophie não se mexeu, pousando as mãos nos quadris.

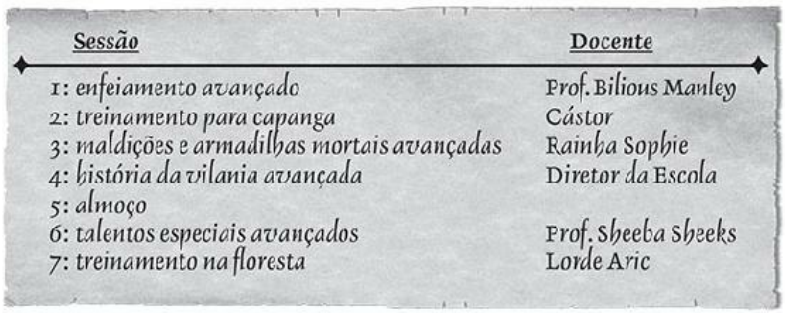
“Você mesmo disse. Agatha e Tedros estão a caminho para matá-lo. Eu não posso estar *em aula!* Tenho que protegê-lo... eu vou lutar com você...”

“E quem você acha que será seu exército contra Agatha e Tedros, se não sua classe?”, ele rebateu, sem olhar pra trás.

“O quê? Ninguém nessa escola gosta de mim... eles nunca me darão ouvidos...”

“Ao contrário, eles têm de ouvi-la”, disse Rafal, subindo os degraus da escada.

Em pé, sozinha no corredor, Sophie olhou a sombra dele passando pela balaustrada. Ela gemeu, conferindo rapidamente seu programa de aulas.



Sessão	Docente
1: enfeiamento avançado	Prof. Bilious Manley
2: treinamento para capanga	Cástor
3: maldições e armadilhas mortais avançadas	Rainha Sophie
4: história da vilania avançada	Diretor da Escola
5: almoço	
6: talentos especiais avançados	Prof. Sheeba Sheeks
7: treinamento na floresta	Lorde Aric

Sophie fungou, confusa. “Tem um erro aqui... meu nome está...”

“Sua classe.”

Sua classe.

Não. Não é possível. Sophie deixou cair a grade, como se fosse uma pedra.

“Eu sou *professora?”*

8
Quando Resgates do Bem Vão Mal

O caminho que serpenteava por entre as árvores era tão estreito e escuro que os três Sempre tinham que ir um atrás do outro, como patos rumo a um lago. Enquanto Tedros fixava o brilho dourado de seu dedo na Princesa Uma, adiante, continuava olhando para trás, para Agatha, cujo dedo reluzia apontado para ele.

"Pare de ficar me checando", Agatha finalmente estrilou.

"Ah, não, é só... eu não me lembrava que a luz dos nossos dedos combinava tanto", Tedros disse e rapidamente se virou.

Agatha não respondeu. Já estava farta dos olhares preocupados e da conversa açucarada, como se ela estivesse prestes a ter um colapso nervoso ou a se afogar no lago mais próximo. Além disso, ela não estava a fim de falar com ninguém (muito menos sobre simetrias cromáticas), receando que a conversa voltasse à sua mãe. Mas, acima de tudo, ela estava preocupada em tirar Sophie do Diretor da Escola, ensaiando, repetidamente, o que diria à melhor amiga, quando finalmente chegasse à escola.

Diga o quanto você sente sua falta... ou será que eu devo me desculpar primeiro?... Como é que se pede desculpas por ter arruinado a vida de alguém? "Desculpe, eu tentei bani-la para sempre"... "Desculpe, eu achei que você fosse uma bruxa"... "Desculpe, eu nunca perguntei o nome de sua mãe e sou uma porcaria de amiga..."

Agatha engoliu em seco. *Ah, pra que ficar revivendo o passado? Apenas faça com que ela destrua a aliança e depois foque no futuro. Nós três em Camelot... um novo começo...*

Agatha sorriu, tentando ser confiante... e murchou lentamente.

Primeiro peça desculpas.

Agatha voltou a ficar tensa. *Mas, e se ela não quiser destruir a aliança?*, pensou ao se lembrar de como o jovem Diretor da Escola era bonito. *Ela acha que ele é seu verdadeiro amor*, Uma dissera, e Agatha sabia, por experiência própria, que Sophie não era de abrir mão do amor quando o encontrava. *E se ela estiver feliz sem mim? E se não me quiser mais?*



“Eu vou resgatar a Sophie, quando nós a encontrarmos”, Tedros falou, como se tivesse decodificado seu silêncio. “Pra ser honesto, eu não tenho certeza se ela vai querer você por lá. Deixe-me falar com ela sozinho.”

Agatha ergueu os olhos, espantada.

“Primeiro, você já passou por muita coisa, meu amor”, acrescentou o príncipe, pulando por cima de um tronco de madeira. “Segundo, você tende a desmaiar em momentos cruciais. E, terceiro, a Sophie e eu temos nossa ligação especial.”

Agatha o seguiu, pulando por cima do tronco.

“Primeiro de tudo, eu estou *muito bem*. Segundo, eu desmaiei uma vez...”

“Duas: na aula de valsa e no lago...”

“E, terceiro, ela é *minha* melhor amiga... eu vou resgatá-la...”

“Olha, é melhor se eu fizer isso”, Tedros argumentou, caminhando mais depressa. “Vocês duas parecem ter sérios problemas de comunicação.”

“E vocês *não têm?*”, disse Agatha, correndo atrás dele.

“Tudo que você e Sophie fazem é brigar...”

“Porque sempre envolve *você!”*

“Bem, sem você, eu e ela nos damos muito bem”, Tedros bufou.

“Quando é que vocês dois sequer tiveram uma conversa?”, disse Agatha.

“Nós fomos companheiros de quarto, no ano passado...”

“Quando ela era um *menino!”*

“E o que isso tem a ver...?”

“Um menino que você tentou *beijar!”*

Tedros virou-se, vermelho como um pimentão.

“Você pode beijá-la e eu não?”

“Não quando ela é um menino!”, Agatha rugiu.

“Você a beijou quando ela era uma *menina!*”, retrucou Tedros.

“Eu gosto mais de vocês dois quando estão quietos”, chiou a Princesa Uma, olhando-os.

Tedros murmurou algo sobre “mulheres” e “hipócritas”, e seguiu marchando adiante, sem olhar mais para trás para checar sua princesa.

Durante as três horas seguintes, Uma, Tedros e Agatha prosseguiram arduamente na fila única, por entre a Floresta Sem Fim, parando somente quando Agatha colidia com uma árvore (frequentemente), ou quando Tedros precisava fazer xixi (mais frequentemente ainda). (“O que há de errado com você?!”, Agatha rugia. “Está frio!”) Agatha tentou perguntar à professora sobre o passado de sua mãe — Será que Callis estivera em algum livro de história? Como ela foi parar em Gavaldon? — mas Uma disse que teriam tempo para perguntas quando chegassem à sede da Liga.

“Sede da Liga?”, Tedros disse, franzindo o rosto. “Eu achei que nós fôssemos para a escola...”

“E quem você acha que irá colocá-lo *dentro* da escola?”, disse Uma. “O Diretor da Escola transformou os castelos em fortalezas do Mal. Tente entrar e vocês estarão mortos antes de passarem pelos portões. Sua mãe sabia que a Liga dos Treze é a sua única esperança de chegar viva até Sophie”, Uma deu uma olhada preocupada para o sol. “Além disso, essa noite vocês estarão a salvo na sede. Não vão durar nem um minuto sozinhos na Floresta depois que escurecer.”

“Você viu algum outro vilão ressuscitado? Além do lobo e do gigante?”, perguntou Agatha, tentando fazer com que a professora continuasse falando.

“Ainda não.” Uma olhou de volta pra ela. “Outro motivo para ficarmos em *silêncio.*”

O amanhecer desabrochou uma bela manhã de vento, e os alunos já não precisavam da luminosidade de seus dedos para enxergar. À medida que Agatha e Tedros adentravam mais a floresta, encolhidos em suas capas, Agatha notou uma névoa verde fria e sinistra se adensando no ar, com um cheiro azedo. Aquilo a fez se lembrar de sua geleia mofada na varanda da frente, onde Reaper colecionava seus pássaros sem cabeça. Sentindo um nó no estômago, ela pensou no gatinho careca sozinho em sua casa. Ela forçou-se a focar de volta no presente, nos galhos de árvores que passavam acima de

sua cabeça, finos e entremeados... como as mãos de um esqueleto... no tic-tac do relógio de sua mãe... O nó na barriga de Agatha apertou.

“Quando é que vai es-esquentar?”, perguntou Tedros, batendo os dentes. “O sol parece que está meio dormindo.”

Na verdade, Agatha também estava esperando que o sol ficasse mais forte, mas, a cada hora que passava, ele ficava mais pálido, mesmo quando estava alto no céu. Ela começou a notar os troncos caídos e as samambaias frágeis, o esqueleto de um esquilo nas folhagens do chão e os cadáveres de alguns corvos mal nutridos. Agatha tocou numa única ameixa que estava florescendo, tremendo numa árvore nua; ela murchou sob seus dedos e apodreceu, enegrecendo.

“Agatha, olhe”, disse Tedros.

Ela seguiu os olhos dele até uma ruína gigantesca de vinhas, árvores e vidro, a cerca de trinta metros do caminho, reluzindo sob a névoa do sol, como uma estufa implodida. Tedros desviou-se da trilha para ver melhor, com Agatha vindo logo atrás dele. Quando ela se aproximou da ruína colossal, a pelo menos cinco metros acima, viu pétalas e folhas se soltando dos troncos das árvores, captando a luz como novos botões na primavera. Contudo, ao chegar mais perto, Agatha viu que todas essas pétalas e folhas estavam mortas, salpicadas pela terra por entre sapos em decomposição. Agatha passou a mão num dos troncos caídos e seus dedos tracejaram as letras entalhadas na madeira: LINHA HIBISCO.

“É um trem do Campo Florido”, Tedros falou, inspecionando uma vinha morta. “A Floresta inteira parece estar morrendo. Será que o sol está fraco demais para manter as plantas vivas?”

Agatha não respondeu, ainda irritada pela discussão que eles tiveram mais cedo.

“Mas, por que o sol estaria mais fraco que antes?”, Tedros cutucou.

Um silêncio estranho se estendeu. Ambos resmungaram sobre seguir em frente e desviaram um do outro, como se fossem seguir a Princesa Uma, mas ela já estava bem à frente no caminho, só uma sombra em miniatura, e eles tiveram que sair correndo atrás dela quando perceberam que ela não ia parar.

Eles a seguiram pelo Caminho do Salgueiro e o Ponto das Abóboras, com placas de madeira que davam nome a esses locais, todos espelhando trechos da Floresta Azul da escola, só que maiores e mais assustadores. Ocasionalmente, Uma parava e deixava que eles comessem algumas

minhocas que trazia nos bolsos (a própria Uma se abstinha, dizendo ser rude comer suas “amigas”), ou pedia a algum pardal ou esquilo que os guiasse até o lago mais próximo, onde eles inalavam as mãos cheias de água salobra. Ainda assim, mesmo com todas as ameaças da Floresta, eles não se depararam com nada que lembrasse um ser humano, muito menos um zumbi vilão, e Agatha começou a se perguntar se havia imaginado tudo o que acontecera no Cume Necro.

Como se refletisse sua mente mais tranquila, a floresta se abria conforme eles seguiam, com mais ar entre as árvores e os arbustos espinhentos se transformando num tapete de grama, embora Agatha avistasse filetes amarelados começando a surgir. Quando passaram por uma placa dourada que dizia Foxwood, os ombros de Uma relaxaram visivelmente e logo o caminho de terra se alargou e eles puderam caminhar todos juntos, respirando um ar mais limpo e com uma sensação bem mais segura, como se tivessem adentrado um reino protegido.

“O mais antigo reino dos Sempre”, disse Uma, enfim à vontade.

Acima das árvores a oeste, Agatha via as torres finas de um castelo dourado reluzindo como tubos de um órgão, mas a professora já os conduzia a leste, descendo por caminhos mais densos.

“Nós vamos evitar as vias públicas e seguir pelos vales estreitos. É melhor evitar que vocês cruzem com quaisquer Sempre, por enquanto.”

“Por quê?”, perguntou Agatha, mas Uma estava ocupada demais tagarelando com uma abelha que passava.

Lá pelo final da tarde, eles chegaram a um poço de pedras e sua cobertura de madeira estava forrada de rosas brancas apodrecendo, enquanto um pombo bicava o balde seco. Agatha afastou as rosas e leu as palavras pintadas em branco:



“A Sede da Liga fica a apenas uma hora de caminhada daqui, portanto, nós chegaremos fácil antes do pôr do sol”, disse a Princesa Uma, colocando

uma minhoca na frente do pombo. O pombo se animou com a visão de Uma e arrolhou respondendo alegremente. “Ele disse que, com o regresso do Diretor da Escola, os Sempre têm ficado fora da Floresta, mas ele sabia que eu ainda voltaria para verificar como estão os meus amigos.”

O pombo olhou para Agatha e Tedros e soltou alguns arrolhos interrogativos.

“Sim, meu benzinho, são eles mesmos”, Uma assentiu, afagando o pombo, e o pássaro lançou olhares nervosos ao jovem casal, acrescentando mais alguns arrolhos sussurrados. “Ele ouviu dizer que vocês são os Sempre destinados a derrotar o Diretor da Escola”, Uma conteve um sorriso. “E ele acha que seus filhos serão muito... interessantes.”

Tedros riu. Agatha, não.

“Vou aproveitar para lhes mostrar a casa da Branca de Neve, ao longo do caminho”, disse Uma, seguindo adiante pela trilha. “Os príncipes ocuparam-na depois do Despejo dos Meninos, até que o Diretor da Escola voltou e as meninas imploraram para que todos os meninos voltassem e ajudassem a proteger os reinos. No fim das contas, para fazer com que inimigos façam as pazes é necessário apenas um inimigo maior. Então, provavelmente não vem ninguém aqui há semanas. Eu costumava ter muuuitos amigos no Chalé da Branca de Neve, sabe — ovelhas, porcos e até cavalos! Sempre gostei de trazer minhas turmas aqui para conversar com eles, mas Clarissa dizia que os animais da Floresta Azul eram perfeitamente adequados para as lições. Ela nunca gostou de excursões. Acha que os alunos passam o tempo todo se beijando atrás das árvores”, Uma seguia na frente. “Tem um pouquinho de verdade, eu acho.”

Enquanto Agatha e Tedros olhavam-na caminhando, Tedros veio para o lado de sua princesa.

“Apenas me ouça. Eu não tenho a intenção de dizer que você não é tão boa amiga de Sophie quanto eu...”

“Você mal a *conhece*”, Agatha disparou.

“Será que dá pra você me escutar dois segundos sem tentar me comer?”, Tedros disparou de volta.

Agatha fumegava, silenciosamente.

“Olhe, nós dois sabemos que você é a melhor amiga dela. Que você foi quem passou mais tempo com ela”, disse Tedros. “Mas você não entende por que Sophie aceitou a aliança. Sophie só quer ser *amada*, está bem? Ela está

disposta a abraçar o Mal mais sombrio, só para não acabar sozinha. Eu sei quanta dor há dentro dela, porque ela me contou. Dor que ela jamais confessaria a você, porque ela não quer que você veja."

"Você acha que a Sophie é mais honesta com você do que comigo?", perguntou Agatha.

"É mais complicado que isso. Sophie achou que eu a amava, Agatha. Ela achou que eu era o príncipe dela. Você mesma me disse: tudo que Sophie sempre quis foi um final feliz igual ao nosso. Se você falar com ela, ela jamais destruirá aquela aliança. Ela vai se comparar a você e todos aqueles sentimentos virão à tona. Ela se sentirá como uma 'vela' para mim e para você. Ela se sentirá *sozinha*."

"Então, deixe-me adivinhar: só você pode fazer com que ela destrua a aliança", Agatha alfinetou.

"Sim", Tedros disse, fervorosamente. "Porque eu posso fazer com que ela veja que, se vier conosco, ainda terá a chance de ter seu verdadeiro amor um dia, mesmo que não seja com ele. Posso fazê-la enxergar como ela é bonita e vibrante... como é suave, inteligente e divertida e...." Ele sorriu, perdido nas lembranças. "Posso fazer com que ela se sinta amada de um jeito que você não pode."

Agatha observou o sorriso vidrado enquanto ele olhava para o nada. Ele costumava ter essa mesma expressão olhando para ela. Agora, ele estava falando de outra garota, com a mesma expressão. Tedros piscou saindo do transe e viu Agatha vermelha.

"*Eu* que vou resgatá-la, sozinha. Entendeu?", disse ela, passando por ele com determinação, marchando pelo caminho, antes de parar e olhar pra trás. "E se você se atrever a desmaiar perto de mim, eu não vou segurá-lo!"

"Príncipes não desmaiam!", Tedros fungou.

Agatha cerrou os dentes e disparou adiante até alcançar a professora. A Princesa Uma olhou para ela, depois deu uma olhada em Tedros, que resmungava com si mesmo mais atrás.

"Os finais felizes sempre parecem tão fáceis nos livros, não é?"

"Às vezes, sinto que ele precisa de uma princesa de *verdade*", disse Agatha.

"Por todo esse tempo você foi um fantasma, sem que eu soubesse?"

"Você sabe o que quero dizer. Eu sinto que, no fundo, ele quer alguém bonita e cheia de nove horas, que o trate como um príncipe", Agatha olhou

para a professora. “Alguém cujos filhos não sejam tão interessantes.”

“Eu tive um príncipe de cabelos brilhosos e com um narizinho como o meu, a quem eu sempre colocava em primeiro lugar”, respondeu Uma. “O para sempre não foi mais fácil.”

“Você teve um príncipe?”

“Kaveen, Príncipe de Shazabah. Bisneto de Aladim. Ele me salvou de um enxame de abelhas-vampiras durante a Prova dos Contos, no meu primeiro ano. As abelhas quase o mataram, e Kaveen perdeu sua chance de ser Capitão... mas, no fim, ele tinha me ganhado. Clarissa costumava nos flagrar escondidos na biblioteca depois da hora de recolher. Aquela tartaruga estava sempre dormindo, e há um cantinho aconchegante, atrás da prateleira de Feitiços de Amor. Nossas iniciais ainda estão entalhadas na madeira”, ela sorriu, relembrando. “Depois que nos casamos, fui sequestrada por um bruxo, na Floresta Nunca, que tinha a intenção de pedir um resgate para me devolver ao meu príncipe. Parte de mim sabia que eu deveria esperar que Kaveen viesse me salvar. Mas eu não poderia arriscar a vida do meu príncipe! Já imaginou se Kaveen fosse ferido? Se o feiticeiro o matasse?”, os olhos caramelos de Uma brilharam. “Um veado branco da Floresta atendeu ao meu pedido de ajuda. Ele matou o feiticeiro, arrancando-lhe o coração com seus chifres, e batalhou com os capangas dele enquanto eu fugia. Na hora em que Kaveen chegou, eu já estava livre.”

“Eu me lembro de ter visto isso numa pintura”, disse Agatha, pois Uma havia apresentado seu livro de história no primeiro dia de aula. “Foi um final feliz.”

“É o que parece no papel, não é?”, a professora disse, baixinho. “O Storian escreveu o triunfo da Princesa Uma para que todos soubessem... só que o meu príncipe não fazia parte dele. Eu me tornei lendária pela minha profunda amizade com os animais, enquanto Kaveen foi interminavelmente escarnecido por ter chegado tarde demais para salvar sua princesa, um fracasso. Ninguém vê isso no livro de história, vê?”, ela fez uma pausa. “Claro que ele nunca me culpou. Mas o estresse vai lentamente cobrando seu preço, dia após dia, até que um dia, você percebe que estamos sempre brigando, ou ignorando um ao outro, e não consegue mais ser como era antes. Seu final feliz já não parece nada feliz.”

“Então, o que acontece?”, Agatha sentiu um comichão avermelhado surgindo em seu pescoço.

“Então, vocês dois acabam ficando melhor com outra pessoa, não é? Ou até sozinhos...”, a voz de Uma falhou. “Como eu...”, uma lágrima desceu por seu rosto. “Uma vez que a felicidade entre duas pessoas some, acho que ela nunca mais volta.”

“Mas... mas ela tem que voltar!”, Agatha relutou. “Foi por isso que eu e o Tedros voltamos... para sermos felizes juntos...”

“Então, vocês terão que provar que estou errada, não é?”, Uma deu um sorriso triste.

“Mas você é uma princesa de *verdade!*”, Agatha sacudiu a cabeça. “Se você não conseguiu manter seu príncipe, então como eu posso...”

“A Branca de Neve ainda mora no chalé?”, quis saber Tedros, passando entre as duas.

Agatha limpou a garganta. Uma secou os olhos com a manga cor-de-rosa.

“Uma rainha numa casinha? Não seja tolinho”, ela respondeu, com a voz ronronada, caminhando mais depressa. “A Branca mora no castelo do rei, aquele que vocês viram antes. Agora ela está sozinha, já que o rei morreu com uma mordida de cobra, cinco anos atrás, e seus amigos anões estão espalhados por outros reinos, ricos e bem cuidados. Quando o Diretor da Escola regressou, a Liga ofereceu abrigo à Branca na sede, mas ela disse que estava bem feliz com sua nova vida e não tinha intenção de regressar à vida antiga.”

“O que a Liga tem a ver com a vida antiga de Branca de Neve?”, perguntou Agatha.

“E por que a Liga protegeria alguém cuja história já *acabou?*”, Tedros debochou.

Um grito agudo e arrepiante irrompeu pela Floresta. Os três Sempre pararam na hora, olhando acima, para uma parede de quase três metros de altura, feita de lilases murchas, que se estendia pela trilha. O grito tinha vindo ali de trás.

“Vamos pegar outro caminho!”, disse Uma, em pânico. “Vamos usar o... *Tedros! O que você está fazendo?!”*

Tedros correu até a cerca viva.

“Pareceu o grito de socorro de uma garota.”

Sem palavras, Uma virou-se para Agatha.

“Venha comi... *Agatha!”*

“Se ele vai salvar uma garota qualquer, eu devo ficar de olho nele, você

não acha?”, Agatha declarou.

Uma estava prestes a lançar um feitiço paralisante nos dois, mas era tarde demais; eles já estavam remexendo as lilases.

“‘Resgate-os de uma cova’... essa era a minha ordem”, Uma bufou, enquanto passava pelas flores indo atrás deles. “Nada de persiga príncipes ou lide com namoradas ciumentas...”

Ela passou pela cerca viva e gelou. Agatha e Tedros estavam ao seu lado.

Situada nos fundos de uma clareira, estava a casinha da Branca de Neve, meio na penumbra, com seus dois andares de madeira e um telhado rosa em formato de chapéu de princesa. Uma explosão de arbustos e flores coloridas havia crescido aleatoriamente no telhado, assim como trepadeiras no primeiro andar, com a chuva fazendo brotar a cor na floresta, tanto que a casa tinha um tom de arco-íris em todos os lados. No jardim da frente, em meio aos botões negligenciados e um ponto de encontro para as excursões, havia sete pares de sapatos de bronze, todos enfileirados, manchados e marcados pelo tempo, uma homenagem aos sete velhos anões que haviam partido para viver novas vidas. Só que agora, enquanto os três Sempre olhavam os quatorze sapatos que deveriam estar vazios, eles viam que não estavam vazios, não.

Diante de cada par de sapatos de bronze, havia o corpo de um anão, virado de bruços numa poça de sangue. Cada um deles trajava uma túnica de cor sólida, dos pés à cabeça, com toucas de dormir da mesma cor, feitas em veludo, e seus pequenos pés se encaixavam perfeitamente aos sapatos esculpidos.

A julgar pela palidez das mãos e a rigidez das pernas, estava claro que todos eles estavam mortos.

“Não... não... não é possível”, Uma resfolegou, cambaleando para trás.

“Você disse que eles tinham p-partido daqui para sempre!”, Agatha gaguejou, encolhendo-se junto à cerca viva.

“Há *décadas!*”, Uma forçou-se a dizer. “Alguém deve ter... alguém deve tê-los trazido de volta...”

“Que monstro traria os anões de volta, só para matá-los?”, perguntou Agatha.

Uma fitava com o olhar vazio.

“Bem, quem quer que seja, já partiu”, disse Tedros, olhando a Floresta ao redor deles. Ele se endireitou, esforçando-se para agir como um príncipe. “Eu vou... é... checar se algum deles ainda está vivo.”

“Se for o caso, nós temos que levá-los de volta à Liga!”, Uma apressou-se, seguindo atrás dele.

Agatha ficou atrás, boquiaberta diante dos corpos e das poças em vermelho vivo. Morte por toda parte: anões... o Guardião da Cripta... sua mãe... ela se virou, sentindo arrepios, tentando não ligar as mortes. Ofegante, focou na grama sob seus pés, nos rizomas revirados e rachados pelo frio, até que, aos poucos, sua mente recomeçou a raciocinar. Quem se daria ao trabalho de trazer sete anões de lugares diferentes para seu velho lar? Quem os mataria a sangue frio e organizaria os corpos com tanta precisão? Agatha sacudia a cabeça, pensando naquele grito horrendo de socorro. Quem poderia ser tão grotesco... tão do *Mal*...

O coração de Agatha parou. Aquele grito. Agudo. De mulher. *Não tinha sido um grito de anão*. Agatha lentamente ergueu os olhos para o chalé da Branca de Neve, como se fosse uma mariposa encontrando uma chama.

Nem seu príncipe nem sua professora notaram quando ela se distanciou da cerca viva, nem notaram a porta rangendo ao vento enquanto eles verificavam os anões, passando de um a outro, checando seus pequenos corações.

Quando Tedros ouviu o silêncio do último anão, Agatha já estava lá dentro.

9
Os Piores Sempre de Todos os Tempos

A primeira coisa que Agatha notou no chalé da Branca de Neve foi que ela tinha o cheiro de Sophie. Em pé, na porta, ela fechou os olhos e inalou o aroma... lavanda... algodão-doce... neblina coberta de baunilha...

A porta rosada da frente tremia e rangia atrás dela. Ela a deixara aberta e dava para ouvir Tedros e Uma no jardim, discutindo quanto ao que fazer com os corpos. Ela não sabia por que não tinha chamado Tedros para checar a casa com ela; talvez, depois da primeira discussão que tiveram na Floresta, ela quisesse fazer alguma coisa sem ele... ou talvez ela quisesse testar para ver se ele sequer notaria sua falta... ou, talvez, ela tinha passado tanto tempo da jornada agindo toda melindrosa e fraca, que ela queria compensar por isso... Qualquer que fosse o motivo, ali estava ela, totalmente sozinha, em busca de quem tinha dado aquele grito.

Agatha abriu os olhos. Num lampejo, ela adentrou a casa.



A sala tinha uma aparência aconchegante, com uma lareira cheia de fuligem e poltronas grandes, um tapete felpudo vermelho-amarronzado, feito de plumas de falcão, uma prateleira de pedras preciosas, conchas do mar e ovos de animais sob uma janela fechada, e uma escada de madeira, no canto,

bloqueada com uma fita de veludo vermelho. Agatha olhou a placa de bronze na parede:

Quando vivia nesse chalé, a própria Branca de Neve a decorou, usando miudezas que os anões adquiriam em suas viagens. A sala da casa está preservada precisamente do modo como ela deixou quando se mudou para o Castelo de Foxwood, para se casar com seu príncipe. O único acréscimo da sala foi uma poltrona costurada à mão, feita com pele de carneiro e pelos de gato — um presente de casamento da Rainha Má, que entrou de penetra no banquete, disfarçada como uma velha mascate. A visão de Branca de Neve com seu príncipe, porém, fez com que a rainha gritasse de ódio, delatando-a. Como punição, Branca de Neve ordenou que ela dançasse diante de seus convidados, com sapatos vermelhos, até cair morta. O presente da rainha é mantido no Chalé Branco, como um lembrete permanente de que o Bem sempre triunfa sobre o Mal.

O Museu do Chalé Branco é mantido pela Sociedade dos Sempre de Preservação Cultural.

Não é permitida a entrada de bebês, animais ou gigantes.

Atrás da sala de estar, a cozinha também estava bloqueada, assim como a escada, mas Agatha espiou e viu um nicho empoeirado e deserto, nada de pegadas no chão, nem qualquer sinal de vida, exceto por algumas moscas revoando perto de uma torneira que pingava.

"Agatha?", Tedros chamou lá fora. "Onde você está?"

Agatha relaxou, sentindo um alívio na barriga. No fim das contas, o grito deve mesmo ter sido de um dos anões. Ela estremeceu diante de um pensamento tão mórbido e correu na direção da porta da frente, determinada a chegar à Sede da Liga. Fosse quem fosse essa Liga, sua mãe confiara neles para ajudá-la. *Você tem que salvar Sophie, como Stefan salvou você,* ecoava a voz de Callis...

Agatha subitamente parou no foyer.

Um rangido ecoou em algum lugar, lá em cima... Depois parou.

Ela lentamente ergueu os olhos para o teto. Ela sabia que uma princesa sensata teria chamado seu príncipe, mas, em vez disso, estava novamente adentrando a sala de estar, tirando as botinas, uma por uma, antes de deixá-las na poltrona de pele de carneiro. Ela sentia os pés nas plumas do tapete, mas manteve os olhos fixos no teto até passar por debaixo da corda, nos fundos da sala. Subiu a escada, sorrateiramente, engatinhando, dando um

tempo entre os passos para que os rangidos da escada fossem camuflados pelo ranger da porta da frente.

No alto da escada, havia um corredor estreito e dois quartos. Agatha ergueu-se cuidadosamente e espiou dentro do primeiro deles. Havia sete caminhas enfileiradas, como se fosse um dormitório de orfanato, cada uma delas caprichosamente coberta com lençóis coloridos combinando com as sete túnicas dos anões mortos, cujos corpos estavam lá fora.

Agatha sentiu uma onda de tristeza. Antes da noite anterior, a morte havia sido algo raro em sua vida, e agora a seguia como uma mortalha. Como era estar vivo, num momento — como sua mãe, como o Guardião da Cripta, como esses sete ajudantes do Bem — e ter partido, no instante seguinte? O que acontece com todos os seus pensamentos, seus medos, seus sonhos? O que acontece com todo o amor que você ainda tem para dar? O corpo dela estremeceu como se tivesse ido fundo demais, e ela subitamente estava alerta quanto ao silêncio que a cercava. Por que eu ainda estou aqui? Ela repreendeu a si mesma, virando-se de volta. À essa altura, Tedros estaria morto de preocupação. Ela rapidamente saiu dos aposentos dos anões e inclinou-se à frente, para olhar o quarto seguinte...

Agatha agarrou a parede de susto.

No quarto branco como gelo, o corpo frágil de uma mulher estava deitado de bruços, no chão de madeira, com a cabeça escondida embaixo da cama com dossel. Uma coroa de cristal reluzia ao seu lado, como se tivesse sido derrubada quando ela caiu. Mas a mulher morta não foi o que deixou Agatha pasma de pavor.

Uma velha encarquilhada, de preto, estava ajoelhada ao lado do corpo. Ela tinha olhos vermelhos e um nariz de porco, uma porção de pontos e uma pele marrom e descascada, exatamente como o lobo da Chapeuzinho Vermelho e o gigante de João que ela vira na Floresta. Com a mão semelhante a uma garra, ela se agarra a um livro de história mofado, aberto na última página: uma pintura de um príncipe beijando a Branca de Neve, trazendo-a de volta à vida, enquanto sete anões sorriam alegremente, e uma bruxa morta no chão, atrás deles.

Uma bruxa morta que parecia exatamente com a velha encarquilhada segurando o livro de história.

“Aquela foi a história antiga...”, a bruxa disse com a voz arrastada, olhando a última página no livro...

Diante dos olhos de Agatha, a pintura magicamente se redesenhou, até que mostrasse a velha bruxa, agora agachada sobre o cadáver de Branca de Neve com todos os anões mortos atrás dela.

“E essa é a nova”, a bruxa sorriu.

O foco de Agatha desviou-se de volta ao cadáver meio escondido embaixo da cama... a coroa real jogada... e um pavor profundo se apoderou dela, subindo pela espinha, quando ela se lembrou do que o gigante de João tinha dito no Cume Necro...

“*Nós deveríamos estar por aí, consertando a nossa história, como os outros*”.

“*Ele logo nos dará uma chance com nossa história*”, respondera o lobo de Chapeuzinho Vermelho.

A bruxa deu uma batida, fechando o livro de história com um ruído triunfante, arrancando Agatha de seus pensamentos. Ela deu uma olhada para a velha se levantando de costas para a porta...

“Agatha!”, a voz de Tedros gritava lá fora.

A bruxa soltou o livro no chão. Antes que Agatha pudesse se mexer, ela girou e cruzou com seu olhar, um olhar letal.

Agatha encolheu-se num canto, grudando na parede. A bruxa sacou um pequeno punhal cravejado de pedras de sua capa, coberto de sangue seco. Agatha foi na direção da escada. Longe demais para correr. Ela se virou e viu a bruxa vindo em sua direção, encurralando-a no canto. O dedo de Agatha acendeu em dourado de terror, a bruxa estava a três metros de distância, mas ela não conseguia se lembrar de um único feitiço da aula. Agatha abriu a boca para gritar por seu príncipe. A bruxa foi veloz demais. Ela golpeou a faca na direção do pescoço de Agatha, como uma bala...

Com um grito, Agatha lançou um raio dourado de seu dedo e a faca se transformou numa margarida de pétalas aveludadas, e caiu flutuando até o chão.

Resfolegando, Agatha olhava a flor, grata por Sophie ter usado o truque contra ela no primeiro ano. Era o único feitiço que ela jamais esqueceria.

“*Agatha!*”, Tedros gritou novamente.

Agatha olhou para cima apressada, mas era tarde demais. A bruxa lançou-a contra a parede com uma força descomunal, fedendo a podre, e a manteve no alto segurando-a pelo pescoço com a mão manchada. Asfixiada, Agatha viu as cicatrizes nos tornozelos e nas pernas da bruxa. “*Ordenou-a a*

dançar... até cair morta...”, Agatha se lembrou, esforçando-se para se manter consciente, enquanto a bruxa apertava seu pescoço com mais força ainda. Uma vez, ela e Sophie também dançaram de sapatos vermelhos... foi uma punição de Yuba, no primeiro ano... *ou foi no segundo ano?...* Agatha sentia sua mente se esvaindo, com o polegar da bruxa apertando sua traqueia. Ela tentava pensar no rosto de Sophie enquanto elas dançavam... seu rosto impotente, aqueles olhos de dor... a escuridão a estrangulava, puxando-a para baixo. *Não... por favor... ainda não... Sophie... eu vou salvá-la... você...*

Um raio de luz irrompeu nela, que cravou os dentes no braço ossudo da bruxa e mordeu com toda força. A velha deu um grito agudo e soltou-a. Agatha curvou-se, engasgada e ofegante, com a bruxa olhando-a, boquiaberta, como se morder não fizesse parte do livro de uma menina do Bem, como se essa peça de cabelo oleoso e olhos esbugalhados fosse do Mal, no fim das contas...

Agatha deu-lhe uma joelhada na barriga e mergulhou rumo à escada, quase chegando ao primeiro degrau, só para sentir a bota da bruxa colidindo na parte traseira de sua perna. Agatha caiu no chão, batendo o nariz na madeira. Ela sentiu o sangue quente escorrendo e estancou com a mão, enquanto virava para se defender da bruxa...

Mas o corredor estava vazio, a bruxa tinha desaparecido.

Agatha cambaleou até a beira da escada. A sala estava tão silenciosa quanto no momento em que ela entrara, a janela acima da estante estava escancarada, com o vento entrando. Tedros irrompeu pela porta, com o rosto vermelho.

“Agatha, onde está...”, ele a viu na escada e ficou ainda mais vermelho. “VOCÊ QUER QUE EU TENHA UM ATAQUE?! ESTOU GRITANDO FEITO UM BOBO, SEM SABER SE VOCÊ ESTÁ VIVA OU MORTA, E VOCÊ ESTÁ BRICANDO DE ESCONDE-ESCONDE COMO UMA CRIANÇA NO PLAYGROUND, TODA XEXELENTA E ENSANGUENTADA...”

O rosto de Tedros mudou.

“Agatha”, ele sussurrou, parecendo muito assustado. “Por que você está sangrando?”

Agatha sacudiu a cabeça, com as lágrimas brotando, rapidamente ficando sem ar, sem conseguir responder...

Um grito veio lá de fora. Agatha e Tedros ficaram rijos, igualmente

ofegantes.

"*Uma*."

Instantaneamente, o príncipe partiu porta afora, com Agatha correndo atrás dele... A Princesa Uma estava sentada junto a uma árvore, perto dos cadáveres dos anões, com os olhos assustados e arregalados, as pernas estendidas como uma boneca de porcelana. Tedros derrapou ajoelhando diante dela, sacudindo-a pelos ombros. Uma não se mexia.

"O que há de errado com ela?", ele gritou.

Agatha aterrissou ao lado dele e tocou o rosto de Uma. Seus dedos fizeram um som oco na pele acinzentada da professora.

"Petrificação", ela disse, lembrando-se da maldição uma vez usada contra os professores.

"Qual é o feitiço de contrapartida?", perguntou o príncipe.

"Somente quem lançou o feitiço pode desfazê-lo", ela olhou para Tedros. "Aquela bruxa... que fez isso...", Agatha empalideceu.

"Que bruxa?", Tedros pressionou, mas Agatha estava frenética olhando o vale deserto... Ela se amuou. Eles jamais encontrariam aquela velha bruxa. A Princesa Uma estava tão boa quanto se estivesse morta.

Ela também não. Nossa única esperança, não. Agatha não prestou atenção ao grasnado alto que algum passado emitia e mergulhou o rosto nas mãos. *E agora, como chegaremos até Sophie?*

"Agatha..."

"Agora não", ela sussurrou, com a cabeça latejando de medo, tristeza e do barulho estridente feito pelo pássaro.

"Agatha, olhe..."

Agatha girou. "Eu disse agora n...", ela franziu o rosto.

O pombo do poço estava no colo do príncipe, arrulhando zangado para os dois.

"O que ele está falando?", Tedros perguntou a ela.

"Como é que eu vou saber?"

"Você que fez aulas de Comunicação Animal!"

"E quase incendiei a escola...", Agatha se interrompeu, o pombo estava desenhando na terra, com sua asa. "Por que ele está desenhando um elefante?"

O pombo soltou uma porção de arrulhos, furiosamente modificando o desenho.

“É uma doninha”, Tedros imaginou. “Olhe as orelhas.”

“Não, é um veado...”

“Ou um guaxinim.”

O pombo agora estava apoplético, desenhando mais linhas.

“Ah! Um coelho”, disse Agatha.

“Decididamente um coelho”, Tedros concordou. Ele olhou para Agatha. “Por que ele está desenhando um coelho?”

O pombo revirou os olhos e apontou a asa à frente.

Tedros e Agatha se viraram e viram um coelho gordo e careca olhando pra eles, por trás de uma árvore, vestido com uma casaca azul suja, com um cisne prateado bordado sobre o coração, uma echarpe branca hedionda e óculos tortos na ponta do focinho. O coelho arrancou um relógio de bolso do casaco, apontou para ele rabugento e saiu correndo por um caminho de terra, vale abaixo.

“Hmm. Eu acho que ele quer que a gente vá atrás dele”, disse Agatha.

“Bem, o que estamos esperando?”, disse Tedros, jogando Uma por cima do ombro e seguindo adiante. “Se ficarmos mais tempo, talvez possamos acabar mortos, como aqueles anões.”

“Mas não deveríamos saber onde eles estão nos levando?”, Agatha gritou. “Não podemos simplesmente seguir um animal estranho de cachecol...”

“Quanto mais depressa nós o seguirmos, mais depressa nós encontraremos alguém que saiba como despetrificar a professora”, o príncipe falou.

Eles seguiram o coelho por entre as árvores enquanto a escuridão recaía sobre a Floresta como uma praga, e o sol não oferecia qualquer resistência contra a noite. Em breve, eles não conseguiriam enxergar nada, e se não fosse pelo ritmo corpulento do coelho, eles o teriam perdido no escuro. Uivos agourentos e gritos abafados surgiam adiante deles, e Agatha tentava ignorar os deslizes e escorregões na mata rasteira que encobria o caminho. Olhos amarelos e vermelhos espiavam acima, como estrelas malevolentes, alertando-a que o perigo estava a caminho e vinha veloz. *Se ao menos soubéssemos onde fica a Sede da Liga*, pensava Agatha, infeliz. Sua mãe havia sacrificado sua vida para garantir que eles chegassem à Liga... *e eu nem me dei ao trabalho de perguntar à Uma onde ficava? Por que eu não tinha um plano de backup, caso acontecesse alguma coisa? Por que não consigo pensar direito?* Agora, em vez de encontrar o lugar onde eles estariam em

segurança essa noite, eles estavam numa corrida maluca, carregando uma professora petrificada, perseguindo um coelho obcecado com o tempo, quem sabe para onde? Com Tedros mais lento por carregar o peso de Uma, Agatha acompanhou o ritmo do coelho por mais de uma hora, silenciosamente punindo a si mesma pelo apuro que eles passavam, até que ela finalmente teve um vislumbre de um facho de fumaça emanando em meio aos pinheiros adiante.

Ao se aproximarem, Agatha começou a sentir cheiro de sândalo misturado a algo que ela não conseguia identificar exatamente, e quando eles adentraram uma pequena clareira, ela viu que as colunas de fumaça saíam de um lugar na terra, meio encoberto por samambaias mortas. O coelho chutou as samambaias de lado e desapareceu no buraco antes de pôr a cabeça para fora, impacientemente. Agatha parou, relutante em seguir um estranho para dentro de um buraco...

"Nada a perder", Tedros murmurou ao parar bem ao lado dela.

Antes que Agatha pudesse discutir, seu príncipe desceu Uma para dentro do buraco e entrou atrás dela. Irritada, Agatha também entrou depois dele, aterrissando sem jeito na escuridão, antes que Tedros a amparasse junto a seu peito, encharcando-a com seu suor. *Ele cheira bem*, Agatha notou, inalando seu cheiro fresco de menta. Como um menino poderia estar com esse cheiro de campos primaveris, depois de tudo que eles tinham passado? De súbito, ela pensou em Sophie, que cheirava a creme de mel depois de perambular por Graves Hill no maior calor. Talvez por isso que Tedros sinta falta de Sophie, pensou Agatha, amarga... eles poderiam passar o dia cheirando um ao outro, ídolos louros indefectíveis, enquanto ali estava ela, "toda xexelenta e ensanguentada", fedendo a estresse, terra e bruxa ressuscitada...

"Tem alguém aí?", Tedros gritou.

Agatha ficou alerta, constrangida por seus pensamentos. Estava um breu dentro do buraco e o coelho não estava em lugar algum à vista.

"Alô?", Tedros gritou.

Ninguém respondeu. O príncipe estendeu a mão e sentiu uma parede de terra à sua frente.

"Por que nós sempre acabamos na *terra?*"

A barriga de Agatha roncou.

"Talvez o pombo estivesse nos dizendo para comer o coelho, em vez de segui-lo."

“Ou talvez, o coelho estivesse nos dizendo para deixar Uma aqui, enquanto vamos procurar pela Sede da Liga.

“Você quer que a gente deixe uma professora petrificada num buraco e *vá embora?*”, disse Agatha, abismada.

“Ela não vai a lugar algum.”

“Imagino que você também vai me largar num buraco no momento em que eu também me tornar inconveniente”, murmurou Agatha, estranhamente confidenciando no escuro.

“Hã?”

“Depois você vai buscar sua linda, cheirosa e vibrante Sophie sozinho”, Agatha disparou, sem conseguir se conter.

“Você por acaso não comeu nenhum cogumelo esquisito no caminho, comeu?”

“Vá em frente, pode rir. Vocês podem batizar seus filhos de Louro e Louríssima.”

“Nunca imaginei que você fosse do tipo ciumenta”, disse Tedros, admirado.

“Ciúmes? Por quê? Porque você quase a beijou como um menino *e* uma menina? Porque você pode fazer com que ela se sinta amada de um jeito que eu não posso? Eu? *Ciumenta?*”, Agatha resmungava, agora envergonhada.

“Não é a Sophie que deveria ser a maluca?”

“Aposto que você não a deixaria num buraco escuro...”

“E nós achamos que Tweedledeee Tweedledum não tinham jeito”, disse uma voz de alguém mais velho.

Agatha e Tedros engasgaram, reconhecendo a voz na hora, e se viraram para ver uma tocha acesa na mão de um gnomo barbudo, com um casaco verde e um cisne prateado acima do coração, com um chapéu laranja pontudo. Um gnomo que Agatha achou que tinha morrido num incêndio, mas ali estava ele, vivo, num esconderijo secreto. Ela abriu um grande sorriso, radiante de alívio... Yuba não retribuiu o sorriso.

“Primeiro, vocês perdem uma professora porque fracassam em proteger um ao outro diante do perigo mortal. Depois, vocês brigam com tanta frequência e tão ruidosamente que alertaram a Floresta inteira de sua localização. Agora, vocês estão tão ocupados insultando um ao outro que se esquecem de usar um simples feitiço de facho de luz para iluminar seus arredores, no tempo em que um Troll cavernoso poderia ter esmigalhado a

cabeça de ambos. Se não fosse um coelho para salvá-los de vocês mesmos, vocês, seus palermas, estariam mortos antes do amanhecer", ele disparou, remexendo os dedos na varinha branca, como se quisesse bater nos dois com ela. "Um Grupo do Mal é uma coisa, mas vocês dois talvez sejam os piores Sempre... de todos os tempos."

Agatha e Tedros olharam para baixo, humilhados. Yuba suspirou.

"Para sua sorte, a Liga precisa de vocês, tanto quanto vocês precisam dela."

Tochas ganharam vida, iluminando um esquadrão de estranhos atrás dele, dentro da sede cavernosa do tamanho de uma casa.

"Apresento-lhes a honrosa Liga dos Treze, legião lendária do Bem e da Iluminação", Yuba proclamou com um sorriso imperial, claramente esperando que os Sempre parecessem impressionados, admirados, ou, no mínimo, gratos pelo pelotão glorioso que eles tinham percorrido todo esse caminho para ver.

Em vez disso, Agatha e Tedros ficaram pálidos de pavor.

Porque a Liga dos Treze, que era a única esperança que eles tinham de salvar Sophie, a Liga dos Treze, que era a única esperança que tinham de continuarem vivos... era inteira muito, muito *velha*.

10
O Décimo Terceiro que Falta

"Você só pode estar brincando", Tedros disse, enquanto ele e Agatha olhavam de olhos arregalados para a equipe anciã.

Agatha contou quatro homens e quatro mulheres — uma gangue geriátrica cheia de manchas, pescoços enrugados, orelhas cabeludas, olhos embaçados, dentes amarelados, membros ossudos e cabeças com cabelos esparsos, sem cor ou mal pintados. Dois deles estavam em cadeiras de rodas, três usavam bengalas, dois eram corcundas e tinham pernas tortas e um deles era uma mulher com obesidade mórbida de vestido muumuu, passando maquiagem diante de um espelhinho.

Todos eles tinham o emblema do cisne prateado sobre o coração, assim como Uma, Yuba e o Coelho Branco, distintivos de membros de uma Liga a quem sua mãe confiara a vida da própria filha.

Ela nos mandou aqui por um motivo, pensou Agatha, desesperadamente. Será que eles arrancariam suas máscaras, revelando guerreiros invencíveis? Será que magicamente se transformariam em jovens, como o Diretor da Escola? Agatha ficou na expectativa, esperando e rezando para que algo acontecesse...

A Liga piscava e olhava, como peixes num aquário, também esperando que algo acontecesse. "Eu disse que eles não nos reconheceriam", resmungou a gordona, com o espelho.

"Reconhecê-los?", no reflexo, Agatha deu uma olhada no traje cor-de-rosa da mulher, em seus olhos verdes estreitos, o queixo largo, as maçãs do rosto horrendamente pintadas de rouge, e o ninho de cachos amassados que ela tentou pintar de castanho e acabou ficando azul. Ela parecia uma boneca

resgatada do fundo de uma piscina. “Estou bem certa de que jamais a vi — ou nenhum de vocês — em toda minha vida”, Agatha falou, observando o grupo. Ela se virou para Tedros, torcendo para que ele tivesse visto algo neles que ela não tivesse, mas seu príncipe estava vermelho como um pimentão, prestes a explodir.



“*Isso* é o que supostamente irá nos levar até Sophie?”, ele rugiu, com os olhos azuis percorrendo o tapete cor de vômito, os sofás com estampa floral, as cortinas carcomidas pelas traças e treze colchões finos e duros, divididos em duas fileiras. “Uma casa de repouso para os que estão prestes a morrer?”

Yuba o puxou de canto.

“Como se atreve a falar desse jeito com a Liga!”, ele chiou, espiando para ter certeza de que os outros não ouviriam. “Você tem noção do trabalho que eu tive para encontrá-los? Para trazê-los aqui? E você age como se eles precisassem se apresentar a você, como gente comum — você, um menino que não tem qualquer realização sob seu nome...”

“Diga isso a um *rei* em algumas semanas!”, Tedros berrou.

“Seu estúpido arrogante! Do jeito que você é descuidado, não vai viver nem mais alguns dias, muito menos até sua coroação!”, Yuba disparou em resposta.

“A primeira coisa que eu farei será banir velhos gnomos!”

“Ouça, minha mãe sabia que a Liga nos ajudaria”, Agatha interrompeu, lançando um olhar de “acalme-se” para Tedros. “Por isso que ela escreveu para eles. Então, há algo que nós claramente não estamos entendendo...”

“É, tipo gente que tem mil anos de idade!”, Tedros esbravejou, recebendo outro olhar zangado de sua princesa. “O quê?”, ele continuou, voltando sua fúria para ela. “Nós mal conseguimos escapar de nossa execução, depois descobrimos que nossa melhor amiga ama um feiticeiro do Mal, depois viajamos noite e dia, sobrevivendo a zumbis e bruxas e túmulos, tudo para

encontrarmos uma Liga que sua mãe prometeu que nos levaria até Sophie, e é *isso aqui?* Ora essa. Vamos embora. Temos mais chance se invadirmos a escola por nossa conta...”

“Ela era minha mãe, Tedros”, disse Agatha. “E eu confio nela, mais que em qualquer um desse mundo, para saber o que é melhor para nós. Até você.”

Tedros ficou em silêncio.

Agatha olhou de volta e viu que os estranhos com os emblemas de cisne agora os ignoravam inteiramente, tricotando, lendo, cochilando e jogando cartas, e tirando um dente falso para tomar mingau. A fé que ela tinha na mãe subitamente oscilou.

“Ouçam-me, vocês dois”, disse Yuba. “Quando nosso décimo terceiro membro regressar, vocês terão suas perguntas respondidas. Até lá, vocês dois precisam de um chá de nabo e uma tigela de mingau de aveia. Ter sobrevivido na Floresta esses últimos meses, depois de 115 anos de santuário na escola, eu sei, em primeira mão, o quão intensa deve ter sido a jornada de vocês...”

“Décimo terceiro membro?”, Agatha olhou a sala. “Eu só contei oito.” Então, ela notou o Coelho Branco, no canto, cortando cenoura num prato, com o cisne prateado sobre o coração, reluzindo sob a luz das tochas. “É... nove.”

“Na verdade, dez”, disse Tedros, e Agatha seguiu os olhos dele, até o cisne prateado no casaco verde de Yuba.

“Um membro fundador da Liga”, o gnomo estufou o peito orgulhosamente. “E claro que Uma completa onze, e...”, Yuba ficou vermelho. “Uma! Minha nossa!”, ele se virou para a princesa petrificada num canto. “Nós a deixamos ali, como um gato doméstico! Sin! Sin, onde está você?”

Algo roncou ruidosamente atrás de Agatha e ela se virou para ver uma fada em formato de pera, do tamanho de um punho fechado, despertando e caindo de um sofá turco sujo. A fada olhou para cima, grogue; ela tinha cabelos bufantes grisalhos, velhas asas surradas, usava um vestido verde oito números menor que seu manequim e um batom extravagante. Seus olhos percorriam à direita e à esquerda, como se ela soubesse que deveria estar acordada, mas não tivesse ideia do motivo. Ela avistou Uma paralisada no canto e resfolegou, batendo as asas e resmungando em sua direção, como uma abelha moribunda. Então ela enfiou a mão no vestido e pegou um

punhado de algo que parecia fuligem mofada e despejou em cima da cabeça de Uma.

Nada aconteceu.

“Uma vez, meu pai me levou ao harém de Alibabá para o meu aniversário. Isso é muito mais constrangedor”, Tedros murmurou, seguindo até a entrada do buraco, para partir...

Então a Princesa Uma tossiu atrás dele. Tedros se virou e viu a princesa levitando a três palmos acima do chão, com a pele voltando à cor habitual, passando de branco pastoso ao belo tom moreno. Uma alongou os braços esguios ao bocejar, sorriu para a fada com o olhar vidrado e... novamente despencou no chão, voltando a adormecer.

“E aí estava você, com medo de que seu pó mágico estivesse velho demais, Sin”, Yuba comemorou, dando uma risada e afagando a cabeça da fada.

A fada ainda parecia melancólica e resmungou gritinhos desconexos.

“Não seja ridícula. Você não pode esperar ter o mesmo vigor de quando tinha 16 anos. Além disso, nós não precisamos de Uma para voarmos até Shazabah; só precisamos de seu pó mágico para desfazermos a petrificação. Depois de algumas horas de sono profundo, ela estará novinha em folha. Bem, onde estávamos?”, continuou o gnomo, novamente dirigindo-se aos Sempre. “Ah, sim, com o coelho são nove, com Uma são dez, comigo, onze, contando a Sininho somos doze, portanto isso deixa apenas...”

“Sininho?”, Agatha disparou.

“A *verdadeira* Sininho?”, perguntou Tedros, olhando o rosto envelhecido da fada, sua barriga saliente, seus cabelos grisalhos. “Mas ela é tão... tão...”

Agatha lançou-lhe um olhar fatal, mas era tarde demais. Sininho caiu em prantos e se escondeu embaixo do sofá.

“Ele não falou por mal, Sininho”, Yuba bufou e deu um peteleco nas costas de Tedros com seu bastão.

“Não entendo”, disse Agatha, desnorteada. “O que a Sininho está fazendo aqui?”

“Você realmente arranjou uns sabichões, hein, Yuba”, zombou um homem magrinho e careca com um colete verde, orelhas pontudas e feições delicadas, que tricotava uma meia verde-limão. “Ainda não perceberam quem somos.”

“Talvez seja necessário contar seus elos, como uma árvore”, murmurou

Tedros, coçando o traseiro.

“Vá em frente, pode fazer todas as piadas que quiser, bonitão”, disparou o homem careca. “Como se você também não fosse ficar velho como nós, um dia.”

“Bem, no fim das contas, parece que nossos dois amadores precisam de apresentações”, Yuba ralhou, mostrando uma cara feia para Tedros e Agatha, antes de empurrar os dois para duas cadeiras de balanço. Ele se virou de volta para sua Liga. “Quem quer falar primeiro?”

“Não vejo por que nós devemos nos apresentar”, reclamou o homem que estava tricotando a meia. “Não vejo porque nós devemos deixar esses dois ficarem aqui.”

“Porque esses dois Sempre são nossa única esperança de...”, Yuba exalou impacientemente.

“Qual é o sentido? Você ouviu o menino. Nós estamos à beira da morte, de qualquer modo”, argumentou o careca, emburrado.

“Ora, vamos”, disse Yuba, abrandando a voz. “O que você disse quando eu fui buscá-lo na Terra do Nunca? Você se manteve firme em sua casa na árvore, sozinho, recusando-se a ingressar na Liga, mesmo quando eu lhe disse que sua vida estava correndo um risco terrível. Mas quando eu lhe disse sobre esses dois jovens Sempre, você se animou como um garotinho. E me disse que faria qualquer coisa para ficar novamente perto de gente jovem... que eles eram os únicos que realmente o entendiam, Peter...”

Peter ergueu o rosto para Yuba, com os olhos azuis brilhando. Depois, olhou novamente para baixo.

“Foi a Sininho que *me fez* vir”, murmurou ele. A fada deu um gritinho em protesto e o acertou com um caroço de mingau.

Agatha e Tedros se olhavam boquiabertos. Peter? Peter *Pan?*

“Eu estou com Peter”, rugiu a mulher imensa, de cabelos azuis, se virando do espelho. “Nem saíram da escola, esses metidinhos. Deveriam estar lambendo nossos pés, implorando autógrafos! Em vez disso, não sei como eles ganharam seu próprio conto de fadas — alunos! Um conto de fadas! E agora essa história deixou os dois de calça curta, acordando nossos vilões dos mortos e nos arrastando de volta dos nossos felizes para sempre...”

“Felizes para sempre! Rá!”, palpitou um homem de voz grossa, com olhos grandes e um nariz bem comprido, uma cabeleira farta e branca, usando suspensórios e calçolas beges. Pequenas cicatrizes marcavam todas as juntas

de seus membros longos e bronzeados, como se ele tivesse sido montado e aparafusado. “Em primeiro lugar, o Peter mal consegue sair de casa, de tão deprimido que está por ter crescido. Segundo, eu jamais teria desejado ser um menino de verdade se a Fada Azul tivesse me contado que meninos de verdade acabam com artrite e a visão ruim, e eterna prisão de ventre. E, terceiro, a própria Cindy me disse que preferia varrer lareiras a ser uma rainha.”

“Quando foi que eu disse *isso?*”, disse a mulher gorducha.

“Ontem à noite”, respondeu o homem de nariz comprido, parecendo surpreso com a pergunta. “Você tomou um barril de vinho e me disse que sente falta de fazer faxina para suas irmãs postiças, porque pelo menos se sentia útil e se mantinha em forma, e agora está velha, entediada e imensa...”

“QUEM LHE PERGUNTOU?”, rugiu a mulher. “VOCÊ PASSOU METADE DE SUA VIDA COMO UMA *MARIONETE!”*

“Primeiro, ficam com raiva de mim por mentir. Agora, ficam com raiva de mim por dizer a verdade”, disse o homem de nariz comprido, reclamando e se encolhendo no sofá.

Os olhos de Agatha e Tedros se arregalaram ainda mais.

“*Pinóquio?*”, disse Tedros.

“*Cinderela?*”, disse Agatha.

“Não me olhe com essa cara”, Cinderela disse, debochando dela também. “Para quem supostamente será a futura rainha de Camelot, você também não é grandes coisas”, seus olhos verdes desceram até as botinas de Agatha. “Aposto que ninguém vai querer ver *esses* pés em sapatinhos de cristal.”

“Ei, olha lá como fala! Ela é a minha princesa!”, Tedros interferiu.

“Eu não o culpo, bonitão”, Cinderela sorriu com malícia, a voz macia. “Seu pai também não teve muito bom gosto para garotas.”

Tedros fez uma cara de quem tinha levado um chute no traseiro. Yuba suspirou.

“A Professora Dovey tinha tanta fé em Agatha quanto tem em você, Cindy. Portanto, sugiro que trate nossos convidados com respeito...”

“Nós teremos respeito quando esses aluninhos consertarem a bagunça!”, palpitou um homem corcunda de cabeleira rebelde, sentado numa cadeira de rodas com olhos cinzentos de coruja e um forte sotaque estrangeiro. “Acham que são especiais porque o Storian escreve a história deles? Bem, pelo menos nossas histórias têm um fim, certo? Mas esses dois ficam mudando o fim,

repetidamente — *Já somos felizes? Já somos felizes?* — Que amolação. Tolos! Agora, vejam no que deu! O Diretor da Escola jovem, malvado, refazendo histórias, e uma bruxa morta me caçando, a quem tenho que matar novamente...”

“*Eu* que a matei, e eu e o João não vamos matar a bruxa fedorenta outra vez”, disse uma mulher descabelada, de cadeira de rodas, ao lado dele, com o mesmo sotaque, com os imensos olhos cinzentos escalpelando Agatha e Tedros. “É sua história trazendo os vilões pra fora dos túmulos, sua responsabilidade levá-los de volta”, ela deu um sorriso falso. “E, a propósito, eu sou Maria, já que o gnomo mandão disse que nós precisamos nos apresentar.”

“E agora cá estamos eu e Rosa (ou Bela Adormecida, para um Leitor menos esclarecido), que estávamos planejando nosso casamento de contos de fadas, até que vocês apareceram”, disse um homem de rosto sardento, com cabelos grisalhos, usando uma túnica marrom e calças de camurça de barra curta e suspensórios. Ele estava de mãos dadas com uma mulher elegante, de cabelos brancos, com um vestido revelador em tom rosa-chá. “Agora estamos nos escondendo do meu gigante comedor de gente e da fada de Rosa, obcecada por maldições...”

“Quando eu e o João deveríamos estar escolhendo o nosso bolo”, disse Rosa, encarando.

“Agora somos sete que pensamos que esses bobos deveriam dormir na Floresta”, disse Cinderela.

A Sininho deu um gritinho.

“Oito”, concluiu Cinderela.

Tedros e Agatha estavam abismados com a gangue de antigos heróis famosos dos contos de fadas, que tinham acabado de votar pela saída dos dois da caverna.

“Foi por isso que evitei que vocês encontrassem outros Sempre nas trilhas... “, a Princesa Uma bocejou, no canto. “Todos culpam vocês por bagunçar a Floresta”, ela pegou novamente no sono.

“Bem, não sei quanto ao restante de vocês, mas acho que eles são adoráveis”, disse uma velhinha baixinha, de traseiro grande, com cabelos curtos tingidos de castanho, e uma capa vermelha com capuz. “Ficar velho não é para isso? Ajudar o pessoal mais jovem a passar por suas histórias?”

“Ora, volte para a casa da sua avó, sua tola efusiva”, rugiu Cinderela.

Chapeuzinho Vermelho calou a boca.

“Todos vocês estão agindo como se nós não precisássemos de nossos jovens convidados”, a voz de Yuba estrondou na caverna.

Todos se viraram para ver o velho gnomo em pé, na frente da cortina com furos de traças pendurada na parede da caverna, e o Coelho Branco ao seu lado, como um assistente de mágico.

“Deixe-me lembrá-los de que há uma semana o Diretor da Escola colocou uma aliança na mão de sua rainha, ganhando seu juramento de verdadeiro amor. Naquela mesma noite, os vilões se ergueram nas sepulturas, no Cume Necro, e o Guardião da Cripta foi assassinado.”

Com a dica de Yuba, o coelho puxou a cortina, revelando dúzias de livros de história espelhados abertos na última página, presos à parede com varetas afiadas.

“Dois dias depois, Rapunzel e seu príncipe foram raptados pela Mama Gothel e levados de sua torre, direto para a morte”, declarou o gnomo, iluminando um dos livros com sua varinha e mostrando o novo final grotesco da história de Rapunzel. “Então, ontem à noite, o Pequeno Polegar foi comido vivo por um gigante, enquanto Rumpelstiltskin matou a filha do moleiro que um dia adivinhara seu nome”, Yuba prosseguiu, iluminando mais dois livros de história com finais revisados. “E, hoje, a Branca de Neve e seus sete anões foram assassinados no Chalé Branco, onde um dia viveram alegremente”, ele balançou a varinha como se fosse um chicote, iluminando a última página do livro de história com um estalido ruidoso. “Todas essas vítimas se recusaram a deixar seus lares e se juntar à nossa Liga, aqui no esconderijo, como fizeram muitos outros que logo poderão ser vítimas do mesmo destino.”

Um silêncio tenso preencheu a caverna, enquanto Agatha olhava a pintura de uma donzela morta e seus sete anões — a mesma cena que a bruxa havia presidido enquanto se transformava. Agatha distraidamente esfregou os hematomas profundos em seus antebraços e punhos.

“A Br-Branca de Neve está morta?”, sussurrou Pinóquio.

“A bela e doce Branca?”, Peter Pan ecoou.

“Ela não era tãão bonita assim”, murmurou Cinderela.

Todos os membros da Liga contemplaram o terrível final de Branca de Neve, com os olhos molhados e amedrontados, como se a morte dela subitamente tivesse tornado reais as outras.

“Eu vi quem a matou”, a voz de Agatha saiu antes mesmo que ela notasse.

A Liga inteira se virou lentamente para encará-la. Agatha desviou o olhar para o chão, com as palmas das mãos suando, enquanto revivia a cena no vale.

“Foi a rainha malvada, disfarçada de velha, com os tornozelos e as pernas queimados, exatamente como dizia a história. Sua pele estava descascando como um cadáver e ela cheirava à carne em decomposição. E seus olhos... eles estavam vermelhos e mortos, como se não houvesse alma dentro dela”, Agatha sacudiu a cabeça, tentando entender. “Ela poderia ter me matado, ou a Uma, ou Tedros, mas não matou. Como se já tivesse feito o que viera fazer”, ela ergueu os olhos para a Liga. “O lobo e o gigante do João do Pé de Feijão também falaram a respeito disso, no Cume Necro... sobre ter uma chance de mudar suas histórias... nós não sabíamos o que eles queriam dizer...”

“O lobo, no Cume Necro?”, disse Chapeuzinho Vermelho. “O *meu* lobo?”

“E o *meu* gigante?”, ecoou João, apertando a mão de Rosa.

“Então, todos eles estão por aí”, disse Agatha, ansiosamente. “Vilões mortos, esperando sua vez de reescrever seus contos de fadas. Isso é o que está acontecendo, não é?”

“Não faz o menor sentido”, disse Tedros, virando-se para Yuba. “Por que o exército do Diretor da Escola perderia tempo reescrevendo uma porção de velhas histórias? Por que matar antigos heróis que não são mais uma ameaça? Por que não atacar os reinos dos Sempre, em vez disso?”

Até Yuba estava com os lábios fechados bem apertados, remexendo em sua varinha como se estivesse ponderando sobre a questão, sem encontrar uma resposta. Os antigos heróis piscaram, olhando o gnomo, com o medo estampado em seus rostos.

“Nós somos heróis, não somos?”, disse João, desafiador. “Temos que reagir!”

“Contra duzentos monstros e bruxas mortos, além de outros que nem sabemos quem são, à solta pela Floresta? Não seja imbecil”, Maria estrilou. “Por que você acha que estamos nos escondendo nessa caverna fedorenta?”

“Não podemos nos esconder por muito tempo. Eles vão acabar nos encontrando, independentemente de quantas vezes mudarmos de sede”, argumentou Cinderela. “Agora o Diretor da Escola tem o amor do seu lado. Ele é invencível. O que esperamos, além de manchas senis e dor no

pescoço?”

“Ela está certa”, suspirou o outro João. “Enquanto o Diretor da Escola tiver uma rainha que o ama, todos nós acabaremos mortos, como a Branca.”

“Então, o que faremos?”, quis saber Chapeuzinho Vermelho.

“A única coisa que podemos fazer”, sentenciou Yuba, desviando o olhar para Agatha e Tedros. “é convencermos a rainha a destruir aquele amor.”

A Liga caiu em silêncio.

“De novo o plano maluco”, murmurou Cinderela.

“Você realmente acha que consegue fazer isso? Realmente acha que consegue fazer sua amiga destruir a aliança do Diretor da Escola?”, perguntou Peter Pan, olhando os dois Sempre.

“Por que ela abriria mão do verdadeiro amor por vocês?”, cutucou Pinóquio.

Agatha sentiu a emoção subindo pela garganta.

“Eu gostaria que houvesse um meio de explicar Sophie e eu. Nós somos diferentes — *muito* diferentes — e, ainda assim, iguais. Claro, nós brigamos e provocamos uma à outra, e somos terríveis para ouvir o que a outra tem a dizer, mas temos o mesmo coração. Vimos a vida através dos olhos uma da outra. Eu nunca achei que poderia viver sem ela”, ela fez uma pausa, envolvida nas lembranças. “De alguma forma, as coisas mudaram. Talvez seja porque isso é crescer, eu não sei. Toda vez que nós tentamos nos manter juntas, acabamos ferindo uma à outra. Foi culpa de nós duas; porém, foi mais culpa minha. Eu parei de contar a verdade. Parei de confiar na mesma pessoa que me ensinou a confiar. Eu achei que a perdera para sempre, mas era tarde demais para fazer com que as coisas voltassem a ser como eram antes... mas, lá no fundo, eu ainda sinto que há um meio. Tem de haver um meio.”, Agatha conseguiu dar um sorriso triste. “Porque se alguém pode fazer com que a Sophie veja o que o amor realmente é... é sua melhor amiga, não é?”

Os rostos crispados da Liga derreteram-se em expressões infantis, como se finalmente olhassem para a jovem garota com esperança em vez de desdém. Tedros parou ao lado de sua princesa, com o peito estufado de orgulho.

“Exatamente, pode deixar a Sophie comigo.”

O sorriso de Agatha desapareceu. A Liga olhou para eles, desviando o olhar de um para outro, profundamente confusa sem saber quem era o melhor amigo de Sophie.

“Agora, tudo que importa é chegarmos até Sophie...”, Tedros começou.

“Certo”, Agatha interferiu. “E nós sabemos que ela está em algum lugar dentro da Escola do Bem e do Mal...”

“O que significa entrar e encontrá-la sem ser flagrado”, Tedros falou acima da voz dela.

“Espere, espere, espere”, Maria interrompeu. “O Diretor da Escola é jovem e forte, o Diretor da Escola tem os dois castelos, o Diretor da Escola tem um exército de mortos... e você acha que pode entrar na *escola dele?”*

“É... esse é o motivo para que tenhamos vindo até vocês, obviamente. Porque nós precisamos de sua ajuda para invadir...”, Agatha franziu a testa.

“*Ajuda*? A mensagem de sua mãe pedia para *esconder vocês*”, disse João, de sua cadeira de rodas. “Parece que nós podemos *ajudar?*”

“Mal conseguimos ir ao banheiro ultimamente, que dirá liderar a invasão a um castelo”, disse Cinderela, soltando um pum ruidoso.

Os membros da Liga caíram na gargalhada. Até o Coelho Branco.

“Seria um ataque sorrateiro e tanto! Com as minhas juntas, eles nos ouviriam a cinco milhas de distância!”, disse Pinóquio.

“Não se preocupe, Pi! Nós podemos bater neles com as nossas bengalas!”, disse Peter.

“Ou com meu cesto de guloseimas! A essa altura, todas duras e passadas!”, gargalhou Chapeuzinho Vermelho.

Maria deu uma fungada e os outros gargalharam tão alto que chegaram a se curvar, indo às lágrimas, e até Uma acordou com o barulho. Agatha deu uma olhada para Tedros, que a encarava de cara feia por tentar fazer com que ele acreditasse nesse bando de velhos inúteis. Ela se virou de volta para os heróis.

“Mas foi p-por isso que nós viemos tão longe! Por isso que nós confiamos em vocês! Minha mãe escreveu para a Liga nos proteger... minha mãe nos disse que vocês nos ajudariam...”

“Porque sua mãe sabia que a Liga dos Treze tem um décimo terceiro membro”, disse uma voz profunda.

Agatha e Tedros se viraram para notar uma sombra alta, em pé na entrada da caverna.

“Ela sabia que esses doze os manteriam em segurança. Mas, ajudar?”, disse a voz, conforme a sombra veio para a luz. “Receio que seja somente eu.”

“Ah, bem na hora...”, Yuba sorriu.

Agatha ficou olhando o velho alto, de pele morena bem escura, com uma barba branca grossa e bigodes compridos. Ele usava uma capa violeta repleta de símbolos do zodíaco bordados, um chapéu em forma de cone estampado com estrelas, óculos com armação de osso e sapatilhas roxas.

Eu já o vi, pensou Agatha, cansada demais para pensar com clareza. *Na Floresta?* Não... foi num livro de história, não foi?... um livro de história no qual a Reitora Sader levou a turma inteira para passear dentro. Esse velho estava lá, dentro de uma caverna poeirenta, cheia de frascos de laboratório e prateleiras de vidros e potes... discutindo com um rei sobre um feitiço... um rei que se parecia muito com...

O coração de Agatha parou, seus olhos se arregalaram e ela virou para Tedros, atrás dela... Mas seu príncipe já estava pálido como um fantasma.

“*Merlin*”, ele resfolegou.

As pernas dele bambearam e Tedros caiu de uma só vez, como uma árvore numa floresta, e sua princesa estava bem ali, para ampará-lo.

11
Compromisso Com os Reitores

O relógio batia meia-noite quando Sophie sentou-se calmamente na janela do Diretor da Escola, de cabelos molhados, com o vestido negro embolado na altura dos joelhos, enquanto apoiava os dedos dos pés contra a parede. Ela olhava a baía verde fluorescente refletindo as sombras de dois castelos negros, ambos escuros e quietos.

Ainda essa manhã, ela estivera cheia de dúvidas: quanto a uma escola que transformava os Sempre em Nunca... da voz de Agatha, incitando-a a destruir a aliança de Rafal... de uma grade de aulas que a indicava como professora do Mal, quando ela ainda nem se sentia má.

Ela se virou para Storian, acima de seu livro de história, pintando uma cena em que Agatha e Tedros seguiam um coelho branco em meio à Floresta. A cada minuto, seus amigos estavam se aproximando mais da escola, mais perto de voltarem a vê-la, mais perto de convencê-la a deixar o Mal para trás, para sempre...

Sophie sorriu, sentindo a aliança de ouro apertada em seu dedo.

Ah, é o que eles pensam.

Mas como as coisas mudavam depressa num conto de fadas.

Doze horas antes, Sophie estivera correndo atrás do Diretor da Escola enquanto ele atravessava um corredor aberto, rumo à Torre da Coragem.

"*Lecionar* o Mal? Ensinar *Maldições* e *Armadilhas Mortais*?" Sophie resfolegara, segurando o papel, enquanto seguia aflita atrás dele com sua camisola preta e saltos de vidro. "Você perdeu a cabeça."

"Foi sugestão da Reitora. Eu gostaria de ter tido a ideia, nem que fosse

para impedi-la de ter a satisfação de uma boa ideia", Rafal se queixava, subindo a escada entalhada com CAPANGAS. "Agora que eu sou jovem, ela está me tratando como alguém incapaz de administrar minha própria escola. Teve até a ousadia de me dizer que meus voos sobre a baía atrapalham a concentração, já que os alunos ficam espiando pelas janelas durante os desafios. *Eu* sou o Diretor da Escola, muito obrigado. Se eu quero dar uma volta, sou perfeitamente bem-vindo a..."



"*Rafal!*"

A voz de Sophie soou tão afiada que ele imediatamente parou no vão da escada preta e olhou para ela.

"Eu gostaria que tivéssemos tempo para fanfarrices adolescentes, mas seja quem for essa Reitora, como ela espera que eu seja professora nessa escola, quando a) todos os alunos são da minha idade, b) nenhum deles gosta de mim e c) Eu não sei absolutamente nada sobre lecionar?!"

"É mesmo?", ele retomou seu sotaque. "Eu me lembro perfeitamente bem de você dando palestras durante o horário de almoço para a escola inteira."

"Ensinar a garotada a curar caspa é diferente de ensinar o Mal!", rebateu Sophie, subindo atrás dele até o andar de cima. "Deixe-me esclarecer Uma coisa: Agatha e Tedros estão vindo para te matar e aqui estou eu, de camisola, e esperam que eu passe dever de casa e corrija trabalhos..."

Mas Rafal já estava junto à porta de mármore preto, no alto da escadaria.

"Escritório da Professora Dovey?", perguntou Sophie, aproximando-se dele. "Ela que quis que eu fosse professora? *Ela* é a Reitora do Mal?"

Então, Sophie viu que a porta que antes era entalhada com um besouro verde cintilante agora tinha duas serpentes violetas entremeadas. Abaixo das cobras, as letras eram feitas de ametistas e formavam uma única palavra:

REITORES

"*Reitores?*", Sophie levantou o nariz. "Tem mais de um? Mas quem são..."

A porta abriu magicamente, revelando uma mulher magra, de maxilar

bem formado, com uma longa trança preta e um vestido roxo, estudando um pedaço de pergaminho, na antiga mesa da Professora Dovey.

“Lady Lesso?”, Sophie resfolegou. “Mas onde está a Professora Dovey?”

Então Sophie viu a segunda mesa, perto da janela, idêntica à primeira, que nunca estivera no escritório. Não havia ninguém sentado nela.

“Deixe-me adivinhar, Rafal. Você a levou para um passeio divertido, sobrevoando a baía?”, disse Lady Lesso, sem erguer os olhos do pergaminho. “Deveria tê-la trazido aqui vinte minutos atrás. Seria bom preparar nossa nova professora antes que ela assuma minha antiga classe, você não acha? Deixa pra lá. Eu assumo a partir daqui.”

Rafal fez uma cara feia.

“Acredito que eu dou as ordens nessa escola, Lady Lesso. E acredito que você se esqueceu de dizer ‘Mestre’, demonstrando seu respeito. Algo que sua colega reitora parece ter dominado.”

Lady Lesso ergueu seus olhos violetas para o menino adolescente diante dela, vestido como um príncipe das trevas.

“Perdão, Mestre”, disse ela, com um tom malicioso e frio. “Posso assumir a partir daqui?”

Rafal lançou-lhe um olhar asqueroso e puxou Sophie para seu lado.

“Eu a verei no almoço, meu amor”, ele sussurrou, beijando-a carinhosamente no rosto. Ele lançou um último olhar para Lady Lesso e bateu a porta ao sair, sacudindo as duas mesas.

“Lady Lesso, como eu posso lecionar para sua antiga classe?”, Sophie disparou. “Nada disso faz sentido algum...”

“Sente-se”, disse a Reitora, olhando a aliança de ouro no dedo de Sophie.

Sophie sentou-se na cadeira de frente para ela. Lady Lesso ficou encarando, cuidadosamente, emoldurada por seus objetos habituais: um cesto de ameixas e um peso de papel de cristal em formato de abóbora, na mesa da Professora Dovey. *Por que a Lady Lesso não estava sentada em sua própria escrivaninha?* Pensou Sophie, dando uma olhada para a mesa do outro lado da sala.

“Em nosso primeiro ano, tivemos um começo muito ruim. Mas, com o tempo, eu passei a gostar de você, Sophie”, Lady Lesso recostou-se em sua cadeira. “Você e eu temos um bocado de coisas em comum.”

“Fora nosso amor por saltos altos e uma boa estrutura óssea, eu tenho de discordar”, respondeu Sophie.

“Olhe mais atentamente. Nós duas somos naturalmente talentosas para o Mal, ambas temos uma vaidade incomum para os Nunca, e nós duas somos bruxas sensacionais quando provocadas”, explicou a Reitora. “E, no entanto, cada uma de nós teme ficar sozinha. Cada uma de nós tentou se apegar ao amor em algum momento de nossas vidas... só para ver esse mesmo amor se voltar contra nós um dia. Você com sua melhor amiga e eu com meu filho.”

“Você tem um filho?”, disse Sophie, estarrecida.

“Os Nunca também têm filhos, exatamente como os Sempre. Mas, como eu já disse em aula, a diferença é que nossas famílias não perduram, pois não há amor verdadeiro em seu âmago. Famílias vilãs são como dentes-de-leão. Fugazes e nocivas. Tente segurar um deles e você estará travando uma batalha contra o vento”, Lady Lesso mexeu no peso de papel em forma de abóbora. Eu deveria ter abandonado meu filho de vez quando vim para a Escola do Mal, como Reitora, há quinze anos. Da mesma forma que você deveria ter abandonado sua amiga quando ela foi colocada na Escola do Bem. Ainda bem que nós duas aprendemos nossa lição antes que pudéssemos cometer mais equívocos. Seu maxilar retraído relaxou.

“Realmente notável, no entanto, é que, mesmo com todos os nossos erros, nós duas ainda estamos vivas. E não simplesmente vivas — finalmente estamos no time vencedor! Houve uma época em que o Mal também tinha vitórias majestosas: Finola, a comedora de fadas, Sopinha de macarrão com criancinhas, Rex, o urso furioso entre outros há muito esquecidos. Agora, todos só conseguem se lembrar dos duzentos anos de vitórias do Bem, repetidamente roubando o equilíbrio de nosso mundo, até que o Mal se tornou uma sentença de morte, maligna e digna de pena e maligno, enquanto o Bem passou a não ser nada além de bailes, beijos e arrogância. Mas você mudou tudo isso, Sophie. Pela primeira vez, o Mal tem o amor do seu lado, por conta da tenacidade com que você e Rafal lutaram um pelo outro. Você não está vendo? Seu conto de fadas pode reverter a matança contra a qual eu lutei minha vida inteira. Tudo que você tem a fazer é provar que ama Rafal tanto quanto Agatha ama Tedros... que você irá se sacrificar por amor, assim como Agatha o faria por seu príncipe...”, Lady Lesso olhava sinistramente para ela. “O que significa que *você* precisa matar Agatha e Tedros quando eles vierem atrás de você.”

“M-matar? Eu?”, Sophie deu um gritinho, parecendo um esquilo, começando a tremer. “M-meus melhores amigos? Não, não, não, não... eu

disse que lutaria com Rafal... que eu o defenderia se eles viessem...”

“Defender? Não, não, minha querida. O Mal ataca e o Bem defende. E quando o Mal ataca, ele *mata*. Eu alertei você em nosso primeiro dia de aulas, Sophie. Quando você é do Mal, não há como escapar de seu Nêmesis. No momento em que você começou a ter sonhos de Nêmesis com o rosto de Agatha em seu primeiro ano, seu destino como inimigas foi selado para sempre... por mais que eu tenha tentado acreditar que vocês duas eram uma exceção.”

Sophie ainda estava sacudindo a cabeça, soltando chiados e gemidos no lugar de palavras.

“Ouça-me, Sophie”, Lady Lesso falou num tom mais afiado. “Eu lhe contei a história do meu filho por um motivo. Enquanto Agatha estiver viva, você jamais terá um final feliz. Ou você mata Agatha e seu verdadeiro amor... ou eles matarão o seu. Essas são as duas únicas maneiras para que seu conto de fadas termine.”

“Eu n-não posso... Eu só quero ser feliz! Por que tenho que matar alguém?”

“Porque esse é o seu livro de história. Seu e da Agatha”, respondeu Lady Lesso. “Por isso que o Storian ainda tem que concluí-la. Ele está esperando que você faça sua escolha entre quem vive no Fim: sua melhor amiga ou seu verdadeiro amor. O Bem ou o Mal.

“Mas, e se a Agatha não se sentir mais como minha Nêmesis? E se eu nem me sentir do Mal!”, Sophie segurou a aliança com os dedos trêmulos.

Lady Lesso segurou a mão de Sophie, do outro lado da mesa.

“Sophie. Você usa a aliança da alma mais sombria do Mal. Você trouxe o Mal de volta dos mortos e abriu as portas do inferno pra cima do Bem, tudo para ter um menino a quem amar. Você consegue pensar em algo mais do Mal?”

“Isso não é justo!”, Sophie se irritou. “Eu não sabia que nada disso iria acontecer!”

“Então, pergunte a si mesma. Se você pudesse salvar o Bem, você sacrificaria Rafal? Depois de finalmente encontrar alguém que a ama pelo seu verdadeiro eu, você escolheria ficar sozinha? Apenas para que Agatha e Tedros sejam felizes?”

Sophie seguiu os olhos dela para fora da janela, até Rafal, que sobrevoava a Floresta de volta à sua torre, lá no céu. Todas as outras pessoas do mundo a

traíram quando ela mais precisou delas... Família, amigos, príncipes. Ele, não. Ela ainda podia sentir-se voando, segura e protegida nos braços dele. Ela ainda sentia seu alerta apaixonado, frio, em seu âmago... *"Ninguém além de mim jamais vai te amar..."*

"Você conseguiria abrir mão dele, Sophie?", Lady Lesso pressionou.

Uma única lágrima escorreu pelo rosto de Sophie.

"Não", sussurrou ela.

"Então, você não é apenas do Mal", disse Lady Lesso, soltando-a. "Você merece ser sua rainha."

"Mas você sabe quem eu realmente sou!", Sophie meneou a cabeça. "Ano passado, você e eu lutamos pelo Bem, com Agatha e a Professora Dovey. Todas nós éramos um time!"

"E você e eu pagamos o preço por essa deslealdade. Seu preço é que agora você tem que destruir os amigos que deveria ter repudiado há muito tempo. E meu preço é...", os lábios de Lady Lesso tremeram, ela desviou o olhar para a mesa vazia do outro lado da sala. Ela engoliu sutilmente e endireitou a postura na cadeira. "Olha, eu estou aqui para te ajudar, Sophie. Porque, assim como você, eu também tenho uma segunda chance de provar minha lealdade ao Mal. E, dessa vez, não podemos falhar. Mesmo que nosso líder tenha a maturidade de um menino na puberdade", ela fez uma careta. "Agora, preste atenção ao que vou lhe dizer", Lady Lesso espalmou as duas mãos sobre a mesa e se inclinou à frente, como uma pantera. "Agatha e Tedros logo tentarão invadir essa escola para te ver. O destino do Bem está em recuperar sua lealdade e em matar Rafal antes que o sol seja totalmente extinto. Não duvide da determinação deles. Eles não ligam para o seu final feliz, somente para o deles. E se eles eliminarem Rafal, o que te resta?"

Sophie desviou os olhos e uma velha sensação sinistra tomou seu coração.

"Exatamente como a minha mãe..."

Lady Lesso arqueou as sobrancelhas, intrigada.

"Minha mãe era uma vela, assistindo meu pai e sua melhor amiga se apaixonarem", disse Sophie com os olhos fixos no chão. "E meu pai e Honora não ligavam."

"Porque eles sabiam que sua mãe não tinha coragem de lutar contra eles."

Sophie assentiu.

"Foi por isso que ela morreu tão jovem. Ela não conseguiu enfrentar o

resto de sua vida sozinha. Ela simplesmente... desistiu.”

“Então, parece que seus melhores amigos estão apostando que uma antiga história pode se tornar *nova*”, disse a Reitora.

Sophie lentamente ergueu os olhos vermelhos.

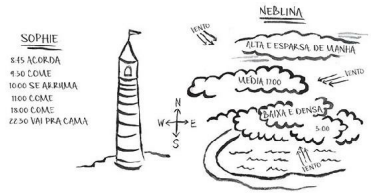
“Tal mãe, tal filha”, disse Lady Lesso. “É isso que você quer?”

O corpo de Sophie ficou rígido como aço.

“Minha tarefa enquanto Reitora é garantir que *você* não acabe sozinha, Sophie”, Lady Lesso a tranquilizou. “Minha tarefa é garantir que você e Rafal ganhem seu final feliz. Mas eu a transformei em professora porque preciso que você descubra como Agatha e Tedros planejam entrar.”

“Como é que eu vou saber como eles planejam...”, Sophie fez uma careta.

“Tem um espião trabalhando para seus amigos dentro dessa escola”, disse Lady Lesso, asperamente. Ela empurrou à frente o pedaço de papel que estava estudando antes. “As fadas pegaram isso de um rato branco, perto dos portões da escola, antes que ele fugisse.”



“Esse é um mapa dos seus movimentos”, disse a Reitora. “Quanto às observações sobre a neblina, não tenho a mais vaga ideia, mas alguém nessa escola está dizendo ao Bem como encontrar você.”

Sophie olhou para cima e o restante de seu medo foi sumindo. O Bem estava espionando os passos dela? Eles estavam tão desesperados assim para destruir seu final feliz? Subitamente, qualquer resquício de desejo de ver seus melhores amigos se transformou em ira.

“É claro que não contei a Rafal. Ele está tão inebriado com a testosterona adolescente que mandaria exterminar cada aluno nessa escola”, continuou Lady Lesso. “Preciso que você descubra quem é o espião, Sophie. Um rato branco mensageiro sugere que é um Sempre, mas você conhece os amigos de Agatha e Tedros melhor que eu. Como professora, você pode ficar de olho em qualquer suspeito e nos ajudar a desvendar exatamente como seus amigos planejam invadir nosso castelo.”

“Mas eu não faço a menor ideia de como lecionar para uma classe!”,

Sophie atalhou.

“Pólux vem lecionando para sua classe durante as últimas semanas e vai ficar para ajudá-la a se instalar, principalmente com o dobro de alunos para administrar. Dito isso, estou bem certa de que eles irão preferir você no lugar daquele pateta, mesmo que você fique limpando o nariz o tempo inteiro. Concentre-se em encontrar o espião, Sophie. Nós não temos muito tempo. Agatha e seu príncipe estarão aqui em alguns dias. E se você não terminar sua história agora, o sol logo a terminará para *todos* nós.”

Sophie assentiu, com a adrenalina percorrendo todo seu corpo...

Então, ela viu a escrivaninha vazia de Reitor, no canto. A culpa abafou a tempestade dentro dela.

“Mas a Professora Dovey certamente sabe um meio para fechar nosso livro de história, sem que eu tenha que machucar ninguém...”

“A Professora Dovey não é mais Reitora”, Lady Lesso disse, tensa.

“Onde está ela?”, perguntou surpresa.

“Ela e os outros professores do Bem foram presos em um local seguro, e lá permanecerão até que o Diretor da Escola dê outra ordem.”

“Mas ela era sua amiga! Vocês duas ajudavam uma à outra!”, Sophie olhou-a, boquiaberta.

“Assim como você um dia ajudou Agatha”, os olhos roxos de Lady Lesso desviaram para baixo enquanto ela afagava o cesto de ameixas. “Mas uma bruxa não pode ser amiga de uma princesa, por mais que ela tente, Sophie. Nós já não aprendemos essa lição?”

A boca de Sophie secou e sua voz ficou presa na garganta.

“Mas, então... então, quem é o outro Reitor?”

A porta foi escancarada atrás dela e entrou um menino alto e incrivelmente bonito, de camisa de couro preta sem mangas, cabelos pretos espetados, pele mortalmente branca e olhos letais, cor de violeta.

“Bom dia, mãe. Eu lhe trouxe café fresco”, ele disse, numa voz profunda e robusta.

O menino pousou uma caneca de líquido preto na mesa de Lady Lesso, depois olhou com deboche para Sophie.

“Ora, ora, estou vendo que você está ajudando a nossa nova professora”, ele recostou-se junto à janela iluminada pelo sol, e havia um chicote reluzindo enroscado em seu cinto. “Engraçado, nós nunca chegamos a nos conhecer, não é, Sophie de Além da Floresta? Claro que você me viu em sua

capa invisível, no corpo de seu menino elfo, entrando escondida na Escola de Meninos... Filip de Mount Honora, não é isso? Numa noite, me jogou contra uma parede para me impedir de punir seu precioso Tedros. Ah, sim, agora vejo o Filip aí dentro... são os mesmos belos olhos e lábios suculentos. Mas claro que você não é mais Filip, né? Portanto, talvez eu deva perdoar sua impertinência...", seus olhos roxos se fixaram nela. "Eu não ia querer ferir esse rostinho delicioso", o menino lambeu os lábios e enfiou as mãos nos bolsos apertados. As veias azuladas saltavam em seus bíceps. "Eu gostaria de ficar, senhoras, mas tenho que administrar uma punição em alguns meninos Sempre na Sala da Condenação. Eu os peguei escrevendo cartas para os pais, pedindo que os resgatassem. Como se alguém pudesse entrar ou sair agora que o Diretor da Escola voltou", ele seguiu em direção à porta, depois olhou para Sophie. "Você se lembra do meu nome, não lembra?"

Sophie se encolheu na camisola, sem conseguir falar.

"Aric. É bom que dessa vez você se lembre, pois eu sou o seu Reitor", disse ele, com a fala arrastada, recuando rumo à porta. "Te vejo no almoço, Sophie, garotinha impertinente. O corpo docente tem seu próprio local, na varanda. Agora que somos amigos, espero ter a chance de conhecê-la mais... *intimamente*."

Ele piscou para ela como um demônio e sumiu. Sophie lentamente se virou para Lady Lesso, com olhos imensos, arregalados. Lady Lesso cheirou o café e o despejou no cesto de ameixas. As ameixas derreteram, soltando uma fumaça fedorenta e venenosa.

"O Diretor da Escola o proibiu de me matar, mas ele ainda tenta", disse ela, séria, jogando a caneca pela janela. "Ontem, ele colocou uma víbora no meu banheiro."

"Aric é seu... seu filho?", Sophie resfolegou. "Ele é um monstro... um assassino... ele matou Tristan!"

"Quase conseguiu me matar também, no breve caos que se instalou depois da Prova, antes que o Diretor da Escola assumisse o controle", disse a Reitora, agora com uma voz bem mais branda. "Claro que não o culpo. Quando aceitei a posição de Reitora do Mal, há quinze anos, era minha função cortar todos os elos — incluindo filhos. Mas, em vez disso, escondi Aric numa caverna perto da escola e saía escondida, à noite, para vê-lo, ano após ano, fingindo que ele tinha uma mãe que sempre o amaria e protegeria", a voz dela falhou e ela remexeu no cesto de ameixas. "O Diretor da Escola

descobriu e me prendeu dentro dos portões. Nunca sequer tive a chance de me despedir do meu filho. Aric jamais irá me perdoar por isso... por deixá-lo lá na Floresta, com 6 anos de idade, totalmente sozinho. E ele nem deveria", ela olhou para Sophie. "Como eu disse, você e eu temos que pagar o preço de nossos erros, e o meu é ter meu filho vingativo planejando minha morte enquanto compartilha do meu poder na reitoria."

Ela deu uma olhada para fora da janela, com um sorriso melancólico.

"Imagino que seja exatamente como deseja o Diretor da Escola. Mãe e filho como Reitores... uma ex-aluna lecionando à minha classe... um Mestre eterno e sua jovem rainha... Velho e Novo trabalhando juntos pelo Mal."

Sophie seguiu o olhar da Reitora até o local onde antes era a Escola do Mal, agora em ruínas do outro lado da baía, e que tinha passado a ser a Escola do Velho. Havia silhuetas sombrias nos telhados, grandes, estranhas, e claramente não humanas, com arcos e flechas pendurados nas costas, como uma guarda monstruosa do castelo. Abaixo deles, através da janela de uma torre, Sophie notou outra sombra — essa era humana. Olhando atentamente, ela viu a silhueta de um homem com um chapéu em formato de barco, como o de um pirata... e, onde deveria estar a sua mão, havia um pedaço afiado de metal reluzente... Uma neblina passou flutuando na frente dele, e, quando se foi, ele já não estava mais ali.

Sophie mordeu o lábio. Rafal se recusara a lhe dizer qualquer coisa sobre o Velho castelo. Mas ela *era* a rainha, não era? Ela tinha direito de saber o que ele estava escondendo na outra escola.

"Lady Lesso, por favor, me diga o que há na Escola do Velho", ela pediu, com firmeza.

"Alunos dos antigos contos de fadas, é claro, assim como nós lecionamos uma nova história aqui. Mas a Escola do Velho é uma escola do domínio do Mestre, não do seu", disse a Reitora, antes que um estalido ecoasse pelo castelo, como um exército de grilos dementados. "São as fadas sinalizando o fim da sessão", ela se levantou e caminhou para a porta, batendo seus saltos altos e finos. "Vamos? Os alunos não vão respeitar uma professora de maldições que chega atrasada. Principalmente uma professora que supostamente será a nova *eu*."

Sophie afundou ainda mais em sua cadeira, de braços cruzados.

"Em primeiro lugar, se vou ficar na frente de uma sala cheia de adolescentes, eu preciso de, pelo menos, alguma coisa para vestir. Além

disso, como você quer que eu entre naquela sala, eu não sei nada sobre os contos de fadas novos!”

“Eu disse uma nova história. Não histórias.”

“Bem, seja qual for a história, eu não poderia lecionar...”

“Claro que você pode, já que o único conto de fadas que nós lecionamos na Escola do Novo...”, Lady Lesso olhou-a fixamente, segurando a porta aberta. “*É o seu*.”

12
Encontrando o Espião

A antiga sala dos pirulitos, no Refúgio de João e Maria, ainda era feita de pirulitos, mas eles haviam sido explodidos em milhares de fragmentos coloridos como o arco-íris e colocados em novos murais pelas paredes.

Conforme os alunos entravam, vindo do corredor lotado, Sophie estava sentada na antiga escrivaninha de pirulitos da Professora Sheek, que havia sido golpeada, marcada e perfurada com uma porção de buracos. Usando botas pretas de camurça de salto fino e um vestido preto justo de renda, ela observava os murais vendo a si mesma em seus momentos de maior maldade, na História de Sophie e Agatha — montada numa ratazana para matar Agatha, durante a Guerra entre o Bem e o Mal... invisivelmente atacando Tedros durante a Guerra entre Meninos e Meninas... arremessando Agatha no esgoto... empurrando Tedros de um penhasco...

Você já lutou por eles, dizia a voz dentro dela. *Você pode lutar de novo*.

Suas mãos começaram a tremer.

Eu não consigo, Sophie começou a entrar em pânico, desviando o olhar. *Agora eu sou diferente*.

Ela esperou que a voz dentro dela concordasse, que falasse com bom senso e protegesse seus amigos...

Em vez disso, dessa vez, veio uma voz diferente. Mais sombria. Mais zangada. Vomitando bile.

Tal mãe, tal filha.

Tal mãe, tal filha.

Tal mãe, tal filha.

Tal mãe, tal filha.

Sophie lentamente ergueu os olhos para Agatha e Tedros pintados nas paredes... e, por um instante, ela viu Honora e Stefan, em lugar dos dois.

As mãos de Sophie pararam de tremer.



Encontre o espião, a bruxa interior sussurrava.

Encontre o espião, ela obedeceu, atendo-se à tarefa.

Alguém limpou a garganta, ruidosamente.

Sophie olhou abaixo e viu a classe de quase quarenta Sempres e Nuncas, de uniformes pretos e verdes, sentados em seus lugares — dentre eles, Beatrix, Reena, Chaddick, Nicholas, Mona, Arachne, Ravan, Vex, Millicent, Brone — todos com a mesma terrível cara feia.

"Ah, olá... hã... turma", Sophie gaguejou, assustada pelas expressões e pelo imenso número de alunos. "Já faz bastante tempo, hein?"

As caras feias dos alunos pioraram.

"Mas agora somos uma família, não somos?", Sophie adulou, experimentando uma nova tática. "E olhem só pra vocês, tão bonitos de uniforme preto! Nunca gostei de preto (uma cor tão niilista), mas a Lady Lesso disse que esse vestido foi da sobrinha de Rumpelstiltskin, que costumava lecionar nessa mesma classe. Uma mulher de estrutura óssea pequena — não surpreende, já que seu tio era um anão — portanto, ninguém conseguiu caber dentro dele, até eu."

Agora os alunos pareciam decididamente odiosos.

"É... a Lady Lesso disse que o Pólux tem lecionado durante a minha ausência", disse ela. "Então, talvez a gente deva esperar que ele..."

Vex soltou um pum bem barulhento. Sophie ficou parada, perplexa.

Encontre o espião, ela voltou a concentrar-se. Alguém nessa sala estava do lado do Bem, tentando ajudar a matar o menino que ela amava... E, no entanto, com a cara feia de todo mundo, todos os alunos da sala pareciam igualmente capazes de trair o Mal, tanto os Sempre quanto os Nunca. Quer dizer, exceto por Kiko, de babushka e véu pretos, fungando no fundo da sala.

Sophie deu uma olhada na fita rosa presa ao seu uniforme:



Kiko viu Sophie olhando pra ela e lhe lançou o mesmo olhar horrendo de todos os outros.

“Alguém colocou carrancas no mingau da escola essa manhã?”, Sophie sorriu afetadamente, tentando manter a calma.

Uma bola de papel mastigado acertou seu olho. Sophie ficou vermelha como um pimentão, mas nem se deu ao trabalho de procurar quem jogou.

“Olha, o motivo para vocês estarem aborrecidos é obvio, ok? Logo que cheguei nesse lugar, vocês foram vis comigo, embora eu não fosse nada além de legal com cada um de vocês ao cumprimentá-los no corredor, aturando seus hábitos odiosos de higiene ou educando-os quanto aos males da farinha de trigo. E agora vocês estão zangados porque o menino mais bonito do mundo me deu esta aliança, o que me torna a rainha da escola, sentada aqui, com todo o poder, enquanto vocês ficam aí embaixo, sem poder algum. Mas, sabem de uma coisa? Que pena! Eu passei a vida toda sozinha, tentando encontrar alguém que me amasse e não me abandonasse, alguém que realmente gostasse de mim como eu sou, com todas as virtudes e todos os meus defeitos. E agora eu o encontrei! Eu nem ligo se ele é um feiticeiro. Não ligo se ele é o menino mais malvado do mundo! Ele é meu e ele me ama, mesmo eu sendo emotiva e complicada, e brutalmente mal compreendida. Portanto, podem fazer bico e ficar zangados o quanto quiserem, mas, depois de tudo que eu suportei em minha vida, mereço ter um verdadeiro amor, vocês gostando ou não, e o mínimo que vocês podem fazer é ficarem felizes por mim!”

Silêncio.

“Não é por isso que estamos zangados”, estrilou Beatrix.

“Ninguém está nem aí se você tem um namorado”, espetou Mona.

Sophie fechou os lábios apertados.

“Ah é? Então, qual é o problema?”

Todo mundo virou na direção da janela. Sophie seguiu os olhos deles fixados no imenso quadro de pontuação, acima da Floresta Azul, listando os alunos em ordem de suas colocações. Linhas vermelhas brilhantes dividiam o quadro em três seções: um grupo no alto, um grupo no meio e outro embaixo. Ela não conseguia ler nenhum dos nomes, por conta da névoa verde, exceto pelo de Hort, solidamente colocado no topo da pontuação.

“O terceiro ano é o ano de acompanhamento de pontuação”, rugiu Ravan, passando a mão nos cabelos pretos, cortados quase rente à cabeça. “Começando na próxima semana, nós seremos divididos em dormitórios como Líderes, Capangas ou Mogrifs, com base em nossas colocações.”

“O que significa que um Sempre, como eu, precisa ser excelente no Mal, ou acabaremos como bodes venenosos!”, Millicent disse à Sophie. “Isso é tudo culpa sua!”

“E também não é melhor para os Nunca”, acrescentou Mona. “Agora que a escola inteira é do Mal, nós temos duas vezes mais gente contra quem competir!”

“E mesmo que você acabe sendo um Líder, eles têm o dobro de dever de casa do que todo o restante”, disse Vex.

“E os Capangas precisam seguir seus Líderes e fazer tudo o que eles mandarem”, disse Reena.

“E os Mogrifs têm de assistir às aulas como animais!”, ralhou Beatrix. “E que os deuses me livrem de fracassar em três desafios seguidos. Porque aí, você acaba virando uma planta!”

“Por que você está toda aborrecida? Você está a caminho de ser uma Líder!”, disse Kiko, virando-se pra ela. “Eu sou a antepenúltima da escola inteira! Imagine se eu me transformar numa tulipa? Nem consigo mais me concentrar, desde que... desde que...” Ela caiu em prantos. “Tristan *adorava* tulipas! Ele costumava colocá-las no cabelo.” Kiko assoou o nariz no véu. “Aquele menino me amava tanto.”

“Ah, pelo amor de Peter, aquele menino não te amaria nem se você fosse a última menina do planeta”, chiou Beatrix. “Além disso, eu não quero ser Líder do Mal, sua tonta! Houve uma época em que eu quase fui Capitã da Classe na Escola do Bem. E agora eu tenho que fazer enfeiamento e jogar praga nas pessoas e ter capangas?”

“Na verdade, parece um dia bem típico pra você”, murmurou Sophie.

Beatrix bufou.

“Até a Escola de Meninos era melhor que isso”, disse Chaddick. “Claro que nosso castelo era meio rançoso, mas, pelo menos, não tínhamos fadas que ficavam nos ferroando como abelhas se estivéssemos um segundo atrasados, nem o Aric nos mandando para a Sala da Condenação para sermos torturados por regras que ele inventou. Ele já puniu cada menino nessa escola, tipo dez vezes.”

“Ontem, ele me pegou por causa da camisa para fora da calça”, disse Nicholas. “Aquele menino é do Mal.”

“E não de um jeito bom”, Vex murmurou baixinho.

Sophie ficou esperando que eles explicassem, mas todos os meninos trocaram olhares entre si numa irmandade torturada, antes de virarem de volta para ela.

“Tudo estava bem durante os últimos duzentos anos, até você aparecer e bagunçar o Bem e o Mal”, rugiu Ravan.

“Meninos e Meninas também!”, gritou Brone.

“Eu espero que a Agatha e o Tedros invadam o castelo e matem o Diretor da Escola!”, vociferou Arachne. “Tomara que eles tragam o Bem de volta!”

“Tragam o Bem de volta!”, Beatrix gritou e todos os alunos bateram os pés em solidariedade, vibrando: *“Tragam o Bem de volta!”*

Sophie olhava, sem palavras. Como ela poderia encontrar o espião do Bem, se todos eles estavam do lado do Bem?

“Essa é sua tarefa, sua parva...”, disse uma voz aguda que ecoou lá fora.

A porta foi escancarada e três alunas entraram, falando ruidosamente.

“...me seguir por aí e fazer o que eu disser”, resmungou uma garota de cabelos sujos, pintados de vermelho e preto, com um demônio assustador tatuado em volta do pescoço.

“Espero que eu faça uma pontuação para ser Líder, com você como minha capanga”, respondeu a garota albina, com uma voz rouca e três ratos pretos com as cabeças para fora de seus bolsos. “Vou fazer questão de que você passe o resto da vida beijando minha...”

“O papai disse que me compraria um cavalo novo se eu for Líder”, tagarelou uma menina atrás delas, redonda como um balão, petiscando um punhado de margaridas de chocolate. “Matei meu último sem querer.”

“Sentou em cima dele?”, debochou a albina.

“Dei muito chocolate pra ele comer”, disse a garota redonda.

Subitamente, as três garotas pararam e olharam para Sophie. Elas abriram sorrisos largos e sentaram-se juntas, com as mãos enlaçadas em cima de suas bolsas.

“Desculpe pelo nosso atraso”, disse Hester, a tatuada.

“O Cástor nos fez limpar a sujeira de um dragão na ala dos Capangas”, explicou a albina Anadil.

“Dragões fazem um montão de cocô”, completou a gorducha Dot, de boca cheia.

Sophie quase pulou por cima da mesa para abraçar suas antigas colegas de quarto.

“Ah, graças a Deus! Minhas *verdadeiras* amigas!”, ela exclamou, radiante, tão aliviada em ver as bruxas sorridentes diante daquele mar de carrancas. “Pelo menos tem alguém feliz em me ver!”

“Eu não iria tão longe...”, murmurou Hester. Ela começou a abrir a mochila de livros e depois notou os rostos furiosos ao seu redor.

“Ah, aqui vamos nós”, ela gemeu. “Pela última vez, agora vocês todos estão na Escola do Mal, e isso significa que estão lutando pelo Mal. Olhem para mim: o Aric furou minha barriga com uma lâmina durante o Julgamento, e agora eu obedeço cada palavra que ele diz. Você quer continuar viva? Quer que o sol pare de derreter? Então, faça o que os professores dizem e ajude a Sophie a matar a Agatha e o Tedros.”

“Achei que a Agatha fosse sua amiga”, estrilou Ravan.

“Perdão? *Essas* aqui que são minhas amigas”, disse Hester, apontando para Anadil e Dot, com a ponta do dedo acesa em vermelho. “O covil que todos temem, mas onde querem estar. A panela que não dá a mínima para o que você pensa. As pecaminosas, sinistras e originais Três Bruxas do Quarto 66.”

“A Dot está até gorda outra vez”, disse Anadil.

Dot franziu o rosto.

“Claro, Agatha era tão agradável quanto um cachorro aleijado”, Hester prosseguiu, “mas aprendi minha lição quando quase morri nas mãos do Aric, tentando defendê-la. Tudo o que eu sempre quis era que o Mal voltasse a ter uma escola normal, onde nós pudéssemos aprender todo tipo de vilanias para sermos vilões melhores do que foi a incompetente da minha mãe. E agora, graças à Sophie, nós não temos somente uma escola do Mal, nós temos

duas.”

“Além disso, pela primeira vez, os vilões podem ter um Infelizes Para Sempre!”, Dot acrescentou. “Vocês sabem o que isso significa, não sabem?”, ela deu uma piscadinha para Ravan. “Dia dos Namorados Macabro!”

Ravan engasgou.

“E se nós não quisermos amor, tudo bem, também”, completou Anadil, com uma expressão de repulsa. “Uma vez que o livro de história de Sophie for concluído, o Mal irá provar que também pode ganhar, sem mais vilões condenados à morrer no final.”

“À liberdade do Mal!”, berrou Hester.

“À liberdade de escolha!”, rugiu Dot.

“À rainha Sophie!”, proclamou Anadil, batendo os punhos fechados na mesa, enquanto Hester e Dot entoavam e os três ratos pretos chiavam: “*À rainha Sophie! À rainha Sophie! À rainha Sophie!”*.

Ninguém mais acompanhou.

“Eles já entoaram o canto do ‘Tragam o Bem de volta’, não é?”, Dot suspirou.

Sophie sorriu para suas três bruxas campeãs. Pelo menos ela sabia quem *não era* o espião. A porta foi escancarada atrás dela e um flamingo rosa obeso entrou cambaleante — ou quase todo flamingo, já que era uma cabeça de cachorro que tentava debilmente conduzir o corpo.

“Peço desculpas pelo atraso em minha chegada”, ele disse, recostando-se desajeitado junto à parede. “O Cástor estava se sentindo mal, então assumi a aula de Capangas e liderei os alunos na execução de um hino extraordinário que compus para o Lorde Aric, nosso ilustre Reitor. Vocês gostariam de ouvir? Fica melhor quando entoado por uma sinfonia de 52 componentes e um couro soprano, mas tenho certeza de que consigo replicar o efeito...”

“Ah, olá... ex-*aluna*”, o cão fungou ao ver Sophie na escrivaninha da professora.

Sophie olhou fulminante para Pólux, metade de um Cerberus de duas cabeças que habitualmente perdia a batalha no uso do corpo para seu irmão raivoso Cástor. Ela poderia ter passado o resto da vida sem voltar a ver esse oleoso, invertebrado, focinho marrom de novo que, claramente, era um puxa-saco de Aric só para evitar ficar preso com o restante dos professores do Bem, da mesma forma que ele puxava o saco de Evelyn Sader, ano passado, para evitar ser despejado com os Meninos. Ainda pior, Pólux estava

claramente mentindo quanto a estar atrasado, já que suas três amigas bruxas acabaram de dizer que estavam ajudando Cástor a limpar cocô de dragão.

"Você gostaria de se sentar junto com seus colegas?", perguntou Pólux, como se estivesse lendo seus pensamentos. "Achei que você deixaria a classe por minha conta, já que tem sido *minha* pelas últimas semanas."

"Estou muito bem aqui", Sophie respondeu, subitamente feliz por ser uma professora, se isso significava irritá-lo. Ela virou de volta para a turma. "Importam-se em me dizer o que vocês vêm aprendendo, alunos?"

"A História de Sophie e Agatha até cansar", disse Hort, entrando na sala sem livros ou mochila, com a mão dentro da blusa, exibindo a barriga malhada. "Você sabe, tentando identificar as fraquezas de Agatha e Tedros para que nós possamos matá-los e finalmente deixarmos de ser perdedores", ele se sentou numa cadeira, soprou a franja para afastá-la dos olhos negros e se esticou num bocejo.

Sophie arregalou os olhos para os ombros largos de Hort, o jeito casual da barba por fazer, a pose descontraída. Em um mês, ele passara de um banana fracote para um ídolo adolescente. Ela notou todas as outras garotas secretamente observando, tanto as Sempre quanto as Nunca. *Deve ser um feitiço de transformação*, pensou ela, observando quando ele jogou os cabelos. *Ou um irmão gêmeo, ou um pacto com o demônio, mas tem alguma coisa...* Hort notou que ela estava olhando e a encarou com a mesma expressão assassina que tinha feito no foyer. Sophie ficou tensa e fingiu ouvir Pólux.

"Como o Hort frisou, na primeira semana fizemos um bloco sobre os percalços de Tedros como príncipe", disse o cão, pulando em cima da mesa de professor e empurrando Sophie para o lado. Ele abanou uma asa e as cores dos pirulitos na parede reordenaram as cenas dos piores momentos de Tedros, em *A história de Sophie e Agatha*. "E o que nós aprendemos, turma? Sim, Hester!"

"Ele tem sérios problemas com o papai", disse Hester, olhando a pintura com deboche, vendo Tedros matando um gárgula no laboratório de Merlin.

"Excelente! Sim, Anadil?"

"Ele não confia em meninas desde que sua mãe o abandonou", disse a albina, apontando a pintura de Tedros lançando uma flecha em Agatha, no Grande Salão do Mal.

"Na mosca! Sim, Dot?"

“Ele é obcecado por espadas”, palpitou Dot, assentindo para a cena em que Tedros quase beijou Filip, em uma floresta.

Pólux piscou olhando pra ela.

“Prosseguindo ao nosso desafio...”

Os pensamentos acerca de Hort foram se dissipando enquanto Sophie observava a pintura em que ela estava junto de Tedros, quando ela era Filip. Ele fora tão vulnerável com ela, quando era um menino, tão meigo e carente, e ela vira o verdadeiro Tedros por baixo da fachada de machão. Eles se tornaram tão próximos em tão pouco tempo, companheiros como unha e carne, como ela e Agatha foram um dia. Sophie corou, revivendo o momento em que ele finalmente a tocou, na Floresta Azul. Claro que foi tudo baseado numa mentira. Tedros jamais se abriria com ela se soubesse quem ela era. Ela havia perdido aquele Tedros para sempre... aquele menino perfeito, lindo, que tentara beijar sua melhor amiga...

Sophie ficou vermelha como um pimentão. Tedros queria matar Rafal e ela estava corando por ele?

Você tem um novo amor, pensou ela, cerrando os dentes, beliscando a própria coxa, com força. *Pare de pensar nos velhos amores*.

“Então, com tudo isso em mente”, Pólux disse, com seu traseiro de pássaro empurrando Sophie para a beirada da mesa. “O desafio da aula de hoje é mergulhar ainda mais fundo na mente de Tedros. Em um momento, todos vocês ficarão ocultos por baixo de máscaras mágicas de Tedros. E já que a Sophie insiste em interpretar o papel de “*professora*”, ela ficará responsável por julgar quem age de forma mais parecida com o verdadeiro príncipe. Aquele que ela escolher como o mais parecido com Tedros tira o primeiro lugar”, ele empurrou Sophie para fora da mesa, derrubando-a no chão.

“Vamos?”, ele disse para ela.

Alguns minutos depois, Sophie estava de pé, vendada com um pano preto fedorento, enquanto ouvia os alunos se reorganizando nas cadeiras.

O espião tem de ser amigo de Tedros, se eles vão ajudá-lo a entrar, pensou ela. *E o espião é o único que teve contato com ele desde que ele desapareceu*. O que significava que quem ganhasse esse desafio, quem conhecesse Tedros bem o suficiente para imitá-lo, certamente seria o principal suspeito.

“Todos encontraram um novo lugar? Nós não queremos que a Sophie se

lembre de onde vocês estavam", gritou a voz de Pólux antes que ela ouvisse o último traseiro sentando. "Muito bem. O feitiço de ocultação irá cobrir seus rostos com uma máscara de fantasma. Não toquem nela, ou ela poderá ficar grudada em seus rostos permanentemente. Estão me ouvindo? *Não toquem*.

"Essa escola é muito insegura", disse a voz de Reena.

"Prontos?", disse Pólux. "Um... dois... três..."

Sophie ouviu um ruído alto, um rangido do vento, depois tudo em silêncio.

"As máscaras são quentes", resmungou a voz de Ravan.

"E *louras*", gemeu a voz de Hester.

"Shhhh!", Pólux chiou. "Sophie, preparar... apontar.... vai!"

Sophie arrancou a venda.

Se ela tinha corado quando viu o rosto de Tedros nas paredes, agora ela estava rosa da cor das plumas de Pólux.

Havia quarenta Tedros sentados à sua frente, refletindo os olhos azuis cristalinos, os cachos louros dourados, a pele bronzeada e perfeita. No entanto, havia um ar estranhamente embaçado nos rostos, a grossura da borracha, contornos com uma luminosidade esquisita, então ela não conseguia discernir os pescoços e roupas por baixo das máscaras. Alguns dos Tedros estavam sorrindo, outros com ar de deboche, alguns tinham os olhos inexpressivos, mas à medida que vasculhava esse grupo de príncipes deslumbrantes, Sophie sentiu suas bochechas ainda mais quentes.

Pare de corar, sua idiota! Tedros não é mais seu amigo! Não, ele era o menino que a trocara por sua melhor amiga; o menino que queria matar seu verdadeiro amor; o menino propaganda do Bem que tinha um espião trabalhando contra ela, dentro dessa sala...

"Então?", bufou Pólux.

Sophie se preparou e adentrou o mar de príncipes. Um a um, ela os analisava, mas só demorou alguns segundos para que ela visse o modo fraudulento, a cada vez. O sorriso era irritável demais, ou tolo demais, uma postura rígida demais, ou excessivamente relaxada, ou havia um lampejo de hesitação — a cabeça meio torta — coisas que o verdadeiro Tedros nunca teve. Um Tedros, na segunda fila, quase a enganou, mas ele hesitou quando eles se olharam e o verdadeiro Tedros teria continuado olhando, forte e inabalável, até transformar seu coração em pudim, passando a ser dele. Nenhum dos outros que estavam em volta sequer chegaram perto e ela logo

estava na última fila, sem estar mais perto de encontrar o espião do Bem... até que o último Tedros fez com que ela subitamente parasse.

Ela olhou fixamente em seus olhos, cintilando de malícia. Ele mordeu o lábio inferior suculento e ergueu uma sobrancelha, quase mais Tedros que o próprio Tedros, e Sophie sentiu uma onda de fogo irromper por todo seu corpo.

Esse, pensou ela, contendo o nó no estômago. *Esse é o que o conhece melhor. Esse é o espião*.

Ela se inclinou à frente, provocadora, desafiando o espião, ele ou ela, a entrar eu seu próprio jogo. Quanto mais ela se aproximava, porém, mais ela sentia o calor emanando da pele orvalhada do príncipe, e sentia seu cheiro, uma mistura de menta e madeira, até que o coração de Sophie parou de bater e ela soube que não era um espião — era ele, o *verdadeiro* ele, Tedros havia dispensado Agatha para vir estar com ela! Perplexa, em pânico, eufórica, ela o abraçou ofegante.

"Teddy, é *você!"*

A borracha instantaneamente derreteu mostrando a pele, e Hort olhou-a fulminante.

"*Não toque*."

Sophie recuou chocada...

Um número "1" surgiu acima da cabeça de Hort, com uma coroa de fumaça verde, enquanto as notas foram surgindo acima de todos os outros, e suas máscaras iam se dissipando, revelando seus verdadeiros rostos.

"Muito bem, Hort!", disse Pólux. "Você, sem dúvida, irá ajudar nossa rainha a matar o *verdadeiro* Tedros."

"Sem dúvida", disse Hort, ainda lançando punhais pelo olhar cravado em Sophie.

"E eu vou acabar virando uma ervilha", disse Kiko, num tom miado atrás dele, com uma nuvem preta e sua colocação número "20", surgindo acima de sua cabeça.

Sophie estava tão confusa que ao conseguir recuperar a postura, as fadas já tinham chamado, e todos os alunos estavam correndo porta afora, rumo ao corredor lotado. Inebriada, ela foi lentamente atrás dele, ainda tentando entender como Hort tinha se tornado Tedros e depois, Tedros ter se transformado de volta em Hort, e porque ela tentou abraçar Tedros...

Três bruxas subitamente passaram correndo por ela, saindo pela porta.

“Quase nos pegou com o cocô do dragão!”, Dot sussurrou.

“Eu lhe disse que a gente deveria ter arranjado uma desculpa diferente”, resmungou Hester.

“Ninguém notou coisa alguma”, Anadil disse baixinho.

Sophie combateu o torpor e apressou-se atrás de suas ex-colegas de quarto, ávida para papear, como elas sempre faziam.

“Ei! Esperem!”, ela gritou, empolgada...

Mas, em vez de esperá-la, as três bruxas pararam subitamente com o som da voz dela, mas depois prosseguiram em frente, andando bem mais depressa.

Sozinha na porta, Sophie ficou olhando enquanto elas se misturavam à turba de uniformes pretos, e seu sorriso foi sumindo, perdida, sem saber explicar por que as suas únicas três amigas nessa escola tinham acabado de agir como se nunca tivessem sido amigas dela.

13
Meninos Demais

Geralmente, os professores da Escola do Bem e do Mal lecionavam várias aulas, mas Lady Lesso designara apenas uma à Sophie, a qual a Reitora preenchera com os alunos que melhor conheciam Agatha e Tedros. No entanto, quando a aula seguinte começou, Sophie percorreu o Refúgio de João e Maria sem qualquer progresso na descoberta do espião, ou sobre como os dois Sempre pretendiam entrar. Não podia ser o Hort, embora ele tivesse ganhado o desafio, pois ele sempre odiou Tedros e não tinha qualquer motivo para ajudá-lo. Mas, então, quem seria? Quem arriscaria a própria vida para ajudar o Bem a matar Rafal? Quem arriscaria a própria vida para ajudar o Bem a resgatá-la?

Ela passou pelas salas de aula, dando uma espiada nos professores pelas frestas das portas, enquanto eles preparavam os alunos para emboscar Agatha e Tedros. Na aula de Enfeiamento, o Professor Manley liderava os alunos num Desafio de Camuflagem, que magicamente os fundia aos móveis da escola, de modo a surpreender o inimigo; na aula de História, Rafal palestrou aos estudantes, contando de que formas os intrusos já haviam tentado invadir a Escola do Bem e do Mal; em Talentos Especiais, a Professora Sheeks foi a anfitriã de um torneio em que os alunos mostravam seus talentos, uns contra os outros; e lá fora, na Floresta Azul, Aric forçou os alunos a passarem por um percurso de obstáculos, enquanto fadas espetavam todos que ficavam para trás.

Em pé, na sacada do terceiro andar, Sophie olhava admirada para Aric, volumoso e encharcado de suor, com a camisa sem mangas, cuspindo ordens aos seus alunos. Para um bandido cretino e assassino, ele tinha uma beleza

doentia.

Seu rosto corou. *Eu realmente acabei de pensar isso?*



Aric subitamente ergueu os olhos para ela, como se estivesse dentro de sua cabeça, e lhe deu um sorriso perigoso. Sophie sentiu alguém lhe tocar e deu um grito.

“Fico contente em saber que ainda sou assustador”, brincou Rafal, dando um sorriso malicioso. Sophie olhou para seu belo rapaz, que estava com os cordões da camisa desamarrados.

“Desculpe... eu só estava...”

Rafal olhou para baixo e viu Aric em sua linha de visão. O jovem Diretor da Escola parou de sorrir.

“Como foi a aula?”

Olhando por cima do ombro dele, Sophie reparou em Hort, enquanto Beatrix flertava com ele, num canto.

“Sophie?“

“Hã?”, Rafal a surpreendeu olhando para Hort. Sophie instantaneamente olhou de volta para Rafal. “Ah! Adorável! A aula foi simplesmente adorável!”, ela disse.

“Olha, eu tenho que entrar”, o Diretor da Escola disse franzindo o cenho, “mas eu a verei no almoço. Nós temos um local privativo na sacada...”

Mas agora Sophie estava encarando Reena e Ravan, que passavam, ambos usando broches com cisnes brancos com os dizeres *Tragam o Bem de Volta!*, que tinham o belo rosto de Tedros pintado. O príncipe estava pintado de forma tão heroica, tão vistosa, que o coração de Sophie se acendeu...

Rafal se virou e os dois broches voltaram a ser cisnes negros com o rosto jovem de Rafal e as palavras *O Mal que Manda!* Ele estreitou os olhos e virou para Sophie.

“Você parece distraída”, ele observou, com um tom gélido na voz.

“Eu? Não, não...”, Sophie deu uma tossida forçada. “Só estou cansada. Você sabe, ainda estou me recuperando, depois de ficar doente...”

Os olhos azuis de Rafal perfuravam os dela, como se sacudissem sua alma, e Sophie sentiu um revolver no estômago. Ela lhe deu um beijo no rosto e um apertãozinho no braço.

“Eu o verei no almoço, está bem?”

Rafal sondou seu rosto por um longo tempo... depois abrandou.

“Não se atrase. Esperarei por você”, ele tocou-lhe os lábios com os dedos frios.

Sophie o observou seguir rumo à sua sala de aulas, fazendo questão de mostrar um sorriso radiante e acenar enquanto ele entrava... No instante em que a porta dele se fechou, ela disparou como uma lebre, saindo como um raio do Refúgio de João e Maria, precisando desesperadamente de um lugar para pensar. Rafal estava certo. Ela estava mesmo distraída, sem conseguir prestar atenção ao seu único e verdadeiro amor, cujo anel estava usando, o amor de verdade, pelo qual ela havia lutado para encontrar, ao longo de toda sua história. E ela também estava distraída por algo que a deixava distraída desde o dia em que nascera...

Meninos.

Meninos demais.

Sophie fechou a porta de vidro atrás de si e parou sob a luz fria do telhado da antiga Torre da Honra. Recostando-se no vidro fosco, ela olhou para a Floresta Sem Fim ao longe, além da baía verde viscosa, escondida por trás do céu iluminado pela luz fraca, que fazia a manhã parecer o crepúsculo. Ela respirou fundo e endireitou a postura, seguindo em direção à Coleção de Empalhados de Merlin, local de tributo ao Rei Arthur, onde ela e Agatha sempre consideraram o cantinho preferido para pensar...

Seus olhos se arregalaram. As cercas-vivas já não refletiam mais a história do Rei Arthur — em lugar disso, mostravam a história do filho. Sophie foi andando pelo jardim, observando as cenas de Tedros, de peito nu, encontrando Agatha pela primeira vez; Tedros convidando Agatha para o Baile da Neve, Tedros salvando Agatha da Floresta Sem Fim, toda arranhada

pelos espinhos...

Por que a Escola do Mal celebraria uma história de amor do Bem? pensou ela, observando Agatha nos braços de Tedros. As velhas pontadas de ciúmes voltaram, e ela tentou contê-las, lembrando a si mesma de que Tedros não era mais seu verdadeiro amor. Ele era o amor de Agatha. *Como o Rafal é o meu*.

E, no entanto, dez minutos depois, ela ainda estava perambulando por entre as cercas-vivas, debruçada por cima de cada pedacinho do memorial de Tedros e Agatha, sem conseguir se afastar, antes de chegar à última escultura do príncipe e da princesa, abraçados no primeiro beijo que trocaram, embaixo do salgueiro.

Mas que estranho... pensou Sophie, aproximando-se. Ela tinha beijado Agatha... Agatha tinha beijado Tedros... e, ainda assim, *ela*, Sophie, nunca tinha beijado Tedros. E jamais beijaria. Porque agora ele era seu inimigo, ele era o vilão... e, além disso, ela tinha seu próprio menino para beijar... um menino muito mais bonito, inteligente e melhor que esse que Agatha beijava à sua frente... então, por que ela estava na ponta dos pés, inalando o cheiro mentolado do beijo dos dois, tocando a ponta dourada de seu dedo nos lábios colados de seus amigos...

A ponta de seu dedo irrompeu numa urticária violenta, cheia de bolhas. Sophie engasgou de surpresa.

A irritação em tom vermelho vivo foi subindo por sua mão, seu braço, seu ombro, como um animal carnívoro, queimando tão profundamente que ela não conseguia respirar...

Depois de alguns segundos, Sophie passou pelo antigo Salão da Coragem parecendo um rinoceronte, trombando nos alunos que estavam saindo da quarta aula, que ficaram grudados nas paredes, assim que a viram. Disparando escada acima, ela escancarou as portas do escritório da Reitora, com o corpo inteiro coberto de bolhas, as erupções subindo pelo pescoço, chegando ao seu rosto...

O Professor Manley e Lady Lesso olharam calmamente para ela, ambos os professores com suas silhuetas diante da janela.

“Eu lhe disse que alguém se machucaria, Bilious”, Lady Lesso comentou, suspirando.

“Apenas se for imbecil o suficiente para tocar a história de amor de um Sempre”, Manley rugiu para Sophie. “Vá logo para a Sala de Embelezamento

e fique de molho num banho a vapor.”

“Mas a Reitora Sader incinerou a Sala de Embelezamento!”, Sophie argumentou, ofegante de dor.

“Somente a das Meninas”, disse Lady Lesso. “Use a dos Meninos.”

Sophie correu até a escada enquanto a aliança de Rafal cortava seu dedo inchado...

“Sophie?”, Manley gritou e ela se virou. “Seu amor por Rafal inspirou todo o Mal”, ele continuou, abrandando a voz. “Incluindo os professores.”

Sophie sorriu contida e saiu correndo.

Quando Sophie conseguiu chegar à Sala de Embelezamento dos Meninos, quatro andares abaixo, a urticária já tinha tomado conta de sua pele e de seu rosto inteiro, e suas pálpebras estavam tão inflamadas que ela mal conseguia enxergar. Ainda bem que o spa dos meninos parecia deserto. Espiando por entre as frestas dos olhos lacrimosos, ela vasculhou o recinto dourado de Midas, a sala de bronzeamento, o ginásio com os martelos escandinavos, a piscina de água salgada e os banhos turcos a vapor, que cheiravam a enxofre e suor. Seu olho esquerdo subitamente inchou como um balão, fechando completamente, e ela seguiu cambaleando rumo à banheira mais quente, antes de escorregar na borda e cair de cabeça dentro da água pelando, com o vestido inflando como um paraquedas...

Instantaneamente, as pústulas começaram a regredir. As bolhas da água fluíam sobre seu rosto dormente e inchado, restaurando seu rosto pouco a pouco, até que ela sentiu os jatos de água limpando suas bochechas e a aliança de Rafal afrouxando em seu dedo. Respirando aliviada, Sophie virou para a superfície, lançando os cabelos ao alto, como uma sereia saindo do mar, e abriu os olhos, sorrindo.

Hort a encarava, por entre o vapor.

“Ora, se não é a Pequena Senhorita Mentirosa.”

Sophie empalideceu e recuou como um siri, querendo escapar.

“Está com medo, né?”, Hort provocou.

“Não, só não tenho o hábito de tomar banho a vapor com um menino qualquer”, estrilou Sophie, saindo da banheira.

“Menino qualquer?”, Hort riu com deboche. “Eu era seu *melhor amigo* no ano passado, lembra? O melhor amigo que te ajudou a sobreviver às aulas dos meninos, que te ajudou a derrotar o Tedros, a quem você prometeu levar

para a Prova dos Contos, mas, em vez disso, acabou levando o Tedros...”

“O papo tá bom...”, Sophie disparou, saindo apressada... Mas só aí ela percebeu as manchas vermelhas em seus braços, que ainda estavam sarando.

“Em mais alguns minutos elas vão sumir”, disse Hort, atrás dela. “Se você for embora agora, talvez fique com as cicatrizes para *sempre*.”

Sophie o encarou por entre a névoa, ele estava sem camisa, de short preto, com o peito claro e malhado, rosado pelo calor.

“Mais alguns minutos”, murmurou ela, entrando na piscina, o mais distante possível dele.

“Vantagens de estar na primeira colocação. Posso malhar sempre que eu quero e os professores não dizem nada”, Hort comentou, beliscando uma pequena espinha em seu braço. “Agora eu entendo por que Tedros era obcecado por esse lugar. Os narcisistas devem adorar isso aqui. Ainda bem que eles tinham o pica-pau para cronometrar o tempo, ou o Príncipe Rostinho Bonito nunca sairia daqui. À essa altura, os pássaros provavelmente estão trancados com os outros professores do Bem, é claro. As ninfas também. Você deveria ver quem está preso, trabalhando na Lavanderia.”

“Não entendo. Por que ainda tem uma Sala de Embelezamento num castelo do Mal?”

“Pergunte ao seu namorado”, alfinetou Hort. “Ele a utiliza mais que qualquer um. Claramente está tentando ficar bonito pra você.”

“*Rafal* usa a Sala de Embelezamento?”

“Ah, esse é o nome dele, agora? Imagino que ele precise de um novo nome para combinar com o novo rosto, para que você não se lembre do antigo. Bela tentativa, mas eu vou continuar com “Diretor da Escola”.”

“Ele não é mais velho que você ou eu”, Sophie defendeu.

“Continue dizendo isso a si mesma. De todo modo, não posso falar muito mal do cara. Ele deu um túmulo decente ao meu pai quando eu implorei. Quer dizer, não foi no Cume Necro, junto dos melhores vilões, onde meu pai deveria ter sido enterrado, mas o Vale dos Abutres já foi bom o suficiente. Principalmente levando-se em conta que o Diretor da Escola não gosta muito de mim. Você sabe, porque eu era apaixonado por você e tudo mais. Mas, pelo menos, ele teve a decência de deixar que meu pai repousasse em paz.”

“Está vendo, ele não é tão ruim, é?”, Sophie abrandou. “E agora, seu pai finalmente recebeu a sepultura que merecia. Porque ele tinha um filho nobre e persistente que fez questão disso.”

Hort assentiu, escondendo uma fungada.

“Enquanto isso, parece que você também tem passado um bom tempo na Sala de Embelezamento”, Sophie cutucou. “Quase tão parecido com Tedros quanto a sua imitação dele.”

“Bem, eu deveria conhecê-lo melhor que todo mundo, não?”, Hort respondeu, com o rosto sério.

“Hã? Por que você saberia qualquer coisa sobre Tedros?”

“Ou você está mentindo novamente”, Hort riu com escárnio. “ou é tão imbecil quanto parece. No primeiro ano, você me trocou por ele quando você era uma menina. Depois você me trocou por ele no segundo ano quando era menino. Você mente, trapaceia e rouba por ele, enquanto ele te trata como lixo; e eu te ajudo e me importo com você, e te louvo como uma rainha, enquanto você me trata como lixo! O que aquele cara tem que eu não tenho? O que o torna tão adorável e a mim tão indigno? Sabe quantas vezes eu me fiz essa pergunta, Sophie? Quantas vezes eu o estudei como a um livro, ou fiquei sentado, no escuro, imaginando cada fiapo dele, tentando imaginar por que ele é mais gente que eu? Ou por que no instante em que ele se foi, você aceita uma aliança do Diretor da Escola..., ou de Raphael, ou Michelângelo, ou Donatello, ou seja lá do que você queira chamá-lo, só para se sentir melhor, só porque ele tem a aparência que você quer que ele tenha e diz o que você quer ouvir? Quando você poderia ter alguém honesto, bom e real?”, os olhos negros miúdos a perfuravam.

Sophie checou seu braço, desesperada para sair da banheira, mas seus ferimentos ainda estavam sensíveis.

“Em primeiro lugar, não me chame de imbecil, Hort. Em segundo, por favor, acredite quando eu digo que lamento muito pelo ano passado, está bem? Eu ainda não sei por que o nome de Tedros saiu da minha boca no lugar do seu. Para mim, ele acabou. É verdade. Não sei mais o que dizer...”

“Como se eu acreditasse em alguma coisa que você diz...”, Hort fungou. “Eu já te beijei e já te matei na minha cabeça muito mais vezes do que você merece.”

Sophie o encarava. Hort suspirou, remexendo a água.

“Mas aprendi minha lição. Ninguém quer saber do Velho Hort. Então, conheça o Novo Hort. Modelado segundo seu príncipe másculo. O Hort que as gatas curtem.”

“Mas esse Hort não tem nada de real”, disse Sophie, franzindo o rosto.

“Esse Hort não é você.”

“Bem, seja quem for...”, Hort ergueu os olhos. “Ele finalmente ganhou sua atenção, não foi?”

Sophie ficou em silêncio.

“Droga, estou ficando enrugado”, Hort praguejou, olhando os dedos enrugados pela água. Ele foi saindo da piscina. “Além disso, seu novo namorado provavelmente está esperando por você.”

Sophie ficou observando, enquanto ele saía, enquanto a água escorria pelas curvas de suas costas.

“Hort?”

Ele parou, ainda sem olhar para ela. O único som da sala era a água pingando de seu short, caindo no tapete.

“Você ainda me ama?”, ela sussurrou.

Hort lentamente se virou para Sophie, com um sorriso triste, parecendo o menino sensível e sincero que ela um dia conheceu.

“Não.”

“Ah, que bom. Sim. Fico contente em saber”, Sophie exclamou, desviando os olhos e remexendo no vestido antes de erguê-los novamente. “Você sabe, com meu novo namorado e tudo mais...”

Mas Hort já tinha saído.

Por um longo tempo, Sophie ficou dentro da banheira de água quente, suando e olhando para o lugar onde ele estivera, mesmo depois que seu braço já tinha sarado, mesmo depois que sua pele havia enrugado. E somente quando ouviu os gritinhos das fadas irrompendo pelo castelo, foi que Sophie percebeu que não tinha apenas perdido o começo do almoço. Ela tinha perdido toda a refeição.

Já passava da meia-noite, mas Sophie permanecia calmamente sentada na janela do Diretor da Escola, com os cabelos ainda molhados, seu vestido ébano embolado nos joelhos, enquanto mantinha os dedos dos pés pressionados à parede. Ela olhava pela janela, vendo a baía de água verde fluorescente refletindo as sombras de dois castelos negros, ambos escuros e silenciosos.

Como as coisas mudavam depressa num conto de fadas.

Ainda bem que Rafal não ficara muito aborrecido — ela alegou que tinha se perdido na turba, a caminho do almoço (“*Parece um zoológico*

superpopuloso, Rafal!") e acabou ficando presa num armário de vassouras ("*Tem tanta coisa preta nesse lugar... fica difícil diferenciar os armários dos alunos!*"). Rafal a interrompeu, parecendo estressado: ele mal tinha almoçado e disse a ela que tinha negócios importantes na Escola do Velho que o prenderiam por lá até de manhã. Com um beijo, ele a deixou, sem queixas (só Lady Lesso que a repreendeu por não ter avançado em nada na descoberta do espião).

Sophie encolheu os joelhos junto ao peito e deu uma olhada para o Storian, parado acima de uma página em branco. Ele não havia desenhado nenhuma cena nova desde o começo da noite, quando pintou Agatha e Tedros desaparecendo dentro da toca de um coelho, e Tedros desmaiando diante da visão de um velho barbado. Ela tentou folhear o livro pra trás, para ver quem era esse velho e onde Agatha e seu príncipe estavam, mas o Storian a espetara quando ela tentou virar as páginas, quase arrancando sua mão. Aparentemente, quando uma história estava se desvendando, você não podia voltar atrás.

Meio desanimada, Sophie fez algumas poses de ioga, tentando tirar os Sempre da cabeça, depois desistiu e se amuou na beirada da cama, novamente olhando pela janela.

Lá fora, em algum lugar, seus melhores amigos estavam escrevendo seu lado da história. Em algum lugar, lá estavam eles, vindo para salvá-la de uma escola de onde, algum dia, ela faria tudo para ser salva... vindo para convencê-la a deixar o Mal e seu Mestre para trás, para sempre...

Ou isso era o que eles pensavam.

Porque, agora, ela se sentia à vontade no Mal. Claro, surgiram alguns percalços em seu primeiro dia, mas ela ainda era uma professora e uma rainha, superior a todos os outros alunos. E o mais importante, ela estava prestes a ganhar o primeiro conto de fadas do Mal, em duzentos anos! Ela estava prestes a se transformar em uma lenda, para a eternidade, mais famosa que Branca de Neve, Cinderela e todas as outras princesas de olhos inexpressivos e rostos rosados que nunca tiveram opinião própria...

E de pensar que eu era como esse bando de tolas.

Mas agora ela estava pronta para lutar pelo Mal. Matar, até.

Pois, ao contrário de todo Mal que veio antes dela, ela tinha algo pelo que lutar.

Rafal, ela pensou, admirando sua aliança, imaginando seu novo rosto

deslumbrante, branco e gélido em seu reflexo... Só que agora, em vez disso, ela estava pensando em Hort, rosado e meigo, em meio à névoa azulada... Depois, em Aric, com seus olhos cor de violeta, suando, na Floresta...

Sophie encolheu-se junto à parede, nauseada. Depois de finalmente encontrar seu verdadeiro amor, agora ela estava fantasiando sobre Hort? Aric? Depois de tudo o que ela havia feito para encontrar o amor?

Rafal *tinha* de ser o eleito, no fim das contas.

Ninguém mais a amava. Nem mesmo Hort.

Eu preciso de uma prova, ela pensou. *Só isso*.

Preciso de uma prova de que Rafal é o tal.

Então, não vou mais duvidar.

Então, vou parar de pensar em outros meninos.

Ela ergueu os olhos para a sala escura e vazia.

Prove, ela implorou ao próprio coração.

Prove que ele é meu verdadeiro amor.

Os aposentos do Diretor da Escola estavam em silêncio absoluto. Subitamente, a aliança em seu dedo começou a se mexer. Ela foi deslizando lentamente, por vontade própria, parando abaixo do nó do dedo. Ficou momentaneamente imóvel e fria em sua mão esquerda. Então, a aliança magicamente derreteu, diante dos olhos de Sophie, e o ouro foi ficando cada vez mais escuro, cada vez mais mole, desfazendo-se num círculo de líquido negro e reluzente. Sophie ficou na expectativa, olhando o círculo de tinta, quente e molhado em seu dedo, agarrado à sua pele como se fosse uma sanguessuga...

Mas agora ela via o que a aliança estava fazendo. Ela estava escrevendo a primeira letra em seu dedo. Estava escrevendo o nome de seu verdadeiro amor. Exatamente como ela havia pedido. Sophie sorriu e fechou os olhos, deixando que sua fada madrinha interior fizesse seu trabalho.

Escura e molhada, a aliança calmamente rasgava sua pele, controlada por algo vindo bem do fundo dela. A cada nova letra, a alma de Sophie respirava mais livre, mais leve, como se um peso esmagador tivesse sido erguido, como se a força movendo a aliança fosse seu verdadeiro ser, seu ser mais puro... até que a aliança finalmente terminou a última letra e se solidificou voltando a ser de ouro, deixando, sem dúvida, o nome “Rafal” escrito... Rafal, com quem ela ficaria para sempre...

Sophie lentamente abriu os olhos e viu o nome em letras grafadas em

tinta negra.

Não era o nome de Rafal.

Ela caiu na cama, chocada. Petrificada, ela agarrou a bainha do vestido e esfregou o nome, tentando apagá-lo. Ainda continuava ali. Ela raspou com as unhas, esfregou no chão, passou na parede — mas o nome estava ainda mais escuro que antes. Atordoada, ela se encolheu junto à cama, escondendo a mão no vestido, tentando acalmar seu coração apavorado. Não importava que nome estava ali!

Não era possível que aquele nome fosse o de seu verdadeiro amor.

Não era possível que aquele nome representasse seu final feliz.

Porque o nome que a aliança havia tatuado na pele de Sophie, o nome que a aliança jurava ser seu único e verdadeiro amor, era o nome do príncipe que ela deveria matar.

14
Aonde os Magos Vão Para Pensar

“Imagino que a entrada tenha sido ligeiramente dramática”, Merlin murmurou em seu habitual tom de barítono, enquanto reclinava Tedros no sofá, e sua capa roxa acidentalmente passou no rosto do príncipe. “Mas um bom mago não pode simplesmente entrar como um entregador, pode?”

“Não *fale* comigo!”, Tedros resmungou com a voz falhando enquanto afastava Merlin e sua túnica. “Você acha que pode entrar todo faceiro, contando piadas, como se estivesse *tudo bem?*”, ele enxugou lágrimas de raiva, voltando sua ira para Agatha. “E só para que você saiba, eu não desmaiei, portanto nem pense nisso!”

“Coloque suas pernas aqui em cima”, Agatha disse, calmamente, tirando as meias do príncipe e erguendo seus pés suados sobre o sofá.

“Diga aos velhotes que eu não desmaiei. Diga a eles!”

“Eles estão ocupados demais jantando, não estão prestando a menor atenção em você”, Agatha respondeu, espiando e vendo Yuba e os outros membros da Liga instantaneamente baixando suas cabeças sobre os pratos de purê de cenoura e mingau, à mesa de jantar, fingindo conversar.

“E mesmo que eu desmaiasse, você desmaiou *duas vezes*”, Tedros estrilou, limpando o nariz escorrendo na manga.

“Que bom ver que o futuro de Camelot está em mãos maduras”, disse Agatha, enfiando outro travesseiro embaixo da cabeça dele.

“Ele era ainda mais emotivo quando criança. Imagine só!”, disse Merlin, batendo a poeira da túnica antes de sentar-se numa cadeira de balanço, tirar o chapéu e puxar um pirulito de dentro dele como se fosse um mágico de parque de diversões. “De sua futura princesa, seu pai diria ‘Procure uma

garota que seja realmente do Bem’”, Merlin chupava o pirulito ruidosamente. “Eu, por outro lado, disse ‘Procure uma garota que lhe dê um bom chute no traseiro’.”

“Você acha isso engraçado?”, Tedros encarava, de olhos vermelhos.

Merlin arrotou e puxou o bigode.



“Tedros, eu sei que tenho muito a explicar...”

“Não. *Nada* de explicações. Não há nada a ser explicado!”, Tedros balançou as mãos para interrompê-lo. “Minha mãe foge com o melhor amigo do meu pai quando eu tenho 9 anos. Vai embora logo com Lancelot — Lancelot, o cavaleiro que eu idolatrava, que me carregou nas costas e me deu minha primeira espada, que agia como se também fosse meu amigo. Ela nem se despediu, Merlin! Como se eu e o papai fôssemos estranhos, como se não fôssemos *nada*. E por mais que eu chorasse ou xingasse, por mais que eu visse meu pai se trancar inúmeras vezes em seus aposentos, pelo menos eu ainda tinha você. Você manteve nossa família unida quando ela estava se desintegrando”, os olhos de Tedros se encheram novamente de água. “Então, uma semana depois, você desaparece, no meio da noite, exatamente como ela fez. Sem dizer uma palavra ao meu pai, depois de guiá-lo por toda sua vida. Nem uma palavra para mim, a quem você levou para conhecer a Floresta como se eu fosse seu próprio filho. Meu pai disse que você partiu porque sua vida estava em perigo — disse que você criou um feitiço que bagunçou com meninos e meninas e isso poderia arruinar reinos inteiros; esse boato do feitiço se espalhou e exércitos estavam vindo em sua captura... Mas o Merlin que eu conheci era mais forte do que qualquer exército, maior que qualquer perigo. O Merlin que eu conheci teria colocado meu pai antes de sua própria vida!”, Tedros resfolegou e continuou.

“Eu tinha 10 anos e tive que ver meu pai morrer, tão fraco quanto um dia havia sido forte. Eu ficava dizendo a mim mesmo que você voltaria. Merlin

não poderia me abandonar desse jeito: um órfão, num castelo gigante, sem mãe, sem pai, sem ninguém para cuidar de mim. Mas os anos se passaram e eu disse a mim mesmo que você estava morto. Só podia estar. Então, fiquei de luto por sua morte, assim como fiquei pelo meu pai, prometendo fazer com que você se orgulhasse, pelo resto da minha vida, independentemente do céu onde você estivesse", Tedros soluçou, mergulhando o rosto num travesseiro. "E agora, você aparece... *vivo?"*

Agatha olhava para Tedros, também com os olhos lacrimosos. Ela queria tocá-lo, mas ele estava sensível demais. Ela lentamente ergueu os olhos para Merlin, agora vendo um velho vilão egoísta no lugar de um herói. O esplendor do rosto de Merlin desapareceu. Ele mexeu o dedo e o pirulito evaporou enquanto ele se recostava na cadeira.

"Eu deveria ter deixado o castelo muito antes daquela noite, Tedros. Seu pai não me via mais como amigo, mas como um velho tolo que só estava ali para resmungar e causar-lhe impedimentos. Na verdade, apenas alguns dias antes, ele tinha vindo até minha caverna e exigiu um feitiço para espionar Guinevere, mas eu me mantive firme, dizendo que as questões do coração são delicadas demais para usar magia. O jovem Arthur teria confiado em meu conselho e teria ido falar diretamente com a esposa, mesmo que isso ferisse seu orgulho, ou o conduzisse a uma verdade que ele não estava pronto para aceitar. Mas o velho Arthur, invejoso e arrogante, roubou a receita de um feitiço da minha caverna, como uma criança vingativa, transformando-se de homem para mulher, para criar uma armadilha para a própria *esposa*. Eu fui obrigado a deixar Camelot. Não apenas para me proteger, mas para proteger seu pai acima de tudo. Se o feitiço não estivesse ali para que ele o pegasse, talvez Arthur e eu tivéssemos chegado a um final diferente. Embora isso talvez seja um desejo meu. Ele mesmo me disse, muitas vezes antes, quando ficava zangado, 'Eu não preciso mais de você'."

"E quanto a mim? E se eu precisasse de você?", Tedros esfregou os olhos, agora com o rosto menos vermelho.

"Eu não poderia cometer com você os mesmos erros que havia cometido com seu pai", Merlin explicou. "Eu o protegi de suas próprias fraquezas e, por conta disso, aquelas fraquezas ganharam. Eu precisava deixar que você escrevesse sua própria história, Tedros... Deixar que você crescesse sozinho, até o dia em que você realmente precisasse de mim para sobreviver. Se eu tentasse me despedir, você teria me seguido pela Floresta adentro. Ainda

assim, você jamais saberá o quão difícil foi deixá-lo. Por mais que você precisasse de mim, eu precisava muito mais de você", a voz do mago falhou ligeiramente. "Eu me consolava com o fato de que jamais partiria de fato, ficaria te observando como uma águia olha do céu, seguindo cada reviravolta de sua história. Talvez aflito, diante de alguns de seus erros, por serem erros tolos. No entanto, sabendo que esses erros eram seus, lindamente seus, e que você se tornaria melhor por conta deles... O menino que eu deixei para trás estaria a caminho de se tornar um homem extraordinário e um rei extraordinário", Merlin sorriu. "Nem que fosse somente pela escolha de uma princesa."

Tedros e Agatha se encararam e então desviaram o olhar, corando como se estivessem incertos se ainda estavam brigados.

"Mas vocês certamente terão filhos interessantes", murmurou Merlin, observando-os.

Agatha ficou desconcertada. Tedros bocejou e dobrou os joelhos junto ao peito.

"Bem, depois de tudo que você me fez passar, o mínimo que você pode fazer é me dar um chocolate quente, M", ele resmungou, olhando para Merlin. "Com marshmallow duplo e creme doce, como sempre, por favor."

"O que foi que eu disse?", Merlin abriu um sorriso. "No instante em que eu apareço, eles voltam a ser crianças", o mago suspirou.

De dentro de seu chapéu cônico, ele tirou um caneco de pedra com chocolate quente fumegante e dois marshmallows fofinhos e gigantes numa montanha de chantili cheia de confeitos coloridos e colocou na mão do príncipe. Tedros estava prestes a dar um gole... quando ergueu os olhos para Agatha.

"Quer experimentar?"

Agatha ficou olhando, surpresa. Seu príncipe era um garoto-propaganda do cavalheirismo, exceto quando se tratava de comida; em Gavaldon, ele praticamente a pôs para fora por conta de comida, roubando as últimas garfadas tantas vezes que ela perdeu a conta, sem jamais oferecer um pedacinho de suas refeições. Portanto, quando ele estendeu o caneco, com uma expressão tão bonita e sincera, Agatha ficou com os olhos marejados feito uma idiota — porque, afinal, mesmo com todas as brigas, a tensão e o ressentimento, significava que Tedros ainda a amava.

Ao pegar a caneca quente, ela deu um gole no delicioso chocolate com

creme e uma explosão doce irrompeu em sua língua, como se ela tivesse inalado todo o Refúgio de João e Maria num gole só.

“Nossa!”, ela exclamou, prestes a dar outro gole, mas Tedros pegou a caneca de volta com tanta violência que Agatha caiu na gargalhada.

“Onde você esteve todos esses anos, Merlin?”, Tedros finalmente perguntou, com um bigode de creme chantili, incrivelmente parecido com o de seu mentor.

“Pesquisando a Floresta, meu caro menino!”, declarou Merlin, remexendo no fundo de seu chapéu, em busca de um balão amarelo que flutuou magicamente de sua mão, com um silvo agudo, inflando acima de sua cabeça. “A Floresta realmente é Sem Fim, sabe. As colinas devoradoras de homens, em Mahadeva, o reino de Borna Coric, de cabeça para baixo, a neblina assombrada de Akgul, os mares negros de Ooty, liderados por uma rainha de oito braços...”, o balão se contorcia freneticamente, assumindo as imagens que Merlin estava descrevendo, tentando acompanhar o que ele dizia. “Teve um ano que eu até passei o Natal em Altazarra, um reino onde tudo é inteiramente feito de leite ou mel, com rios de creme de leite fresco, castelos de queijo suíço e favos de mel, e ruas pavimentadas com iogurte espesso. Claro que todos são um tanto obesos, mas radiantemente felizes, embora não tão felizes quanto os aldeões de Nupur Lala, que têm uma anomalia rara que os faz nascer sem língua. Você se surpreenderia em quão delirantemente felizes as pessoas são quando não podem falar. E, no entanto, onde quer que eu fosse, todos me reconheciam do livro de história do Rei Arthur e me tratavam como um convidado de honra, embora isso significasse que eu geralmente tinha que fazer uns truquezinhos obsoletos para ganhar o jantar e uma cama (ou, no caso do Reino Kygrios, uma vagem gigante). É impressionante como as histórias viajam, de verdade, sem jamais cessar, por mais longe que eu fosse, cada reino era familiarizado com a história da lenda de Arthur, me inspirando a prosseguir em minha jornada, cada vez mais longe, inebriado pela novidade, a celebridade e, acima de tudo, a beleza inextinguível...”

O balão estourou com um estalido de tiro de revólver, encolhendo-se de volta para dentro do chapéu. Merlin o colocou sobre a cabeça, com um suspiro.

“No entanto, como qualquer outra coisa, tanta beleza começa a cansar. Apesar de todos os meus fãs adorados, eu comecei a sentir uma deterioração

interior, como se eu finalmente estivesse envelhecendo por dentro, assim como estava por fora, como se não fizesse sentido buscar aventuras se eu não tinha ninguém com quem compartilhá-las... e, no entanto, bem na hora em que eu dizia a mim mesmo que talvez fosse, afinal, hora de morrer, Yuba acabou conseguindo me localizar numa geleira, no meio dos Lagos Piranha. Ele disse que a Liga dos Treze tinha voltado a se reunir. E um rapaz chamado Tedros estava trazendo sua princesa para encontrá-los."

Agatha e Tedros olhavam-no boquiabertos, como se ainda estivessem empacados no mel e no queijo.

"Voltado a se reunir?", perguntou Agatha, enquanto seu cérebro recapitulava. "A Liga do Treze existia antes?"

"Por que eles se uniram da primeira vez?", perguntou Tedros.

"Lá vêm as perguntas", Merlin resmungou, puxando o chapéu para baixo, cobrindo os olhos. "Eu gostaria de ser vidente. Então, eu teria uma desculpa para não respondê-las. Nenhuma pergunta até depois do jantar. Vocês dois devem estar esfomeados."

"Não por comida de gente velha", resmungou Tedros, olhando os outros terminando a cenoura, o mingau e o ensopado de ameixas.

"Bem, então receio que você não vai poder comer nada disso...", Merlin disse e começou a tirar um banquete suntuoso de seu chapéu, com costeletas de porco, purê de batata-doce, creme de milho e cubinhos de bacon, pepinos em conserva e arroz de coco, tudo servido em bandejas de prata que ele arrumou por cima de um pano branco de piquenique que magicamente surgiu no chão da caverna. "Afinal, como fui eu, um velho, que acabei de fazer tudo, acredito que isso se encaixe na categoria de 'comida de gente velha'. Venha, Agatha", ele tirou do chapéu um prato para ela e serviu costeletas, pepino e milho.

Com a boca aguando, Agatha estava prestes a dar a primeira garfada quando viu o rosto de Tedros, abatido como um cachorrinho que caiu da mudança. Ela deu um sorriso e estendeu uma costeleta.

"Quer experimentar?"

Tedros ficou radiante e os dois atacaram a refeição em silêncio, enquanto Merlin se balançava contente em sua cadeira e chupava um novo pirulito.

"Sabe do que eu mais sinto falta em ser jovem?", comentou Cinderela, tomando seu creme de ameixas enquanto os observava.

"A diversão?", arriscou Peter Pan, saudoso.

“Banquetear”, Cinderela resmungou.

“Parece que você banqueteou o suficiente por uma vida inteira”, disse Pinóquio, dando uma fungada. Todos o encaravam. “Eu disse isso em voz alta?”

O jovem príncipe e a princesa comeram e comeram, até ficarem empanturrados, terminando com um bolo de mousse de cappuccino, antes de desabarem encostados à parede, gemendo, um junto ao outro, deixando que suas barrigas cheias descansassem. Depois, Yuba lhes trouxe uma bacia de água quente e um paninho de banho para que eles se lavassem atrás da cortina, já que Merlin havia conjurado pijamas brancos de algodão para cada um deles. Enquanto os outros membros da Liga se deitavam em seus colchões, indo bem cedo pra cama, Agatha olhava nervosamente para Merlin.

“Nós temos que convencer a Sophie de que seu final feliz é comigo e com o Tedros. Você pode nos ajudar a entrar na escola para vê-la?”

“E se ela não destruir a aliança? E se o Diretor da Escola nos pegar?”, Tedros pressionou, preocupado. “Merlin, ele ainda está com a minha espada. A espada do *meu pai!* Não posso ser coroado rei sem a Excalibur...”

Merlin aconchegou os dois Sempre vestidos de pijamas em seus braços.

“Vamos para algum lugar onde possamos pensar.”

“Não podemos ir até a Floresta depois de escurecer”, Agatha franziu o cenho. “Imagine se um daqueles antigos vilões nos encontrar...”

“Quem falou em Floresta?”, disse Merlin. Ele abriu o forro de sua capa, revelando uma seda roxa bordada com estrelas de cinco pontas, como se fosse um desenho infantil do céu noturno. “Aqui, minha querida, é o lugar aonde os magos vão para pensar.”

Agatha não fazia ideia do que Merlin estava falando, mas viu que Tedros estava sorrindo.

“Venha, bobinha”, ele disse, segurando a mão dela, puxando-a para dentro do céu estrelado bordado na capa de Merlin. Agatha se sentiu envolvida pela seda, depois sentiu o corpo caindo pela escuridão e viu cometas passando, cegando-a, até que fechou os olhos e aterrissou em algo tão macio, fofinho e quente que ela soube que não estava mais na Floresta.

“Sua mãe é a razão da Liga dos Treze existir”, Merlin disse a Agatha, enquanto suas pernas ossudas pendiam para fora da túnica roxa, penduradas na beirada de uma nuvem fofa.

Mas Agatha ainda não estava prestando atenção. Sentada de pernas cruzadas, ao lado de Tedros na mesma nuvem, ambos vestidos de branco angelical, ela admirava o céu noturno violeta iluminado por milhares de estrelas de cinco pontas, como se o desenho infantil da capa de Merlin tivesse ganhado vida numa dimensão brilhante e maravilhosa.

"O Celestium", Tedros disse quando ela abriu os olhos — o local favorito de Merlin, onde ele trouxera o pai de Arthur; depois, o próprio Arthur e, mais tarde, o filho de Arthur. Confusa, Agatha olhava para cima, no escuro, vendo o infinito estrelado, sentindo seu batimento cardíaco diminuindo, batendo arrastado. Ao contrário do frio gélido da Floresta, o ar ali era morno e úmido, convidando-a a relaxar. A nuvem aveludada se estendia como um campo de algodão, onde ela estava mergulhada até o umbigo. O mais maravilhoso de tudo, porém, era o silêncio, um vazio imenso e amplo, tão infinito quanto o céu que os rodeava. Subitamente, o mais ínfimo movimento de seu corpo era uma perturbação, cada pensamento em sua mente era um incômodo, até que ela, assim como Merlin e Tedros, havia encontrado a perfeita imobilidade, como se eles tivessem se tornado parte do silêncio e o silêncio fizesse parte deles.

Só então Merlin falou.

"De fato, sem Callis, talvez os membros da Liga jamais tivessem se conhecido", ele prosseguia. "Durante a Grande Guerra, quando os irmãos Diretores da Escola batalhavam pela supremacia, o Bem contra o Mal, somente um emergiu vitorioso — embora ninguém tivesse certeza de qual deles era, já que ele usava uma máscara para ocultar sua identidade. No entanto, ele conseguiu ganhar a lealdade de ambos os lados ao jurar ficar acima do Bem e do Mal e proteger o equilíbrio enquanto estivesse vivo."

Agatha conteve um bocejo e viu as pálpebras de Tedros caindo. Eles não estavam somente exaustos, mas também já sabiam de tudo isso, das aulas do Professor Sader.

"Tenho certeza de que vocês têm familiaridade com isso", Merlin disse firmemente. "Mas isso é um tanto crucial para o resto da história que eu estou prestes a lhes contar. Depois da Grande Trégua, o Bem viria a ter 200 anos corridos de vitórias, obliterando a impiedade do Mal a cada nova história, o que naturalmente ouriçou os Sempre ao redor da Floresta, que acreditavam que o irmão do Bem havia ganhado e inclinado o Storian a refletir sua própria alma. Naquela época, eu era um jovem Sempre, notório por meus cabelos

desgrenhados, meus talentos mágicos e meu desprezo pelos trabalhos escolares em favor das minhas pesquisas pessoais. Embora os outros Sempre acreditassem que o Bem havia se tornado invencível e, consequentemente, se tornaram mais superficiais e preguiçosos, eu, por outro lado, fiquei profundamente desconfiado de nossa onda de vitórias. Afinal, o Storian sustenta nosso mundo através do *equilíbrio*. Essa é a primeira lição ensinada em cada sessão de Boas-Vindas. O sol só se levanta na Floresta contanto que a caneta conserve esse equilíbrio, corrigindo qualquer iniquidade através de uma nova história. O que significava, é claro, que para o Storian conceder mais uma vitória para o Bem a cada nova fábula... ele só podia estar corrigindo algo terrivelmente ruim do Mal", ele exalou, olhando a noite púrpura e continuou:

"Talvez, tudo que veio a seguir pudesse ter sido evitado se os professores da Escola do Bem tivessem levado a sério as minhas indagações, mas eles estavam inebriados demais pela vitória, e nós não tínhamos no comando uma Reitora tão afiada quanto Clarissa Dovey. Ao final do terceiro ano, fui designado como Ajudante do pai de Arthur e, ao me formar, me mudei para Camelot, onde me tornei Grão-Vizir e, por fim, tutor residente de seu filho. Entretanto, fiz de minha missão ficar de olho no que acontecia na escola, caso minha suspeita se provasse correta. Durante anos, dei palestras de História do Heroísmo, ou ia tomar chá com biscoitos com antigos professores, ou escrevia para Arthur pedindo notícias, quando ele já tinha idade suficiente para ser aluno. Mas a onda de vitórias do Bem continuava e não havia qualquer sinal de resistência do Mal, ou de algum comportamento desfavorável do Diretor da Escola. Assim, minhas preocupações acabaram se mitigando e eu passei a dedicar minha energia a um feitiço que havia se tornado meu projeto de vida: uma poção que poderia transformar brevemente meninos em meninas, e meninas em meninos, na esperança de fomentar experimentações, a sensibilidade e a paz. Uma poção que acredito que vocês dois conheçam bem."

Agatha e Tedros murmuraram sonolentos, pensando na poção roxa brilhante que havia causado tanto caos na Escola de Meninos e Meninas.

"Pelo fato de que a poção era baseada em biologia de gnomos, o Yuba generosamente se ofereceu para testar cada nova versão da poção enquanto eu a desenvolvia", disse Merlin, com as pupilas fixas em Agatha. "Foi numa dessas visitas que ele mencionou que o Diretor da Escola estava interessado

em uma nova professora, chamada Callis.”

“O quê?! Minha mãe era uma *professora?*”, Agatha disparou, num tranco que a tirou de seu torpor.

“Professora Callis da Floresta de Baixo”, afirmou Merlin.

“Flo-Floresta de Baixo?”, Agatha gaguejou, completamente chocada. “Isso significa que ela não era de Gavaldon? Minha mãe era da... *Floresta?”*

“E a professora um tanto popular que lecionava Enfeiamento”, respondeu Merlin.

Agatha olhava boquiaberta. Sua mãe ensinava crianças do Mal a se enfeiarem e se disfarçarem? A mesma mãe que costumava implorar à filha que contasse sobre a escola, como se estivesse tentando imaginar como era? Agatha tentou pensar na mãe percorrendo os corredores do castelo do Mal, com um traje de ombreiras pontudas de professora, conduzindo os desafios na sala rançosa de Manley, praticando enfeiamento e transformações com seus alunos... Ela sentiu um nó no estômago. Ela havia morado a vida inteira com uma estranha?

“Quando surgem vagas na escola, os Reitores ficam encarregados de vasculhar a Floresta e encontrar professores qualificados, cujas histórias tenham terminado há muito tempo, ou que tenham aceitado que o Storian jamais os escolherá para uma história, uma vez que eles se candidatem à reclusão da vida docente”, disse Merlin. “Imagine, então, a surpresa do Diretor da Escola, quando o Storian começou a escrever a história dessa nova professora do Mal: Callis, da Floresta de Baixo, dedicada de corpo e alma ao Mal... e, no entanto, ainda sonhando em encontrar seu verdadeiro amor.”

“Ah, você está claramente errado”, disse Agatha, aliviada. “Essa não poderia ser a minha mãe. Ela não dava a menor bola para o amor...”, mas então a voz dela foi sumindo. Agatha estava pensando na forma como sua mãe remexeu na chaleira naquela manhã, quando Agatha dissera que ela nunca havia encontrado seu verdadeiro amor. Ela subitamente voltou a sentir aquela sensação fria, a que tivera quando viu Callis bombeando água, na pia... aquela sensação que lhe dizia que sua mãe não sabia dos contos de fadas porque tinha lido em livros de história... Mas vivendo-os, pessoalmente.

Agatha ergueu os olhos para Merlin.

“Continue”, ela pediu, com a voz rouca.

“Como Yuba corretamente frisou à época, o Diretor da Escola deveria ter expulsado Callis imediatamente”, concluiu o mago. “Os professores estão ali

para guiar os alunos durante sua formação, não para colocá-los em perigo. E os contos de fadas geralmente terminam em tanta violência e derramamento de sangue que ter o Storian contando a história de uma *professora*, nas dependências da escola, é um convite ao caos e à morte na vida dos alunos. E, no entanto, o Diretor da Escola não expulsou a Professora Callis. Ela não somente permaneceu na Escola do Mal como o Yuba jura que viu a sombra de Callis, inúmeras vezes, na janela do Diretor da Escola muito tempo depois que os outros professores já tinham ido dormir. Yuba tentou pressioná-la para saber o que ela estava fazendo na Torre do Diretor da Escola, mas Callis negava, dizendo que jamais esteve lá. Enquanto isso, os professores se alvoroçavam com teorias quanto ao motivo que levava o Diretor da Escola a permitir que ela ficasse nas dependências da escola, especialmente considerando-se que Callis era um tanto bonita...”

“*Bonita*? Realmente, os professores têm padrões bem baixos de beleza”, Tedros bocejou.

Agatha olhou-o fulminante, e ele se calou.

“Mas, no final, os professores chegaram à mesma conclusão: com o Mal sofrendo uma derrota terrível a cada nova história, o Diretor da Escola só podia acreditar que uma vilã como Callis não representava qualquer ameaça a ninguém, exceto a si mesma. Afinal, o corpo docente, assim como os alunos, estava convencido de que o Diretor da Escola era do Bem e iria se deleitar com a chance de ver uma professora do Mal perecer dentro da escola”, disse Merlin. “As minhas desconfianças, no entanto, foram novamente despertadas. Por que o Diretor da Escola se interessaria por uma professora do Mal que sonhava encontrar seu verdadeiro amor? Se o Diretor da Escola fosse, de fato, do Mal e *não* do Bem, será que o verdadeiro amor do Mal poderia ser, de alguma forma, uma arma contra o Bem? Será que o verdadeiro amor do Mal poderia finalmente ajudar a derrotar o Bem? E, se fosse o caso, será que o Diretor da Escola acreditava que Callis era o *seu* verdadeiro amor?”

Merlin fez uma pausa.

“Em uma das minhas visitas, abordei sua mãe na Floresta Azul, mas ela se recusou a responder as minhas perguntas sobre seu relacionamento com o Diretor da Escola, embora eu pudesse sentir sua ansiedade quanto ao assunto. Tentei voltar e pressioná-la, mas o Diretor da Escola conjurou um encanto para que os portões me repelissem, independentemente do feitiço que eu experimentasse. Ele claramente não queria que eu falasse com Callis e me

baniu da escola. Então, inteiramente convencido de que o Diretor da Escola era do Mal e que usar Callis fazia parte de seu plano — um plano para lutar contra o amor do Bem com o amor do Mal — eu recrutei Yuba para me ajudar a reunir alguns dos mais famosos heróis da Floresta, incluindo Peter Pan, Cinderela e outros que estavam confortavelmente aposentados, para formar a Liga dos Doze, preparando-os para frustrar o ataque do Diretor da Escola quando chegasse a hora... Só que o ataque *nunca* chegou. Em vez disso, certa noite, Callis da Floresta de Baixo simplesmente desapareceu da Escola do Bem e do Mal, sem deixar qualquer vestígio, e o Storian abandonou seu conto de fadas, como se ele tivesse perdido totalmente o contato com ela. A caneta logo começou a escrever uma nova história de uma garota chamada Polegarzinha, a onda de vitórias do Bem prosseguiu inabalada e a Liga dos Doze foi dispersada e esquecida, já que ninguém, exceto eu, questionava a bondade do Diretor da Escola...", Merlin ficou olhando para Agatha. "Até quase quarenta anos depois, quando o Diretor da Escola finalmente encontrou sua Rainha do Mal. Só que agora, não era Callis quem usava sua aliança... mas a melhor amiga da *filha* de Callis."

Os olhos de Agatha estavam arregalados, seu coração estava disparado dentro do peito. Ela deu uma olhada para Tedros, esperando que ele estivesse igualmente abalado, mas ele estava encolhido, dormindo na nuvem, com um fio de baba escorrendo na bochecha. Merlin puxou um chumaço de nuvem por cima do príncipe, como um cobertor, e virou-se de volta para Agatha.

"Por que sua mãe fugiu para o mundo dos Leitores e como ela chegou lá, nós não sabemos. Tudo o que sabemos é que, pouco antes de sua morte, Callis enviou um bilhete com seu gato, instruindo a Liga dos Treze a proteger vocês e ajudá-los a resgatar sua melhor amiga do Diretor da Escola. Como Callis sabia da existência da Liga ainda é um mistério para mim. Eu deixaria que você ficasse com o bilhete que ela nos mandou, mas eu mesmo nunca o vi, pois ele foi interceptado pelo lobo e pelo gigante que quase lhes tiraram a vida", Merlin sorriu melancólico para Agatha. "Mas, como tenho certeza de que você sabe, o Reaper é esperto o suficiente para ler o conteúdo de um bilhete antes de transportá-lo."

"*Reaper?*", Agatha resfolegou. "O Reaper esteve... aqui?"

"Ele conseguiu localizar o Yuba na Floresta, que, infelizmente, não fala nem uma palavra de língua de Gato. Por sorte, Yuba andava se escondendo com a Princesa Uma, que encontrou o gnomo depois que ele escapou por um

fio de ser queimado vivo por Evelyn Sader. Uma vez que Uma traduziu a mensagem de Reaper, Yuba convocou a Liga com urgência, acrescentando Uma ao grupo, apesar do preconceito dos outros em relação à sua juventude e da superstição com o número treze, como nosso número final."

"Onde está o Reaper agora?", Agatha pressionou. "Eu posso vê-lo?"

"Receio que ele esteja viajando a negócios pela Liga, assuntos que você saberá em breve", disse Merlin. "Mas, por enquanto, a história acaba aí, Agatha, e está na hora de você dormir."

"Mas...", Agatha ficou tensa.

"Quaisquer outras perguntas terão de esperar até de manhã, minha querida... exceto por duas, que eu te convido a ponderar sobre elas em seus sonhos."

Agatha ergueu o rosto e Merlin se aproximou, como os olhos escuros refletindo as estrelas.

"Se sua mãe é a Nunca sobre a qual o Storian escreveu... se a sua mãe é a Nunca que chegou a um livro de histórias... então, por que é a mãe de Sophie que tem uma sepultura de vilã em seu mundo?", Merlin se aproximou ainda mais, já com o rosto não amistoso. "E se era a sua mãe que o Diretor da Escola queria, então, porque depois de todos esses anos, Sophie que é a rainha do Diretor da Escola... e não *você?"*

Agatha fixou os olhos nos olhos dele, enquanto a nuvem se abria embaixo dela, fazendo-a mergulhar como um anjo enviado de volta à terra. Resfolegando, sacudindo os braços, ela olhava para cima, em busca de Merlin, de Tedros, mas seus olhos já estavam fechando e ela logo estava perdida no escuro, caindo, caindo, sem jamais chegar ao chão.

15
O Plano do Mago

Agatha sonhou com Reaper no vaso sanitário, preso na privada, sem poder ser puxado para fora. Sua única opção era dar descarga para que ele descesse e, então, nadar atrás dele, o que parecia uma escolha perfeita naquele momento. Assim, lá foi ela, descendo em espiral pela água por uma passagem serpenteada, finalmente desembocando no mar aberto.

A água estava gélida e tinha um tom fraco de verde lodoso, obscurecendo qualquer sinal de seu gato, até que ela avistou os olhos amarelos e brilhantes de Reaper, nadando para baixo, como dois sinais luminosos. E ela prendeu a respiração e nadou atrás dele, mergulhando mais fundo, onde tudo era escuro como breu, até sentir seus pés tocaram a areia. Sem conseguir enxergar nada além daqueles dois olhos que piscavam, piscavam e disparavam pela escuridão, Agatha focou no dedo até que ele reluziu em dourado, iluminando o fundo do mar. Reaper estava cavando freneticamente, acima de uma sepultura, usando as patas carecas e enrugadas, na lápide em formato oval que se elevava acima dele.



Já ficando sem ar, Agatha tentou puxar Reaper ao ver que a cova de Vanessa estava vazia, mas ele a rechaçou e continuou cavando a areia. Ela o puxou novamente, só que dessa vez ele mordeu seu pulso com força e Agatha

gritou, perdendo o restante de ar que ainda tinha, enquanto gotículas de sangue manchavam a água. Furiosa, ela agarrou seu gato pelo pescoço, para levá-lo de volta à superfície, quando deu uma olhada para baixo, no buraco que ele estava cavando na sepultura da mãe de Sophie... e viu dois olhos verdes olhando pra ela.

Agatha acordou, encharcada de suor, com um mar de colchões vazios à sua volta. Seu corpo inteiro doía por conta da jornada do dia anterior, e sua testa latejava tanto que ela estreitou os olhos, afastando o restante de seu sonho e tudo que Merlin lhe dissera na noite anterior. Com um gemido, ela pousou os pés no chão arenoso da caverna e sentou-se na beirada da cama.



A caverna estava inteiramente acesa, os membros da Liga estavam tomando mingau e comendo pêssegos cozidos na mesa de jantar, observando Tedros sem camisa e fazendo flexões, enquanto a gorducha Fada Sininho estava sentada nas costas dele, como se estivesse deitada numa espreguiçadeira, na praia, curtindo o balanço, subindo e descendo.

“Vocês tinham que ver os meus músculos, quando eu tinha idade dele”, Peter Pan debochou.

Sininho fez um barulhinho que pareceu uma fungada.

“Nunca se apaixone por um homem bonito. Eles acham que têm direito ao mundo inteiro, mesmo quando estão gordos e carecas”, palpitou Cinderela, beliscando os pêssegos de Peter, depois de ter terminado de comer os seus. Ela viu Agatha olhando e deu um sorriso irônico, dizendo: “Além disso, se o Menino Bonito escolheu *aquilo* como seu verdadeiro amor, significa que todas as outras disseram não. Provavelmente não conta muito, se entende o que eu quero dizer.”

Tedros ouviu e desmoronou, lançando Sininho contra a parede.

“Não seja grosseira, Cindy”, bufou Chapeuzinho Vermelho. “Você só está com inveja porque eles são jovens e felizes.”

“Felizes? Não é o que a Uma diz”, Pinóquio deu uma gargalhada.

Todos se viraram para Uma, inclusive Agatha. Uma gelou, com o bule de chá na mão, e olhou de volta para Pinóquio.

“O quê? Você me disse que tudo que eles fazem é brigar e que a garota acha que o menino deve encontrar uma princesa que seja bonitinha e boba, que puxe o saco dele”, reiterou o velho de nariz comprido.

Tedros olhou para Agatha, perplexo, antes que seus olhos azuis se estreitassem, friamente.

“Isso me parece ótimo nesse momento”, ele passou marchando por ela e sumiu por trás da cortina, para se lavar.

Agatha se encolheu na beirada de sua cama. A caverna silenciosa à sua volta.

“Nunca mais eu vou falar”, disse Pinóquio, fazendo bico.

“Não faz mal, faz? Não é como se a Floresta e a vida de todos nós dependessem desses dois trabalhando juntos!”, disse João, segurando a mão de sua noiva.

“Pena que não é a aliança *deles* que precisa ser destruída”, suspirou a noiva. “Se fosse, isso já estaria resolvido hoje à noite.”

“Rá!”, aprovou João.

Agatha lançou um olhar irritado para Uma, depois se sentiu culpada, pois sua professora não havia feito nada além de tentar ajudá-la. Cansada, suada e lutando com uma enxaqueca, e agora também com um príncipe ressentido, Agatha saiu da cama ainda de pijama. Então um saco foi jogado junto ao seu peito, cheio de biscoitos, uma túnica lavada, e uma lata de chá de limão.

“E eu aqui pensando que seu príncipe a despertaria. Ele já acordou há horas”, disse Merlin, seguindo rumo à entrada da caverna, com um segundo saco no braço. “Vamos, vamos, lá vamos nós.”

“Hã?”, disse Agatha. “Vamos pra onde?”

“Resgatar sua melhor amiga, é claro. Você gostaria de comer croissants de presunto mais tarde, para o café da manhã, ou prefere panquecas masala? Meu chapéu está perguntando, e ele pode ser um tanto desagradável se não souber do cardápio com antecedência.”

“Mas nós ainda não podemos voltar à Floresta! Nem discutimos um plano!”, argumentou Agatha, seguindo atrás dele. “Como devemos entrar na escola para ver a Sophie? Como devemos fazer com que ela destrua a aliança...”

“Falaremos sobre isso tudo no caminho. Precisamos chegar à Escola do

Bem e do Mal até a hora do almoço, e não podemos desperdiçar tempo com planos", Merlin se virou e jogou o segundo saco por cima da cabeça dela. Agatha abaixou e Tedros pegou o saco junto ao ombro, passando por ela com uma túnica limpa e cheirosa, e o cabelo ainda molhado do banho.

"Não te acordei de propósito", Tedros disse, bruscamente, sem olhar pra trás. "Pra mim é mais fácil resgatar a Sophie se você ficar aqui."

Descalça e de pijama, Agatha franziu o rosto, observando-o subir pelo buraco da caverna, atrás de Merlin.

"Não deveríamos pelo menos nos despedir?", ela gritou para eles, dando uma olhada para trás, para os membros da Liga, distraidamente jogando cartas, na mesa de jantar. Merlin enfiou a cabeça no buraco, de cabeça pra baixo.

"Ah, certamente não será a última vez que você os verá, minha querida. Além disso, está cedo demais para despedidas matinais."

Fora da caverna, o início da manhã estava escuro e sinistro, mas não havia nuvens à vista. O sol estava simplesmente fraco demais para qualquer coisa, além de lançar um brilho perolado, deixando o céu num tom de azul cinzento e o ar terrivelmente frio. Enquanto Agatha seguia atrás dos dois homens, um jovem e o outro velho, ela notou que a Floresta parecia mais morta do que no dia anterior, com pássaros mortos e minhocas se arrastando lentamente pelo caminho de vegetação rasteira úmida. Merlin deixava uma trilha de sementes de girassol, na esperança de que os animais em dificuldades pudessem sair para comer, mas nenhum apareceu, e logo o mago teve de fazer uma mágica para remover as sementes, caso algum vilão morto os seguisse.

"Agora está pingando como um picolé", observou Merlin, estudando o céu. "Nós temos que selar seu conto de fadas rapidamente. O sol não irá durar mais que algumas semanas."

"O sol está morrendo por *nossa causa*?", perguntou Agatha, surpresa.

"E mais depressa a cada dia, sinal de que sua história está deixando nosso mundo cada vez mais longe do equilíbrio", explicou o mago. "A história de vocês está aberta há tempo demais, crianças. A caneta precisa seguir para um novo conto, para manter a Floresta viva... junto com todos nós", Merlin enrolava a barba com o dedo. "Imagino que isso é o que acontece quando o Storian narra uma história de alunos amadores no lugar daqueles

apropriadamente treinados.”

“Não ponha a culpa em mim. O nome é *A História de Sophie e Agatha* por um motivo”, rugiu Tedros. “Meu pai nunca concordou que Leitores fossem trazidos para a escola. Me dizia para ficar longe deles como se fossem uma praga.”

“Talvez você devesse ter ouvido o conselho de seu pai”, rebateu Agatha. “Além disso, nós não pedimos que nossa história fosse contada.”

Tedros a ignorou e olhou para o sol.

“De jeito nenhum o mundo irá morrer antes da minha coroação. Precisamos resgatar a Sophie rapidamente, pegar a Excalibur de volta e seguir até Camelot. Não posso deixar que o reino do meu pai definhe ainda mais. Não depois de tudo que minha mãe fez para decepcioná-los. O povo precisa de um rei.”

“E de uma rainha”, acrescentou Merlin.

“Uma rainha boba que puxe o meu saco, aparentemente”, Tedros alfinetou.

“Olha, eu não quis dizer nesse sentido”, Agatha argumentou.

“ ‘Boba’ e ‘puxa-saco’ têm definições que eu não conheço?”

Agatha nem se deu ao trabalho de responder.

“E pensar que ontem à noite vocês dois estavam compartilhando chocolate quente”, murmurou o mago.

Os dois jovens Sempre não falaram um com o outro enquanto Merlin os conduzia pela saída do mato úmido rumo a Knobble Hill, um labirinto de montes marrons cobertos com milhares de cogumelos de todo formato e tamanho. Agatha gostaria de não ter dito o que disse a Uma... Mas era verdade, não? Nos livros de histórias, as rainhas eram majestosas e elegantes e inspiradoras. Ela jamais poderia ser uma... Mas, se ela ficasse com Tedros, ela *seria* uma, não? Aquela que ocuparia o lugar da mãe dele.

Agatha o observou escalando a colina, tão deslumbrante e musculoso emoldurado pelo céu, que ela até perdia o fôlego. Ela estava tão focada em salvar Sophie que nem tinha pensado no que aconteceria depois disso. Uma coroação... um reino... *uma rainha? Ela?*

Seu rosto ficou quente e Agatha tentou tirar tudo isso da cabeça. Sophie era a prioridade agora. Além do mais, pelo jeito que as coisas iam entre ela e Tedros, ele a descartaria muito antes que eles chegassem até Sophie. Quando o príncipe chegou ao alto da colina de cogumelos, Agatha viu o maxilar

quadrado dele se contraindo, os braços fortes flexionados, ele ainda estava com raiva dela e sua ira certamente tinha aumentado por sua profunda aversão a cogumelos. (A mãe dela os serviu para o jantar, uma vez, e ele ficou enojado: “Cogumelos são fungos e fungos me lembram pés e eu não como pés”.)

Enquanto a sua ansiedade em relação a Tedros aumentava, porém, Agatha foi subitamente distraída pela visão de um pequeno Reino Sempre, além das colinas, feito inteiramente de arenito vermelho. Ela podia ver as silhuetas de homens e mulheres, do tamanho de formigas, erguendo um imenso muro de tijolos ao redor de seu território.

“O que eles querem manter do lado de fora?”, perguntou Agatha, confusa. “Eles estão no meio do nada.”

“Assim que o Diretor da Escola voltou à vida, os reinos Sempre começaram a se fortalecer para uma segunda Grande Guerra”, explicou Merlin, enquanto os conduzia colina abaixo até o vale nebuloso. “Eles imaginam que agora o Diretor reunirá seu Exército Sinistro para atacar os reinos do Bem a qualquer momento.”

“Então, em vez disso, por que os reinos Sempre não unem forças e atacam o Diretor da Escola?”, perguntou Tedros.

“Pela última vez, meu menino, o Mal ataca e o Bem *defende*. Primeira regra maldita da Floresta. Regra com a qual você teve dificuldade desde o nascimento”, disse Merlin, lançando-lhe um olhar fulminante.

Tedros resmungou e seguiu atrás do mago.

“Então, o que o Diretor da Escola está esperando?”, Agatha insistiu, assumindo o lugar do príncipe ao lado de Merlin. “Você mesmo disse: ele tem um exército com os maiores vilões de todos os tempos. Ele poderia varrer reinos inteiros de Sempre. Então, por que ele está perdendo tempo matando velhos heróis e reescrevendo antigos livros de história...?”, Merlin ergueu uma sobrancelha para ela. “...a menos que o Antigo lhe dê poder sobre o *Novo*.”

Antes que Agatha pudesse insistir mais, o mago parou subitamente. Ela e Tedros seguiram seu olhar direcionado à uma clareira enevoada, perto de um lago meio congelado, com uma ponte de madeira. Só que a ponte havia sido destruída, deixada em pedaços, e as geleiras do lago e da margem tinham encoberto as pontas e as farpas. Adiante, em meio aos destroços, havia três cadáveres, com a carne já carcomida, a ponto de serem praticamente

esqueletos. Conforme Agatha e Tedros se aproximaram, atrás de Merlin, viram que a pouca pele que restara nos corpos era velha e enrugada, com tufos de cabelo grisalho e branco.

“Não são humanos”, Tedros se retraiu de repulsa. “São...”

“São *cabras?*”, disse Agatha, ajoelhando para olhar mais de perto. “Quem faria isso... com cabras?”

“São cabras muito especiais, minha querida”, disse Merlin, chutando pedaços de madeira para revelar um livro de história manchado de sangue, aberto na última página: uma pintura de um duende gigante, de chifres, se banqueteando com três cabras irmãs. “Fim” estava escrito abaixo da cena, com letras pretas em negrito. Merlin agachou e tocou as palavras. A tinta fresca borrou as pontas dos dedos dele. Ele fechou o livro.

“Depressa, crianças”, ele falou, agora caminhando mais rápido. “Cada segundo que nos atrasarmos, mais de nossos antigos amigos estarão em risco.”

Enquanto Agatha seguia, ela olhou pra trás, para o livro de história que ficou na margem, com a capa coberta de lama...

As Três Cabras Valentes

Mantendo-se à frente dos jovens Sempre, Merlin os guiava pelo vale nevado, por entre as montanhas de penhascos rochosos que levaram quase duas horas para serem atravessadas. A temperatura caía a medida que nuvens cinzentas se aproximavam, encobrindo o sol que derretia, e logo começou a chover. Com um vento glacial batendo forte contra eles e a grama escorregadia pelas gotas que derretiam, Agatha e Tedros seguravam suas capas junto ao corpo e lutavam para seguir adiante, ficando cada vez mais distantes do mago, que se deslocava com a velocidade de um homem de metade de sua idade. Agatha viu que o rosto de Tedros estava vermelho como um pimentão, e seu nariz estava escorrendo. Ela lançou-lhe alguns olhares diretos, na esperança de que ele a perdoasse pelo que ela havia dito lá na caverna, mas toda vez Tedros desviava o olhar.

O coração de Agatha murchou. Desde que Merlin mencionara que Tedros precisaria de uma rainha, ela se sentia constrangida perto de seu príncipe... Estaria Tedros com as mesmas dúvidas?

“Aqui estamos, exatamente como programado”, declarou o mago, finalmente, parecendo vigoroso e radiante, conforme seus acompanhantes o alcançaram.

Curvada e fatigada, Agatha viu um beco sem saída, feito de pedras, com uns quinze metros de altura.

“É... isso não é uma es-escola”, ela gaguejou, batendo os dentes.

Mas Merlin já estava escalando a parede de pedras, sorrindo para Tedros que vinha logo abaixo.

“Você nunca ganhou de mim, não é menino?

“Você não disse ‘Já!’”, gritou o príncipe, correndo atrás dele.

“Sempre ficando para trás, antes e agora”, provocou Merlin, enquanto subia o paredão, com pedrinhas rolando abaixo, na cabeça de Tedros.

“É porque você sempre trapaceia... Ei! Nada de mágica! Você nem está tocando a rocha!”

“Há algo errado com seus olhos, menino. Você deve estar ficando velho...”

Agatha ficou olhando Tedros se esforçando atrás de Merlin, o príncipe simultaneamente zangado e bufando de rir. De repente, ela se sentiu de novo como uma menininha em Gavaldon, olhando os meninos brincando com seus pais, arremessando bolas de neve uns nos outros, cutucando e empurrando uns aos outros, sem qualquer motivo. Como teria sido seu pai? Teria sido brincalhão e maluco como Merlin? Teria sido quieto e gentil como August Sader? Ao longo dos anos, ela havia tentado perguntar à mãe sobre seu pai, mas Callis só dissera que ele havia morrido num acidente em um moinho, muitos anos antes, e ela quase não se lembrava dele... Agatha sentiu um nó no estômago, pensando nas mentiras que a mãe lhe contara.

Será que essa história era mesmo verdade? E se o seu pai nem estivesse morto?

Uma pedrinha atingiu seu peito. Agatha esticou o pescoço e viu que Tedros estava quase alcançando Merlin, que lançou um feitiço que fez os pés do príncipe grudarem na parede de pedras, fazendo com que ele desacelerasse.

“Idade antes da beleza!”, Merlin gritou.

“Volte para a terra do mel e do queijo!”, Tedros rugiu.

Agatha esperou que o príncipe olhasse para baixo, para ver como ela estava, ao se erguer no cume, mas ele não olhou.

“Não se importe comigo”, ela suspirou, subindo a parede, usando a luz de seu dedo para abrir fendas queimadas onde segurava com os dedos congelados. Portanto, quando ela chegou ao cume e caiu de barriga em seu

topo, esgotada e surrada pelo vento, sua irritação já tinha sido multiplicada por dez.

“E agora? Vamos disputar corridas de saco e briga de balão? Enquanto vocês dois estão apostando corrida como dois babuínos, eu estou aflita pensando em como poderemos passar por um malvado Diretor da Escola e fazer com que sua rainha destrua a aliança, quando nem temos um plano para entrar...”

Agatha parou. Ela ficou de pé e parou ao lado de Tedros. Juntos eles silenciosamente olhavam dois castelos negros à distância, erguidos diante do horizonte... um castelo velho e em ruínas, um castelo novo e brilhante, ambos envolvidos por uma névoa verde viscosa, acima de uma baía sinistramente verde. Merlin deu um sorriso lúgubre para Agatha.

“Ora, aquilo, minha querida, é uma escola.”

No alto do penhasco salpicado de rochas e arbustos, Merlin tirou de dentro de seu chapéu todos os ingredientes para um piquenique: um acolchoado roxo, um monte de toras de madeira com as quais acendeu uma fogueira, e um banquete matinal com presunto e croissants de queijo suíço, salada de ovos com abacate e bruschetta, e nacos de chocolate com nozes.

“Ouçam atentamente”, disse Merlin, enquanto os dois Sempre entupiam a boca de comida. “Agora, o Diretor divide sua escola entre a Velha e a Nova, mas ambas são dedicadas à causa do Mal. A Professora Dovey e os professores do Bem foram aprisionados num local secreto. Na ausência deles, a Escola do Bem foi transformada na Escola no Novo Mal, onde seus colegas jovens estão sendo treinados na arte da vilania — os Sempre e os Nunca. O que significa que todos os seus jovens colegas agora obedecem ao Diretor da Escola, sendo forçados a provar sua lealdade ao Mal, ou sofrer duras consequências nas mãos dos professores”, Merlin fez uma pausa. “Sophie é um deles.”

Tedros e Agatha engasgaram, de boca cheia.

“Sophie é *professora*?”, disparou o príncipe.

“Seu primeiro dia lecionando foi ontem. Ouvi dizer que os alunos lhe deram uma acolhida um tanto fria”, disse Merlin.

“Como é que você sabe de tudo isso?”, perguntou Agatha. “Você disse que o Diretor da Escola o baniu de passar pelos portões...”

“Espere aí. Aquela é somente a Escola do Novo”, Tedros interrompeu,

estudando o outro castelo apodrecido. “O que é o castelo original do Mal... a Escola do Velho?”

“Isso eu não tenho como dizer com certeza”, Merlin remexia na barba. “Só que a palavra ‘Velho’, em seus portões certamente não é acidental. A resposta para que o Diretor da Escola esteja reescrevendo antigos contos de fadas pode muito bem estar dentro daquele castelo, e é uma resposta que nós temos que encontrar. O problema, no entanto, é que não há como entrar. O Diretor da Escola proíbe tanto os alunos quanto os professores de atravessar para a Escola do Velho, e a Ponte do Meio do Caminho ainda é uma barreira impossível. Mesmo que alguém milagrosamente conseguisse atravessar aquela ponte, as Torres do Velho são muito bem guardadas. O que nos leva a uma conclusão...”, Merlin estreitava os olhos, ao outro lado da baía. “Claramente, o Diretor da Escola está protegendo algo na Escola do Velho que ele não quer que seja encontrado.”

“Bem, isso não importa. Você disse que a Sophie está lecionando na Escola do Novo”, disse Tedros, lambendo o queijo dos dedos. “Tudo que temos a fazer é invadir e convencê-la a destruir a aliança.”

“Ah, a ingenuidade da juventude”, Merlin pareceu entretido. “Há três defeitos nesse plano, querido menino. Primeiro, lembre-se de que somente a Sophie pode destruir a aliança do Diretor da Escola, ninguém mais, se for para que o Diretor da Escola seja morto para sempre. E, no entanto, Sophie aceitou a aliança porque ela acreditou que ele fosse seu verdadeiro amor. Convencê-la a destruir aquela aliança não será tarefa fácil.”

Agatha mordeu o lábio, sabendo que Merlin estava certo. Sophie não tinha apenas aceitado a aliança do Diretor da Escola, ela agora era professora — professora do Mal — como se estivesse voluntariamente voltada contra o Bem. Seria tarde demais para trazê-la de volta?

“O segundo problema”, disse Merlin. “É que a aliança do Diretor da Escola certamente foi confeccionada com a mais sombria das magias, originada no Mal. Desse modo, ela só pode ser destruída por uma arma igualmente poderosa, originada no Bem — uma arma que nenhum mal possa suportar. Eu só sei de uma, na terra, que se encaixa nessa descrição...”

“O que é?”, disse Agatha, na expectativa.

Mas Merlin olhava para Tedros. Os olhos do príncipe se arregalaram.

“Excalibur! Minha espada! A Dama do Lago a fez para o meu pai, e ele me deu antes de morrer. A Dama do Lago é a maior bruxa do Bem... isso

significa que a Excalibur pode destruir qualquer coisa...

“Inclusive a aliança!”, Agatha logo concluiu. “A Sophie só precisa usar a espada de Tedros!”

“De fato. Então, se você puder simplesmente *arranjar* essa espada...”

“Ah, não”, disse Agatha, ofegante.

“Ele... ele está com ela...”, disse Tedros. “O Diretor da Escola...”

“E não é coincidência que ele esteja”, disse Merlin. “Ele soube muito bem tirá-la de você na noite em que voltou à vida. Enquanto ele estiver com a Excalibur, Sophie não pode destruir sua aliança, mesmo que quisesse”, o olhar do mago ficou sério. “Sem dúvida, ele escondeu a espada na fortaleza impenetrável... em algum lugar onde nem Sophie, ou nenhum outro aluno tem permissão para ir...”

“Na Escola do Velho”, Agatha e Tedros suspiraram, ainda mais cabisbaixos.

“E esse é só o segundo problema”, disse Merlin, tirando um saleiro do chapéu e despejando nos ovos mexidos.

“Como pode ainda haver um terceiro?”, disse Tedros. “Não dá pra piorar.”

“Receio que dê”, disse Merlin, enquanto mastigava. “O Diretor da Escola sabe que vocês estão chegando.”

“*O quê?*”, disse Agatha.

“Afinal, o Storian escreve a história de vocês”, respondeu o mago, recostando-se num arbusto. “Enquanto vocês permanecerem sendo Agatha e Tedros, o Storian dirá a ele precisamente onde e quando vocês vão entrar na escola dele.”

“Estamos perdidos”, disse Agatha, enfiando um naco de chocolate com amêndoas na boca, esperando que Tedros entrasse na conversa, com seu otimismo habitual. Mas, em vez disso, seu príncipe enfiou um pedaço ainda maior de chocolate na boca e ficou remexendo na meia. Agatha sabia que agora eles estavam realmente fritos: Tedros nunca desistia, por mais difícil que fosse a situação, e ele cuidava muito de seu corpo para comer sobremesa dois dias seguidos.

“Minha nossa, mas vocês dois estão horríveis”, Merlin caiu na risada. “Como se eu fosse trazer vocês dois até aqui sem ter *algo* na manga. Afinal, sou o famoso mago da Floresta.”

Tedros instantaneamente soltou seu chocolate e ele e Agatha ergueram os

olhos para Merlin, com a esperança renovada.

“Vejam bem, nós temos duas armas secretas que o Diretor da Escola não espera. Duas armas secretas que vão permitir que vocês entrem na escola, bem debaixo do nariz dele, sem que ele saiba”, disse Merlin, olhando para baixo. “A primeira explica como eu sei tanta coisa sobre o que está acontecendo dentro das paredes do castelo...”, o mago se aproximou com um sorriso felino. “*Espiões*.”

“Você tem espiões dentro da escola?”, perguntou Agatha, de queixo caído. “Mas quem...”

“Não importa quem”, Tedros fez um gesto para interrompê-la. “Mesmo que você tenha espiões para nos colocar para dentro, isso ainda não sana o problema do Diretor da Escola saber que estamos chegando...”

“Preste atenção, menino! Eu disse que o Storian vai dizer a ele que vocês estão chegando, somente se vocês *continuarem sendo Agatha e Tedros*”, emendou o mago. “O que nos leva à minha arma secreta número dois.”

Como um mágico encenando seu truque final, Merlin cuidadosamente tirou do chapéu um frasco em formato de gota, e o segurou sob a luz do sol nascente. No início, Agatha e Tedros ficaram cegos pelo resplendor roxo e protegeram os olhos do frasco. Contudo, à medida que eles se aproximaram, viram uma poção roxa fluorescente e quente junto à tampa... até que um fio de fumaça escapou do frasco e Agatha sentiu um cheiro familiar de madeira e rosas...

“Ah, não... nãão, sem chance...”

Ela se balançou sobre os joelhos. Merlin deu um sorriso travesso.

“Afinal, a receita é minha. Fiz apenas o suficiente para dois.”

Agatha se aproximou de Tedros.

“O quê? Não estou entendendo”, disse ele, sacudindo a cabeça. “Quer dizer, isso não é... não pode ser... não, claro que não. Certo?”, ele viu o rosto de Merlin e pulou de pé. “*Certo?*”, Tedros virou para sua princesa com o rosto roxo de tão vermelho. “Ele não poderia transformar você em... e eu em...”

Mas agora ele também via o rosto de Agatha. Tedros congelou.

“Oh, meu Deus!”, ele pousou a mão no coração, como se tivesse sido apunhalado, e se encolheu por um segundo, nos braços de sua princesa.

Merlin ficou olhando o príncipe desmaiado por um longo tempo, antes de fazer um beicinho e erguer os olhos para Agatha, que o segurava.

“Bem, minha querida. Pelo menos agora você pode dizer que estão quites.

16
Edgar e Essa

“Tedros?”, disse a voz em tom melado.

“Tedros”, Sophie repetiu sonolenta, aninhada em cobertas pretas de seda, como se estivesse num casulo.

“O que tem ele?”

“Quem?”, Sophie disse, resfolegando, ainda mergulhada em um sonho.

“Tedros. Você está repetindo o nome dele sem parar.”

Sophie acordou num sobressalto. Rafal estava sentado junto à janela, olhando a manhã opaca, parecendo mais jovem do que nunca com uma camisa preta sem mangas e calçolas pretas de couro que mostravam suas pernas claras e bem moldadas.

“Parece estranho que você sussurre o nome do menino que você deve matar”, ele comentou.

Lembrando, Sophie olhou para baixo, em pânico, e viu Tedros entalhado em sua pele, logo abaixo da aliança. Ela enfiou a mão embaixo da coxa e levantou, apoiando-se nos cotovelos.

“Ah, é... só estava pensando... não importa aonde eu vá, ele parece me seguir como uma urticária...”

“Então, você terá de apagá-lo de uma vez por todas, não?”, Rafal ficou de pé. “Assim como a princesa.”

Sophie deu um sorriso de dentes cerrados, enquanto seus olhos atentos o seguiam até seu livro de história sobre a mesa. O Storian estava parado, de um jeito abrupto, acima de uma pintura de Agatha e Tedros observando a Escola do Mal do cume de um penhasco. Sophie notou que os dois Sempre não estavam mais de mãos dadas, e que o corpo de Tedros estava afastado do

de Agatha. *Será que havia acontecido alguma coisa entre eles?* O coração dela deu um salto só de pensar...

Ela afastou o pensamento. *Você está maluca?* a) Tedros já tem uma garota: sua melhor amiga, b) Ela já tinha um namorado: o inimigo mortal de Tedros e c) Tedros estava a caminho para matar esse namorado!



“Antes de você acordar, o Storian desenhou Tedros e sua princesa a apenas algumas milhas de distância e não se mexeu mais desde então”, Rafal resmungou, com as botas tilintando no chão de pedras conforme ele contornava a mesa. “É como se houvesse um intervalo na história, evitando que a caneta nos dissesse para onde eles foram.”

“Talvez eles tenham desistido e voltado para Gavaldon”, Sophie disse, esperançosa. “Talvez a gente tenha finalmente ganhado essa história! Talvez eu nunca mais tenha que vê-los, e se eu não precisar mais vê-los, então, não preciso matá-los...”

“Então, por que o livro ainda está aberto? Por que o sol não se recuperou?”, Rafal estreitou os olhos para o livro de história, os lábios apertados, formando uma linha. “Não, Tedros e seu amor estão em algum lugar próximo... O Storian apenas não consegue localizá-los ainda...”, ele deu uma olhada para trás, inabalado. “Mas isso não importa, meu amor. Contanto que meu nome esteja escrito em seu coração, eles estão com seus dias contados.”

“Certo... claro... desculpe, estou com alergia”, Sophie fingiu tossir e respirou ofegante, enfiando a mão embaixo da perna.

Ela não poderia se atrever a deixar que ele visse o nome de Tedros

embaixo de sua aliança! Ele saberia o que isso significaria! E se Rafal desconfiasse que talvez não fosse seu verdadeiro amor, ele iria... iria...

Ele iria me matar.

Sophie sentia a palma da mão grudando na coxa, com o suor. Como é que isso estava acontecendo? A única coisa que ela sempre quis foi amor, e ela finalmente havia encontrado no menino de rosto nevado, à sua frente. Mas, em vez de ser recíproca, em vez de ser fiel, agora o seu coração insistia em dizer que seu verdadeiro amor era Tedros? Tedros, que a rejeitara duas vezes por sua melhor amiga?

Rafal é meu verdadeiro amor! Ela implorava a si mesma.

Por favor, mude para Rafal.

Rafal. Rafal. Rafal.

Ela deu uma espiada abaixo, em sua mão.

TEDROS.

Sophie engoliu em seco. Dali em diante, seja o que for que acontecesse, ela não poderia ficar perto do príncipe de novo, muito menos na mesma sala.

Jamais.

Ela deu uma olhada lá fora, nos portões de ferro com lanças... as sombras monstruosas guardando a Escola do Velho... a baía verde pestilenta... todas as barreiras para evitar que Tedros e Agatha a encontrassem. E, no entanto, ainda havia um espião em meio aos alunos, planejando deixar que eles achassem um jeito de invadir a escola. Ela precisava capturá-lo antes que seus amigos chegassem ao castelo.

Mas quem era? Sophie imaginou sua sala de aula de Sempres e Nuncas, tentando relembrar se havia alguma pista...

“Sophie?“

Ela ergueu os olhos para Rafal, que a encarava.

“Existe algum motivo para que você esteja escondendo a sua mão?”, ele perguntou.

“Hã?”, Sophie ficou boquiaberta.

“Você fica ajustando a posição para que sua mão fique coberta.”

Sophie limpou a garganta e se endireitou junto ao dossel da cama. —

“Honestamente, querido, sei que você vem da escola Barba Azul do Amor, mas eu não tenho a mais vaga ideia do que está falando. Mas, já que tenho sua atenção, talvez esse seja um bom momento para discutirmos assuntos do campus? Ano passado, achei a escolha da peça profundamente

inexpressiva, para dizer o mínimo. Devido à minha leve carga docente, eu ficaria feliz em assumir esse fardo: na verdade, um espetáculo solo feminino, com apresentações todas as noites, às 19h30, no Salão de Jantar, e uma matinê adicional aos domingos, seguida por café e canapés. Nós podemos chamar de *La Reine Sophie*, um nome apropriado, para uma peça suntuosa, de três horas, não acha?"

"Deixe-me ver sua mão", disse Rafal, com o olhar fulminante.

"O-o quê?", Sophie disse, com a voz rouca.

"Você me ouviu", o jovem Diretor da Escola avançou na direção da cama.

"Perdão. Você pode ser o Diretor dessa escola, mas você não é Diretor dos meus membros", Sophie bufou desajeitada, com a mão esquerda espremida embaixo das nádegas.

Mas Rafal estava a dois metros de distância, com a desconfiança reluzindo em seus olhos. O coração de Sophie estava disparado no peito.

"Realmente, querido, você está sendo profundamente ridículo..."

Agora ele estava a dois palmos dela.

"Rafal, por favor!"

Ele atracou o braço dela, puxando-o. Num flash, Sophie cravou a unha do polegar no dedo do anel, cortando a pele...

Rafal ergueu a mão dela e o sangue escorreu, encobrindo o nome de Tedros. Os olhos dele faiscaram.

"Você está machucada!"

"Foi precisamente por isso que eu escondi. Eu sabia que você teria uma reação exagerada, como sempre tem!", Sophie fez beicinho e enfiou a mão ensanguentada no bolso, passando por ele correndo. "É apenas um corte de nada que fica reabrindo toda hora... Um pequeno acidente nos Empalhados. Agora, quanto àquele show, querido. Ele começa com um número um pouquinho picante chamado "Thunder Down Tundra", por isso vou precisar de geleiras, de dançarinos sensuais e de um leão macho, preferencialmente adestrado..."

"Espere. Você tocou o beijo de Agatha e Tedros?", Rafal veio marchando até ela. "Manley fez aquela cena venenosa justamente para pegar qualquer um que ainda fosse leal ao Bem. Nenhum Nunca chegaria a menos de três metros do beijo de um Sempre. Por que você tocaria..."

"Ah, cruz-credo, olha só a hora! Você pode me levar voando até minha

sala de aula, querido?", Sophie arrancou o vestido de professora de um gancho e apressou-se até a janela, virada de costas para ele. "Você sabe como Lady Lesso é em relação à pontualidade. Eu não iria querer que ela te ache ainda mais irresponsável."

Dessa vez, Sophie se sentiu muito diferente nos braços de Rafal enquanto ele voava com ela acima da baía. Em vez de se sentir segura, ela se sentiu amedrontada; em vez de amada, ela se sentiu encurralada. Com a mão direita grudada dentro do bolso, e a esquerda atracada nele, Sophie cerrou os dentes e contraiu cada músculo, como se estivesse cavalgando numa fera selvagem que tentasse domar, mas sobre a qual tivesse perdido o controle. Ainda assim, apesar da montanha-russa em sua barriga, ela percebeu que Rafal estava voando incrivelmente devagar, ziguezagueando para fora do caminho. Ela deu uma olhada para trás e viu que seus olhos azuis desconfiados estavam fixos no céu, claramente pensando no comportamento dela, na torre.

"Olhos no caminho, querido", disse Sophie, dando um sorriso fingido.

O ar estava mais frio do que o habitual para um dia de março sem nuvens, o sol pálido escorrendo pelo azul vazio com tons de cobre e ouro. Ela notou um corvo ossudo voando ofegante atrás dela. Com a decadência da Floresta e o corpo fraco, sem dúvida ele estava procurando em vão por um novo lar. Gritos estridentes ecoaram abaixo e Sophie avistou uma classe de Treinamento Florestal, na Floresta Azul apodrecida, com Os Sempre e os Nunca, meninos e meninas, cada um deles espetando um retrato de Agatha, enquanto Aric vociferava uma sucessão de movimentos com a espada. Sophie olhou essa floresta moribunda repleta de Agathas, como se tivesse adentrado um sonho surreal.

Todo esse tempo, ela tinha ficado obcecada por Tedros, Tedros, Tedros, e afastado a única pessoa que representava mais para ela do que Tedros jamais representaria. Só em pensar no nome de Agatha, já sentia revolver uma tempestade de opostos — *amor ódio amiga inimiga perdida encontrada verdade mentira viver morrer* — até que as palavras e os rótulos perderam todo sentido e Sophie sentiu um buraco no peito, como se ela fosse incompleta sem Agatha, e Agatha incompleta sem ela.

E, subitamente, ao olhar as quarenta imagens de olhos esbugalhados, superbrancas, de sua melhor amiga, Sophie se viu rindo debochada, pois ela sabia que Agatha também o faria. Sophie cutucaria Agatha, falando daquela

vez em que ela tentou acrescentar “pinça” e “bronzeado” ao seu vocabulário, só pra ver a pobre garota apagar uma sobrancelha e ter uma queimadura de segundo grau, enquanto Agatha a lembraria da vez em que desceu correndo atrás dela, por Graves Hill, com uma sobrancelha só e os cabelos tingidos de laranja, com uma máscara de ovos de tartaruga escorrendo do rosto, enquanto ela se defendia com um cabo de vassoura... e antes que elas percebessem, as duas estariam rolando pelo chão, às gargalhadas, por serem tão terríveis e maravilhosas uma com a outra...

O sorriso de Sophie se desfez. Ainda ontem, no escritório de Lady Lesso, ela voltou a se sentir uma bruxa, pronta para matar Agatha e seu príncipe por Rafal; pronta para fazer o que fosse preciso para manter o jovem Diretor da Escola como seu verdadeiro amor e não ficar sozinha. E agora, hoje, ela estava com o nome de Tedros tatuado em sua pele, estava recordando de aventuras com Agatha, e mal podia esperar para sair dos braços frios de Rafal.

O que está acontecendo comigo?

Seus pés derraparam no chão de pedra e Sophie se preparou para ver a varanda preta da antiga Torre da Honra, e os alunos passando, num grande estampido, para chegarem à próxima aula a tempo. Sophie rapidamente enfiou a mão mais fundo no bolso, e se afastou de Rafal, sem nem olhar pra trás...

“Me encontre no almoço, querido!”

“Sophie.”

Sophie se virou para Rafal, sombreado pelo brilho do sol contra o alambrado.

“Você vai matá-los. Tedros e Agatha”, a voz dele era um rosnado quente adolescente. “Ou eu saberei de que lado você realmente está.”

Os olhos dele a percorreram por um momento que pareceu uma eternidade, antes que ele disparasse direto para o alto, pelo céu, e ela o perdeu em meio às cinzas do sol. Sozinha, no corredor, Sophie sentiu a mão suando dentro do bolso. Rafal estava de olho nela.

Se ele visse o nome de Tedros marcado em sua pele... ela estaria morta.

Se ela não matasse Agatha e Tedros... ela estaria morta.

O que significava somente uma coisa, pensou Sophie. Seria a vida de seus amigos, ou a sua.

Misturando-se à turba de alunos, Sophie seguiu para a sala de pirulitos,

determinada a flagrar o espião do Bem. Se ela pegasse o espião, então o espião não poderia ajudar Agatha e Tedros a invadir a escola. E se Agatha e Tedros não conseguissem invadir a escola, então ela nunca mais precisaria vê-los, e se nunca mais precisasse vê-los, ela não teria que matá-los...

Sophie parou de repente.

Um ratinho branco estava passando correndo perto da ponta de seu sapato, com um gravetinho de madeira na boca. Ele não podia ser o rato traidor sobre quem Lady Lesso havia alertado, pois ele não estava transportando um bilhete, nem uma chave, nem nada útil para um espião. No entanto, havia algo estranho com o roedor, ele seguia um caminho frenético por entre os pés dos alunos, como se corresse contra o tempo — e algo ainda mais esquisito no graveto entre seus dentes, um graveto que nem parecia um graveto, mas uma varinha de condão... uma varinha que Sophie já estava bem certa de ter visto nessa mesma escola... *Mas, onde?* Nunca se usavam varinhas nas aulas ou nos desafios, e a maior parte dos professores debochava delas, como se fossem adereços arcaicos de ensino ou de fadas madrinhas antiquadas. Então, quem, na Escola do Mal, poderia ter uso para uma...

Sophie engoliu em seco.

Como um touro em fuga, ela disparou de cabeça, colidindo contra uma turba de corpos, perseguindo o rato. Onde quer que esse pequeno animal repugnante estivesse indo levando a varinha da Professora Clarissa Dovey, ele certamente a conduziria até o espião. Será que a varinha de Dovey tinha poderes especiais? Seria desse modo que o espião planejava ajudar Agatha e Tedros a entrarem? Será que a própria Professora Dovey era a espiã? Mas, *como?*, se Dovey estava trancada em algum lugar, com os professores do Bem? Sophie não tinha tempo para pensar...

Abrindo caminho e empurrando o pessoal para os lados, ela seguiu o rato, descendo as escadas em espiral, e quase o perdeu de vista antes que as batidas de seus saltos despertassem algumas fadas que dormiam nos corrimões, que despertaram zangadas e iridescentes, iluminando o rato com seu brilho verde, antes que ele fugisse rumo ao foyer. Segurando o vestido, Sophie disparou atrás dele, adentrando a cozinha do Salão de Jantar, onde panelas encantadas cozinhavam sardinhas e repolho frio; passou pela Lavanderia, onde Beezle, um anão de pele vermelha estava tentando lavar sozinho 240 uniformes (“Mama!”, ele guinchou, mergulhando nas bolhas de sabão); e rumo à Galeria do Bem, refeita em tons de preto e verde, que em vez de exibir as

grandes vitórias do Bem agora mostravam outra coisa...

Sophie diminuiu o ritmo, observando as vitrines do museu ao redor. As caixas de vidro, antes preenchidas com armas triunfantes de heróis e a prova de vilões mortos, mostravam novos objetos: os cabelos cortados de Rapunzel, as roupas do Pequeno Polegar, a coroa de Branca de Neve e os sete pares de sapatos dos anões... todos respingados de sangue.

Esses não eram troféus de vitórias sinistras do Mal, de centenas de anos atrás. Não eram de Finola, a Comedora de Fadas, nem da Sopa de Crianças, nem do Urso Rex.

Essas eram histórias que todos os Leitores conheciam, mas com os vilões vencendo no lugar dos heróis. Sophie revirou os olhos diante dessas relíquias claramente falsas. Primeiro, os murais do hall e agora a Galeria também? Rafal obviamente não conseguia aceitar finais *verdadeiros*...

Então, ela se lembrou de algo que ele havia dito.

"Finais podem ser modificados, minha rainha. E modificados eles têm de ser."

Sophie estremeceu, pensando na forma como ele sorriu para a Escola do Velho... o rugido estranho que veio lá de dentro... as sombras escuras no telhado... Teria Rafal encontrado um meio de modificar os finais de antigos contos de fadas?

E o que estaria escondido na outra escola?

Sophie sentiu um nó cego em sua barriga. Ela tinha perdido o rato.

Em pânico, ela vasculhava cada canto da Galeria. Nem sinal dele. Ela gemeu furiosa consigo mesma. Sua única chance de pegar o espião e ela perdeu como uma tola. Ela deu uma olhada rápida em sua mão esquerda, ainda tatuada com o nome de Tedros. Com os ombros caídos, xingando baixinho, ela saiu do museu como um raio, atrasada para sua própria aula, sem ter achado o espião, totalmente convencida de que seu verdadeiro amor iria matá-la... Mas então algo chamou sua atenção, no fim do corredor.

Um borrão branco correndo na direção das portas do castelo.

Te peguei.

Correndo atrás do roedor, parecendo uma náufraga atrás de um barco, Sophie disparou e saiu da Galeria, correndo pelo foyer de mármore preto, adentrando o hall espelhado de entrada (agora, com todos os espelhos rachados), e passando pelas portas de cisnes que conduziam ao Grande Gramado, bem certa de que ela era a primeira bela garota na história a correr

atrás de um rato em vez de fugir dele...

Uma parede de fumaça verde a cegou.

Sophie protegeu os olhos, mas o vento estava soprando mais névoa verde em sua direção, névoa que se desprendia da baía corrosiva. Determinada a não perder novamente o rato, ela desceu a colina cambaleando, cravando a areia enlameada e morta com os saltos finos de camurça, enquanto vasculhava o chão, torcendo para que o rato também estivesse por ali. Mas toda vez que ela achava que o havia encontrado, acabava sendo um osso de crocodilo perdido, que ela chutava zangada, até que contornou a margem do fosso mortal, olhando à esquerda, depois à direita, perdida, sem saber para onde ir... Uma sombra humana surgiu em sua direção, saindo da névoa.

Sophie cambaleou pra trás.

Aggie?

Só que não era uma sombra. Eram duas.

Aggie e... Teddy?

"F-fiquem onde estão!", ela gritou.

O par de sombras se aproximou mais depressa. A ponta do dedo de Sophie acendeu rosada de terror.

"Parem! Parem bem aí!"

Mas as sombras agora vinham ainda mais rápido, e Sophie estendeu o dedo aceso como um punhal, pronta para pegá-los de surpresa assim que ambos saíssem da névoa...

"Ah", Sophie baixou a mão direita, com a luminosidade evaporando. "É você!"

"Eu tinha que buscar os novos alunos", bufou Hester, parecendo sem fôlego.

"O Diretor da Escola nos mandou vir dar as boas-vindas a eles", disse Dot, ofegante ao seu lado.

"Já que nós parecemos as únicas que gostam dessa escola", rugiu Anadil, saindo da névoa, seguida por dois ratos pretos e um terceiro ficando mais para trás, parecendo exausto e meio morto.

"Talvez você precise de outro rato", Sophie brincou, aliviada por suas amigas voltarem a falar com ela. Ela pressionou a mão tatuada mais fundo, no bolso. "Ouçam, nós podemos retomar o Clube do Livro, após o almoço? Eu realmente preciso falar... espere aí. Vocês disseram *novos* alunos?"

Por cima do ombro de Hester, Sophie viu mais duas sombras passando

pela névoa: um menino e uma menina adolescentes que ela nunca tinha visto, ambos usando os uniformes pretos do Mal, e com caras feias igualmente sinistras.

O menino lembrava um pinguim malevolente, com a pele clara e pegajosa, olhos escuros arregalados, bochechas fundas e uma juba preta horrenda. Ele tinha coxas e panturrilhas magricelas, sem músculo nenhum, e dois gravetos no lugar dos braços, e andava todo duro, como se temesse que algo fosse cair de suas calças.

A menina tinha ombros largos e um bronzeado dourado, olhos azuis brilhosos, um nariz pequeno e cabelos longos e pretos que eram tão negros que nem pareciam seu tom natural — como se tivesse sido pintado com pressa, por alguém que não entendia de pintura apropriada, muito provavelmente um homem. Ainda assim, Sophie achou-a bonita de uma maneira geral e, por um momento, sentiu-se ameaçada, até que notou o andar desajeitado dela, um troll em busca de algo para bater.

Os dois avistaram Sophie e pararam de repente. Sophie viu que eles ficaram com as pernas bambas, as testas suadas, e suas bocas continham sorrisos imensos, como se quisessem abraçá-la, tocá-la, ou, pelo menos, pedir um autógrafo.

“É... eles são grandes fãs de seu livro de história”, Hester murmurou, olhando os estranhos boquiabertos.

Minha nossa, isso explica tudo, suspirou Sophie, com a desconfiança evaporando. Ela havia se esquecido o quão famoso o seu conto de fadas se tornara na Floresta. Ela devia ter fãs adoradores como esses por *toda parte*. Até onde ela sabia, milhares de admiradores obcecados tentaram entrar na escola para ficar perto dela, e esses eram os primeiros a ter êxito.

“Bem, o Diretor da Escola não me disse nada a respeito disso”, Sophie fungou, ao mesmo tempo lisonjeada e sem tempo para interagir com tietes quando havia um espião a ser pego. “Ele certamente teria pelo mencionado seus nomes...”

“Eu sou Essa, de Bloodbrook, Assassina Fria de Sempres, Destinada a Proteger o Mal”, afirmou a garota, com a voz alta e fina, pontuada por um sotaque que Sophie nunca tinha ouvido. Ela pegou a mão do menino. “E esse é Edgar.”

“Eu posso me apresentar, obrigado”, o menino rosnou pra ela, num tom baixo, e virou-se para Sophie. “Eu sou Edgar de Bloodbrook, Assassino Frio

de Sempres, e também Destinado a Proteger o Mal.”

“Dois Assassinos Frios de Sempres... apaixonados?”, Sophie olhou as mãos dadas.

O menino e a menina trocaram olhares, como se estivessem preparados para todas as perguntas, exceto essa.

“Primos. Eles são primos”, estrilou Hester. “Fazem parte da Família do Capitão Gancho.”

“Não gostamos de falar a respeito disso”, Edgar instantaneamente soltou a mão de Essa.

“Somos pessoas que prezam a privacidade”, reforçou Essa.

“Não faz sentido algum”, disse Sophie. “Desde quando a Escola do Mal está aceitando novos alunos?”

“Eles não tinham idade suficiente para serem escolhidos como Nuncas na primeira seleção”, Anadil interferiu.

“Devem ser assassinos e tanto de Sempre, se o Diretor da Escola está disposto a aceitá-los agora”, palpitou Dot, pegando um osso de crocodilo e transformando-o em chocolate.

Sophie notou que os primos estavam observando a aliança de Rafal em seu dedo, parecendo menos com Assassinos de Sempre e mais com admiradores de joias. Ela escondeu a mão.

“Bem, como eu disse, o Diretor da Escola não mencionou nada sobre novos alunos para mim, portanto eu realmente devo checar com...”

“Claro que ele não mencionou para você”, debochou Hester, passando direto por Sophie em direção ao castelo, “que estava trazendo assassinos externos... não quer que você ache que ele duvida da *sua* habilidade para matar Agatha e Tedros, não é?”

“Já que ele é *seu* verdadeiro amor”, disse Anadil, seguindo atrás de Hester.

“E é *sua* tarefa matá-los”, completou Dot, seguindo Anadil.

Sophie ficou toda eriçada e nervosa, olhando para os dois estranhos.

“Morte a Agatha!”, disparou Edgar, erguendo o punho fechado.

“Morte a Tedros!”, Essa deu um gritinho e também ergueu o punho.

Eles seguiram apressados atrás das bruxas. Enquanto os dois Assassinos de Sempre corriam colina acima, Sophie sentiu seu coração tomado de pavor. Desde o dia em que Rafal colocara a aliança em seu dedo, ele jamais confiou na lealdade dela ao Mal. Agora ele havia trazido dois assassinos treinados

para forçá-la. Será que Rafal os faria matar seus amigos se ela não o fizesse? Será que Rafal *a mataria*? E por quanto tempo ela conseguiria esconder o nome de Tedros dele?

Vendo Edgar e Essa se aproximando do castelo, Sophie fez um pedido desesperado para manter Agatha e Tedros longe da escola... para impedir que eles tentassem resgatá-la... para jamais voltar a vê-los e salvar-lhes a vida...

No entanto, como acontecia com a maioria dos pedidos de Sophie, esse também tinha dado errado, pois, sem saber, ela estava nesse exato momento observando Agatha e Tedros, disparando castelo adentro.

Ela não tinha mantido seus amigos lá fora.

Ela os deixara entrar.

17
Missões Impossíveis

Assim que as três bruxas empurraram Edgar e Essa para dentro de seu quarto queimado e fedorento no alojamento, Hester trancou a porta e olhou de cara feia para Essa.

“Tedros, seu cabeça de frango! Por que você atracou a mão da Agatha?! Quase fez com que fossem descobertos!”

Tedros e Agatha estavam ambos curvados, ofegantes.

“Sophie! Ela está... usando... aliança...”, Agatha disse resfolegando. “Quase a abracei...”

“Deveria ter aproveitado. Sem chance de sairmos desse lugar vivos”, disse Tedros, olhando para baixo, para seu corpo feminino cheio de curvas. “Você viu o jeito como aqueles meninos Sempre ficaram me olhando no corredor?”

“Nós vimos nossa melhor amiga novamente e ainda estamos inteiros. Eu chamaria isso de êxito”, Agatha respondei, balançando seus membros de menino e caindo numa das camas, derrubando uma moldura na mesinha de cabeceira.

“Eu chamaria de suicídio”, disse Tedros, puxando o short.

“Acalme-se, princesa. Tem tanta gente nesse castelo que ninguém mais sabe quem é quem”, disse Hester, zombando e arrumando a fotografia de sua mãe, diante de uma casa de pão de gergelim.

“Vocês dois estarão a salvo em nosso quarto até essa noite”, acrescentou Anadil, vendo dois de seus ratos cheirando o terceiro, que estava fraco. “Se bem que se a ‘Essa’ falar mais com esse sotaque horrível, talvez eu corte a sua garganta.”

“É o único jeito que consigo manter a voz alta!”, Tedros respondeu.

“Faz com que você pareça uma leiteira de Maidenvale”, disse Dot, distraidamente, remexendo em seu armário. “O papai gosta de leiteiras. Ele mantinha uma em nosso porão.”

Todos do quarto olharam para ela.

“Que bom que você acha isso engraçado”, Tedros vociferou, ainda puxando o short. “Nem consigo pensar nesse corpo imbecil! O feitiço que Merlin usou para tingir meu cabelo, seja lá qual for, está coçando terrivelmente e meu traseiro não cabe nas minhas calças, meus pés são pequenos demais e minhas pernas estão congelando e toda hora eu tenho que fazer xixi...”



“Pelo menos uma coisa não mudou”, murmurou Agatha.

Tedros lançou-lhe um olhar nocivo.

“E quem foi que arranjou esses nomes idiotas? Edgar e Essa, como se nós tivéssemos nascido com bastões de críquete em nossas mãos, bebericando chá nas Colinas Malabar.”

“Os nomes foram ideia minha”, Dot corou, saindo do armário, parecendo magoada. “Hester me deixou escolher, com a condição de que eu ficasse gorda novamente. Ela disse que se eu ficasse gorda como no primeiro ano e nós três fingíssemos adorar esse lugar, ninguém desconfiaria que somos espiãs do Bem. Claro que nós tínhamos que ajudar vocês: primeiro, a Agatha é nossa amiga; segundo, Aric quase matou a Hester e agora ele é *Reitor*; e, terceiro, nós não podemos simplesmente deixar que o Diretor da Escola transforme a escola inteira em Escola do Mal. Não faz sentido ser do Mal se não há o Bem contra quem lutar, faz? O que nós faríamos o dia todo? Ficaríamos comendo pipoca e fazendo pedicuro? Além disso, imaginei que se ajudasse vocês a resgatar a Sophie, embora não possa mais usar isso”, ela segurou seu antigo corpete azul da Escola das Meninas, “pelo menos teria feito algo da minha vida e o papai não me chamaria mais de fracassada”, disse Dot, fungando. “Passei todas as nossas aulas tentando pensar em nomes

legais para vocês, e foi por isso que tirei notas baixas, e vou acabar virando uma planta, mas Edgar parece com Agatha, se você disser prendendo a língua, e Essa rima com Tedros, se você não pensar muito a respeito, e eu achei que vocês se orgulhariam de mim, por ter feito um trabalho tão bom", Ela assoou o nariz no corpete.

Hester, Anadil e Agatha encararam Tedros.

"Ponha-se no meu lugar, Dot", disse ele, sentindo-se culpado, coçando o cabelo. "Sou o Príncipe de Camelot, em breve serei Rei, se eu não morrer primeiro. Voltei à Floresta com a minha princesa para salvar nossa melhor amiga e não me candidatei a fazer isso sendo a garota, está bem?"

"Sendo 'a garota'? É isso que eu sou?", Agatha pôs-se de pé num pulo, com seu corpinho magricela. "A *Garota*"?

"Olha, só estou dizendo que se algum dos meus amigos me vir assim..."

"Estou bem certa de que eles acabaram de vê-lo no corredor", rugiu Agatha, com os hormônios masculinos fervilhando. "Acho que o Chaddick até piscou para você."

Tedros pareceu ter sido esbofeteado.

"Essa é a velha Agatha", Hester deu um sorrisinho malicioso.

"Finalmente, de volta ao grupo!", disse Anadil.

"Não como membro oficial, é claro", disse Dot.

"Meninos ficam zangados e famintos o tempo todo? Eu poderia comer esse travesseiro", Agatha se esparramou no colchão, revolvendo a fuligem.

O travesseiro se transformou em chocolate.

"E é por isso que eu não sou um membro oficial", disse Agatha, sorrindo para Dot ao morder o travesseiro.

Tedros ficou olhando sua princesa, agora um menino esfomeado e briguento; as três bruxas do Mal, ainda rindo às suas custas; a sua própria silhueta delgada, o queixo suave e as pernas lisas, refletidos numa moldura de vidro... O príncipe começou a suar.

"Não consigo fazer isso... simplesmente não consigo...", a ponta de seu dedo começou a reluzir em dourado. "Vou fazer um contrafeitiço e reverter a poção..."

Agatha deu um salto e o agarrou

"Eles vão te pegar no segundo em que você sair por aquela porta! Vão matar todos nós!"

"Nós chegamos até aqui, está bem?", implorou Hester, empurrando seu

corpo de menina para cima da cama.

“É o único jeito, Tedros”, Anadil o tranquilizou, segurando seu dedo aceso.

“Talvez até o transforme numa pessoa melhor”, Dot bufou, antes de acrescentar, baixinho. “Menos dramático, pelo menos.”

Tedros mergulhou as bochechas cor de pêssego nas mãos e se curvou sobre a cama.

“Nós jamais conseguiremos! Nunca vamos tirar a Sophie daqui! Eu nunca mais vou voltar a Camelot, jamais serei rei e vou morrer como uma garota!”

“Seu moleque mimado, chorão e cabeçudo!”, o demônio no pescoço de Hester inchou avermelhado. “Nós quatro passamos a vida provando que somos *mais* que garotas frágeis, e aí está você, agindo como se ser uma garota fosse uma sentença de morte! Sua vida inteira você contou com seu queixo furadinho, seus olhos brilhantes e sua barriga de tanquinho como substitutos de uma alma. Ora, agora você é uma de nós, *Essa*, e todas as nossas vidas estão dependendo de você, portanto se você não parar de choramingar e começar a agir como um homem de verdade, seu príncipe de meia-tigela, eu vou enfiar esse demônio no seu...”

Ela viu Agatha sacudindo a cabeça e secretamente formando letras em fumaça, com o dedo aceso: PROBLEMAS COM A MÃE. Hester mordeu o lábio.

“Tedros, meu amigo”, ela continuou, tentando parecer amistosa, com resultados ambíguos. “Eu sei que não é fácil, mas você conseguiu entrar nessa escola infernal. Essa foi a parte mais difícil. Agora, nós só precisamos que você e Agatha terminem as missões que o Merlin lhes deu.”

“Vocês têm o dia todo para pensar como fazer. Enquanto isso, é melhor que Hester, Dot e eu voltemos para a aula, ou a Sophie vai desconfiar de alguma coisa”, disse Anadil, lançando um olhar para Hester.

Hester ajoelhou-se na frente de Tedros e pegou seus dedinhos entre os dela.

“Vamos deixá-lo aqui, com a Agatha, e voltaremos depois do jantar. É quando a sua missão começa. Está bem?”

Tedros não respondeu. Hester ergueu a bainha da blusa, revelando uma cicatriz rosada horrenda, na barriga.

“Eu levei uma facada do Aric para proteger a sua princesa. Para proteger o seu verdadeiro amor, Tedros. Agora é a sua vez de provar do que é capaz.”

Ela deu uma olhada para Agatha, com sua pinta de menino pinguim. “Vocês dois. Se vamos salvar a Sophie e o nosso mundo, precisamos que vocês sejam um time.”

Agatha e Tedros não se olharam.

“Um sorriso, Edgar e Essa”, disse Hester. “Por favor.”

“Hester pedindo um sorriso? O mundo está mesmo no fim”, zombou Dot.

Lentamente, Edgar e Essa se olharam. Eles se viraram para Hester e mostraram sorrisos idênticos. Hester relaxou aliviada.

“Voltamos logo, pombinhos. Usem seu tempo com sabedoria”, disse ela, enquanto suas colegas de quarto a seguiam porta afora. “E tentem não infringir nenhuma *regra* da escola, se entendem o que eu quero dizer.”

Agatha e Tedros mantiveram os sorrisos até que a porta se fechou e foi trancada pelo lado de fora. Então, eles se olharam e franziram a testa.

Menos de uma hora antes, Edgar e Essa estavam espremidos sobre um toco de árvore na Floresta, observando Merlin salpicar purpurina num arbusto de espinhos roxos carnívoros, colocando-os para dormir.

“Quando posso ser revertido?”, Tedros perguntou exigente, com uma voz grave e bochechas rosadas de menina.

“Quando você voltar vivo”, disse o mago, cutucando um espinho molenga para testar.

“O que significa nunca”, murmurou Agatha, estreitando os olhos para os portões altos com lanças de ferro que bloqueavam a entrada da Escola do Bem e do Mal. As lanças que um dia reluziram em ouro, agora tinham um tom ácido de verde e mostravam um aviso familiar:

INVASORES SERÃO JOGADOS NO FOSSO

Agatha engoliu em seco. Eles tinham tirado um pequeno cochilo no alto do penhasco e comido um lanchinho fornecido pelo chapéu, com omeletes e smoothies de morango e baunilha, antes que Merlin os vestisse com os uniformes do Mal, em preto e verde (“*Espiões*, obviamente”, foi o jeito como ele os obtivera) e os levou até os portões da escola, sem informar como uma menina e um menino — agora menino e menina — poderiam passar pelo portão que prometia matá-los.

“Só um professor pode abrir esses portões”, Agatha argumentou. “Se nós os tocarmos, seremos despedaçados!”

“Portões são meu menor problema. Suponhamos que o contrafeitiço não funcione? Suponhamos que eu fique para sempre como uma garota?”, reclamou Tedros.

“Por favor, não use sua voz de menino num corpo de menina, minha criança”, disse Merlin, palitando os dentes com um espinho. “É um mal hábito e fede a farsa barata. Agora, você não chegará muito longe sem ser capaz de convencer as pessoas de que você é uma menina, portanto vamos começar com seu nome.”

“Minha cabeça está coçando”, disse Tedros, ainda em barítono. “Por que não posso ter meu cabelo louro normal?”

“Porque você tem que parecer um assassino do Mal, não a adorável irmã da Cachinhos de Ouro.”

“Você é um mago. Era de se pensar que poderia tingir meu cabelo sem me pôr com piolhos...”

A farpa de um espinho aterrissou no meio das pernas de Tedros.

“A arte de cuidados capilares não é uma prioridade quando nosso mundo está em jogo”, disse Merlin, lançando-lhe um olhar duro. “Agora, vamos ouvir essa voz, antes que eu *realmente* o faça se coçar.”

“Meu nome é Essa”, Tedros falou cruzando os braços e com uma voz esganiçada, de furar os tímpanos.

“Minha nossa, parece uma professora de escola rural, de Runyon Hills”, disse Merlin, depois viu Agatha rindo, com suas risadinhas estridentes incompatíveis com seu porte masculino. Merlin ergueu as sobrancelhas. “Francamente, vocês dois daria um excelente número de circo.“

“Meu nome é Essa”, Tedros repetiu zangado, ainda mais estridente e afetado.

“Você está usando demais o som nasal! Respire pela boca!”, Agatha estava rindo com tanta força que mal conseguia falar.

“O quê? Agora *você é* a especialista em ser menina?”, Tedros jogou os cabelos pra trás.

Agatha parou de rir. Ela se levantou imponente acima de Tedros, com seu corpo de menino.

“O que você quer dizer com isso?”

“Quero dizer que você tem um trabalho fácil, já que, de qualquer jeito,

tem a aparência e as atitudes de um menino na maior parte dos dias!", Tedros berrou.

"Ah, é?", Agatha o empurrou com uma força surpreendente. "Você acha que isso é *fácil?* Meus quadris estão tão duros que eu quase nem consigo andar, meu gorgomilo tem o tamanho de um pequeno animal, meu queixo parece costurado, e agora eu tenho que falar por nós dois, já que você claramente não consegue dar conta disso."

"Dar conta disso? Eu que vou salvar a Sophie, não você!"

"Você não consegue nem dizer seu próprio *nome!"*

"Eu sou o príncipe e você é a princesa, e salvar nossa amiga é trabalho meu. Basta perguntar ao Merlin!", Tedros berrou, dando praticamente um grasnido.

"Sim, agora você conseguiu, menino", disse Merlin, sem olhar, enquanto aparava a barba com um espinho. "Agora soou perfeitamente feminino."

Tedros olhou-o, boquiaberto. Agatha começou a uivar de tanto gargalhar.

"Hahahahahahahahaha..."

Tedros deu-lhe um safanão.

"Meninos não podem bater em meninas!", Agatha berrou, dando um pescoção em Tedros.

"Sorte sua que eu não sou um menino!", Tedros gritou, jogando terra no rosto de Agatha...

Um feitiço atingiu ambos, lançando-os contra árvores opostas.

"Esses são os futuros reis de Camelot? A quem nós confiamos nosso futuro?", Merlin ralhou, já sem o tom amistoso do velho guia. "Meus espiões e eu arriscamos tudo para que vocês possam salvar sua melhor amiga e encontrar um final feliz que salve o Bem, o velho e o novo. Vidas incontáveis estão em suas mãos infantis e destreinadas, e vocês só se ocupam em brigar como dois macacos por um lugar para fazer cocô. Portanto, de agora até a hora de entrar por aqueles portões, eu não quero ouvir mais nenhuma *palavra*." Agatha e Tedros olharam para baixo, emburrados, antes que Tedros olhasse para cima.

"Posso voltar a ser menino?"

Merlin lançou-lhe um olhar sombrio e Tedros olhou novamente para baixo.

"Ouçam, vocês dois. Meus espiões chegarão em menos de cinco minutos para colocá-los para dentro da escola", o mago prosseguiu. "Com guardas nos

telhados, fadas nas colinas e sabe-se lá o que mais à espreita, vocês só terão alguns segundos para atravessar os portões sem serem flagrados."

"Mas nós ainda precisamos de um professor para destrancá-los, Merlin", disse Agatha.

"A Agatha está certa", Tedros concordou. "Os portões só se abriram para nós no primeiro ano porque Dovey me deu permissão para estar na Floresta."

"Confiem em mim, meus queridos, eu sou mais esperto do que vocês dois", Merlin os tranquilizou. "Agora, assim que chegarem em segurança na Escola do Mal, vocês dois irão se separar em duas missões: um de vocês irá até a Escola do Velho para encontrar a Excalibur; o outro vai continuar na Escola do Novo e resgatar a Sophie. Quanto a quem irá resgatar Sophie...

"Eu!", gritaram os dois.

"Uma me alertou de que isso iria acontecer", Merlin suspirou. "Apesar disso, quem for resgatar Sophie deve ser aquele que a conhece melhor", o mago limpou a garganta e tirou de dentro de seu chapéu coberto de estrelas o que parecia ser um maço de cartas de baralho roxas. Primeiro, o mago olhou para baixo, através de seus óculos, e em seguida disparou:

"Qual é a comida predileta de Sophie?"

"Pepinos!", Agatha e Tedros gritaram. Merlin ficou calado e prosseguiu à carta seguinte.

"O que a Sophie usa para lavar o rosto?"

"Raiz de beterraba!", gritaram os dois Sempre.

"De que cor é o brilho do dedo de Sophie?"

"Rosa-choque!"

"Em que posição a Sophie dorme?"

"De barriga pra cima!"

"Qual é o aroma do perfume de Sophie..."

"Lavanda, baunilha e patchouli!"

"Parece que trocar de sexo aumentou as suas capacidades mentais", Merlin enroscava o bigode. "Talvez vocês devam continuar assim permanentemente", então ele gritou para dentro do chapéu, como se fosse um berrante: "*MAIS DIFÍCIL*, POR FAVOR."

O chapéu expeliu uma única carta que Merlin pegou.

"Ah, minha nossa", ele exclamou, estreitando os olhos para a carta. "Isso parece um tanto injusto, já que Agatha praticamente cresceu com a menina, mas, tudo bem. Qual de vocês dois sabia o nome da mãe de Sophie, quando

estiveram no Cume Necro?”

As bochechas de Agatha, com barba por fazer, ficaram brancas. O rosto de menina de Tedros se abriu num sorriso.

“Uma virada na história, de fato! Então, parece que Essa irá resgatar Sophie da Escola do Novo”, disse o mago para Tedros, antes de se virar para Agatha. “O que significa que Edgar irá à Escola do Velho para encontrar a Excalibur. Agora, me ouçam atentamente. Nós só teremos uma chance para que vocês escapem da escola depois de completarem suas missões. Temos que nos encontrar aqui, à meia-noite, precisamente à meia-noite, exatamente nesse local. Tedros com Sophie; Agatha com Excalibur; e eu levarei vocês três em segurança. Entendido?”

“E quanto à Sophie destruir o anel?”, perguntou Tedros.

“Pela última vez, *por favor*, use sua voz de menina, Tedros...”

“E quanto à Sophie destruir a aliança?”, Tedros disse, com a voz esganiçada.

Merlin esfregou os ouvidos.

“Receio que destruir a aliança seja demais para pedir de vocês dois e de Sophie numa noite, minha criança. Seu dever é convencer Sophie a fugir do jovem Diretor da Escola e lhe seguir até um lugar onde ele não irá encontrá-la. Estou bem consciente de que ganhar a confiança de Sophie seria muito mais fácil em sua forma principesca, mas, lembre-se: enquanto vocês estiverem nos corpos trocados, o Storian não irá escrever sobre seu paradeiro. No entanto, uma vez que você regressar ao corpo de Tedros, o Storian irá contar ao Diretor da Escola exatamente onde você está e a escola inteira irá assassiná-lo na hora. Portanto, se você planeja permanecer vivo além dessa noite, não faça nada *imbecil*.”

Tedros ficou branco, enquanto Merlin virou-se para Agatha.

“Quanto a você, minha menina (ou meu menino, já que é melhor sermos precisos), você deve encontrar um meio de entrar na Escola do Velho sozinha, por mais difícil que isso possa ser. A espada de Tedros está escondida em algum lugar daquele castelo e é seu dever roubá-la de volta. Lembre-se, não podemos destruir a aliança de Sophie, nem matar o Diretor da Escola, sem aquela espada...” Merlin estreitou os olhos. “Agatha?”

Ela ainda olhava séria para o rosto de menina de seu príncipe.

“Agatha, meus espiões estarão aqui a qualquer segundo e nós não podemos ter você emburrada em sua tarefa, parecendo um gato mimado”,

disse Merlin.

Agatha notou o sorriso radiante de Tedros. Ela engoliu a decepção, determinada a não lhe dar essa satisfação.

“Olhe, vou encontrar a espada, mas você ainda não nos disse quem são esses espi...”

Mas agora ela e Tedros viram três corvos saírem voando da névoa verde acima da baía: um magro, um gordo e um branco albino. Os três voavam muito mal, com o albino fazendo ziguezague e saindo da rota, o gordo comendo minhocas de chocolate e o magrinho grasnando um sinal para que todos mergulhassem, antes que os três pássaros colidissem uns nos outros e caíssem como paraquedas defeituosos, dentro de um arbusto atrás dos portões.

“Não consigo achar os uniformes!”, ecoou a voz de Anadil, de dentro do arbusto. “Eu os deixei bem aqui...”

“A Dot está sentada em cima deles”, resmungou a voz de Hester.

“Bem que eu estava me perguntando por que o chão estava tão macio”, sussurrou a voz de Dot.

“Desmografícar na contagem de três”, disse Hester. “Um... dois...”

“Com você olhando?”, Dot resfolegou.

“Como se nós *quiséssemos* vê-la nua, sua idiota!”, Hester berrou. “Três!”

Uma explosão de vermelho, verde e azul irrompeu do arbusto, conforme ele sacudiu de um lado para o outro, com vislumbres de pele aparecendo por entre as folhas.

“Acho que isso nos torna oficialmente um coven”, resmungou a voz de Hester.

“Alguém está com a minha calcinha?”, Dot disse.

“Que ninguém questione a minha lealdade ao Mal, porque não há nada mais terrível do que isso que estou vendo nesse momento”, rosnou Anadil.

De uma só vez, as três bruxas se levantaram do arbusto, cobertas de agulhas dos pinheiros e inteiramente uniformizadas, com os uniformes do Mal. Através dos portões de lanças, elas viram Edgar e Essa olhando para elas.

“Eu retiro o que eu falei”, disse Anadil.

“*Vocês* são as espiãs?”, Tedros disparou com sua voz profunda (Merlin franziu o rosto). “Mas eu achei que vocês fossem do Mal!”

“E eu achei que você fosse um menino. As coisas não são tão preto no

branco, não é mesmo?", bufou Hester. "Merlin, a patrulha das fadas vai estar aqui em dois minutos. Temos que colocá-los pra dentro *agora*."

"Então, onde está a varinha?", perguntou o mago, fazendo uma careta para Hester, através do portão.

"A varinha ainda não está aqui?", Hester olhou para Anadil e os dois ratos, com as cabeças para fora de seus bolsos. Anadil ficou ainda mais branca (se é que isso era possível). Assim como os ratos.

"E-ele deveria ter chegado a-antes de nós..."

"Um minuto para a patrulha das fadas", alertou Dot, ouvindo o barulhinho, à distância.

"E agora nós temos um problema ainda pior", disse Agatha, com seus imensos olhos de menino fixados do outro lado da baía.

Todos giraram e viram a pequena sombra de Sophie, através da névoa, correndo pelo Grande Gramado, olhando para o chão, como se estivesse procurando alguma coisa na grama.

"Ela vai nos ver quando a névoa dissipar", disse Tedros, com a voz num meio termo, entre a sua e a de Essa.

"Trinta segundos para a patrulha das fadas", disse Dot, com o barulho horrendo ficando mais alto.

"Anadil, nós precisamos daquela varinha", Merlin pressionou.

Pela primeira vez, Agatha viu uma falha na pose de Merlin. Hester, normalmente inabalável, também estava vermelha como um pimentão, dando um sermão em Anadil.

"Você disse ao Merlin que ele poderia encontrar qualquer coisa... que ele encontraria a Dovey onde quer que ela estivesse aprisionada, e levaria minha mensagem até ela... você prometeu que ele a traria de volta a tempo!"

"É um talento, não uma garantia", Anadil disse em voz baixa, com seus dois ratos pretos parecendo um tanto ansiosos.

"Quinze segundos!", disse Dot.

Mas, agora, havia flashes verdes das fadas vindo do leste, revoando acima da margem... enquanto a névoa verde se dissipava, ao longo da costa, prestes a revelar as três bruxas do Mal e um famoso mago do Bem, colocando dois estranhos para dentro dos portões...

"Cinco segundos!", Dot gritou...

"*Ali!*", Anadil gritou, apontando atrás dela.

Todos se viraram e notaram um ratinho branco saindo da neblina, com a

varinha da Professora Dovey na boca. Só que conforme o ratinho vinha correndo na direção dela, chiando e suando, Agatha viu seu corpo engordando, seus pelos brancos enegrecendo, seus dentes da frente se afiando, seus olhos pretos se avermelhando, até que o rato branco não era mais um ratinho, e sim um ratão preto raivoso vindo correndo em direção à sua ama. Com o último esforço, ele pulou para Anadil, lançando a varinha pelo ar, no que pareceu uma cena de câmera lenta. A bruxa albina a pegou e se virou para os portões da escola, cravando a vareta nas pontas das lanças... Os portões se abriram magicamente, criando uma fresta fina.

"Obrigada, fada madrinha", Anadil respirou aliviada. "Seja você quem for."

Ela arremessou a varinha de Dovey para Merlin e o mago empurrou Agatha e Tedros, antes que os portões de ferro se fechassem atrás dos intrusos. Juntos, Agatha e Tedros se viraram para ver Merlin do outro lado dos portões mortais.

"*Meia-noite*", disse o mago. "Não falhem."

Então, ele tirou o chapéu e pulou para dentro, como um gênio pulando para dentro de uma lâmpada, antes que o chapéu também sumisse com um estalo.

Para Agatha e Tedros, ficar presos no quarto das bruxas, no dormitório, era muito parecido com estar preso numa casa em Graves Hill. Nas primeiras horas, eles simplesmente não se falaram. Cada um deitou numa cama — Agatha ficou na cama de Hester e Tedros ficou na de Dot com a cama de Anadil entre eles, como um fosso de um castelo. Nenhum dos dois sequer ligava para o outro. Em parte, porque estavam constrangidos com seus novos corpos, mas também porque ambos tinham muito a pensar. Abraçada a um travesseiro mofado, Agatha matutou sobre todas as possibilidades de caminhos rumo a Escola do Velho: a Ponte do Meio do Caminho, as galerias de esgoto entre os castelos, três túneis na Clareira, ou uma longa caminhada ao redor da baía; enquanto Tedros, com um travesseiro chamuscado no rosto, pensava em maneiras de abordar Sophie sozinha.

Não tardou para que Agatha ouvisse os vizinhos regressando das aulas, depois reclamando do jantar (sardinhas e repolho ensopado, o que a fez sentir-se ainda mais grata pelo chapéu mágico de Merlin), e, antes que ela percebesse, a luz invernosa que entrava pela janela foi enfraquecendo,

fundindo-se à noite. Agatha acendeu a vela em formato de garra de Hester, em cima da mesinha de cabeceira, e deu uma olhada em alguns livros das bruxas (*Feitiços avançados para sofrimentos, Por que os vilões fracassam?, Erros frequentes de bruxas*), torcendo para encontrar algo útil. Enquanto isso, Tedros estava rabiscando na escrivaninha de Dot, no escuro, amassando as páginas a cada dez segundos, quebrando as penas de frustração e xingando, ruidosamente, com sua voz de menino.

Agatha o ignorou e focou em sua tarefa. Sua melhor opção era a Ponte do Meio do Caminho, pensou. Foi assim que ela havia invadido tanto a Escola do Mal, quanto a Escola dos Meninos. Ela certamente encontraria um jeito de entrar na Escola do Velho, do mesmo jei... Tedros quebrou outra pena.

"Ah, pelo amor de Deus, o *que* você está escrevendo?"

"Pensei em escrever todas as coisas que eu quero dizer à Sophie, mas tem tanta coisa que eu não sei por onde começar", Tedros relaxou os ombros.

"Você vai pensar em alguma coisa", Agatha resmungou, ainda com o nariz no livro.

"Se você ainda não notou, eu sou uma porcaria quando estou sob pressão."

Agatha ergueu o rosto para ele, vendo os olhos de cachorrinho, sinceros, piscando em seu rosto de menina. Estranhamente, ele nunca pareceu tão adorável.

"O que aconteceu com 'Eu saberei o que fazer quando chegar a hora?'", ela perguntou.

"Eu sei o que fazer quando estou com *você*. Eu realmente nunca pensei que fosse resgatá-la sozinho. Por mais que eu tenha agido como se fosse."

Agatha corou e voltou ao seu livro.

"Você nunca ficou sem palavras quando se trata de Sophie. Você flertou com ela, quando ela era uma menina... e quando ela era um menino... tenho certeza de que você vai encantá-la, sem demora."

"Naquelas duas vezes, era eu. Isso é diferente", Tedros estendeu os braços e subiu na cama do meio, de Anadil. "Além disso, já tenho uma princesa. Embora ela arranje brigas comigo sem motivo."

"E eu tenho um príncipe que nunca me ouve e sempre acha que está certo", Agatha estrilou.

"Porque metade do tempo você age como se não precisasse de mim."

"Porque você age como se eu devesse fazer o que você diz!"

“Porque você está sempre tentando ser o *príncipe*!”

“Bem, não tenho a menor ideia de como ser uma princesa!”, Agatha rugiu.

“OBVIAMENTE!”, Tedros gritou. “POR QUE VOCÊ ACHA QUE EU GOSTO TANTO DE VOCÊ?”, ele se virou de lado e Agatha ficou olhando, em silêncio, e todo estresse que ela vinha cultivando foi passando, devagarzinho.

Tedros nem piscou quando ela subiu na cama ao seu lado, mantendo um espaço entre os dois corpos. Juntos, eles ficaram deitados, no escuro, lado a lado, olhando o teto queimado.

Menina e menino.

Menino e menina.

“A Hester está certa. Tudo que eu sempre tive a meu favor é uma coroa, uma fortuna e um rosto”, Tedros disse, baixinho. “Dovey costumava dizer que nós precisaríamos de mais que aparência e charme para encontrarmos nosso final feliz. Chaddick e os meninos debochavam da morcega velha, e eu me juntava a eles. Mas quando eu vi a Sophie lá na margem e já não era mais um príncipe, eu soube que ela estava certa. Me senti nu, impotente... Como se eu fosse oco por dentro. Vocês todos acham que eu sinto medo por ser uma garota? Não é de ser uma garota que eu tenho medo. É que eu só serei amado pelo que está do lado de fora, não pelo meu verdadeiro eu. Esse tem sido meu maior medo, por toda minha vida. Que todos só vejam um príncipe alto, louro, saído de um livro de histórias, e preencham o restante sem realmente ver o que está ali. Mas, agora, pela primeira vez, esse lado exterior se foi, e eu estou num corpo esquisito, que não é o meu... e tudo que eu tenho é o Tedros dentro de mim. O Tedros que eu não sei se é bom o bastante para ser amado por alguém”, Ele começou a piscar mais depressa.

“Foi isso que aconteceu com meu pai, não é? Ele fez com que minha mãe visse apenas o rei enquanto pôde, até que ela viu por baixo do poder e da beleza, viu o que realmente havia dentro dele... Arthur... apenas Arthur, que não era digno nem de um adeus para ela. E se eu for o mesmo que meu pai, Agatha? E se você vir o que eu sou, quando tirar o príncipe, e isso não for bom o suficiente? Talvez por isso que você venha brigando tanto comigo quanto mais perto estamos de Camelot. Porque por baixo do príncipe, você vê que eu... eu... não sou nada”, ele esfregou os olhos. “Eu sempre fui o príncipe. Sem esse príncipe, eu não sei como fazer isso. Não sei como pegar a

Sophie sozinho. Não sei o que dizer a ela, não sei como convencê-la a confiar em mim, não sei como tirá-la desse castelo sem que o Diretor da Escola nos mate.”

Agatha olhou o rosto de seu príncipe molhado de lágrimas.

“E eu não sei como pegar a sua espada.”

Tedros não pôde evitar cair na gargalhada, em meio às fungadas. Agatha aninhou a cabeça embaixo do braço macio dele e, com a mão grandona de menino, ela pegou a dele, delicada.

“Quando olho para você, não vejo um príncipe”, disse Agatha. “Mesmo quando você está em sua forma mais bonita de macho encantador, eu não consigo ver um príncipe. Porque se eu vir um príncipe, então eu terei que ver a mim mesma como uma rainha... uma rainha do reino mais famoso já conhecido...”, ela sentiu o pânico chegando e o conteve. “Por isso que reluto tanto. Por isso que eu disse o que disse à Princesa Uma. Porque para ficar com você, tenho que fingir que você não é um príncipe. Tenho que fingir que sempre seremos você e eu, como éramos naqueles primeiros dias, em Gavaldon, pessoas comuns, e nenhum reino esperando por você. E eu só posso fazer isso olhando bem de perto, além do que está na minha frente, olhando para o coração e para a alma que fizeram com que eu me apaixonasse por você. Uma alma sensível, honesta e de sentimentos profundos. Um coração cujo amor é tão grande quanto um sol dourado que faz com que você se sinta tão aquecida quando você o tem, e tão fria quando não tem, e tudo que se quer é achar o caminho de volta até ele”, uma lágrima escorreu pelo rosto de Agatha. “Não importa se você é um menino ou uma menina. Não importa quem é seu pai, ou de onde você vem, ou qual é a sua aparência. E você aí, preocupado, achando que vou embora quando enxergar seu verdadeiro eu... sendo que essa é a parte em você que me faz ficar.”

Tedros se ergueu, apoiando nos cotovelos, e olhou para Agatha, com seus olhos arregalados e molhados. Embora seus corpos não tivessem mudado, Agatha não se sentia mais como um menino, e Tedros já não se sentia mais como uma menina. Quando ele lentamente se inclinou na direção dela, ela sentiu seu hálito de menta e fechou os olhos...

“Essa é a hora de você me dizer como pegar sua espada”, Agatha sussurrou.

“Não faço ideia”, Tedros sussurrou de volta.

Ela sentiu o gosto dos lábios dele junto aos dela...

“Ora, ora”, disse uma voz grossa.

Agatha virou nos braços de Tedros e viu três sombras na porta, os olhos de Hester brilhando na escuridão.

“Usar seu tempo com sabedoria já era.”

18
Tedros no Céu de Chocolate

Só depois que se separaram, foi que Agatha se perguntou se algum dia veria Tedros novamente.

“Hora do show, meninos”, disse Hester, irrompendo no quarto e arrancando Agatha da cama. “Ani, Dot, vocês levam Essa. Edgar vem comigo. Nós temos duas horas até meia-noite.”

“Por que ficamos com o pateta?”, Anadil gemeu.

“Porque vocês são os capangas!”, Hester estrilou, levando Agatha do quarto. Ela olhou pra trás, frenética, bem a tempo de ver seu príncipe transformado em princesa pular da cama e agarrá-la, junto à porta.

“Eu te vejo em breve”, disse ele, ofegante.

“Te vejo em breve”, disse Agatha.

A porta se fechou entre eles e Tedros sumiu.

Hester puxou o braço de menino de Agatha pelo corredor pouco iluminado.

“Anadil e eu passamos semanas tentando encontrar um caminho até a Escola do Velho, sem sorte, portanto é bom que você tenha um plano muito bom.”

“Eu mal pude dizer adeus”, Agatha lamentou, olhando para trás, para a porta que se fechava.

“Não parecia que você estava *dizendo* muita coisa”, Hester zombou, puxando-a ao passar por alguns Sempre e Nunca que entraram em seus quartos, como se suas vidas dependessem disso. Kiko parou subitamente, olhando as duas, boquiaberta.

“O que você está olhando?”, Hester rugiu.

“Mona, a Hester tem um *namorado*!”, a voz de Kiko ecoou de dentro do quarto quando ela fechou a porta.

“A Ponte do Meio do Caminho é suicídio, obviamente”, Hester seguiu em frente arrastando Agatha. “Nós seremos patos de tiro ao alvo, e sem chance de você conseguir pela barreira invisível pela terceira vez. As galerias de esgoto ainda estão bloqueadas desde o ano passado, portanto estão fora. A melhor pedida é arriscar a patrulha das fadas, ao redor da baía...”



“Espere aí. *Nós?*”, perguntou Agatha. “Merlin disse que eu iria sozinha...”

“Porque o Merlin acha que você é a única que consegue entrar na Escola do Velho viva”, disse Hester. “O que ele não entende é que um coven é um coven, e nós protegemos umas às outras até a morte. Além disso, sem chance que eu vou deixá-la ver o que tem dentro daquela escola sem mim”, Hester viu a expressão de Agatha, grata e comovida, e encarou-a, impaciente. “Então? Para que lado? Qualquer coisa, exceto...”

“Ponte”, Agatha sorriu.

“Eu sabia que você diria isso”, Hester suspirou, arrastando-a pelo corredor aberto. “E não conte à Dot que eu disse que você é parte do coven. Ela vai transformar nós duas em pudim de café.”

Agatha seguiu a bruxa e saiu pela passagem de vidro, até um dormitório sombrio na Honra, notando mais alunos se escondendo nos quartos, como se estivessem correndo de um monstro.

“Como é que vocês acabaram se tornando espiões de Merlin, afinal?”

“Nós usamos o rato da Anadil para enviar uma mensagem até a Floresta, em busca de ajuda para lutar contra o Diretor da Escola. No fim das contas, o seu gato Reaper também estava na Floresta, entregando a mensagem da sua mãe. Bem, o gato achou o rato e correu atrás dele, até a metade do caminho

de Maidenvale, ávido para comê-lo, antes que Yuba descobrisse os dois. Desde então, o Reaper — tão bonitinho, aliás — traz as mensagens de Merlin para nós, enquanto o rato de Ani leva nossas mensagens de volta até o Merlin."

Agatha desacelerou. *Negócios da Liga*, ela pensou, lembrando-se do motivo de Merlin para que ela não pudesse rever Reaper. Enquanto isso, seu gato careca e amarrotado, que ela julgava não possuir outra utilidade além de afugentar estranhos e decapitar passarinhos, vinha se comunicando com suas três amigas durante todo esse tempo. Ela sentiu uma saudade súbita daquele gato velho e vil, e ficou imaginando se Reaper sabia que sua mãe estava morta. Agatha sentiu um aperto no coração. Ela não tinha forças para lhe contar.

Hester agora estava bem adiante, no corredor, e Agatha quase não conseguia vê-la com o céu negro do lado de fora dos janelões, e o vento frio que entrava. Conforme seus olhos se ajustavam à escuridão, ela teve que estender as mãos para encontrar a parede de reboco e se segurou para não chamar o nome de Hester... Somente então, ela notou o mural sob seus dedos...

Sete anões com roupas berrantes, de bruços, no sangue.

Agatha recuou devagar, olhando mais cenas: o Pequeno Polegar devorado por um gigante... Rapunzel e seu príncipe jogados de uma ponte por uma bruxa... Os finais felizes que ela vira pregados a uma parede, na caverna de Yuba. Finais do Bem que já haviam sido reescritos para o Mal.

Agatha lembrou-se do que Merlin alertara, na Floresta. O Diretor da Escola estava por trás disso tudo. Cada conto de fadas revisava um pedaço de um plano maior.

Mas que plano? Por que ele estava matando velhos heróis? Por que ele precisava de velhas histórias?

A menos que o Antigo lhe dê poderes sobre o Novo, ecoou a voz de Merlin.

Com um aperto na barriga, Agatha seguiu adiante, junto às paredes dos murais: o Capitão Gancho cravando seu gancho no coração de Peter Pan... um lobo mordendo o pescoço da Chapeuzinho Vermelho, João e Maria dentro de um forno...

"Ande logo!", Hester chiou, mais à frente.

Agatha saiu correndo para alcançá-la, aterrorizada pelos membros da

antiga Liga que ela havia deixado para trás seguros na caverna, pelo menos por enquanto. Qualquer que fosse o plano do Diretor da Escola, eles tinham que destruir sua aliança antes que mais alguma dessas cenas se tornasse realidade. Quando o relógio da torre bateu dez horas, Agatha notou que os dormitórios ficaram em silêncio mortal.

"Para onde foi todo mundo?"

"Aric declarou hora de estudo obrigatória, já que a semana de pontuação é semana que vem", disse Hester, puxando-a escada acima. "Nada de reuniões de clubes, nem quartos em comum, todos os amigos em quartos designados. Qualquer um que nos viu, acha que estamos tentando chegar para o toque de recolher. Aliás, é bem esquisito ouvir a sua voz saindo desse corpo. Você parece um pajem assustador."

"E se os professores me virem? Ou as fadas?", Agatha disse.

"Fazendo checagem de quartos, começando no primeiro andar. Relaxe, ninguém vai te parar se você estiver comigo. Todos os professores me adoram, exceto..."

Hester gelou. Agatha estreitou os olhos no vão escuro da escada e viu uma sombra alta, de cabelos espetados, olhando para baixo, lá de cima, do quinto andar. Olhos roxos cintilantes piscaram como sinais de alerta.

"Hester, minha doçura. Você não deveria estar em seu quarto?", disse Aric, descendo a escada.

"Edgar esqueceu a mochila com os livros na biblioteca", disse Hester, empurrando Agatha, ao passar por Aric. "Você sabe como os meninos são desorganizados..."

Aric bloqueou a passagem das duas com o braço.

"Você pode ser o bicho de estimação da professora, mas isso não significa que você pode infringir as regras, Hester. Nem *eu* posso infringir as regras, ou, à essa altura, já teria picado minha mãe em pedacinhos e servido como um lanche da meia-noite", ele passou a língua pelos dentes, com os olhos fixos em Hester. "Mas é estranho. Minha mãe insiste que você é uma das Grandes Esperanças do Mal, que certamente irá se tornar uma bruxa ilustre. E, no entanto, não consigo imaginar a Grande Esperança do Mal perambulando com um menino manhoso depois do toque de recolher...", os olhos dele desviaram para Agatha. "Mais estranho ainda é que, pessoalmente, já puni quase todos os meninos dessa escola, mas não tenho a menor lembrança desse aí", ele passou a mão no chicote preso no gancho em seu

cinto, virando-se para o estranho magricela. “Pernas sem músculos... punhos flácidos... maxilar fraco... quase feminino, não acha?”

“O Edgar é na dele”, Hester respondeu, calmamente. “Com todos os Sempre e Nunca misturados, e você sendo novo aqui, não me admira que não o reconheça...”

“Ah, eu me lembraria de um menino assim, tão... *macio*”, Aric disse com a voz arrastada, fazendo Agatha recuar contra o corrimão. “Sabe, Edgar, eu não gosto de meninos que não agem como meninos. Passei anos preso numa caverna, abandonado por minha mãe, e, no entanto, ensinei a mim mesmo a não derramar uma lágrima. Meninos não choram, nem choramingam, nem se curvam como princesinhas passivas. Meninos lutam. Meninos dominam. Foi isso que eu disse ao Tristan, na Prova, quando ele implorou pela sua vida como um cachorro. Não importava quantas vezes eu levasse aquele tolo para o calabouço, ensinando-lhe o que significava ser um menino... ele não aprendia a lição. E depois, encontrá-lo no alto de uma árvore, desavergonhadamente como uma *menina!*”, as bochechas de Aric ficaram vermelhas como fogo. “Nunca mais. Cada menino nessa escola agora pertence a mim. Principalmente esses, como meu novo amigo Edgar, que não me parece nada com um menino”, ele se aproximou, quase encostando os lábios nos de Agatha enquanto sorria, olhando em seus olhos. “É melhor você ir andando, Hester, querida. Eu preciso passar um tempo sozinho com nosso jovem Edgar essa noite. E quando eu o mandar de volta, pela manhã, ele será um menino de *verdade*.”

Agatha não conseguia respirar. Hester não se mexeu.

“Vá”, Aric chiou para Hester, falando rapidamente. “Porque, dessa vez, quando eu lhe der um talho, você não terá a bandeira da Prova para salvá-la.”

Hester engoliu em seco e lançou um olhar impotente a Edgar. Com as pernas trêmulas, Agatha viu sua amiga ceder e sumir escada acima. Agatha rapidamente focou em seu próprio medo, sentindo seu dedo queimar aceso em dourado. Ela só tinha uma esperança para fugir... O chicote de Aric estalou enroscando-se em volta de sua cintura. O brilho do dedo de Agatha apagou com a surpresa.

“Mágica? Que fraco”, ele a puxou escada abaixo pelo chicote, como se fosse uma coleira. “Nem consegue brigar como um menino.”

O medo de Agatha se transformou em adrenalina.

“Então, que tal isso?”

Aric se virou... Agatha lhe deu um soco no rosto. Aric cambaleou para trás, colidindo contra a parede, com sangue escorrendo do nariz, antes de se recuperar e atacá-la como um urso. Agatha mergulhou por baixo dele, mas ele a agarrou pela barriga e a jogou contra o corrimão, de cabeça. Tonta de dor, Agatha viu o chão de pedra, quatro andares abaixo... Aric a debruçou sobre o vão mortal e sorriu brutalmente, com os dentes manchados de sangue.

"Dê um alô para o Tristan, por mim", ele a soltou... Mas então um demônio vermelho de chifres trombou em sua virilha e Aric gritou, puxando o corpo de Agatha de volta para a escada. Dando gritos agudos, o demônio de um palmo de altura grudou no rosto de Aric, como se fosse uma máscara, cegando-o, enquanto ele se retorcia, junto à parede. Agatha ficou boquiaberta olhando Hester, que descia a escada.

"Melhor ir andando, Edgar, querido", disse Hester, seguindo em direção a Aric. "O Reitor e eu temos uns negócios antigos para acertar."

"Não! Eu não posso te deixar sozinha!", Agatha disse em seu ouvido. "Não como da última vez."

"Isso não tem nada a ver com a última vez", Hester girou o dedo aceso em vermelho e seu demônio apertou o pescoço de Aric, sufocando-o até que ele gorgolejou.

"Mas ele é perigoso! E se..."

"Você está se esquecendo de algo muito importante sobre mim, minha querida", Hester a interrompeu e se virou para Agatha, com os olhos injetados de sangue. "Eu sou uma *vilã*."

Agatha não perguntou mais nada. Ela disparou escada acima, por mais dois andares, ouvindo os gemidos abafados de Aric ao passar pelas portas foscas e fechá-las atrás de si.

Iluminando o caminho com a luz do dedo, Agatha corria pelo escuro, no telhado frio, por entre as cenas dos Empalhados de Merlin, tragando o ar e dizendo para si mesma: "*a Hester está bem, a Hester está bem, a Hester está bem...*".

O que não estava bem era o fato de que agora ela estava totalmente sozinha em sua missão, exatamente como Merlin previu, e o fato de que os professores certamente estavam a caminho, devido ao barulho que eles fizeram na escada. Ela não arriscou perder tempo para estudar as cercas-vivas ou ver como elas haviam mudado. Ela precisava encontrar a cena com água... esse era o portal secreto do telhado para a Ponte...

Apenas encontre água...

Três minutos depois, Agatha ainda estava correndo em círculos, respirando ofegante, vendo apenas cercas-vivas sem qualquer acesso à água enquanto entrava cada vez mais fundo no labirinto... De repente, Agatha parou, com o dedo iluminado apontado para a frente.

Bem no meio do jardim havia uma escultura em folhas dela, como menina, magicamente flutuando acima de um lago nos braços de Tedros. Abaixo deles, Sophie enfurecida, à beira do lago, com os punhos fechados e a boca aberta, dando um grito.

Agatha estremeceu, revivendo o momento do lago na noite do Baile da Neve dos Sempre. Aquele momento ímpar, quando os três amigos tinham sido separados.

Agora, cabia a ela e a seu príncipe reuni-los novamente. Da margem, Agatha ergueu o olhar para as torres negras da Escola do Novo, com seus contornos ameaçadores na noite. *O que aconteceu com Tedros?* pensou ela. *E se ele nunca conseguir chegar até Sophie? E se eu nunca mais o vir?* Gritos irromperam lá dentro, da escada.

"Verifique, o telhado!", gritou Lady Lesso. "Encontrem quem fez isso com meu filho!"

Agatha resfolegou. Não havia tempo para se preocupar, só para agir. Ela respirou fundo, fechou os olhos e pulou na água.

Enquanto isso, na Torre do Diretor da Escola, Sophie ainda estava pensando em Edgar e Essa. Depois da manhã desanimada — quase não conseguindo esconder o nome de Tedros de Rafal, estragando a sua chance de encontrar o espião e conhecendo aqueles dois fãs estranhos — o restante do dia decididamente havia sofrido uma reviravolta. Quando ela chegou à sua turma, Pólux já havia começado um desafio, uma repetição do teste para entrar na cabeça do inimigo, só que com os alunos usando máscaras com o rosto de Agatha. (Dessa vez, Hester ganhou facilmente, apesar de ter chegado atrasada.) Depois da aula, Sophie conseguiu encontrar as três bruxas no corredor, que pareciam indiferentes quanto ao paradeiro de Edgar e Essa. ("Eles têm uma grade de aulas diferente da nossa", disse Hester.) Com as amigas saindo apressadas para a aula de História, Sophie mal teve tempo de pedir-lhes um feitiço que pudesse cobrir uma "imperfeição" na pele. "Você não está ficando verruguenta e psicótica outra vez, está?", Dot segurou-a

pelas bochechas.

“Não, não, é só uma espinha num lugar esquisito... sabe... imprópria para uma rainha...”, Sophie disse.

“Bem, se você é ‘rainha’ de alguma coisa, é rainha em curar espinhas”, respondeu Hester. “Venham, garotas. Não podemos chegar atrasadas para a aula do Diretor da Escola.”

Anadil foi atrás, mas Sophie entreouviu quando ela sussurrou:

“Não sei por que nos damos ao trabalho de ir. Ele só fica falando que a Sophie isso, Sophie aquilo, e como ela inspira o futuro do Mal. Seja lá o que isso significa.”

“Significa que temos um adolescente apaixonado como Diretor da Escola”, disse Dot, seguindo atrás delas.

Sophie ficou parada, mais atrás, perplexa. Rafal estava falando sobre ela de um jeito apaixonado para a escola inteira, e ali estava ela, ainda morrendo de medo dele? Ele só tinha pedido lealdade e amor — as mesmas coisas que dera a ela. E, até agora, ela tinha fracassado nas duas coisas. Sophie mordeu o lábio, sentindo-se culpada, remexendo dentro do bolso.

Ela precisava lidar com TEDROS agora.

A antiga Biblioteca da Virtude, antes um coliseu dourado impecável, estava mofada, uma bagunça cheia de capim por todo lado, com livros espalhados e fora de ordem (o que não surpreendia, já que Evelyn Sader havia matado a antiga tartaruga bibliotecária, que ainda tinha de ser substituída). Mesmo assim, Sophie conseguiu achar uma edição de *O Livro de Receita da Boa Aparência*, e passou o restante da manhã cozinhando uma poção “Transformadora”, com beterrabas, flor do campo e suor de anão (esse último ingrediente foi roubado de Beezle, antes de gritar “Grande Bruxa Máxima!” e sair em disparada). Segundo o livro, o feitiço só duraria enquanto a área coberta ficasse molhada — e, no entanto, no momento em que Sophie passou a poção em seu dedo e viu o nome de Tedros ser coberto por uma nova camada de pele, ela se sentiu nova em folha, como se também tivesse ganhado um novo começo com Rafal.

O jovem Diretor da Escola também pareceu ter virado a página, pois já não estava mais agindo como se estivesse zangado quando eles se encontraram para o almoço, na varanda reservada ao professores. Em vez disso, enquanto Sophie beliscava uma salada de salmão fresco que Rafal

trouxera num cesto, ele remexia, nervosamente, nos cordões da camisa.

“Sophie, eu estava pensando... tenho pedido sua lealdade sem realmente merecê-la, primeiro. Talvez nós não tenhamos passado tempo suficiente juntos para nos conhecermos, como... bem, um casal normal...”, ele deu uma olhada para os outros professores na varanda, e os outros alunos lá embaixo no pátio, todos olhando sorrateiramente para ele e Sophie, juntos. “Então... é... talvez você e eu possamos fazer isso... quer dizer, passar um tempo juntos, sem outras pessoas em volta... tipo, longe da escola, sabe, como um... um...”

“Encontro romântico?”, Sophie ergueu as sobrancelhas.

“Certo. Sim. Exatamente”, Rafal puxava a camisa justa. “Eu poderia levá-la para um passeio na Floresta, talvez? Sabe, depois que todos forem dormir? Lady Lesso não vai pegar no nosso pé quanto a irmos depressa demais, e nós podemos ficar fora até a hora que quisermos, porque... bem, *obviamente*. Espere até que você veja a Floresta de Baixo, mas lá do alto. Tem um visual brilhante, com todas as árvores mortas, como um espantalho feito pelo diabo; e as estrelas acima das Montanhas Murmurantes formam um elo que se conecta a uma caveira gigante”, ele disse, falando meio aéreo, como um menino Nunca nerd. “Poderíamos até fazer isso essa noite, depois do jantar... sabe, passar um tempo juntos, sem todo mundo nos observando...”

Sophie olhou em seu rosto claro, que parecia ficar cada vez mais jovem. Por um instante, ele pareceu tão aberto ao amor.

“Eu gostaria muito disso”, ela respondeu, num suspiro.

Rafal sorriu, aliviado. O jovem Diretor e sua Rainha passaram o restante do almoço em silêncio, acanhados como dois adolescentes normais que tinham acabado de combinar o primeiro encontro amoroso.

Naquela noite, após o jantar, enquanto Rafal voava de volta até sua torre, Sophie aninhou-se em seus braços, já sem duvidar de quem era seu verdadeiro amor. O nome de Tedros tinha sido coberto e esquecido, o Storian não havia escrito mais nada sobre ele ou Agatha e, pela primeira vez, até Rafal ficou imaginando se os dois Sempre haviam realmente deixado a Floresta.

“Talvez eles tenham caído em si”, ele comentou, enquanto aterrissavam em seus aposentos. Rafal lançou um rápido olhar ao Storian ainda parado acima de uma página em branco. “Deixe-me trocar de roupa e depois nós podemos sair para nosso... nosso, você sabe...”, o pomo de adão dele se

mexeu. “Vou me trocar.”

Sophie olhou pela janela. Depois de tudo isso, ela nunca mais voltaria a ver seus amigos, pensou, relutando com uma onda de tristeza. Ela afastou a sensação, lembrando-se de que esse era seu desejo: Agatha segura, com seu verdadeiro amor, e ela segura, com o amor dela. Sophie olhou o belo e carinhoso menino, no canto, trocando a camisa suada. O menino que estava prestes a levá-la para o seu primeiro encontro de verdade.

“Bem, sem Agatha nem Tedros, finalmente teremos tempo para focarmos em *nós* mesmos, não é?”, ela disse. “Quer jeito melhor de começar a noite, do que num encontro?”. Ela arrumou o cabelo, preparando-se para a noite. “Adeus, problemas! Adeus, vida comum! Agora posso até imaginar: irmos juntos para a escola todas as manhãs, fofocar sobre nossos alunos, jantares tranquilos na torre, planejar os lugares aonde queremos ir e as coisas que queremos ver, como um príncipe e uma princesa, vivendo nosso felizes para sempre...”

“Eu não sou seu príncipe. Isso não é o Felizes Para Sempre, e tudo que você descreveu me parece uma vida comum”, Rafal respondeu, de costas para ela.

“Bem, tenho certeza de que um pouco de rotina será bom para nós, depois de tudo que aconteceu”, Sophie disse brava, arrumando livros numa prateleira para preencher o silêncio. “No mínimo, nós podemos mandar aqueles dois Assassinos de Sempre de volta para Bloodbrook.”

“Assassinos de Sempre?”, perguntou Rafal, cheirando uma pilha de camisas, à procura de uma que estivesse limpa o suficiente para vestir.

Sophie fez uma anotação mental de lavar a roupa dele de manhã. A cada minuto, ele estava se tornando mais parecido com um menino adolescente.

“Sabe, os novos alunos que você trouxe”, ela bocejou, notando que a nova pele no dedo em que usava a aliança começava a ficar fina. Amanhã, ela teria que aplicar mais poção. “Edgar e Essa, eu acho. Você achou que eu não descobria?”

“Desculpe, quem?”

“Aqueles *primos*, Rafal”, Sophie se deitou de bruços na cama. “Da família do Capitão Gancho... um par bem estranho. Claramente, eles são fãs obcecados por mim, mas não conseguiram arranjar coragem para pedir um autógrafo. Passaram o tempo todo olhando minha aliança. Não posso culpá-los, claro. É bem bonita. Eles disseram que você os havia trazido aqui para

matarem Agatha e...”

Mas agora, Rafal estava olhando fixamente para ela.

“O Capitão Gancho assassinou toda sua família”, ele disse. “Aos 10 anos de idade.”

Sophie deu um salto, confusa.

“O quê? Mas, então... quem...”

Os olhos de Rafal lentamente se desviaram para o Storian, ainda inexplicavelmente imóvel sobre o livro de história. Uma luz recaiu sobre suas pupilas, manchas vermelhas recobriram seu rosto e o peito nu.

“Você não trouxe nenhum novo aluno, não é?”, Sophie disse, baixinho.

O Diretor da Escola fixou os olhos nela, e Sophie entendeu que não haveria mais encontro essa noite.

“Se alguém... qualquer um... se atrever a entrar nessa torre, *mate-o.”*

Então, ele saltou para fora da janela e partiu.

“Você quer que a gente *invada* a Torre do Diretor da Escola?”, Tedros gritou, em meio à névoa verde, enquanto se mantinha de pé no beiral de uma janela, acima da baía.

“Nós, não, *você*”, disse Anadil, encostando ao lado de seu corpo de menina, junto à parede negra de pedras. “E pare de usar sua voz de menino. Você estará sozinho com a Sophie em questão de segundos!”

“Segundos?! A torre está a meia milha de distância!”, Tedros rugiu, novamente com sua voz de menino, apontando a Torre do Diretor da Escola, à distância, dentro da Floresta Azul. “Como é que eu vou daqui para lá...”

“Pare de abanar as mãos, seu pateta! Alguém pode te ver”, repreendeu Dot, olhando através dos binóculos do lado de dentro da janela. “Ani, o Diretor da Escola acabou de sair, portanto essa é a nossa chance. A Sophie está lá dentro, sozinha, até que ele volte. Além disso, a neblina está em seu horário de pico.”

Realmente, Tedros mal conseguia enxergar a Torre do Diretor da Escola, encoberta pela névoa esverdeada que soprava vindo da baía.

“Primeiro, o que tem a ver a neblina com o fato de eu chegar àquela torre? Segundo, não existe tal coisa como ‘feitiço para voar’. Terceiro, não posso me mogrificar em pássaro sem depois me reverter a um menino quando aterrissar. E, quarto, não estou vendo nenhuma de vocês duas carregando poeira de fada, portanto, por favor, me digam o que eu estou fazendo num

corpo de menina, a dez milhas acima do solo, no meio da noite?!”

Anadil e Dot pareciam entretidas.

“Você não achou que o Merlin iria deixar os detalhes por sua conta, achou?”, disse Anadil.

“Padrões da neblina e o mapeamento dos movimentos de Sophie eram a minha função”, disse Dot. “E o trabalho de Ani era... bem... mostre a ele, Ani.”

Ani tirou um rato preto do bolso, com as patinhas erguidas e um pequeno capacete preto na cabeça. “É assim que você chegar até Sophie”, disse ela, colocando rato na palma da mão de Tedros.

“*Assim*?”, Tedros olhou o roedor de olhos arregalados. “É assim que devo atravessar metade da escola voando?”

“O Rato n°1 o colocou para dentro dos portões, não foi?”, disse Anadil, afagando o bicho de estimação ainda esgotado, dentro de seu bolso. “O Rato n°2 irá levá-lo até a torre.”

“E o Rato n°3 negocia a paz mundial?”, Tedros falou alto, olhando o rato trêmulo na palma de sua mão. “Da última vez que eu chequei, os talentos dos vilões tinham limites, Anadil. Talvez você tenha o talento de tornar um ratinho pequeno, ou branco, ou fazê-lo dançar rumba, mas ratos não voam, isso é certo, principalmente o Rato n°2, que está agindo como se eu estivesse prestes a jogá-lo dessa torre!”

“Rato esperto!”, Anadil sorriu.

“Hã?”, disse Tedros.

Dot apontou o dedo aceso e um tufo de névoa verde flutuou acima da cabeça de Tedros, ficando branca como gelo, antes de se transformar num tom marrom escuro. Tedros olhou pra cima e uma única gota de condensação pingou em seus lábios.

Chocolate.

Como chamas envolvendo dinamite, a névoa verde à sua volta começou a se congelar e ficar marrom escura, transformando-se em fractais e volutas de gelo — algumas chatas, algumas giratórias, algumas com pontas afiadas, algumas bem fininhas como espaguete — até que o céu inteiro acima da baía parecia uma montanha russa de chocolate camuflada pela noite.

Já perdendo o fôlego, Dot se concentrou com mais afinco, perseguindo o último rastro de neblina verde com seu dedo aceso, enquanto ele vinha em direção ao corpo de menina de Tedros, que estava grudado junto à parede do

castelo.

“Dot, esse que é mais o importante...”, alertou Anadil.

Dot cerrou os dentes, tentando manter contínua a luminosidade de seu dedo, mirando o último facho de neblina para o rosto de Tedros...

“Agora, Dot!”, gritou Anadil.

Dot berrou de tanto esforço, e lançou um raio de luz. A neblina se congelou como um picolé afiado a um centímetro do rosto de Tedros, que piscou chocado, com os cílios roçando na lança de chocolate... então, ele lentamente olhou para o ratinho trêmulo, de capacete, em sua mão. O rato prendeu as patinhas no picolé, com Tedros ainda segurando seu corpinho.

“Ah, não”, disse Tedros.

Anadil o chutou pra fora do beirão, e Tedros deu um berro uivante, atracando-se ao rato como se ele fosse um corrimão. Enquanto os dois deslizavam pela estalactite de chocolate congelado. Ao chegar no final, o rato disparou tal qual um esquiador que pula de uma rampa, antes de engatar em outro pedaço de neblina transformado em chocolate. O rato ia tão depressa, puxando Tedros pelas trilhas achocolatadas — algumas em espiral, outras em declive —, que ele não via nada além de um caleidoscópio de cacau e estrelas, como se tivesse sido magicamente sugado para um dos truques de Merlin. Ele podia ouvir as trilhas de chocolate rachando, à medida que eles passavam zunindo e o rato guinchava de pavor, sabendo que era só uma questão de tempo até que o circuito inteiro se despedaçasse sob o peso dos dois. O contornou uma curva em *loop*, ficando de cabeça para baixo, e Tedros sentiu o sangue lhe descer à cabeça, grato por não conseguir pensar em mais nada enquanto suas pernas sacudiam no ar, desligadas da gravidade. Acima dele, as patinhas do rato deslizavam ainda mais depressa pelos trilhos de chocolate, lançando fagulhas marrons, como se fossem de neve. Delirante, Tedros fechou os olhos e pôs a língua para fora, experimentando uma maciez de algodão, perguntando-se se ele teria morrido e ido para o Céu dos Príncipes, onde poderia se deleitar qualquer dever ou responsabilidade, para todo o sempre...

Então ele inalou um cheiro forte e horrendo, e o rato subitamente freou, ejetando-o da montanha russa de chocolate, e seu corpo foi lançado por cima da Floresta Azul putrefata, através de uma janela escancarada e ele caiu de traseiro no chão de pedra. Tedros não se mexeu, permanecendo no solo, ofegante.

“Eu... quero... a missão... da Agatha.”

Mas ele se lembrou de onde estava, o corpo que habitava, e o que deveria estar fazendo. Seus olhos se abriram, num estalo.

Cambaleante e com dores, ele se esforçou para ficar de pé, ainda desacostumado à silhueta macia e delgada de menina. Deu uma olhada em volta, vendo os aposentos desertos do Diretor da Escola, lambendo o restinho de chocolate que ainda tinha nos lábios.

“Sophie?”, ele deu um gritinho com a voz feminina chiada de menina, adentrando mais a sala. “Sophie, sou eu, Essa! Essa, de Bloodbrook. Nós nos conhecemos hoje de manhã, lembra? Desculpe ir entrando dessa maneira, mas você está correndo um perigo terrível”, Tedros imaginou Agatha ao seu lado, seu espírito o incentivando a seguir em frente. “Temos que sair daqui agora, Sophie”, ele disse, sentindo sua confiança aumentar. “Antes que o Diretor da Escola volte. Portanto, se você apenas me ouvir, numa conversa de garota para garota...”

Um golpe de dor arrebentou em sua cabeça, nocauteando-o, e ele despencou de cara no chão. Lá longe, do outro lado da baía, no quarto das bruxas, Anadil e Dot acompanhavam a cena, horrorizadas e boquiabertas, através de binóculos, vendo Sophie, que estava em pé acima do corpo caído de Essa, empunhando um imenso livro de histórias como se fosse um porrete. Anadil virou-se para Dot, bem devagar.

“Ela nunca foi de muito papo entre garotas, né?”, disse Dot.

Assim que a névoa começou a se transformar em chocolate, Agatha viu sua chance. Ela tinha ficado escondida numa das pontas da Ponte do Meio do Caminho, presa em seu corpo de menino, de olho em dez sombras imensas no topo da Escola do Velho. Nenhuma delas parecia humana.

O coração de Agatha murchou. Ela não tinha a menor esperança de passar por um dos guardas do Diretor da Escola, quem quer que fosse, muito menos por um batalhão deles...

Foi quando a névoa acima da baía começou a se transformar em chocolate congelado. Perplexa, ela se virou e viu o dedo aceso de Dot pulsando numa janela escura, lá no alto da outra escola. Gritos de choque e pânico ecoavam em meio aos guardas acima da Ponte, que saíram correndo das varandas e adentraram o castelo, deixando o telhado desguarnecido. Agatha sorriu, escondida na outra ponta. Independentemente do que Dot estivesse fazendo

na Escola do Novo, isso serviu como uma distração perfeita na Escola do Velho.

Não foi uma coincidência, pensou Agatha.

Merlin e seus espiões tinham feito tudo que podiam para ajudar Tedros e ela a concluírem suas missões. O restante cabia a eles. O mais rápido que pôde, Agatha disparou de seu esconderijo, atravessando a ponte pouco iluminada e gélida, sentindo o vento em seu peito magro de menino, com as mãos estendidas à sua frente, sabendo que a barreira estava chegando...

Bum! Ela colidiu contra ela depois de um quarto do caminho, o que deixou as palmas de suas mãos formigando e seu corpo inteiramente exposto sob a luz do luar. Os guardas iriam avistá-la no segundo em que retornassem.

"Deixe-me passar", ela implorava, com as mãos espalmadas na barreira.

Seu reflexo cristalino magicamente surgiu no espelho, vestido com o uniforme do Mal — só que era ela mesma, em vez de um menino.

"Velho com velho,

Novo com novo,

Não ultrapasse além,

Ou chamo..."

"Espere um segundo, rapaz... você nem é aluno daqui." Seu reflexo a encarava, sério. "Intruso!" Seu reflexo escancarou a boca para gritar. "*INTRU...*"

"Não! Sou eu!", ganiu Agatha. "É a Agatha!"

"Eu só estou vendo um menino de olhos arregalados e mal nutrido", respondeu o seu reflexo, novamente abrindo a boca para gritar...

"Eu vou provar!", gritou Agatha, sabendo que agora não tinha escolha. Ela fechou os olhos, visualizando o contrafeitiço... Seu cabelo começou a engrossar, seu maxilar foi arredondando, seu corpo foi voltando ao formato feminino e preenchendo seu uniforme. "Está vendo, sou eu", ela sorriu, agora igualando o reflexo na barreira. "Então, deixe-me passar..."

"Ah. *Você*", rugiu o reflexo, sem retribuir o sorriso. "Você quase me destruiu por me fazer confundir os lados nos dois últimos anos. Primeiro, você me convenceu de que era do Mal, quando era do Bem. Depois, você me convenceu que era um menino, quando era uma menina. Sem chance de deixá-la passar por mim pela terceira vez. Portanto, ouça com atenção:

Velho com velho,

Novo com novo,

Não ultrapasse além,

Ou chamo você sabe quem.”

Agatha ficou tensa. De canto de olho, ela via as geleiras de chocolate no céu começando a evaporar. O som dos guardas correndo para o telhado ia se amplificando dentro do castelo.

“E como você sabe se eu não devo estar na Escola do Velho, em vez da Escola do Novo?”, Agatha perguntou ao seu reflexo, tentando se manter calma.

“Fácil”, respondeu sua imagem, bufando. “Porque você é tão jovem quanto eu e eu sou tão jovem quanto você.”

“Então, se eu sou jovem, não posso ser velha?”

“Você já conheceu uma pessoa velha que seja jovem?”, retrucou o reflexo.

“Bem, um bebê recém-nascido me vê como jovem ou velha?”, Agatha devolveu a pergunta.

“Velha, mas isso é porque ele não sabe de nada...”

“E quanto a uma criança?”

“Depende da idade que essa criança tenha”, disse o reflexo.

“Então, ser jovem ou velho depende de coisas?”, perguntou Agatha.

“Não! É obvio para qualquer coisa inteiramente crescida!”

“E uma flor inteiramente crescida? Ou um peixe inteiramente crescido?”

“Não seja imbecil. Uma flor ou um peixe não sabem ver a idade”, disse o seu reflexo.

“Mas você disse qualquer coisa inteiramente crescida.”

“Uma pessoa inteiramente crescida!”

“Então, você é uma pessoa, se isso é óbvio para você”, ponderou Agatha. “No entanto, você está nessa Ponte há milênios. Então, isso te torna o quê? Jovem ou velha?”

“Velha, é claro!”, respondeu o reflexo bufando.

“E se você sou eu e eu sou você, então, o que isso me torna?”, disse Agatha, com os lábios se curvando num sorriso.

O reflexo resfolegou, ao perceber a resposta.

“Decididamente *velha*.”

A imagem de Agatha no espelho só pôde ficar boquiaberta de aflição, sumindo na noite, enquanto a verdadeira Agatha estendia os dedos e atravessava a barreira, e sentia o vento frio e vazio. Alguns segundos depois,

as sombras monstruosas enxamearam a torre voltando aos seus postos, e não viram nada na Ponte além de um brilho preto esverdeado, entrando sorrateiramente no castelo, algo que eles julgaram ser um pedaço da névoa, soprado da baía.

Se eles estivessem olhando mais atentamente, talvez tivessem reparado na pequena poça de chuva que ainda ondulava sobre a rocha... uma única pegada reluzindo sob a lua... ou os dois pontos de luz do outro lado da Ponte, flutuando como estrelas caídas...

Os ousados olhos amarelos de um gato careca e enrugado observando Agatha, enquanto ela sumia em segurança, entrando na toca do perigo, antes que o gato mergulhasse na escuridão e desaparecesse.

19
Reuniões da Velha Escola

Meninas têm a cabeça mais mole que os meninos?

Tudo que Tedros sentia era a baba escorrendo de seu lábio, a bochecha ralada e a cabeça latejando de dor. Ele não conseguia sentir os olhos, muito menos abri-los, e ficou imaginando se era assim que as mangas se sentiam quando caíam das arvores e se espatifavam, antes de se dar conta de que mangas não têm sentimentos e era provável que ele estivesse sofrendo de uma concussão violenta.

Em meio aos ataques de náusea, ele tentou tocar a parte de trás da cabeça, verificar se tinha sangue, mas suas mãos não se moveram. Ele abriu lentamente uma fresta nos olhos, e viu que ainda estava num corpo de menina, esparramado numa cama branca de dossel, amordaçado e com os punhos presos aos mastros, amarrado com lençóis de veludo vermelho.

Com um nó na barriga, ele virou a cabeça e viu Sophie sentada sobre um altar de pedras, num canto, com o Storian parado em cima de uma página em branco.

"Ora, ora, *Essa*, se é que esse é realmente o seu nome. Você me contou tantas mentiras que ouvir seu papo de 'garota para garota' parece um tanto sem sentido, você não acha? Mas, deixe-me lhe dizer o que eu sei. Você não é uma aluna nova. Você não é uma assassina Nunca. Você nem é uma Nunca. Você e seu 'primo' são espiões do Bem e estão aqui para destruir meu final feliz. Só que você chegou tarde demais, Essa, querida. Agatha e Tedros já partiram há muito tempo, como atesta essa página em branco, e Rafal e eu estaríamos em plena noite romântica se não fosse por *você*."

Tedros tentava desesperadamente falar com a mordaça na boca.

“Ainda tem algo a dizer? Ah, querida”, Sophie disse num tom arrastado, levantando-se. “Bem, já que o Diretor da Escola e você são tão amigos do peito, por que você simplesmente não conta para ele? Ela ergueu o dedo iluminado em direção à janela, prestes a disparar uma chama no céu...”



Mas então Sophie baixou as mãos, arregalando os olhos. Na cama, os cabelos longos de Essa foram clareando, passando de preto para dourado e encolhendo até o couro cabeludo, assim como seu queixo, que ganhou uma covinha e as maçãs do rosto que saltaram, mostrando uma barba loura escura por fazer. Agora, mais depressa, as pernas e os braços ganhavam pelos e os pés aumentaram dois tamanhos, os ombros e peito alargaram, rasgando as costuras da camisa. Enquanto a garota estranha se retorcia de dor, a batata de sua perna foi ficando musculosa, os bíceps aumentaram, assim como os antebraços, rasgando os nós das amarras até que elas finalmente se soltaram e ele arrancou a mordaça com um rugido, já não sendo mais uma menina, ou alguém estranho, mas um príncipe em seu corpo, parecendo um leão libertado da jaula. Sophie recuou para um canto.

“Teddy?”

Um som raspado familiar preencheu o ambiente, e Sophie olhou para baixo, vendo o Storian despejar uma nova cena na página em branco: uma garota de pernas arqueadas, com um capacete na cabeça, correndo pela Ponte do Meio Caminho, rumo à Escola do Velho.

“Aggie?”, Sophie deu um gritinho esganiçado.

Ela olhou para cima, para Tedros, de pernas trêmulas, respirando ofegante.

“Não entre em pânico”, tranquilizou o príncipe, ao se mover até a metade da cama. “Apenas não entre em pânico, docinho...”, ele estendeu a mão pra ela, abrindo um sorriso vencedor. “Um príncipe está aqui para salvá-la, está bem? Vai ficar tudo bem...”

Sophie entrou em pânico e saiu correndo até a janela, com o dedo aceso, lançando uma chama rosa-choque na noite... Uma explosão dourada a dissipou e Sophie girou para ver o dedo de Tedros aceso, apontando em sua direção.

“Ouça. Agora eu sou um menino. Portanto, ou nós faremos isso da maneira mais fácil, ou teremos que fazer do jeito difícil”, ele alertou, esperando que Sophie parasse de respirar ofegante e recobrasse o bom senso.

Em vez disso, ela correu até a janela, tentando disparar outra chama.

“Então será do jeito difícil”, Tedros suspirou.

Dois minutos depois, Sophie estava presa ao mastro da cama, com os lençóis de veludo vermelho, gritando todos os palavrões possíveis por baixo de sua mordaça. Tedros a encarava do altar, com a camisa rasgada e coberto de arranhões.

“Agora, pela primeira vez em nossas vidas, Sophie, nós dois vamos ter uma conversa *normal*.”

O Storian sabe que eu estou aqui, pensou Agatha, enquanto seguia sorrateiramente pelo corredor escuro, em seu corpo de menina. Era só uma questão de tempo até que o Diretor da Escola viesse em seu encalço. Um relógio tocou lá no alto do castelo. Onze horas. Restava uma hora.

Ela apressou o passo com suas botinas, abafado pelas goteiras ruidosas que pingavam do teto mofado. Ela precisava encontrar a espada de Tedros *agora*. A Excalibur era a única esperança que eles tinham para destruir a aliança do Diretor da Escola — e, consequentemente ele próprio.

Mas, onde ela estava?

Mesmo com algum tempo de sobra, ela não fazia a menor ideia do que havia dentro da Escola do Velho, muito menos quem estava à espreita dentro do castelo, ou onde deveria procurar a espada que poderia estar escondida em qualquer lugar: num armário secreto, por trás de uma lareira, embaixo de um tapete, atrás de uma porta invisível, embaixo das pedras que ela pisava... Quem ela estava querendo enganar? Essa era uma missão tola!

Agatha se recostou numa parede, tentando não vomitar. *Eu não vou*

conseguir fazer isso. Jamais a encontrarei. Uma velha voz respondeu, dentro de sua cabeça.

"*Não falhe*."

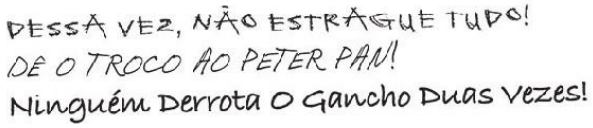
As últimas palavras de Merlin. As mesmas palavras de sua mãe.

O mago havia colocado o destino do Bem em suas mãos e nas de Tedros por um motivo. Talvez ela duvidasse de si mesma. Mas ela não duvidava de Merlin.

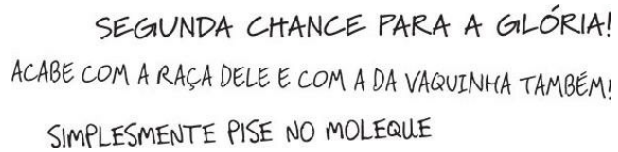
Não falhe.

Dessa vez, a voz era a sua. Respirando fundo, Agatha virou e seguiu para o foyer. A entrada da sala estava em silêncio, vazia e insuportavelmente úmida. Qualquer sinal da Escola de Meninos, com temas militares, havia sido apagado, com o foyer de rochas negras do jeito que era no primeiro ano: cheio de goteiras, pouco iluminado por gárgulas empunhando tochas em suas bocas. Sem qualquer sinal dos guardas, Agatha seguiu rapidamente até a antessala ao lado do foyer, onde três escadas em espiral subiam aos dormitórios. Os retratos dos novos Nunca haviam sumido, sem dúvida tinham sido transferidos para o outro lado da baía. Mas o resto das paredes ainda estava forrado de antigos alunos do Mal, cada um deles emoldurado ao lado de uma cena do que eles haviam se tornado após a formatura.

Só que agora, enquanto Agatha olhava mais atentamente, ela via que as molduras dos vilões mais famosos do Mal haviam sido todas desfiguradas. O retrato do Capitão James Hook, ou Capitão Gancho, quando jovem, sorumbaticamente belo, tinha sido pichado por várias pessoas:



Acima de um menino glutão, que havia se tornado o gigante de João do Pé de Feijão, havia mais pichações:



Agatha observou mais molduras ao longo do corredor: uma menina

magricela que tinha se tornado uma famosa fada do Mal (“DESSA VEZ, NADA DE ROCAS DE FIAR!”), um menino louro com bigode ralo que havia se tornado o Barba Azul (“VOCÊ VAI DEIXAR QUE *UMA GAROTA* VENÇA NOVAMENTE?”), e mais dúzias de vilões notórios com seus retratos pichados com mais incentivos... até que seus olhos pararam numa garota Nunca cujo rosto parecia sinistramente familiar. Então, Agatha notou a cena da formatura, logo ao lado: uma bruxa de cabelos negros na frente de uma casa de pão de gergelim, com a sua filha. Era a mesma foto que Hester tinha em sua mesinha de cabeceira, só que esta estava pichada com os seguintes dizeres:

OUVI DIZER QUE SUA FILHA É UMA BRUXA MELHOR QUE VOCÊ!

Agatha chegou mais perto. *Quem fez tudo isso?*

Vozes ecoavam do foyer... Ela mergulhou atrás de uma escadaria.

Um ogro morto-vivo e um duende morto-vivo entraram rapidamente na sala, ambos costurados e com a pele descascando, como os vilões zumbis que ela tinha visto na Floresta. O ogro, careca e barrigudo, tinha um traseiro grande e empunhava um porrete de madeira, o duende era verde, com chifres brancos e portava um punhal de bronze retorcido.

“Transformar neblina em chocolate? Um truque bom pra cacete, se quiser saber a minha opinião”, o ogro gargalhou, com o vozeirão grave. “Alguns daqueles insignificantes talvez acabem dando em alguma coisa.”

“Não sei por que você acha isso engraçado”, ralhou o duende. “Nós voltamos para refazer nossas histórias, não para ficar patrulhando corredores vazios e perseguir doce. Por que eu não posso estar na sala de aula, lá em cima, com os outros?”

“Capangas fazem a guarda do castelo, não vão para as aulas”, disse o ogro. “É melhor a gente voltar pro nosso posto. Se alguém invadir, o Diretor da Escola vai nos mandar de volta para as covas de onde viemos.”

O duende suspirou e os dois seguiram por corredores opostos. Atrás da escada, Agatha continuava imóvel. *Aula*? Que aula estava sendo lecionada na Escola do Velho? E, mais importante, quem estava lecionando? Por instinto, ela foi saindo de seu esconderijo, nas pontas dos pés, e subiu uma escada, bem certa de quem quer que fossem os alunos dessa escola, eram os mesmos que desfiguraram os retratos.

As salas de aula ficavam perfiladas em um corredor sem ar, do primeiro andar da antiga Torre da Malícia, segundo Agatha se lembrava, porém, assim que chegou ao primeiro piso, ela viu dois guardas com lanças nas mãos no fim do corredor e se abaixou por trás da balaustrada.

É claro que as salas de aula estão sendo vigiadas, sua idiota. Mas, de que outra maneira ela poderia dar uma olhada lá dentro? Agatha ficou matutando, tentando formular um plano, ouvindo os gigantes andando de um lado para o outro, no corredor, sentindo uma brisa fria que deixou sua pele arrepiada... Uma brisa fria? Dentro de um corredor sem ar?

Ela olhou para cima. Lá no alto, acima de sua cabeça, havia uma saída de ar, uma grade de ventilação no teto. Instantes depois, os pés nus de Agatha estavam grudados ao corrimão, como uma viga de equilíbrio; suas botinas estavam enfiadas no cós da cintura de sua calçola, enquanto ela estendia a mão até a lateral da saída de ventilação, tentando não fazer nenhum barulho. Ela esticava os dedos ao máximo, mas ainda não conseguia alcançar. Apoiando-se nas pontas dos dedos, ela esticava as mãos ao alto, mais alto, sentindo os ombros estendidos, e tocou as pontas dos dedos no mofo que cobria a grade. Erguendo-se com uma força desesperada, Agatha tinha quase passado a cabeça e pescoço, quando sentiu uma das botinas escorregar da cintura. Resfolegando, ela girou com apenas um dos braços, como um macaco, tentando pegá-la, mas a botina caiu pelo vão e aterrissou lá embaixo, com um estrondo ensurdecedor.

Droga.

Instantaneamente, ela se impulsionou para cima, para dentro do duto de ventilação, quase quebrando os cotovelos, e foi rastejando o mais rápido que podia, passando pelo duto apertado, ouvindo as vozes perplexas dos gigantes e ouvindo os passos correndo na direção da escada.

Logo ela não os ouvia mais, apenas o ar revolvendo no duto, passando por ela. A luz da escada piscou e Agatha ficou no escuro total, sem a menor pista da direção que estava seguindo, até que ela começou a ouvir um clamor crescente e deu uma olhada na luz fraca que entrava por uma grade adiante. O zunido foi ficando mais alto, conforme Agatha foi chegando mais perto, ralando os joelhos na pedra, antes de ficar deitada de bruços junto à grade para espiar lá embaixo, através dos vãos. Ela ficou de queixo caído.

A antiga sala de aula gélida de Lady Lesso fervilhava de vilões famosos, mortos-vivos costurados — pelo menos 40 deles, debruçados sobre as

carteiras, espremidos por debaixo de cadeiras, enfiados nos cantos, praticamente sentando nos colos uns dos outros, de modo que não havia um centímetro de chão vazio. Ela reconheceu muitos desses Nunca costurados, ou dos livros de história que havia lido em Gavaldon, dos túmulos no Cume Necro, ou nos retratos lá de baixo. Lá estavam o rançoso Rumpelstiltskin, a Bruxa da Floresta com Cara de Sapo, o Barba Azul com seus olhos vermelhos, a velha Baba Yaga, e até o Gigante aparvalhado de João e o Pé de Feijão, todo cheio de hematomas e machucados por conta de seu encontro com o exército da Princesa Uma.

Não me admira que nós não tenhamos visto mais nenhum deles na Floresta, pensou Agatha. Os vilões estavam todos em sua antiga escola. *Mas, fazendo o quê?*

Na frente da turma havia uma mulher magra de aparência feroz, vestindo um traje prateado surrado, o rosto cheio de maquiagem, os cabelos brancos presos num coque e a pele costurada, assim como o restante.

"Já faz um mês que o Diretor nos trouxe de volta à escola e o que temos para mostrar? Cinco velhas histórias transformadas para o Mal. CINCO! Nós jamais conseguiremos ir para a Além da Floresta com *cinco* histórias. Vocês ouviram o Diretor da Escola. Cada história modificada nos deixa um passo mais perto do Mundo dos Leitores."

O coração de Agatha parou. Mundo dos Leitores? Além da Floresta? Será que ela estava falando de... *Gavaldon?*

"Parece que eu tenho meu próprio trabalho a fazer", estrondou a voz da mulher velha. "Cinderela está viva por aí, pela Floresta, e minhas filhas inúteis ainda precisam localizá-la. Não se pode ter outra chance com um conto de fadas, a menos que você *encontre* primeiro o seu antigo inimigo, não é?", ela deu um olhar fulminante para duas garotas horríveis sentadas num canto. "Agora, para o dever de casa, o Diretor da Escola pediu que cada um de vocês aponte o erro que fez com que perdessem sua história da primeira vez. Gigante, vamos começar com você."

"Cochilei no trabalho", o gigante de *João e o Pé de Feijão* disse emburrado, erguendo um livro de história aberto numa pintura dele dormindo em seu castelo, enquanto João passava por ele, fugindo.

"Foi isso que também o fez ser derrotado pela Princesa Uma e um bando de animais? 'Cochilar no trabalho'?", debochou Rumpelstiltskin.

"Só porque você já refez a sua história, isso não significa que pode ser

grosseiro”, disparou o gigante.

“Quem é o próximo?”, estrilou a madrasta de Cinderela.

Enquanto os antigos vilões prosseguiam apresentando seus piores momentos, Agatha seguia em frente, rastejando pelo duto, rumo à saída de ar acima da próxima sala de aula. Dúzias de vilões mortos-vivos perambulavam em meio a quadros de cortiça forrados de mapas da Floresta desenhados à mão, cobertos com alfinetes vermelhos e azuis, e pedaços de papéis multicoloridos com anotações. Num primeiro momento, Agatha não reconheceu muitos desses monstros e bruxas... Então, ela sentiu um nó no estômago.

Próximo à parede do fundo, a velha bruxa da Branca de Neve e o lobo da Chapeuzinho Vermelho com um olho roxo e a pata enfaixada, mantinham uma conversa intensa com um terceiro vilão que Agatha nunca tinha visto: um homem alto e sinistramente bonito apesar de sua pele de zumbi, com cabelos pretos cacheados, um chapéu de pirata e, no lugar da mão direita, um *gancho* de prata reluzente.

“O lobo os encontrou no Cume Necro, e eu os vi na Casinha da Branca de Neve”, resmungou a bruxa da Branca de Neve, batendo a unha amarelada num mapa.

“O que significa que a Sede da Liga só pode estar ao norte de Maidenvale”, resumiu o Capitão Gancho, com uma voz profunda e aveludada. “Meu palpite é que esteja a uma milha de Knobble Hill...”, ele sorriu e afagou seu gancho. — Mmm, treze heróis de uma só vez. Não seria *esplêndido*?”

Agatha estava com o coração na garganta. Uma milha de Knobble Hill? Era precisamente onde estava localizada a Sede da Liga! Ela tinha que alertar Merlin assim que voltasse. Mas, as prioridades primeiro; ela tinha uma espada para encontrar... De repente, uivos de ogro irromperam pelo castelo, como se fosse um alarme de incêndio. A porta foi escancarada e um guarda gigante entrou.

“*INTRUSO! Intruso no castelo!* Refeições duplas para quem o encontrar!”

Os vilões saíram da sala num grande estampido, seguindo atrás do gigante, deixando Agatha petrificada. Ela foi margeando a parede e prosseguiu pelo duto como uma barata, parando a cada grade de saída de ar, dando olhadas nas cinco salas de aulas dos Nunca mortos-vivos, saindo para

os corredores, sedentos de sangue... até que ela voltou a ver o Capitão Gancho, bem embaixo dela, conversando com um menino alto, sem camisa, um menino deslumbrante e magro, com cabelos brancos espetados e uma pele translúcida de tão branca. Agatha ficou paralisada.

Era ele.

E ele estava segurando a botina dela.

"O gigante encontrou isso", rosnou o jovem Diretor da Escola. "Agatha está dentro do castelo. E, ou aquele príncipe afeminado está com ela, ou ele virá até nós, depois que nós a pegarmos. Preciso que você comande o restante e...", ele parou de repente. Seus olhos se elevaram ao teto e Agatha se afastou da grade, bem na hora. Escondida na sombra, ela prendeu a respiração.

Continue falando... continue falando... por favor, por favor, por favor...

"Vasculhem o calabouço e o campanário", continuou a voz do Diretor da Escola. "Que não fique pedra sobre pedra."

Agatha quase desmaiou de alívio. Enquanto ele estivesse ali, longe do Storian, ele não poderia saber que ela estava escondida bem acima de sua cabeça.

"Mas quero Agatha viva. Chegou a hora de ter uma conversinha com nossa querida princesa", frisou o Diretor da Escola. "Agora, reúna os homens enquanto eu protejo o museu. Entendido?"

"Sim, mestre", disse Gancho.

Agatha espiou através da grade e viu quando eles seguiram em direções diferentes. Capitão Gancho, *o* Capitão Gancho estava procurando por *ela?* E não somente ele, mas centenas de vilões, tão famosos quanto mortais. Ela estava frita... mais que isso, já tinha virado comida de peixe... E, no entanto, enquanto ela observava a turba de vilões uivando e vasculhando o castelo, algo que o Diretor da Escola disse ainda martelava em sua mente.

Enquanto eu protejo o museu.

Ele tinha a chance de encontrá-la e matá-la e estava preocupado com o museu? De todas as coisas no castelo, por que um feiticeiro invencível poderia precisar proteger um mu...

Agatha ficou sem ar e deu um pulo, batendo a cabeça no duto de ventilação. Remexendo-se sobre as mãos e joelhos, ela começou a percorrer o duto de ar na direção que ele seguiu. Só havia uma coisa no mundo que o maior vilão da Floresta precisava proteger. A única arma que o destruiria e aos seus subordinados para sempre. Uma espada sagrada que Agatha achava

jamais ser capaz de encontrar. E agora, o Diretor da Escola certamente a conduzia diretamente até ela.

Tedros usou mágica para tirar a mordaça de Sophie, porque ele receava que ela fosse morder seu rosto se ele se aproximasse demais.

"É bom rezar para eu nunca me soltar", Sophie cuspiu, esperneando nas amarras que a prendiam aos mastros de sua cama.

"Agora, segure a onda", Tedros rugiu, tentando salvar o que restara de sua camisa.

"Rafal estará aqui a qualquer momento, portanto sugiro que você pegue a sua onda e vá embora, se não quiser acabar dissecado pela pesquisa do Mal. Onde está Agatha?"

"Pegando a minha espada, na Escola do Mal. Você vai precisar dela para destruir sua aliança...", Tedros começou a dizer, mas logo se arrependeu quando viu a cara que Sophie fez.

"Minha aliança? Minha aliança de *Rainha?*", Sophie disparou. "Por isso que vocês ficaram olhando a minha aliança de olhos arregalados lá na beira da baía? Porque querem que eu a *destrua?"*

"É... as-assim que nós vamos m-matar o Diretor da Escola", Tedros gaguejou, sabendo que estava falando demais. "É como você será libertada, olhe, nós podemos discutir isso mais tarde, depois que sairmos daqui..."

"*Libertada?*", Sophie estrilou, protegendo a aliança. "Matando o menino que me ama? E me levando embora do único lugar onde eu poderia ser feliz? Para que eu passe meu Felizes Para Sempre seguindo você e sua princesa, como um cachorro?"

"Seja razoável, Sophie. Você não pode ficar com o Diretor da Escola! Ele é um monstro!"

"O nome dele é Rafal, agora ele está diferente e, para sua informação, nós deveríamos estar em nosso primeiro encontro amoroso essa noite..."

"Onde vocês provavelmente acabariam bebendo sangue de criancinhas juntos", Tedros respondeu. "Agora, me ouça, antes que eu te amordace outra vez..."

"Não se atreva a me ameaçar", disse Sophie. "Você não pode me ferir mais do que já fez, Tedros. Você fez com que a Agatha escolhesse você, acima de mim. Você fez com que ela acreditasse que não poderia ter sua melhor amiga e seu príncipe. Você tentou me mandar de volta para casa

sozinha, sem mãe, para um pai ruim, uma madrasta horrenda, meio irmãos que já se mudaram para o meu quarto e uma cidade onde ninguém — *ninguém* — liga para mim. Você e sua princesa me mandaram para o inferno com um beijo, e logo quando eu encontro o meu caminho até um menino que realmente se importa comigo, para um final feliz que talvez seja real... aqui está você, novamente em seu cavalo branco, para tirar tudo de mim."

Tedros ficou olhando para ela, que um dia havia sido sua princesa, amarrada à cama.

"Sophie, mas será que você não entende? Ele não é o que parece. Ele não é seu verdadeiro amor. Ele é do Mal. E se você ficar com ele, isso também faz você ser do Mal. Dessa vez, não haverá caminho de volta ao Bem."

"Você sabe por que eu passei a vida inteira querendo um conto de fadas?", os olhos de Sophie cintilavam. "Porque um conto de fadas significa que o amor nunca acaba. Eu achei que o amor fosse você, Tedros. Depois, achei que fosse a Agatha. Mas é *ele*. Tem que ser ele."

Tedros levantou da mesa. Sophie ficou olhando o príncipe vir em direção à cama, seu cabelo iluminado pela tocha, enquanto ele sentava no lençol ao seu lado. As pernas dos dois se tocaram, e eles ficaram sentados em silêncio.

"Acha que nós viríamos até aqui se não amássemos você?", ele disse baixinho. "Nós somos seus melhores amigos."

Sophie virou o rosto.

"Não, *Agatha* era minha melhor amiga. Minha única amiga. Eu precisava *dela*, Tedros. Mais do que precisava de qualquer outra pessoa. Mas você fez com que a Agatha escolhesse entre um menino e sua amiga. E agora você está tentando fazer com que eu também escolha", Sophie sacudiu a cabeça, deixando as lágrimas caírem. "Como ela pôde fazer isso? Como ela pôde simplesmente me jogar fora?"

"Ela cometeu um equívoco, Sophie", disse Tedros. "Quando você luta pelo amor, às vezes você acha que está contra o mundo. Você fica amedrontado. Você vê o que não existe. Isso aconteceu com a Agatha. Aconteceu comigo. E agora está acontecendo com você."

Sophie sentiu Tedros estendendo o braço atrás dela para soltar a primeira amarra.

"Agora, não tem mais nada que nos prenda", disse ele. "Agora, todos nós podemos ficar juntos."

"Até os contos de fadas têm limites", disse Sophie. "Três pessoas não

podem ser Felizes Para Sempre. Não sem que eu fique sozinha."

"Você não ficará sozinha, Sophie", ela sentia o antebraço dele afagando seu pescoço, enquanto ele pegava a segunda amarra. "Você terá duas pessoas que querem vê-la feliz. E até que a gente volte a ter você em nossa vida, também não podemos ser felizes."

"Você e a Agatha têm um ao outro. Não precisam de mim."

"Ela e eu praticamente não conseguíamos ficar no mesmo ambiente até que viemos encontrar você. Nós nunca deveríamos tê-la deixado para trás. Ela sentiu a pele dele em seu punho, afrouxando o nó. "Essa jornada para encontrar você e consertar nossos erros passados acabou fazendo com que eu e a Agatha nos tornássemos mais próximos. *Você* fez com que a Agatha e eu ficássemos juntos, como sempre fez antes."

A amarra de veludo caiu, libertando Sophie. Ela ficou olhando nos olhos dele, as últimas palavras dando uma pontada.

"Venha conosco, Sophie", Tedros pediu, erguendo o queixo dela, do jeito como ele fizera um dia, ao convidá-la para um Baile. "Venha comigo e com a Agatha para Camelot."

Sophie se aninhou no peito dele, fazendo com que ele a abraçasse mais apertado.

"Talvez você não consiga ver. Mas agora, vocês também me aproximaram de Rafal", ela sussurrou, quase que para si mesma.

"O quê?"

"Se eu for com vocês, não vou encontrar o amor novamente", Sophie respondeu, aninhando-se ainda mais em Tedros. "Minha história prova isso. Não sou amada por mais ninguém. Nem pela minha melhor amiga. Nem por meu pai. Meu príncipe. Nem o Hort me ama mais."

"Porque você se esqueceu o que o amor realmente é. O Bem é o caminho para o amor, Sophie. Não o Mal."

"Agora, o Rafal é o meu único caminho", ela disse, lembrando-se de como era estar tão perto assim de um príncipe...

"Tem de haver um jeito", Tedros pressionou. "Tem de haver um jeito de fazer com que você venha conosco."

"Não, é tarde demais...", Sophie inalou o cheiro dele, tentando se soltar, tentando soltá-lo. "Pegue a Agatha e vá embora."

"Não sem você", ele disse, com os lábios junto ao ouvido dela.

"Eu não vou deixá-lo... não vou deixar meu verdadeiro amor", Sophie

relutou, olhando para a aliança de Rafal, buscando forças.

Só que agora, ela via outra coisa em seu dedo... esfregada e arrancada pelas amarras... a única resposta que seu coração sempre teve...

“A menos que...”, sussurrou ela.

“A menos...?”, Tedros disse.

Sophie segurou a mão dele. Tedros olhou para baixo e se enrijeceu.

Porque agora ele também via seu nome na pele dela.

“A menos que eu tivesse você de volta”, disse Sophie.

20
Última Parada no Expresso do Pó Mágico

Em algum lugar, do outro lado da baía, um relógio marcava 23h30.

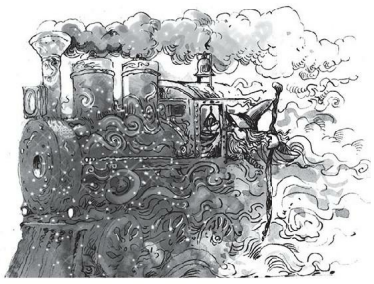
Meia hora para encontrar a Excalibur. *O que vai acontecer se eu não estiver no portão até a meia-noite?* Pensou Agatha, apressando-se pelo duto de ar, para seguir o Diretor da Escola. *Será que o Tedros virá me procurar? Será que ele vai tentar entrar no castelo?* Ela não podia deixar que isso acontecesse. Ele estaria entrando numa armadilha mortal... Ela parou de repente.

Agatha ficou olhando uma parede preta que lacrava o duto, enquanto o som dos passos do Diretor da Escola recuavam ao burburinho de vilões que a perseguiam. Alarmada, ela estava prestes a voltar e procurar outra rota até o museu, quando notou um pequeno vão na ventilação, antes do final sem saída. Agatha seguiu sorrateiramente até a beirada do vão e olhou para baixo.

Um vão preto. Ou ela voltava até o último cruzamento da ventilação e arriscava perder o Diretor da Escola de vista... ou corria um risco estupidamente letal. Agatha escorregou as pernas para fora da beirada do vão. E se soltou.

A gravidade lançou-a em queda livre... e suas costas colaram num escorregador de pedra lisa, que a arremessou como um foguete em meio à escuridão. Sem alerta, o escorrega desviou à esquerda e Agatha foi jogada de lado, sem fazer a menor ideia de para onde estava indo. Não havia mais grades, mais nenhum raio de luz, somente um breu impiedoso como um lampejo estranho de uma fada morta, em meio a esse labirinto lacrado. Agatha cruzou os braços no peito e se deixou cair como alguém mergulhando num tobogã de água nos ângulos mais assustadores, convencida de que isso

terminaria numa morte horrível, antes de ser arremessada como um estilhaço, deslizando pela superfície lisa de metal, indo parar numa grade de aço, onde caiu de cara.



Ai! Agatha se ergueu da grade, esfregando os vergões em seu rosto. Através da grade, ela via uma sala vazia lá embaixo, acesa por uma tocha de luz verde e fraca. Não havia ninguém ali dentro, nada nas paredes, nada no chão preto de fuligem. E, no entanto, algo no lugar parecia familiar. Curvando acima da grade, ela estreitou os olhos vendo a sala, até que identificou uma porta coberta de cinza e as letras vermelhas que diziam:

A EXPOSIÇÃO DO MAL

O Museu do Mal.

Agatha ficou de joelhos. Pela velocidade com que ela cruzou o castelo, de jeito algum o Diretor da Escola já teria chegado ali, o que significava... *Cheguei antes dele*.

Suando na sombra, Agatha esperou que ele chegasse e a conduzisse até a arma que poderia matá-lo. Ela esperou. E esperou. E esperou. Um relógio no castelo tocou uma vez.

23h45.

Alguma coisa o deteve no caminho, pensou ela. Mas não dava mais tempo de esperar. Em quinze minutos, Merlin estaria no portão. Ela agarrou a grade de aço que facilmente se deslocou da pedra, deixou a botina que restou para trás e se abaixou, passando pelo buraco, pendurada nas laterais. De braços estendidos, ela chutou o ar como se fosse desmontar um balanço e aterrissou nas solas dos pés, sem fazer qualquer ruído.

Agatha vasculhou o museu que um dia havia sido repleto de relíquias das vitórias sobre o Mal, e que haviam sumido. Ela não esperava que a Excalibur estivesse esperando por ela em cima de uma mesa, mas não havia lugar algum na sala onde a espada de Tedros poderia estar escondida. O chão era

uma única lasca de pedra, todas as vitrines e molduras tinham sido retiradas, todas as paredes estavam nuas...

Nem todas, percebeu Agatha, seguindo até o canto. Pois na parede dos fundos, escondida na sombra, restava uma pintura. Agatha se aproximou, enquanto seus olhos se ajustavam ao escuro, até perceber que era uma pintura que ela conhecia bem. Na praça de uma vila, crianças lançavam livros de histórias numa fogueira e os observavam queimar. Atrás da vila, uma floresta escura ardia em fogo, tingindo o céu de vermelho e de fumaça preta.

As cores eram diáfanas e impressionistas, de um estilo inconfundível. Era um trabalho do Professor August Sader, um vidente cego que um dia lecionara História antes de sacrificar sua vida lutando contra o Diretor da Escola. Agatha reconheceu a cena como a última de sua Profecia do Leitor, uma série de pinturas um dia expostas na Galeria do Bem. Como parte da profecia, Sader previra que Leitores seriam sequestrados aos pares e levados para a Escola do Bem e do Mal, o que levava até ela e Sophie. Mas ele não previu o sequestro de mais Leitores depois delas... em vez disso, somente essa cena das crianças de Gavaldon queimando seus contos de fadas, enquanto as nuvens de fumaças iam se aproximando.

E, no entanto, não eram nuvens de fumaça, como Agatha agora se lembrava de ter visto no primeiro ano, ela focou os olhos na pintura com mais afinco. Eram sombras monstruosas, invadindo a cidade... e, quando Agatha se aproximou mais, quase encostando o nariz na tela, ela começou a ver formas conhecidas nas chamas... A cabeça careca de um gigante... o focinho de um lobo dentuço... o coque enrolado de uma madrasta... o gancho redondo de um capitão...

Não eram apenas sombras. Eram vilões. Vilões de verdade. Todos avançando para Gavaldon.

Agatha recuou, ouvindo o alerta agourento da madrasta: *Cada história modificada nos deixa um passo mais perto do Mundo dos Leitores...*

Antes de sua morte, Sader também tinha visto isso: o Exército Sinistro do Diretor da Escola adentrando sua vila.

Mas, por quê? O que o Diretor da Escola poderia querer em Gavaldon?

Aterrorizada, Agatha estudava as sombras com mais afinco, tentando entender...

Mas outra coisa agora captava sua atenção na pintura. Por trás da fogueira, no fundo da praça, havia uma pequena barra dourada embaixo da

cobertura da livraria vazia do Sr. Deauville. Agatha identificou o formato de um diamante em cima de um cabo dourado, o começo de uma espada de prata enterrada com a lâmina para baixo, dentro de uma bigorna. Ela esfregou os olhos. Não havia dúvidas.

A Excalibur estava *dentro* do quadro.

Aturdida, Agatha passou a mão na superfície da tela pintada, dura e coberta de restolhos... até que seus dedos tocaram o cabo da espada. Subitamente, a textura ficou diferente: mais quente, lisa e metálica. Ela empurrou com mais força, pressionando a superfície viscosa, sentindo um molhado estranho encharcando as pontas de seus dedos. Sua mão afundava cada vez mais, mergulhando até o punho, antes que Agatha começasse a ver seus dedos surgindo na própria pintura, em busca do cabo da espada. Com os olhos arregalados, ela agarrou o cabo da Excalibur, dentro da pintura, fechando os dedos numa pegada firme, e puxou com toda força. A espada saiu da bigorna como se fosse uma flor saindo da água... Agatha cambaleou quando sua mão e a espada foram ejetadas para fora da moldura e o peso da lâmina lançou-a no chão.

Lentamente, Agatha ergueu a cabeça e olhou para a Excalibur, ainda em seu punho. Então, ela olhou para cima, para a pintura onde estava a bigorna vazia, diante da livraria do Sr. Deauville.

Ai, meu Deus. Ela colocou-se de pé num pulo, colocando a espada de seu príncipe contra a luz da tocha.

Eu consegui. Eu realmente consegui!

Missão cumprida. Com dez minutos sobrando. Uma onda de orgulho e alívio estampava seu rosto e ela se virou para a porta com a espada em punho, pronta para se mogrificar e sair desse castelo maldito... Agatha deixou a espada cair.

“Eu nunca a subestimei, Agatha”, disse o jovem Diretor da Escola, recostado na parede, de peito nu, vestindo calças pretas. “E, no entanto, você me subestima. Um feiticeiro que desafia a morte, regressa à juventude, toma sua melhor amiga como rainha, e aqui está você, achando que não posso ouvi-la respirando num duto de ar, acima da minha cabeça... que eu aleatoriamente anuncio que vou proteger um museu... que eu intencionalmente vou deixar a busca por uma intrusa em meu castelo... tudo isso, sem um bom motivo...”, o belo menino arqueou uma das sobrancelhas. “A menos, é claro que eu soubesse que você ouviria.”

“Então, p-por que você simplesmente não me matou no corredor?”, Agatha questionou com o coração implodindo.

“Para começar, há tempos venho desconfiando de que aquele mago velho e petulante anda aconselhando seu príncipe e você quanto à forma de me derrotar, e agora eu tenho provas de que minhas desconfianças estavam corretas. Outro motivo é que eu estava curioso para saber se a Excalibur é realmente tão poderosa quanto Merlin acredita ser. Então, coloquei um feitiço na espada quando a escondi na pintura, para que ninguém, além de mim, pudesse retirá-la. O que significa que se *você* a retirou, a magia da Excalibur de fato supera a minha, e até reconhece seus aliados, portanto certamente é poderosa o suficiente para destruir a aliança que me mantém vivo. Mas eu creio que também há uma terceira razão para que eu ainda não tenha matado você, Agatha. Achei que você deveria encontrar o menino que reivindicou o coração de sua melhor amiga, bem de perto. Aliás, pode me chamar de Rafal”, ele sorriu, caminhando até ela. “É como Sophie me chama.”

Agatha empunhou a espada e apontou para ele, freando sua aproximação.

“Por que Sader pintou os vilões em Gavaldon? O que a pintura significa?”

“Agatha, você consegue se lembrar do que eu lhe disse quando você e Sophie visitaram a minha torre, no primeiro ano?”, Rafal olhou a lâmina da espada, perplexo. “Eu lhe dei uma charada para resolver e as mandei de volta para as escolas, mas vocês estavam zangadas comigo. Vocês disseram que eu deveria atacar outras vilas e deixar a de vocês em paz. Lembra-se do que eu respondi?”

Agatha podia sentir-se sendo transportada de volta àquele exato momento, sua resposta viva na lembrança... o velho Diretor da Escola mascarado, tão diferente desse jovem menino à sua frente, deixando-a com uma única pergunta, enquanto ela e Sophie caíram, em queda livre, num mar de branco...

Uma pergunta que a atormentara por dois anos. Uma pergunta que nunca fez nenhum sentido.

“*Que outras vilas?*”, sussurrou ela.

“Exatamente”, Rafal sorriu. “Sabe, Agatha, durante todo esse tempo, você achou que o Mundo dos Leitores era o ‘mundo real’, bem distante do reino da magia... quando, na verdade, nosso mundo é parte da Floresta Sem Fim. Afinal, como uma terra de histórias pode existir sem Leitores que acreditem

nelas?”

“Gavaldon é dentro da Floresta?”, Agatha empalideceu.

“Por que você acha que somente os Leitores de sua vila são sequestrados? Por que acha que qualquer tentativa de fugir de sua vila conduz de volta a ela?”, disse Rafal. “Seu mundo é o reino desencantado do nosso mundo, mas ainda faz parte do mundo dos contos de fadas — tão parte de contos de fadas quanto Camelot, ou a Floresta de Baixo, ou essa escola. Por isso que nenhuma turma daqui jamais estará completa sem dois Leitores: um que acredite no Bem e um que acredite no Mal.”

Agatha sentia o cérebro girando, tentando dar sentido à enormidade de suas palavras.

“Na verdade, o único acesso que eu tenho aos Leitores é para me certificar que eles sejam representados de forma justa e segura em minha escola, como em todos os outros reinos da Floresta”, Rafal prosseguiu. “Para sobreviver, o nosso mundo precisa de novos Leitores tanto quanto precisa de novas histórias. Por isso que existem portões mágicos que protegem Gavaldon do restante de nosso mundo. Por isso que podemos chamar a vila de Além da Floresta. Porque os Leitores mantêm nossas histórias vivas por muito tempo depois que as pessoas nela já morreram. Você poderia até dizer que os Leitores são, em nosso mundo, uma força mais poderosa que eu. Porque enquanto houver Leitores que *acreditem* no poder do Bem acima do poder do Mal, o Bem irá sempre vencer, mesmo que eu destrua todos os reinos do Sempre existentes na Floresta. Porque sempre haverá Leitores, independentemente do que eu faça. Os Leitores depositam sua fé nas Velhas histórias, passando-as adiante para todo o sempre, mantendo o Bem vivo, além do meu controle...”, o jovem Diretor da Escola fez uma pausa. “E se, no entanto, os Leitores descobrirem que o Velho passou a ser *Novo*, assim como todos os nossos colegas alunos? E se esse único poder capaz de manter vivas as histórias descobrir que as histórias do Bem que eles tanto acalentam não passam de mentiras? Que o Mal sempre vence, sempre venceu e sempre vencerá? E então?”, seus olhos cor de safira refletiam o fogo da pintura. “Os portões de Gavaldon irão se abrir para o *verdadeiro* fim de seu conto de fadas — um final que vai apagar cada Felizes Para Sempre, até o último deles... e por um fim no Bem, para sempre.”

Agatha estava branca como um cadáver.

“Ah, não. Não é comigo que você deve se preocupar, Agatha. Se existe

algo que você deve ter aprendido com Evelyn Sader, é que a pessoa mais perigosa num conto de fadas é aquela que está disposta a fazer qualquer coisa por amor. Uma descrição que se encaixa à sua amiga, não?"

O Diretor da Escola estendeu a mão e a Excalibur voou da mão dela para a dele. Ele sorriu mais abertamente, belo como um demônio.

"E acontece que a sua melhor amiga está apaixonada por *mim*."

"Eu?", Tedros saltou da cama. "*Me* ter de volta?"

"Eu sei que você escolheu Agatha em vez de mim, Teddy", Sophie ajoelhou no colchão. "Eu sei que ela agora é sua princesa. Tudo que eu estou pedindo é que você se mantenha aberto, antes de se decidir ao certo. O Fim ainda não foi escrito, foi? Eu irei com você e a Aggie para Camelot. Farei qualquer coisa que você quiser. Apenas me dê uma outra chance de ser o seu final feliz."

"Eu... eu não sei do que você está falando...", Tedros parecia ter sido chutado na virilha.

"Que se você está me pedindo para questionar o meu final feliz, então você também deve questionar o seu...", disse Sophie.

Tedros se encolheu junto à parede, segurando os farrapos de sua camisa. Ele via que o Storian estava furiosamente capturando os dois, sozinhos nos aposentos do Diretor da Escola.

"E se eu não questionar?"

A ponta do dedo de Sophie reluziu em rosa-choque.

"Então, vou escolher o Rafal e a minha lealdade será dele. O que quer dizer que eu tenho que contar a ele que você está aqui."

"Ouça a si mesma, Sophie. Ouça o que você está me pedindo", Tedros suplicou. — "Você é deslumbrante, inteligente e absolutamente louca, e eu não consigo imaginar a minha vida sem você. Desde o momento em que eu te vi, no primeiro ano, achei que você fosse a minha futura rainha. Mas nós já tentamos ficar juntos. Por melhor que a gente pareça no papel, no fim somos feitos para sermos amigos. Apenas amigos. Como fomos, no ano passado..."

"Quando você tentou me *beijar*?", rebateu Sophie.

"Aquilo... aquilo é irrelevante...", Tedros gaguejou. "O que importa é que a Agatha e eu somos felizes juntos..."

"*Mesmo?*", questionou Sophie, descendo da cama e caminhando em direção a ele. "Você disse que eu fiz vocês dois ficarem juntos. O que

significa que vocês tinham desmanchado. O que significa que vocês dois não são particularmente felizes, se é preciso uma terceira pessoa para *consertar* seu amor."

"Olha, finais felizes exigem tempo, trabalho e compromisso", respondeu Tedros. "O meu e da Agatha não será o último Felizes Para Sempre que luta com a dúvida e as brigas para se manter firme no amor. Basta olhar para o seu final."

"Você está certo, Teddy", Sophie parou. "Foi por isso que pedi ao meu coração que me dissesse o meu verdadeiro final. E foi isso o que ele disse", ela ergueu a tinta em sua pele, com o desespero tomando a sua voz. "Eu quero amar o Rafal. Quero amar qualquer pessoa, menos você. Você não me traz nada além de dor, mágoa e humilhação. Mas meu coração só conhece o seu nome, Teddy. O que mais eu posso fazer, para ver se ele está certo?", ela olhava para ele com os olhos cheios de lágrimas. "Nosso conto de fadas nos reuniu novamente, aqui e agora, porque ele quer um final diferente. Por qual outro motivo você estaria aqui sozinho, sem a Agatha? Por que outro motivo você é que está me salvando, em vez da minha melhor amiga?"

Tedros ficou rígido, pensando em todas as reviravoltas que o trouxeram até Sophie, até esse exato momento. Os dois sozinhos, cara a cara, sem disfarces, sem truques, pela primeira vez em dois anos. Então, suas bochechas ficaram vermelhas como um pimentão.

"Eu jamais poderia fazer isso com a Agatha. Nem você, Sophie. Você não é mais uma bruxa..."

"E, no entanto, a Agatha e eu tínhamos o nosso Felizes Para Sempre, até você fazer com que ela repensasse", disse Sophie, chegando mais perto. "Portanto, se pedir que você abra o seu coração faz de mim uma bruxa, então você também é um bruxo, Tedros. Porque você fez a mesma coisa com a Agatha, quando ela era a *minha* princesa."

Tedros estava sem palavras. "Mas agora é hora de todos nós enfrentarmos a verdade. É hora para o Último Felizes Para Sempre", pressionou Sophie, encurralando-o no canto. "Você não quer saber quem é a sua princesa, sem dúvida, Teddy?", ela o olhava no fundo dos olhos. "Será que o seu pai não iria querer que você olhasse atentamente, pela última vez?"

Tedros desviou e cerrou os dentes com tanta força que Sophie viu o movimento nos ossos de seu maxilar.

"Você não sabe nada do meu pai", disse ele.

“Teddy, me ouça. Eu vou deixar o Rafal, exatamente como você pede”, disse Sophie, baixinho. “Eu vou destruir a aliança e comprometer meu coração ao Bem, para sempre. Vou junto com você e a Agatha para o seu reino, aceitando, inteiramente, que você talvez a escolha e eu acabe sozinha, como a assistente de seu Final Feliz. Tudo que eu peço é uma simples promessa: que você me dê outra chance, antes de escolher a sua princesa para sempre.”

Tedros olhou de volta para ela.

“Parece um negócio e tanto”, uma voz respondeu.

Eles se viraram para a janela. Rafal olhava de forma fulminante para Sophie, segurando a Excalibur junto à garganta de Agatha. Mas a expressão dele não era, nem de longe, tão surpresa quanto a de Agatha.

Hort acordou quando ouviu os gritos abafados dos professores, lá em cima. Ele não conseguiu entender mais que algumas palavras: algo sobre Aric ser atacado? Um intruso à solta? O primeiro pensamento que lhe passou pela cabeça foi checar se Sophie estava segura. Então, ele se lembrou de que ela estava na torre do velho cretino, lá longe do castelo, e ele teve tanto sucesso em *não* pensar nela, que agora não era hora de regredir. Ele deu uma olhada para Chaddick e Nicholas, que dormiam em suas camas, belos e adoráveis meninos Sempre, por quem as garotas um dia babaram.

Hort sorriu com deboche. Agora, todas as garotas o queriam. Ele via a forma como elas esbugalhavam os olhos para seus novos músculos e flertavam descaradamente no hall, olhando-o como se ele fosse uma costeleta de carneiro. Ele poderia ficar com qualquer uma dessa escola, Sempre ou Nunca.

E, no entanto, enquanto continuava recostado à janela, olhando a Torre do Diretor da Escola, acima da Floresta Azul, Hort se pegava imaginando como seria viver lá, com Sophie. Os dois regendo todo o Mal, juntos... Uma onda quente percorreu seu corpo, quando ele a imaginou em seus braços, num beijo perfeito... Ele corou, limpando o suor.

Não.

Ela magoa você. Ela só magoa você.

Você não a ama mais.

Desviando os olhos da Floresta, ele cerrou os dentes, mergulhou em seu travesseiro... e saltou novamente de pé. Um pequeno lampejo dourado reluziu

na janela do Diretor da Escola. Não apenas dourado, mas um dourado cor de bronze, quase âmbar. Ele sabia disso, porque conhecia tudo sobre o príncipe de Camelot, até precisamente a cor de seu brilho. O que ele não sabia era o motivo para que aquele brilho do príncipe estivesse na Torre do Diretor da Escola.

Tedros atracou Sophie pela cintura e segurou seu dedo aceso junto ao seu pescoço.

"Se você machucar a Agatha, eu vou matar a sua rainha", o príncipe alertou o jovem Diretor da Escola, só para ver Rafal pressionar a Excalibur ainda com mais força no pescoço de Agatha.

"Teddy... isso não é um bom negócio...", Sophie disse chiando, esforçando-se para respirar.

Mas os dois meninos de peitos nus se olhavam fixamente, segurando suas reféns com mais força ainda. Sentindo a lâmina fria, Agatha estremeceu confusa. Ali estava ela, contando com seu príncipe e sua melhor amiga para salvá-la desse vilão letal, mas em vez disso, ela tinha chegado e encontrado Tedros com a camisa rasgada e Sophie lhe pedindo para ser sua princesa.

"Eu mandei *soltar* a Agatha", Tedros rugiu para Rafal, com o dorso vermelho de calor.

"Ahhhh, *agora* você é meu príncipe?", alfinetou Agatha, refém junto ao peito branco e frio do Diretor da Escola. "O príncipe que há um segundo parecia tão aberto em testar uma *nova* princesa?"

"Pare com isso, Agatha", Tedros estrilou, apertando mais o dedo no pescoço de Sophie. "Rafal, solte-a ou..."

"Ou o quê?", Rafal estava estranhamente calmo, olhando para Sophie. Não havia raiva nem tom de vingança no rosto dele, só uma frieza que deixava Sophie enervada. "Você vai matar a garota que você veio até aqui para salvar? A garota que está jurando seu coração a *você*?"

"Rafal, me desculpe", Sophie disse. "Mas, dessa vez, eu preciso fazer a escolha certa. A escolha certa para *mim*."

"Como trair sua melhor amiga?", Agatha rebateu, antes de virar para Tedros. "Ou dizer à sua princesa o quanto você a ama e, no momento em que ela dá as costas, fingir que ela não existe?"

"Eu só estava ouvindo", Tedros disparou de volta. "Sophie estava dizendo que voltaria conosco se eu lhe desse uma segunda chance. Com tudo

o que está em jogo, você não acha que esse é um pedido digno?”

“Uma segunda *chance*?”, Agatha debochou. “Depois de tudo que nós passamos juntos, depois de tudo que dissemos um ao outro no quarto da Hester, agora, você quer experimentar com outra garota?”

“Você não está entendendo”, disse Tedros, sentindo o clima esquentar. “Por que você nunca consegue confiar em mim? Por que não consegue confiar na gente?”

“E aqui estou eu, fazendo a mesma pergunta à minha rainha. Pela primeira vez, tenho algo em comum com um menino Sempre”, comentou Rafal erguendo as sobrancelhas.

Ele sorriu para o belo príncipe, mas Tedros desviou o olhar. O silêncio se estendeu entre os dois casais. Até o Storian vacilou, incerto quanto a quem estava defendendo quem.

“Não liguem pra mim”, Rafal provocou, sorrindo. “Quem precisa de um vilão, quando vocês três têm uns aos outros?”

“Ignore-o, Agatha...”, disse Tedros.

“Se você quer que eu ‘confie na gente’, então diga a ela, Tedros”, Agatha disse friamente. “Diga à Sophie que eu sou sua princesa para sempre. Bem aqui. Agora.”

Tedros olhou para ela, desanimado, como se eles estivessem além um do outro.

“Você não consegue, não é?”, Agatha resfolegou.

“Agatha, querida, sei que não nos vemos há tempos”, Sophie interferiu. “Mas, conhecendo a espécie masculina tão bem como eu conheço, fazer ultimatos só faz com que eles se afas...”

“Prefiro ter minha garganta cortada a falar com você”, Agatha disparou.

Sophie calou a boca.

“Agatha, eu te amo”, Tedros declarou, firme e claro. “Mas a Sophie só quer que eu pense duas vezes, antes de selarmos o nosso Felizes Para Sempre, da mesma forma como nós estamos pedindo que *ela* faça. Isso é justo, não é?”, ele se virou para Sophie. “Prometa que se eu lhe der uma chance, você vai destruir a aliança. Prometa que irá destruí-la assim que sairmos daqui.”

Sophie esperou que Rafal ficasse zangado, que ele a ameaçasse, mas ele parecia estranhamente entretido. Ela assentiu, distraída pelo sorrisinho debochado de Rafal.

“Eu prometo.”

Rafal bufou.

“Está vendo?”, Tedros pressionou Agatha. “Tudo o que tenho a fazer é seguir meu coração e tudo acabará num final feliz.”

Agatha via a frustração dele, como se ela fosse o problema ali, não ele. Isso só a deixou ainda mais magoada.

“E quanto ao meu coração? Tedros, como você pode ficar aí, me olhar nos olhos e...”

Ela gelou, ao finalmente sentir a clareza dos olhos azuis de seu príncipe.

Ele estava mentindo. Tedros estava *mentindo*.

O príncipe tão fiel às suas promessas, tão fiel à verdade, estava mentindo por *ela*.

Ele estava dizendo à Sophie somente o que ela queria ouvir. Ele faria o que tivesse de fazer para salvar a melhor amiga deles das garras do Mal e destruir aquela aliança, incluindo fingir dar à Sophie uma chance verdadeira de conquistar seu coração.

Durante todo esse tempo, Tedros estivera tentando lhe dizer que os riscos valiam. Uma aliança destruída. Os heróis do Bem poupados. Sua melhor amiga salva. Seu príncipe, ainda seu... E Agatha só precisava concordar com a mentira.

Ser 100% do Bem já era, ela pensou, resistindo ao impulso de beijá-lo bem ali.

“Você entende as condições?”, seu príncipe sorriu, percebendo a mudança no rosto dela.

“Você dará uma chance à Sophie e seguirá seu coração...”, Agatha retribuiu o sorriso, com o rosto radiante.

Agora, Sophie também sorria radiante, desviando o olhar de um para o outro, totalmente alheia ao que estava acontecendo nas entrelinhas.

“...que vai me mostrar a futura rainha de Camelot”, Tedros completou, olhando para Agatha. O sorriso de Agatha desapareceu. *Rainha*. Essa palavra de novo. Aquela palavra que nunca parecia real.

Desde o momento em que eles voltaram para a Floresta, ela evitou pensar na chegada à Camelot, imaginando que ela e Tedros terminariam antes disso, ou que ela morreria salvando Sophie, ou que a Floresta escureceria de vez e mataria todos eles. Na verdade, quanto mais perto eles estavam de encontrar Sophie novamente, mais ela havia brigado com Tedros, como se

inconscientemente tentasse dizer que eles *jamais* chegariam à Camelot.

Mas ali estava ela, prestes a se tornar a futura rainha do reino mais famoso de que se tinha notícia. No papel da rainha a quem o povo julgaria bem de perto depois que a mãe de Tedros havia falhado com eles. No papel da rainha que teria de restaurar a lenda de sua coroa. E nenhum obstáculo se interpunha entre ela e aquela coroa, exceto uma mentirinha.

Bem ali, naquele instante, no momento em que Agatha havia acusado Tedros de duvidar do futuro deles, só para ver que ele era, na verdade, rocha sólida... era ela quem estava subitamente cheia de dúvidas.

Eu. Uma rainha? Uma rainha ***de verdade****?*

Tedros viu o rosto dela enevoar e o sorriso dele também sumiu, como se ele soubesse que ela tinha empacado diante desse último obstáculo.

"Aggie?"

Agatha ergueu os olhos ao ouvir a voz de Sophie.

"*Eu* ainda me sinto como a rainha dele", disse Sophie, interpretando a expressão da amiga. "O que quer dizer que ainda há algo errado em nossa história, não é?"

Agatha via a crença inabalável no rosto de Sophie e isso a fez sentir um nó no estômago. *Algo estava, mesmo, errado*. Afinal, como ela e Tedros poderiam ser O FIM, se tudo em seu coração dizia que Agatha jamais seria uma rainha para Camelot, enquanto tudo no coração de Sophie dizia que ela seria?

Talvez por isso, ela e Tedros nunca selaram seu final feliz, pensou Agatha. Porque algo havia se quebrado entre eles. E talvez não pudesse ser consertado. Porque esse algo era... ela.

"Mmmm, agora está ficando interessante, hein?", comentou uma voz gélida.

Todos os olhos se voltaram para o jovem Diretor da Escola, com seus lábios curvados num sorriso.

"A rainha do Mal, senhoras e senhores, ainda disputando o trono do Bem", disse Rafal, com a lâmina da Excalibur refletindo sua imagem. "Mas confiem nela por sua conta e risco, pois, no fim, ela estará bem aqui, com minha aliança no dedo, seu coração pertencendo a mim."

Sophie sentiu o olhar plácido dele e o suor escorreu por suas costas.

"Você não sabe mais do que a gente o que vai acontecer, Rafal", Agatha respondeu, ainda olhando para sua melhor amiga.

“Você está tentando falar racionalmente com um assassino?”, Tedros disparou.

“Talvez ela esteja certa, Tedros”, Agatha concordou sem desviar os olhos de Sophie. “Talvez nós tenhamos mesmo que pensar duas vezes sobre o nosso final feliz, se quisermos encontrá-lo algum dia.”

Sophie olhou para Agatha, perplexa. Tedros instantaneamente se animou.

“Espere... Agatha, você está dizendo que concorda com as condições de Sophie? Que você *entende* o que eu estou propondo? Que...”

“...que a gente questione nosso final feliz, Tedros, exatamente como você falou”, disse Agatha, ainda olhando para Sophie.

“Que todos nós possamos partir do zero”, emendou Sophie, avidamente, olhando para Agatha.

“Nós três”, Agatha continuou. “Dessa vez, sem segredos, sem se esconder, sem culpa. Nós entramos de olhos bem abertos e deixamos que a verdade nos conduza até o FIM. Essa é a única maneira pela qual nós saberemos como cada um de nós pode ser feliz.”

“Certo... isso ficou ligeiramente profundo pra mim...”, Tedros desviou os olhos de uma para outra, mas sorriu amorosamente para Agatha. “Mas eu sabia que você entenderia.”

Agatha retribuiu o sorriso dele tristemente. Ele não conseguiu perceber que ela estava falando sério. A meia-noite ecoou nos relógios distantes dos castelos, um prazo que veio e passou. Agatha respirou fundo, olhando para seu príncipe, e disse:

“A novos começos.”

“Novos começos”, Tedros sorriu para sua princesa.

Os dois olharam para Sophie. Sophie sorriu para Tedros.

“Novos começos.”

Os olhos dos três alunos se fixaram, por um breve momento... então, todos eles desviaram para Rafal. O sorrisinho debochado do jovem Diretor da Escola desapareceu. Num flash, ele segurou Agatha com mais força, junto à espada, prestes a cortar-lhe a garganta...

“Agora!”, Tedros gritou.

Sophie acertou a mão de Rafal com um feitiço rosa faiscante, e ele soltou a espada de Tedros. Agatha a pegou e bateu com o cabo no estômago dele, fazendo com que ele cambaleasse para trás, colidindo na enorme estante de livros que desabou sobre ele junto com centenas de contos de fadas coloridos.

Agatha jogou a Excalibur para Tedros, que prendeu o cabo atrás da cintura, com a parte plana da lâmina junto à sua coluna. Instantaneamente, ele, Sophie e Agatha saíram correndo até a janela e subiram no beiral...

“Nós temos que chegar até Merlin”, Tedros disse, ofegante. “Mogrificar é a nossa única chance!”

“O Diretor da Escola pode voar, Tedros! Ele irá nos pegar!”, disse Agatha, vendo Rafal irromper da estante de livros usando magia. “Precisamos de alguma coisa mais rápida!”

“Vocês vieram sem um plano para me tirar daqui?”, ralhou Sophie, com os sons da estante sendo destruída atrás deles.

“Eu estava bem certo de que a essa altura estaríamos mortos”, bufou Tedros. “O que é mais rápido que mogrificar?”

A estante de livros que estava em cima de Rafal passou voando pela sala, despedaçando-se na parede oposta.

“Ele está v-vindo”, Agatha gaguejou, virando-se de volta para seus amigos. “Nós temos que partir agora mes...”

Os olhos dela se arregalaram. Uma nuvem negra de fuligem, longa com um trem de passageiros e de textura estranhamente bolorenta, vinha da Floresta em direção à Torre do Diretor da Escola. Por um instante, ela achou que fosse fumaça de um fogo distante, até que ela viu os famosos sininhos costurados à nuvem, cintilando como...

“Poeira de fada?”, exclamou Agatha, boquiaberta.

E, de fato, agora, ela, Sophie e Tedros olhavam para a sombra dentro da nuvem de poeira de fada: uma sombra com túnica de panos roxos e um chapéu em formato de cone, voando e batendo os braços, enquanto manobrava em direção à janela.

“Se vocês não vêm ao Merlin, Merlin vem até vocês”, disse o mago, trazendo a nuvem até poucos metros do beiral da janela. “Depressa, crianças! A poeira da Sininho não vai durar muito mais tempo!”

Agatha deu uma olhada para trás e viu Rafal avançando. Ela se virou para Sophie e Tedros. “Nós temos que pular dentro da poeira de fada!”

“*Pular*?”, Sophie deu um gritinho, olhando além do beiral.

“No três!”, comandou Agatha. “Um...”

“Dois...”, disse Tedros.

“Três!”, eles gritaram...

Agatha e Tedros saltaram para dentro da nuvem espessa e sentiram uma

leveza mágica suspendê-los no ar, como se tivessem perdido a massa corporal. Enquanto Merlin virara o trem de nuvem na direção dos portões da escola, Agatha fechou os olhos, se entregando ao voo sem peso. Enquanto isso, Tedros não conseguia parar de dar cambalhotas em pleno ar, como um asteroide arremessado de sua trajetória.

"Como paro de girar?", Tedros uivou.

"Relaxe o traseiro, querido menino!", Merlin gritou para ele.

Nadando na poeira, Agatha agarrou o punho do príncipe, parando sua órbita. Tedros sorriu grato... depois franziu o rosto.

"Onde está Sophie?", perguntou ele.

Eles giraram e a viram em pé no parapeito da janela, branca como um fantasma, enquanto o trem de poeira flutuava se distanciando.

"Sophie, o que você está fazendo!", Agatha gritou.

"Pule, *agora!*", Tedros berrou.

Aterrorizada, ela chegou mais para a beirada e subitamente sentiu uma mão úmida em sua mão esquerda. Ela virou e viu Rafal segurando-a, mais calmo do que nunca.

"Você voltará para mim, Sophie", ele prometeu. "Se for embora agora, você voltará implorando perdão."

Sophie viu a confiança fria nas pupilas que refletiam seu rosto. A mão dele estava segurando com mais força e ela foi afrouxando a mão na dele...

"Sophie, venha!", gritou uma voz de menino.

Ela olhou e viu o príncipe dourado, sem camisa, na nuvem cintilante, chamando-a para seu lado... como no primeiro dia em que eles se conheceram...

"Eu jamais serei sua rainha, Rafal", Sophie sussurrou, com uma canção rosada de princesa entoando em seu coração. Ela virou-se para o jovem Diretor da Escola. "Porque eu serei a rainha de outra pessoa."

A ponta de seu dedo reluziu em rosa, acendendo o nome TEDROS por baixo da aliança dourada de Rafal. O Diretor da Escola corou de surpresa e sua mão soltou a de sua rainha. Como uma pomba sendo libertada, Sophie saltou da janela, sorrindo radiante, enquanto flutuava para dentro do restinho do rabo de poeira cintilante.

Agatha e Tedros nadaram em meio à fuligem brilhante e pegaram Sophie nos braços, e os três seguiram flutuando acima da baía, como flores numa

tempestade de areia, enquanto Merlin comandava o trem de poeira em direção ao portão da escola. Tedros passou os braços em volta das duas meninas que levitavam.

"Nós estamos juntos", ele disse, maravilhado. "Estamos *mesmo* juntos."

"E, finalmente, todos do mesmo lado", disse Sophie, ao abraçá-lo.

Observando Sophie e Tedros como amigos pela primeira vez, Agatha sorriu tensa, ao mesmo tempo aliviada e nervosa... até que seu rosto pareceu mortificado.

"O que foi, Aggie?", perguntou Sophie.

Agatha estreitou os olhos para o belo menino de cabelos brancos, na janela, deixando que eles fugissem.

"Ele não está vindo atrás de nós. Por que ele não está vindo atrás de nós?"

"Hmmm, porque todo mundo está?", disse Tedros.

As duas meninas se viraram para ver duas centenas de vilões mortos-vivos irrompendo pelos portões da Escola do Velho: bruxas, feiticeiros, ogros, gigantes e duendes rugindo e gritando como loucos, correndo atrás da nuvem de poeira de fada.

"Tem que correr, Merlin!", Agatha gritou para o mago, que estava virado de frente para a dianteira da nuvem.

"O que foi? O quê? Não posso alimentá-la agora, criança", Merlin gritou, chupando um pirulito de limão. "A poeira de fada já durou mais do que eu esperava."

"Eu não disse comer, eu disse para *correr!*", Agatha gritou.

Mas, agora, o trem de poeira soltava um chiado agourento e se despedaçou como uma névoa fraca, mandando os três alunos para o chão como um paraquedas de fuligem, na direção da margem, quase pousando na baía corrosiva. Apavorados, eles olharam para cima, lá do solo, e viram Merlin alegremente voando na direção dos portões, num pedaço de nuvem, sem saber que havia perdido seus passageiros.

Horrorizada, Agatha deu uma olhada para trás e viu um exército de zumbis correndo na direção deles...

"CORRAM!", ela gritou, disparando descalça rumo ao portão.

Sophie e Tedros dispararam atrás dela, os três acenando e gritando para Merlin, tentando chamar a atenção dele.

"Por que ele não consegue nos ouvir?!", Agatha gritou.

"Ele é velho!", rugiu Tedros.

Hesitante em seus saltos finos, Sophie ficou para trás, com um ogro em seu encalço, antes de arrancar um dos saltos e atingi-lo na cabeça, fazendo com que ele saísse rodando e causasse uma colisão de três duendes. Arremessando seu outro salto na baía pestilenta, Sophie corria atrás de seus amigos, que já estavam tão distantes à frente, que ela quase nem conseguia vê-los.

“Esperem por mim! Já estou sobrando aqui e nós ainda estamos na *escola!”*

Agatha e Tedros corriam lado a lado, rumo ao portão, cujo brilho verde escapava através de um punhado de arbustos de pinheiros. Porém, quando os portões ficaram totalmente à vista, os olhos de Agatha se arregalaram de pavor.

“Eles estão trancados, Tedros!”

“Porque Merlin está com a varinha de Dovey!”, ele gemeu.

Eles olharam para cima e viram o chumaço de nuvem de Merlin atravessando acima dos portões da escola, prestes a entrar seguramente na Floresta. Horrorizado, Tedros deu um assovio usando dois dedos... Merlin olhou para trás dando um sorriso e viu que a traseira de seu trem havia sumido, e Tedros e Agatha no solo, ainda do lado de dentro dos portões da escola.

“A varinha, Merlin!”, Agatha berrou. “Use a varinha de Dovey!”

Merlin tirou o chapéu de forma frenética, remexendo ali dentro, arrancando garrafas de champanhe, almofadas, uma gaiola de passarinho vazia...

“Deus nos ajude”, Tedros rogou.

Agatha olhou para trás e viu o Capitão Gancho, o Gigante de João e o Pé de Feijão e o Lobo da Chapeuzinho Vermelho, todos correndo atrás deles, aproximando-se de Sophie, e o lobo já abria as mandíbulas logo atrás dela.

“Aggieeee.... eu estou tendo uma alucinaçããããoooo!”, Sophie gritou. “Tem um monte de vilõõõõessss famooooooosos correndo atráááás de miiiiiim!”

“*Depressa*, Merlin!”, Agatha se voltou para Merlin.

O mago tirou uma tigela de castanhas de caju, um fio de luzinhas natalinas... — “Aah, essas são lindas!” — Antes de ouvir os gritos de Sophie e ver o lobo arrancando a bainha de seu vestido, enquanto Sophie corria em direção aos amigos, que ainda estavam presos atrás dos portões. Fechando os

lábios apertados, Merlin remexeu mais fundo em seu chapéu, enfiando o braço inteiro, e pescou a varinha da Professora Dovey, com um sorriso aliviado.

“Minha nossa, isso realmente poderia ter um estojo.”

“Merlin!”, Agatha gritou.

Ele se virou e apontou a varinha para os portões verdes, fazendo com que eles se abrissem sob seu comando... Tedros puxou Agatha pelos portões, segurando-a em seus braços, e eles caíram juntos de cara na terra.

“Feche os portões!”, Tedros gritou para Merlin.

“Não!”, Agatha berrou.

Porque Sophie ainda estava correndo em direção à abertura, com o lobo atrás, arrancando mais pedaços da sua roupa a cada segundo, e o restante do exército de vilões logo depois, prontos para irromperem pelos portões afora, junto com Sophie.

“NÃO FIQUEM AÍ FEITO BOBOS!”, ela gritou para os amigos. “*FAÇAM ALGUMA COISAAAAAA!*”

Tedros sacou a espada, mas ela estava tremendo em sua mão.

“Eles são muitos!”, ele disse para Agatha, vendo Merlin desajeitado, tentando virar sua nuvem. “Vão nos trucidar!”

Agatha viu Merlin mostrar a mesma expressão de pânico, porque o príncipe estava certo. Até a hora em que Merlin virasse, os vilões estariam comendo os ossos de todos eles. Os três precisavam de um lugar para desaparecer... um lugar onde os vilões não chegassem... uma caverna, ou um túnel, ou...

“Espere!”, ela gritou, acenando para o mago. “Sua capa!”

Dessa vez, Merlin entendeu. Ele tirou a capa roxa e lançou no ar como uma pipa, e a varinha de Dovey logo em seguida, como um cometa, direto nas mãos de Agatha.

Diante do vão do portão, Agatha abriu a capa de Merlin como uma toureira, expondo o bordado infantil do céu noturno com luar. Ela e Tedros entraram na capa do mago, e metade de seus corpos despareceram dentro da seda antes que os dois Sempre segurassem a gola com as duas mãos, como mineiros prestes a pular dentro de uma caverna.

“Rápido, Sophie!”, Agatha gritou, segurando a capa aberta.

Sophie vinha aos tropeços pelo gramado em direção ao vão do portão, com o lobo quase pegando a sua anágua, um gigante prestes a cercá-la pela

esquerda e o Capitão Gancho cercando-a pela direita... Só que havia outra sombra vindo do outro lado da margem... alto, musculoso e incrivelmente veloz, irrompendo do meio das árvores.

"Oh, meu Deus! Ele está vindo!", ela engasgou, enquanto corria rumo à capa mágica, acenando loucamente para Tedros e Agatha. "Socorro! O Diretor da Escola está vindo!"

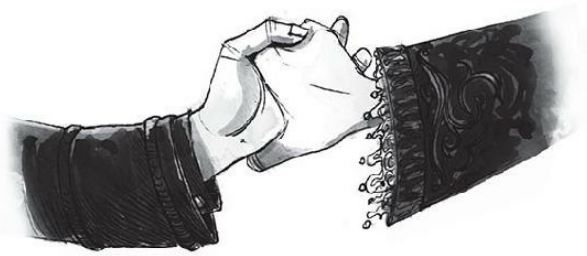
Mas não era o Diretor da Escola. Era um menino pálido, de cabelos escuros, rápido como uma flecha, disparando na direção de Sophie com os olhos negros em chamas.

"Hort, *não!*", Agatha resfolegou.

Forças colidiram para dentro da capa, derrubando Agatha em queda livre. Perdendo a consciência, ela olhou para cima, enquanto *quatro* corpos, não, três, revolviam num céu roxo estrelado...

Então, uma explosão do sol branco a cegou e o universo ficou escuro.

SEGUNDA PARTE



21
Pressão dos Colegas

Sophie sonhou novamente com o homem estranho.

Ela estava no mesmo túnel, num breu total, e seu caminho estava obstruído pela imensa aliança de ouro. Só que dessa vez, algo esperava por ela além do anel. Era Tedros, com uma coroa de prata e diamantes na cabeça. Banhado pela luz do sol, ele estava diante de um altar de rosas brancas, vestindo um paletó azul royal, e as torres de Camelot atrás dele. Em suas mãos, ele segurava uma tiara de rainha que lançava reflexos luminosos em seu rosto. O jovem rei olhou para Sophie e sorriu. Ela perdeu o fôlego, olhando a coroa na mão dele. Pronto, chegara a hora. O desejo de seu coração havia se transformado em realidade. Agora, tudo que ela tinha a fazer era destruir a aliança do Diretor da Escola.

Sem pensar, a Excalibur estava subitamente nas mãos de Sophie, sentindo o calor do cabo cravejado de pedras em seus dedos suados. Ela ergueu a lâmina acima do ombro, e avançou na direção do círculo dourado gigante...

Mas, à medida que se aproximava, ela viu um reflexo familiar em sua superfície larga, bloqueando-a de seu príncipe. Era o homem satânico e sombrio que ela já vira, com seu cabelo rebelde, a pele lembrando couro cru e um nariz bulboso. Sophie mostrou-lhe os dentes, sem se intimidar. Ela ergueu a Excalibur ainda mais alto, posicionada para destruir a aliança e o estranho dentro dela... Mas os olhos do homem subitamente a impediram: duas piscinas de ônix, mortas e demoníacas, como se a desafiassem a atacar.

As mãos de Sophie enfraqueceram com o peso da espada.

“Q-quem é você?”, ela sussurrou.

O estranho sorriu enigmático. Paralisada, Sophie desviava o olhar de

Tedros para o homem demônio... da coroa de rainha para a aliança de ouro...

Ande logo! Faça isso agora!

Com um grito assombroso, ela ergueu a lâmina acima da aliança... Duas mãos se estenderam e pegaram Sophie pelo pescoço.



Enquanto ela asfixiava, o homem sinistro sorria tristemente de dentro da aliança, como se ela não lhe tivesse dado alternativa. Então, os olhos dele assumiram novamente um brilho punitivo e ele rasgou sua garganta.

Agatha acordou tomada de terror, tentando respirar. Ela deu uma olhada para o seu uniforme preto e verde, e precisou respirar algumas vezes, antes de perceber que ela ainda estava viva e encharcada de suor, num colchão duro e fino. Ela olhou para cima, mas seus arredores estavam banhados por uma luz cegante, vermelha e alaranjada.

Camelot, Agatha pensou, em pânico, protegendo os olhos. *Eu estou em Camelot.*

Ela estreitou os olhos para o brilho intenso... Um rosto gordo surgiu em sua frente, manchado de rouge e emanando hálito de bacon.

"Eu comi seu café da manhã e não tem mais, portanto nem se dê ao trabalho de pedir", Cinderela ralhou e saiu andando.

Agatha ficou de joelhos, vendo que estava de volta à Sede da Liga, e viu que a claridade em tom de vermelho queimado era um raio de sol que entrava pelo buraco da caverna. O salão abafado e úmido estava em plena atividade, com os treze membros da Liga fazendo as malas e esvaziando a caverna, aprontando-se para um deslocamento do grupo. De um lado, João e Maria magicamente guardavam os móveis no chapéu de Merlin, Peter Pan e a Fada Sininho estavam enchendo uma dúzia de sacos com lanches e latas de água, e Pinóquio e Chapeuzinho Vermelho limpavam os últimos pratos do café da manhã. Do outro lado, Yuba estudava uma porção de livros de histórias que estavam abertos, a Princesa Uma e o Coelho Branco varriam fiapos de cetim preto espalhados pelo chão, e João e Rosa fingiam trabalhar enquanto

olhavam um caderno, finalizando a lista de casamento deles.

Em meio a todo esse caos, Hort se mantinha diante da cortina da caverna, comida pelas traças. Ele estava assustadoramente imóvel, de braços cruzados, como se estivesse mantendo guarda de alguma coisa. Ele cruzou com o olhar de Agatha, apenas por um breve momento, depois estreitou os olhos friamente e desviou o olhar.

Enquanto isso, perto do espelho de Cinderela, Merlin mantinha uma conversa intensa com Tedros, que estava limpo e tenso, usando calças brancas e uma camisa azulada com os cadarços da gola frouxos, pendendo sobre seu peito macio e bronzeado, marcado por uma longa cicatriz sobre o coração. Agatha notou a Excalibur presa à cintura do príncipe, enquanto Sophie não estava em lugar algum à vista.

"O que está havendo?", perguntou Agatha, aproximando-se do príncipe. Tedros virou-se, com o olhar brilhante e inexpressivo.

"Desculpe. Eu a conheço?"

Agatha olhou-o, boquiaberta.

"Eu sou Tedros, de Camelot, Herdeiro de Arthur Pendragon, Guardião do Bem, e Solteiro Elegível em busca de minha futura rainha", ele estendeu a mão. "E você seria..."

Agatha não pegou a mão dele.

"Solteiro?"

"Você queria um 'Novo Começo', lembra?", Tedros brincou, irritado porque ela não estava entrando na brincadeira.

Agatha sentia-se enjoada relembrando os acontecimentos da noite anterior. Seu príncipe havia pensado que ela estava participando da mentira, em fingir questionar o final feliz deles... quando, lá no fundo, Agatha sabia que eles *deveriam* mesmo questioná-lo. Ela não queria ser rainha. Ela queria uma vida comum, longe dos holofotes e de pessoas que a julgassem, longe das pressões de precisar ter uma determinada aparência e um comportamento específico. Isso era tudo o que ela sempre quis, desde que era criança em Gavaldon, condenada por seu povo a ser chamada de "bruxa" e "aberração". Além disso, a quem ela queria enganar? Ela não podia ser rainha nem de um saco de batatas, muito menos da Camelot do Rei Arthur! Não sem decepcionar seu povo, que merecia uma rainha de verdade, que recuperasse a glória do reino. Não sem decepcionar seu novo rei, acima de tudo.

"Certo. Claro", ela concordou, dura como uma tábua. "Novo começo."

Tedros notou que ela olhava para todos os lados, menos para ele.

“Olha, Agatha, não se preocupe. Está tudo bem. Eu só tenho que fingir que estou dando uma chance à Sophie. Então, desse modo...”, ele se curvou de forma dramática. “Adorável conhecê-la, Agatha de Além da Floresta, Filha de Callis e Amiga de Sophie. Eu espero verificar se você, de fato, dará uma rainha aceitável”, ele beijou a mão dela e sorriu.

Agatha retraiu a mão, por reflexo. Tedros lançou-lhe um olhar estranho.

“Se vocês dois já terminaram com seu teatrinho adolescente, será que podemos voltar a salvar as nossas vidas?”, disse uma voz cortando a conversa.

Agatha viu Merlin encarando, sombrio.

“Adorável. Agora, Agatha, por conta de seu raciocínio rápido ontem à noite, você conseguiu esconder seus amigos no Celestium, de onde eu magicamente transportei todos vocês até a Sede da Liga”, explicou o mago. “No processo, você levou um golpe e tanto na cabeça, portanto não estava muito coerente e ficou desesperadamente necessitada de repouso. De fato, você e Tedros invadiram a fortaleza do Mal e realizaram tudo o que eu havia pedido: encontrar Sophie e a Excalibur e trazer ambas em segurança. Eu sei o quão perigosas foram essas missões, mas nós não tínhamos escolha. Como o beijo de Sophie trouxe o Diretor da Escola de volta à vida, somente a Sophie poderia desfazer aquele beijo ao destruir a aliança dele. Porém, agora que nós estamos de posse de Sophie, da aliança e da espada, ela poderia finalmente mandá-lo, junto com seu Exército Sinistro, de volta ao túmulo, e vocês três seguiriam a caminho de Camelot, com seu livro de história fechado”, Merlin fez uma pausa.

“Mas receio que tenha havido uma mudança de planos”, ele disse a Agatha. “Ontem à noite, ao adormecer, você mencionou que a nossa Liga não estava em segurança — que eles ‘sabiam onde nós estávamos’. Eu não sou tolo de questionar sua tagarelice, já que testemunhei o exército de vilões famosos que perseguiu vocês na saída da escola. Dessa forma, nós precisamos nos mudar da nossa Sede imediatamente. A Liga vai se dividir e se esconder pela Floresta, enquanto eu acompanho você, Tedros, Sophie e aquele menino Nunca carrancudo e excessivamente musculoso até uma casa segura, onde vocês quatro não serão encontrados.

“Hort? Nós vamos levar o *Hort?*”, questionou Agatha, tentando acompanhar. “E por que nós temos que nos esconder? Se o Diretor da Escola

está morto, a Liga pode voltar em segurança para seus reinos, exatamente como você disse que eu, a Sophie e o Tedros poderemos fazer, e eu posso...", ela viu o rosto de Merlin e de Tedros.

"*Mudança de planos.*" Agatha sentiu um frio na barriga.

"O Diretor da Escola não está morto?"

Tedros meneou a cabeça.

"Sophie ainda está com o anel?", Agatha quis saber.

Tedros mordeu o lábio.

"*Como isso é possível*?!", Agatha explodiu. "Alguém conversou com ela? Alguém disse a ela o que está em jogo?"

"Rá!", João exclamou ao passar por eles. Merlin sorriu tenso para Agatha.

"Essa manhã, nós tentamos, querida. A Liga inteira tentou", ele olhou para Uma, varrendo fiapos de cetim preto. "Digamos apenas que Sophie não vai destruir a aliança do Diretor a Escola tão cedo."

"Eu não entendo...", Agatha pressionou. "Ela prometeu fazê-lo quando deixasse a escola!"

"Digamos que", Tedros começou, "ontem à noite, a Sophie bateu no Hort com todo e qualquer utensílio de cozinha que conseguiu achar, dizendo que ele havia arruinado tudo ao vir conosco, e que é melhor que ele desapareça antes que ela enfie o rolo de macarrão nele bem naquele lugar. Mas, desde que nós tentamos convencê-la a destruir a aliança, bem, ela não apenas não a destruirá, mas parece que também não está com tanta pressa de se livrar de Hort no fim das contas."

Agatha seguiu o olhar do príncipe até o menino de cabelos negros, em pé como um sentinela, na frente da cortina da caverna... e uma protuberância do tamanho de um ser humano atrás da cortina.

"É por isso que ele vai conosco", disse Tedros, melancólico. "Sophie diz que ele é o seu *guarda-costas*."

"Posso ajudá-la?", Hort perguntou ao obstruir seu caminho.

"Eu preciso falar com ela, Hort. *Agora*", Agatha comandou.

"Nada de visitantes", disse Hort.

"Sophie, diga ao gorila para sair da frente!", Agatha vociferou, acima do ombro dele.

"Você vai falar da aliança?", Sophie deu um gritinho por trás da cortina.

"É óbvio!"

“Então, não.”

Hort sorriu para Agatha, a franja bagunçada sobre a testa parecendo uma porção de raios. Agatha o fulminou com o olhar.

“Você tentou ser colega de quarto dela, tentou ser o melhor amigo, agora é escravo dela. Aliás, belos músculos. Se ao menos um corpo bonito curasse falta de determinação e servilismo.”

Hort chegou o rosto bem junto ao dela, mostrando os dentes afiados e amarelos.

“Assim que Sophie estiver pronta, vou levá-la de volta à Escola do Mal, onde é o lugar dela”, ele disse, baixando o tom de voz para que Sophie não ouvisse. “Ela não vai ficar aqui com esses velhotes esquisitos, ou em nenhum lugar perto daquele... daquele... inútil”, ele fixou os olhos em Tedros, do outro lado da sala, e cuspiu em sua direção. Tedros fez um gesto obsceno para ele.

Mas Agatha ainda estava olhando para o torso todo definido e o corte de cabelo desfiado de Hort, e o rosto dela abrandou de perplexidade.

“Você realmente acha que ainda tem uma chance com ela, não acha? Por isso que você correu atrás dela. Por isso que você ainda está aqui.”

Hort piscou, como se ela o tivesse visto nu. Então, ele disse com escárnio:

“Se você não sair da minha frente, nos próximos três segundos, eu vou...

“Hort, meu querido?”, a voz de Sophie ecoou suavemente. “Pode deixar a Aggie passar. Mas diga a ela pra me trazer roupas novas e esmalte de unha.”

Agatha passou por Hort, dando-lhe uma cotovelada no peito e abriu a cortina, encontrando Sophie tremendo junto à parede, com a camisola preta em farrapos, o rosto pálido, o cabelo desgrenhado e a maquiagem toda borrada, parecendo a doida de um sótão.

“Se o papel da Noiva do Frankenstein ainda não tivesse sido interpretado...”, disse Agatha.

“Aggie, minha querida! Meu chuchu! Você não sabe como foi!”, choramingou Sophie, despencando nos braços dela. “Eu nunca disse que não faria. Tudo que eu disse era que precisava de um *tempinho*. Então, eles caíram sobre mim, como um bando de lobos! Aqui estou eu, com comichão para conhecer meus heróis de infância e, em vez disso, a Sininho fica me espetando, gritando sem parar, João e Maria tentando me atropelar com a cadeira de rodas e matracando com aquele sotaque Teutônico, o Peter Pan fica me batendo com a bengala e me dando sermão de responsabilidade civil,

e até o Merlin — Merlin, que é sempre sábio, justo e bondoso nos livros de história — enfia a Excalibur em minhas mãos, enquanto os outros ficam tagarelando sem parar, tentando tirar a aliança do meu dedo! Então, então, aquela monstruosa daquela Cinderela, me encurrala com aquele cheiro de múmia que fugiu da tumba, e ameaça se sentar em cima de mim! Sim, você me ouviu, Agatha. Uma princesa lendária ameaçando colocar seu traseiro volumoso em meu rosto e deixá-lo ali, até que eu esmague a aliança. E você ainda se pergunta por que eu acho gente velha tão repulsiva! Bem, a aliança vai ficar no meu dedo até que venha o reino, está me ouvindo? Eu não vou recompensar o *bullying*, o terrorismo e, pior de tudo, os maus modos!"

Fazia muito tempo que Agatha estava acostumada aos monólogos explosivos de Sophie, mas esse deixou até ela de olhos arregalados.

"Sophie", disse Agatha, tentando se recompor. "A *vida* deles está em perigo. A vida de *todos* está em perigo. O Diretor da Escola está reescrevendo os contos de fadas famosos para que o Mal vença. Cada história antiga que o Mal transforma em nova conduz ele e seu exército para mais perto de Gavaldon. É lá que ele destruirá o Bem de uma vez por todas."

"Gavaldon? O que o Diretor da Escola quer em Gavaldon?", perguntou Sophie, beliscando um prato de bacon que estava no chão. "Você acha que eu posso trocar isso por uma omelete de couve?"

"Sophie!", Agatha sacudiu os ombros da amiga. "Estou falando de um menino que apunhalou-a no coração, quase cortou Tedros ao meio, voltou do túmulo e tem uma escola com duzentos vilões lutando por ele. Não interessa o que o Diretor da Escola quer com Gavaldon. Nós não queremos *descobrir*."

Sophie engoliu em seco.

"Portanto ouça, *chuchu*. Eu vou pegar a Excalibur e você vai destruir essa aliança, exatamente como prometeu", disse Agatha, com firmeza. "Bem aqui e agora, sem que ninguém veja, só eu. Entendeu?", ela pegou a cortina para sair...

"Não posso fazer isso, Aggie", Sophie sussurrou atrás dela. Havia um tom frio em sua voz, o ar amistoso havia desaparecido.

Agatha virou-se, lentamente. O rosto de Sophie estava estranho, uma máscara tensa, como se ela tivesse se preparado para esse momento, mas estivesse com dificuldades para vivenciá-lo.

"Isso não tem nada a ver com boas maneiras, não é?", disse Agatha.

"Eu tenho tido sonhos, Aggie. Sonhos com um... homem. Um homem

com cara de demônio, que eu nunca vi. Mas se eu tentar destruir a aliança, ele me mata", o suor escorreu da sobrancelha de Sophie.

"Sonhos? É isso que está te impedindo?", Agatha gemeu de alívio. Ela tinha certeza de que era algo muito pior.

"Não, Aggie. Esse homem dos sonhos *me conhece*. Eu posso ver isso nos olhos dele", disse Sophie, com a voz ainda abalada. "Ele fica me dizendo que eu não posso destruir a aliança. Pelo menos, ainda não."

"É só um sonho, Sophie. Sonhos não são reais."

"Antes de ir para a escola, eu sonhei que um menino bonito, de cabelos esbranquiçados, me amaria, e isso foi real. Sonhei com você como minha inimiga, e isso também foi real", argumentou Sophie. "Sonhos não são apenas sonhos, Agatha. Nesse mundo, não."

"Então, o que você está me dizendo?", Agatha observou o rosto angustiado de Sophie.

"Eu sei por que o homem me impede", Sophie afagou a aliança em seu dedo. "Ele quer que eu tenha certeza de que isso é o certo. Assim como eu e você concordamos em ter certeza do que é o certo, lá na escola. Quando eu souber que é o certo, eu posso destruir a aliança."

"Você está de papo furando, Sophie", disse Agatha, exasperada. "Quando você souber que *o que é* certo?"

Mas agora Agatha via que Sophie não estava afagando a aliança em seu dedo. Sophie estava afagando o nome que estava tatuado por baixo dela.

TEDROS.

Tedros.

Tedros.

Os olhos de Agatha lentamente se arregalaram, as regras do jogo sendo assimiladas por ela. Sophie só destruiria a aliança do Diretor da Escola se tivesse algo pelo qual valesse a pena destruí-la. Antes disso, não.

"Aggie?"

Agatha ergueu os olhos para ela e viu Sophie observando Tedros através de uma fresta na cortina.

"Deve ter sido difícil abrir mão de seu príncipe. Mas foi sua ideia começar outra vez, não foi? Você concordou em abrir mão de Tedros. Você concordou em dar a nós três uma nova chance de encontrar amor", Sophie disse, na defensiva. "E, agora, todos podem chegar a um final feliz, Aggie...

por causa de você.”

O coração de Agatha parou na garganta.

“Não importa com o que eu concordei. Você prometeu destruir a aliança assim que nós deixássemos a escola”

“Eu vou destruir a aliança”, Sophie se virou de volta para Agatha. “Eu vou matar o Rafal, como prometi. E todos os seus amigos do Bem, velhos e novos, estarão seguros para sempre”, ela disse. “Mas eu preciso que o Tedros me dê uma chance como *ele* prometeu. Eu preciso que ele... me beije. Porque quando ele me beijar, ele saberá que eu sou a sua rainha.”

Agatha não conseguia falar, pois compreendia perfeitamente.

Para salvar o Bem, ela tinha que ajudar Sophie a ajudar seu príncipe.

Para salvar o Bem, ela tinha que ajudar sua melhor amiga a ter seu Felizes Para Sempre.

“Mas... mas isso é *trapaça*!”, Agatha relutou, sentindo a raiva aumentar. “Você acha que pode me chantagear? E quanto ao que eu quero? E quanto ao que Tedros quer? Você não pode mudar o que as pessoas sentem!”

Sophie a olhava fixamente.

“Eu te amo muito, Agatha. E eu sei o quanto você ama Teddy.... mas, você? Uma *rainha?”*

A raiva de Agatha foi passando.

“Eu vi a maneira como você olhou para ele naquela torre, Aggie”, disse Sophie. “Você não terá mais o Tedros só para você como rainha. Você terá que compartilhá-lo com um reino inteiro, pelo resto de sua vida. Apenas pense: milhares de olhos em você, a cada segundo de cada dia, observando cada um dos seus gestos, reparando em cada falha, dizendo-lhe que você não é boa o suficiente... Todos ficarão com os dedos apontados para você, assim como em Gavaldon, tudo outra vez, só que mil vezes pior. Tedros vai passar cada momento defendendo por que ele te escolheu como rainha, em vez de fazer o Bem *de verdade*, como um rei deve fazer. Você irá se prejudicar para protegê-lo. Você terá dúvidas se ele é realmente feliz. E será apenas uma questão de tempo até que Tedros também tenha dúvidas quanto a você. A tensão vai piorar e vocês dois estarão no pescoço um do outro, e vão se esquecer do motivo pelo qual achavam que estavam apaixonados. E não tardará, Aggie, para que você vá embora de Camelot no meio da noite, para se libertar — assim como fez Guinevere, deixando seu rei sozinho. Imagine o que isso faria com Tedros. Terminar como o pai dele, solitário e humilhado.

Isso irá *matá-lo*”, Sophie se aproximou mais. “Você não pode ser a rainha dele, Agatha. Você não quer ser. Pelo bem dele.”

“Isso não tem a ver comigo...”, Agatha recuou, sem ar. “Tem a ver com a aliança... com a sua promessa...”

“Eu sei que você vai querer contar tudo isso para ele”, Sophie tocou-lhe o ombro. “Ele talvez até minta para você e finja que vai me dar uma chance... Mas eu saberei se ele estiver fingindo, Aggie. Eu saberei se o beijo é verdadeiro. Portanto, se você quiser a aliança destruída, preciso que me ajude a ganhar o coração dele.”

Agatha se virou, estendendo a mão até a cortina, mas Sophie a deteve.

“Quando o nosso livro de história se fechar, você verá que assim é que deveria ter sido, desde o começo. Tedros e eu, Rei e Rainha de Camelot. Você, nossa amiga fiel e salvadora do Bem, feliz sozinha, como você costumava ser”, ela disse. “Eu sei o que você deve estar pensando. Que eu ainda sou uma bruxa. Que eu ainda sou do Mal. Mas de que outra maneira três pessoas podem ter um final feliz? Você nunca quis ser uma princesa, como eu sempre quis. Você nunca quis um conto de fadas, ou o amor de um menino, ou algo que tivesse qualquer coisa a ver com meninos. Foi quando você foi mais feliz, Aggie. Sem jamais ligar para o que as pessoas pensavam de você, jamais duvidando de si mesma, jamais dando satisfações a ninguém, exceto a si mesma... Você não vê? É assim que cada um de nós consegue obter o que é realmente importante para a gente. Esse é o final que *parece* certo. O último Felizes Para Sempre do nosso conto de fadas”, ela ergueu a mão, com os dedos trêmulos, e tocou o rosto da amiga. “Olhe pra mim, Agatha...”

“Não encoste em mim”, Agatha resfolegou, esforçando-se para puxar o ar. Ela se afastou do toque de Sophie, mas se enroscou nas cortinas, segurando o vão e, emaranhada no tecido, acabou caindo de cara na areia da caverna.

“Poderia ter falado mais alto pra gente ouvir”, a voz de Peter Pan resmungou.

Agatha bateu a areia e viu a Liga inteira reunida atrás da barreira erguida pelo corpo de Hort, fingindo não ter entreouvido.

“Gente velha não tem o melhor dos ouvidos, querida”, disse Chapeuzinho Vermelho. “Não consegui ouvir uma palavra.”

Os outros murmuraram concordando. Então, Agatha deu uma olhada para

Merlin, num canto mais afastado, de rosto tenso e puxando a barba. Talvez ninguém mais da Liga tivesse ouvido sua conversa com Sophie. Mas o mago ouvia tudo.

"Então?", perguntou uma voz profunda.

Era Tedros, sorrindo esperançoso ao lado da Princesa Uma.

"A Sophie está pronta pra fazer?", ele perguntou. "Ela está pronta para destruir a aliança?"

Agatha o viu sorrir mais abertamente, convencida de que ela conseguira algo que ele não tinha conseguido. Mesmo com todas as brigas e os fracassos, seu príncipe ainda confiava mais nela do que nele mesmo. O coração de Agatha derreteu. Nesse momento único e terrível, ela o amou mais que nunca. Tedros viu a mudança em seu rosto e seu sorriso vacilou.

"Ou... nós vamos nos mudar para um novo esconderijo?"

Por cima do ombro dele, Agatha viu Yuba, o gnomo, levando livros de história para a parede dos fundos. Mais histórias antigas, pelo menos dez delas, abertas na última página, novos finais iluminados. Princesas justas assassinadas, príncipes valentes destripados, crianças inteligentes devoradas... Os lábios de Agatha amoleceram. Agora, o Diretor da Escola estava trabalhando mais depressa. Antigos vilões estavam caçando.

Agatha baixou os olhos para a Liga dos Treze, todos a observando atentamente — os maiores heróis do Bem correndo perigo mortal de perder tudo pelo que haviam trabalhado, de perder tudo para o Mal. Será que o final feliz dela varia o de todos eles? Será que sua própria felicidade valia tantas vidas? E será que ela sequer seria feliz, se lutasse contra Sophie por Tedros?

Exatamente como Guinevere, uma voz ecoou.

Exatamente como Guinevere.

Uma centelha verde a distraiu de seus pensamentos e, no espelho de Cinderela, Agatha avistou o reflexo de um olho esmeralda espiando Tedros através da cortina.

Antigos vilões estavam, de fato, caçando. Agatha esperou que o fogo ardesse dentro dela... o vigor para lutar contra Sophie por seu príncipe...

Mas ele não veio.

Pois quando Agatha olhou para os treze heróis que precisavam dela, ela soube que Sophie estava certa. Ela não poderia arriscar suas vidas por uma coroa da qual ela duvidava com toda sua essência... por um reino diante do qual ela inevitavelmente fracassaria... por um rei que acabaria vendo que

tinha cometido um terrível equívoco.

Como ela poderia lutar por algo que seu coração nem queria? Principalmente quando havia uma luta muito maior a ser vencida? Por isso Sophie sempre soube que Agatha concordaria com suas condições. Porque Agatha jamais poderia ser a rainha de Tedros, por mais que ela o amasse. E porque Sophie sabia que, lá no fundo, no âmago de seu ser, Agatha era do Bem. E, quando colocada em teste, Agatha sacrificaria tudo para se manter fiel ao Bem.

Mesmo que isso significasse entregar a batalha para vencer a guerra. Mesmo que isso significasse abrir mão de seu príncipe. Mesmo que isso significasse abrir mão dela.

Agatha ergueu os olhos para Tedros, bem devagar, contendo as lágrimas, e respondeu:

“Nós vamos seguir em frente.”

22
Tudo Velho é Novo Outra Vez

Quando o calor fraco do sol nascente deixou a Sede, a Liga já havia partido.

Agatha ficou embaixo de um antigo carvalho infectado de fungos, a alguns passos do buraco de entrada, vendo doze antigos heróis seguirem caminhos separados pela Floresta, com sacos de roupas, comida e bebida pesando em suas costas. Peter Pan, a Fada Sininho e Cinderela seguiram rumo ao oeste; Pinóquio e Chapeuzinho Vermelho foram para o leste; João e Rosa seguiram para o norte, e Uma, Yuba e o Coelho Branco foram para o sul, com João e Maria empurrando suas cadeiras de rodas frágeis, logo atrás. Tedros parou ao lado de Agatha.

“Logo agora que eu comecei a me afeiçoar aos velhotes”, ele comentou, estremecendo com os cordões da camisa aberta. “Você acha que nós voltaremos a vê-los, Merlin?”

“Espero que sim, querido menino. Porque isso significará que estaremos vivos”, disse o mago, tirando duas capas pretas do chapéu e entregando-lhe uma delas. “Enquanto isso, há questões mais importantes a serem respondidas”, Merlin sutilmente virou-se para Agatha. “Como quando Sophie irá destruir a aliança.”

“O que você acha que ela está esperando?”, perguntou Tedros, relutando com o botão da capa apertada. “Hã... você tem certeza de que essa é a minha?”

Agatha olhou para Merlin, silenciosamente perguntando se eles deveriam contar a verdade para Tedros. Dizer a ele que Sophie havia mentido sobre destruir a aliança. Dizer que ela não mataria o Diretor da Escola até que

Tedros a beijasse e visse o que estava perdendo... até que ele a assumisse como a rainha de Camelot...

Mas Merlin pressionou os lábios fechados e Agatha soube o que o mago estava pensando. Sophie a alertara. Ela saberia se Tedros estava fingindo interesse, antes que ele dissesse uma palavra. E se ela soubesse... não teria volta.

Não, pensou Agatha. Se Sophie fosse destruir a aliança ela teria que ter Tedros de verdade. O nó em seu estômago apertou.

Isso queria dizer que Tedros teria que se apaixonar por ela de verdade.



"Então?", Tedros pressionou, fechando seu último botão com um rugido. "O que ela está esperando?"

Seus lábios nos dela, pensou Agatha. *Seus lábios, que me beijaram, nos dela; seus lábios, que têm gosto de nuvens de baunilha, nos dela; seus lábios, que você jurou para mim, "para sempre", nos dela.*

"Ela precisa de um local seguro", Agatha se virou, "onde possa descansar e pensar", disse ela, rapidamente. "Para ser honesta, isso é o que todos nós precisamos."

"Relaxe, preocupadinha", Tedros tentou lhe confortar, massageando os ombros dela. "Eu sei que você não é uma boa mentirosa, mas isso não vai ser um grande teatro. Apenas aja de forma insegura quando estiver perto de mim, como se não soubesse se pode ser feliz como minha rainha, e eu vou agir como se estivesse me esforçando para escolher entre você e ela."

Agatha ficou olhando para ele.

"M, você disse que a casa segura fica depois de Frostplains?", perguntou Tedros. "Essa é uma jornada de dois dias rumo ao nordeste."

"E a trilha é bem estreita ao passarmos pela Terra do Nunca", acrescentou Merlin. "Como agora vocês são quatro, nós certamente não podemos viajar em bando com o Exército Sinistro à caça...", ele olhou avidamente para

Agatha. “O que significa que teremos de viajar em pares, cada par deixando uma boa distância atrás do outro para evitar chamar atenção.”

“É justo”, Tedros supunha, segurando o pulso de Agatha. “Você lidera o caminho, M, e eu vou caminhar com...”

“Iu-huuu, cheguei!”

Tedros e Agatha se viraram para ver dois braços musculosos levantarem Sophie do buraco da caverna como se ela fosse uma dançarina saindo de dentro de um bolo de aniversário. Ela veio dando pulinhos em volta deles, vestindo uma miniblusa vermelha-paixão, de barriga de fora, uma minissaia preta de couro, um casaco de pele de urso e botas felpudas rosa-bebê.

Os botões da capa de Tedros saltaram, abrindo-a. Agatha soltou sua trouxa.

“Desculpem, queridos, eu precisava de um tempinho para tirar esta manhã do meu cabelo. Consegui fazer umas peças customizadas com o tecido da cortina, os tapetes da sala e a caixinha de costura da Cinderela. No fim das contas, aquela mulher enorme está disposta a trocar *qualquer coisa* por sobra de bacon”, Sophie dizia, enquanto Hort saía da caverna atrás dela. “Agora, o que vocês estavam dizendo sobre formar pares? Eu me lembro de quando o Teddy e eu sentávamos na varada, olhando a Floresta Azul, e ele me contava sobre todos os lugares bonitos da Floresta. Claro que naquela época eu era um menino. Mas agora sou uma menina e ele pode me mostrar em primeira mão.”

Ela fez uma pausa ao perceber o príncipe tentando não olhar para ela.

“São as roupas, não são?”, ela disse, corando. “Eu só pensei que fazia tanto tempo que eu não era eu mesma...”

“Não. Você está muito, muito bem. Pode confiar em mim”, Tedros atalhou, forçando um contato visual direto. “Mas eu vou fazer par com a Agatha. Merlin pode estabelecer o ritmo, à nossa frente, e você pode seguir com o doninha, mantendo distância. Ele é seu guarda-costas, não é?”

“Ah, sim, isso faz sentido, não é?”, o rosto de Sophie entristeceu.

Ela olhou para Agatha pela primeira vez, desde que elas tinham conversado atrás da cortina. Mas não havia expressão de pedido de desculpas no rosto de Sophie, nem sinal de uma Sophie tomada pela culpa, que tentasse justificar tomar seu príncipe. Em vez disso, Sophie olhava impotente para Agatha, como se elas fossem velhas amigas trabalhando por um novo objetivo.

“É só que...”, Sophie começou a falar. “Eu estou bem certa de que Agatha preferiria se você fosse comigo.”

“O quê?”, Tedros fungou.

Agatha encarou Sophie, contendo o impulso de dar uma pedrada na cabeça dela. Porque Agatha sabia que Sophie estava certa: esse era um momento decisivo. Se seguisse pela trilha sozinha com Tedros, então, até que eles chegassem à segurança da casa, em dois dias, Sophie estaria bem mais perto de conseguir seu beijo. Bem mais perto de matar o Diretor da Escola. Isto é, contanto que Tedros não estivesse mais apegado à sua antiga princesa.

“Agatha?”, Tedros apelou, franzindo a testa.

Ela via os olhos de Merlin desviando entre ela, Sophie e o príncipe. Agatha não poderia se atrever a vacilar. Era como um curativo. Ela tinha que se comprometer com a dor e puxar para arrancar.

“Sim”, ela disse de um fôlego. “Leve a Sophie com você, Tedros. Eu vou fazer companhia ao Merlin.”

As bochechas de Tedros coraram de forma instantânea, como uma queimadura do sol.

“Mas o Merlin adora andar sozinho! Isso não faz nenhum sentido. Agatha, são dois dias na parte mais difícil da Floresta, com vilões à solta, dois dias em que teremos de dormir bem perto, protegendo um ao outro de qualquer coisa que possamos encontrar...”, mas a expressão de Agatha não mudou. Então Tedros a segurou pelo braço, chiando em seu ouvido para que Sophie não pudesse ouvir: “Ouça, eu sei que nós concordamos em fingir, mas isso é ir longe demais! Eu sou seu príncipe e não vou perdê-la de vista. Nós precisamos ficar juntos...”.

Agatha se desvencilhou dele. Agora Tedros via em seu rosto. Aquela mesma expressão que ele vira na torre.

“Ai, meu Deus. Você quis dizer para valer, não foi? Você está questionando nosso final feliz de verdade”, ele sussurrou, com os olhos arregalados. “Mas nós estamos tão perto — Camelot está esperando por nós...”

Agatha tentou não olhar para ele, focando, em vez disso, em Sophie, bem atrás dele... focando na aliança que estava em seu dedo... nas milhares de vidas do Bem que dependiam daquela aliança.

“Você e eu já tivemos nossa chance juntos, Tedros, e eu não tenho certeza de que ser sua rainha fará com que nós sejamos felizes”, ela forçou, virando-

se para ele para que Sophie ouvisse. “Sophie assumiu um risco letal ao deixar a escola com você. Você e ela precisam de espaço para se conhecerem novamente.”

Perplexo, Tedros olhou para a arrebatadora Sophie, que olhava cobiçosamente para ele, com o ardor de uma princesa... depois, para Agatha, austera naquela capa preta.

“Você não pode estar falando sério!”, ele retrucou. “Você não quer que Camelot inteira te veja ao meu lado, com a coroa? Você não quer ser o rosto de um reino, como sua rainha legítima?”

“Não”, Agatha disse com a voz rouca, meneando a cabeça. “Eu não quero.”

E nem era mentira. A mágoa de Tedros endureceu como gelo. Ele fez a mesma expressão que ela, severo e resguardado. “Você está certa. Acho que Sophie e eu precisamos mesmo de um tempo juntos”, ele concordou e pegou o braço de Sophie, segurando-o firmemente embaixo do seu, fulminando Agatha com o olhar o tempo todo.

“Venha, Sophie, vamos embora!”

Sophie não poderia ter ficado mais feliz. Ela sorriu para Agatha com gratidão — o mesmo sorriso que tinha naquele primeiro ano, quando Agatha prometeu ajudá-la a conseguir o beijo de Tedros. Agatha não retribuiu o sorriso. Ela saiu caminhando em frente pela trilha, tão bruscamente que Merlin teve de erguer a túnica e correr atrás dela. Conforme Sophie e Tedros ficavam para trás, Agatha podia ouvir a voz de Sophie dizendo:

“Que estranho que a Aggie ainda te chame de Tedros. Era de se pensar que, a essa altura, vocês já teriam apelidos carinhosos...”

Agatha caminhou mais depressa, para não ouvir a resposta de Tedros. Perto do buraco da caverna, Hort olhava tudo boquiaberto, horrorizado.

“ELE? Você vai com *ele?*”, Hort deu guinchou, perdendo a fachada de rebelde supertranquilo. “E quanto a *mim?*”

“Você segue atrás de nós e espanta qualquer perigo, querido!”, Sophie falou alto, sem nem olhar para trás. “É isso que os guarda-costas fazem.”

Hort estufou o peito a ponto de quase explodir de raiva, mas era tarde demais. Sophie já estava toda de chamego com outro menino — um menino de quem Hort viera até aqui para salvá-la — deixando o doninha sozinho na poeira.

Agatha deu uma espiada por cima do ombro. Ela já tinha checado umas

mil vezes nas últimas quatro horas, tentando ver se tudo estava indo bem, mas eles estavam cerca de uma milha para trás, eram apenas pequenas silhuetas de cabelos claros em contraste com o pântano enevoado cor de mostarda. Ela precisava que Sophie destruísse aquela aliança. Precisava que Sophie mantivesse seu lado do acordo, depois que Agatha forçara Tedros a lhe dar uma chance.

Mas, e se Sophie arruinasse tudo?

Subitamente, Agatha sentiu-se como a velha Agatha: a Agatha que estudava os livros de feitiços e passava cola para Sophie disfarçada de barata, a Agatha que moveu céus e terra para fazer com que Tedros beijasse sua melhor amiga e as mandasse de volta para casa. Mas seus planos falharam naquela época e falhariam agora se a nova Sophie agisse, de alguma forma, como a velha Sophie. Porque Tedros não beijaria aquela Sophie, nem antes, nem agora.

Agatha voltou a olhar para trás, ansiosa... Então tropeçou violentamente, escorregando com suas botas novas na terra molhada, e foi parar dentro de um charco de água preta. Um capim alto bateu em seu rosto que nem um chicote. Cerrando os dentes, ela voltou à trilha enlameada de pântanos amarelados, correndo atrás de Merlin que já estava tão impaciente com a distração dela, que sempre ficava para trás, que agora ele nem a esperava mais.

Mas a mente de Agatha não conseguia parar de confabular. Por um lado, ela e Merlin precisavam que Tedros beijasse Sophie. Por outro, ela quase tinha vontade de vomitar só de pensar em Tedros beijando aquela mentirosa, traidora... Agatha sentiu uma pontada de dor nas costelas, uma fisgada que costumava sentir quando seus pensamentos seguiam pelo caminho errado.

Ela vinha demonizando Sophie como a antiga Sophie, a bruxa do Mal Sophie, ainda tramando para ter um príncipe. Mas ela tinha tentado ver a história do ponto de vista de Sophie? Atrás da cortina, lá na caverna, Sophie parecera tão arrependida, como se soubesse que era errado o que estava fazendo. Ainda assim, como frisou Sophie, para começar tudo isso era culpa de Agatha. Foi ela que deu uma chance para Tedros recomeçar do zero, lá na torre, mesmo que, naquele momento, Tedros não soubesse de nada. Foi ela que deu um novo começo para todos eles quando hesitou em ser rainha. E diante de um novo começo, de uma página em branco, Sophie tinha feito o que qualquer um que tivesse uma segunda chance em seu conto de fadas

faria, exatamente como os antigos vilões da Escola do Velho. Eles tinham voltado para instante exato em que suas histórias começaram a dar errado. E o momento de Sophie foi quando ela quase ganhou o beijo de Tedros, dois anos antes, só para perdê-lo em seguida.

Todo esse tempo, Agatha tinha acreditado que ela e Tedros eram os verdadeiros amores desse conto de fadas. Que Sophie nunca esteve destinada a ganhar o beijo do príncipe no primeiro ano.

Mas, e se Sophie estivesse certa? Agatha ponderou. *E se Sophie for o verdadeiro amor de Tedros, e nós tomamos um rumo errado? E se o Tedros jamais estivesse destinado a ficar comigo?*

Agatha sentiu um vazio no peito. A expressão em seu rosto foi abrandada pela compreensão. A única forma de saber era deixar que Sophie e Tedros ficassem juntos. Se em vez de odiar Sophie por tentar ser a rainha dele, Agatha lhe *desse* essa chance, assim como havia prometido para a amiga na Torre do Diretor da Escola. Por um mês, Agatha teve Tedros só para si, o que acabou sendo um período de tensão e mal-entendidos, com um futuro nebuloso e cheio de dúvidas. Ela teve sua chance de tentar ser feliz com ele e não conseguiu achar o FIM. Agora era a vez de Sophie.

E se o beijo deles for real? E se o nome dele gravado na pele dela estiver correto?

E se o Tedros realmente for o verdadeiro amor de Sophie?

Agatha prendeu a respiração.

Então, estou destinada a ficar sozinha.

Ela parou subitamente e olhou por cima do ombro, mas agora não conseguia mais ver Sophie e Tedros em meio à paisagem das águas.

"Querida garota, será uma estrada muito longa se você passar mais tempo olhando para trás do que pra *frente*."

Agatha se virou para ver Merlin bem diante na trilha. Encoberto pela neblina, com uma expressão séria, o chapéu em cone desajeitado, e caminhando com uma bengala na mão, ele parecia um Grande Mago Branco dos livros épicos de história, alguém que possuía todas as respostas. Então, uma abelha pousou em seu nariz e ele saiu correndo pelo caminho, espantando-a e xingando, com sua túnica e as meias de tom verde-limão.

Agatha suspirou. Ou Merlin tinha ficado velho demais para ser um Grande Mago Branco ou, sei lá, vai ver ela tinha ficado velha demais para acreditar em respostas.

“O que vai acontecer com os membros da Liga?”, ela perguntou quando eles estavam novamente lado a lado. “Yuba estava juntando mais livros de história — todos eles tinham novos finais.”

“Onze. Mais onze mortos, incluindo Jack Horner, o Gato de Botas, e Anya, a Pequena Sereia, todos encontrados já velhos e despachados por seus inimigos que regressaram das sepulturas”, disse Merlin, sério, limpando os óculos embaçados pela neblina. “Era somente uma questão de tempo até que o Exército Sinistro começasse a ter mais sucesso ao encontrar seus alvos. Mas confio que os membros de nossa Liga irão sobreviver na Floresta até que Sophie decida destruir a aliança. Houve um dia em que aqueles mesmos heróis foram treinados na Floresta Azul, exatamente como vocês. A única diferença é que eles conseguiram chegar à formatura sem que o mundo acabasse”, ele deu um sorriso brincalhão.

Para Agatha, até agora, parecera fantástico demais, coisa de desenho animado, pensar que o sol que se levantava e se punha a cada dia, há milhares de anos, estivesse derretendo por causa *deles*. Mas o tom da voz de Merlin subitamente tornou aquilo real.

“O que acontece se ficar escuro?”, ela olhou para o pequeno círculo dourado no céu sem cor, tão fraco que ela podia olhar diretamente pra ele. “Já quase não há nenhuma luz na Floresta.”

“Quando o último raio de luz pingar, o sol vai mergulhar no horizonte e nosso mundo vai se extinguir como uma vela afundando no mar”, explicou o mago. “Toda história precisa terminar, Agatha. É dessa forma que a terra das histórias se mantém viva. Mas seu conto de fadas *desfaz* os finais: primeiro, você e Sophie; depois, você e Tedros. Bem, agora está chegando a hora desse conto de fadas realmente acabar e ganhar seu lugar na tradição eterna —, ou, então, se tornar o último Para Sempre de todos nós.”

“Quanto tempo nós temos?”, perguntou Agatha, enquanto a trilha pantanosa ia se tornando mais firme e seca sob seus pés. “Para que Sophie beije Tedros?”

“Ele está derretendo mais depressa”, Merlin deu uma olhada investigativa para o sol. “No máximo, três semanas. Talvez nem dure até a coroação do menino. Mas, talvez, esse seja outro segredo que teremos que esconder dele até que o Diretor da Escola esteja morto”, Merlin tirou um pirulito cor de pêssego do chapéu e o viu coberto de mofo. “Até a melhor das mágicas parece estar perdendo seu esplendor”, murmurou.

“Isso não faz sentido”, Agatha resmungou, enquanto a trilha se inclinava morro acima. “Por que o Diretor da Escola não veio atrás da gente? Se ele sabia que a Sophie poderia destruir a aliança, por que ele não tentou mantê-la na escola?”

Merlin lançou-lhe um olhar curioso, mas não disse nada. Agatha não fez mais perguntas enquanto eles saíam dos Pântanos e entravam em Gillikin, ou na periferia de Oz, o reino famoso por sua Cidade das Esmeraldas. As colinas de Gillikin eram íngremes e roxas, manchadas de rajadas cor de açafrão, e a cidade verde reluzente do vale quase não era visível por trás dos muros de tijolos amarelos erguidos para manter o Exército Sinistro do lado de fora.

Agatha olhou para trás, tentando avistar Tedros e Sophie lá embaixo, na colina, até ver Merlin de olho nela, o que a forçou a manter os olhos focados adiante. Eles escalaram as colinas roxas durante uma hora, e Agatha se coçava com o que parecia uma quantidade imensa de pólen invisível, antes que Merlin voltasse a falar.

“Agatha, já que temos um tempinho antes da hora do almoço, e eu sei que você está precisando muito de uma distração, posso lhe pedir que me conte novamente os acontecimentos de ontem à noite? Estou particularmente interessado em qualquer coisa que você possa ter descoberto a respeito do Diretor da Escola.”

Agatha conteve o instinto de checar Sophie e Tedros pela última vez e respirou fundo. Ela contou a Merlin cada detalhe do que havia acontecido depois que eles deixaram para trás os portões verdes do Mal. Revelou como ela e Tedros fizeram as pazes antes de seguirem caminhos separados como Edgar e Essa, como eles se beijaram como menino e menina, em vez de menina e menino, e como Hester a salvara de uma noite com Aric, no calabouço. Ela explicou como os empalhados do telhado da Torre da Honra agora representavam a história de Tedros em vez da história de seu pai, como ela ludibriou seu próprio reflexo na Ponte do Meio do Caminho, e como os antigos vilões haviam desfigurado os retratos de outros alunos. Ela falou das turmas da Escola do Velho, incluindo a avaliação dos vilões de erros passados e os mapas que demarcavam os paradeiros de seus inimigos do Bem. Ela falou sobre como encontrou a Excalibur na pintura de Sader, da revelação do Diretor da Escola sobre o Mundo dos Leitores, e do lindo menino de cabelos brancos chamado Rafal, que permaneceu calmo e tranquilo, junto à janela, enquanto via Sophie fugir. E quando terminou,

Agatha teve de se esforçar para recuperar o fôlego, porque ela tinha ficado tão perdida na história que não percebera que eles já tinham subido o morro mais alto de Gillikin, com uma porção de tulipas brancas murchas em seu topo.

"Rafal disse que um dia Sophie voltaria para ele", Agatha disse ofegante, abanando a mão para afastar o pólen. "Talvez por isso ele não tenha ido atrás dela. Ele não entende o quanto Sophie ama Tedros."

"Ou talvez ele entenda *exatamente* o quanto ela ama Tedros", observou Merlin, vagamente, preparando um piquenique para o almoço por cima das flores amassadas, com torta de frango e salada de agrião.

"O que você quer diz... Espere, nós vamos comer *aqui?* No meio do dia, com vilões mortos-vivos à solta?"

"As fadas Gillikin são as vigias mais fidedignas de um Sempre", Merlin ergueu um punhado de talos de agrião. "Vocês vão ficar de olho para nós, não vão, Gillies?"

Agatha o viu acenando os legumes no ar, convencida de que o velho havia finalmente perdido o juízo. Mas, então, ela notou o agrião sendo consumido na mão dele, como se estivesse sendo magicamente comido por algo...

"*Invisível*", Agatha exclamou, dando um sorriso radiante. "Não é pólen! *São fadas*!"

Ela olhou para cima, para o ar cinzento e pardo e o imaginou brilhando com milhares e milhares de asinhas diáfanas e corpinhos fantásticos. Houve uma época em que ela julgava as fadas como insetos fêmeas insípidas (ela engoliu uma, em seu primeiro dia de aula), mas, agora, ela daria qualquer coisa para ver as pequenas Gillies, mesmo que só por um instante. Ela estendeu o braço e sentiu que elas a percorriam, causando arrepios em sua pele, e seu sorriso aumentava enquanto ela ouvia a batida de suas asinhas... Então, o sorriso desapareceu. Ela viu Sophie e Tedros no vale, numa colina distante, seus corpos louros próximos enquanto caminhavam.

"Merlin, eu...", as palavras ficaram entaladas em sua garganta. "Eu... estou fazendo a coisa certa?"

Merlin observou as pequenas silhuetas de Sophie e Tedros, dando um gole na taça de vinho que havia tirado do chapéu.

"Deixe-me lhe contar uma história sobre o pai de Tedros, Agatha. Anos depois que Tedros havia nascido, um dia o Rei Arthur veio até minha caverna

exigindo um feitiço para espionar Guinevere, sua rainha. Ele estava bem certo de que ela andava se ausentando do castelo à noite por algumas horas, e queria ver aonde ela estava indo. Ora, as ansiedades de Arthur quanto a Guinevere não eram novas. Mesmo quando eles eram alunos da Escola do Bem, ele armou esquemas e fez tudo o que pôde para garantir que ela o escolheria como seu verdadeiro amor. À época, havia um forte concorrente, um jovem cavaleiro em treinamento chamado Lancelot, que além de ser amante de livros e de animais, assim como Guinevere, também era o melhor amigo de Arthur. Arthur certamente notava a atração entre os dois, mas fazia questão de deixar bem claro para Lancelot suas intenções em relação à Guinevere, e de que não aceitaria ser contrariado. Além disso, segundo sua opinião, Lancelot não era páreo para ele quando se tratava de coisas importantes para uma garota: aparência, linhagem, dinheiro, fama... Então, quando Guinevere e Arthur foram classificados como Líderes, e Lancelot como Auxiliar do futuro rei, Arthur convenceu Guinevere de que ele era a escolha certa como marido. Como ela poderia se casar com Lancelot — agora, um cavaleiro do rei —, quando poderia ter o próprio rei? Do jeito que Arthur colocou, Camelot *precisava* de Guinevere: ele não aceitaria nenhuma outra rainha, e ela tinha como dever ao Bem casar-se com ele. Nenhuma garota poderia se manter firme contra tais palavras, não quando elas vinham de um menino tão espirituoso, determinado e poderoso quanto Arthur."

"Os dois se casaram numa cerimônia resplandecente e logo tiveram o belo principezinho que Arthur desejava. E, no entanto, mesmo com a rainha de seus sonhos, Arthur não conseguia abandonar as desconfianças. Assim como fazia quando adolescente, na escola, ele tentou controlar Guinevere, mandou que ela fosse seguida para ter certeza de que ela o amava e somente a ele. Porém, ele ainda não conseguia dormir tranquilo, como se soubesse que a forçara a aceitá-lo. Até o momento em que ele chegou à minha caverna, exigindo um feitiço para verificar a lealdade dela, ele era um homem zangado e obcecado, com a alma possuída pelo medo e pelo ciúme. Naquele dia, eu disse ao Arthur que só havia um feitiço para curar seu apuro, depois de todos aqueles anos... ele tinha de deixar Guinevere sair do castelo à noite e fazer exatamente o que ela desejasse", Merlin fez uma pausa e deu um sorriso triste.

"Arthur ficou apoplético, é claro. Eu lhe disse que por dez anos ele havia tentado controlar seu conto de fadas com Guinevere, negando a ela a sua

própria história, somente para quase acabar maluco. Um homem não pode forçar seu próprio destino. Pode, apenas, retardá-lo. Todos aqueles anos, ele foi consumido, aterrorizado, pela possibilidade de que Guinevere não o amasse, mas a única maneira de superar o medo seria permitir que a verdade surgisse. Impedir que Guinevere encontrasse seu verdadeiro amor — fosse Arthur ou outra pessoa — significava que nem Arthur nem sua rainha jamais seriam felizes; nenhum dos dois jamais saberia se o amor deles era *real*. A ferida seria reaberta repetidamente, e os dois ficariam se punindo por um conto de fadas privado de seu verdadeiro fim", o mago tomou o restinho de seu vinho.

"Desnecessário dizer que Arthur achou tudo isso uma conversa traiçoeira e insensata e saiu de minha caverna jurando estar farto de mim. De fato, foi isso que o levou a roubar o feitiço da troca de sexo da minha caverna. Não tardou para que Guinevere partisse com Lancelot, Arthur colocasse uma recompensa na cabeça de sua própria rainha e eu tivesse de abandonar o precioso menino que eu havia criado desde a infância, para jamais voltar a vê-lo."

Merlin finalmente olhou para Agatha, com os olhos azuis brilhando.

"Agora, Tedros está revivendo a história do pai diante dos nossos olhos. Realmente, quando ele se tornar rei, herdará a sentença de morte da própria mãe. Só que dessa vez, você que está no lugar de Guinevere, incerta quanto a ser a rainha do filho dela, da mesma forma como ela se sentiu incerta de ser a rainha do pai dele. Mas Guinevere não foi forte o suficiente para ser honesta com Arthur, mesmo sabendo que não poderia ser feliz em Camelot. Ao fracassar em ser verdadeira consigo mesma, ela foi tão culpada quanto o rei. Mas você é uma menina muito, muito sábia, Agatha. E Tedros tem sorte por ter encontrado você, pois a diferença entre você e a mãe dele é que você está disposta a questionar sua história à medida que a vivencia — e, consequentemente, fazer com que a história pare de se repetir. Você tem uma bússola na alma direcionando-a para o Bem, mesmo que isso signifique ver seu amado príncipe livre para sair à noite e deixar que ele teste seu próprio amor. Mesmo que isso signifique talvez perdê-lo no FIM. Porque nenhum de vocês, nem eu, sabemos o que irá acontecer, Agatha. Nenhum de nós sabe se suas dúvidas quanto a ser uma rainha têm fundamento, ou se a Sophie é mesmo o verdadeiro amor de Tedros, ou se Sophie vai destruir a aliança. Mas, ao contrário de Arthur naquele dia em que veio até minha caverna, você

está disposta a abrir mão do antigo e aceitar o desconhecido do novo. E isso é o que manterá o Bem vivo, independentemente do Mal que vier."

Agatha agora estava aos prantos, limpando lágrimas sepulcrais, como se não conseguisse suportar o peso das palavras de Merlin. Ele a envolveu nos braços, deixando que ela chorasse, até que ele ouviu a menina assoando o nariz na sua túnica e precisou empurrar uma caneca de pudim de pistache na frente dela, para distraí-la. Ela riu, em meio às fungadas, e pousou a cabeça no ombro do mago, mergulhando a colher no creme verde e doce.

"Sabe, eu não sou tão do Bem assim", disse ela. "No primeiro dia de aula, naqueles corredores de doce, eu comi parte de uma sala de aula."

Agora foi a vez de Merlin rir.

"Eu também, minha querida. Eu também."

Mais riso ecoou atrás deles, que se viraram e viram Sophie e Tedros chegando ao topo da colina, ambos às gargalhadas.

"E lá estava eu, num corpo de menina, com uma tintura de cabelo tão ruim que o Merlin só podia estar brincando, tinha acabado de sair de uma montanha-russa de chocolate, guiado por um rato, com um discurso preparado para fazer a você, e antes que eu pudesse dizer uma *palavra*, lá veio você, pum, dando uma porretada na minha cabeça..."

Sophie estava rindo tanto que precisou segurar a barriga.

"Bem, se eu soubesse que você precisou tocar um dos ratos da Anadil!"

"Ele fez xixi em mim durante todo o trajeto!", Tedros agora quase nem conseguia falar. "A pior parte é que... o discurso que eu tinha preparado era muito, muito *bom*!"

Sophie se aninhou a ele, uivando de tanto rir. Agatha nunca tinha visto Tedros rir tanto assim com ela. Ela nunca tinha visto seu príncipe tão alegre e relaxado. Até Sophie parecia muito livre e sincera, como se ela e Tedros tivessem sua própria história e intimidade, algo que Agatha não conhecia. Agatha se sentiu subitamente enjoada, com vontade de se atracar a Tedros e afastá-lo de Sophie...

Mas o eco das palavras de Merlin a impedira como uma rajada de vento. Ela sentiu seus velhos ressentimentos dando lugar à nova verdade do momento: a visão de seus dois melhores amigos seguros e felizes, rindo de uma história ridícula... e antes que pudesse evitar, Agatha também estava rindo. O príncipe ergueu os olhos, surpreso, e parou de rir.

"Minha nossa", Sophie exclamou, seguindo os olhos dele até Merlin e

Agatha. “Ou nós somos rápidos demais, ou vocês é que são muito lentos.”

“Conhecendo-nos, acho que é um pouquinho de cada”, Agatha respondeu.

Sophie ficou olhando pra ela, quase sem respirar, na expectativa de uma resposta amarga. Em vez disso, Agatha sorriu. O rosto de Sophie se iluminou como se ela tivesse sentido uma mudança silenciosa entre elas. Tedros, por outro lado, lançou um olhar gélido a Agatha.

“Nem tão depressa, nem tão devagar, com diria a Cachinhos de Ouro, mas na medida certa”, interveio Merlin, tirando mais pratos de comida do chapéu. “Queríamos que vocês dois nos alcançassem e tivessem uma refeição quente. Tedros, aqui tem torta de frango e alguns legumes frescos para você e Sophie, enquanto Agatha e eu retomamos nossa jornada. Amanhã, nos encontraremos numa casa segura, até o pôr do sol. Venha, Agatha...”

Mas Agatha estava olhando o horizonte.

“O que é aquilo?”

Sophie estreitou os olhos para as colinas roxas e viu a sombra de Hort se arrastando pela trilha.

“Ah, ele ficará bem. O pai dele era um pirata, pelo amor de...”

“Não”, Agatha interrompeu. “*Aquilo*.”

Ela estava observando uma miragem ao longe, muito longe, quase imperceptível em contraste com o céu cinzento. As cores eram sutis e impressionistas, como aquelas das pinturas de August Sader, mas Agatha identificou os traços de uma vila: casinhas com telhados pontudos, uma escola amarela, uma torre torta com um relógio, protegida por uma bolha... Seu queixo caiu.

“Gavaldon. Aquilo é... *Gavaldon*.”

“Parte dela, pelo menos”, Merlin concordou.

Agatha olhou para ele, subitamente entendendo.

“Cada antiga história modificada faz com que ele fique mais perto do Mundo dos Leitores. Foi isso que ele disse.”

“E foi o que ele quis dizer, literalmente”, disse o mago. “Parece que seus colegas Leitores estão *lendo* as novas histórias dele.”

Agatha e Sophie pareciam confusas.

“Vejam, contanto que os Leitores acreditem nos antigos contos de fadas e no poder do Bem triunfar sobre o Mal, o Diretor da Escola não tem acesso ao mundo deles, a não ser para levar dois alunos para a escola a cada quatro

anos. Na verdade, ele mesmo confessou essa fraqueza à Agatha", disse Merlin, observando cuidadosamente a miragem. "Porém, uma vez que os Leitores leiam novas histórias e comecem a perder a fé no Bem, o mundo deles fica cada vez mais próximo do alcance do Diretor da Escola. Com a morte de cada herói, esse escudo protetor vai se enfraquecer e a miragem se tornará mais nítida, até que os últimos portões irão se abrir para seu Exército Sinistro. Há algo em sua vila que o jovem Diretor da Escola precisa para completar seu conto de fadas. Algo que ele precisa para destruir o Bem para sempre. E, seja o que for, isso é algo que ele certamente obterá... a menos que nós destruamos aquela *aliança*."

Merlin, Agatha e Tedros se viraram para Sophie.

"Eu não entendo, Sophie", disse Tedros, olhando fixamente para a argola de ouro em volta do dedo dela. "O que você está esperando?"

Sophie se irritou.

"Teddy, olhe, querido! Que almoço adorável o Merlin nos serviu! Você deve estar faminto", ela o puxou para baixo, forçando-o a se sentar na toalha do piquenique antes de erguer os olhos para Agatha. "É melhor que você e Merlin sigam o caminho, não é, Aggie? Não vão querer que algum vilão nos pegue aqui em plena luz do dia."

Agatha viu que Merlin estava prestes a explicar a maravilha das fadas Gillikin, mas ela o cutucou e Merlin sorriu tolamente, entendendo a dica. Mais tarde, enquanto os dois atravessavam o vilarejo de Urthur, pulando por entre o que parecia um imenso tabuleiro de poças d'água, Agatha viu que Merlin ainda estava sorrindo. Ela imaginou que fosse por haver algo de primitivo em pular poças que refletiam o pôr do sol rosa e azul, errando algumas e espirrando água em meio às risadinhas, como duas crianças pulando amarelinha.

Mas Merlin não estava rindo de nada disso. Ele estava sorrindo para Agatha. Não somente porque foi ela que soubera dar aos amigos a privacidade naquela colina, e não ele, ou por ser ele, o mago, que estava ofegante, tentando manter o ritmo da aluna...

Mas porque durante as quatro horas desde que ela deixara seu príncipe e sua amiga sozinhos em sua própria história, a jovem Agatha não havia olhado para trás, nenhuma vez.

23
Duas Rainhas

Sophie ficou observando enquanto Agatha se distanciava na trilha, cada vez menor, até virar um pontinho no horizonte.

“Sophie, só vou levar trinta segundos!”

“Absolutamente não!”, Sophie virou-se para Tedros. “Eu não vou ficar olhando você *urinar* em plena luz dia.”

“Por que você não pode ficar de costas?”

“E ficar ouvindo? Como se eu estivesse dentro de um estábulo de cavalos?”

“Sophie, se eu não fizer xixi, eu vou explodir, e não posso deixá-la sozinha numa colina, mesmo com as fadas Gillies vigiando”, Tedros sentiu o cheiro da torta de frango e se remexeu, desconfortável dentro das calças. “Imagine se um dos zumbis aparecer?”

“Então, eu vou me defender, muito obrigada. Além disso, não consigo pensar em nada mais desprezível do que você se balançando de um lado para o outro, segurando as calças como se estivesse fazendo algum tipo de dança interpretativa”, concluiu Sophie, estendendo a mão para pegar o agrião, só para vê-lo ser magicamente devorado. “Essas fadas chegam num instante. Agora, ande logo, antes que o Hort chegue aqui e o desafie para um duelo.”

Tedros ficou parado, enquanto Sophie mordiscava uma folha de agrião.

“Não coma a torta inteira”, ele avisou.

Sophie sorriu timidamente e ficou vendo o príncipe disparar colina abaixo. Além dos topos das colinas, ela avistou parte de Gavaldon, atrás de um campo protetor, e seu sorriso murchou.

Eu preciso destruí-lo logo, pensou ela.

Antigos heróis estavam morrendo por sua causa, as histórias do Bem estavam se transformando em histórias do Mal por sua causa, os Leitores corriam perigo por sua causa. Ao esmagar a aliança, aqui e agora, com a Excalibur, o conto de fadas terminaria antes que Rafal conseguisse chegar a Gavaldon — o livro de história seria fechado, o Bem e o Mal voltariam a ser como antes.



Sophie beliscava a torta, nervosamente. Ela não podia fazer isso.

Primeiro, ela precisava daquele beijo. Depois que Tedros a beijasse, ele sentiria algo nos lábios dos dois, como uma resposta para uma charada: que eles foram feitos um para o outro desde o dia em que fixaram o olhar na cerimônia de Boas-Vindas.

Mas se destruísse a aliança sem o beijo, ela não teria nada que garantisse seu Felizes Para Sempre. Não importa quantas vidas de heróis estavam em jogo, ela não poderia jogar seu próprio final feliz para salvar o deles. Martírio soava Bem na teoria, mas, na realidade, era algo sem sentido, idealista e insano. Mesmo com todo o Bem em perigo, ninguém em juízo perfeito estaria disposto a sacrificar seu verdadeiro amor...

Agatha sim, pensou Sophie. Agatha faria o que fosse preciso para salvar o Bem, exatamente como fizera, de coração, ao deixar que sua melhor amiga e Tedros tivessem uma chance do Felizes Para Sempre, arriscando o seu próprio final feliz... Enquanto Sophie havia tentado matar Agatha pela mesma afronta.

Eu sou do Mal. Sophie engoliu em seco. *Decididamente do Mal*. Então, o que a fazia pensar que ela poderia terminar com o maior príncipe do Bem?

Ela afagou o nome de Tedros em sua pele, sob a aliança fria de metal. Seu coração havia jurado que ele era seu verdadeiro amor. *E os corações não mentem*.

“Eu estava brincando quanto a você comer a torta”, ela ouviu uma voz de

menino atrás dela. “Mas acho que eu não deveria ter brincado.”

Sophie percebeu que tinha comido quase tudo.

“É fome de estresse”, resmungou ela, erguendo os olhos para Tedros, com o sol por trás, deixando seu rosto na sombra e o vento. Ele puxou a Excalibur da cintura e o brilho da lâmina prateada quase cegou Sophie.

“Um golpe e nós cuidaremos de todos os nossos estresses. Só isso que precisamos de você, Sophie. Um golpe forte.”

Sophie começou a remexer os pratos do piquenique, colocando todas as sobras num só prato.

“É melhor a gente ir andando. A essa altura, os outros dois devem estar bem longe.”

“Eu não entendo as garotas”, disse Tedros, sentando-se sobre uma porção de tulipas murchas. “Você deixa Rafal, mas não quer destruir a aliança. Você contrata o Hort como seu guarda-costas, mas quer viajar comigo. Você age como se vivesse de ar e folhas, mas saqueia uma torta inteira em vinte segundos. Não que eu esteja reclamando. Muitas garotas Sempre não comem na frente de meninos porque acham que isso faz com que elas pareçam, eu não sei... *humanas?* Pode acreditar. Todo menino prefere ter uma garota que come.”

“Então é por isso que você e a Agatha se dão bem. Já vi aquela menina devorar linguiça frita no alho”, disse Sophie, lembrando-se de como ela perturbara Agatha, durante horas depois, por conta de seu hálito. “Ah, Agatha...”, sussurrou ela. “Tola e maravilhosa Agatha.”

Ela ergueu os olhos e viu Tedros se retrair, como se o nome de Agatha tivesse lhe dado uma pontada. O príncipe percebeu que ela o observava e desviou o olhar.

“Você está certa. É melhor que a gente não demore até que o doninha chegue.”

“Ele vai estar com fome, não é?”, disse Sophie, juntando tulipas mortas num montinho e colocando o prato com as sobras em cima, para que Hort não deixasse de vê-lo. “Ele é realmente um menino legal. Só quer me proteger para que eu não me magoe, mesmo que não me ame mais. Ele abriu seu coração comigo no banho a vapor, lá na escola. Bem, depois de tudo que eu já fiz pra ele, garantir que ele tenha almoço é o mínimo que eu posso fazer”, ela limpou os joelhos e se levantou, e viu Tedros parado no caminho com um sorriso malicioso. “O que foi?”.

“Quem poderia imaginar que você tem sentimentos?”, disse ele, admirado, e seguiu escalando na frente.

Sophie corou de surpresa.

Talvez, só um pinguinho do Bem, no fim das contas, ela pensou.

“E quem diria que você tomou banho a vapor com o *Hort*?”, ela ainda ouviu Tedros dizer.

Graças aos Céus que pelo menos dessa vez eu estou com os calçados apropriados, pensou Sophie, seguindo pela trilha com suas botas cor-de-rosa.

Eles estavam caminhando sem parar há seis horas, só com pequenos intervalos para encher as latas de água e descansar os joelhos exaustos. (Sophie fez algumas poses de ioga para se alongar, até que viu Tedros olhando pasmo e concluiu que era melhor praticar ioga sozinha.) Agora já estava escuro e só dava para enxergar a trilha com as brasas mágicas de luz branca que Merlin havia deixado pelo caminho, como farelos de pão. Antes de partirem da Sede da Liga, o mago lhes avisara que quando chegassem ao último farelo da trilha, esse era o sinal para que acampassem para passar a noite.

Desde Gillikin, a trilha os conduzira para fora da fortaleza dos Sempre e para dentro do território dos Nunca — em Ravenbow, durante a tarde, com seus rios escaldantes de sangue e castelos de ossos; depois, Magalae, no pôr do sol, com suas pontes de cordas sobre fossos cheios de crocodilos, e Drupathi, sob o luar, uma terra de laranjeiras e frutas cor de mamão, completamente deslocada em meio à sinistra Terra do Nunca e a Floresta Moribunda; até que Sophie avistara as dunas de moscas mortas, embaixo das árvores, e percebeu que tudo ali era nocivo.

Por todo o caminho, ao atravessarem a Terra do Nunca, Sophie via pares de olhos piscando ao longo da trilha, amarelos, vermelhos e verdes, acompanhados de rugidos e chiados vindos da vegetação rasteira. Apesar disso, nada os atacara e ela achava que, contanto que eles permanecessem dentro dos limites da luz de Merlin, estariam fora de perigo.

“Ora, por favor, ninguém tem medo da mágica do velho mago”, Tedros fungou. “Eles temem um príncipe robusto com a espada de seu pai. Até que o Mal de fato consiga selar um Infelizes Para Sempre, eles sabem que o Bem ainda ganha, sempre.”

“Diga isso aos vilões zumbis mortos-vivos que nada têm a perder”,

retrucou Sophie. “Você sabe que casa segura é essa para onde o Merlin está nos levando?“

“Não faço a menor ideia. Se você quer minha opinião, lugar nenhum na Floresta é seguro.”

“E quanto àquele céu roxo estranho onde nós nos escondemos durante a fuga?”

“O Celestium? É somente um lugar para o Merlin pensar. O ar lá em cima é rarefeito demais para se respirar por mais de algumas horas. Mesmo que houvesse uma casa segura em algum lugar da Floresta, o Exército Sinistro poderia facilmente nos encontrar. Tem que ser um lugar que ninguém conhece. Um lugar onde o Merlin já guardou segredos”, Tedros parou e exalou frustrado. “Você não vai mesmo me contar por que ainda está usando essa aliança?”

“O seu aniversário é em algumas semanas, não é?”, Sophie deu meia volta, espertamente. “Não se admira que você esteja sendo tão cuidadoso quanto à a escolha de uma princesa.”

Tedros hesitou, como se estivesse incerto quanto a prosseguir com o primeiro assunto ou com o novo.

“Estou pronto para ser rei”, ele disse, finalmente prosseguindo. “Agora já estou órfão há anos, portanto não sou um daqueles meninos mimados, cheios de proteção, que se colocam em primeiro lugar, antes de seu povo, como fazem alguns reis jovens. Não que as pessoas estejam esperando muita coisa. Camelot está jogada às traças desde que meu pai morreu. O Conselho dele deveria administrar o reino até que eu completasse 16 anos, mas, em vez disso, eles estão deixando o povo passar fome, executando dissidentes e pilhando o ouro. Não importa. Vou jogá-los na masmorra no meu primeiro dia de reinado”, ele olhou para Sophie. “Nós vamos reerguer o reino de meu pai e deixá-lo como novo outra vez.”

Um choque cinético percorreu o corpo de Sophie como um raio.

“*Nós vamos?*”

Será que havia escapulido? Ou foi deliberado? Ela viu Tedros olhando, como se esperasse que ela prosseguisse a conversa que ele havia iniciado.

“Ah, eu tenho certeza de que nós... você... sim, será glorioso, não?”, Sophie murmurou. “Mas, e quanto à sua mãe? Ano passado você disse que havia uma sentença de morte...”

“Nem penso nisso”, Tedros respondeu. “De qualquer maneira, a essa

altura, ela já deve estar morta. Ninguém nunca mais viu minha mãe nem Lancelot depois da noite em que eles fugiram.”

“Ao assumir a coroa, um dos seus deveres é executar sua mãe. Isso é algo em que você nem pensa?”, Sophie ergueu as sobrancelhas.

“Olha, minha mãe é uma desertora fria e egoísta, mas ela não é uma vilã”, disse Tedros, soprando os fios de cabelos louros que lhe caíam sobre a testa. “O último lugar para onde ela voltaria seria Camelot, sabendo que seu filho teria que matá-la”, o rosto dele ficou sombrio. “Mas isso não impede que ela invada os meus sonhos.”

Sophie sabia o que era ser assombrada por uma mãe que havia partido para sempre.

“Como ela era? Lindíssima, eu imagino.”

“Na verdade não. Isso que é estranho. Meu pai era muito mais bonito, dinâmico e divertido. Minha mãe era magricela, ansiosa e introvertida. Só ganhava vida quando falava de livros ou estava cuidando dos animais. Não tenho ideia do motivo por que meu pai, ou qualquer outro homem, a paparicava”, disse Tedros, fazendo uma careta. “Mas, bem feito para o meu pai, por escolher uma garota que não era boa o suficiente. Lancelot era mais do nível da minha mãe. Tinha uma cara horrível, o pobre homem, mas era simplório e um cavaleiro vigoroso. Creio que a mediocridade precisa de mediocridade.”

“Não consigo simpatizar com isso”, Sophie suspirou. “Você poderia se imaginar trocando alguém carismático e bonito por alguém perfeitamente comum?”

Ela viu Tedros desviar o olhar, como se estivesse concluindo essa conversa. Sophie subitamente entendeu. Tedros não precisava imaginar ter que trocar alguém lindo e carismático por alguém comum. Ele já tinha feito isso quando a trocou por Agatha, no primeiro ano. Sophie pensou no jeito como ele havia se retraído quando ela mencionou o nome da amiga, lá atrás, em Gillikin — do mesmo modo como ele estava agora, com as bochechas vermelhas como um pimentão.

“*Nós vamos*”, não queria dizer ele e Sophie.

“*Nós vamos*” queria dizer ele e *Agatha*.

Não importava se ele havia prometido lhe dar uma chance. Palavras não podiam mudar o coração de um príncipe. Um coração ainda apaixonado por sua antiga princesa.

“Estou tentando imaginar você como rainha”, Tedros disse, como se de repente tivesse lembrado que ela estava ali. “Você provavelmente teria sua própria ala, com vinte servos preparando banho com leite quente de cabra, massageando seus pés o tempo todo com ovas de peixe e purê de abóbora, e catando todos os pepinos do reino.”

Sophie ficou olhando para ele, perplexa.

“Eu fiz a Agatha me contar todos os seus rituais de beleza”, ele confessou. “Isso nos ajudava a rir depois das brigas.”

“Fico contente de ser a boba da corte!”, Sophie disparou, com as lágrimas brotando. “É isso que você pensa de mim? Uma escrava da beleza, um vestido de baile vazio, um acessório que nem é digno de se pensar duas vezes?“

“Sophie, você está de minissaia numa trilha de *inverno*!”

“Porque você não me vê como garota há muito tempo e eu quero que você se lembre que um dia amou essa garota!”

Saiu antes que Sophie pudesse evitar e ela viu Tedros parar no caminho.

“Você prometeu me dar uma chance”, choramingou Sophie, secando os olhos com seu casaco de pele de urso. “Mesmo que você ainda ame a Agatha. Você prometeu que me daria uma chance.”

Tedros ergueu o queixo de Sophie com os olhos azuis honestos e fixos, sem piscar.

“Eu *estou* lhe dando uma chance, Sophie. Estou aqui com você, não estou? Eu não mencionei a Agatha nenhuma vez durante nossa viagem inteira. Você que fica tocando no nome dela. Mas, em vez de se preocupar com ela, ou de se preocupar com o que eu vejo no seu lado externo, talvez você devesse tentar me mostrar o seu interior”, ele falava num tom sério e maduro. “Então me conte, Sophie de Além da Floresta. O que *você* faria pelo meu reino, como rainha?”

Ele seguiu caminhando pela trilha por entre os fachos de luz branca das brasas. Sophie foi atrás dele, radiante de esperança. Na luz da trilha, ela podia ver a tinta gravada em sua pele sob a aliança de ouro. Esse era o momento que ela vinha esperando desde que perdera Tedros para Agatha dois anos atrás. O momento para mostrar ao seu príncipe um amor tão profundo, a ponto de ter seu nome entalhado nela. E se ela conseguisse encontrar um meio de fazê-lo sentir esse amor com a mesma profundidade que ela... então, talvez, só talvez, as palavras poderiam acabar mudando o coração de um

príncipe.

“A princípio, achei que os deveres de uma rainha se resumiam a escolher louças de porcelana, dar bailes, e beijar bebês em paradas”, Sophie começou. “Mas, quando eu estava com Rafal, vi o jeito que os outros alunos me olhavam. Eu não era mais a antiga Sophie, divertida e frívola... eu era uma nova Sophie, uma menina que *tinha* se tornado alguém. Acho que isso os deixou ressentidos... eles não imaginavam que alguém tão jovem pudesse ser tão extraordinária. Afinal, eu não era especial nem encantada como eles. Tudo que eu tinha era um rosto bonito e a fome de ser *grande* na vida. E, no entanto, passei tanto tempo me preocupando em conquistar aquela vida grandiosa que me esqueci de perguntar o que isso deveria representar. Por isso que, no fim, eu não pude me comprometer com o Rafal. Ele pode me oferecer imortalidade, poder infinito, amor eterno... mas era o amor do Mal. E não importa o quanto ele pode me achar do Mal, eu ainda quero ser do Bem, Tedros. Mesmo que eu tenha de lutar contra minha própria alma até o dia em que eu morrer.”

Tedros imediatamente olhou para Sophie.

“Há duas rainhas”, ela continuou, agora com a voz mais forte. “Existe a rainha que duvida de sua coroa. Se você a escolher, vocês irão passar a vida desconfiando um do outro, brigando e discutindo porque, no fundo do coração, ela não quer uma vida de rainha. Seu pai escolheu uma rainha assim e sofreu até o fim. Agora, você pode voltar ao ponto onde a história dele deu errado e consertá-la. Você pode escolher uma rainha que *queira* ser sua rainha. Uma rainha que vai lutar pelo seu povo do mesmo jeito que ela luta para estar com seu rei. A rainha que eu não pude ser para Rafal, porque estou destinada a ser essa rainha para você.”

Tedros olhou-a tão intensamente que foi como se ele a visse pela primeira vez. Com o coração disparado, Sophie o encarou, enquanto a respiração dos dois se misturava.

“Se o seu povo vir um rei e uma rainha que duvidam um do outro, eles vão perder a fé em você. Mas escolha um novo tipo de rainha e eles verão como um rei deve ser tratado: com amor incondicional, respeito e lealdade. Ninguém jamais vai lhe dar essas coisas mais do que eu, pois, ao contrário de Agatha, eu nunca duvidei de você.”

“Sophie...”, Tedros sussurrou, pousando a mão na cintura dela. Uma corrente elétrica percorreu todo o corpo dela, o sangue correndo acelerado.

“Será que você não vê? Eu sou sua rainha desde o primeiro momento em que nos vimos”, ela insistiu, aproximando-se. “A antiga história entre nós estava certa, Tedros. Tudo o que precisamos fazer é torná-la nova”, ela fechou os olhos, levando os lábios até...

“*Sophie*.”

Os olhos de Sophie se abriram num estalo e ela viu Tedros branco, olhando além dela. Dois zumbis costurados caminhavam em direção à trilha, vindo de lados opostos da Floresta escura. Um deles era um homem atarracado, com o nariz avermelhado e uma farta barba grisalha, a barriga meio para fora da camisa pequena demais, e um chapéu preto de pirata sobre a careca. O outro era moreno e magro, com um chapéu ainda maior por cima dos cabelos negros cacheados. Somente quando ele entrou na trilha iluminada foi que Sophie viu seu imenso gancho de aço.

“Aqui estamos nós, à procura de Peter Pan e, em vez disso, acabamos encontrando a rainha do Mal”, debochou o Capitão Gancho. “Só que ouvi dizer que você desertou de seu posto, cara rainha. Conte a ela, Smee, o que nós fazemos com os desertores em meu navio.”

“Prendemos a cabeça no mastro até que os pássaros terminem o serviço”, Smee deu uma risadinha, sacando um pequeno punhal das calçolas.

“E, no entanto, apesar de sua deserção, receio que o Diretor da Escola não a queira mais de volta”, pontuou o Capitão Gancho, olhando cuidadosamente para Sophie. “Ele insiste que sua rainha deve ser livre para agir como quiser.”

Sophie ficou pálida de surpresa. Gancho virou-se para Tedros.

“Mas ele não disse nada sobre o menino.”

Os dois piratas seguiram pisando firme em direção ao príncipe. Tedros sacou a Excalibur com uma das mãos e agarrou Sophie com a outra.

“Fique perto de mim.”

Sophie engoliu em seco, vendo os dois homens avançando na direção deles com as lâminas reluzindo na luz do caminho. Houve uma vez em que Tedros correu perigo mortal durante uma Prova, enquanto ela só ficou olhando, amedrontada demais para lutar. Foi naquele exato momento que sua história tinha dado errado. O momento em que ela havia perdido seu príncipe para Agatha. *Essa é a minha chance*, pensou Sophie — de voltar atrás e consertar o seu conto de fadas, do mesmo jeito que ela estava pedindo que Tedros consertasse o dele. Se lutasse por seu príncipe, ela finalmente ganharia seu beijo.

Tedros segurou Sophie com mais força, puxando-a para seu lado enquanto os dois piratas do Mal chegaram a uma distância assustadoramente pequena. Enquanto o Capitão Gancho erguia sua arma acima do príncipe, Sophie focou em seu medo, sentindo a ponta do dedo acender e ficar cada vez mais quente, mais quente... Então, ela magicamente lançou uma das brasas brancas e quentes de Merlin no olho de Smee, lançando-o para fora da trilha, dentro da floresta.

"*Sophie!*", Tedros gritou horrorizado.

O Capitão Gancho brandiu sua lâmina contra ele, e Tedros ergueu a espada bem na hora, fazendo com que as armas de aço tilintassem. Sophie nunca tinha enfrentado um homem adulto numa luta, por isso ela não estava preparada quando Smee a surpreendeu por trás, prendendo-a com sua barriga gorda e peluda, enquanto ela chutava e arranhava.

"Mas que menina bonita", rosnava Smee, já sem o tom de riso. "Nunca vemos meninas bonitas na Terra do Nunca."

Ele cheirou o cabelo dela e Sophie o esbofeteou com tanta força que o pirata olhou para ela boquiaberto, com a mão no próprio rosto. Por um instante, ela achou que o havia neutralizado, mas então o viu ficar vermelho como um pimentão e agarrá-la pelo pescoço. Ele cravou as unhas em sua laringe, como se ela tivesse provocado algo em seu íntimo, uma ira assassina que o consumia.

"Você... não... deveria... me... matar...", ela resfolegou.

Mas Smee havia se esquecido ou nem ligava e Sophie estava sufocando, sabendo que morreria ali mesmo, com seu príncipe a apenas alguns palmos de distância. De canto de olho, ela viu o Capitão Gancho encurralar Tedros e golpear a capa do Príncipe enquanto ele se contorcia e gritava. Já ficando com o rosto arroxeado, Sophie ergueu os olhos para Smee, enquanto puxava o último fio de ar...

Um galho de árvore em chamas partiu a cabeça de Smee, ateando fogo em seu crânio, causando uma explosão de labaredas azuladas. De olhos arregalados, o capanga soltou Sophie com a cabeça queimando e as chamas subindo pelas costuras, enquanto ela caía para trás, na escuridão.

Perplexa, Sophie olhou para cima, para o Capitão Gancho que tinha saído de cima de Tedros, enquanto olhava o corpo de Smee sendo consumido pelo fogo azul. Lentamente, o Capitão olhou além, para a trilha, para um estranho de ombros largos e cabelos negros brandindo a ponta do dedo acesa em azul.

“E-eu-eu conheço esse menino”, exclamou o Capitão Gancho, surpreso. “É o filho de Scourie. Nascido e criado em meu próprio navio...”

Mas essas foram as últimas palavras do Capitão, pois uma espada o atravessou e ele caiu de joelhos, de boca aberta, antes de bater de cara no chão. Atrás dele, Tedros limpava a lâmina da espada suja com as vísceras do zumbi e se erguia vacilante, observando os ferimentos que Gancho deixara em seu flanco, manchando a capa de sangue. Ele respirou aliviado ao constatar que nenhum deles era mortal.

“Eu lhe devo a minha vida, Hort”, Tedros agradeceu, olhando para cima.

Hort adentrou a luz do luar com os dentes cerrados para ele.

“Foi *ela* que eu salvei. Não você.”

Sophie viu o ódio estampado no rosto de Hort, resultado do dia inteiro sozinho ruminando os sentimentos que foram inflamando. Os olhos dela se arregalaram, finalmente compreendendo.

“Mas... mas... você disse que não me amava mais...”, balbuciou Sophie, com a voz rouca.

“Eu *menti*!”, Hort girou para ela.

Perdida num torpor, Sophie não sabia o que dizer. Mas de uma coisa ela sabia, com certeza. Ela não podia mais obrigar Hort a viajar sozinho. Não depois que ele tinha salvado a sua vida. Seu tempo sozinha com Tedros havia acabado.

Eu tive a chance! Ele teria me beijado! Ela pensou, aflita, e olhou para a aliança de Rafal, ilesa em seu dedo, parecendo ainda mais pesada que antes.

Eles logo retomaram a jornada, os três em silêncio, pois Sophie não podia dizer nada para Tedros que Hort devesse ouvir, e Tedros e Hort não tinham a menor vontade de falar na presença um do outro. E quando Sophie achou que a tensão não tinha como piorar, ela olhou para trás, distraidamente, na direção do show de horrores que eles haviam deixado.

“Hã... meninos...”, ela disse. O príncipe e o doninha se viraram.

Eles olharam além de Sophie e viram que o cadáver de Smee, ainda estava queimando, ao longe, à beira do caminho. Mas o corpo de Gancho havia desaparecido.

“Mas eu o atingi no coração!”, disse Tedros, na tarde seguinte, ainda se defendendo.

“Pela última vez, zumbis não têm *coração*”, estrilou Hort. “Por que você

acha que taquei fogo em Smee? É a única forma de destruí-los...”

“Então, por que você não me disse nada?”

“Porque eu estava torcendo para que o Gancho matasse você!”

“Por favor, me digam que estamos chegando perto da casa segura”, interveio Sophie.

Depois de perderem o corpo de Gancho, eles aceleraram pelo caminho como um bando de conspiradores seguindo o rastro de farelos de luz de Merlin, até chegarem a cavernas semelhantes a bolhas que lembravam as que existiam na Floresta Azul. Lá, eles acamparam até de manhã, cada um no próprio canto, e os meninos revezando a sentinela. Quando o sol raiou, eles estavam novamente na trilha, atravessando milhas e milhas da tundra coberta de gelo de Frostplains. Protegidos por suas capas, eles se aventuraram nevasca adentro, enfrentando o granizo, até avistarem algo em meio à monotonia de todo aquele branco.

Era um reino pequeno e peninsular, construído junto a um penhasco rochoso, com torres brancas peroladas envoltas na névoa que subia do mar cinzento e revolto. O som das ondas quebrando na costa ecoava em estrondos violentos, fazendo com que o reino inteiro estremecesse com as batidas dos imensos portões de ferro que estavam abertos e colidiam contra a rocha.

Clack! Clack!

Os três adolescentes passaram pelos portões abertos, mas não havia ninguém ali para recebê-los. Na verdade, parecia não haver ninguém no reino inteiro, apenas as magníficas torres brancas, sem janelas nem entradas, dispostas em um círculo acima de uma série de escadarias de mármore. Estreitando os olhos por cima do alambrado, eles viram um vasto lago ao pé das escadas, com águas cinzentas e assustadoramente imóveis, que seguia rumo ao mar tempestuoso.

“Chegamos a um ponto sem saída?”, perguntou Sophie.

Então, ela viu o rosto de Tedros, tranquilo e calmo.

“É Avalon”, ele respondeu.

“Você já esteve aqui?”, perguntou Hort.

“Meu pai fez desenhos daqui, em seu testamento”, Tedros meneou a cabeça e disse baixinho, olhando para o lago. “Ele disse que queria ser enterrado na ‘casa segura de Avalon’. Merlin nos trouxe até o local onde meu pai está sepultado.”

“*Isso* é a casa segura?”, murmurou Sophie enquanto eles desciam a longa

escada, tentando ser sensível ao que Tedros estava sentindo. “Está simplesmente... congelante, com as portas escancaradas, e as torres não têm entrada e...”

Eles pararam quando viram Agatha sentada no gramado seco na beirada do lago, de costas pra eles. Ver Agatha sozinha, junto à margem do lago, despertou uma sensação inquietante em Sophie, como se a cena estivesse incompleta... como se Agatha não devesse terminar sua história sozinha.

Agatha virou-se ao ouvir os passos. Ela sorriu serenamente, como se estivesse aliviada por seus melhores amigos estarem a salvo depois de uma longa jornada. O coração de Sophie relaxou e ela chegou mais perto do príncipe. Não havia motivo para ficar inquieta. Agatha sabia ser feliz sozinha de um jeito que ela jamais saberia.

“Aí estão vocês”, disse uma voz bocejante. Sophie se virou e viu Merlin despertando de um cochilo, encostado numa rocha. “Demoraram um bocado. Ah, vejam só, nosso guarda-costas também”, disse ele, quando Hort saiu da escada.

“A casa segura fica dentro desse lago, não fica?”, disse Tedros, aproximando-se da beirada. “É onde meu pai está enterrado.”

Ele jogou uma pedrinha na água e a viu afundar. Sophie franziu o rosto.

“Como uma casa segura pode ser dentro de um...”

Mas agora, a água estava silenciosamente se revolvendo no local onde a pedrinha de Tedros havia afundado, espelhando o círculo de torres acima. A água girava cada vez mais depressa, como uma roca em movimento... tão rápido que uma espuma branca se acumulava no meio do lago, moldando uma forma humana...

Uma ninfa fantasmagórica, de cabelos grisalhos e túnica branca saiu flutuando da água, erguendo a cabeça para seus convidados. Ela tinha a pele branca como giz, um nariz comprido, olhos pretos imensos que se fixaram em Tedros antes que seus lábios vermelhos se curvassem num sorriso.

“Nunca mais consegui fazer outro exemplar igual.”

Por um instante, Tedros achou que a ninfa estivesse falando dele, mas depois percebeu que ela estava olhando para a espada.

“Excalibur... você que a forjou... você é a Dama do Lago!”

A ninfa sorriu, virando-se para Merlin.

“Olá, bonitão. Faz um bom tempo”, ela observou, numa voz baixa e rouca. “Deixe-me adivinhar. Você *precisa* de alguma coisa.”

“Perdoe-me se você estiver sentindo falta de visitas sociais, mas eu não viria a menos que fosse um assunto sério”, respondeu Merlin.

“Outra espada? Uma poção para prolongar a vida? Ou, dessa vez, um Santo Graal?”, bufou a ninfa. “Venha até a Dama solitária e ela fará mágica segundo as suas ordens!”

“Eu preciso lhe pedir algo que já pedi por outros dois, certa vez”, disse Merlin, sério e firme. “Que você esconda essas crianças em seu abrigo, enquanto eles precisarem.”

A Dama do Lago parou de sorrir. Um momento significativo ocorreu entre os dois feiticeiros.

“Merlin, querido. Você sabe o que está pedindo”, ela respondeu, em tom sombrio.

Os olhos do mago desviaram-se para Tedros por um momento, antes que ele olhasse de volta para a ninfa.

“Sim, eu sei.”

Sophie deu uma olhada para Agatha, profundamente perdida, e Agatha sacudiu os ombros, igualmente confusa. A Dama do Lago respirou fundo e olhou seriamente para os quatro alunos.

“E então? Venham, crianças. A água está morna.”

“*Água*? Você quer que a gente nade?”, protestou Hort, olhando por cima da margem do lago. “Como vamos conseguir sobreviver embaixo da...”

Merlin gemeu e o empurrou. Hort foi sugado através da água, com um clarão de luz, antes de desaparecer totalmente da superfície. Agatha, Sophie e Tedros ficaram olhando pra Merlin, estupefatos. O mago sorriu.

“Por que vocês acham que a *água* sempre foi o portal para os Empalhados de Merlin?”

Ele estendeu as mãos e os três alunos saíram correndo para dentro do lago, mergulhando de cabeça. A luz explodiu nos olhos de Sophie e ela sentiu seu corpo inteiro tomado por um calor pegajoso da água ao seu redor, mas sem tocá-la, como se ela estivesse protegida por um útero invisível. Ela foi mergulhando no lago, cada vez mais fundo, até que a água recuou e ela estava em terra firme, sob a luz do sol, completamente seca e encolhida como um bebê.

“Onde estamos?”, disse a voz de Agatha, acima dela.

Sophie esticou o pescoço e viu Agatha com Hort e Tedros, em pé num gramado verde viçoso, a grama de tom tão verde e orvalhada que cintilava

sob o sol que derretia. Sophie levantou e viu que eles estavam cercados de vegetação com ovelhas, vacas e cavalos pastando livremente, como se tivessem encontrado um refúgio da morte na Floresta.

“Olhem”, Agatha exclamou.

Os outros acompanharam os olhos dela até um pequeno sítio, do outro lado do brejo.

“Só pode ser nossa casa segura”, disse Hort.

“Tem alguém vindo”, Tedros estreitou os olhos.

Agora, duas pessoas estavam caminhando na direção deles, os dois de pele bronzeada e curtida pelo tempo, de mãos dadas. Uma mulher ossuda com cabelos castanhos desalinhados, e um homem de peito largo com cabelos cacheados negros.

“Espero que eles tenham água quente”, disse Sophie, sorrindo aliviada para seu príncipe. “Eu realmente preciso de um...”

Ela parou de falar porque Tedros não estava sorrindo. Diante da aproximação dos estranhos, seu rosto perdeu a cor e ele começou a suar.

“Não não não não não...”, ele resfolegou.

Sophie virou-se para os estranhos, confusa, mas a mulher tinha parado subitamente, seu rosto anguloso estampado de choque.

“Deus me ajude”, sussurrou ela.

Tedros cambaleou para trás, segurando o braço de Agatha como uma criança em pânico.

“Me acorde... por favor, me acorde...”

“T-T-Tedros?”, a mulher gaguejou.

“Eu receio que seu filho e os amigos dele precisem de você, Guinevere”, disse a voz de Merlin, quando o mago surgiu de um facho de sol, apressando-se pelo brejo.

Tedros não conseguia falar, os olhos alucinados desviando de Merlin para a mulher, enquanto seu corpo tremia tanto que Agatha teve de ampará-lo embaixo do braço. Sophie sabia que deveria ir até o príncipe, mas não conseguia se mexer. Ela estava tremendo diante da visão do homem de cabelos escuros e olhos de carvão, da mesma forma que Tedros tremia diante de sua mãe. Porque, da mesma forma que Tedros sonhava com Guinevere, Sophie sonhava com *ele*.

O demônio que surgiu dentro do anel de Rafal.

O demônio que a impediu de receber a coroa de Tedros.

E agora, o demônio tinha nome.
Lancelot.

24
Seu Lugar é ao Lado de Quem?

Fazia quase vinte minutos que Tedros encarava a xícara fumegante de chá de cidra de maçã, mas ainda não encostara nela. Agatha estivera tão aflita ao observá-lo, que também não tocara em seu chá. Nem Sophie, ao seu lado, ocupada demais lançando olhares nervosos a Lancelot, enquanto o cavaleiro moreno de pele marcada servia pratos e talheres para cada um deles.

"Vocês devem estar famintos", ele falou, num tom barítono retumbante. "Seu amigo de cabelos escuros perguntou se podia tomar um banho. Rapaz engraçado... disse que não queria deixar a mesa fedorenta. Qual é mesmo o nome dele? Homer? Hodor?"

Ninguém respondeu.

"Hobbin, eu acho", disse Lancelot.

Agatha viu que a camisa de Tedros estava molhada de suor, ele engolia em seco, as veias de seus braços pareciam prestes a estourar.

"Hort. O nome dele é Hort", respondeu Guinevere, chegando apressada da cozinha, trazendo uma travessa com peru assado na brasa e outra de salada de rabanete. Sob a luz da tocha da sala de jantar, Agatha reparou que ela tinha o narizinho arrebitado de Tedros, as sobrancelhas certinhas acima dos olhos azuis eletrizantes, assim como a tendência de suar em excesso. Seus cabelos eram outra questão: eram tão embaraçados, cheios e castanhos, que seu rosto miúdo e pálido parecia um ovo escondido num ninho de passarinho.

"É terça-feira, e o Lance e eu cozinhamos para a semana inteira nas segundas, portanto tem de sobra", ela disse. "Quer dizer, até a próxima segunda-feira. Isso não significa que vocês não possam ficar depois disso, é claro. Nós só não estamos habituados a hóspedes... nem gente, de nenhuma

espécie. Às vezes, o Lance e eu passamos dias sem sequer nos falarmos", ela se sentou e esperou, em vão, que alguém preenchesse o silêncio. "Espero que esteja boa. O Tedros sempre adorou meu peru, mesmo quando era um menininho. Ele vinha correndo para a cozinha no instante em que sentia o cheiro, mesmo quando estava no meio das lições com o Merlin."



Tedros não olhava para ela.

"Vamos começar?", disse Guinevere, com uma voz fraca, empurrando as travessas. "Vocês fizeram uma longa jornada, então encham seus pratos. Eu posso fazer mais."

Ninguém comia. Ninguém falava.

"Bem, parece que vocês estão instalados, por isso vou seguir meu caminho!", disse Merlin, entrando com uma vareta na mão. Todos ergueram os olhos aflitos, como se ele fosse o último bote salva-vidas deixando um navio.

"P-para onde você está indo?", Tedros perguntou.

"Da mesma forma que vocês estão seguros aqui, eu tenho de assegurar que nossos outros amigos também estejam a salvo, incluindo os seus outros colegas, alunos da escola", disse Merlin. "Sem dúvida, o Diretor da Escola acelerou seu plano, já que o Storian revelou a ele que você está sob a proteção da Dama do Lago." O mago olhou furtivamente para Guinevere. "Peço-lhe desculpas por não ficar para o jantar, minha cara. Achei que deveria ir até o bosque prestar meus sentimentos..."

Guinevere assentiu, com se entendesse o que ele queria dizer.

"Eu verei vocês em breve, crianças", disse Merlin, antes de dar uma olhada para Sophie e pousar os olhos na aliança em seu dedo. "Sem mais sangue em nossas mãos, eu espero."

Agatha viu a surpresa de Sophie quando Merlin magicamente arrebanhou um naco do peru sobre a mesa, fazendo-o voar até sua mão, e depois saiu da choupana, deixando a porta balançando atrás de si. O silêncio insuportável

retornou.

Agatha tentou não pensar na ausência de Merlin e na aliança de Sophie, nem no tormento de Tedros, e, em vez disso, focou sua atenção nas paredes de toras de madeira da casa, nos cômodos ovais com lareiras crepitando, nos sofás de couro feitos à mão, assim como nos tapetes de lã de carneiro, tudo tão aconchegante e lindamente feito, como se duas pessoas sem amigos, família, comunidade, tivessem feito um lar no fim do mundo...

"Carne branca ou escura, Tedros?", perguntou a voz de Guinevere.

Agatha teve um estalo e ficou atenta, vendo Guinevere pegando o prato do filho e sorrindo para ele. A pergunta dela ficou pairando no ar, o primeiro desafio ao silêncio. Tedros finalmente olhou para a mãe.

"Não consigo fazer isso", ele disse, ofegante.

Guinevere não disse nada enquanto Tedros se retirava da mesa, afastando ruidosamente a cadeira de ferro para trás. Lancelot franziu o cenho.

"Tedros, você não precisa falar com ela, mas, pelo menos, coma sua..."

"Se você sequer olhar em minha direção, seu canalha imundo, eu vou parti-lo ao meio", Tedros rosnou.

Lancelot colocou-se de pé como um raio, mas Guinevere o segurou pelo punho, fazendo-o sentar-se novamente. Lancelot não disse nada enquanto Tedros saía da sala batendo as botas e a porta atrás de si. Agatha instintivamente levantou de um pulo para seguir seu príncipe...

"Eu vou, Aggie", disse a voz de Sophie.

Agatha virou-se e viu Sophie em pé. Sophie assentiu sutilmente e deixou a mesa, mas não antes de lançar um olhar ansioso a Lancelot. Agatha ouviu a porta da frente se fechando mais uma vez, e sentou-se novamente à mesa, com um nó na barriga. A sala estava tão quieta que eles podiam ouvir o som do banho de Hort, do outro lado da casa.

"Muito bem, então", disse Agatha, forçando um sorriso para seus anfitriões "Vamos comer?"

Guinevere e Lancelot respiraram fundo, como se manter alguém na mesa já fosse uma vitória. Agatha começou a comer o peru, tão defumado e macio que ela fechou os olhos de prazer, tentando afastar o pensamento do que poderia ou não estar acontecendo lá fora...

"Ele escolheu uma princesa adorável, não é?", comentou Guinevere.

Os olhos de Agatha se abriram.

"Sophie, não é?", perguntou Guinevere, afastando os cabelos

desgrenhados de sua salada. “Ela foi atrás dele com tanta determinação, como o pai de Tedros costumava fazer indo atrás de mim. Ela deve amá-lo muito”, a voz dela falhou. “Não creio que Arthur ou eu poderíamos ter escolhido melhor para ele.”

“Bom, eles são bem parecidos, não são?”, resmungou Lancelot.

“Eu só acho que ela se porta como uma rainha. Para ser honesta, mais do que eu jamais me portei”, pontuou Guinevere, contendo o riso.

“Ela é perfeita para o moço. O povo do reino vai paparicá-la, e ela o encherá de mimos”, disse Lancelot.

“Camelot finalmente terá uma rainha de verdade”, Guinevere suspirou, dando um sorriso. Ela se virou para Agatha. “E quanto a você, querida? Você e Hort se conheceram na escola? Ou foi no Baile da Neve...”

“Desculpem. Vocês me dão licença?”, Agatha pediu, resfolegante. “Eu... eu preciso de um pouco de ar...”

Ela se afastou da mesa e saiu da cabana, deixando Lancelot e Guinevere, que nunca precisaram de mais nada além da companhia um do outro, sentindo-se subitamente solitários.

Agatha não sabia para onde estava indo; ela só precisava se afastar daquela casa. Correndo pelo brejo, sob o crepúsculo azulado, ela respirou fundo e notou, pela primeira vez, que o ar estava quente. O frio do inverno forte tinha passado, substituído por uma brisa úmida, assim como o vento que soprava no Celestium de Merlin.

Talvez esse seja o local de meditação da Dama do Lago, pensou ela, agarrando-se a qualquer pensamento que não envolvesse Sophie nem Tedros. Não havia nada adiante, exceto a noite lúcida e o mapa de constelações, e Agatha soube que poderia continuar caminhando por ali eternamente, sem jamais encontrar um fim. Ela foi desacelerando, parou e olhou para trás, na direção da casa. Além dela, os animais se misturavam, alguns porcos em meio às ovelhas e vacas, enquanto os cavalos perseguiam uns aos outros sob a luz do luar. A lua também iluminava outra coisa: Gavaldon, em contraste no horizonte, já mais clara que no dia anterior. E, agora, havia buracos no escudo vitrificado que envolvia a cidade.

Mais histórias haviam sido reescritas. Mais heróis tinham morrido. O Diretor da Escola estava se aproximando de seu final.

Mas, qual seria? Ela pensou. *Do que ele precisava em Gavaldon?*

Algo que ele precisa para destruir o Bem para sempre... como Merlin dissera.

Agatha mordeu o lábio, relutando com essa charada, que era a mais importante de todas... Foi quando ela os viu. Duas silhuetas de cachos dourados, perto de um bosque de carvalhos, quase indistinguíveis no escuro.

Agatha lembrou-se de um momento, dois anos antes, durante uma aula com o Grupo Florestal, quando pegou Tedros e Sophie flertando junto a uma árvore. Foi a primeira vez que Agatha vira sua melhor amiga parecer mais feliz do que ficava quando estava com ela. Agora, a visão de Sophie com o mesmo príncipe, os dois sem a menor pressa de encontrá-la ou de incluí-la, fez os sentimentos voltarem à tona. Uma solidão odiosa que vinha surgindo... Só que, dessa vez, Agatha não correu da dor. Ela deixou que a solidão entrasse lentamente, estudando-a, enquanto cravava suas garras em seu coração, como um monstro que bate à porta.

Do que eu tenho tanto medo?

Ela tinha passado toda sua vida sozinha antes daquela manhã de junho, quatro anos antes, quando Sophie apareceu, pela primeira vez, com um cesto de cremes faciais e biscoitos dietéticos, oferecendo-se para fazer uma transformação nela. Ela era bem *feliz* sozinha, como um pássaro que nunca viu o céu preso numa gaiola. No entanto, à medida que elas foram ficando cada vez mais próximas, Sophie tinha aberto as asas de Agatha para um amor tão forte que ela achou que duraria para sempre. Era ela e Sophie contra o mundo. Mas, naquele primeiro dia de aula, quando viu Sophie com um príncipe, Agatha percebeu o quanto ela fora cega. O laço entre as duas meninas, por mais intenso e leal que fosse, mudou assim que um menino entrou no meio das duas. Ela e Sophie tinham tentado ir para casa depois disso. Elas tentaram voltar a ser como eram antes. Mas foi tão impossível quanto voltar a ser uma criança depois que você já cresceu.

Todo esse tempo, Agatha não conseguia entender por que Sophie tinha escolhido ficar com Rafal. Por que Sophie escolheria um menino tão do Mal. Mas, ali, em pé, sozinha no escuro, Agatha se pôs no lugar da melhor amiga. Pois quando beijou Tedros e fez com que ele desaparecesse e voltasse para casa com ela, Sophie já não tinha mais alguém que a colocasse em primeiro lugar. Seus dois melhores amigos a abandonaram para ficar um com o outro.

Tedros também já tinha sentido essa dor, vendo ela e Sophie se beijarem antes de desaparecerem e voltarem para casa. Agora, era Agatha que estava

sobrando... Pois se Sophie e seu príncipe terminassem juntos, eles seriam leais um ao outro, e a seu novo reino. Ela ainda seria amiga deles, mas seria diferente. Pela primeira vez, haveria uma parte de Sophie e Tedros que Agatha já não poderia mais compartilhar. Os dois teriam um ao outro, e ela só teria a si mesma.

A dor que ela sentia por dentro foi aumentando, como se estivesse queimando por dentro. Não era somente a perda de sua melhor amiga e de seu príncipe que ela temia. Era a velha Agatha. A Agatha que sabia ser sozinha.

Por isso que ela se agarrava tanto à Sophie como amiga... depois a Tedros como seu príncipe... duvidando deles, testando os dois, desconfiando deles... mas, ainda assim, agarrando-se a eles. Porque em algum lugar, ao longo do caminho, ela também tinha deixado de confiar em si mesma. A dor irrompeu a barreira e inundou seu coração. Agatha fechou os olhos, sem conseguir respirar, como se estivesse se afogando...

"Ouvi dizer que te levei ao Baile da Neve e nem sequer soube disso", disse uma voz.

Ela viu Hort, de peito nu, com ceroulas compridas e os cabelos molhados pingando. Talvez tenha sido sua expressão, ou o rubor nas bochechas dela, mas Hort ficou sem jeito e cobriu o peito.

"É... ela está lavando a minha roupa. Não vai se apaixonar por mim, hein...", ele murmurou.

Agatha deu uma olhada para seu rosto preocupado e caiu na gargalhada, chegando às lágrimas.

"Ora, não amola!", Hort esbravejou. "Você sabe muito bem que está impressionada com o que está vendo!"

"Ah, Hort...", Agatha enxugou os olhos. "Um dia, as pessoas vão ler nossa história e você vai ser aquele de quem vão mais gostar", ela saiu andando.

"Pelo menos dessa vez eu não perdi minhas roupas! Eu que *dei* pra ela!", ele gritou. "E um dia, eu terei o meu próprio conto de fadas. Com um final feliz e tudo mais. Eu posso provar isso..."

"É mesmo? E como?"

"Porque eu encontrei uma coisa que você não vai acreditar."

Agatha parou de andar e se virou. O doninha deu um sorriso malicioso.

"Quer ver?"

Sophie estava em pé ao lado de Tedros no bosque de carvalhos havia quase dez minutos, mas o príncipe não dissera uma palavra. Ele estava olhando a bela cruz de vidro, cravada no chão no meio de duas arvores. Guirlandas de rosas brancas frescas envolviam a cruz, junto com uma estrelinha de cinco pontas acesa, pousada junto à base. Havia mais dessas estrelas em volta, já queimadas, em cinzas, como se Merlin voltasse para colocar uma nova estrela sempre que a antiga tivesse esfriado. Sophie se aconchegou ao lado de Tedros.

"É aqui que o seu pai está enterrado? É bonito."

Tedros virou-se pra ela.

"Desculpe, mas você se importa se eu fizer isso sozinho?"

"É claro, eu o v-vejo na casa...", Sophie ficou vermelha como um pimentão, deu meia-volta, tropeçando numa estrela apagada e saiu do bosque.

"Sophie?" Ela olhou de volta para o príncipe.

"Obrigado por vir ver como eu estava."

Sophie assentiu rapidamente e saiu apressada. Sem a luz da estrela de Merlin, agora ela não conseguia enxergar nada lá fora, exceto o contorno da casa, a um quarto de milha de distância. Ela foi tropeçando pelo brejo afora, com o rosto ainda em fogo.

Todos a deixaram tão frenética quanto à aliança, tão culpada e nervosa, que ela só vinha focando em ganhar um beijo de Tedros o mais rápido que pudesse. Ela tinha se esquecido de que seu príncipe não era um prêmio a ser conquistado, ou uma linha de chegada por onde ela pudesse passar atabalhoada. Será que ela sequer tinha pensado em como ele estava se sentindo? Tedros estava encurralado indefinidamente com a mãe que o abandonara e o amante com quem ela escolhera passar a vida. Como ele poderia sequer olhar para Guinevere, que dirá falar com ela, que dirá ficar em sua casa, sem querer matá-la? Principalmente por estar em seu total *direito* matá-la, segundo o decreto de seu pai?

Sophie sacudiu a cabeça, mortificada. Tedros provavelmente estava morrendo por dentro, com o coração despedaçado pelos sentimentos, e ela entrou flutuando como uma bolha de ar, para dizer que o túmulo de seu pai era *bonito*. Agatha jamais teria sido tão egoísta e imbecil.

Sophie suspirou, desanimada, ao se aproximar da casa do sítio. Ela tinha saído nessa jornada decidida a reescrever seu conto de fadas, mas só estava

repetindo os erros que tinha cometido da primeira vez. Tedros não podia ser forçado ou apressado a lhe dar um beijo. Mesmo lá atrás, na trilha, fora ela quem tentara beijá-lo. Sem dúvida, um dos motivos para que não tenha dado certo. Seu príncipe tinha que vir até ela. Até então, ela esperaria pacientemente, mesmo que heróis fossem massacrados, mesmo que o sol estivesse pingando, pingando, até que todos eles caíssem mortos.

Sophie cerrou os dentes. Se heróis estavam morrendo, isso não era culpa *dela*. Afinal, não era *função* de um herói ganhar sua história, mesmo que isso estivesse acontecendo pela segunda vez? Por que ela deveria levar a culpa se eles ficaram velhos e inúteis? Eles que cuidassem de suas histórias, ela cuidaria da sua.

Porque esse era o seu conto de fadas. Esse era o seu final feliz. E dessa vez ela faria direito.

Ao subir os degraus da varanda, Sophie tirou os sapatos sujos. No fim, todos acabariam gostando dela, é claro — uma vez que ela selasse seu Felizes Para Sempre com o príncipe e reacendesse o sol. *Todos* ganhariam por conta de seu trabalho duro. Enquanto isso, Tedros teria todo o espaço que precisasse. Ela seria um ouvido paciente para ele, uma convidada perfeita para os seus anfitriões, uma boa amiga para Agatha: útil, social, educada, como a menina que um dia mantinha contagem de suas Boas Ações. Sophie respirou fundo, colocou um sorriso no rosto e entrou na casa, seguindo em direção à sala de jantar... E parou subitamente.

Lancelot estava sozinho à mesa, comendo uma maçã.

“O-onde estão todos?”, ela perguntou.

“Gwen está arrumando a cozinha e Horbst foi atrás da Agatha”, ele deu uma mordida na maçã e empurrou, na direção dela, uma xícara fumegante com um líquido marrom. “Gwen fez seu famoso chá de alcaçuz.”

“É melhor eu ir ver se eles estão bem...”, Sophie foi em direção à porta.

“Você tem medo de mim, não tem? Passou a noite toda me lançando olhares cautelosos.”

Sophie gelou. Lancelot estava olhando a aliança em seu dedo, como se só agora ele a tivesse percebido.

“Eu tenho certeza de que eles vão encontrar o caminho de volta pra casa”, disse o cavaleiro. “Sente-se e tome seu chá.”

Seu tom deixava pouca dúvida quanto às opções que ela tinha. Sophie sentou de frente para ele, com um nó no estômago.

“Guinevere estava dizendo que rainha perfeita você será para o jovem príncipe. Do tipo que deixaria Arthur orgulhoso”, Lancelot mordeu a maçã, observando Sophie.

“Mas tem uma coisa engraçada. Sabe, todo Natal o Merlin vem até aqui em casa para dar à Gwen notícias sobre seu filho. Ano passado, eu me lembro que ele nos disse que Tedros havia encontrado a princesa de seus sonhos. Perspicaz, impetuosa, uma menina compassiva... uma alma totalmente do Bem, que o amava tanto quanto ele a ela. Só que eu poderia jurar que o nome daquela princesa não era nada parecido com *Sophie*. Sou ruim com nomes, então eu sabia que deveria ter pensado errado. A Gwen nunca deixa passar nada, então eu mencionei isso a ela, agora mesmo, lá na cozinha, imaginando que ela fosse me corrigir. Mas, que coisa estranha. A Gwen disse que eu estava *certo*: Merlin tinha dito que o nome da princesa era *Agatha*, mas até a Gwen concordou que o velho excêntrico está perdendo o fio da meada naquele cérebro famoso, porque *Sophie* era claramente a princesa do menino. Não apenas pela maneira como você foi atrás dele, no jantar, mas a Gwen notou que você tinha o nome de Tedros tatuado no dedo, que também exibe a aliança de Tedros”, as pupilas de Lancelot cintilavam. “Só que agora que eu estou vendo, fico me perguntando como Tedros poderia ter lhe dado uma aliança feita do ouro do Mal.”

O coração de Sophie disparou, como se um alarme tivesse soado.

“Ouro de cisne negro, para ser mais exato”, continuou Lancelot. “Todo cisne negro tem um único dente de ouro no fundo da boca — ouro que tem propriedades abomináveis quando toca a pele humana. Desde a primeira história, o ouro do cisne negro vem sendo caçado pelos Nunca como uma arma poderosa, da mesma forma que o Bem há muito busca o aço da Dama do Lago. Durante séculos, o Mal perseguiu aqueles cisnes e roubou seu ouro, matando até o último deles. E assim, o Mal tinha todo o ouro de cisnes negros que poderia querer... Até que o Rei Arthur liderou seus cavaleiros a uma cruzada para destruí-lo. Busca na qual segui ao lado de Arthur, encontrando e destruindo um tesouro após o outro, até que não havia nem mais um cisco de ouro de cisne negro na Floresta Sem Fim”, Lancelot sorriu. “Pelo que parece, exceto esse que está em seu dedo.”

“Está escuro... É melhor que eu vá procurar o Tedros.” Sophie se levantou.

“Os efeitos do ouro de cisne negro são inequívocos”, Lancelot

prosseguiu. “Uma vez que você o usa sobre a pele, ele compromete seu coração com o Mal por mais que você tente ser do Bem. É como uma bússola perversa que o direciona em direção ao pecado, sem que você sequer perceba. Se o utilizar por tempo suficiente, ele o convencerá de que você sabe o segredo de seu Final Feliz... de que ele sabe o que seu coração realmente quer... de que ele pode até *provar* quem é o seu verdadeiro amor. Pergunte um nome e a aliança mágica irá entalhar a resposta desejada em sua pele, como uma luz guia... mas essa resposta será apenas para levá-lo de volta ao Mal, onde você começou.”

Agora Sophie estava anestesiada, presa em sua cadeira.

“As histórias dão errado quando as pessoas acham que sua felicidade é mais importante do que a de todos os outros”, disse Lancelot. “Arthur sabia que Guinevere me amava e, ainda assim, colocou uma aliança no dedo dela, mesmo sabendo que ela não seria feliz como sua rainha. No fim, ele deixou uma família em ruínas e dois amores *verdadeiros* exilados para sempre. Mas, pelo menos, a Gwen e eu agora vivemos a verdade. Temos um ao outro, como deveria ter sido desde o começo. O que o Arthur tem a ver com isso? Ele está morto e a aliança de sua rainha há muito foi destruída, pois Guinevere não podia usar uma aliança que nem era dela. Não, se o seu lugar era com outra pessoa.”

Sophie viu que Lancelot olhava mais intensamente.

“O que implora uma pergunta à nossa futura rainha”, ele disse, levantando-se da cadeira. Ele pousou as mãos carnudas na mesa e se debruçou à frente, na direção dela. “Você está usando uma aliança que não pertence ao seu príncipe, jovem Sophie...”

O cavaleiro sinistro foi chegando cada vez mais perto, até que Sophie viu seus olhos frios e demoníacos refletidos na aliança em seu dedo.

“Então, com *quem* você deveria estar?”

A porta foi escancarada e Guinevere entrou com um pequeno cesto.

“Ah! Sophie, ainda bem. Eu coloquei um pouco de peru e legumes aqui para o Tedros. Ele certamente irá comer se você der para ele. Não quero que ele fique com fome essa noite, por minha causa...”

Sophie não ouviu as palavras, só sentia o sangue pulsando em seus ouvidos.

“Eu sei que o que você deve pensar de mim, Sophie, que tudo isso é merecido”, disse Guinevere, baixinho, olhando para o rosto dela. “Apenas

saiba que se ele jamais me perdoar, se ele nunca mais me dirigir uma palavra... eu já sou grata por ele ter encontrado seu verdadeiro amor. Merlin nos disse o quanto Tedros lutou por sua princesa... quanto vocês dois lutaram para ficar juntos. Portanto, eu posso ficar em paz, sabendo que meu filho não repetirá os meus erros", Guinevere sorriu para a aliança no dedo de Sophie. "Porque os corações de vocês dois só desejam um ao outro."

Ela afagou o rosto de Sophie e deixou o cesto em suas mãos trêmulas. Enquanto Sophie olhava a mãe de Tedros voltar para a cozinha, ela deu uma olhada de volta para Lancelot. Mas o cavaleiro tinha desaparecido, como se tudo tivesse sido um sonho.

"O que é?", perguntou Agatha, tentando seguir a silhueta musculosa de Hort, no escuro. "O que você encontrou?"

"Você vai ver. Todos vocês me acham um bobão. Grande erro", disse Hort, coçando a calçola comprida enquanto eles adentravam mais o bosque de carvalhos. "Erro imenso."

Agatha virou para trás, estreitando os olhos para as janelas acesas da casa e viu Sophie e Lancelot conversando, à mesa de jantar. Ela se virou para Hort.

"Espere aí, isso não tem a ver com você se transformar em lobisomem, tem? Você nunca dura mais que dez segundos..."

"*Homem*-lobo. E é algo muito melhor que isso. Pode confiar em mim. Além disso, eu não tenho praticado meu talento há tempos, portanto agora só duro cinco segundos. Não entendo. Por que outros homens-lobo duram tanto tempo? Será que tem alguma dieta, ou poção especial para resistência? Eu perguntei à Professora Sheeks, mas ela me mandou para a Sala de Condenação por ser insolente."

Agatha seguia Hort em direção ao brilho de um lago, à margem do bosque, refletindo a miragem de Gavaldon, iluminada pelo luar.

"Agora que a Sophie não está mais com o Diretor da Escola, como ele ainda pode ganhar seu conto de fadas?", perguntou Hort, observando os contornos da cidade. "Ele não precisa ter o amor do seu lado?"

"Isso que é estranho. Ele não veio correndo atrás dela, mesmo não podendo ganhar sem ela", respondeu Agatha, enquanto eles paravam na margem do lago. "Ele mesmo admitiu isso para mim. Por isso que ele precisa tanto dela como sua rainha. Ela é a única esperança que o Mal tem de

vencer.“

“É tarde demais para ele.”

Agatha sentiu um aperto na barriga.

“Ah... então, o Tedros pode... é... beijá-la? N-não que eu me importe. Mas você estava na trilha com eles, então eu só estou curiosa para saber como eles estão indo...”

“Eu não estava falando do Tedros”, disse Hort.

Agatha o viu sorrindo para seu reflexo no lago, e revirou os olhos.

“Ai, se você me trouxe até aqui para olhá-lo num espelho...”

Mas agora ela via o que ele estava olhando, revolvendo abaixo da superfície... pequenas luzes velozes, disparando de um lado para o outro, como um rabo de cometa, chegando mais perto, mais perto, até que mil peixinhos brancos vieram nadando, espirrando água.

“Peixes do Desejo? Você encontrou Peixes do Desejo?”, Agatha exclamou, limpando o rosto e se ajoelhando junto à margem. “A Princesa Uma lecionou sobre eles no primeiro ano!”

“Eu disse que era melhor que homem-lobo. Toque a água e eles irão mergulhar no fundo de sua alma e encontrar seu maior desejo”, disse Hort. “Os Nunca deveriam fazer a lição logo depois dos Sempre, mas você libertou os peixes, deu início a um estampido animal e quase incendiou o castelo. Depois daquilo, a Escola não comprou novos Peixes do Desejo.”

Agatha afagava as boquinhas dos peixinhos, sentindo cócegas com seus beijinhos.

“Imagino que esses também queiram ser libertados, não?”, quando ela olhou em seus imensos olhos negros, porém, ela não viu nada daquele mesmo anseio. “Eu costumava ser capaz de ouvir desejos”, ela disse para Hort. “Talvez eu também tenha perdido meu talento, assim como você.”

“Ou talvez eles já sejam peixes há tanto tempo que nem se lembram que um dia foram humanos”, disse o doninha. “De qualquer maneira, eu vou primeiro.”

Ele enfiou o dedo na água. Instantaneamente, os peixinhos zarparam em direções diferentes, mudando de cor, ficando pretos, prateados e dourados, enquanto se organizavam montando um desenho. Por um instante, Agatha não fazia ideia do que estava vendo, até que subitamente o mosaico de peixes ficou mais claro, como se ganhasse nitidez, e ela arqueou as sobrancelhas, surpresa.

Os peixes haviam desenhado o casamento ensolarado de Hort e Sophie na beira de um lago, com uma multidão dando vivas. Os noivos vestiam preto, único reconhecimento de que se tratava de uma ocasião do Mal, não do Bem.

"Que bonito, Hort", disse Agatha, sentindo a tristeza calar fundo, "mas é apenas a expressão do seu desejo..."

"Isso que eu pensei", atalhou Hort, "até que vi *aquilo*."

Ele apontou para o canto da pintura dos peixes, onde havia dois convidados de mãos dadas — um casal adolescente — que pareciam os mais felizes de todos pelo novo casal. O menino tinha uma coroa de prata e diamantes em cima de seus cabelos louros. A menina estava com uma coroa combinando sobre seus cabelos negros. Agatha perdeu o ar.

"Sou eu e... o Tedros", ela sussurrou.

"E eu jamais desejaria que você se casasse com aquele imbecil", Hort fungou. "Eu o detesto demais para desejar a ele a mais vaga felicidade, muito menos uma rainha com tanta classe e integridade quanto você. Portanto, se isso está dentro do meu desejo, significa que vai acontecer. Significa que todo esse quadro é mais profundo que um desejo, Agatha. É a *verdade*. Eu vou acabar com a Sophie e você vai acabar com o Tedros. Esse será nosso final feliz. Nós quatro juntos. Ninguém de fora."

Os olhos de Agatha se arregalaram e suas bochechas foram ficando rosadas. *Ai, meu Deus... é isso!* Ela poderia ter agarrado e beijado Hort. Essa era a resposta que eles vinham aguardando... a saída desse conto de fadas tão emaranhado... o último Felizes Para Sempre revelado, de uma vez por todas. Sophie com Hort e ela com... A cor foi lentamente sumindo das bochechas de Agatha.

"Não... não pode ser a verdade, Hort", ela disse, com a voz rouca. "Porque eu jamais me casarei com o Tedros. E a Sophie jamais amará você."

A euforia do rosto de Hort foi murchando.

"A Sophie ama o Tedros. E, ao contrário de mim, ela nunca duvidou desse amor", disse Agatha, curvada no gramado ao lado dele. "Tudo que eu fiz foi duvidar de Tedros. Quanto mais tempo ele e eu passamos juntos, mais eu deixava de entender por que ele me queria quando poderia ter uma princesa de verdade. Por isso que eu queria mantê-lo em Gavaldon. Na casa da minha mãe, ele não era um príncipe. Ele era um adolescente amedrontado, tão perdido e confuso quanto eu. Mas aqui na Floresta, o Tedros é diferente: ele é leal a si mesmo e vive com propósito. Em seu coração, ele já é um rei —

um rei que precisa de uma rainha tão confiante e determinada quanto ele, que possa voltar a liderar seu povo com esperança. Essa não sou eu! Eu ainda estou aprendendo a gostar do que vejo no espelho e a aceitar que alguém pode, de fato, me amar pelo que eu realmente sou. Não sou uma líder. Não sou... especial."

Ela ficou olhando o desenho dela mesma, coroada.

"Quando nós estávamos na escola, em corpos errados, o Tedros disse que temia que eu o visse quando ele não fosse um príncipe. Disse que eu veria que ele não tem nada de especial... que é apenas um menino comum. Mas esse é o Tedros que eu amo. Porque o verdadeiro Tedros — o príncipe que será um rei forte e poderoso — um dia verá que eu não tenho nada de diferente de sua mãe. Eu jamais quis um príncipe num conto de fadas. Jamais quis uma vida grandiosa. Sou apenas uma garota lutando para ser comum", ela ergueu os olhos cheios de lágrimas para Hort.

"Mas a Sophie? Sophie acredita que merece um príncipe. Sophie *quer* ser rainha. Tanto que ela está disposta a arriscar o futuro do Bem por isso..."

"Exatamente por isso que ela não pode ser a rainha do Bem!", Hort lutou, assentindo para seus Peixes do Desejo. "Você não entende? O seu lugar é com Tedros e o meu com..."

"Então, por que eu não consigo ver meu futuro junto com ele? Se meu lugar fosse com ele, por que eu não consigo me ver como essa garota do seu desejo? Estou destinada a ficar sozinha, Hort. Por isso que vou perdê-lo. Porque preciso aprender a ser feliz sozinha. Como a minha mãe era. Isso pode ser um final feliz, não pode?"

"Você não o perdeu", pressionou Hort, ainda olhando seus peixes. "Num conto de fadas, nunca é tarde demais!"

Agatha suspirou desejosa e tocou o rosto dele.

"Até os contos de fadas têm limites, Hort. Nós dois temos que abrir mão. Temos que deixar que Sophie e Tedros vivam seu Final Feliz. Para nossa própria *felicidade*."

"Para minha própria felicidade?", Hort ficou rosa-choque. "Essa é boa, vindo de você", ele disse, debochando, tirando o dedo da água e dissolvendo o desenho. "É você que está forçando Tedros a amar Sophie, só para que ela destrua aquele anel. Eu ouvi o que ela disse atrás daquela cortina na caverna. Eu, pelo menos, estou disposto a lutar pelo meu final feliz. Você está abrindo mão do seu verdadeiro amor para alguém com quem ele não deve ficar,

esperando que ele viva com essa pessoa para sempre! Pode ficar dizendo a si mesma, o quanto quiser, que você não é suficientemente boa pra ele, Agatha. Diga a si mesma que você está fazendo isso para salvar o Bem. Pode inventar qualquer desculpa para si mesma, se isso permitir que você durma à noite. Mas nós dois sabemos que você está simplesmente amedrontada demais para lutar pela pessoa com quem você deve ficar. E, sabe de uma coisa, princesa? Mesmo que eu deteste aquele cara até os ossos, isso não me parece algo do *Bem*."

Hort saiu pisando duro, deixando Agatha sozinha perto do lago. Ela ficou olhando enquanto ele ia embora, com o coração apertadinho no peito. As bolhas suaves ecoaram atrás dela, que se virou e viu os Peixes do Desejo novamente esbranquiçados, pulando na beira da água para que ela voltasse.

"Por favor, me ajudem, peixinhos", disse ela, baixinho.

Os olhos dos peixes cintilaram sob o luar como mil estrelinhas cadentes. Respirando fundo, Agatha mergulhou o dedo na água e esperou que seu coração lhe desse uma resposta... do jeito que o coração de Sophie a conduzira tão claramente a Tedros...

Digam-me o que eu realmente quero, ela pediu.

Os peixes instantaneamente começaram a ficar de cores diferentes. Rosados, azuis, verdes, vermelhos... vibrando e pulando loucamente, como brasas numa fogueira. Agatha fechou os olhos, sabendo que os peixes estavam prestes a pintar a resposta... seu caminho em direção à bondade e felicidade, de uma vez por todas...

Ela abriu os olhos. Os Peixes do Desejo não haviam se mexido.

Como flores murchas, eles tinham ficado brancos, olhando pra ela, cansados e vencidos. Agatha sorriu triste, lembrando de algo que sua professora uma vez havia decretado, diante de tal resultado.

"Mente nebulosa", sussurrou ela.

Agatha afagou os peixinhos para se despedir e seguiu a sombra de Hort, de volta para a casa. Nem Hort nem Agatha haviam notado que havia uma terceira pessoa perto do lago o tempo todo, sentado atrás de um grande carvalho.

O príncipe louro não se moveu um centímetro em seu lugar, nem mesmo quando o sol nasceu na manhã seguinte, com um halo dourado, lançando sua luz precária. Em vez disso, ele ficou deitado junto à árvore, ouvindo repetidamente o eco de tudo que ele acabara de escutar, com uma única

lágrima brilhando em seu rosto.

25
O Escorpião e o Sapo

Ao longo da semana seguinte, Tedros passou a ser um fantasma. Durante o dia, ninguém o via — nem na casa, nem no campo, nem perto do bosque de carvalho — e ninguém tinha a menor ideia se ele dormia, nem onde. Guinevere temia que o filho passasse fome, até que Agatha sutilmente sugeriu que toda noite elas deixassem um cesto de comida na varanda para ele. De manhã, o cesto sempre tinha sumido.

Para Agatha, o sumiço de Tedros provocava tanto pavor quanto alívio. Por um lado, o sol ia diminuindo a cada dia, deixando os brejos permanentemente rajados pelos tons de rosa e roxo do crepúsculo. O mundo estava rumando ao fim e o príncipe que poderia salvá-lo com um beijo não estava em lugar algum à vista.

E, no entanto, isso também significou que, pela primeira vez em semanas, Agatha não precisava pensar naquele príncipe. Os dois tinham se tornado inseparáveis, do jeito que ela e Sophie costumavam ser. Nesses últimos dias, todos os pensamentos que ela teve foram consumidos por Tedros: preocupando-se com Tedros, brigando com Tedros, fazendo as pazes com Tedros — Tedros, Tedros, Tedros, até que ela ficou esgotada, vivendo a vida a partir da perspectiva dos dois. Com o príncipe desaparecido, ela subitamente se lembrou que era um ser humano inteiro sem ele. E, de fato, se ficar sozinha viesse a ser o seu fim... então, agora era a hora de começar a se preparar para isso.

Até o sexto dia, ela e o grupo haviam ingressado numa rotina, como uma família confusa. Hort passava os dias com Lancelot, fazendo tarefas pelo sítio. De manhã até à noite, eles ordenhavam as vacas, cultivavam a horta,

recolhiam os ovos das galinhas, tosavam as ovelhas, lavavam os cavalos e lidavam com um bode travesso chamado Fred, que corria atrás de qualquer animal do sexo feminino, até o meio do brejo. Ensopado de suor, cheirando a feno e esterco, Hort parecia alegre por ser útil a um homem tão viril, e eles pareciam quase pai e filho, com os cabelos negros oleosos, o peito estufado e o andar malemolente.

Enquanto isso, Guinevere tinha a casa para cuidar, com uma quantidade infinita de roupa suja, costura, comida e limpeza, tudo por conta dos hóspedes extras, coisas que ela fazia avidamente, recusando qualquer tipo de ajuda, como se precisasse trabalhar para distrair a cabeça.

O que deixava Agatha e Sophie sozinhas.

Pela primeira vez, desde que elas perderam o Felizes Para Sempre, as duas meninas não tinham um menino entre elas. Presas ali sem nada para fazer, era como se estivessem de novo sob a proteção de Gavaldon, com um mundo de príncipes e contos de fadas muito, muito distante.

Enquanto Hort dormia no sofá da sala, as duas meninas tinham que dividir uma cama no pequeno quarto de hóspedes. Toda manhã, elas comiam ovos com bacon, junto com Hort, Lancelot e Guinevere, e faziam o melhor que podiam para arrumar as coisas antes que a mãe de Tedros as enxotassem, e então passavam o resto da manhã caminhando pelo campo ou cavalgando juntas.



Na primeira semana, elas pareciam ter se esquecido de como serem amigas. À noite, cada menina virava para o seu lado da cama e murmurava algo desanimado. Durante as caminhadas ou cavalgadas, a conversa formal

girava em torno do que poderia ter para o almoço ou da abundância de animais rurais e o clima (que, por conta da localização mágica, era invariavelmente o mesmo). Agatha notou que Sophie estava nervosa e preocupada, constantemente espiando a aliança e o nome de Tedros tatuado sob ela. Sempre que Lancelot cruzava o caminho delas, Sophie fingia mexer numa unha, ou ajustar um sapato, evitando olhar diretamente para ele. Às vezes, Agatha percebia seu sono agitado, murmurando frases desconexas: "Não dê ouvidos a ele...", "ouro de cisne negro...", "os corações não mentem", antes que Sophie acordasse trêmula, com o rosto vermelho, e se trancasse no banheiro.

Agatha, por sua vez, ainda não conseguia ficar à vontade perto da velha amiga. Quando estava viajando com Merlin, ela se convencera de que deixar Sophie terminar com Tedros seria um ato do Bem. Primeiro, porque Sophie destruiria a aliança e mataria o Diretor da Escola; e, segundo, porque se ela não pudesse ser a rainha que Tedros precisava, será que Sophie não deveria ter sua chance?

Mas as palavras de Hort tinham abalado suas convicções. Para começar, enquanto Sophie aspirava governar um dos reinos do Bem, ali estava ela, mantendo o Bem refém de sua aliança. Mesmo que concordar com suas condições viesse a salvar o futuro do Bem... isso ainda *parecia* do Mal.

Mais importante, será que Sophie realmente faria Tedros feliz? Tedros podia parecer forte e valentão, mas, no fundo, ele era delicado, solitário e meigo. Como Sophie poderia conhecer cada parte dele? Quanto mais Agatha tentava imaginar o Felizes Para Sempre dos dois, mais ela tinha uma sensação desanimadora, como se estivesse revivendo uma velha história. Como se agora ela fosse Lancelot, entregando Tedros a Sophie, como o cavaleiro um dia entregara Guinevere a Arthur. No fim das contas, qual foi o Bem que resultou daquilo?

À medida que os dias passavam e Tedros não regressava, cada menina parecia mergulhar ainda mais em seus pensamentos particulares, falando cada vez menos uma com a outra.

Então, chegou Nellie Mae.

Durante os seis últimos dias, Agatha vinha montando num cavalo chamado Benedict, a quem ela escolhera por suas patas finas, pelo preto enrugado e uma tosse persistente.

"Minha nossa, Aggie, você não lê livros de história?", Sophie alfinetou,

depois que Guinevere abriu o estábulo no primeiro dia. “Cavalos pretos não são adestráveis, são indomáveis e *malvados*. Além disso, esse aí parece estar com um pé na cova. O que a possuiu para escolhê-lo?”

“Ele me lembrou eu mesma”, Agatha respondeu, esfregando o pescoço do cavalo e encontrando um punhado de pulgas.

Sophie, por outro lado, escolhera uma elegante égua árabe de pelo castanho, chamada Nellie Mae, com uma cauda branca arrebatadora.

“Ela tem muita personalidade no olhar”, Sophie admirou. “Pelo que sabemos, pertenceu a Scherezade.”

“Shere quem?”

“Ai, Aggie, não lhe ensinaram nenhuma história de princesa naquela escola do Bem?”, Sophie ralhou, montando em sua égua. “Nem toda princesa de contos de fadas é branca, com um nariz pequenino, chamada Lindinha, ou...”

Agatha não ouviu o restante, porque Nellie Mae disparou dos estábulos como um demônio saindo do inferno. Pelo resto da semana, Sophie tentou, em vão, controlar sua égua, que dava coices, relinchava e cuspia, obedecendo Sophie somente quando ela a estrangulava com as rédeas... enquanto Agatha calmamente montava Benedict, como se descesse navegando por um rio.

Ainda assim, dia após dia, Sophie se recusava a trocar Nellie Mae, como se admitir que seu gosto ruim para cavalos de alguma forma invalidasse todas as suas outras escolhas na vida. Mas, essa manhã, depois que Nellie Mae pisara em seu pé, soltara um pum em seu rosto e passara um bom tempo caminhando em círculos, Sophie finalmente virou-se para Agatha.

“Ela é tão difícil quanto eu, não é?”

“Você é pior”, Agatha fungou.

“O que é esse negócio que eu tenho com animais de temperamento ruim?”, Sophie choramingava, enquanto Nellie Mae balançava de um lado para o outro, tentando arremessá-la. “Será que é porque eu não cursei Comunicação Animal?”

“O problema é que você fica lutando com ela, em vez de confiar nela”, disse Agatha. “Às vezes, tem mais na história além de *você*, Sophie. Você não pode escolher tudo à primeira vista, só porque parece bom, e depois forçar a ficar com você, como se fosse uma bolsa, ou um vestido. Relacionamentos são mais complicados que isso. Você não pode controlar a história dos dois lados.”

“Você não tentaria controlar sua história, se alguém lhe dissesse que seu coração é do Mal, quando você sabe que não é? Você não tentaria provar que os outros estavam errados?”, relutou Sophie, segurando as rédeas com força. “Eu tenho um bom coração, assim como você, e confio no que ele escolhe pra mim. *Preciso* confiar. Porque se eu não confiar, o que me resta?”

Agatha olhou em seus olhos. Nenhuma das duas estava mais falando de cavalos. Sophie afagou a cabeça de Nellie Mae.

“Eu estou pronta para um relacionamento, Aggie. Você vai ver”, ela sussurrou no ouvido da égua. “Certo, Nellie Mae? Somos uma equipe do Bem, você e eu. Eu confio em você e você confia em m...”

Nellie Mae se empinou com tanta força que Sophie virou ao contrário, caindo de cara no lombo do cavalo, antes que Nellie Mae arrancasse pelo campo afora.

“Aggieeeee!”, Sophie gritou.

Por um momento, Agatha se deleitou com a visão de Sophie sendo arrastada, com o nariz no traseiro do cavalo, e seu traseiro na cabeça do cavalo, antes que Agatha percebesse que se ela não parasse as duas, Nellie Mae *jamais* iria parar.

Com um chute firme na lateral de Benedict, Agatha seguiu correndo atrás do cavalo de Sophie, enquanto Hort e Lancelot se matavam de rir no campo, completamente entretidos.

O problema, claro, era que por ser tão delicado, Benedict vivia a vida num ritmo glacial e não via motivo para andar mais depressa, principalmente pelo desprezo que nutria tanto por Sophie quanto por Nellie Mae. Mas agora Agatha avistava um pântano profundo adiante do cavalo de Sophie, obstruído por uma árvore caída, do tamanho de uma rocha.

Nellie Mae acelerou em direção à árvore, talvez vendo a chance de se livrar de sua cavaleira de uma vez por todas.

“Sophie, cuidado!”, Agatha gritou.

Sophie olhou para cima, ofegante...

Nellie Mae saltou por cima da árvore, arremessando Sophie para dentro da lama, onde ela caiu de cabeça, antes que a égua graciosamente aterrissasse do outro lado e saísse galopando rumo ao pôr do sol. Sophie ouviu o cavalo de Agatha se aproximar trotando.

“Agora você retira a parte de me achar mais difícil?”, gemeu Sophie, encharcada de lama.

Agatha olhou para baixo do alto de seu cavalo, e estendeu a mão.

“Não.”

“Tudo bem, é justo”, Sophie suspirou, erguendo-se e subindo em Benedict, atrás de Agatha.

Enquanto as duas voltavam cavalgando para a casa, Sophie segurando-se nela, Agatha sentiu a cabeça da amiga pousar em seu ombro.

“Ainda me salvando depois de todos esses anos, Aggie”, sussurrou Sophie, aconchegando-se.

“Você já ouviu uma história chamada *O Escorpião e o Sapo?*”, perguntou Agatha.

“Obviamente. Você conhece? Realmente, por mais que eu goste de Clarissa Dovey, o currículo dela parece tristemente limitado”, Sophie limpou a garganta. “Era uma vez, um escorpião desesperado para atravessar um córrego, quando ele avista um sapo, do outro lado, e lhe pede uma carona. O sapo não quer ajudar, claro, porque ele diz que o escorpião certamente irá picá-lo e matá-lo. O escorpião responde dizendo que matar o sapo seria tolice, pois ele não sabe nadar e se o sapo morrer, ele morrerá também. Convencido por essa lógica, o sapo oferece uma carona ao escorpião... mas quando eles começam a atravessar o rio, o escorpião instantaneamente pica o sapo. ‘Seu tolo!’, o sapo diz num grasnido, ao afundar. ‘Agora nós dois vamos morrer!’ Mas o escorpião só sacode os ombros e faz uma pequena dança nas costas do sapo que está se afogando. ‘Eu não pude evitar’, diz o escorpião...”

“É a minha natureza”, Agatha concluiu.

“Você conhece mesmo!”, Sophie sorriu, surpresa.

“Melhor do que você pode imaginar”, Agatha disse, num tom acentuado.

Sophie não disse mais nenhuma palavra durante o resto do trajeto.

No dia seguinte, as meninas tinham voltado à velha amizade, com Agatha resmungando sobre os monólogos de Sophie, Sophie provocando Agatha por ser desajeitada, e as duas brigando e rindo como duas adolescentes apaixonadas. Os dias foram passando, a segunda semana chegou, e ainda não havia o menor sinal do príncipe, exceto pelos cestos de comida que haviam sumido a cada manhã. E, no entanto, sua ausência tornava Sophie e Agatha cada vez mais próximas, hora tomando ponche de cereja diante de uma fogueira, passeando pelos campos, ou aconchegando-se uma à outra depois

que todos da casa estavam dormindo.

“Por que você acha que Lancelot e Guinevere têm um quarto de hóspedes?”, perguntou Agatha, certa noite, enquanto elas compartilhavam um cesto de piquenique num jardim selvagem, a uma milha da casa. “Até parece que eles podem ter hóspedes. Exceto Merlin, eu imagino, mas ele prefere dormir numa árvore.”

Sophie ficou olhando Agatha, surpresa.

“Cada coisa que você descobre quando está acampando com alguém”, disse Agatha, dando um sorrisinho malicioso, beliscando um pedaço do bolo de amêndoas de Guinevere. “Você acha que ela e Lancelot queriam ter um filho juntos?”

“Isso explicaria a escolha pueril do papel de parede”, observou Sophie, dando um gole em seu suco caseiro de pepino.

“Mas o que os impede? Faz mais de seis anos que Merlin os escondeu aqui.”

“Talvez Guinevere tenha percebido que não queria um filho com um homem cuja personalidade é tão odiosa quanto sua higiene”, palpitou Sophie.

Quando terminaram, elas adentraram ainda mais o jardim florido, divertindo-se no ar enevoado e na sensação de segurança, como se estivessem numa versão maior e melhor da Floresta Azul.

“Eu venho pensando em lhe dizer algo”, disse Agatha, cheirando uma madressilva. “Quando nós voltamos à Floresta, Tedros e eu encontramos um portal através do túmulo de sua mãe, em Graves Hill. Mas não havia nenhum corpo lá dentro. E quando nós saímos do outro lado...”

“Minha mãe tinha uma sepultura de vilã no Cume Necro.”

Agatha ficou olhando Sophie, surpresa.

“Cada coisa que você descobre quando está acampando com alguém”, Sophie sorriu. “O Tedros me disse tudo que aconteceu antes que vocês dois me salvassem. Mas isso também não faz sentido para mim, Aggie. Só pode ser um engano do Guardião da Cripta. Eu sei que a sua mãe não lhe disse que tinha frequentado a escola, mas minha mãe *teria* me contado. Ela nunca frequentou a Escola do Bem e do Mal. Ela nunca foi à Floresta. Eu tenho certeza disso. Então, o Storian não poderia ter escrito seu conto de fadas. Porque minha mãe morreu na minha frente...”, Sophie parou, com a voz falhando. “Assim como a sua, que morreu bem na sua frente.”

A garganta de Agatha secou.

“Lamento muito, Aggie”, disse Sophie, com a voz rouca.

Agatha sentiu antigas emoções aflorando, enquanto Sophie a envolvia num abraço apertado. Pela primeira vez desde que tinha deixado Gavaldon, Agatha chorou por sua mãe.

“Callis te amava muito”, sussurrou Sophie, acariciando as costas da amiga. “Mesmo me odiando.”

“Ela não odiava você. Ela só imaginava que nós não seríamos amigas depois que chegássemos às nossas escolas”, disse Agatha, limpando os olhos.

“Ela também imaginou que você ficaria na Escola do Mal e eu, na Escola do Bem”, disse Sophie.

“Isso teria resolvido tudo, não?”, disse Agatha.

As duas meninas riram.

“Todos nos acham tão diferentes, Aggie”, disse Sophie. “Mas nós duas sabemos o que é perder alguém que nos entende de verdade.”

“E encontrar alguém também”, Agatha pousou a cabeça no ombro de Sophie.

Agora foi a vez de Sophie chorar.

“É melhor a gente voltar”, Agatha suspirou. “Acho que Guinevere e Lancelot já têm dor de cabeça o suficiente sem que a gente também suma.”

Enquanto elas caminhavam de volta pra casa, Agatha pegou o braço de Sophie.

“Falando nisso, o que você acha daqueles dois? Para dois amantes que mudaram o curso de um reino, eles são um tanto... caseiros.”

“Dizer que eles são caseiros é florear, e muito, a situação”, disse Sophie, fazendo uma careta. “Imagine só as coisas que Guinevere poderia estar fazendo neste exato momento se tivesse ficado com o Arthur: planejando o Baile da Páscoa, ou dando as boas-vindas a reis vizinhos em jantares formais, ou administrando a corte real. Mas aqui está ela, dobrando camisas de homem e fazendo isso com prazer. Arthur teria ficado muito melhor com alguém como a minha mãe, que sabia que era destinada a uma vida mais grandiosa.”

“Eu só vi sua mãe uma ou duas vezes na cidade, quando era bem pequena”, disse Agatha. “Mas eu me lembro que ela era linda, como uma ninfa de cabelos louros.”

“Já faz sete anos, por isso eu já nem consigo mais lembrar do rosto dela”, disse Sophie. “Quanto mais eu tento me lembrar, mais o semblante vai se

modificando, como se eu estivesse tentando recapitular um sonho. Mas ela não saía muito de casa. Também não tinha nenhuma amiga, exceto Honora, até que... bem, você sabe. Por isso que eu sei que ela nunca frequentou a escola, nem entrou na Floresta. Porque ela nunca teria voltado para Gavaldon. Ela detestava aquele lugar."

"Tal mãe, tal filha", disse Agatha.

"A diferença entre nós é que eu saí", disse Sophie, com o tom mais duro. "Eu terei a vida grandiosa que ela sempre quis. Terei meu Felizes Para Sempre grande o bastante para nós duas."

Agatha sorriu tensa e elas ficaram em silêncio. Enquanto as duas meninas se aproximavam da sede do sítio, avistaram as luzes de Gavaldon ao longe, o escudo protetor que a envolvia já perfurado com buracos de tamanhos variados, nenhum deles maior que um melão. Através dos buracos, elas podiam ver nitidamente as torres verdes das casinhas, o relógio da torre torta e grupos de crianças na praça, todas com o nariz mergulhado em livros de histórias. Elas viam até algumas das vitrines das lojas, incluindo a da Livraria de Contos de Fadas do Sr. Deauville, agora reaberta e apinhada de crianças."

"Eles estão lendo os livros reescritos", Agatha percebeu, lembrando-se do alerta de Merlin. "Toda vez que o Mal vence, um conto de fadas é reescrito. Por isso que Gavaldon está se abrindo para o Diretor da Escola e seu Exército Sinistro. Os Leitores estão *acreditando* no poder do Mal."

"Ahn... quanto tempo o Merlin disse que teríamos, antes que a Floresta escurecesse?", Sophie engoliu em seco.

"Agora, não mais que uma semana", alertou Agatha, olhando a aliança no dedo de Sophie. O FIM estava bem ali... no entanto, tão longe. "Eu estava querendo lhe perguntar. Outro dia, vi você e Lancelot conversando na sala de jantar. O que ele lhe disse?"

A amiga parou de andar, mas não disse nada.

"Sophie?"

"Está chegando a hora, não é?", ela disse baixinho, com os olhos ainda em Gavaldon.

"De quê?"

"Cada um de nós acha que sabe quem é do Bem e quem é do Mal", Sophie se virou para amiga. "Você, eu, Tedros, Rafal... até o Lancelot. Mas não podemos estar todos certos, Aggie. Alguém tem que estar errado."

"Eu não entend...", Agatha sacudiu a cabeça.

“E se nós pudéssemos voltar ao começo? Quando éramos só você e eu”, Sophie estava com as bochechas vermelhas, o desespero inundava sua voz. “Foi nosso primeiro Felizes Para Sempre, Aggie. Não pode ser o último?”

Agatha ficou olhando a amiga esperançosa, iluminada pelas estrelas, emoldurada pela visão do antigo lar das duas. Agatha delicadamente pegou a mão de Sophie e olhou em seus olhos.

“Mas não foi, foi? Nosso Felizes Para Sempre não durou.”

Sophie a soltou, com a tristeza enfraquecendo seu sorriso.

“Você ainda acha que eu sou aquela mesma garota. Você acha que sou eu que estou destinada a ficar sozinha.”

“Não... não foi isso que eu quis dizer...”, Agatha se opôs.

“Diga, Aggie”, pediu Sophie, com os lábios tremendo. “Diga-me que você e Tedros merecem o Felizes Para Sempre. Mais que Tedros e eu. Mais que eu e você.”

Agatha começou a suar.

“Diga-me que você quer ser a rainha de Camelot. Que só você pode fazer o Tedros feliz para sempre”, Sophie continuou, com os olhos se enchendo de lágrimas. “Diga-me e eu destruirei a aliança essa noite. Eu prometo.”

Agatha ficou vermelha de perplexidade. Ela sondou o rosto de Sophie e viu que ela estava dizendo a verdade. Aí estava O FIM. Essa era a saída do conto de fadas. Ela só precisava dizer aquelas palavras.

“Diga que você é uma rainha de conto de fadas, Agatha”, Sophie incitou.

Agatha abriu a boca... E, no entanto, as palavras não lhe vieram... somente a imagem dela, numa pintura de Peixes do Desejo, usando a coroa de Tedros.

“Diga, Aggie”, Sophie pressionava.

Agatha se imaginou como aquela líder clássica da realeza... digna de estar ao lado do filho do Rei Arthur.

“Diga para valer”, Sophie mandou.

“Eu... eu... eu...”, Agatha se esforçava para respirar, mas os ofegos se esvaiam no ar.

“Mas você não consegue dizer, não é?”, Sophie sussurrou, tocando o rosto de Agatha. “Porque você nunca vai acreditar nisso realmente.”

Agatha sentiu as lágrimas quentes a cegá-la, a voz trancada por dentro... Mas agora havia mais alguém vindo em sua direção, atravessando o campo. Um garoto louro, de ombros largos, segurando uma única rosa cor-de-rosa.

Recém-banhado e barbeado, Tedros se aproximou de Agatha, usando uma camisa branca e soltinha, para fora das calças pretas, com a Excalibur presa em seu cinto.

Só que ele não estava olhando para Agatha. Seus olhos estavam fixos em Sophie quando ele parou na frente delas, com um sorriso sensual nos lábios.

"Podemos dar uma volta, Sophie? Você e eu?"

Sophie sorriu e deu uma olhada melancólica para Agatha, como se pedisse sua permissão... mas ela já deixara que Tedros pegasse sua mão. Enquanto ele conduzia Sophie, afastando-se da casa, Agatha esperou que seu príncipe olhasse de volta para ela.

Mas ele não olhou.

Ali, em pé, sozinha no campo, Agatha ficou vendo as duas sombras aninhando-se uma à outra, antes que Tedros colocasse a rosa na mão de Sophie. Olhando seu príncipe, Sophie segurou a rosa junto ao peito e sussurrou algo para ele. O futuro rei sorriu e a conduziu adiante, as silhuetas se fundindo ao luar, com se uma porta do Felizes Para Sempre tivesse sido aberta...

Então, eles sumiram, assim como o último raio de luz no coração de Agatha.

"Aqui estava eu, esperando que você fosse chegar pendurado num cipó, todo sujo de terra, batendo no peito como o Tedros da Selva", Sophie caçoou, enquanto eles seguiam de mãos dadas pela escuridão. "Na verdade, eu estou ligeiramente decepcionada."

"Passei na casa para tomar banho", disse o príncipe, laconicamente.

"Você ficou sumido por mais de uma semana. O que andou fazendo durante todo esse tempo?"

"Pensando."

Sophie esperou que ele explicasse, mas eles continuaram caminhando mais de uma hora antes que ele dissesse mais alguma palavra. O cabelo dele recendendo a limpo roçava no pescoço dela fazendo cócegas, e o príncipe a conduzia com tanta firmeza que Sophie sentiu uma onda de calor percorrer sua coluna. Com a outra mão, ela segurava a rosa, assegurando-se de mantê-la bem perto de si. Houve uma vez, no Baile de Boas-Vindas, que Tedros atirou uma rosa no ar para ver quem seria seu verdadeiro amor e ela não tinha conseguido pegar.

Mas agora Sophie tinha a rosa.

Um rugido abafado ecoou adiante e ela viu a lua refletida num rio ladeado por rochas escuras. As águas desciam calmamente, antes de seguir a uma cachoeira cavernosa, profunda demais para que se visse o fundo. Além da cachoeira, não havia nada além do brilho branco da lua.

“Só você mesmo para encontrar os confins da terra”, disse Sophie.

“Aqui dentro”, disse Tedros, puxando-a em direção a uma abertura na rocha do rio.

Sophie se espremeu para passar pelo buraco, tentando se segurar sem despedaçar a rosa do príncipe. Quando ela entrou, Tedros segurou-a pela cintura, ajudando-a a ficar de pé. Por um momento, ela não conseguia enxergar nada. Então, ouviu o barulho de um fósforo sendo riscado e viu Tedros acender uma vela alta que devia ter pegado na casa.

Sophie ficou sem ar. Eles estavam numa caverna resplandecente de safira, as paredes eram inteiramente feitas da pedra azul esverdeada. Fileiras de safiras perfeitas distorciam seu rosto, como uma parede de espelhos. Num canto havia um cobertor e um travesseiro, e farelos de comida salpicavam o chão, com alguns cestos jogados. Ali claramente havia sido o acampamento de Tedros durante a semana passada.

Ele abriu o cobertor e ajudou Sophie a se sentar, antes de se aninhar ao seu lado, com a perna encostando na dela, e colocou a vela na frente dos dois.

“Notei que você e Agatha têm passado bastante tempo juntas”, ele falou.

Sophie deu uma olhada para a sobrancelha arqueada dele, e não era boba de perguntar há quanto tempo ele vinha espionando as duas de longe. —

“Bem, você teve seu tempo com Agatha, e teve seu tempo comigo. Não é justo que ela e eu tenhamos a nossa vez? Principalmente, se for a última vez, antes que as coisas... mudem”, ela lançou um olhar tímido.

“É claro”, Tedros concordou, mexendo na cera da vela.

“Nós estávamos preocupados com você, Teddy. Por aí, sozinho. Deve ter sido terrível ser jogado naquela casa, com...”

“Não quero falar de uma velha história, Sophie. É com a nova história que me importo”, ele se virou para ela, com um olhar penetrante. “Quando estávamos na trilha, você disse que havia dois tipos de rainha. Aquela que quer ser uma rainha e a que não quer. Eu perguntei o que você faria como minha futura rainha...”

“Antes de sermos rudemente interrompidos por piratas zumbis”, pontuou

Sophie, mas Tedros não sorriu.

“Fiz a pergunta errada. Deveria ter perguntado *por que* você quer ser minha rainha.”

Os ombros de Sophie relaxaram. Finalmente, eles terminariam o que começaram na Floresta. Sem nervoso, sem reveses, dessa vez... Agora estava tudo nas mãos dela. Tudo que Tedros queria era a verdade. Ela ergueu os olhos para as safiras entalhadas acima da cabeça deles, refletindo os dois como mil coroas. Então, Sophie respirou fundo e começou a falar.

“Eu costumava sonhar com príncipes. Com bailes magníficos, cheios de centenas de belos meninos e só eu de menina. Eu passaria pela fila, inspecionando-os, tentando escolher qual deles seria o meu Feliz Para Sempre. A cada noite, eu chegava mais perto, mas sempre acordava antes de encontrá-lo. Como eu detestava o momento em que os meus olhos se abriam... Estar num mundo de magia e romance e Bondade, e ser roubada de volta para uma vida sem sentido; parecia tão... *errado*. Não era meu lugar, uma rua cheia de casinhas, com quinze outras casas exatamente iguais à minha. Eu não podia me casar com um gerente de loja qualquer ou um sapateiro e me arrastar até a confeitaria, dia após dia, só pra alimentar nossos filhos. Eu queria uma felicidade verdadeira, onde O FIM não significa ficar velha e inútil, e ser espremida num cemitério junto de todo mundo. Agatha acha que tudo isso seria o paraíso, é claro, mas ela quer se esconder numa vida comum. Eu sou especial. Eu sou *diferente*. Estou destinada a ter meu nome lembrado mais que a Branca de Neve e a Bela Adormecida, que não passavam de garotas bonitas e passivas, que esperaram feito bonecas pela chegada de seus príncipes. Eu estou destinada a viver no coração das pessoas para sempre, por mais velha que minha história se torne. Porque, ao contrário de todas essas garotas do Bem, eu fui atrás do meu final feliz. *Eu* que o fiz acontecer, independentemente de quantas pessoas tentaram tirá-lo de mim. Por isso que eu quero ser uma rainha, Tedros. Porque não importa o que ninguém diga, eu sempre soube que era uma rainha. Em busca do meu rei.”

As lágrimas brotaram nos olhos de Tedros.

“Eu lhe disse”, Sophie sorriu. “Eu lhe disse que éramos destinados a ficarmos juntos, desde o primeiro dia.”

O príncipe a enlaçou pela cintura.

“Obrigado por me dizer a verdade, Sophie.”

“E a verdade foi... suficiente?”, ela perguntou, ruborizada.

Tedros assentiu, deslizando os dedos acima, pelas costas delas.

“Você só deixou uma coisa de fora...”

“O que foi?”, ela sussurrou, aproximando-se, inalando seu cheiro doce.

Tedros segurou seu pescoço e lentamente pressionou os lábios aos dela, macios como uma nuvem. Com um ofego, Sophie mergulhou no beijo, com o coração disparado no peito, junto ao dele.

Finalmente.

Finalmente!

Ela saboreava cada pedacinho daquela boca perfeita, esperando pela onda que surgiria entre eles, para selar o final dos dois... a centelha tão elétrica e forte quanto o amor pudesse suportar... Mas Sophie só sentiu um gosto oco e morto, como se beijasse uma pedra.

Abalada, ela abraçou Tedros com mais força e o beijou mais profundamente, mas não sentia nada do lado dele, nada do lado dela, absolutamente nada, enquanto os lábios dos dois ficavam cada vez mais sem vida, repelindo um ao outro, até que ela finalmente recuou. Tedros olhava para ela, com um olhar gélido.

“Você deixou de fora a parte de querer ser a minha rainha porque me ama.”

O coração de Sophie se transformou num buraco negro.

“Eu não sou seu verdadeiro amor, Sophie. Nunca fui”, disse o príncipe. “Nosso lugar não é ao lado um do outro.”

“Mas... mas... a aliança...”, Sophie tentava respirar. Ela olhou rapidamente para baixo, para sua mão, e viu que a marca com o nome de Tedros estava desaparecendo sob o ouro, como se nunca tivesse estado ali.

Um tilintar ruidoso assustou-a e ela se virou, encontrando a Excalibur no chão, ao seu lado. Sophie ergueu os olhos para Tedros, saindo da caverna.

“Quando eu voltar, quero a aliança destruída”, ele ordenou.

Então seguiu noite adentro e sumiu de vista.

Sophie olhou para a aliança cintilando sob a vela. O ódio percorreu seu sangue... um ódio tão forte e primitivo que fazia seu corpo inteiro tremer. Ela arrancou a aliança do dedo e atirou na parede de safiras, antes que ela caísse no chão de terra à sua frente.

Lancelot estava certo. A aliança mentira para ela. Ela tinha gravado o nome de um príncipe a quem ela jamais pertenceu. Propositalmente, conduzira-a ao caminho errado. Fizera dela uma tola. Assim como o menino

que lhe presenteara com ela.

Cerrando os dentes, Sophie agarrou a Excalibur com as duas mãos, imaginando o sorriso de Rafal. O Mestre do Mal aprenderia sua lição por traí-la. Ela ergueu a espada do Bem acima da aliança e desceu o golpe, dando um grito. A lâmina parou a um milímetro de distância.

Mas, será que ele realmente a traíra?

Por que a aliança do Mal a levaria ao príncipe do Bem? E por que Rafal a deixaria ir embora com aquele príncipe, sem vir atrás dela?

Ela pensou no Capitão Gancho, que tinha ordens de não levá-la de volta ao jovem Diretor da Escola. Pensou no belo menino de cabelos alvos na janela, observando-a partir. Pensou em seus olhos azuis oniscientes, no seu rosto sereno, suas últimas palavras flutuando, enquanto ela ia caindo...

Você voltará pra mim.

Arregalando os olhos, Sophie lentamente baixou a espada. Rafal não a traíra.

Ele a deixara livre, da mesma forma que Agatha a deixara livre com Tedros... para que todos eles pudessem encontrar a verdade por conta própria. Uma verdade da qual Sophie vinha fugindo há muito tempo.

A aliança de ouro estava quente quando ela a pegou no chão e a enfiou no dedo. Por um instante, ela reluziu em vermelho, como se selasse um novo laço entre eles, e ela viu seu reflexo na superfície.

Nada de destruir a aliança essa noite. *Nem nunca*.

Pois o motivo pelo qual ela achava que tinha faltado algo no beijo de Tedros era por já ter sentido a centelha uma vez, com outra pessoa. Alguém que a amava pelo que ela realmente era. Alguém por quem ela se sentira amedrontada demais para amar de volta. Porque se ela o fizesse, isso significava que ela e Agatha, ambas seriam rainhas — cada uma temendo aceitar seu destino.

No entanto, ao contrário da melhor amiga, agora Sophie estava pronta. Sozinha à luz da vela, ela fechou os olhos e fez um pedido... Pediu um príncipe... um castelo... uma coroa... Dessa vez, do Mal, ao invés do Bem.

Um vento frio irrompeu na caverna e apagou a vela.

Agatha estava deitada na escuridão profunda, rezando para dormir. Isso só durou alguns minutos, antes que ela sentasse e acendesse a vela em sua mesinha de cabeceira. Seus olhos captaram um espelhinho na parede e ela viu

o rosto cansado, as olheiras, os ombros caídos. Fazia muito tempo que ela havia sido uma princesa.

Ela estava prestes a se encolher embaixo das cobertas e tentar dormir com a vela acesa, quando ouviu uma música baixinha e risos vindo da parte de trás da casa. Ela ajoelhou-se na cama e olhou pela janela, e viu Guinevere dançando no jardim, enquanto Lancelot tocava flautim, dançando ao lado dela. Lancelot pegou seu braço, enquanto eles giravam e riam, os dois celebrando o fim de cada canção com um beijo.

Agatha ficou olhando, fascinada. Todo esse tempo, ela tinha imaginado os dois como exilados aflitos, banidos ao purgatório e certamente mortos de tédio um do outro depois de seis longos anos. Em vez disso, eles estavam dançando e se beijando à meia-noite, sem qualquer motivo, como dois adolescentes inebriados de ponche. Não importava onde eles estavam, quem estava ao redor, o que eles tinham e o que não tinham.

Eles ainda tinham um ao outro. Eles tinham amor.

Agatha ficou vermelha de vergonha. Ali estava ela, entregando seu príncipe porque era medrosa demais para lutar por si mesma. E não apenas isso, ela estava fingindo fazer isso para proteger os velhos heróis do Bem. O que esses velhos heróis achariam dela agora? Uma princesa de verdade não se escondia de seu destino atrás do escudo do Bem. O destino de uma princesa de verdade não era só dela — mas também de seu príncipe. Ao abrir mão de Tedros, ela estava arruinando a vida de ambos. Gavaldon ou a Floresta, realeza ou plebe, Bem, Mal, Meninos, Meninas, Jovens, Velhos... nada disso importava, contanto que eles estivessem juntos.

Ela não tinha de ser uma rainha. Ela tinha de ser a rainha *dele*. E, isso, ela sabia como fazer. Sem pensar, Agatha saiu do quarto cambaleando e seguiu pelo corredor. Ela escancarou a porta da frente e disparou pelos degraus da varanda, rumo ao campo orvalhado. Estreitou os olhos para a noite escura, com o coração despedaçando...

Porque era tarde demais. Tedros e Sophie já teriam partido há muito tempo. Abatida, ela baixou a cabeça e lentamente começou a voltar para a porta... Até que ouviu um som baixinho de passos à distância. Agatha ergueu os olhos e viu uma silhueta volumosa atravessando o campo, em direção à casa. Ela se inclinou para a frente, com os olhos fixos adiante, enquanto eles se ajustavam à escuridão.

“Hort?”, ela chamou.

Mas, agora, ela reconhecia o peso do andar... os braços longos e musculosos... o cinto grosso na cintura, sem a espada. O olhar de Tedros se fixou nela enquanto ele caminhava até a casa. Antes que se desse conta, Agatha estava correndo na direção dele e Tedros corria na direção dela. Cambaleando no escuro, Agatha ouvia a própria respiração ofegante, enquanto a sombra dele ia se aproximando dela, cada vez mais rápido, mais rápido, até que eles colidiram como estrelas e Agatha caiu. Tedros a levantou em seus braços e ela riu, e então ele a beijou, um beijo demorado e ardente, como jamais a havia beijado antes.

"Você acha que eu não te conheço, Agatha", sussurrou ele. "Acha que eu não vejo quem você é."

"Não basta que você veja, Tedros. Eu também tenho que ver."

"E, agora, o meu reino inteiro também verá. A maior rainha do mundo."

Agatha ficou olhando nos olhos dele, tão claros, tão convencidos.

"Mas eu sou somente eu... sou apenas uma garota... e você... você é..."

"Você acha que eu sei como ser um *rei?*", Tedros disparou.

"O quê? Mas você sempre age tão..."

"Agir. *Agir*!" Ele sacudiu a cabeça, com a voz falhando. "Diga que você me ama, Agatha. Diga que jamais abrirá mão de mim novamente. Diga que será minha rainha para sempre..."

"Eu te amo, Tedros", Agatha declarou, em prantos. "Amo mais do que você pode imaginar."

"Diga o resto também!"

"Eu..."

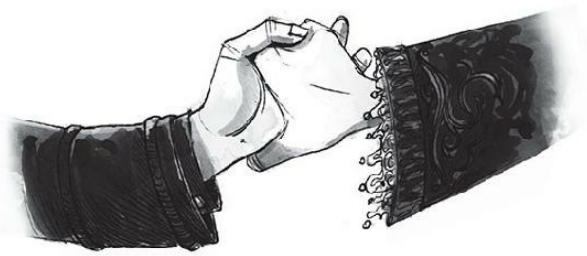
Mas não houve mais palavras, enquanto as lágrimas escorriam pelos rostos dos dois e se misturavam aos lábios, com o açúcar e o sal do amor.

Lá longe, do outro lado do campo, Hort esperou um bom tempo depois que Tedros saiu da caverna, antes de tomar uma atitude. Ele seguiu o príncipe quando ele trouxera Sophie até ali, portanto foi inquietante vê-lo deixar a caverna sem ela. Escondido atrás de uma árvore, Hort deu uma espiada pela entrada, com a ponta do dedo acesa, até que as paredes de safira o cegaram com seu resplendor.

"Sophie?", ele chamou, protegendo os olhos. "Sophie, onde está você?"

Mas tudo o que Hort encontrou foi uma espada que não havia sido usada e um punhado de penas negras, como se ela tivesse sido salva por um cisne.

TERCEIRA PARTE



26
Da Escuridão Vem Uma Rainha

Quando Sophie acordou na Torre do Diretor da Escola, um vestido esperava por ela na cama, iluminado pelo alvorecer.

Agora, ela estava diante da janela, com o vestido tomara que caia de veludo preto, justo e com uma longa cauda que a fazia parecer uma noiva sinistra.

Do outro lado da baía, a névoa verde envolvia os silenciosos castelos negros do Velho e do Novo, sob a manhã nublada e um sol que não era maior que uma bola de gude. *Tanta paz*, ela pensou. Todos aqueles anos ela se esforçou e agonizou para ser do Bem, tentando trapacear para abrir caminho até seu Felizes Para Sempre. Mas ao olhar lá fora, para o seu reino do Mal, Sophie percebeu que nunca deveria nem ter tentado. Dois anos atrás, o Diretor a colocara na escola onde era seu lugar — a escola que ela estava destinada a um dia administrar. E se ela tivesse abraçado esse fato em vez de negá-lo, se ela simplesmente tivesse amado a si mesma do jeito que era, ela teria se poupado de um mundo de dor. Ela olhou para os próprios braços.

"Nada de verrugas ou rugas, ainda. Quando é que vou me transformar em... você sabe..."

Rafal veio até seu lado, com o paletó de veludo preto de gola chinesa que combinava com suas calças de veludo.

"O Professor Manley inicia o primeiro dia de aula de Enfeiamento explicando por que os vilões precisam ser horrendos para serem bem-sucedidos. A feiura liberta o vilão da superfície — da prisão da vaidade e de sua própria aparência — e o deixa livre para abraçar a alma que está dentro de seu ser. Da primeira vez que você se transformou em bruxa, sua alma

precisava ser horrenda para que você pudesse enxergar além de sua beleza e acessasse sua própria maldade. Mas agora você é uma bruxa diferente, Sophie. Você aceita a si mesma como é, por dentro e por fora. A feiura não teria qualquer finalidade para você. Da mesma forma que não tem nenhuma finalidade para mim."

Ela esperava sentir alívio por manter sua beleza, mas, em vez disso, sentiu um estranho vazio, como se sua aparência já não importasse depois de tudo que ela passou. Seus olhos desviaram para a aliança em seu dedo.



"Isso é ouro de cisne negro, não é? Você sabia que isso me levaria até Tedros."

Ele contraiu a boca, como se estivesse cogitando se devia descobrir como ela ficou sabendo disso, ou se deixava de lado qualquer coisa que pudesse ter acontecido durante o tempo em que ela esteve fora.

"Vamos colocar da seguinte forma", ele disse, finalmente. "Já que você não a destruiu, eu sabia que a aliança a traria de volta pra *mim*."

"E se eu a tivesse destruído?", ela quis saber, virando-se para ele. "E se Tedros me amasse?"

"Um beijo tem de ser sentido de ambos os lados, lembra-se? Eu estou bem certo de que o príncipe sentiu tão pouco do seu beijo, quanto você do beijo dele." O rosto do Diretor se abrandou. "Além disso... eu preferiria que você tivesse me matado a ser desertado para sempre."

Sophie olhou para baixo, quieta. Depois, olhou de volta para o belo e jovem Diretor da Escola.

"Desculpe", ela pediu. "Desculpe por ter ido embora..."

Ele pousou o dedo nos lábios dela.

"Agora você está aqui. Só isso que importa."

“Não está zangado comigo, por eu ter traído você?”

“Como posso ficar zangado se a sua traição só nos tornou mais fortes? Tenho é que estar grato. Quer dizer, se for você a quem tenho de agradecer.”

“O que quer dizer?”

“Sua amiga Agatha costumava ter um raro talento”, Rafal mordeu o lábio pensativo, “a habilidade não apenas de ouvir desejos, mas também de concedê-los. Em seu primeiro ano, ela desperdiçou esse talento com preocupações sem sentido: libertando alguns peixes, fazendo amizade com um gárgula, defendendo alguns lobos... mas agora eu desconfio que ela tenha aprendido a usá-lo para algo que valha mais a pena”, ele ficou olhando nos olhos de Sophie. “*Você*.”

“O quê?”, disse Sophie, surpresa. “Como ela poderia...”

“Seu desejo era que Tedros a beijasse, não era? E foi Agatha quem lhe deu a chance de que você e Tedros deixassem esse beijo acontecer. Talvez ela até tenha dado um passo a mais, concedendo-lhe seu beijo com o príncipe, como um gênio da lâmpada, sabendo que Tedros não sentiria nada e, no fim, acabaria voltando para ela — o amor que ele sente por ela está mais forte, porque não foi testado. Ora, isso seria algo e tanto, não? Conceder o seu desejo para que ela pudesse obter o dela.”

Sophie fechou o rosto.

“Eu conheço a Agatha, e ela não pensa desse jeito...”

“Conscientemente, talvez não. Mas a alma dela volta em direção ao Bem, da mesma maneira que a sua vem na direção do Mal. Talvez ela tenha até pensado que tomada pela mágoa e pela raiva ao perder seu príncipe, você também daria as costas para mim e destruiria minha aliança. O Bem teria seu Final Feliz perfeito, limpo e eficiente, tudo por conta do talento secreto de uma princesa.”

“Então, ela queria que eu terminasse *sozinha*”, o rosto de Sophie ficou petrificado.

“Certamente”, o jovem Diretor da Escola sorriu. “Só que ela não contava que você descobriria a diferença entre mim e o Príncipe Tedros de Camelot.”

“E o que é?”, Sophie encarou os olhos azuis enigmáticos dele.

Rafal enlaçou a cintura dela, puxando-a para perto de si e pressionando os lábios aos dela. Ele tinha uma boca delicada, no entanto firme, e no instante em que ela sentiu os lábios dele, Sophie viu seus pensamentos se calarem, ficando em silêncio profundo, como se uma bomba escura tivesse explodido

dentro de sua cabeça. Então, sentiu seu coração, num turbilhão de fogo e arrepio, como se tivesse encontrado sua outra metade. Ele já a beijara antes, mas, dessa vez, Sophie retribuiu o beijo com mais ardor e a brisa soprou os cabelos dela sobre os rostos jovens, em mechas tingidas de dourado do sol, e ela soube que não havia mais culpa, nem dúvida ou vergonha, porque ela havia encontrado o amor... o amor eterno... tão lindo quanto Maléfico... Os lábios de Rafal se afastaram dos dela.

"A diferença é que para uma garota como você, o Mal a faz se sentir bem", ele disse ele. E Sophie ouviu o Storian atrás deles, pintando o beijo dos dois em cores vibrantes.

"E já era hora de eu finalmente me sentir bem, não?", ela sorriu, sentindo o revolver sinistro em seu coração. E beijou seu belo menino outra vez, mordendo o lábio dele com tanta força que sentiu gosto de sangue. "Agora eu sou sua rainha, de coração e alma", ela sussurrou.

Rafal lambeu os lábios com prazer e passou as mãos nos cabelos dela.

"Só há uma coisa que ainda está faltando..."

No fim das contas, o vestido não tinha sido acidental. Ele planejara toda a cerimônia enquanto ela estava dormindo.

Agora Sophie esperava do lado de fora das altas portas duplas, dentro de um velho castelo do Mal, com o coração disparado pela expectativa. Com um rangido maligno, as portas de madeira escura foram abertas e uma sinistra música desafinada começou a tocar, como uma marcha nupcial tocada de trás para a frente. Ela olhou para cima e viu duas fadas negras pousadas na porta, deslizando suas varinhas verdes em dois pequenos violinos.

"Você está pronta?", ele perguntou.

Ela se virou para Rafal, seu rosto jovem emoldurado por uma parede de velhos retratos na sala da escadaria.

"Sim", ela anuiu.

Rafal entrelaçou os dedos aos de Sophie e a conduziu pelas portas abertas.

Todos dentro do Teatro das Fábulas se levantaram quando o Mestre e a Rainha seguiram pelo longo corredor prateado. Uma vez dividido entre o Bem e o Mal, o vasto salão iluminado pelas tochas agora era inteiramente dedicado ao Mal, Velho e Novo. De um lado do corredor, o Exército Sinistro de vilões zumbis observava de seus bancos de madeira, cercados por paredes

chamuscadas e manchadas de mofo verde. A maioria dos antigos vilões estava usando broches com ossos cruzados sobre o coração, exceto por alguns dos mais famosos, incluindo o lobo de Chapeuzinho Vermelho, a madrasta de Cinderela, o gigante de João do Pé de Feijão e o Capitão Gancho, morto-vivo, apesar do ferimento sangrento feito pela espada em seu peito. Gancho deu um sorrisinho malicioso para Sophie, e ela sentiu seu corpo ficar rígido, precisando lembrar a si mesma que ela era rainha e ele não poderia fazer nada para feri-la.

"Os ossos cruzados significam que eles mataram seus Nêmesis antigos e reescreveram suas histórias", sussurrou Rafal, notando a expressão dela. "O velho mago desagradável anda escondendo os heróis mais famosos em sua assim chamada Liga. Por isso que o escudo sobre seu mundo ainda terá de cair. Mas o tempo deles está se esgotando. Em breve, Merlin e sua Liga virão até nós."

Sophie sentiu uma onda de satisfação ao pensar naqueles velhos fedorentos sendo mortos, depois do jeito que debocharam dela na caverna.

"Os Leitores estão acreditando no poder do Mal, minha rainha", ele continuou. "O escudo agora só resiste por um fiapo. Com qualquer um daqueles famosos heróis mortos, os Leitores certamente perderão o restante da fé no Bem. O escudo cairá e, então, *você* vai selar a vitória do Mal de uma vez por todas."

"Como?", Sophie sussurrou de volta. "Do que precisamos em Gavaldon?"

Mas Rafal apenas sorriu. Por cima do ombro, Sophie olhou para outro lado do teatro. Seus jovens colegas Sempre e Nunca, que tinham atravessado a Ponte do velho castelo do Bem, estavam de pé, em bancos cor de marfim feitos de osso polido. Da última vez que os vira, eles tinham um ar desafiador e ressentido em sua nova Escola do Mal. Agora, todos os jovens alunos olhavam de olhos arregalados para os velhos vilões, do outro lado do corredor, finalmente compreendendo o que o Diretor estava escondendo na outra escola, e pareciam mortos de medo. Mas a junção das duas escolas não era a única coisa que separava os Novos alunos. Sophie olhou mais atentamente e viu que seus antigos colegas de turma tinham sido divididos em três grupos.

Na frente, estavam os Líderes da pontuação, com broches de cisnes de ouro sobre o coração e novas boinas verdes na cabeça: Beatrix, Ravan e Chaddick, dentre eles. Nos bancos do meio, ela avistou Reena, Nicholas,

Arachne e Vex, dentre os Capangas, com broches de cisnes de prata e sem boina alguma. E, para espanto de Sophie, atrás deles havia um grupo final: os alunos com as piores colocações, usando broches de bronze, que já haviam iniciado o processo de mogrificação. Kiko continha as lágrimas, tentando esconder os membros cobertos de penas brancas; Tarquin fungava com seu focinho de porco; Millicent coçava suas galhadas de alce que saíam de seus cabelos ruivos; e nos braços de Brone já estavam brotando folhas verdes.

Bem feito, pensou Sophie*, por serem tão incompetentes*. Ela imaginou que Dot estaria dentre os Mogrifs, transformada numa vaca comedora de chocolate, mas não conseguiu avistá-la em nenhum dos grupos. Na verdade, nem Anadil, ou... *Onde estavam as bruxas?* Sophie ficou imaginando, olhando a sala.

Mas as únicas outras pessoas da sala eram do corpo docente do Mal, e estavam junto à parede dos fundos, e os professores do Bem não estavam em lugar algum à vista. O Professor Manley e a Professora Sheeks pareciam alegremente orgulhosos de sua aluna transformada em rainha, assim como Cástor, cuja cabeça canina feroz havia sido reunida com a cabeça de seu irmão Pólux, no corpo de cão dos dois. (Pólux acenou para Sophie e secou os olhos, fingindo estar feliz por ela.) Ao lado deles, Sophie via Lady Lesso, aparentemente satisfeita por ela ter regressado ao Mal, enquanto seu filho e colega Reitor permanecia ao seu lado.

Sophie recuou. Porque Aric não parecia mais um Reitor. Ele estava com um olho roxo e profundas marcas de garras no nariz inchado, e a palavra "VERME" entalhada em sua testa, num ferimento que estava apenas começando a cicatrizar. Ele encarou Sophie, como se a desafiasse a continuar olhando.

Sophie desviou os olhos e teve o primeiro vislumbre do palco erguido na frente do teatro. A superfície de pedra estava rachada no meio, como sempre, mas agora havia uma névoa azulada escapando da parte de baixo da rachadura. Se fosse um efeito mágico, estava penoso, pensou Sophie, dada a importância da ocasião. *A menos que não tenha nada de efeito mágico...* Conforme Rafal a conduziu pelos degraus acima, ela estreitou os olhos para a rachadura, tentando ver se havia algo embaixo do palco...

Então, Sophie percebeu o que havia *acima* do palco.

Uma coroa de espinhos flutuava ao alto, no ar, reluzindo sob a luz da chama verde de um lustre em formato de caveira. Era a mesma coroa que ela

se vira usando nos murais do MAL, lá no castelo do Bem, com seu rosto sorridente pintado, envolvida pelos braços de Rafal. Agora Sophie deu o mesmo sorriso, segurando a mão de seu lindo amor, enquanto eles seguiam para o centro do palco. Dois anos antes, a Coroa do Circo pendia acima desse ponto, da mesma forma, esperando o aluno vencedor do concurso de talentos do primeiro ano. Ela usara sua coroa naquela noite, ao repudiar o Bem e abraçar o Mal... assim como faria essa noite.

Só que dessa vez, ela não estava sozinha.

Já era o desejo de Agatha, ela sorriu amarga. *Já era Agatha*.

Enquanto o teatro inteiro assistia, Rafal magicamente baixou a coroa do Mal sobre a cabeça de Sophie, antes de delicadamente colocá-la no lugar e dar um beijo em sua testa. Os lábios frios dele contrastaram com o ferro nas têmporas de Sophie, ainda quente das chamas do lustre, e ela fechou os olhos, gravando a sensação e o momento na memória. Quando abriu os olhos, o jovem Diretor da Escola tinha se virado para o público.

"A luz se dissipa em nossa Floresta e a escuridão surge. E da escuridão vem uma rainha", ele declarou. "Como todo verdadeiro amor, Sophie e eu passamos por duras provas para nos comprometermos um com o outro. Mas a dúvida e a dor só nos tornaram mais fortes. Agora, somos inabaláveis como qualquer par de Sempre que amou pelo Bem. Mas nosso amor, unido pelo Mal, ainda não é o suficiente para ganhar nosso Felizes para Sempre. Para que o Mal encontre seu primeiro final feliz em duzentos anos, um final feliz que traga uma Era de Ouro de maldade e pecado...", ele caminhou até a beirada do palco. "Nós precisamos de cada um de vocês."

Agora o teatro estava em silêncio absoluto.

"Em sete dias, a Floresta cairá na escuridão", disse Rafal. "Nós temos que entrar no Mundo dos Leitores antes do sétimo pôr do sol, ou a vida de todos nós chegará ao fim. Com os heróis mais famosos ainda vivos, os Leitores ainda se agarram à sua fé no Bem. Mas isso logo irá mudar, pois agora que minha rainha regressou, as forças do Bem não têm escolha a não ser atacar nosso castelo. A *única* forma que eles têm de ganhar é me matando. Então, posso lhes garantir que Merlin e seus heróis vão invadir nossa Escola do Mal antes que a semana termine. Nossa missão é matar esses velhos heróis e aniquilar o resquício de fé que os Leitores tenham no Bem. Esse é o nosso caminho para adentrar o mundo deles, onde nós selaremos a vitória do Mal, de uma vez por todas. No entanto, até que os heróis de Merlin cheguem, cada

um de nós — jovens e velhos, Sempres e Nuncas, Líderes, Capangas e Mogrifs do passado e do futuro — precisamos trabalhar juntos para defender nossa escola. Nossos Reitores e Professores do Mal devem liderar os preparativos e vocês *vão* obedecê-los", ele pegou a mão de Sophie.

"No passado, o Mal perdeu toda guerra porque só tinha algo contra o que lutar, não algo pelo que lutar. Mas agora vocês têm uma rainha que deu ao Mal a verdadeira chance de glória. Uma rainha que um dia sentou nesses mesmos lugares em que vocês estão sentados. Uma rainha que irá lutar por vocês, do modo como vocês lutarão por ela", o rosto de Rafal ficou sério. "E se alguém se atrever a questionar essa rainha, então sofrerá o destino de todos aqueles que fracassaram em sua obediência ao Mal."

O palco começou a tremer, como se estivesse sendo sacudido por um terremoto, e Sophie oscilou junto a Rafal, surpresa. Subitamente, o palco se rompeu na rachadura e a névoa azulada e fria subiu pelo vão até se dissipar acima de um abismo profundo; e Sophie viu o que havia abaixo do palco.

Escondido nas entranhas do velho castelo do Mal, havia um calabouço congelado com centenas de corpos encapsulados no gelo. O primeiro rosto que Sophie viu foi o da Professora Emma Anêmona, com olhos chocados sob os cachos louros, lacrada na tumba de gelo presa à parede do calabouço. Ao seu lado, a Reitora Clarissa Dovey tinha seu próprio túmulo glacial, o coque grisalho e as bochechas rosadas estavam embaçadas pelo gelo, embora Sophie notasse um buraquinho na beirada, onde o rato de Anadil deve ter cavado para pegar a varinha de Dovey emprestada, na noite em que Agatha e Tedros invadiram o castelo.

"A Brigada de Traidores guarda todos aqueles que fugiram de sua lealdade ao Mal, ao longo da história de nossa escola, incluindo o antigo corpo docente da Escola do Bem, embora cada membro tenha recebido a chance de lecionar na *nova* escola e todos tenham recusado", disse Rafal.

Pólux fungava no fundo do palco, lamentoso, esperando reconhecimento. Rafal o ignorou.

"E, para a sorte de vocês, hoje nós temos três novas imagens para a Brigada..."

Gritinhos e chiados agudos ecoaram acima dele, e a plateia ergueu a cabeça para ver Hester, Anadil e Dot, amarradas juntas com uma corda, sendo baixadas por uma roldana nas vigas, por Beezle, que ria.

"Essas três assim chamadas Nunca conspiraram para deixar que nossos

inimigos entrassem por nossos portões, enquanto uma delas até mutilou nosso próprio Reitor, com seu talento concedido pelo Mal", disse o Diretor da Escola, olhando de esguelha para Hester e seu demônio, enquanto ambos se retorciam nas amarras sufocantes. "No entanto, até o mais culpado dos traidores merece um julgamento justo, antes de ser condenado à Brigada, por uma sentença indefinida..."

As três bruxas agora quase nem prestavam atenção, pois tinham avistado Sophie, de volta ao lado do Diretor da Escola, com sua coroa ameaçadora.

"Dessa forma, deixo o destino delas à minha rainha que, além de ser intimamente familiar com as acusadas, um dia até compartilhou um quarto com elas", disse Rafal, virando-se para Sophie. "Então, o que você diz, meu amor? Devemos poupá-las? Ou condená-las?"

Sophie viu as bruxas olhando diretamente para ela, silenciosamente implorando piedade. Até Hester, que iria preferir arrancar o próprio olho a demonstrar fraqueza, parecia morta de medo.

Tantas coisas que passamos juntas, pensou Sophie. Ela e as Três Bruxas do Quarto 66. Por todos os altos e baixos tempestivos, ela quase chegou a pensar nelas como amigas.

Quase.

Pois eram essas as amigas que sempre acreditaram que ela terminaria sozinha... amigas que empurraram Agatha para ficar com seu príncipe, passando por cima dela... amigas que a espionaram dentro de sua própria escola... amigas que jamais estiveram presentes para ela, quando ela mais precisou...

E agora essas amigas esperavam que *ela* fosse a heroína no cavalo branco, quando elas precisavam. O rosto de Sophie ficou frio. Se havia uma moral para seu conto de fadas, era que as bruxas sempre estiveram certas. Nunca veio nada de bom de sua tentativa de ser do Bem.

"Condene-as", Sophie sentenciou.

"Não!", gritou Dot.

"Então, eu receio que essa é a despedida", Rafal deu um sorriso irônico para as bruxas aterrorizadas. "Ele ergueu o dedo para romper a corda acima da Brigada..."

"Nunca gostei muito de despedidas", disse uma voz acima dele.

Rafal olhou para o alto. Merlin sorriu da viga, segurando Beezle pelo pescoço.

“Mama!”, guinchou o anão.

Rafal apontou o dedo, mas Merlin atirou primeiro e um clarão de fogo explodiu descendo pela corda, lançando Rafal e Sophie para fora do palco e arremessando Beezle como uma bala de canhão na direção dos bancos. Lá no chão, os olhos de Sophie se abriram e ela viu os vilões zumbis irrompendo com grande estampido ao palco, Rafal pulando de pé e a fumaça acima da corda se dissipando. Mas Merlin e as bruxas já tinham desaparecido.

O jovem Diretor da Escola rugiu furioso e liderou a horda de vilões para fora do teatro, na caça aos fugitivos. Sophie se levantou para se juntar a eles, mas parou de repente. Pois havia algo na frente de seu vestido, algo que não estava ali antes. Uma estrelinha branca de cinco pontas, fumegando resplandecente, contrastando com o veludo preto... como um lembrete do Bem deixado pelo mago.

Quando o sol se levantou sobre o campo, Agatha se recostou num carvalho, vestindo uma camisa marrom larga que tinha pegado emprestada com Lancelot, os cabelos oleosos e desgrenhados e a barriga roncando de fome. Ela olhou para o diadema de prata e diamantes reluzindo na caixinha de madeira, nas mãos de Guinevere.

“Foi o Lance que te deu isso? É adorável, eu acho, mas não entendo nada de joias nem roupas, e coisas que têm a ver com... você sabe... meninas”, ela disse, ainda meio grogue. Depois de passar metade da noite acordada com Tedros, e dormir apenas algumas horas, a mãe do príncipe arrastou-a para fora casa bem cedo, insistindo que tinha algo para lhe mostrar. Se Agatha soubesse que seria um adereço para cabeça, teria ficado na cama. “Mas é ligeiramente formal. O tipo de acessório que você usa para ir a um Baile, ou a um casamento, portanto não deve ser exatamente prático para perambular pelo campo e ...”, a voz de Agatha foi sumindo. Onde Lancelot arranjaria prata e diamantes naquele lugar? Será que ele andou explorando minas de pedras em meio às suas atividades de limpar cocô de cavalo e ordenhar as vacas?

Ainda sonolenta, Agatha examinou o diadema e seus contornos de diamantes pendurados no círculo de prata. Na verdade, não parecia novo. E quanto mais atentamente olhava, mas ela sentia uma sensação de aperto na garganta, pois, subitamente, teve certeza de já ter visto essa peça...

No reflexo do lago, iluminado pela lua... Cintilando dentro de uma

pintura de Peixes do Desejo...

Fixada no alto de sua própria cabeça. Agatha lentamente ergueu os olhos para Guinevere, que parecia imponente, apesar de seu rosto envelhecido e do vestido sujo dos afazeres de casa.

“Isso é a... isso é a sua...”

“Receio que agora seja sua”, disse Guinevere. “Por mais formal e pouco prática que possa ser.”

“*Minha?* Não, não, não... não é nada minha...”, Agatha ganiu, com a voz esganiçada, recuando junto à árvore.

“Quando Lance e eu avistamos você e Tedros juntos no campo, ontem à noite, fiquei muito zangada comigo mesma”, Guinevere suspirou. “Eu devia saber que Merlin tinha me dito o nome certo naquele Natal. No mínimo pela forma como você me olhou no jantar, quando eu me confundi. Como posso ter sido tão tola? Acho que às vezes é mais fácil enxergar a resposta mais simples em vez de ver a verdade. Isso sempre foi difícil para mim”, ela sorriu com franqueza, estendendo a caixa. “Mas agora não haverá mais enganos.”

Agatha olhou a coroa, boquiaberta, depois fechou a tampa da caixa.

“Olha, eu não posso aceitar isso! Ainda não sou rainha! Ainda não sou nada... ainda nem tomei um banho...”

“O Bem não pode mais esperar por sua rainha, Agatha”, Guinevere atalhou, com o semblante sério. “Ontem à noite, seu amigo Hort foi procurar Sophie e descobriu que ela havia desaparecido de nosso refúgio e magicamente regressado ao Diretor da Escola.”

Por um instante, Agatha achou que não tivesse ouvido direito, ou que se tratasse de uma piada de mau gosto, mas nada no rosto de Guinevere sugeria isso.

“O quê? A Sophie voltou para *e-ele?* Mas isso é impossível... não há como sair desse lugar...”

“A Dama do Lago só pode proteger aqueles que são aliados do Bem. Tudo que sua amiga teve de fazer foi desejar se reunir ao Diretor da Escola, e ele conseguiu romper o encanto do lago e resgatá-la”, respondeu Guinevere. “O pobre Hort ficou desolado quando descobriu que ela havia desaparecido. Disse que faria qualquer coisa para matar o Diretor da Escola e afastá-la dele. Então, passou a noite acordado comigo e com o Lance, e nos contou tudo que precisávamos saber sobre sua história com Sophie. E, pelo que eu ouvi, Agatha, não tenho dúvidas de que sua amiga se comprometeu de corpo e

alma a ser a rainha do Mal. Você tem de assumir seu lugar como a rainha do Bem com a mesma determinação e crença. Ou você e meu filho não terão a menor chance."

Agatha não disse nada, as palavras "meu filho" ficaram pairando entre elas. Um longo momento se passou. Os dedos de Agatha foram devagar até a palma da mão de Guinevere e abriram só uma frestinha na caixa de madeira.

"Você... ahn... guardou sua coroa por todo esse tempo?"

"A coroa de Arthur permanece em Camelot, até que Tedros a reivindique", a antiga rainha respondeu, pacientemente. "Mas eu trouxe a minha no dia em que fugi do castelo, torcendo para que os guardas imaginassem que eu estava saindo para uma agenda oficial e não acordassem Arthur. Todos esses anos, quis destruir a coroa para que Lance e eu esquecêssemos dessa parte da minha história... mas a verdade é que eu ainda sou rainha e ainda sou mãe, Agatha. Nada pode mudar isso, mesmo que eu me esconda do mundo. Como detentora da coroa, um dos meus deveres para com meu reino, meu filho e comigo mesma, por mais que eu tenha falhado com os três, é passar a coroa adiante", a voz de Guinevere falhou, mas ela logo se recompôs. "Eu sei que jamais poderei ter meu filho de volta. Não mereço. Mas ainda tenho que proteger Tedros da melhor forma que posso. E a única maneira de fazer isso é me assegurando de que ele tenha a rainha que Arthur nunca teve. Uma rainha que tenha certeza de sua coroa, e que esteja pronta para lutar por ela quando chegar a hora."

Guinevere deslizou a mão e ergueu a diadema da caixa. Agatha sentiu o coração disparar quando a antiga rainha a ergueu contra o sol.

"E essa hora é *agora*."

Agatha esperava mais protestos de si mesma e achou que seu corpo iria recuar... mas, em vez disso, ela permaneceu onde estava, sentindo algo mudar dentro de si. Ao erguer os olhos para a coroa de Camelot, Agatha sentiu o medo e a tensão se dissipando, como se as palavras da rainha tivessem evocado algo mais profundo em seu interior. O fogo e a determinação inflamaram em seu interior e tomaram conta dela, como uma armadura por baixo da pele, apoderando-se da velha Agatha e enrijecendo seus ombros e seu peito. Guinevere estava certa. Isso não era mais sobre ela.

Isso tinha a ver com dois lados guerreando pelo amor.

Ela e Tedros lutando pelo Bem. Sophie e o Diretor da Escola lutando pelo Mal. Houve uma época em que ela e sua melhor amiga tentaram encontrar

um final feliz juntas. Agora, somente uma delas poderia sair viva.

Bem ali, naquele momento, Agatha soube por que não poderia ter uma vida comum. Ela nunca havia sido destinada a ter uma. E no instante em que se deu conta de que seu destino era maior que ela... tão grandioso quanto o próprio Bem... Agatha finalmente se sentiu livre para abraçá-lo.

Ela abaixou a cabeça lentamente para a rainha, enquanto os filetes de luz prateada salpicaram sua testa e um clarão do sol vermelho explodiu nos diamantes. Agatha ergueu os olhos e viu Guinevere levar as mãos entrelaçadas à boca, com um sorriso deslumbrante. Era o único espelho de que Agatha precisava.

Subitamente, Guinevere empalideceu e seu sorriso sumiu. Agatha viu Tedros do outro lado do campo, observando as duas.

“Eu vou indo...”, Guinevere começou a dizer.

“Não... fique”, seu filho ordenou. Ele foi em direção a Agatha, vestindo uma camisa manchada de grama e calçolas amassadas, com os olhos fixos em sua princesa. “Todos apenas... fiquem.”

Conforme Tedros se aproximava, Agatha sentiu o cheiro de orvalho e suor, e viu as olheiras sob os olhos dele. O príncipe passou as pontas dos dedos sobre o diadema, lembrando de cada curva e de cada côncavo, mas seu foco ainda estava nela, e ele desceu a mão da coroa para o rosto de sua princesa, até roçar em seus lábios. Sem dizer uma palavra, ele se curvou e a beijou, um beijo longo e lento, como se para ter certeza de que ainda era a antiga Agatha, por dentro e por fora.

“Você não tem permissão para tirá-la”, Tedros sussurrou.

“Nem um ‘bom dia’ antes de começar a me dar ordens”, Agatha brincou. “Além disso, você está tentando mandar numa rainha?”

“Ah, então *hoje* você é uma rainha”, Tedros provocou, puxando-a para mais perto.

“Descoberta tardia, caso você não tenha notado.”

“Bem, mesmo assim... um rei ainda é um rei.”

“O que significa que sua rainha está *abaixo* de você?”

“Não, só que você deve fazer conforme lhe for dito.”

“Se não o quê?”, Agatha debochou. “Você vai proclamar uma sentença de morte contra minha...”

Ela viu a expressão de Tedros e seu corpo inteiro enregelou. Ambos se viraram para Guinevere, ainda ali, branca como um fantasma.

“O que é isso?”, bravateou a voz de Lancelot, conforme o cavaleiro adentrou o bosque com Hort. “Uma coroação e não fomos convidados?”

“Eu nunca sou convidado para nada”, Hort murmurou.

Nem Tedros, Agatha ou Guinevere deram atenção à presença deles.

“Bem, já era hora dessa coroa detestável ter alguma utilidade depois de nos causar tantos problemas”, Lancelot acrescentou. “Embora talvez você queira dar à menina um vestido apropriado para aproveitar a ocasião. Diamantes não combinam com essa blusa.”

Ninguém riu.

“Um belo começo de manhã”, o cavaleiro continuou. “Bem, faça seu pedido, Agatha, e ande logo com isso. É hora do almoço e ainda há tarefas a serem feitas.”

“Pedido?”, Agatha olhou para ele.

Lancelot franziu o cenho.

“Numa coroação apropriada, a rainha faz um pedido para seu reino, uma vez que recebe a coroa. É o rito de fechamento da cerimônia. Gwen certamente lhe disse isso.”

“Então, receio que eu não tenha feito um bom trabalho”, Guinevere disse com suavidade, olhando para o filho.

Tedros continuou olhando para ela por um momento, depois desviou o olhar.

“Então, eu devo fazer um pedido, não é?”, disse Agatha, estudando seu príncipe. Ela endireitou a postura. “Eu desejo que todos nós possamos nos sentar e almoçar juntos.”

Os olhos de Tedros rapidamente desviaram-se para ela. Guinevere ficou petrificada. Lancelot e Hort ficaram na expectativa. Agatha continuou olhando para seu príncipe, esperando uma resposta. Tedros não dizia nada, encarando Agatha, com sua nova coroa. O bosque estava em silêncio. Tedros virou-se para a mãe.

“Bem, o que você está preparando?”, ele perguntou.

Guinevere ficou vermelha como um pimentão. Então, seu rosto se contorceu numa careta e ela meneou a cabeça, com as lágrimas brotando em seus olhos.

“É... é segunda-feira... e-eu... não tenho nenhuma comida...”

“Está ouvindo isso, menino?”, disse Lancelot. “A mamãe não tem comida nenhuma. A sentença de morte era por isso, não era?”

Todos ficaram olhando para ele, num silêncio horrendo.

Então, Agatha caiu na gargalhada. Ao vê-la, Tedros tentou resistir, mas também começou a rir.

Sua mãe estava chorando e soluçando tanto que não conseguia respirar, dando vazão a anos de sentimentos contidos, que finalmente eram extravasados.

“Não tem... não tem graça...”

O príncipe passou o braço em volta de Guinevere e a abraçou com força, enquanto ela chorava em seu peito.

“Nós vamos dar um jeito, mamãe”, ele sussurrou. “Tudo vai ficar bem.”

Vendo Guinevere e Tedros juntos, Agatha sentiu-se tomada pela emoção. Eles precisavam de um tempo sozinhos, sem mais ninguém.

“Podem deixar que eu e os meninos vamos preparar o almoço”, ela disse rapidamente, olhando para Lancelot e pegando a mão de Hort.

“Eu?”, Hort disparou. “Por que o príncipe mimado não pode fazer? Eu nem preguei os olhos essa noite, depois passei metade da manhã arrebanhando porcos, enquanto você e ele passaram a noite se aconchegando no celeiro, fazendo Deus sabe o quê...”, ele soltou um grito quando Agatha cravou as unhas em seu punho.

“Em breve, voltaremos com a comida”, ela disse, arrastando-o.

“Você vai precisar de muito mais do que imagina”, alguém falou.

Agatha se virou e viu uma porção de silhuetas caminhando sob o sol, atravessando o campo.

Merlin vinha na frente, liderando grupo, seguido por Hester, Anadil, Dot, Peter Pan, Sininho, Cinderela, Pinóquio, João do Pé de Feijão, A Bela Adormecida, João e Maria, Chapeuzinho Vermelho, Yuba, o Coelho Branco e a Princesa Uma, todos imundos, cansados, olhando o campo boquiabertos, como se tivessem saído do inferno e atravessado um portal para o paraíso.

“Eu vou cuidar do cardápio”, Merlin se prontificou, “embora teremos que aturar um pouco de murmúrio do meu chapéu. Ele ainda está se recuperando depois de ter servido o café da manhã. Mas nós temos muito a discutir e não há muito tem...”, o mago parou bruscamente, diante da visão de Agatha com a coroa. O mesmo fizeram todos que vinham atrás dele e um profundo silêncio tomou o campo.

Merlin sorriu, com os olhos grandes e azuis brilhando.

“Da escuridão surge uma rainha”, ele sussurrou.

O velho mago foi se abaixando devagar sobre um dos joelhos, diante de Agatha, e curvou a cabeça em reverência. Assim como todos os outros atrás dele, jovens e idosos. Em seguida, Guinevere, Lancelot, Hort... até que Tedros olhou bem no fundo dos olhos de Agatha e também se ajoelhou.

Naquele momento, sob o sol moribundo, com um exército de heróis ajoelhados à sua frente, Agatha fez um segundo pedido. Que ela fosse a rainha que o Bem precisava.

"Não vejo por que tanto estardalhaço", Cinderela murmurou alto, para que todos ouvissem. "Parece uma girafa com a coroa da vovó."

Mas, conforme todos eles caminharam juntos em direção à casa, os heróis da Liga fungavam silenciosamente, e Agatha até viu uma lágrima no olho da velha princesa.

27
Corações Rebeldes

“E se o Merlin recrutar os reinos dos Sempre contra nós?”, Sophie ouviu o Professor Manley perguntar.

“Pela última vez, Bilious, o Bem se defende, não ataca; os reinos do Sempre não virão lutar contra nós, se não lutarmos contra eles”, rugiu a voz de Rafal. “Além disso, eles não são tolos de arriscar o próprio povo para salvar alguns heróis decrépitos. Não que isso vá salvá-los, é claro. Uma vez que Sophie e eu provarmos que o Mal pode vencer, iremos destruir os reinos do Sempre, um a um!”

“E se mais de nossos alunos se tornarem espiões do Bem?”, perguntou a Professora Sheeks.

“E se a Princesa Uma trouxer um exército animal?”, forçou Pólux.

“Se você está preocupado com a habilidade de nossos alunos lutar contra *animais*, então me pergunto o que você está fazendo como professor”, disparou o jovem Diretor da Escola. “Quanto a espiões, Sheeba, eu acredito que a ameaça de encarceramento na Brigada vai conter quaisquer rebeliões adicionais.”

“Porque isso funcionou muito bem essa noite”, murmurou Cástor.

Sophie não estava prestando atenção neles, pois estava inspecionando a comida exposta nos fundos da antiga sala de aula congelada de Lady Lesso. Rafal tinha prometido que eles serviriam almoço na reunião dos professores, mas ela só encontrou um monte de peixe frio, batatas queimadas e queijo endurecido.

Ela deu uma conferida em seu reflexo numa parede de gelo e quase não se reconheceu. Lá se fora a menina em pânico, carente, que tinha perseguido

um príncipe até Avalon; em seu lugar, agora havia uma rainha imperiosa, com uma coroa de espinhos e um vestido magnífico. Desde a coroação do dia anterior, diante de vilões famosos e ex-colegas de classe, todos prestando homenagem à nova líder, Sophie tinha começado a se sentir como seu velho eu. Ela olhou para a estrela branca de Merlin que enfiara no bolso. Sem dúvida, o mago a deixara para fazê-la repensar sua lealdade ao Mal. Em vez disso, a estrela só serviu para reforçar seu compromisso. Porque, assim como Agatha, aquele velho duas caras a usara o tempo todo. Ele fingiu que a salvara porque queria vê-la feliz quando, na verdade, só queria que ela destruísse a aliança. Assim como Agatha, ele não se importava se ela ficaria sozinha. Ela não era nada além de um meio para um fim. Uma pateta ingênua. Um elo na corrente do Bem. E isso não parecia nem um pouco do Bem para ela.



Ah, mas o que ela não teria dado para ver aquele intrometido jogado nos calabouços gélidos, com sua capa estúpida, o chapéu infernal e os gracejos senis. Da próxima vez, ela mesma cuidaria de prender os prisioneiros na Brigada.

Seus olhos voltaram-se para o bufê sofrível e ela deu uma olhada para os professores sentados — Professor Manley, Professora Sheeks, Cástor, Pólux e Lady Lesso — cada um deles com um prato cheio daquela comida pútrida. O Reitor Aric era o único que faltava na reunião.

“O nosso maior problema é que nós espremos todos os alunos do Mal na antiga Escola do Bem, e os imbecis daqueles Nunca não sabem diferenciar aquele castelo de suas próprias bundas”, resmungou Cástor. “Toda hora acabam trancados em armários ou caem em passagens secretas. Como podem proteger uma escola se não sabem a localização de nada...”

“O maior problema que temos é a *comida*”, Sophie rugiu.

Todos da sala se viraram para ela.

“Se isso é o que servem numa reunião do corpo docente, — à sua própria rainha, me pergunto o que os *alunos* estão aturando?”, Sophie reclamou, sentando-se ao lado de Rafal na antiga escrivaninha de gelo de Lady Lesso. Ela passou o braço por baixo do braço dele. “Agora que eu fui coroada, tenho o direito de fazer algumas mudanças por aqui. E você não pode liderar um exército cheio de gases e mal nutrido, não é, querido?”

Por um momento, o jovem Diretor da Escola pareceu tão emudecido quanto os professores. Depois, ele tocou o rosto de Sophie.

“É claro, minha rainha.”

“Adorável”, disse Sophie. Ela lançou um olhar fulminante para Pólux. “Dê um jeito nessa comida!”

Pólux parecia ter sido atingido com esterco. Lady Lesso limpou a garganta.

“Rafal...”

“Você quer dizer *Mestre*”, Sophie a corrigiu.

Lady Lesso desviou os olhos para ela. A Reitora lançou-lhe um olhar entretido, do tipo que se dá a um cãozinho que demonstra ter vontade própria.

“*Mestre*”, ela continuou de modo afetado, de volta para Rafal, “eu acho que o restante dos meus colegas está tentando dizer que não se pode abordar uma guerra iminente como uma *criança* impetuosa. Se Hester e Anadil, duas de nossas melhores Nunca, acabaram se revelando espiãs do Bem, como podemos confiar que os outros alunos serão fiéis à nossa causa? Monitorá-los em seus futuros grupos talvez abrande seus instintos de rebeldia, mas isso não consegue abordar suas lealdades mais profundas. Quando confrontados com a escolha de lutar conosco ou contra nós, não poderemos prever quantos deles realmente serão nossos aliados. Particularmente aqueles Sempre cujas famílias lutaram pelo Bem durante toda a vida. E, falando francamente, *Mestre*, acreditar no contrário é deixar que sua recente juventude prejudique seu discernimento.”

“Estou bem certa de que Rafal e eu sabemos bem mais sobre o que os jovens pensam do que *você*, Lady Lesso”, Sophie estava faiscando.

“É mesmo?”, questionou a Reitora, com os olhos fixos nela, já sem o ar entretido. “Porque tudo o que eu vejo é uma escola cheia de alunos que se voltarão contra vocês no instante em que tiverem uma chance.”

Sophie sentiu o braço de Rafal se contrair. De repente, ele parecia um adolescente incerto, em vez de um feiticeiro poderoso. Como ele podia deixar que os professores o questionassem dessa forma? Sophie estufou o peito.

“Lady Lesso, eu acho ofensivo que você conteste a liderança de nosso Mestre...”

“O que você está propondo, Lady Lesso?”, perguntou Rafal, ignorando a rainha. Sophie se calou.

“Proponho que você evite *a todo custo* que os alunos lutem por você”, disse Lady Lesso. “Leve os antigos vilões para a Floresta e arme uma emboscada para as tropas de Merlin, antes que eles cheguem aos nossos portões. Deixe que o Exército Sinistro acabe com eles, antes que cheguem à escola. Os alunos devem permanecer entrincheirados aqui sob o nosso controle.”

“É o plano mais sensato”, concordou o Professor Manley, como se ele e Lady Lesso já tivessem discutido o assunto. “Nossos alunos só iriam atrapalhar seu exército.”

“Isso irá evitar espiões e sabotagem”, reforçou a Professora Sheeks, claramente por dentro do plano.

“E isso salvará a vida dos alunos”, acrescentou Cástor, também fazendo parte do time, aparentemente. (Pólux franziu o rosto, como se fosse a primeira vez que ouvisse o plano.)

“Então, os velhos vilões vão lutar a batalha, enquanto os jovens alunos ficam aqui?”, Sophie questionou, incrédula. “E eu presumo que vocês, nosso virtuoso corpo docente, também vai evitar a linha de frente?”

“Não dá para deixarmos os alunos aqui sem supervisão, dá? Ainda mais diante da lealdade *dúbia* que eles têm”, frisou Lady Lesso, encarando também, com se quisesse enforcar Sophie com a própria coroa. Rafal sorriu secamente para os professores.

“Isso não tem nada a ver com lealdade, tem? Vocês acham que não iremos ganhar. Agora que eu tenho a juventude do meu lado, vocês acham que eu vou perder essa guerra.”

“A juventude também traz com ela o otimismo negligente e a disposição de arriscar a vida por seus jovens colegas, dois pontos nada úteis numa guerra”, observou Lady Lesso. “Uma guerra em que metade de suas tropas pode não estar do seu lado.”

Rafal fixou o olhar no dela, mas Sophie notou que ele agora estava se

questionando ainda mais. Ela queria que ele punisse Lady Lesso para mostrar toda sua força como um líder do Mal. Mas o jovem Mestre remexeu na gola e desviou o olhar.

“Receio que tenha desperdiçado seu fôlego, Lady Lesso. A verdade é que eu já havia decidido deixar os alunos na escola, antes que você sequer mencionasse isso.”

“Aposto que sim”, murmurou Cástor.

“Deixar os alunos para trás, querido? Tem certeza...”, Sophie tocou a cintura de Rafal.

“Não posso acreditar que você deixou que elas fugissem”, Aric entrou escancarando a porta, “depois do que aquela bruxa com demônio na pele fez comigo”, Aric ardia de raiva, com o VERME em sua testa flamejando em vermelho-fogo. “Eu disse que você deveria ter destripado todas elas e servido suas vísceras em tortas, no jantar.”

“Porque isso, sim, certamente iria inspirar lealdade de seus colegas alunos”, Lady Lesso debochou. “Você e o jovem Diretor da Escola deveriam substituir nosso corpo docente inteiro por meninos adolescentes de cabeça quente. Vocês poderiam rebatizar as Torres de Impetuosidade, Arrogância e Matadores.”

“Você acha que por ter amedrontado aquele demônio e tê-lo afugentado para longe de mim, pode falar comigo desse jeito?”, Aric aproximou o rosto ao dela e a segurou pelo pescoço. “Acha que porque chamou alguns professores para ajudar seu ‘menininho ferido’ tudo está perdoado?”, ele rosnou, salivando. “Bem, eu culpo você por aquela bruxa espiã ter me atacado. Você que a ensinou, nesses últimos dois anos, portanto, algo deu claramente errado em sua instrução, se ela ataca o próprio *Reitor*”, Aric apertou o pescoço dela com mais força ainda. “Mas você é a Velha Reitora e eu sou o Novo, mãe. O que significa que você está fora, eu estou dentro e essa escola será do meu jeito. E, pode confiar, quando eu digo que você estará fora mais depressa do que *imagina*.”

Lady Lesso regurgitava, tentando respirar...

“Aric, eu prefiro que você mate sua mãe depois que a guerra terminar”, disse Rafal.

Sophie percebeu que seu tom era muito sério. Aric também sentiu isso, pois ele deu um sorrisinho irônico para a mãe e assoviou em seu ouvido.

“E antes de te matar, eu também vou matar a sua amiguinha fada

madrinha. Dovey, não é? Vou arrancar o coração dela com as minhas próprias mãos e fazer com que você assista", ele a soltou rapidamente e recuou. "Claro, Diretor. Por favor, continue."

Lady Lesso não demonstrou qualquer emoção, mas quando seu filho voltou ao seu lugar, Sophie viu que ela esfregava a mão nas marcas que ele havia deixado em seu pescoço, com os olhos dela cintilando de pavor.

"Então, nosso plano está pronto!", Rafal prosseguiu. "Uma vez que Merlin e seus heróis se aproximarem, os antigos vilões irão emboscá-los na Floresta, enquanto os jovens alunos defenderão os castelos sob a supervisão dos professores. Vocês não dirão aos jovens alunos que eles ficarão para trás na guerra que se aproxima, é claro. Pois, na próxima semana, eles treinarão rigorosamente para o combate ao lado dos velhos vilões. Isso vai garantir que estejam preparados, caso algum dos heróis de Merlin consiga passar pelo Exército Sinistro e adentrar o território da escola. Quanto a quem será o Líder de Treinamento de ambas as escolas..."

"*Eu*", Aric e Lady Lesso disseram ao mesmo tempo.

Rafal ignorou Lady Lesso e começou a assentir para Aric.

"Tenho uma ideia melhor", disse Sophie.

Rafal, Aric e o restante dos professores se viraram para ela.

"Espero que seja tão boa quanto a ideia da comida", murmurou Cástor, arrancando risos de deboche.

"*COMO SE ATREVE?!*", Sophie disparou.

A sala caiu em silêncio.

"Eu sou sua *rainha*", disse Sophie, inclinando-se na direção dos professores. "Não sou uma aluna, nem uma professora, mas Mestre de ambos. Assim como o jovem Mestre diante do qual vocês se encontram e, no entanto, continuam a desrespeitar. Não é de admirar que nossos alunos duvidem de sua própria lealdade ao Mal, quando eles têm velhos professores amargos que não enxergam valor na juventude, e um jovem Reitor que não é capaz nem de se proteger", ela olhou para Aric enquanto circulava os professores, tal qual um tubarão. "Mas a partir de hoje isso vai mudar. Porque agora eles têm a *mim*."

"Logo que fui nomeada professora, eu resisti. Em meu coração, ainda sentia que deveria ser do Bem. Afinal, isso é o que foi ensinado aos Leitores como eu: jamais perder a fé no Bem, por mais perdido que você esteja. E, no entanto, por mais que as Torres do Bem tenham sido batizadas de Coragem,

Honra, Pureza e Caridade... quando eu estava perdida, foi o Mal que me estendeu essas coisas. A regra diz que o Bem se defende, perdoa, ajuda, dá, ama... mas, em minha história, foi o Mal que provou que essas regras são verdadeiras. E, subitamente, eu compreendi o que Rafal vinha tentando me dizer o tempo todo. Que alguns corações são rebeldes, pulsando com raiva, escuridão e dor, da forma que outros pulsam com luz. E, no entanto, mesmo que meu coração bata pelo Mal, isso não significa que eu não posso encontrar amor. Isso não significa que eu não posso encontrar a felicidade. Isso só quer dizer que eu tenho que encontrar o amor ao lado de alguém que abrace a minha escuridão, em vez de lutar contra ela. Porque esse é o amor que mudará o mundo. Esse é o amor que vencerá essa guerra. E esse é o amor que nós temos que ensinar."

Sophie fez uma pausa, deixando que essas palavras ecoassem na sala silenciosa.

"Eu passei as duas últimas semanas com Merlin, Tedros e Agatha. Estive cara a cara com todos aqueles heróis desprezíveis em sua caverna. Eu sei quais são as suas fraquezas e como derrotá-los. E se vocês ainda duvidam de mim, então talvez devam se lembrar de que o último rito de qualquer coroação é o desejo de uma rainha para seu reino. Eu não tive chance de fazer meu pedido antes, mas o farei agora. Meu desejo é fazer o que eu não pude fazer da primeira vez, quando estive nesta escola: liderar a guerra contra o Bem e saber que a *justiça* está do *nosso* lado. Todos vocês talvez não acreditem que o Mal possa vencer essa guerra. Talvez vocês prefiram ficar para trás, com os alunos, acovardados diante do futuro. Mas eu não. Eu vou preparar o nosso Exército Sinistro para a guerra. Ficarei ao lado de Rafal, na linha de frente. Farei o que for preciso para mostrar ao mundo que o Mal pode vencer. Porque esse já não é mais apenas o meu conto de fadas. É o de todos nós. E, no final, minha vida é digna de ser arriscada, se isso significa mais corações rebeldes tendo um final feliz."

Ela estava com as bochechas vermelhas, o coração disparado no peito. Os professores a encaravam, mas não estavam mais debochando. Em vez disso, seus olhos brilhavam com uma nova esperança, como se o Mal finalmente tivesse mesmo uma chance. Rafal pegou a mão de Sophie.

"Muito bem, então", ele anunciou, orgulhoso. "Creio que encontramos nossa Líder de Treinamento."

Sophie lhe deu um sorriso imponente e se virou para Lady Lesso,

esperando que ela estivesse igualmente orgulhosa pelo tanto que sua ex-aluna progredira...

Só que Lady Lesso não parecia nada orgulhosa dela.

Depois que o almoço foi servido, Merlin limpou a garganta e se preparou para falar, mas ninguém prestava a menor atenção. Estavam ocupados demais com a comida.

Com mais de vinte pessoas para servir: treze velhos heróis, três jovens bruxas, uma ex-rainha e seu cavaleiro, uma futura rainha e seu rei, e um doninha sem amor, o chapéu de Merlin se escondera na cozinha, soltando gritinhos de estresse, até que, uma a uma, as bandejas de prata começaram a flutuar magicamente num vai e vem pela porta. Logo, a mesa de jantar estava coberta de deleites coloridos e cosmopolitas: salada de caranguejo, faisão ao curry e geleia de beterraba, pato desfiado em marinado cítrico, pizza de presunto apimentado, tapenade de iogurte e menta, salada de flor selvagem e erva-doce, e bolo de chocolate com madressilva crocante.

Com os heróis da velha Liga famintos depois de suas labutas na Floresta, e os jovens privados de um café da manhã por conta dos acontecimentos matinais, a sala de jantar rapidamente se transformou numa cena de batalha, congestionada e quente, com corpos colidindo e mãos atracando pizza e bolo, que Agatha nem sequer foi procurar Tedros. Ela também não procurou seu príncipe após o almoço, pois tinha comido muito e depressa demais e teve de se esconder atrás do sofá, onde podia segurar a barriga e arrotar. Ao espiar acima, viu que todos tiveram a mesma ideia; cada cantinho da casa do sítio estava preenchido com um corpo jovem ou velho, curtindo uma indigestão ou desmaiado de tanto comer. Agatha bocejou e fechou os olhos, prestes a se juntar àquele estado de coma, quando ouviu o baque de três corpos no chão.

“Depois de tudo que nós fizemos para colocá-los para dentro e depois para ajudá-los a escapar daquela escola, depois de arriscarmos a nossa vida, vocês não conseguiram nem fazer a Sophie destruir a *aliança?*”, a voz de Hester atacou.

“Eu tentei, Hester...”, Agatha abriu os olhos.

“Primeiro, você não pode falar com suas amigas usando uma coroa de diamantes. Isso é muito pretensioso”, disse Anadil.

Agatha tinha até se esquecido que estava com a coroa. Ela rapidamente a tirou e colocou atrás das costas.

“Posso usar um pouquinho?”, Dot pediu, com a boca cheia de pizza transformada em chocolate. “Aposto que vai ficar bonita em mim!”

“Isso se couber nesse cabeção”, Hester alfinetou.

“Você sabe o quanto isso é injusto, sua nojenta!”, Dot jogou pizza nela, acertando-a bem na bochecha. “Você me obrigou a ganhar peso para ficar no grupo e agora está debochando de mim por causa disso? Você é tão insegura que precisou que eu ficasse gorda para se sentir bem consigo mesma? Bem, você escolheu a garota errada para implicar, queridinha. Eu me amo, independentemente da minha aparência, portanto nada que você diga jamais fará com que eu volte a me sentir horrenda. Pois, ao contrário de você, Hester, eu jamais serei horrível *por dentro*.”

Hester ficou boquiaberta, olhando para Dot como se ela fosse um urso raivoso.

“Agatha, dê a maldita coroa à garota, antes que ela fique assim para sempre.”

Dot arrancou o diadema das mãos de Agatha e ficou se admirando numa urna de bronze ao colocar a coroa (de cabeça pra baixo e de trás pra frente, mas ninguém disse nada).

“Bem, onde estávamos?”, prosseguiu Anadil. “Ah, certo. Na parte em que Agatha falhou com todas nós.”

Qualquer prazer que Agatha tivesse tido com a tirada de Dot já tinha evaporado. “Ouçam, eu achei que pudesse convencer Sophie a destruir a aliança. Nós tínhamos até nos aproximado novamente nos últimos dias. Foi como se ela fosse a antiga Sophie e eu a velha Agatha, e eu achei que ela me ouviria...” Ela se lembrou dos últimos momentos em que as duas passaram juntas e foi dominada pela culpa. “Tive a minha chance. Deveria ter aproveitado...”

“Você não precisa se defender, Agatha. A verdade é que não importa o que você fez”, disse Hester, com uma compaixão estranha, claramente mais esperta depois das palavras de Dot. “Nós lhe alertamos desde o dia de sua chegada. Nós três avisamos que Sophie foi selecionada para a Escola do Mal por um motivo. E não importa o quanto você a ame ou tente mudá-la, era lá que ela iria parar.”

“Nós só não achamos que seria como a *rainha* do Diretor da Escola”, lamentou Anadil. “Agora, como vamos fazer com que a Sophie destrua a aliança...?”

Um silêncio agourento recaiu sobre o rosto das bruxas, e Agatha percebeu por que todos tinham ignorado Merlin quando ele tentou falar antes do almoço. Eles queriam alguns bons momentos antes de enfrentarem a verdade. E a verdade é que Sophie destruir a própria aliança era a única forma de matar o Diretor da Escola e impedi-lo de matar todo mundo. E, agora que Sophie regressara ao Mal, não havia esperança de que ela destruísse aquela aliança.

"Vocês a viram quando ela voltou?", Agatha perguntou baixinho.

"Nós a vimos do mesmo jeito que vimos você quando entramos pelo portal: usando uma nova coroa", Hester contou.

"Só que com umas quatrocentas pessoas a mais na plateia", disse Dot, ainda fazendo caras e bocas, admirando-se na urna.

"Mas ela realmente estava linda, tenho de admitir", Anadil acrescentou, pensativa. "Entrou desfilando no Teatro de Fábulas, de braço dado com um belo menino, exatamente como a velha Sophie, que acreditava que seu destino era ser muito maior que todo mundo. O estranho era como ela estava calma. Nada parecida com aquela bruxa cheia de verrugas que destruía qualquer coisa pelo caminho. Foi como se o Mal tivesse finalmente aberto o caminho dela para um final feliz."

"Como se o Mal tivesse direito de ganhar", Dot assentiu.

"Como se o Mal fosse o Bem", Hester concluiu.

Agatha pensou em Sophie, que apenas alguns dias antes tinha encostado a cabeça em seu ombro enquanto as duas cavalgavam pelos campos. Sophie, sua melhor amiga de vestido cor-de-rosa, que fantasiava em ser uma princesa do Bem. Sophie, que desenhava castelos de vidro, pensava no nome de seu futuro príncipe e matutava sobre como seria sua inimiga mortal do Mal; enquanto Agatha tinha sido rotulada de má desde o dia em que nascera. Ela tinha retaliado de forma irônica ao dançar conforme a música, vestindo preto e perambulando pelo cemitério, acarinhando seu gatinho odioso... até que a ironia passou e até ela acreditava que acabaria sendo uma bruxa.

Agora, ali estavam. Ela, a rainha do Bem. Sophie, a rainha do Mal.

"Como será que ficamos tão perdidas?", ela suspirou. "Como podem duas melhores amigas terminarem numa guerra, uma contra a outra, apesar de se amarem mutuamente?"

"Porque, agora, cada uma está lutando por algo maior que vocês mesmas", disse Hester.

“Eu sinto saudade do tempo em que minha maior preocupação era sobreviver às transformações das aulas de Embelezamento”, Agatha baixou a cabeça.

“Falando em transformações, alguém notou que o Hort está ainda mais suculento do que estava na escola?”, Dot comentou, mordendo a pizza de cacau que pegou no chão. “Eu o vi quando chegamos, e ele está com um bronzeado de trabalhar no campo e sujo de lama, como se ele fosse o Capitão Lenhador. E vocês sabem como eu adoro esse tipo lenhador, tenho até uma queda pelo Robin Hood. E, se isso ainda não bastasse, cheguei de fininho por trás dele e dei uma boa fungada, e notei que agora ele tem cheiro de homem, nada daquele menino que usava pijama de sapinhos e cheirava a talco de bebê, e eu só fico pensando que já que neste lugar não tem muitos quartos, quem sabe eu consigo convencer o Merlin a me colocar no mesmo quarto...”

“Só por cima do meu cadáver”, gritou Hort, pescoçando a conversa das meninas num canto da sala.

Hester olhou pra ele e seu demônio se remexeu.

“Isso pode ser providenciado.”

Hort murmurou algo obsceno e sumiu. Hester viu Dot olhando para ela de olhos arregalados.

“O que foi agora?”

“Você acabou de me *defender*?”

“Só porque você está ridícula com essa coroa”, resmungou Hester.

Todas as meninas riram, até a Dot.

“Que piada eu perdi?”

Elas olharam para Tedros, lambendo iogurte dos dedos.

“Eca! Lá vem o príncipe pegajoso”, Hester disse.

“É bom ver que você está terrível como sempre, mesmo trabalhando pelo nosso lado”, disse o príncipe.

“Vamos nessa”, Hester disse às suas colegas de coven, levantando-se. “O cheiro de príncipe mimado me dá enjoo.”

Anadil e Dot foram atrás dela, mas só depois que Tedros passou a mão na cabeça de Dot e pegou a coroa de volta. Ele esperou até que as bruxas não pudessem ouvir e olhou para Agatha.

“Eu não... ahn... estou fedorento, estou?”

“Hester acha o Reaper *fofinho*”, disse Agatha.

“Entendido”, Tedros sentou-se ao lado dela, ainda com a camisa suja de

grama e as calças surradas, mas ele tinha tomado banho, pois seus cabelos estavam molhados e ele cheirava ao sabão de chá que Guinevere mantinha na banheira. Ele se inclinou acima dela e ajeitou a coroa de volta em sua cabeça.

“Sabia que você faria isso”, Agatha suspirou. “Eu nem sou uma rainha de verdade, Tedros. Para começar, primeiro você tem que ser coroado rei...”

“Eu serei, em uma semana.”

“Se estivermos vivos, algo que está ficando cada vez mais incerto. E mesmo que você seja coroado rei, eu sou jovem demais para ser uma rainha... quer dizer, oficialmente... você sabe...”

“Ninguém está lhe pedindo para ser oficial. Ainda”, Tedros respondeu, arrumando a coroa. “Mas você *é* a minha rainha. Ninguém além de você. E eu gosto de te ver usando a coroa. Porque, enquanto você usar, sei que ainda me ama. E, considerando a nossa história de falha de comunicação, as dicas físicas são úteis.”

Agatha fungou.

“É neste momento que você deve me dizer como posso demonstrar meu amor”, Tedros provocou.

“Hã... romance não é muito o meu lance”, disse Agatha, pousando a cabeça no ombro dele. “Todo ano tem uma dança do Dia dos Namorados em Gavaldon. Teve um ano que eu fiquei tão irritada com todos aqueles casais que lancei um gambá-bomba e esvaziei o lugar.”

“Espero que eles tenham te punido por isso.”

“Eles tinham medo que eu cozinhasse seus filhinhos num caldeirão de bruxa.”

“Lembre-me de jamais te dar um presente no Dia dos Namorados”, Tedros passou o braço em volta dela.

Através da passagem em arco, Agatha viu Guinevere recolhendo a louça suja, sozinha.

“De qualquer forma, não há nada que eu queira”, ela suspirou. “O único presente que eu gostaria seria conversar mais uma vez com a minha mãe.”

Tedros olhou para ela.

“Se bem que, se você arranjasse um tempo pra conversar com a sua mãe, só vocês dois, isso significaria quase a mesma coisa para mim”, disse Agatha.

“Acho que já fui bem longe nesse sentido”, Tedros desviou o olhar.

“Você me perguntou sobre um jeito de demonstrar o seu amor. Eu não sabia que isso tinha limite.”

Tedros não respondeu, e Agatha não pressionou. Logo, os dois estavam dormindo nos braços um do outro. Por volta das três horas da tarde, o chapéu de Merlin passou flutuando pela sala, servindo café e chá, e todos, um a um, começaram a voltar à sala de jantar, onde o mago estava sentado à cabeceira da mesa. Ninguém sentou com ele. Em vez disso, os velhos heróis estavam junto às paredes, e os jovens alunos sentados no chão, papeando, enquanto o mago aguardava, pacientemente. Quando um silêncio ominoso recaiu sobre a sala, os antigos heróis rapidamente começaram a preenchê-lo com histórias de como tinham sobrevivido essas duas últimas semanas.

Peter Pan e Sininho, por exemplo, tinham se abrigado num *bunker* com sereias da Terra do Nunca, enquanto Cinderela e Pinóquio tinham se escondido na torre de Rapunzel, pensando que, se Rapunzel já estava morta, os velhos vilões certamente não iriam frequentar o lugar.

"A torre dela agora é um museu, como a casa da Branca de Neve, então, há uma corda que os turistas escalam para chegar lá dentro", disse Pinóquio. "Vocês tinham que ter visto a Cinderela escalar, balançando e batendo na torre como uma bola desgovernada. Ficava assoviando para que os pássaros ajudassem, mas com todo o xingamento, eles só ficavam olhando, deixando que a natureza seguisse seu curso..."

"Se a natureza seguisse seu curso, você seria *lenha de fogueira*", rosnou Cinderela.

João e Maria usaram uma estratégia semelhante, pois regressaram à antiga casa de doces da bruxa, agora também um ponto de referência dos Sempre.

"A bruxa zumbi é idiota, mas não tão idiota a ponto de achar que voltaríamos à casa dela", explicou João. "Claro que a ideia foi minha."

"*Sua* ideia! A única coisa que você fez foi comer metade do telhado!", rugiu Maria.

Agatha notou Hester mostrando os dentes ao ouvir isso... Os olhos de Agatha se acenderam de repente, pois ela se lembrou do retrato da bruxa desfigurada na Escola do Velho. "Hester, aquela é a sua casa!", ela sussurrou. "Sua mãe é aquela bruxa! Ela está viva em algum lugar da Floresta..."

"Ela não está *viva*, Agatha. Ela é um zumbi sob o controle do Diretor da Escola", chiou Hester. "Não sou idiota, nem sentimental a ponto de achar que uma pateta qualquer que ele trouxe de volta da cova é a minha *mãe*."

"Hester, eu sei que você se orgulha por ser forte", Agatha sussurrou

preocupada, “mas como você pode simplesmente ficar aí sentada, com eles falando dela desse jeito? Eles a *mataram*!”

Hester encarou-a com um olhar gélido e brilhante.

“O maior equívoco que um vilão pode cometer é se envolver com vingança. João e Maria eram duas crianças famintas tentando sobreviver na Floresta. Minha mãe achou que tivesse capturado mais um par de meninos mimados, gananciosos e glutões, e acabou por subestimá-los grosseiramente. João e Maria a mataram porque tiveram de fazê-lo. Não foi pessoal”, ela deu mais uma olhada nos dois irmãos idosos. “Isso não significa que eu aguente olhar para a cara deles, é claro. Mas também não significa que a história deles ainda tem algo a ver com a minha.”

Agatha viu Dot e Anadil olhando para Hester com admiração e, por um instante, Agatha ficou se perguntando se naquela sala de heróis, jovens e velhos, Hester não seria a maior heroína de todas.

“Eu não devia ter sido tão malvada com ela mais cedo”, Dot sussurrou para Agatha. “Deve ser difícil me ter como amiga, quando eu sou o tipo de garota que a mãe dela costumava comer. Quer dizer, se eu tivesse ido à casa dela naquele dia, em vez de João e Maria, a mãe dela ainda estaria viva. Maria salvou João porque ela o amava, mas eu teria acabado sozinha e cozida até ficar no ponto. Por isso que não sou uma Sempre. Não existe mais ninguém que se importaria o suficiente para me salvar.”

“Isso não é verdade”, alguém contestou.

Dot se virou e viu Hester olhando diretamente para ela.

“Isso não é nem um pouco verdade”, disse Hester.

Dot corou. Agatha forçou sua atenção de volta à história de João e Rosa, só para conter um risinho. E eles seguiram contando, cada herói deleitando a sala com suas histórias de sobrevivência. Chapeuzinho Vermelho, Princesa Uma, Yuba e o Coelho Branco, até que doze tinham falado, menos um. Então, e somente então, a sala ficou em silêncio de vez.

Lentamente, todos se viraram para a cabeceira da mesa e ninguém mais estava sorrindo. Merlin tirou o chapéu.

“Sete dias”, ele proferiu. “Esse é o tempo que o sol ainda vai iluminar nossa Floresta, com base nos cálculos de Yuba. *Sete dias*. Se nós desejarmos sobreviver além desses dias, não temos escolha a não ser atacar a Escola do Mal, e o Diretor da Escola sabe disso. Ele sabe que o Bem sempre luta pela vida. E eu receio que nós não tenhamos escolha, exceto cair em sua

armadilha", o mago suspirou. "Ao mesmo tempo, como tantos de nossos colegas heróis vêm sendo assassinados na Floresta, o escudo protetor sobre o Mundo dos Leitores está quase destruído. Se algum dos antigos membros de nossa velha Liga morrer, desconfio que o escudo finalmente cairá. O Diretor da Escola irá invadir o mundo deles e reivindicar o final secreto que ele espera há tanto tempo. Um final que, ele acredita, destruirá o Bem para sempre."

Por um momento, ninguém falou, assimilando tudo.

"Não entendo. Matar esses dois patetas não é o suficiente?", perguntou Cinderela, apontando para Agatha e Tedros. "O conto de fadas é deles. Por que ele precisa do Além da Floresta?"

"É uma boa pergunta, e eu gostaria de ter a resposta", Merlin respondeu. "Mas não tenho dúvidas de que ele vai matar Agatha e Tedros também, quando chegar a hora."

Agatha e Tedros trocaram olhares tensos.

"Acho que está claro que o Diretor da Escola quer que seu conto de fadas seja tão cruel, tão do Mal, que não reste mais nada do Bem para contar história depois dele. Ele já está reescrevendo muito do nosso passado. Agora, ele está atrás do nosso futuro. Qualquer que seja o final que ele está planejando, ele acredita que tornará o Mal invencível."

"E você não faz ideia do que seja esse final, Merlin?", forçou a Princesa Uma.

"Somente uma suspeita, nada que eu compartilharia antes de saber com certeza. De fato, nossa única esperança é pegar Sophie e convencê-la a destruir aquela aliança."

Agatha sentia-se nervosa, tentando se lembrar que agora a melhor amiga estava liderando o inimigo.

"Então, como fazemos *isso*?", perguntou Chapeuzinho Vermelho.

"Nós invadimos a escola, é claro", Merlin sorriu.

Os velhos heróis se entreolharam, cautelosos.

"Bem, e quais são os reinos Sempre que se juntarão a nós?", perguntou João. "Nós precisaríamos, no mínimo, de Maidenvale, Gillikin e Avondale..."

"Nenhum", Merlin respondeu.

"O quê?", disparou Rosa.

"Nenhum dos reinos Sempre vai se juntar a nós."

A sala ficou totalmente imóvel.

“Merlin”, disse Peter Pan. “O Diretor da Escola é jovem e forte. Ele tem duzentos vilões antigos que não podem ser mortos por nada, exceto fogo, além de uma escola cheia de alunos jovens...”

“Deixe esse problema comigo”, o mago falou. “Enquanto isso, espero que a Liga trabalhe com nossos jovens heróis: Agatha, Tedros, Hort, Hester, Anadil e Dot; e os prepare da melhor forma possível para os vilões que irão enfrentar, já que vocês já batalharam contra esses mesmos vilões. Nós partiremos para a guerra em uma semana, a contar dessa noite.

“Mas nós somos uns velhotes!”, João disse.

“E eles são um bando de jovens idiotas!”, Maria completou. “É impossível!”

“É idiotice!”, disse Cinderela.

“É um massacre, isso sim”, corrigiu Chapeuzinho Vermelho.

“A outra opção é deitar e esperar a morte”, disse Agatha, colocando-se de pé.

Todos se viraram para ela. Tedros lançou-lhe um olhar surpreso, como se, naquele momento, ela tivesse muito mais coragem que ele. Enquanto isso, Agatha sentia o suor se acumulando sob a coroa. Na verdade, ela tinha se levantando antes de ter algo a dizer. Mas então, ela viu Guinevere, no canto da sala. A antiga rainha assentiu para ela, com um sorriso, e Agatha sentiu a voz lhe voltar.

“Minha mãe morreu para que eu pudesse viver”, disse Agatha, ainda observando Guinevere como se ela estivesse lhe transmitindo as palavras. “Durante grande parte da minha vida, cometi o equívoco de achar que ela era ignorante. Achava que ela era velha e estava totalmente por fora, e, de forma alguma poderia saber o quão difícil era ser jovem. Nunca prestei muita atenção nela, da mesma forma como eu e Tedros desconsideramos todos vocês, logo que chegamos à caverna.”

“Desconsideraram?”, interrompeu Peter quase uivando. “Você e seu namorado disseram que éramos um asilo para os que estão com o pé na cova!”

“Bem, vocês também tiraram suas conclusões a nosso respeito”, Agatha rebateu. “Vocês pensaram o que minha mãe pensava: que gente jovem é negligente e imprudente, e que ganha tudo com facilidade.”

Os velhos heróis resmungaram em concordância.

“Mas, no fim, minha mãe soube como me manter em *segurança*”, Agatha

prosseguiu. “Ela não apenas me salvou da morte... ela também me levou até vocês. Não a um reino de guerreiros, nem a uma jovem Liga de Cavaleiros, mas a um grupo de antigos heróis lendários que ela sabia que me protegeria. E ela estava certa, não estava? Por isso que eu deposito minha fé em vocês, mesmo que vocês não acreditem em si mesmos, nem em nós. Porque eu posso não ter ouvido minha mãe enquanto ela estava viva. Mas eu a ouço agora”, Agatha olhou um a um os membros da Liga.

“Eu e meus amigos contaremos tudo que sabemos sobre o jovem Diretor e sua nova escola. Em troca, nós precisamos que vocês nos contem como nos defender de seus velhos inimigos. Deixem que o Merlin se preocupe com o nosso plano de guerra. Nossa função é ouvir uns aos outros, Sempres e Nuncas, jovens e velhos, por mais fraco que seja o nosso exército. E se alguém não quiser fazer parte desse exército, então pode partir agora e ver como se vira sozinho na Floresta.”

Merlin se levantou. Todos os olhos se voltaram pra ele.

“Ah, minha nossa. Não, eu não vou embora”, ele disse. “É só minha bunda que já tá meio quadrada de ficar sentado.”

O riso irrompeu na sala. Agatha viu Tedros sorrindo para ela com uma expressão suave, como se suas palavras sobre a mãe fossem tão significativas para ele quanto foram para ela.

“Bem, agora que nossa rainha já deu o tom, o trabalho de verdade vai começar”, Merlin declarou. Ele girou o dedo acima da mesa e surgiram pequenas estátuas de mármore de cada membro que estava na sala. “Cada jovem aluno treinará com um velho herói...”

Agatha se espremeu entre Hester e Hort, tentando ter uma visão da mesa, enquanto Merlin formava os pares com as estatuetas, anunciando as equipes de treinamento: Dot com Chapeuzinho Vermelho, Anadil com João e Maria.

Agatha não conseguia focar. Sua coroa estava coçando terrivelmente e ela ergueu os olhos, torcendo para que Tedros estivesse distante o suficiente para que ela pudesse tirá-la... Só que ela não via mais Tedros em lugar algum. E agora que observava a sala, viu que Guinevere também não estava ali.

Ela ouviu a tranca da porta da frente e deu uma olhada para trás, vendo a sombra de um menino através da cortina da janela, levando sua mãe lá para o lado de fora, sozinho. Hester a cutucou.

“Preste *atenção*.”

Agatha virou-se para a mesa. O mago estava olhando diretamente para

ela, dizendo algo sobre seu mentor e sua missão na guerra que estava por vir... Mas Agatha não conseguia parar de sorrir porque, por um breve instante, ela se sentiu como se uma guerra já tivesse sido ganha.

28
Quem Está Ajudando Quem

Uma coisa que Tedros gostava nas meninas é que elas sempre davam início a uma conversa. Na maioria das vezes, sua função era apenas ouvi-las, fazer perguntas e tentar entender que diabos se passava em suas cabecinhas complicadas. Ele raramente tinha ideia do que as meninas estavam falando, ou por que tornavam tudo tão tortuoso em sua lógica pessoal, portanto fazer o papel do tipo silencioso geralmente lhe dava tempo para acompanhar.

Mas agora era diferente. Essa era sua mãe. E era ele quem estava com a cabeça tumultuada. O que significava que ele *decididamente* teria que começar a conversa.

A brisa no campo estava fresca, e Guinevere segurou o suéter surrado junto ao corpo, mas Tedros estava suando feito uma mula, puxando a camisa e desejando poder arrancá-la. Seu peito fervilhava como uma panela de pressão e o silêncio entre eles só deixava tudo pior. Ele nem sabia para onde a estava levando — não havia nenhum bendito lugar que tornasse aquilo mais fácil — então, sem qualquer aviso, ele se sentou no chão, no meio da grama, ainda remexendo nas mangas. Guinevere sentou-se calmamente ao seu lado.

"Quando encontramos a Dama do Lago, o Merlin pediu que ela nos escondesse, assim como havia escondido alguém antes", Tedros começou, sem olhar para ela. "O que significa que Merlin ajudou você a fugir de mim e do meu pai."

"Merlin sabia que eu estava infeliz havia muito tempo", disse Guinevere.

"O papai tinha adoração por você", Tedros disparou de volta. "Ele decorou o castelo com os seus retratos, lhe trazia os presentes mais extravagantes de todas as suas cruzadas, te cobria de atenção e afeto. Ele

nunca levantou a voz para você, nunca te encostou a mão nem te privou de nada, e agora você está agindo como se ele fosse algum carrasco que te prendia no sótão. E daí se ele tinha alguns maus hábitos? Nenhum relacionamento é perfeito. Olhe para mim e Agatha...”



“A diferença é que Agatha também te ama.”

A resposta dela o desarmou. Tedros suspirou.

“Mãe, você não podia ser tão infeliz a ponto de abandonar seu próprio *filho*.”

“Eu sei. Foi por isso que fiquei com seu pai mais tempo do que deveria”, Guinevere respondeu. “Acredite quando eu digo que fui bem educada nos valores do Bem. Eu fui ensinada por um Reitor bem menos progressista que o seu a colocar o rei e o reinado em primeiro lugar. Eu sabia muito bem que ninguém perdoaria uma rainha que vai embora com um cavaleiro da corte sem um bom motivo. Mesmo que Lancelot fosse meu verdadeiro amor, a ideia de partir com ele parecia infantil, egoísta e profundamente cruel. Eu tinha o dever de manter minha família unida.”

“*Exatamente*”, disse Tedros.

“E não é que eu não pudesse te levar comigo”, Guinevere continuou. “Isso seria injusto com você, com seu pai e com um reino que precisava de seu futuro rei...”

“Não apenas injusto, mas inconcebível”, Tedros acrescentou.

“Por esse motivo contei tudo ao Merlin, na esperança de que ele me condenasse por pensamentos tão pecaminosos e me forçasse a focar na vida que eu havia escolhido, e não em uma que eu estava sempre imaginando”, a

mãe dele fez uma pausa. “Em vez disso, ele me perguntou por que eu ainda estava em Camelot, se eu estava tão desesperada para ir embora de lá.”

Tedros olhou-a, irrequieto.

“*Por quê?* Porque você tinha um filho! Você tinha um marido! Porque isso era o que você *deveria* fazer! Como ele pôde fazer uma pergunta tão imbecil?! É uma questão de certo e errado!”

“Eu fui ainda mais ríspida”, ela anuiu. “Falei que somente um homem poderia ter tão pouca consideração pelo dever de uma mulher. Que era irresponsável achar que isso era simplesmente uma questão de escolha. Eu não poderia simplesmente descartar a minha vida antiga e começar uma vida nova. Como eu poderia acordar, todos os dias, sabendo que tinha deixado meu filho? Ele é meu filho! Meu sangue!”

“Ele precisa de você”, Tedros relutou...

“Ele precisa da minha *ajuda*”, Guinevere terminou. Ambos ficaram em silêncio, olhando nos olhos um do outro.

“O que o Merlin disse?”, Tedros perguntou, retraído.

Os olhos de Guinevere cintilaram.

“Ele só me olhou e falou: *Quem está ajudando quem*?”

“Eu não enten...”, Tedros meneou a cabeça.

Mas ele entendeu. Sua alma entendeu. As lágrimas arderam em seus olhos, lavando a sua raiva.

“Ficar com seu pai teria arruinado a minha vida. E teria arruinado a sua vida também”, disse Guinevere. “Arthur pode ter sido um rei maravilhoso para o seu povo, um pai amoroso para você e um marido leal para mim... mas eu amava outra pessoa, Tedros. Sempre amei outra pessoa. E se você descobrisse que eu havia mantido um casamento infeliz por sua causa, você carregaria esse peso para sempre. Você saberia que sua mãe havia escolhido negar a própria felicidade por você. E por mais que eu quisesse abrir mão da minha vida e ficar ao seu lado, eu não podia fazer essa escolha por você. Não por um menino com tanta coragem e compaixão como você. Parte de sua jornada era enxergar sua mãe como ela realmente era, não quem ela fingia ser. A maior parte das crianças jamais superaria o ressentimento e definharia de dor. Mas o Merlin sabia que você era diferente. Ele me disse que a minha partida não era necessária somente pelo meu próprio destino, mas era a semente essencial para o seu destino também. Isso o faria olhar mais atentamente para encontrar o *verdadeiro* amor. Isso o tornaria o rei que você

precisava ser. E embora minha partida deixasse uma ferida profunda e indelével em nós dois... um dia, você encontraria um meio de me perdoar."

Tedros estava aos prantos.

"Você era minha mãe... você era a minha vida... eu quis morrer quando você foi embora..."

"Mas você não morreu", disse Guinevere. "E eu também não morri, embora achei que morreria. Durante meses, corri pelos campos gritando para o céu, implorando à Dama do Lago que me levasse de volta até você. Mas Merlin a proibira. Naquele primeiro ano, ele veio todos os domingos para me tranquilizar e contar as histórias do que você andava fazendo: como você ficava sentadinho nas reuniões com os conselheiros e lhes fazia perguntas sobre o reino; como você escondia os legumes embaixo do arroz para que sua ama não notasse; como você se sentava com Arthur, noite após noite, depois da minha partida, mesmo que ele não lhe dissesse uma palavra... e como você me amaldiçoou por muitos dias e semanas depois que ele morreu. Eu obrigava o Merlin a me contar cada detalhe, repetidamente, até que eu adormecesse chorando."

Ela sorriu melancólica.

"Com o decorrer dos anos, ele passou a vir cada vez menos, até que vinha somente no Natal. Mas, apenas naquele dia, eu voltava a me sentir como uma criança, ouvindo a história do meu próprio filho crescendo, tornando-se mais corajoso e forte, a ausência da mãe lhe servindo de combustível para que ele se tornasse alguém. E logo eu também comecei a me sentir mais corajosa e forte, sabendo que finalmente tinha um amor honesto, em vez de um amor forçado pelo dever. Não importava se Lancelot e eu ficássemos sozinhos pelo resto de nossas vidas; não importava termos sido banidos e caído em desgraça... porque nós encontramos o *verdadeiro* Bem, em vez de uma mentira, e honramos a verdade de nossas histórias. Ouvindo Merlin falar de você, ano após ano, comecei a me sentir como se vivesse contigo, embora eu não estivesse lá, ficando cada vez mais jovem em espírito enquanto você ia ficando mais velho — até chegarmos onde estamos, cobertos pelas bênçãos do Bem, com nossas histórias mais uma vez entrelaçadas. Só agora eu vejo que Merlin estava certo. Da mesma forma que seu pai o fez forte e responsável, a minha partida de Camelot também o transformou no homem que você é. Isso o tornou sensível, independente e resiliente, e o conduziu à sua rainha perfeita. Naturalmente, também te deixou ligeiramente rude e

cabeça-dura...”

“Como o meu pai”, Tedros fungou.

“Não”, Guinevere atalhou, firme. “Seu pai jamais estaria sentado aqui comigo como você está neste momento. Seu pai jamais conseguiria enxergar que, no fundo, tudo o que eu fiz foi dar a todos nós a chance de encontrar a verdadeira felicidade. Ele acreditava que a felicidade significava algo muito diferente. Ele era um tipo diferente de homem... um tipo diferente de rei. Mas você consegue ver o que ele não conseguia, Tedros. Que embora seu pai e eu tenhamos defeitos profundos, nós nos unimos, pela graça de nossas histórias, para fazer a criança mais perfeita do mundo. E, por isso, toda nossa dor valeu a pena.”

Tedros não conseguia mais falar. Sua mãe o abraçou bem junto ao peito, deixando que ele chorasse, e seus músculos relutaram, relutaram com ela, até que ele finalmente se rendeu e a abraçou, encolhendo-se junto a ela como um menininho. Eles ficaram assim por um bom tempo, até que seu choro ofegante foi se acalmando.

“Aquele ogro te trata bem?”, ele perguntou, com a voz rouca e o nariz escorrendo.

“Tão bem quanto um ogro pode tratar uma dama”, Guinevere riu.

“Porque se ele não tratar, eu arranco-lhe o olho”, Tedros disse.

“Agradeço seu cavalheirismo...”

“Se ele sequer olhar atravessado para você.”

“Quantas vezes vai ameaçar me matar até finalmente tomar coragem e fazê-lo, menino?”, alguém falou alto.

Tedros virou-se e viu Lancelot se aproximando, enquanto o restante do exército de Sempre e Nunca estava reunido à distância, do lado de fora da casa.

“Embora talvez você queira esperar um pouquinho”, disse o cavaleiro, “levando em conta que Merlin formou as duplas de velhos e jovens e me escolheu como seu líder de treinamento.”

Tedros franziu o cenho.

“Venha, rapaz.” Lancelot deu um risinho irônico, chamando-o na direção dos outros. “Chegou a hora de você nos mostrar o que aprendeu naquela escola desolada.”

“Seja cuidadoso com ele, Lance”, Guinevere sorriu.

“Nem em sonho”, disse Lancelot, com uma piscadela.

Tedros ficou ao lado da mãe, olhando o cavaleiro seguir até os outros.

“Agora, vá em frente”, disse Guinevere. “Você e sua rainha têm uma guerra a vencer. Você não pode ficar perdendo tempo com uma dona de casa.”

“Você estará em casa quando eu voltar?”, Tedros se virou.

A pergunta era tão tola e tão óbvia... mas sua mãe sabia o que significava.

“Não vou a lugar algum”, ela respondeu simplesmente.

Tedros assentiu desviando o olhar. Ele levantou e deu uma corridinha atrás de Lancelot, antes de parar e olhar pra trás uma última vez.

“Eu te amo, mãe.”

Ele saiu correndo, assegurando que Guinevere não tivesse tempo de dizer o mesmo.

Ela não precisava dizer. Ele dizer era o bastante para os dois.

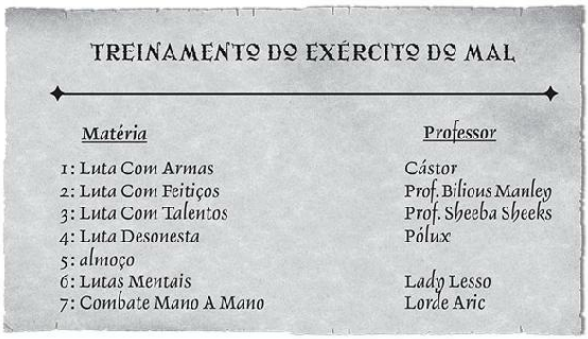
Não demorou muito para que houvesse a primeira morte.

Lady Lesso vinha alertando desde o começo que colocar alunos novos para lutar com zumbis velhos era uma imbecilidade, mas Sophie sentia que os jovens alunos já tinham sido suficientemente paparicados. Primeiro, Rafal os protegera da linha de frente da guerra iminente. Depois, transferiu os preparativos de guerra para a Escola do Novo, já que o antigo castelo do Bem era mais aquecido e mais bem iluminado. Então, aboliu a Sala de Condenação, permitiu acesso irrestrito à Sala de Embelezamento e até cessou o acompanhamento de pontuação, garantindo que lerdos como Kiko, já meio mogrificados, não fossem inteiramente transformados em animais e plantas até depois da guerra.

Agora chega, pensou Sophie, fazendo uma cara feia. Ela era a Líder de Treinamento, e as lutas de treinamento prosseguiriam conforme o programado, independentemente do que qualquer um dissesse. Não importava se antigos vilões estivessem ferindo ou torturando novos alunos. O Mal tinha uma guerra a vencer, e o Mal só aprendia a ser Mal pelo sofrimento e pela dor. Afinal, foi assim que ela havia aprendido. E, agora, seus colegas de classe também aprenderiam.

Ela mesma tinha planejado a programação de treinamento inteira. Durante os próximos seis dias, quatrocentos vilões, entre velhos e novos, seriam divididos entre os inúmeros professores e salas do Mal. Durante cada aula, não haveria preleções, nem testes, nem desafios. Em lugar disso, os

professores supervisionariam lutas corpo-a-corpo entre um velho zumbi e um novo aluno, de acordo com o tema da aula. A grade de cada aluno consistia nas seguintes lições:



TREINAMENTO DO EXÉRCITO DO MAL

Matéria	Professor
1: Luta Com Armas	Cástor
2: Luta Com Feitiços	Prof. Bilious Manley
3: Luta Com Talentos	Prof. Sheeba Sheeks
4: Luta Desonesta	Pólux
5: almoço	
6: Lutas Mentais	Lady Lesso
7: Combate Mano A Mano	Lorde Aric

Desde a primeira aula, os gritos dos jovens Sempres e Nuncas ecoaram pelo saguão. Um ogro perseguiu Reena com um machado durante a aula de Armamento; uma bruxa fez uma queimadura na coxa de Vex durante o treinamento de Feitiços; o gigante de João arremessou Chaddick de uma escada na lição de Talentos; e o lobo de Chapeuzinho Vermelho comeu metade de Kiko, com sua meia plumagem, antes que Pólux o obrigasse a regurgitá-la. Enquanto isso, as sessões de combate mano a mano de Aric produziram tantos cortes e concussões e ossos quebrados que as fadas montaram uma enfermaria improvisada no foyer, supervisionada por Beatrix, que saiu correndo em pânico, ministrando elixires e feitiços curativos tirados dos antigos livros da biblioteca.

À medida que os dias passavam, Sophie começou a se deleitar com a infelicidade dos alunos e com o número crescente de corpos na enfermaria, como se seu coração, um dia movido pelo amor e pela esperança, agora só fosse movido pela dor alheia. Ela acordava ansiando pelos primeiros gritos da manhã e se sentia desconsolada quando o treinamento do dia terminava e todos voltavam só mancando para seus quartos. Lá pela terceira noite, ela estava ficando acordada até tarde só para montar ela mesma a grade de combates do dia seguinte.

“Acho que vou colocar Beatrix contra o Gancho”, ela disse, sentada no beiral da janela, enquanto rabiscava num pedaço de pergaminho. Rafal a olhava, do outro lado de seus aposentos, enquanto mudava de camisa.

“O objetivo do treinamento é preparar o Exército Sinistro para a guerra.

Não surrar nossos jovens estudantes que não estarão na linha de frente.”

“Essa não foi minha decisão”, Sophie murmurou.

“Nossos alunos são o futuro do Mal, Sophie. Nós temos que protegê-los até que eles estejam inteiramente treinados...”

“E é isso que eu estou fazendo. Treinando-os.”

“Alquebrando-lhes os ossos e a alma? Não tenho certeza se é assim que eles veem tudo isso.”

“Não tenho certeza se me importo”, Sophie murmurou.

“Falando a garota que costumava se importar desesperadamente com o que pensavam dela.”

“Eu me importo com o que você pensa”, Sophie ergueu o olhar.

O jovem Diretor da Escola sorriu.

“Acho que você está se esquecendo que um dia já esteve no lugar deles.”

Sophie franziu a testa e voltou para sua lista.

“Na verdade, não me importo com o que você pensa.”

Rafal estava prestes a dizer algo, mas Sophie o impediu.

“Você me colocou no comando, não foi?”, ela disparou, sem levantar o rosto. “Se você tem dúvidas, é só me substituir.”

Ela ouviu o jovem Diretor da Escola suspirar, mas ele não disse mais nada. A verdade era que, lá no fundo, Sophie desejava conseguir sentir-se mal por seus colegas de classe. Mas ela não sentia nada. Era como se uma parte de seu coração tivesse sido simplesmente desligada. Ela não sabia quando isso tinha acontecido. Quando o beijo de Tedros acabou sendo horrível? Quando ela descobriu que Agatha a usara para ficar mais próxima de seu príncipe? Ou será que foi quando ela finalmente se viu como a rainha do Mal e sentiu-se forte e no controle pela primeira vez em sua vida? Talvez tivesse sido tudo isso e mais... uma vida de rejeições do Bem, encobrindo seu coração, pedacinho por pedacinho, até que ele finalmente virou pedra.

E, de fato, a cada dia que passava, ela notava sua pele mais clara, sua voz mais fria, seus músculos mais rijos, as veias azuladas quase translúcidas, combinando com a frieza dentro dela. Embora ainda estivesse em seu corpo jovem, ela se sentia como um dos velhos zumbis de olhos opacos, isenta de humanidade. Até seus beijos com Rafal haviam mudado. Os lábios dele já não pareciam frios.

No quinto dia, Sophie mandou desmontar a enfermaria, já que os alunos começaram a fingir ferimentos para fugir das lutas. Até os Nunca mais

intrépidos se arrastavam para dentro do ringue de mãos erguidas, sem oferecer qualquer resistência diante dos oponentes zumbis que os socavam, cortavam, ou os arremessavam ao outro lado do castelo. No começo, Sophie ficou furiosa, pois sabia que os alunos acabariam pagando o preço dessa covardia. E, realmente, quando Beatrix abordou-a no corredor, depois do almoço, com o rosto coberto de lágrimas, gritando que um aluno havia sido morto, Sophie não pôde deixar de sentir que, independentemente de quem fosse, havia merecido.

"Eu vi da nossa janela, foi um ogro... jogou alguém da torre dos sinos... na baía...", Beatrix resfolegou.

"Isso que acontece quando você não reage à luta", Sophie respondeu, sem parar.

Beatrix agarrou-lhe o braço.

"Mas você não vai ver de quem é o corpo? Deve ter vindo da turma de Cástor..."

"Não haverá um corpo se ele foi jogado na baía. O lodo o encobriu", Sophie disse casualmente. "Suponho que isso acabe com a necessidade de um enterro."

Beatrix olhou-a boquiaberta, tremendo.

"Tudo que você sempre quis foi ser do Bem. E agora... você é tão má quanto *ele*."

"Vou encarar isso como um elogio", Sophie puxou a mão de Beatrix para tirá-la de seu braço e saiu andando.

No fim das contas, não foi um aluno a ser arremessado do campanário, mas o Beezle, que estava torcendo por um ogro em sua primeira luta contra Ravan, mas ele tropeçou no meio do ataque do ogro e acabou caindo de cabeça por cima do parapeito (Cástor organizou uma pequena cerimônia antes da primeira sessão, no dia seguinte, na qual ninguém derramou uma lágrima).

Na parte da tarde, Sophie estava fazendo suas rondas, como habitual, e notou, pela primeira vez, que os alunos Nunca estavam realmente tendo um desempenho *melhor*. Ou a morte de Beezle os amedrontara, forçando-os a se mexer, ou eles já estavam fartos de perder, ou seus instintos de sobrevivência finalmente entraram em ação, mas os jovens Sempres e Nuncas reagiam vigorosamente contra os velhos vilões, usando uma variedade de magia negra, como Sophie nunca tinha visto. Vex se transformou numa ventania

nociva contra o lobo; Kiko transformou parte do piso em ácido, abrindo um buraco nos pés de uma bruxa, enquanto Chaddick se transformou num verme mortal e infectou seu oponente anão. Todos os três acabaram perdendo no fim, mas até na manhã do sexto dia, a Escola do Novo teve sua primeira vitória, quando Beatrix conjurou corvos que bicaram e arrancaram os olhos das irmãs postiças de Cinderela. As garotas zumbis conseguiram recuperá-los dos pássaros irritantes, portanto elas sem dúvida se vingariam de Beatrix mais tarde... no entanto, Sophie ficou maquinando. Onde é que os alunos haviam aprendido toda essa magia negra? Certamente não tinha sido com o Diretor da Escola, que restringira o ensino de feitiçaria na Escola do Novo, ou por não confiar nos jovens Sempres e Nuncas, ou porque via tal bruxaria como uma ameaça direta à sua.

Então, só podia ser um professor, pensou Sophie. Mas nenhum deles dera crédito à ascensão da performance dos alunos. Em vez disso, eles a julgavam responsável por isso. Antes duvidosos de seus métodos de treinamento, agora todos os professores lançavam olhares de aprovação para Sophie.

Todos os professores, exceto um.

Sophie esperou até um intervalo entre as sessões para bater na antiga porta da Professora Dovey. Quando a porta trancada magicamente se abriu, as parede de doce de abóbora ainda estavam totalmente intactas, como nos velhos tempos do Bem, mas agora estavam rachadas, de ponta a ponta, como um espelho que pode se despedaçar a qualquer momento. Lady Lesso estava debruçada sobre um pergaminho da Professora Dovey, em sua antiga escrivaninha de ameixas azedas, com todas as ameixas enegrecidas.

“Escolha interessante para uma sala”, Sophie comentou, sentando-se em cima de uma das carteiras de alunos, e olhando em volta.

Ela ouviu um fungado, estranhamente visceral, e olhou para cima, vendo Lady Lesso limpando rapidamente o nariz e se arrumando na mesa.

“Não fui eu que escolhi”, disse ela, ainda olhando o pergaminho. “Como membro mais antigo do corpo docente, deixei que os outros escolhessem suas salas primeiro. A sala da Professora Dovey foi a única que sobrou.”

“Você deve sentir falta dela”, disse Sophie, com a voz branda. “Clarissa era sua melhor amiga.”

Lady Lesso ergueu os olhos cor de violeta.

“Não tenho certeza se você ganhou o direito de chamar uma Reitora pelo primeiro nome.”

“Uma ex-reitora”, corrigiu Sophie. “E eu sou superior dela e sua também, portanto posso chamar qualquer um do que eu quiser. Eu também a chamaria pelo primeiro nome, se eu soubesse, Lady Lesso. Para mim, você não é mais uma professora. É uma *funcionária*.”

“Ora, ora”, Lady Lesso sorriu para o rosto pálido de Sophie e sua expressão petrificada. “É como olhar para um espelho e me ver jovem. Parece até no jeito de falar.”

Ela voltou ao seu pergaminho, dando outra fungada estranha que a fez se ajeitar na cadeira. “Apesar disso, como *ninguém* sabe meu primeiro nome e a Professora Dovey está congelada no calabouço, suponho que isso tudo seja um tanto irrelevante. Embora eu tenha um bocado de inveja de Clarissa, já que agora ela não tem quatrocentos alunos para supervisionar, com Jovens, Velhos, Sempres e Nuncas frequentando as aulas em um castelo. Portanto, se você não se importa, eu vou voltar ao meu plano de aulas, antes que comece a próxima sessão...”

“Falando em seu plano de aulas, o que, exatamente, você está ensinando a eles?”, perguntou Sophie. “Você é a única professora que tranca a porta durante os treinamentos, então eu não posso fazer uma visita.”

“Nem meu filho pode, e como o Diretor da Escola já deixou absolutamente claro que vai permitir que Aric me mate, trancar minha porta parece o mínimo que posso fazer. Quanto ao que leciono, estou preparando todos eles para a guerra, exatamente como você instruiu, minha *rainha*.”

“É mesmo? Fiquei do lado de fora depois que sua aula terminou, e nunca nenhum jovem aluno sai com cara de quem esteve numa luta.”

“Porque ensiná-los a lutar significa ensiná-los a se proteger”, respondeu Lady Lesso, encarando-a. “Principalmente, quando é uma luta injusta.”

Sophie deu um sorriso de esguelha para a Reitora.

“Então, foi você, não foi? Que os ensinou magia negra para lutar contra os antigos vilões”, ela parou, confusa. “E, ainda assim, os vilões estavam dentro da sala de aula, o tempo todo.”

“Eu os coloquei para dormir enquanto ensinava aos outros”, disse Lady Lesso. “Uma simples névoa de Salgueiro do Sono. Quando eles acordam é como se nem tivessem passado pela sala de aula. Você certamente se lembra dos efeitos disso, em sua primeira Prova.”

“Você não tinha o direito de desobedecer ordens!”, Sophie contraiu o maxilar.

“Funcionou, não foi?”, Lady Lesso rebateu rapidamente. “Os jovens alunos estão radiantes de confiança. Os vilões foram forçados a subir de nível, já que os alunos estão encarando a briga. Agora, os professores apoiam-na inteiramente como líder. Até Rafal não tem mais aquela expressão de quem cometeu um equívoco ao deixar que o amor o guiasse.”

Sophie não disse nada. Lady Lesso deu um longo suspiro.

“Sophie, minha querida. Você acha que estou trabalhando contra você, quando ajudar o Mal a vencer tem sido o trabalho da minha vida. Afinal, fui eu quem lhe disse que havia espiões do Bem tramando contra você dentro dessa mesma escola. Mas desde que você voltou, eu receei que suas emoções estavam voláteis demais para liderar nosso exército. Pude sentir os jovens alunos resistindo a você, em vez de respeitá-la. Não se pode surrar jovens almas para acreditarem no Mal. Você mesma só deu uma chance ao Mal quando ele lhe deu algo pelo que lutar. Ao ajudar os alunos a reagirem, eu os empoderei pela primeira vez desde que eles pisaram na nova escola. Eu os ajudei a ver que, Sempre ou Nunca, confiar no Mal é a única esperança que eles têm de continuar vivos.”

“Então, por que não me disse o que estava fazendo?”, Sophie parecia cética.

Lady Lesso se aproximou.

“Porque eu queria que Rafal e os professores dessem o crédito da inversão no desempenho deles inteiramente a *você*.”

Sophie a encarava.

“Lembre-se do que eu lhe disse quando conversamos em meu escritório”, disse a Reitora. “Quero que você seja uma rainha lendária. Quero fazer com que o Mal seja novamente grandioso. E, acima de tudo, quero que você seja feliz. Porque merece a vida que eu nunca tive. Você merece um amor que seja *certo*”, os olhos dela cintilaram com ternura. “Portanto, talvez você não me veja mais como uma professora. Mas eu sempre a verei como minha aluna, Sophie. E quando você se perder no caminho, eu estarei ali, na sombra, sua fada madrinha do Mal, empurrando-a na direção de seu destino, como um vento por trás de uma vela. Mesmo quando você perder de vista o que é esse destino.”

Sophie notou que Lady Lesso queria dizer mais alguma coisa, mas estava omitindo. As duas ficaram se olhando, e Sophie sentiu um aperto na garganta. Era a primeira emoção que ela sentia, em muitos dias. Fadas gritaram pelos

corredores e Sophie foi arrancada de seu transe de emoção como faíscas de uma chama.

"Bem, eu não preciso de sua ajuda", ela disse, seguindo em direção à porta. "E não preciso de uma *fada madrinha*. Essa é minha escola, não sua, e se os jovens alunos irão lutar com magia negra, bem, agora eu vou deixar que os antigos vilões utilizem armas. É apenas justo, não? E quando você ouvir os gritos dos alunos, saberá que isso foi obra sua..."

"Sophie."

Ela parou.

"O que foi, Lady Lesso?"

"Você não conseguiu matar Agatha e Tedros quando eles vieram resgatá-la", Lady Lesso falou baixinho. "O que a faz pensar que consegue matá-los agora?"

Sophie virou-se, gélida.

"O mesmo motivo para que eu tenha regressado ao Mal. Um coração só pode lutar contra o vento até aprender a abraçá-lo."

Lady Lesso ficou observando-a sair, olhando a cauda negra de veludo do vestido de Sophie arrastando-se atrás dela como uma serpente.

"Muito bem colocado, minha criança", a Reitora sorriu, voltando ao seu trabalho. *Muito bem colocado*.

Não demorou muito para que os gritos lancinantes dos jovens alunos novamente reverberassem pelos corredores, muito piores do que antes.

Sophie cumprira sua promessa.

29
Atribuições Fracassadas

Num lugar distante, sob o sol de um refúgio seguro, Agatha matutava sobre os meios de assassinar Cinderela.

Merlin a colocara em dupla com a princesa abominável, da mesma forma como ele dividira cada um dos jovens alunos em par com um velho herói. Agatha sabia que o mago a colocaria com aquela maldita cheia de rouge, só porque Hester, Anadil ou Hort cravariam um machado no meio da cabeça dela (Dot nem era uma opção; Cinderela a esmagaria como a uma mosca).

Agatha nem podia pleitear uma mudança nessa atribuição, pois Merlin havia deixado a casa do sítio depois da reunião que o grupo tivera no almoço e não tinha sido mais visto desde então. Diante do panorama, Agatha realmente acreditava que poderia aprender algo com a ex-princesa. Primeiro, Cinderela não era tão velha quanto o restante dos heróis. Segundo, as duas tiveram a Professora Dovey como fada madrinha secreta e, terceiro, de acordo com o que ela sabia do livro de história de Cinderela, ambas tinham superado suas dúvidas pessoais para encontrar o amor, não?

No entanto, por mais aberta que Agatha tentasse ser com sua mentora durante as sessões de treinamento, a semana chegava ao fim e a única coisa que ela tinha aprendido era contar até dez toda vez que sentia o ímpeto de arrancar-lhe as vísceras.

“ISSO É UMA VARINHA, SUA BOCÓ INÚTIL”, berrava Cinderela, com a papada balançando. “CINCO DIAS FAZENDO ISSO E VOCÊ NEM CONSEGUE SEGURAR DIREITO!”

“Porque você está me deixando nervosa!”, Agatha gritava de volta, tentando endireitar a varinha da Professora Dovey apontando-a para o Coelho

Branco que pacientemente recostava-se a uma árvore, enquanto petiscava um biscoito de queijo.

“ENTÃO IMAGINE O QUÃO NERVOSA VOCÊ VAI FICAR QUANDO UM EXÉRCITO INTEIRO ESTIVER TENTANDO TE MATAR!”



“Se eu pudesse ao menos falar com Merlin, ele veria que não devia ter me escolhido para isso...”

“PENA QUE MERLIN NÃO ESTEJA POR AQUI.”

“Mas por que *eu* tenho de fazer isso?”, Agatha gemeu, com a varinha tremendo tanto que ela até sentia sua coroa de rainha tremular. “Por que não pode ser outra pessoa?”

“Porque, por algum motivo pavoroso, Merlin acha que você é quem deve fazer Sophie destruir a aliança!”, esbravejou. “Eu, por outro lado, acho que nós deveríamos te fatiar, fritar e te servir de bandeja ao Mal, como oferta de paz.”

Ambas se olharam, soltando fumaça de tanta raiva.

“Ouça-me, florzinha gigante. Não adianta lutar essa guerra a menos que você possa fazer Sophie estraçalhar aquela aliança”, rugiu Cinderela. “E eu digo que a única forma de você conseguir fazer isso é acuando sua amiguinha numa escolha entre viver e morrer. Mas você tem que estar disposta a feri-la pra valer! Do contrário, você não vai acreditar que é capaz quando chegar a hora. E se você não acredita, ela não vai acreditar!”

“Mas por que eu tenho que ferir um coelho?”, argumentou Agatha, apontando para o que estava recostado na árvore.

“Agatha”, Cinderela começou, tentando controlar o temperamento. “Se você não consegue ferir um coelho, como vai ferir sua melhor amiga?”

“Não posso simplesmente assustá-lo com um feitiço? Por que tenho que usar uma varinha...”

“PORQUE ELA NÃO VAI FICAR COM MEDO DE UM FEITIÇO! SOPHIE NÃO VAI FICAR ASSUSTADA COM NENHUM DAQUELES FEITIÇOS IMBECIS DA ESCOLA!”, rugiu Cinderela. “Ela vai ficar assustada com a varinha de Dovey, se achar que você está pronta para acertá-la com ela, e a varinha de Dovey funciona do mesmo jeito que funcionam todas as magias em nosso mundo: pela intenção e convicção, algo que Merlin acha que você possui, apesar de todas as evidências do contrário.”

Agatha cerrou os dentes e bufou.

“Uma vez, está bem? Eu só vou fazer isso uma vez!”

Cinderela jogou as mãos para o alto.

“Você não fez porcaria nenhuma até agora, portanto uma vez já será um progresso!”

Agatha a ignorou e ergueu lentamente a varinha para o Coelho Branco, mais uma vez. Ela imaginou exércitos atacando à sua volta... o destino todo dessa guerra sobre seus ombros... Ela se preparou e segurou a varinha com mais força.

É pelo Bem.

Só uma vez, pelo Bem.

Mas, agora, em vez do coelho, ela viu Sophie olhando para ela com seus olhos cor de esmeralda e suas bochechas rosadas. A Sophie que tanto tentou ser do Bem e acabou sendo do Mal. Era assim que terminaria: ela diante de Sophie, disposta a matá-la... querendo que Sophie *acreditasse* que ela seria capaz matá-la... para que ela pudesse ajudar o Bem, uma última vez.

Bem e Mal num único golpe da varinha.

Amor e ódio.

Amiga e inimiga.

Mas Agatha só conseguia enxergar a amiga.

“Não consigo”, ela sussurrou, baixando a varinha. “Não consigo feri-la.”

O Coelho Branco terminou seu biscoito calmamente. Cinderela arrancou a varinha de Agatha e disparou uma explosão de luz no coelho, fazendo-o colidir na árvore com tanta força que ficou nocauteado. A velha enfiou a varinha na mão de Agatha de novo, fulminando a menina com o olhar.

“E pensar que por um momento eu me equivoquei, achando que você fosse uma *rainha*”, e saiu marchando em direção à casa, deixando Agatha sozinha.

Elas não foram a única equipe com dificuldades crescentes.

Primeiro, Dot se ressentiu por ser colocada em dupla com a velha Chapeuzinho Vermelho (“Só porque nós duas gostamos de bolo não significa que vamos nos dar bem”, ela reclamou com Anadil). As coisas pioraram quando Chapeuzinho Vermelho pareceu não ter nada a ensiná-la.

“Bem, você não pode correr do lobo, nem derrotá-lo numa briga, e ele não vai cair em nenhum truque tolo”, resmungou Chapeuzinho Vermelho. “Será melhor se você simplesmente fizer o que eu fiz quando tinha a sua idade e gritei pedindo socorro. Talvez tenha algum lenhador por perto.”

“É esse o seu conselho? Esperar que um lenhador passe por perto?”

“Um lenhador bonitão, com perfume de couro e terra...”, Chapeuzinho Vermelho corou, perdida em suas lembranças.

“Olha, senhorita... Chapeuzinho, no segundo em que aquele lobo te vir, ele virá correndo te pegar para tentar reescrever seu final feliz. Eu não posso deixar que isso aconteça”, Dot disparou, contendo o ímpeto de se alongar sobre a semelhança das duas no gosto para homem. “Se ele te matar, o Diretor da Escola vai romper o escudo e entrar no Mundo dos Leitores. Você ouviu o Merlin. Basta apenas *um* de seus heróis mortos!”

“Chocolate, não é? Esse é o seu talento de vilã?”, Chapeuzinho Vermelho tamborilava um dedo junto aos lábios.

“Ah, pelo amor de Deus, você sabe de quanta energia eu preciso para transformar um bode, ou um rato, em chocolate? Eu não conseguiria transformar um lobo inteiro...”

“Quem disse que eu estava falando de um lobo *inteiro?”*, Chapeuzinho Vermelho respondeu sorrindo

Enquanto a alegre mentora explicava seu plano, Dot se viu sorrindo cada vez mais, subitamente entendendo por que Merlin a colocara em dupla com ela. E, de fato, o plano de Chapeuzinho Vermelho era tão bom que quando elas o aperfeiçoaram, quatro dias depois, Dot estava fingindo que elas o tinham elaborado em conjunto.

Enquanto isso, Hester tinha sido colocada em parceira com João e Maria, por mais estranho que pudesse parecer.

“Você disse que não tinha problema com eles”, Anadil começou a dizer.

“Eu estava me referindo a ficar mesma casa, sem matá-los! Isso não significa que eu possa *treinar* com eles!”, Hester gritou.

Os irmãos de cadeira de rodas tinham uma repulsa semelhante em ajudar a filha de uma bruxa que havia tentado comê-los (“Essa aí também cozinha crianças?”, João perguntou a Maria). Ainda assim, apesar do início turbulento, os três logo encontraram um território comum.

“Nós não somos amigos, certo?”, João disse a Hester. “Mas todos nós queremos a mesma coisa: sua mãe de volta na cova.”

“Pela última vez, aquela *coisa* não é a minha mãe”, Hester retrucou.

“Mmmm...”, disse Maria, pensativa. “E, mesmo assim, sua não-mãe ainda a vê como filha dela...”

Os olhos de Hester se arregalaram ao assimilar o que Maria disse.

“O quê?”, João interveio, desviando o olhar de uma para outra. “O que é que eu não sei?”

Mas agora Maria e Hester estavam sorrindo uma para a outra.

“O plano está claro, jovem bruxa?”, indagou Maria.

“Cristalino”, Hester confirmou.

“Merlin nos deu uma bem esperta, hein?”, Maria olhou radiante para João, que ainda parecia perdido.

“Mais esperta do que seu irmão, pelo menos”, Hester zombou.

Maria bateu na mão dela, comemorando.

Do outro lado do bosque de carvalhos, Anadil estava irritada por ter que treinar com João, do pé de feijão, e Rosa, a Bela Adormecida (“Eles estão apaixonados, não dá para culpar o Merlin por querer mantê-los juntos”, Dot contemporizou. “Eles não conseguem nem dar um pum separados!”, Anadil resmungou).

Além de ter que lidar com mentores em dobro (e aturar suas demonstrações geriátricas de afeto), Anadil também tinha o dobro de vilões com quem lidar: o gigante de João e a fada malvada de Rosa. E, para Anadil, que tentara tão bravamente provar que era mais que apenas uma assistente de Hester, o fardo extra valia a pena. Não importava se ela teria que aturar dois pombinhos apaixonados como mentores. Não importava se ela tivesse que trabalhar duas vezes mais que todo mundo. Era só matar dois vilões e ninguém voltaria a chamá-la de capanga.

Mas foi Hort quem teve o pior par na formação das duplas. Ele estivera

tão focado em galantear Sophie nas últimas semanas, que não percebera que um dos velhos à espreita, perambulando pela sede da fazenda, era seu inimigo mortal.

Pan.

Pan!

A princípio, ele mal pôde acreditar, já que Peter Pan era o menino que havia jurado jamais crescer, que dirá ficar careca, enrugado e fraco. Mas depois, ele viu Sininho pousada no ombro do velho e sentiu um frio na barriga. Fazer dupla com o herói que havia assassinado seu pai durante a Batalha de Jolly Roger, o herói que o deixara órfão aos 6 anos de idade, o herói com quem ele duelara toda sua vida sonhando acordado... bem, isso quase fez o coração do pobre menino parar. E, no entanto, depois de passado o choque, ele não sentiu mais raiva, só um vazio desanimador. Em seus sonhos, Hort sempre imaginara Peter jovem e convencido, um arrogante que só falava besteiras, a quem ele poderia matar numa briga justa. Mas, agora, vendo Pan tão velho e comum, Hort perdera toda vontade de brigar com ele.

E foi bem ali, naquele instante, que ele entendeu o que o tornava diferente do Diretor da Escola que eles estavam prestes a enfrentar. Ao contrário dele, Hort conseguia enxergar quando uma história havia terminado e era hora de seguir adiante. Assim, no primeiro dia de treinamento, ele e Peter fizeram um pacto de sangue de respeito mútuo. Hort jurou matar o Capitão Gancho e colocá-lo de volta em seu túmulo. E, por outro lado, Pan prometeu ficar ao lado de Hort, no túmulo de seu pai, quando a guerra terminasse e tivesse sido ganha.

No sexto dia, nem Cinderela nem Agatha apareceram para treinar.

Enquanto os outros seguiam até o bosque de carvalhos, depois do café da manhã, a velha princesa permaneceu de camisola e ficou assando marshmallows na lareira da sala. Agatha ficou na cama, encolhida junto à janela, observando Lancelot e Tedros tilintando as espadas, do outro lado do campo.

Seu príncipe progredira muito em relação à mãe, desde aquele dia em que saíram juntos. Agora, toda noite ele se sentava junto a Guinevere durante as refeições, ajudava com a louça e a levava para caminhar pelo jardim. Na verdade, a amabilidade dele deixara Agatha tão profundamente comovida que ela precisou se policiar para parar de falar a respeito, com receio de deixar

Tedros constrangido (ela aprendera que se você elogia muito os meninos por algo que eles tenham feito, eles se desdobram para jamais voltar a fazer aquilo). Mas a disposição de Tedros em deixar de lado os velhos ressentimentos e recomeçar com sua mãe fez Agatha perceber que ele não era apenas um príncipe digno e um filho amoroso... mas também seria um rei maravilhoso.

Por isso, Agatha presumiu que, naturalmente, uma vez que o príncipe tinha sido colocado em dupla com Lancelot para o treinamento, ele estenderia essa mesma gentileza e franqueza ao cavaleiro, como fizera com a mãe.

Ela estava errada.

Com o rosto vermelho em fogo, Tedros atacava e golpeava Lancelot com a espada de seu pai, somente para ser derrotado, repetidamente. Não apenas derrotado, mas humilhado, pois Lancelot cutucava a orelha de Tedros toda vez que ganhava uma rodada, picotava uma pequena mecha de seus cabelos, ou atingia-lhe as costas com a parte plana da lâmina. Sem dúvida, Merlin colocara os dois juntos sabendo que Tedros se beneficiaria das excelentes habilidades que o cavaleiro tinha com a espada, porém, até o sexto dia de treino, o príncipe mais parecia uma fera desgrenhada, golpeando loucamente com a Excalibur, partindo para cima do cavaleiro, gemendo e babando, como se não estivesse lutando apenas por sua honra, mas também pela honra do pai, pela honra do reino...

Lancelot o derrotou de forma ainda pior que antes.

Algumas horas depois, quando Tedros acabou de cara num monte de esterco de cavalo, Agatha não conseguiu mais assistir. Ela tomou um banho demorado e foi até a cozinha, torcendo para que ainda tivesse sobrado comida.

“Você não deveria estar lá fora treinando?”, perguntou Guinevere, colocando à sua frente um prato de omelete de espinafre e uma caneca de chá.

Agatha olhou para Cinderela, esparramada na sala com bobes nos cabelos azulados, abocanhando um biscoito de queijo com marshmallows.

“Você sabe como estão indo as coisas com Tedros e Lancelot, né?”, ela se virou de volta para Guinevere. “Eles são praticamente amantes, comparados a nós duas.”

“EU PRECISO DE OUTRO BISCOITO. ESSE AQUI QUEBROU.” Cinderela berrou da sala e Agatha a ignorou.

“Eu realmente preciso falar com Merlin”, ela disse a Guinevere. “Já se passaram seis dias. Você certamente sabe onde ele está...”

“Se você não notou, Merlin não é particularmente acessível quanto ao seu processo de raciocínio, ou seu paradeiro”, Guinevere respondeu.

Agatha olhou pela janela, contemplando as silhuetas de seus amigos jovens e velhos ao longe, no bosque de carvalhos.

“Ele nem nos disse como acha que podemos vencer essa guerra. O Diretor da Escola tem o Exército Sinistro *e* os alunos. Nós estamos em desvantagem, são cerca de vinte contra cada um de nós.”

“Merlin não mandaria crianças para a guerra, a menos que tivesse um plano”, Guinevere sorriu.

“Ou a menos que estivesse desesperado”, Agatha disse.

O sorriso de Guinevere vacilou. Ela serviu mais chá para Agatha.

“Bem, pelo menos ele deixou o chapéu!”, ela comentou, com uma animação forçada. “Do contrário, não tenho ideia de como conseguiria as refeições para uma multidão dessas. O pobre chapéu está meio cansado”, ela olhou para o chapéu envergado em cima de uma planta, roncando baixinho. “Todos parecem estar ajudando nosso plano de guerra. Quer dizer, exceto eu.”

“Você está cuidando de quase vinte pessoas em sua casa, incluindo meia dúzia de velhos heróis ranzinzas e suas refeições, roupa suja, louça e exigências. Isso não é apenas ajudar no plano de guerra, é *liderá-lo*. Na verdade, eu que estou sendo uma decepção. Merlin me confiou a mais importante atribuição, e eu nem sequer chego perto de conseguir fazê-la. E se eu pudesse ao menos dizer isso a ele, então ele saberia que eu não tenho a menor condição de fazer a Sophie destruir aquela aliança, e não há meio de ganharmos essa guerra se tudo depender de mim.”

“Então, é bem conveniente que ele tenha partido, não?”, Guinevere ergueu as sobrancelhas.

Agatha estava pensando a mesma coisa. Ninguém mais parecia preocupado com a ausência de Merlin, talvez imaginando que ele estivesse fora elaborando algum plano infalível para encarar o mal. Mas depois que outro jantar veio e passou sem que o mago voltasse, o pânico começou a se instalar.

“Nosso tempo está se esgotando e não podemos lutar contra todo o Mal sozinhos!”, disse Hort, aflito, enquanto ele, Agatha, Tedros e as três bruxas

faziam um lanchinho à meia-noite, comendo cookies de chocolate (eram de gergelim, antes que Dot desse um jeito neles). “Para começar, nós não temos armas! Lancelot nem teria utilidade para elas aqui, portanto tudo que temos é algumas de suas velhas espadas enferrujadas de treino e algumas facas de entalhe que não vão machucar nem um rato, que dirá zumbis que só morrem com fogo. Com que iremos lutar? Como podemos ganhar?”

“Ganhar? Como *chegaremos* ao Mal, se Merlin não voltar para nos conduzir através do portal?”, disse Hester.

Hort olhou boquiaberto para ela, então se virou para Agatha.

“Isso é culpa sua! Você fez aquele discurso sobre jovens e velhos trabalhando juntos, fazendo todo mundo se sentir culpado, quando o Merlin nem sequer nos contou sobre o plano!”

“Culpa *minha?*”, Agatha disparou de volta. “Merlin disse ‘deixe comigo’, como se ele fosse voltar com um exército gigante para nos dar cobertura! Como eu poderia saber que depois de uma semana, não haveria nem Merlin, nem exército...”

“E não haverá exército algum”, Anadil interveio. “Os reinos do Sempre não vão nos ajudar, lembra?”

“Não são apenas os números”, disse Hester. “Antes de colocarmos Agatha e Tedros para dentro da escola, passamos semanas com o Merlin, trabalhando em cada detalhe. Agora os riscos são bem maiores e ninguém sabe dele.”

“E se ele estiver ferido?”, perguntou Dot, empalidecendo. “E se ele estiver *morto*?”

“Não seja burra”, bufou Tedros. “Ele voltará em breve. Está tudo bem.”

Mas Agatha notou que o príncipe estava comendo seu terceiro cookie de chocolate, o que significava que nada estava bem. Ela segurou sua mão para confortá-lo e notou que estava molhada de suor. Tedros recuou.

“Está quente aqui dentro”, disse ele, embora não estivesse.

Agatha tentou demonstrar apoio.

“Eu não estou com medo”, Tedros disse, alto. “Mesmo que Merlin não volte, eu ordenarei que a Dama do Lago nos deixe passar. Eu posso liderar essa guerra sozinho!”

“Você quer dizer, depois que Lancelot te jogar em outro monte de esterco”, Hort riu com desdém.

Tedros o ignorou e pegou outro cookie. Através da arcada, Agatha via os

velhos heróis reunidos ao redor da mesa de jantar, com as pequenas estatuetas ainda em cima dela. Os membros da Liga sem dúvida estavam tendo uma conversa semelhante a respeito do sumiço de Merlin.

“Acho melhor a gente ir dormir”, Dot bocejou. “O sono sempre conserta as coisas.”

Ninguém tinha um plano melhor. Horas depois, Agatha se encolheu num cobertor, no chão do quarto de hóspedes, ouvindo a casa ressonando em todos os tons possíveis de roncos e fungadas. Ela tinha cedido a cama para Dot, Anadil e Hester, que se embolavam e dormiam uma por cima da outra, como se fossem uma ninhada de cachorrinhos, ocasionalmente derrubando um dos travesseiros na cabeça de Agatha.

Mas ela não conseguia dormir. Ela só se perguntava se Merlin teria cometido o erro fatal de deixar Tedros e ela nessa casa segura por tempo demais. Já haviam se passado quase três semanas desde que a Dama do Lago os escondera ali. Eles foram embalados pelo ritmo lento e tranquilo da vida de Guinevere e Lancelot, esquecendo-se de que lá na Floresta heróis lendários estavam mortos e Leitores como ela estavam perdendo sua fé no Bem. Ali no campo, o sol era forte e radiante, a comida era farta e eles estavam a salvo do Mal... enquanto na vida real, a escuridão recaía, um exército do Mal estava surgindo e sua melhor amiga estava lutando ao lado do Diretor da Escola. Como seria quando eles atravessassem o portal de volta? Será que ela e Tedros estariam prontos para o que iriam encontrar?

Se é que eles conseguiriam voltar pelo portal. Se Merlin algum dia voltasse para buscá-los. Seu coração disparou, e ela sabia que se não encontrasse um jeito de dormir agora, acabaria não dormindo mais. Ela puxou o cobertor mais junto ao corpo, ia virar para o lado... Só que havia algo estranho no cobertor. Ele estava mais grosso que o habitual, peludo, um tecido aveludado que cheirava a armário mofado. Enquanto seus olhos se ajustavam ao escuro, ela viu o forro roxo... o tecido costurado com estrelinhas prateadas...

Agatha resfolegou. Com o coração disparado, ela puxou a capa do mago por cima da cabeça e se sentiu flutuar pelo céu violeta, antes de pousar suavemente sobre uma nuvem. Merlin estava esperando por ela.

Agatha sentou-se de pernas cruzadas na névoa branca ao lado dele, seus ombros se encostando. Por um breve momento, nenhum dos dois disse nada, absorvendo o vasto silêncio do Celestium. Estar novamente ao lado do mago

fez Agatha se sentir mais calma, mesmo que ele parecesse assustadoramente magro.

“Por onde você andou?”, ela finalmente perguntou.

“Visitando um amigo querido.”

“Por seis dias?”

“Nós teríamos ficado muito mais tempo juntos se pudéssemos”, disse Merlin, melancólico. “Mas eu gostaria de estar com meu chapéu. Nunca tinha percebido como é difícil fazer uma refeição decente sem mágica. Acho que é por isso que as pessoas acabam encontrando companheiros; com duas pessoas, fica mais fácil cuidar do fardo da comida. Mas, por outro lado, a vida solitária tem seus benefícios. Como contar consigo mesmo, ou viajar quando dá na telha, ou lavar o cabelo só uma vez por ano.”

Agatha estava esperando que ele fosse direto ao ponto.

“É maravilhoso aqui em cima, não é?”, ele suspirou, olhando o vazio salpicado de estrelas. “Quase me faz esquecer das coisas que vi; dos velhos heróis do Bem, assassinados e descartados, com os corpos deixados na Floresta para apodrecer. Alguns tão famosos quanto A Polegarzinha e Aladim, outros jamais conhecidos pelo nome próprio, mas apenas como “Alfaiate Valente”, ou o “Astuto Pedinte”. Eu enterrei o maior número que pude, mas nós teremos que lhes dar túmulos apropriados no Jardim do Bem e do Mal quando chegar a hora.”

Uma tristeza assombrada ofuscou-lhe o rosto, seu pensamento ainda estava na Floresta. Agatha sabia que deveria estar igualmente triste por esses heróis e, no entanto, ela só conseguia pensar em encontrar um meio de não se juntar a eles.

“Merlin”, Agatha o cutucou, delicadamente. “Você tem consciência de que nos deixou aqui sem ao menos explicar como derrotar um exército vinte vezes maior que o nosso?”

“Estou bem consciente disso, Agatha. Mas, agora, o mais importante para mim é saber se você fez algum progresso sobre como convencer Sophie a destruir a aliança.”

“Eu não posso fazer isso, Merlin. Você nos disse que Sophie tem de destruir a aliança por escolha própria. Ameaçar matá-la não lhe dará escolha alguma, nem parece algo do Bem.”

“Foi *assim* que Cinderela lhe instruiu a convencer Sophie a destruir a aliança?”, perguntou Merlin, perplexo.

“É... ela passou os últimos cinco dias tentando me fazer torturar o Coelho Branco.”

“Eu deveria ter desconfiado que esse era o motivo para que ela quisesse a varinha de Dovey”, Merlin gemeu. “É ligeiramente da guerrilha aquela garota; sem dúvida um produto de sua criação. Sim, receio que amedrontar sua melhor amiga para convencê-la a fazer o que você quer não seja apenas moralmente questionável, mas profundamente inútil. Como já disse, o Diretor da Escola será destruído somente se *Sophie* destruir a aliança. Se Sophie morrer sem destruir a aliança, o Diretor da Escola perde seu verdadeiro amor em corpo, mas não em espírito. O que significa que ele perderá sua imortalidade e será mortal como o restante de nós, mas ainda assim bem vivo, com um exército de vilões sob seu comando, e quase impossível de matar. E esse não é bem o final que almejamos”, ele fez uma pausa, pensativo. “E, no entanto, Cinderela tem certa razão. Sophie agora é a rainha do Mal. Você não conseguirá convencê-la a destruir a aliança apelando por sua bondade. Você precisa confrontar o Mal mais profundo que existe dentro dela, e provar que ela tem um motivo para fazê-lo.”

Agatha olhou pra ele.

“Mas você só terá uma chance”, disse o mago. “Use-a com *sabedoria*.”

Agatha pensava no que faria com essa chance... mas nada lhe ocorria.

“Merlin, antes de partir, você disse que o Diretor da Escola está procurando algo em Gavaldon. Algo que destruirá o Bem para sempre. Você já sabe o que é?”

“Receio que eu tenha tido tanto sucesso com a minha atribuição, quanto você com a sua”, o mago sorriu inexpressivamente. “Mas tem algo que você me disse quando estávamos viajando para Avalon que sempre me vem à cabeça. Que o Diretor da Escola sugeriu que era *Sophie* quem destruiria o Bem, no fim... não ele.”

“Ele disse que a pessoa mais perigosa num conto de fadas é aquela que está disposta a fazer qualquer coisa por amor”, Agatha se lembrou do que Rafal lhe disse no Museu do Mal.

Merlin remexia e puxava a barba, os óculos escorregando em seu nariz.

“Você acha que tem algo a ver com a mãe de Sophie?”, Agatha arriscou. “Nós nunca descobrimos onde está o corpo dela. Será que o Diretor da Escola está com ela?”

“Talvez tenha a ver com a mãe de Sophie, ou, talvez, tenha a ver com

muito, muito mais coisa", disse Merlin. "Lembre-se do que eu lhe disse da última vez que estivemos aqui. Durante séculos, o Bem tem o amor ao seu lado, tornando-o invencível contra o Mal. Mas, *por quê?* Porque o Diretor da Escola matou o próprio irmão na busca pelo poder, provando que o Mal jamais poderia amar. Para equilibrar esse feito terrível, o Storian fez com que o Bem vencesse em cada uma das histórias, contanto que tivesse o amor ao seu lado. Mas agora que Rafal tem Sophie como sua rainha, ele acredita que o amor dela é suficiente para redimir o assassinato de seu irmão."

"Mas isso não faz nenhum sentido", argumentou Agatha "Mesmo que ele tenha o amor de Sophie, isso não apaga o fato de que ele matou alguém do próprio sangue."

"Precisamente", Merlin concordou. "Portanto, a pergunta permanece: o que ele espera que Sophie faça por ele no fim desta história? Será que ele acha que *ela* pode redimir esse pecado original? E se acha... é por isso que ele escolheu Sophie para ser seu verdadeiro amor?"

Agatha sentiu um nó na barriga.

"Merlin, independentemente do que ele estiver planejando, nós não podemos vencer. Não sem ajuda. Será que você não entende? Não passamos de poucos alunos e alguns velhos heróis fracos!"

Mas Merlin não estava ouvindo.

"E se nós estivermos analisando a história toda de forma errada, Agatha?", ele disse, baixinho. "E se ele puder provar que matar o irmão nunca foi um crime? Que o amor é o maior Mal, e não o maior Bem? E então...", ele endireitou a postura. "Então, o Bem se tornaria o Mal, e o Mal se tornaria o Bem, não? Exatamente como ele prometeu..."

"Merlin, isso não faz nenhum sentido...", Agatha meneou a cabeça.

Ele recuou, como se subitamente tivesse se lembrado que ela estava ali.

"Isso foi meio impensado, não? Trazê-la aqui, no meio da noite, quando você nem pregou os olhos, principalmente por conta de tudo que há pela frente. Venha, venha, vá pra cama... cada minuto conta..."

"Mas espere", Agatha franziu o cenho, "como devemos lutar com ele? Como devemos..."

Mas agora ela estava bocejando, e sabia que o mago tinha feito algo com ela, pois seu corpo foi ficando anestesiado e a cabeça tão pesada, que ela mergulhou através da nuvem como se fosse uma âncora. Ela estendeu a mão para Merlin, esforçando-se para se manter acordada, tentando segurá-lo, mas

só sentiu um punhado de estrelas enquanto caía na escuridão, e o gosto quente do céu em sua boca.

Vozes ressoavam no vazio e os olhos de Agatha se abriram. Ela estava esparramada no chão, num dos cobertores azuis surrados de Guinevere. As bruxas tinham sumido do quarto, a cama estava caprichosamente arrumada. Pela janela, ela viu o céu noturno, sem qualquer sinal do amanhecer.

Agatha seguiu as vozes na direção da sala e viu seus amigos, velhos e jovens, preparando trouxas com biscoitos, frutas e latas de água, enquanto devoravam as últimas tigelas de mingau de aveia. Todos estavam vestidos de capas pretas, agitados, sussurrando, exceto por Guinevere, que ainda estava de camisola, preparando um saco para Lancelot, enquanto o cavaleiro polia sua espada. Quando Agatha entrou na sala, ela notou que o grupo já não estava mais dividido, com velhos de um lado e jovens do outro, como habitualmente, mas em vários grupos de mentores: Hort com Peter Pan, Anadil com João e Rosa, Hester com João e Maria, Dot com Chapeuzinho Vermelho... até que Hort avistou Agatha, e ele e Pan ficaram quietos. Todos os outros pares também fizeram silêncio.

Merlin entrou na sala, vindo da sala de jantar, dando goles numa caneca de café.

“Nós tentamos falar baixo, minha querida. Queríamos lhe dar um pouco mais de descanso.”

Em seu torpor sonolento, Agatha não entendeu. Mas, depois, ela sentiu alguém tocar-lhe o ombro.

Ela olhou para Tedros, limpo e lindo, com uma capa preta, a Excalibur presa nas costas. Ele segurou a mão dela, com um sorriso amedrontado.

“Chegou a hora”, ele disse.

30
Pedidos de Desculpas e Confissões

Quando Tedros tentou convencer Lancelot a ficar para trás com sua mãe, Agatha soube que todos eles estavam perdidos. Tedros sabia, tanto quanto Agatha, que eles precisavam do cavaleiro na guerra que estava por vir. Portanto, para Tedros implorar que ele ficasse na casa, era porque ele sabia que todos iriam morrer. Por mais que o príncipe desprezasse o cavaleiro safado, ele não podia nem pensar em sua mãe sem ele.

Mas, no fim, seu desejo não importava. Guinevere não queria nem ouvir isso. Ela se despediu de Lancelot lá fora, no campo, da mesma maneira como se despediu do restante de seus convidados, dando um breve abraço em cada um deles, como se estivessem saindo para dar um pulo numa loja e fossem voltar para almoçar.

Somente quando abraçou Agatha foi que a velha rainha se alongou. Agatha viu seus lábios trêmulos e o brilho molhado em seus olhos.

"Cuide do meu Tedros", sussurrou Guinevere.

"Eu cuidarei", disse Agatha, tentando não chorar.

Algo frio tocou sua cabeça e Agatha olhou para cima, para seu príncipe, enquanto ele recolocava a coroa em sua cabeça.

"Você a deixou em seu quarto", ele disse, com um sorriso brincalhão. "Um descuido, tenho certeza."

Então, ele olhou nos olhos da mãe. Agatha viu os dois tomados de emoção... uma mãe e um filho que haviam enfrentado tanta dor para se reencontrarem, só para serem separados mais uma vez.

"Deixe-me ir com vocês, Tedros. Por favor", suplicou Guinevere. "Eu posso lutar... nós estaremos juntos..."

“Não. É a única coisa em que Lancelot e eu concordamos”, disse o príncipe.



Guinevere sacudiu a cabeça, com as lágrimas escorrendo. Tedros abraçou-a junto ao peito.

“Ouça. Você estará em Camelot para minha coroação. Assim que Agatha e eu fecharmos nosso livro de história e o Diretor da Escola estiver morto. É onde termina a sua história, está bem? Não aqui, mas em Camelot, onde você

será mãe... depois avó... e terá muito amor, pelo resto de sua vida... Você pode até levar o ogro.”

Guinevere conteve uma risada.

“Me prometa, Tedros. Prometa que você voltará.”

“Eu prometo”, disse Tedros, com a voz rouca.

Mas Agatha sabia que ele estava mentindo. Guinevere avistou algo por cima do ombro do filho e recuou.

Agatha e Tedros viram Merlin liderando a Liga de heróis, jovens e velhos, em direção a um portal flutuante de brilho branco, acima de uma colina distante. Lancelot passou primeiro, evaporando como uma sombra que adentra o sol, antes que os heróis jovens e velhos o seguissem, adentrando a luz, um a um... até que só restava Merlin, erguendo seus olhos reconfortantes para Agatha e Tedros do outro lado do campo, como se desejasse que eles pudessem ficar.

“A essa altura, certamente deve ser de manhã”, Tedros disse a Agatha, olhando pela escuridão da Floresta, enquanto eles tentavam acompanhar a dupla que estava na frente deles.

“Então, onde está o sol?”, perguntou Agatha, vasculhando o horizonte de nuvens negras que se deslocavam rapidamente, com uma pontinha de luz pulsando por trás. “Eu só vejo a Estrela Polar e nuvens de tempestade...”

Só que *não eram* nuvens de tempestade, quando Agatha olhou mais atentamente. Era fumaça emanando de algum lugar bem distante, adiante, diretamente no caminho por onde Merlin liderava seu exército. Encolhida em sua capa preta, Agatha ficou nas pontas do pés, estreitando os olhos acima das duplas que seguiam à sua frente, mas ela não conseguia ver de onde vinha a fumaça.

“Me levanta”, ela cutucou Tedros.

“O quê?”

“Nos seus ombros.”

“Só porque você está usando uma coroa não significa que...”, Tedros franziu o rosto.

“*Agora*.”

“E eu achava que Sophie que era exigente”, o príncipe suspirou.

Tedros a colocou nos ombros, gemendo baixinho conforme ela passou os braços em volta da gola de sua capa, as botas batendo em seu peito. Ele via

Hort e Peter Pan juntos, na frente deles, e ouvia Cinderela e Pinóquio um pouco atrás, fazendo piadas olhando pra eles.

“Tem gente exausta”, zombou Pinóquio.

“Finalmente tão alto quanto o pai”, lamuriou Cinderela.

“Mais quanto tempo você precisa ficar aí em cima?”, Tedros cerrou os dentes, sustentando o peso de Agatha.

Agatha inclinou-se à frente, com os galhos de árvores raspando na coroa enquanto olhava a escuridão, na direção da fumaça. Estava vindo de uma fogueira.

Bem distante, no horizonte negro, uma torre de labaredas amarelas e vermelhas rugia na direção do céu. Conforme as chamas subiam cada vez mais alto, iluminavam os arredores: uma torre torta, as lojas de uma praça, os telhados das casinhas, o restante de uma vila brilhando à luz das chamas, por baixo de um escudo danificado...

Gavaldon. Gavaldon estava em chamas.

De repente, ela se lembrou da pintura na Exposição do Mal... a última visão de August Sader, de uma imensa fogueira ao ar livre, no meio da vila...

“Não, não está pegando fogo. Eles estão queimando os livros de história”, ela sussurrou, segurando-se em Tedros com mais força. “Sader sabia que eles queimariam os livros.”

Ela podia ver o escudo acima de Gavaldon crivado de buracos e tremendo ao vento, como se estivesse prestes a se estilhaçar, a qualquer momento.

“Eles estão acreditando nos novos finais, Tedros. Merlin estava certo. Eles estão perdendo a fé no Bem.”

“Não entendo para onde o Merlin está levando a gente”, Tedros murmurou, sem dar ouvidos a ela. “A escola fica a leste, e a sua vila é a oeste. Se Merlin nos mantiver nesse caminho, nós vamos parar diretamente na Floresta Stymph, que fica bem no meio do caminho entre os dois.”

“Floresta Stymph?”

“De onde vem os stymphs. Sabe, aqueles pássaros ossudos que nós tínhamos na escola, antes que os crocodilos comessem todos eles”, Tedros explicou, impaciente, suando sob o peso dela. “Merlin está louco se acha que nós duraríamos um minuto ali. Ninguém em juízo perfeito entra naquela Floresta, porque o Diretor da Escola controla os stymphs.”

“Eu achava que os stymphs detestassem vilões”, estranhou Agatha.

“Porque o Diretor da Escola os treinou para procurar almas do Mal. A

única ocasião em que alguém chega perto da Floresta Stymph é em 11 de novembro, a cada quatro anos, quando os novos Nunca são escolhidos para a escola. As famílias fazem piqueniques nos arredores e ficam assistindo aos stymphs irromperem das árvores para sequestrarem as crianças e levá-las ao castelo do Mal."

Dos ombros de Tedros, Agatha contemplava a vasta extensão escura da floresta que separava Gavaldon dos contornos longínquos da Escola do Mal.

Ela já estivera naquela Floresta. Naquela noite, mais de dois anos atrás, quando o Diretor da Escola levou Sophie e ela de Gavaldon... ele as arrastara para dentro da Floresta Sem Fim, onde um stymph irrompeu de um ovo negro, atracou as duas em suas garras e voou com elas para suas escolas fatídicas.

Mas por que Merlin os levaria para a Floresta onde a história delas havia começado? Eles deveriam estar atacando a Escola do Mal. Deveriam estar procurando Sophie para que ela destruísse a aliança... Quer dizer, se Agatha conseguisse convencê-la.

Ela deu uma rápida olhada para o céu, tentando se distrair de sua tarefa impossível. Quanto tempo eles teriam até que a Floresta ficasse completamente escura? E por que o sol ainda não tinha nascido? Seus olhos desviaram para um minúsculo ponto de luz, escondido por trás das nuvens de fumaça. Ao focar com mais afinco, ela viu que estava pingando: pedaços de chamas alaranjadas que desciam fumegantes em meio à fumaça e desapareciam em pleno ar.

"Não é a Estrela Polar", ela resfolegou. "Tedros, aquilo é o *sol*."

"Não seja ridícula", Tedros deu uma olhada para o sol, irritado. "O sol não pode ser tão pequeno assim...", ele ficou com uma expressão tensa. "Pode?"

Agatha sabia que ele tinha acabado de perceber a mesma coisa que ela percebera na noite anterior. Eles ficaram afastados da Floresta por tempo demais. Ele lentamente a colocou de volta no chão.

"Sete dias. Isso que o Merlin disse, não foi?"

"O que significa que o sol morrerá ao se pôr... essa noite", disse Agatha.

"O que significa que essa noite o livro de história se fecha", Tedros concluiu. "De um jeito ou de outro."

Eles se entreolharam com o mesmo tom pálido no rosto.

"Eu não vou deixar que nada lhe aconteça", ele prometeu.

“Eu sei”, Agatha assentiu.

Mas era ela quem estava mentindo agora. Nem mesmo um príncipe poderia protegê-la do que vinha pela frente. Tedros forçou um sorriso galante, abraçando-a de lado.

“De todas as histórias, em todos os reinos, em todas as Florestas, você tinha que entrar na minha.”

Agatha fingiu retribuir o sorriso, abraçando-o com força, enquanto eles seguiam Merlin e o restante do exército do Bem na direção da sombria Floresta Stymph.

Quando eles atravessaram o portal, adentrando a Floresta, a primeira coisa que Agatha e Tedros notaram foi o frio que fazia ali. Depois de três semanas de primavera no refúgio do campo, o regresso a um inverno sem sol deixou os dois tremendo, mesmo por baixo das capas pretas. No entanto, pior que o frio era o cheiro horrendo: um fedor de árvores mortas e animais em decomposição que fez com que ela e Tedros protegessem o nariz com a manga durante a primeira hora, até se acostumarem.

À medida que a manhã foi se arrastando, sem ficar mais aquecida nem mais iluminada, o grupo prosseguia pelo caminho, de dois em dois, velho e jovem... exceto Agatha e Tedros, que formaram uma dupla para evitar seus respectivos mentores. No início, as duplas foram embaladas pela sensação de segurança da Floresta deserta. Os reinos Sempre haviam se fechado, exatamente como Merlin previra, enquanto reinos Nunca como Ravenbow e a Floresta de Baixo não eram tolos de atacar o exército do Bem, por menor que fosse, até que o Diretor da Escola conseguisse provar que o Mal poderia vencer.

A sensação de segurança não durou muito. Logo, as duplas começaram a reparar nas covas improvisadas à margem do caminho, cobertas de estrelas brancas esfumaçadas, sobre as quais Merlin escrevera os nomes dos heróis mortos. Caminhando com o Coelho Branco, Yuba anotou tudo num caderninho e sussurrou uma prece para cada um. Quando ele e os demais pararam para almoçar num lago seco, algumas horas depois, todos estavam com as mesmas caras austeras, sabendo que estavam chegando cada vez mais perto de suas próprias sepulturas.

E, no entanto, eles ainda tinham fé de que seu líder tivesse um plano para salvá-los. Portanto, quando Merlin acendeu uma fogueira no meio do leito do

lago, e distribuiu sanduíches de peru, sua plateia sentou-se na terra, aliviados porque finalmente iriam ouvir como uma pequena gangue de heróis e alunos poderia derrotar um exército do Mal, vinte vezes o tamanho deles.

"Às vezes, eu fico pensando", declarou Merlin, lambendo um pouquinho de mostarda de seu lábio. "De onde, exatamente, vem a comida? Será que existe uma quarta dimensão, onde um chapéu mágico vai buscá-la? Ou ele simplesmente invoca peru e pão, em pleno ar? E, nesse caso, do que os sanduiches realmente são feitos?"

Quarenta olhos se viraram pra ele.

"Merlin", disse Lancelot, ansioso. "Está claro que estamos seguindo em direção à Floresta Stymph, do contrário, você teria nos virado a leste, horas atrás. Há algum motivo para que estejamos indo para lá, em vez de para a escola?"

"Certamente", disse Merlin, remexendo no chapéu, à procura de um palito de dentes. Ele não falou mais.

"Então, o que é?", Peter Pan disparou.

"A Floresta Stymph é onde o Diretor da Escola pretende nos atacar, é claro", Merlin declarou, enquanto palitava os dentes. "Vamos tomar um café? Embora vinte canecas seja um pouco demais a pedir, já que vocês todos são tão meticulosos quanto à forma de tomar seu leite e açú..."

"Merlin, pelo amor de Deus!", gritou João.

"Quando eu disse 'deixem o plano comigo', eu estava falando sério", respondeu o mago. "Todos vocês já têm bastante com que se preocupar, sem as complicações da guerra: uma guerra que será para nada se apenas um dos nossos famosos heróis morrer. O escudo sobre os Leitores está quase destruído agora. Peter, Cinderela, João do Pé de Feijão, A Bela Adormecida, Chapeuzinho Vermelho, João, Maria, Pinóquio, vocês são tudo que resta entre o Diretor da Escola e o fim do Bem, e vocês sabem disso. Por isso, deixem que eu me preocupe com a forma de mantê-lo vivos."

Tedros lançou um olhar direto para Agatha, questionando se deixar o plano por conta de Merlin parecia tão errôneo para ela quanto soava para ele. Agatha limpou a garganta.

"Merlin, você acabou de dizer que está nos levando à Floresta Stymph porque o Diretor da Escola vai nos atacar lá. Já que o Diretor da Escola controla a Floresta Stymph, você não acha que nos deve *alguns* detalhes?"

"Detalhes?", perguntou Merlin, cerrando os lábios. "Que tal isso: o

Diretor da Escola planeja uma emboscada com os antigos vilões antes de chegarmos à escola. Já que eu sei disso, antes que aconteça, eu tive que escolher o local onde quero que aconteça essa emboscada. A Floresta Stymph pareceu a melhor opção."

Sua plateia revirou os olhos.

"Ele finalmente perdeu o juízo", Tedros murmurou para Agatha.

"Merlin, para começar, a Floresta Stymph é o pior lugar aonde podemos ir, se ela está sob o controle do Diretor da Escola...", Lancelot fungou, debochando.

"Esqueça os Stymphs", Hester interferiu. "Ele vai nos cercar? Com duzentos vilões zumbis?"

"Como o mago poderia saber como eles vão nos emboscar?", ironizou João.

"Uma vez na vida, o João está certo", Maria concordou. "Emboscada significa ataque *surpresa*, portanto se não há surpresa, não há emboscada..."

"O que me surpreende é que nossa futura rainha está preocupada comigo", Merlin explodiu, olhando Agatha, "quando *ela* é a maior responsável por vencer essa guerra e, no entanto, ainda não tem ideia de como fazer Sophie destruir a aliança."

Todos se calaram. Agatha olhou para Merlin.

"Ou o Diretor da Escola morre, ou morreremos nós, Agatha", sentenciou o mago. "Por isso, se eu fosse você, estaria inteiramente focada em Sophie, em vez de pensar nos *stymphs*."

Seu eco ressoou pela Floresta. Agatha viu Tedros olhando para ela. O resto do grupo também olhava para ela, franzindo a testa, em silêncio profundo.

"Então é melhor a gente se matar logo", disparou Cinderela.

Agatha virou-se para ela.

"Ou matar você, já que você é uma *besta* vil de coração negro, que ninguém consegue aturar!"

Cinderela ficou vermelha como um pimentão. O grupo todo ficou imóvel, depois, todos desviaram o olhar. Agatha deu uma olhada para Tedros, mas ele também não conseguia olhar para ela. Merlin se levantou, sacudindo os farelos das mãos.

"Mais um motivo para que eu tenha permanecido solteiro todos esses anos...", ele bufou, seguindo em direção à trilha. "O prazer de comer

sozinho.”

“Eu não vou pedir desculpas”, declarou Agatha.

Tedros comia uma maçã, caminhando ao lado dela.

“Não vou. Ela mereceu”, Agatha continuou, tentando não olhar para trás, para Cinderela e Pinóquio, que vinham depois. “Você teria feito a mesma coisa.”

Tedros não respondeu.

“Olhe, se você vai fazer drama quanto a isso, eu me desculpo, mas só se ela se desculpar primeiro”, disse Agatha.

Tedros mordiscou o resto do miolo da maçã e jogou de lado.

“Do que ela vai se desculpar, exatamente?”

“Tedros, ela não fez nada além de nos atormentar desde o dia em que a conhecemos.”

“Nada disso te incomodou antes. Para dizer a verdade, você se desdobrou para ser civilizada com ela até dez minutos atrás.”

“Porque tenho meu limite!”

“Ou porque você encontrou alguém conveniente pra ser seu saco de pancadas num momento de insegurança.”

“O quê?”

“Agatha, você se lembra do primeiro ano, quando estávamos na aula de Boas Ações da Dovey, e você me disse que eu era um babaca bundão, e depois...”

“Você ameaçou me *matar?*”

“Insegurança”, Tedros apontou para si mesmo e em seguida apontou para Agatha. “Saco de pancada”, o príncipe deu um sorriso de esguelha. “Os iguais se reconhecem.”

“Bem, você não se desculpou comigo naquela época”, Agatha cruzou os braços, “então, por que devo me desculpar com ela?”

“Porque, obviamente, você é uma pessoa melhor que eu.

“Essa é a defesa que você vai usar em todas as discussões a partir de agora, até o dia em que morrermos?”

“Funciona, não?”

“Tudo bem...”, Agatha gemeu, “Mas já que é impossível falar com ela em particular agora, vou esperar até um momento e lugar mais apropriado...”

“Ei, narigudo!”, Tedros gritou para Pinóquio. “Importa-se de caminhar

comigo por um tempinho?”

“Eu acharia melhor não”, Pinóquio fez uma careta, “por causa desse seu ar de superioridade, mas vendo que você é um menino mimado que irá me perseguir com provocações se eu não o fizer, sinto que não tenho escolha”, disse ele, caminhando em direção ao príncipe.

“Deve ser exaustivo ter que sempre dizer a verdade”, Tedros comentou olhando para ele, piscando espantado.

“Por que você acha que não sou casado?”, Pinóquio retrucou, ao sair caminhando com ele.

E, de repente, Agatha estava sozinha com sua mentora. Ela esperava que a velha princesa atacasse e fizesse um espetáculo público, mas, em vez disso, Cinderela seguiu caminhando de cabeça baixa, parecendo uma criança envergonhada.

“Hã... olá, de novo”, Agatha começou, meio sem graça. “Eu queria me desculpar. Acho que me senti na defensiva e descontei em...”

“Você me acha uma pessoa ruim”, Cinderela murmurou. “Todo mundo me acha uma pessoa ruim e amarga e frígida e rude. Mas ninguém nesse grupo jamais entenderá, muito menos você.”

“Isso não é verdade”, disse Agatha. “As pessoas também costumavam me achar bem rude. A verdade é que eu tinha medo dos julgamentos, até que aprendi a...”

“Ah, ninguém está nem aí para o que você aprendeu”, Cinderela resmungou. “Você entendeu tudo errado. Isso não tem nada a ver com sentir medo de julgamentos imbecis de gente como você. Esqueça que eu disse algo. Eu aceito seu pedido de desculpas e agora você pode dar o fora, está bem?”

Ela cruzou os braços e desviou o olhar, encerrando a conversa.

“Tudo bem”, Agatha suspirou.

Ela foi saindo... mas então ouviu. Uma voz dentro dela, pedindo baixinho.

Não vá.

Só que não era a voz dela. Era a de Cinderela.

Houve um tempo em que Agatha conseguia ouvir os pedidos de almas necessitadas. Só que agora ela achava que havia perdido esse dom. Mas talvez, no fim das contas, ela não tivesse perdido realmente. Talvez ela só tivesse parado de ouvir.

“Conte-me”, Agatha se virou para a velha princesa.

“Ora, você ainda está aqui”, Cinderela a encarou surpresa, tentando parecer irritada.

“Olha, o Merlin acha que nós podemos ajudar uma a outra”, disse Agatha. “E eu tenho a sensação de que você sabe o motivo.”

“Qual é a finalidade?”, Cinderela murmurou, olhando para o chão.

“Por favor”, Agatha pediu.

Elas caminharam em silêncio por um bom tempo.

“Nem em um milhão de anos eu achei que entraria na Escola do Bem”, confessou a velha princesa. “Eu cresci com uma madrasta que me dizia que eu era horrível, burra e gorda, que não era digna nem de lavar a privada dela, muito menos de ser uma garota Sempre. Ela me batizou de ‘Cinderela’: a garota que teria sorte de se casar com um cocheiro. Toda sua atenção estava voltada para as duas filhas, que ela sabia que se casariam com príncipes elegíveis após a formatura da Escola do Bem. Então, quando *eu* consegui um passe para o Campo Florido para a escola e as minhas irmãs não conseguiram, me senti muito envergonhada, como se tivesse ocorrido um grande equívoco. Alguém certamente veria que eram as minhas irmãs que pertenciam àquele lugar, não eu. Mas quando ganhei o meu uniforme e a grade de aulas, o retrato na parede... e lá estava eu, uma aluna de verdade, exatamente como os outros. Cindy. A Doce Cindy, da Torre da Caridade, Quarto 24.”

“Mas eu não estava feliz na escola. Até o final do meu primeiro ano, eu sentia uma falta horrível de casa. Porque tem uma coisa que ninguém sabe sobre mim: eu *amava* as minhas irmãs de criação. E elas também me amavam! Os livros de história nunca contam isso porque bagunçaria tudo, não é? Quer dizer, claro, elas eram tolas e mimadas, e obcecadas por príncipes, mas também eram espertas, desbocadas e atrevidas como eu. Além disso, elas salvaram a minha vida. Quando meu pai morreu e eu fiquei órfã, morando com minha madrasta, ela queria me vender ao Barba Azul que, à época, estava procurando por uma nova esposa. Mas sabendo que o Barba Azul já tinha a fama de matar suas mulheres, minhas irmãs surgiram com a ideia de me transformar em empregada doméstica em vez de me vender para ele. Eu notava que elas se sentiam culpadas por me fazer lavar as calcinhas delas, mas eu estava supercontente, ainda mais sabendo que elas tinham me poupado daquele fim terrível. Além disso, elas geralmente ficavam do meu

lado quando eu estava varrendo e cozinhando, me contando tudo sobre a lendária Escola do Bem, e de como seria glorioso quando elas recebessem seus passes para o Campo Florido, me falando das fofocas mais recentes da cidade e reclamando daquela chata da mãe delas. Nós três éramos *muito próximas*. Por isso, quando fui mandada para a escola sem elas, principalmente por sempre pensar naquela escola como delas... bem, no segundo mês, eu já estava me lamentando com uma lata de sorvete toda noite antes de ir pra cama, querendo voltar para casa", ela respirou fundo.

"Mas a formatura finalmente chegou e, enquanto os outros alunos seguiram para a Floresta em busca de seus contos de fadas, eu disparei de volta para a casinha da minha madrasta, em Maidenvale. Primeiro, as minhas irmãs não falavam comigo, ainda furiosas por eu ter 'roubado' o lugar delas na escola. Mas eu fui cautelosa em jamais mencionar minha vida como aluna e, com o tempo, elas começaram a me dar todas as tarefas novamente. Enquanto isso, minha madrasta rasgava qualquer carta que chegasse dos meus colegas de escola, e queimou meus antigos uniformes e livros, e logo passou a ser como se eu nunca tivesse ido para a escola. O que, honestamente, foi um alívio, porque eu estava feliz em poder rir com as minhas irmãs como antes, como nos velhos tempos."

"Mas a minha madrasta era uma patife ciumenta, e começou a alertar as filhas para manterem distância de mim. Ela dizia que eu era um lobo em pele de carneiro, e que um dia iria traí-las, exatamente como eu tinha feito antes, tomando seus lugares na escola. Os laços entre as meninas, que não eram de sangue, *jamais* poderiam durar. Minhas irmãs de criação não acreditaram nela, é claro. Para elas, eu era da família. E, de verdade, eu queria que elas fossem felizes. Depois de ver meu pai se casar com aquela demônia, e vendo toda a energia tola que as garotas Sempre dedicavam aos meninos da escola, eu fiquei muito feliz em deixar casamento, amor e príncipes para minhas irmãs, enquanto eu vivia a vida na sombra das duas, perfeitamente contente com a companhia delas", Cinderela fez uma pausa.

"Portanto, você tem que entender. Quando a Professora Dovey veio até minha casa, naquela noite famosa, e me concedeu meu pedido de ir ao Baile, ela — e todos que conhecem a minha história — acharam que eu quisesse ir ao Baile para conhecer o príncipe. Eu nunca quis conhecer o maldito príncipe! Eu desejei ir ao Baile porque queria ver minhas *irmãs* conhecerem o príncipe! Elas passaram a vida inteira sonhando com a noite em que o

Príncipe Keelan veria as garotas elegíveis do reino. E depois de todos aqueles anos que passei ouvindo-as falar efusivamente sobre o que diriam a ele, o que vestiriam e como ganhariam seu coração, agora elas finalmente teriam sua chance diante dele. Como eu poderia deixar de estar lá?! Elas também queriam que eu fosse, claro, mas não se atreveriam a admitir isso à minha madrasta. Você deveria ter visto a cara delas quando eu as cerquei no Baile e me revelei, com os sapatinhos de cristal e tudo mais. Da mesma forma como acontecera na escola, agora elas viam o quanto eu realmente amava as duas: pois eu tinha usado um pedido mágico só para ver o momento que as duas teriam com o príncipe", os olhos da mentora pareceram escurecer lentamente.

"Quando o Príncipe Keelan me escolheu, eu vi o choque estampado no rosto delas, como se, naquele momento, elas tivessem percebido que deveriam ter ouvido a madrasta. Os palavrões que elas usaram para me xingar, naquela ocasião, com tanta gente olhando, foram tão terríveis que eu jamais poderei esquecê-los. Eu tentei explicar-lhes que eu não queria o príncipe — até saí correndo do Baile para provar. Mas príncipes sempre encontram suas princesas, mesmo quando elas não querem ser encontradas. Ele me seguiu até a casa da minha madrasta, como um enxerido, e ainda calçou no meu pé o tal sapatinho de cristal que eu tinha deixado para trás. Quando ele me pediu em casamento, impus uma condição: minhas irmãs de criação viriam morar conosco no palácio, pois se eu ia me casar com um homem que mal conhecia, pelo menos viveria em grande estilo, com as minhas melhores amigas. Mas ele tinha visto a forma como elas se comportaram comigo no Baile, e depois quando seus homens experimentaram o sapatinho de cristal no meu pé. Ele não conseguia ver nelas o que eu via. Em vez disso, ele deu um ultimato: ou eu ia sozinha para o palácio como sua esposa, ou ficaria em casa com minhas irmãs para sempre. Ele me deu até a manhã seguinte para decidir e foi embora com seus homens", Cinderela fez uma pausa.

"Naquela noite, minha madrasta foi até minha cama e tentou me matar com um machado, mas meu príncipe havia se escondido do lado de fora da janela, sabendo que eu não estava segura ali. Ele a matou na hora com sua espada, e me levou embora. A última coisa que minhas irmãs viram foi eu indo embora com ele, cavalgando em seu cavalo, e a mãe delas morta no chão", Cinderela ficou com os olhos cheios de lágrimas. "Primeiro, eu tomei o lugar delas na escola. Depois, tomei o príncipe. Depois, a mãe delas. Oras,

como elas poderiam ver algo de bom em mim? Como elas poderiam me ver como qualquer coisa, exceto uma inimiga?", ela disse, rouca. "Durante anos, elas conspiraram contra mim, até que meu príncipe mandou matar as duas sem que eu soubesse. Quando eu descobri o que ele havia feito, eu o abandonei para sempre. Porque o que minhas irmãs jamais souberam é que eu iria ficar na manhã seguinte e abriria mão da minha coroa por elas. Porque *elas* eram o meu Felizes Para Sempre. Mais do que qualquer garoto poderia ser. E se eu tivesse de passar o resto da vida sozinha para ficar com elas... eu teria feito. Mas era tarde demais", ela finalmente olhou para Agatha, repleta de dor.

"Por isso que eu disse para você simplesmente bater com a varinha na cabeça da Sophie e ameaçá-la para convencê-la a fazer o que você quer. Isso que a minha história me ensinou: melhor ser uma provocadora e conseguir o que se quer, porque, no fim, o amor não significa nada. Não quando um garoto vai chegar e estragar tudo para sempre", Cinderela caiu em prantos.

"Ah, Cindy", sussurrou Agatha, com as lágrimas escorrendo em seu rosto.

"Por isso que eu nunca estou feliz", ela chorava, agora já sem aspereza. "Porque todos acham que meu conto de fadas era encontrar uma fada madrinha, um vestido e um príncipe, quando eu nunca quis nada disso! Eu só queria que as minhas irmãs fossem felizes! Eu só queria ficar com as minhas melhores amigas!"

Agatha acariciou as costas da velha princesa e deixou que ela chorasse, enquanto elas seguiam, em silêncio, pelo caminho.

"Você realmente ama a Sophie?", Cinderela finalmente perguntou. "Depois de tudo o que ela fez?"

"Tanto quanto você ama suas irmãs", Agatha assentiu, subitamente tomada pela emoção.

Ela parou no caminho, com um despertar silencioso em seus olhos.

"*Por isso* que o Merlin nos colocou em dupla. Porque eu abri mão da minha história. Eu me entreguei ao desespero e à raiva, e deixei que ela fosse roubada de mim. Mas você pode consertar meu conto de fadas ao consertar o seu, Agatha. Você ainda pode lutar pela Sophie. Você ainda pode lutar por sua amiga."

"Eu não sei se ainda há alguma Sophie por quem lutar, Cindy", Agatha meneou a cabeça.

“Você não pode desistir, Agatha”, a mentora tocou seu rosto. “Ainda não. Mostre ao mundo o que eu não consegui mostrar. Um amor que significa tanto quanto o amor de um menino. Amor que é mais forte que sangue. Faça isso por nós duas.”

Agatha olhava para Cinderela e, pela primeira vez, o medo que ela sentia deu lugar a um raio de luz... Então, a expressão de Cinderela mudou. Agatha se virou e viu que o grupo inteiro havia parado no caminho, boquiabertos para ela e sua mentora, como se elas fossem um leão e um coelho numa festa no jardim.

“Ora, meu bom Deus, esses tolos acham que eu virei uma molenga”, resmungou Cinderela.

“Eu direi a eles que implorei pelo perdão”, Agatha a tranquilizou.

“E também jurou servidão eterna”, disparou Cinderela. “Agora, volte para seu maldito príncipe antes que você arruíne completamente minha reputação.”

Dando uma piscada, ela deu à afilhada um rápido chute no traseiro, e Agatha não pôde deixar de sorrir enquanto se afastava, imaginando como sua vida teria sido diferente se ela aprendesse a se desculpar com mais frequência.

31
Espiões na Floresta Stymph

Quando eles chegaram à periferia da Floresta Stymph, o brilho mirrado do sol estava no leste.

“Só restam algumas horas até que o sol se ponha”, Tedros observou, nervosamente, levando a mão à Excalibur, como se para ter certeza de que a espada estava mesmo ali. “Até o Lance fica olhando para o sol, como se soubesse que estamos perdidos.”

“Lance. Você dá um apelido até para ele, e eu não ganho?”

Tedros deu uma olhada para Agatha, e ela deu um sorriso.

“Não tem graça”, ele desconversou, olhando a entrada da Floresta Stymph, logo adiante. “Dessa vez, não tem escapatória. A escuridão está chegando, Agatha. Esse será O Fim, pra nós. O verdadeiro FIM...”

“Eu sei”, ela apertou a mão dele, ainda abalada pela história de Cinderela. “Então, vamos tentar nos agarrar a cada último raio de luz que pudermos.”

“Agora você resolve ser romântica? *Agora?*”, ele ficou olhando para ela e Agatha parou de sorrir.

“Olha, Merlin tem um plano, está bem? Ele *tem* que ter um plano.”

À frente deles, as outras duplas foram desacelerando ao se aproximarem dos portões da Floresta Stymph. Na entrada, havia dois olmos colossais, árvores tão altas quanto torres de castelos, com os troncos curvados na direção uma da outra, e galhos mortos retorcidos na forma de um cisne negro com o bico aberto, batendo as asas, com uma aparência tão viva em seu ataque que Agatha segurou a mão de Tedros com mais força, ao passar por baixo. Ela tentou afastar o medo.

“Afinal, é do Merlin que estamos falando; Merlin, a lenda e o mito, que

jamais falhou com o Bem em tempos de crise...”

“Exceto quando nos abandona por seis dias, se esquece de recrutar um exército de verdade, nos arrasta para dentro do território do Diretor da Escola sem armas, e não nos ensina um único feitiço de fogo para matarmos os duzentos zumbis que estão prestes a nos comer.”



Agatha engoliu em seco. Agora, eles não conseguiam enxergar nada, pois a Floresta Stymph era tão densa, com olmos tão imensos que escondiam o restinho da luz do sol. Agatha esperou que alguém acendesse uma tocha ou a luz do dedo, mas ninguém tomou a iniciativa, como se fosse menos aterrador permanecer no escuro do que ver o que havia à espreita, em meio às árvores. Sem outra fonte de luz, os dezenove heróis se juntaram num grupo unido atrás do mago, cujo chapéu liderava o caminho com suas estrelas radiantes.

Quanto mais eles adentravam a Floresta Stymph, mais eles começavam a sentir o cheiro pungente de fumaça emanando da fogueira em Gavaldon, além da Floresta. Instintivamente, os membros mais jovens protegiam seus mentores mais velhos, lembrando do dever de protegê-los e manter intacto o escudo protetor sobre o mundo dos Leitores. Os ratos de Anadil se espalharam por cima dos ombros dela e de João e Rosa, como se fossem guarda-costas; Hester e Lancelot conduziam João e Maria pelo caminho de terra e pedras; Yuba se mantinha ao lado do Coelho Branco, cuja visão noturna era um tanto aguçada; Dot e Chapeuzinho Vermelho recorriam à Princesa Uma, insistindo que uma professora de Comunicação Animal deveria saber lidar com stymphs (“Stymphs não são animais; eles são feras”, Uma gemeu); e Hort empunhava uma espada enferrujada, protegendo Peter Pan e Sininho.

Os olhos deles lentamente se voltaram para o alto, fixando-se nas árvores,

enquanto se adaptavam à escuridão e começavam a identificá-los... sombras ossudas dos abutres, assustadoramente imóveis nos galhos dos olmos, sem emitir o menor ruído.

“Eles estão nos observando”, murmurou Lancelot.

Merlin parou subitamente, provocando um engavetamento atrás dele, e um bocado de chiados e xingamentos e pés pisoteados. O mago olhou para cima.

“Maria, porque o mago está parando...”, João começou a perguntar.

“Shhh!”, Maria respondeu. “Ouça...”

Foi quando Agatha também ouviu. Um retumbar baixinho de marcha reverberando pela Floresta. Ao longe, lampejos de um verde radiante reluziam pontilhando a escuridão como estrelas faiscantes... primeiro, algumas, depois, uma dúzia... depois, centenas, acendendo todas de uma só vez, antes de desapareceram no escuro. A cada segundo, as luzes piscantes se aproximavam mais, no mesmo ritmo crescente dos passos — *esquerda, direita, esquerda, direita* —, até que Agatha não tinha mais certeza se era a luz que seguia a marcha, ou se a marcha seguia a luz. À medida que os flashes foram ficando maiores e mais radiantes, ela focou nas detonações esverdeadas, que pareciam minifogos de artifício e duravam apenas o tempo suficiente para iluminar as árvores, à distância... E os corpos que vinham na direção deles.

O Exército Sinistro ingressou na Floresta Stymph em fileiras perfeitas, empunhando machados, espadas e lanças. Acima de suas cabeças, flutuava uma nuvem de fadas negras zumbis, que mantinham o compasso da marcha com seus rabos verdes acesos, apagando e reacendendo. A cada flash de luz, o exército se aproximava mais, como se o tempo estivesse saltando à frente, e logo Agatha podia identificar os olhos mortos, a pele costurada, os rostos infames.

Peter Pan e Sininho se encolheram junto a uma árvore, ao avistarem o Capitão Gancho e sua lâmina curva de aço; Cinderela atracou o braço de Agatha quando viu sua madrasta perniciosa com um machado enferrujado; João segurou com mais força a mão de Rosa e a puxou para mais junto de si, ao ver o taco na mão do gigante e a fada que segurava um punhal; João e Maria recuaram para o final do grupo, para se esconderem da bruxa zumbi; e Chapeuzinho Vermelho deixou de se esconder atrás de Dot para se esconder atrás de Lancelot, quando avistou o lobo salivando.

“Merlin, este é o momento em que ‘deixamos por sua conta!’”, Hort gritou.

Se Merlin respondeu, sua voz foi abafada pelo aumento do ruído da marcha dos vilões. Agatha procurava pelo brilho do chapéu do mago, mas a Floresta estava escura demais e os heróis estavam todos muito próximos.

“Ele está igualzinho ao dia em que o vi com a camisola da vovozinha”, resfolegou Chapeuzinho Vermelho, vendo o lobo na linha de frente, a apenas cinquenta metros de distância. “Naquela época, ele poderia me comer de uma só vez. Mas agora eu sou uma mulher adulta. O que significa que ele teria de mastigar primeiro...”

“Eu preferiria os dentes de um lobo a um gancho de metal”, disse Peter Pan, ansiosamente.

“Minha madrasta está com um *machado!*”, rugiu Cinderela.

“Você ganhou”, disse João.

“Não é a sua madrasta, está bem? Não são nenhum dos antigos vilões”, respondeu Hester. “Eles são zumbis. Não são reais.”

“Eles me parecem bem reais”, disse Lancelot, empunhando a espada.

Com as mãos trêmulas, Tedros puxou a Excalibur enquanto o Exército Sinistro se aproximava em marcha.

“Vá na frente, Sir Lancelot.”

“Olha só quem está me demonstrando respeito!”, Lancelot fungou. “Você, que passou a semana inteira tagarelando que poderia ganhar essa guerra sem minha ajuda!”

“Você não me conhece bem o suficiente para saber que passo metade da minha vida dizendo tolices e a outra metade me desculpando por elas”, disse Tedros. “Por favor, Lance. Você é o maior cavaleiro que já pisou na terra. Certamente, já enfrentou batalhas mais duras... Isso com certeza não é tão ruim como parece, não é?”

O cavaleiro via que Agatha e os demais olhavam-no com a mesma expressão esperançosa. Lancelot deu uma olhada nos duzentos vilões que brandiam suas armas, agora a trinta metros de distância... então, ele olhou para baixo, para seus indefesos Sempre e Nunca, seus velhos heróis e um príncipe que segurava a espada mais extraordinária do mundo, mas ainda não era muito bom em manuseá-la.

“Não tão ruim quanto parece”, ele anuiu. “*Pior*.”

O Exército Sinistro parou a marcha a vinte metros do cavaleiro. As fadas

acenderam com força total, enquanto os vilões zombavam do outro lado da floresta, com olhos vermelhos e assassinos, bocas rijas e sem vida. Eles brandiram suas armas sob a luz das fadas, esperando pela ordem de atacar.

"Acho que acabei de fazer xixi nas calças", João disse para Maria.

"M-M-Merlin?", Agatha suplicou, de olhos fixos nos zumbis. "Merlin, diga-nos o que fazer!"

"Isso vai ser meio difícil, porque Merlin não está aqui", Hort falou.

Todos olharam em volta. Merlin tinha sumido. Agatha e Tedros se abraçaram, aterrorizados.

"Estamos mortos", eles disseram, quase sem fôlego.

Do céu, veio uma rajada de vento, eles olharam para cima e viram duas sombras, abraçadas em pleno voo, flutuando na direção das árvores. O menino pousou primeiro; ele tinha o cabelo branco espetado e tão pontiagudo quanto a coroa negra da menina que ele segurava nos braços. Ele estava todo do preto, com uma camisa sem mangas que deixava à mostra a pele de porcelana e os músculos esguios; e uma calça de cintura baixa que revelava parte de seu abdome definido. A menina era tão branca quanto ele, com bochechas e lábios tão sem cor que, por um momento, Agatha achou que ela fosse uma estátua de mármore, até que a viu se afastar do garoto. A garota seguiu em direção a Agatha, ela usava um macacão preto de couro que delineava cada curva de sua silhueta, tinha cabelos dourados ondulados sob a coroa dentada, a pele tão clara que as veias eram visíveis e sua boca se curvava num sorriso frio e sórdido.

Somente quando viu o tom verde de seus olhos, aquele tom enigmático de verde-esmeralda, tão claro quanto os rabos das fadas ao seu redor, foi que Agatha soube quem era ela.

"Olá, querida", disse Sophie.

Agatha sentiu a garganta fechar, prendendo sua voz. Sua visão ficou embaçada, a imagem de Sophie foi ficando desfocada, como se o corpo inteiro de Agatha rejeitasse aquele momento, buscando o fim de um sonho. Ela não conseguia ouvir nada, somente uma campainha furiosa em seus ouvidos. A escuridão envolveu os contornos da cena e ela soube que estava perdendo a consciência; suas pernas enfraqueceram, seu coração disparou, o mundo foi ficando escuro... Só que agora havia luz na escuridão, uma luz dourada como um farol... uma luz dourada como aquela que reluzia de seu dedo quando ela mais precisava... Mas não estava vindo do dedo *dela*. Estava

vindo da Rainha do Mal.

A aliança. Faça com que ela destrua a aliança.

Agatha voltou a sentir a vegetação molhada sob os pés, o ar gélido da noite, seus olhos retomaram o foco adiante... E lá estava ela. Sophie, tão má e fria quanto o menino que ela havia escolhido. Ainda assim, Sophie.

"Agatha de Além da Floresta. A menina que nunca quis ser uma princesa", declarou Sophie. "E aqui está ela, com uma *coroa*."

"O Mal tem uma rainha. O Bem também tem", Agatha manteve-se firme.

"Se eu tenho um príncipe, você quer um príncipe. Se eu tenho uma coroa, você quer uma coroa. É o que mais amo em você, Aggie. Sempre um passo atrás de mim", Sophie olhou para além dela, para o desgrenhado e amedrontado Tedros, antes de desviar o olhar para Rafal, imaculado sob a luz das fadas. "Até que eu faça melhor."

Tedros pegou a mão de Agatha e fechou uma carranca para Sophie.

"Você chama *ele* de melhor? Um demônio? Um filhote de diabo?"

"Ah, Teddy. Não seja previsível", Sophie o censurou. "Nós podemos fazer uma coroa de papel para você, se quiser. Para o menino que ainda não é homem. O príncipe que ainda não é rei."

"Bem", Tedros corou, "acho que você estava tão ocupada admirando sua própria coroa para notar que está sem metade de seu exército!", ele debochou, esforçando-se para parecer assustador. "O que aconteceu? Vocês os perderam no caminho?"

Uma risada ruidosa ecoou e Rafal veio até a frente.

"Ah, tenho certeza de que minha rainha preferia atacar vocês com força total, principezinho. Agora que tem a coroa, ela me faz parecer um tanto emotivo em comparação a ela. Mas nossos alunos representam o futuro precioso do Mal. Eu não arriscaria nenhum deles, quando o passado do Mal, sozinho, é perfeitamente capaz de destruir todos vocês."

Agatha seguiu os olhos dele até Exército Sinistro, cujas fileiras cerravam os dentes, impacientes pelo sinal do Mestre. Ela pensou em Reena, Chaddick, Ravan e todos os outros alunos que conhecera, presos na Escola do Mal. Um dia, Rafal faria com que eles se tornassem tão sombrios e impiedosos quanto esses matadores mortos-vivos com fome de guerra.

Então, Agatha se lembrou de Kiko... Kiko, com seu rosto adorável e meigo, que só queria que todos encontrassem a felicidade e o amor... que jamais poderia ser do Mal, independentemente do que qualquer pessoa lhe

fizesse.

“O Mal jamais terá futuro”, Agatha interferiu, pensando em sua bondosa amiga Sempre. “Não quando há os que querem ser do Bem.”

“E ninguém queria ser mais do Bem do que eu, Aggie”, Sophie rebateu. “Porém, por mais que você tente transformar um coração do Mal em coração do Bem, isso não acontece. Você sabe disso, ou jamais teria me dado uma chance com seu precioso príncipe. Você sabia muito bem que eu faria papel de tola”, as pupilas de Sophie cintilavam. “Mas transformar um coração do Bem e trazê-lo para o Mal... ah, isso é brincadeira de criança, Aggie. Porque os corações do Bem são a carne mais macia, que o Mal rasga e penetra com facilidade. Basta perguntar à sua amiga Kiko, a quem ouvi chorando ontem à noite, desejando que ainda tivesse a sua ‘melhor amiga’ Agatha para conversar. Você era bem popular em seu tempo de escola, não era, querida? Uma pena que sua ‘melhor amiga’ não poderá falar por muito mais tempo. Mas ela vai dar um belo ganso perverso quando retomar sua formação no Mal e sua mogrificação for concluída.”

“E você sabe o que dizem”, Rafal completou, dando um sorriso malicioso. “Até o Bem mais puro se torna excelente no Mal quando corre o risco de acabar como a ceia de Natal.”

Os dois caíram na gargalhada. Agatha ficou tensa, desconcertada pela alegria no riso. Com a pele fantasmagórica, as veias azuladas, as maçãs do rosto saltadas, eles agora era muito parecidos.

“Bem, não haverá ganso, nem jantar de Natal”, Tedros os interrompeu. “Porque nós vamos vencer essa guerra.”

“Ah, vão?”, disse Rafal, sarcástico. “Com sua fabulosa Liga dos... *Dezenove?* Parece que vocês perderam o mago, embora haja *tanta gente* lutando pela sua causa que fica difícil manter a contagem. Minha nossa, como será que eu matarei o herói que preciso para romper o escudo?”, ele deu uma olhada no grupo escasso reunido junto às árvores: oito velhos heróis famosos tremendo de medo, quatro Nuncas vira-casacas, um coelho branco lânguido, uma fada verde barriguda, uma professora de Comunicação Animal, e um velho gnomo fraco... antes que seus olhos recaíssem em Lancelot, de espada em punho, assistindo à conversa entre os quatro jovens, com uma expressão confusa no rosto. O sorriso de Rafal ficou mais sinistro.

“*Uma* complicação.”

“Que diabo é você?”, Lancelot disparou, estreitando os olhos para o

menino de cabelos cor de neve. “E quando o Diretor da Escola chegará aqui?”

“Esse é o Diretor da Escola!”, Hort chiou. “Eu lhe disse que ele tinha rejuvenescido!”

“Meu bom Deus, por que ninguém disse que foi tanto assim?”, Lancelot exclamou de olhos arregalados.

Numa fração de segundo, o cavaleiro avançou correndo e lançou a espada como um machado, na direção da cabeça de Rafal. Pego de surpresa, o jovem Diretor da Escola ergueu a mão tarde demais. Sophie deu um grito de susto... A espada acertou a testa de Rafal, cravando em seu crânio. Os vilões ficaram paralisados. Os heróis ficaram na expectativa. A Floresta Stymph caiu em silêncio mortal.

Lancelot coçou a orelha, agora surpreso em como isso havia sido fácil demais, antes de dar um sorriso presunçoso.

“Oah! Está vendo isso, menino? Um golpe e o camarada cai! O Diretor da Escola está morto. O livro de história está fechado. Agora, onde está nosso sol brilhante...”

Mas seu sorriso sumiu. Rafal ainda estava ali em pé, com a espada na cabeça, um sorriso insolente no rosto. O sangue foi lentamente escoando de volta para dentro do ferimento ao redor da espada, antes que o jovem Diretor da Escola erguesse a mão até o cabo e puxasse a lâmina de seu crânio. O buraco em sua cabeça se fechou, cicatrizando a pele jovem até que não restasse mais nenhuma marca, enquanto Rafal limpava o sangue do fio da lâmina com sua palma branca, sem jamais tirar os olhos de Lancelot. Agora, Sophie também estava sorrindo, afagando a aliança de ouro em seu dedo, o elo que mantinha vivo o seu verdadeiro amor.

“Nosso amigo parece ter colocado a espada no lugar errado”, o jovem Diretor da Escola comentou com ela.

“Eu me lembro que ele tem o hábito de se meter na vida dos outros”, Sophie respondeu. “Principalmente na minha.”

“Então, talvez você queira devolver-lhe a arma?”, Rafal perguntou, estendendo-lhe a espada, que Sophie pegou pelo cabo.

“Seria uma honra”, ela ergueu os olhos frios para Lancelot, com a ponta do dedo acesa em rosa. “Nunca gostei muito dele mesmo”

Ela disparou o brilho do dedo para a espada do cavaleiro, fazendo a arma voar como uma bala para o outro lado da Floresta... Lancelot nem teve tempo

de respirar. Sua própria espada atravessou seu ombro, perfurando a pele, antes de se cravar num tronco de árvore. O cavaleiro soltou um rugido de dor, preso ao olmo como um pedaço de carne. Sophie se aninhou a Rafal.

"Complicação *resolvida*."

Agatha e Tedros estavam brancos como papel. Todos os outros heróis tinham se acovardado, recuando junto às árvores ao ver seu maior guerreiro se retorcer, imobilizado por sua própria arma. Rafal afagou o rosto de Sophie.

"Como eu disse, minha rainha me faz parecer um molenga."

Agatha via o prazer sinistro no rosto de Sophie, e o brilho amarelado e felino em suas pupilas. Subitamente, sua esperança de fazer com que a amiga destruísse a aliança pareceu uma ingenuidade. Merlin a alertara: não havia caminho fácil para o Felizes Para Sempre. Não havia nada que ela pudesse dizer que faria Sophie destruir aquela aliança... Nada que ela pudesse dizer para trazê-la de volta ao Bem... Porque não havia mais nenhum resquício do Bem em Sophie.

"Ajude-me, menino", Lancelot gritou para Tedros. "Ajude-me a me soltar!"

Tedros não se mexeu. Agatha viu que ele estava examinando Lancelot na árvore. A espada estava encravada no alto do ombro do cavaleiro, longe de órgãos vitais e impedindo que o ferimento sangrasse. Enquanto Lancelot permanecesse ali, ele estaria sofrendo uma dor torturante... mas estaria em segurança. Porque no instante em que Tedros ajudasse Lancelot a se soltar daquela árvore, Lance atacaria Rafal novamente e acabaria morto na hora. Vilões não ofertam piedade mais de uma vez. E independentemente do que acontecesse a Tedros, dali em diante, o que ele tivesse de sacrificar para ajudar o Bem a vencer — até ele próprio —, de uma coisa ele faria questão: que Lancelot voltasse *vivo* para sua mãe. O cavaleiro viu a mudança no rosto de Tedros.

"Tedros, *não!* Não lute sozinho com eles!"

Mas o príncipe estava olhando para Agatha, que pegara sua mão, contraindo o maxilar, silenciosamente dizendo que ele não lutaria sozinho contra o Mal. Ele lutaria com ela.

"Tedros... por favor!", Lancelot implorava.

O medo do príncipe se transformara em aço. De mãos dadas com Agatha, ele se virou de volta para Sophie e Rafal, e o menino medroso e trêmulo havia sumido. Rafal pareceu completamente entretido.

“Eles acham que isso é um de seus velhos livros de história, minha rainha. Dando as mãos, lutando pelo amor, e tudo será do jeito que o Bem quer...”

“Pelo menos o Mal ama com dignidade”, Sophie debochou, observando as mãos entrelaçadas. “Vocês dois parecem aqueles bolos forrados de glacê para que ninguém veja que está estragado.”

“Um bolo que você fez de tudo para ter, lembra-se?”, Agatha perdeu a linha.

“E eu tive, graças a você”, Sophie respondeu, friamente. Ela sorriu para Tedros. “Só não tinha um gosto muito bom.”

“Você é uma bruxa”, Tedros vociferou. “Uma bruxa ainda mais horrenda do que aquela careca cheia de verrugas que você foi antes. Sorte sua ter encontrado uma aberração tão vazia quanto você. Outra alma que mais parece um buraco negro.”

O veneno na voz dele pegou Sophie de surpresa. Suas bochechas coraram, antes de empalidecerem novamente.

“E, ainda assim, nós nos amamos, assim como você e sua princesa, Tedros. Nada que você diga pode diminuir o meu amor por Rafal. Nada que você diga pode tirar nosso final feliz”, ela se aninhou a Rafal, que a beijou delicadamente na cabeça.

“A menos que seja ódio, e não amor, o que os mantêm unidos”, disse Agatha, observando os dois. “E o ódio nunca consegue vencer.”

“Nunca consegue vencer?”, Rafal arqueou uma sobrancelha. “Seu mago imperturbável foge como uma criança no instante em que vê nosso exército. Seu cavaleiro leal provou ser ainda menos útil... e você ainda finge que tem uma chance?”

“Esse é o problema com o Bem, não é?”, Sophie encarava Agatha, sentindo a fúria aumentar. “Ele te faz acreditar na esperança e na fé, quando elas são apenas fantasmas. O Mal lhe diz para acreditar na verdade —, a verdade que está te olhando na cara, por mais medo que você tenha. E aqui vão algumas verdades para você. Eu sempre sonhei com Rafal, o tempo todo. Sempre estive na escola certa. Eu poderia ter sido feliz sendo eu mesma, em vez de ficar tentando ser algo que eu não era. E se eu tivesse apenas aceitado isso, jamais teria tentando ser sua amiga. Porque o único motivo para um dia eu ter ido bater à sua porta com meu imenso sorriso e meu cesto de biscoitos foi para que o Diretor da Escola me considerasse do *Bem*. Eu estava usando

você, Agatha. Você era a minha Boa Ação para obter o que eu queria. Do mesmo jeito que você me usou para se aproximar de seu príncipe. Portanto, não venha me dizer que o que tenho com Rafal não é amor. O que *eu e você* tivemos não era amor. Porque aquilo foi uma mentira desde o começo."

Agatha só conseguia ouvir o som de sua respiração, pois os olhos de Sophie pareciam bolas de fogo queimando os seus.

"Mas, por outro lado, você tem a esperança e a fé do seu lado, essas armas que *nunca* falham", Sophie provocou, de forma incisiva. "Quando tudo que nós temos são machados, exércitos e a juventude."

"Isso é tudo que temos, minha rainha?", Rafal perguntou, brincalhão. Sophie leu seu rosto.

"Como pude me esquecer?"

Com a ponta do dedo acesa em rosa, ela apontou para o céu, direcionando a nuvem de fadas mais ao alto, adentrando as árvores e acendendo a Floresta acima. Milhares de stymphs ossudos rosnaram para baixo, empoleirados nos galhos, com suas órbitas oculares sem olhos, grasnando silvos agudos ao verem seu Mestre e a nova rainha. Agatha e os heróis protegeram os ouvidos dos gritos terríveis, mas Rafal só ficou cantarolando, como se ouvisse uma bela canção.

"Eles podem gritar o quanto quiser", Tedros rugiu, tentando suportar o som. "Stymphs não atacam o Bem. Você só os treinou para atacar o Mal."

"O que eu mais admirava em seu pai era que quando foi aluno", Rafal tentava não rir, "ele nunca achou ser mais do que era. Ele sabia que era tão esperto quanto uma rocha, por isso ficava de boca fechada e fazia isso parecendo feliz."

Tedros ficou vermelho de raiva.

"Você, por outro lado, apesar de ter ainda menos cérebro que Arthur, de alguma maneira convenceu a si mesmo de que tem algo dentro dessa sua primorosa cabecinha", Rafal disse, com a voz cantada. "Deve ter sido o sangue de sua mãe. Ela sempre se achou uma grande sabe-tudo.

"Quem quer que seja que lhe deu a luz, deve ter se matado na hora ao saber que você tinha seu sangue!", Tedros vociferou. "Eu me orgulho de ser filho da minha mãe."

"Bem, depois dessa noite, ela não terá mais filho", o olhar de Rafal o gelou até os ossos.

Agatha sentiu Tedros se retesar junto a ela.

“E quanto a esses *stymphs*... eles são, de fato, treinados para atacar somente o Mal”, Rafal explicou, olhando de esguelha para o príncipe. “Mas a Floresta não é mais aquela Floresta que você conheceu, principezinho. O Bem costumava ser o lado que ganhava os finais felizes. O Bem que era o lado com o beijo de amor verdadeiro. O Bem era o lado com os Sempre lutando por ele. Mas, agora, o Mal tem todas essas coisas. O Mal se tornou o *novo* Bem”, Ele ergueu os braços para os stymphs, com um sorriso malevolente. “O que, para eles... significa que o Bem é o novo Mal.”

O jovem Diretor da Escola mostrou os dentes.

“*MATEM-NOS!”*

O Exército Sinistro rugiu com sede de sangue e partiu para cima dos heróis... Rafal ergueu a mão e fez com que eles parassem. Ele ainda estava olhando os stymphs, que não tinham se mexido em seus postos. Eles também não estavam mais grasnando.

“Eu disse... *matem-nos*”, Rafal berrou.

Os pássaros não se moveram. A Floresta estava em silêncio.

“U-uuuu! Aqui!”, uma voz gritou.

Rafal olhou para cima, devagar, e viu Merlin no alto de um olmo, montado num stymph.

“Sabe, receio que o Mal não seja o novo Bem, meu caro menino. Não se os seus Sempres *e* os seus Nuncas estão do lado do Bem.”

No alto de cada árvore da Floresta, sombras que seguravam arcos e flechas foram saindo de trás dos galhos dos troncos das árvores. Com um manejo de mão, Merlin magicamente acendeu todas as pontas das flechas com fogo, iluminando os rostos dos arqueiros. Agatha e Tedros empalideceram ao ver os rostos de seus colegas de turma: Chaddick, Mona, Arachne, Vex, Reena, Millicent, Ravan e Kiko, radiante, apesar de seus membros já meio cobertos de plumas, junto de quase duzentos outros Sempres e Nuncas, com as flechas acesas apontando para o Exército Sinistro.

“Fiz xixi de novo”, disse João, ao lado de seus colegas da Liga, todos boquiabertos.

Sophie estava branca como a neve. Rafal estava igualmente perplexo.

“Impossível...”, ele resfolegou.

“Eles estavam na e-es-escola... com os professores...”, gaguejou Sophie. “Lady Lesso os trancou lá dentro...”

“Da mesma forma como ela trancou sua classe em todas as aulas durante

a última semana, preparando seus alunos para lutar pelo Bem", disse Merlin, alegremente. "Eu devo te contar, minha querida, eu estava lá lecionando com Lady Lesso, enquanto os velhos vilões estavam dormindo. O feitiço do sono foi trabalho meu, é claro; como seus amigos lhe dirão, é minha especialidade colocar as coisas para dormir, sejam árvores espinhentas em portões de escolas, ou visitantes em meu Celestium, ou uma turba de zumbis sádicos. E você aí pensando que Lady Lesso estava lecionando truques de magia negra para seus treinamentos ridículos de luta! (Aliás, foi Beatrix que encontrou os feitiços em livros velhos da biblioteca, enquanto supervisionava a enfermaria). Mas isso provou ser uma cortina de fumaça muito útil para o que Lady Lesso estava realmente fazendo, uma vez que você ficou desconfiada e visitou a sala da Reitora. Não que Lady Lesso tenha mentido para você; ela estava mesmo ajudando os jovens alunos a lutar contra os velhos vilões... só que era para uma luta muito maior do que suas rixas sem sentido. O tempo todo, eu estava escondido embaixo da escrivaninha quando você esteve lá, e fiquei tentando disfarçar minhas fungadas. Tenho uma alergia terrível a ameixas azedas."

"Você... eu ouvi você...", Sophie não conseguia respirar.

Agatha e Tedros estavam igualmente desconcertados. *Por isso Merlin sumiu a semana toda,* pensou Agatha. *Esse era o velho amigo que ele disse estar visitando...*

Hester, Anadil e Dot não eram as verdadeiras espiãs.

"Era Lady Lesso", Sophie verbalizou, também compreendendo. "Ela sempre foi a espiã..."

"Interpretando a campeã fervorosa do Mal e sua mentora leal, até que precisei dela. E com seu regresso ao Mal, a Floresta escurecendo, essa hora finalmente chegou", disse Merlin.

"Você é um velho tolo se acha que uma Reitora coroca e ineficaz pode fazer diferença em seu destino", Rafal debochou.

"Já que Lady Lesso tem sido a maior Reitora do Mal, eu ficarei feliz em ser um tolo", rebateu o mago. "Pois até ela sabe que o Mal não pode existir sem o Bem, pois os dois estão em constante tensão, refinando e definindo um ao outro, como o equilíbrio da natureza. Tente apagar o Bem e você só irá desequilibrar a balança em favor dele. O que significa que, apesar de todos os seus esforços, vocês não fizeram do Mal o novo Bem... Vocês só fizeram com que o Mal continuasse tão velho quanto sempre foi." O mago sorriu para

Rafal. “E parece que você treinou seus stymphs *muito bem*.”

Merlin soltou um assovio ensurdecedor de lobo e, rugindo um grito de guerra com a força de duzentas vozes, os alunos dispararam montados em suas feras-pássaros, mergulhando das árvores, lançando flechas incandescentes nos velhos vilões. As pontas acertavam os alvos, alçando os corpos dos zumbis em chamas.

Chaddick girava em seu stymph em direção ao Exército Sinistro, alvejando três ogros com uma só flecha... Beatrix conseguiu fazer um círculo rasante, antes de disparar a flecha flamejante na bruxa de Branca de Neve, acertando-a no pescoço... Arachne arrancou o olho de um ciclope com um tiro direto e um mergulho em parafuso... Agatha assistia à frota de Nuncas despejar uma saraivada de flechas em mais cabeças de zumbis, profundamente surpresa. Voos em stymphs e arco e flecha nunca foram matérias lecionadas na escola. Como é que alunos tão desajeitados como Brone, Mona ou Millicent se tornaram guerreiros montados em pássaros e arqueiros de fogo, em *uma semana?*

Mas só quando Agatha viu Kiko voando loucamente, sem qualquer direção, com a mão remexendo seu arco, soltando uma flecha totalmente fora de seu alvo, que ela percebeu o que estava realmente acontecendo, pois, subitamente, o stymph de Kiko se equilibrou e sua flecha foi magicamente desviada, antes de acertar a garganta de um duende e deixá-lo em chamas.

Agatha olhou para cima e viu Merlin, lá no alto, em sua árvore, mexendo as mãos como um maestro conduzindo uma sinfonia, administrando os voos dos stymphs e das flechas do exército de Sempres e Nuncas, com um toque de feiticeiro. *Deixe comigo*, ele insistiu o tempo todo. Afinal, se o Diretor da Escola traria um exército sob seu comando, Merlin faria o mesmo.

Ele remexeu os braços, mais uma vez, e quatro stymphs com arcos e flechas na boca dispararam rumo ao solo, onde pescaram Hester, Anadil, Dot e Hort, que montaram em suas costas e imediatamente começaram a mirar nos zumbis, disparando flechas contra eles.

“Se papai me visse agora...”, Dot vibrou, acertando um cavaleiro sem cabeça bem no meio do peito.

“Ele perguntaria por que você está lutando pelo Bem”, resmungou Anadil, derrubando duas harpias.

“Você sempre gostou de estragar a festa, Ani”, disse Hester, disparando flechas, enquanto seu demônio emitia raios de fogo pela boca, incendiando

zumbis, no ato.

“Não me admira que o Bem sempre vença”, Hort maravilhava-se, enquanto voava acima delas, vendo Merlin corrigir os disparos das bruxas. “Vocês estão roubando!”

Por um instante, Agatha sentiu uma onda de alívio, sabendo que o mago estava no comando de todo o exército do Bem — bom, quase todo. Os velhos heróis estavam tentando entrar na briga, mas eram impedidos pela Princesa Uma, por Yuba, o Coelho Branco e Sininho, que sabiam que a morte de somente um deles romperia o escudo protetor dos Leitores. Enquanto isso, Lancelot gritava para que o mago o ajudasse a se soltar da árvore, mas Merlin estava tão distraído tentando orquestrar o exército que sacudiu a mão na direção do cavaleiro e, sem querer, acabou enterrando ainda mais a espada em seu ombro. Enquanto Lancelot uivava de dor, Agatha foi seguindo na direção dele, mas parou subitamente...

Tedros. Onde estava Tedros?

Ela se virou e o viu com a Excalibur em punho, partindo na direção de Rafal, que estava de costas. Agatha conteve um grito, enquanto Tedros erguia a espada. Rafal virou a tempo, lançando uma bomba de brilho negro que Tedros quase não conseguiu desviar com a espada.

“Sempre tão impulsivo, principezinho”, debochou o jovem Diretor da Escola. “E agora você resolveu entrar na batalha contra alguém que não pode ser *morto*.”

“Quando eu terminar, você estará em tantos pedaços, que eu gostaria de vê-lo tentar se recompor!”, Tedros rugiu.

Enquanto os dois batiam as espadas impetuosamente, Rafal lançando mais feitiços de morte e Tedros se esquivando, Agatha viu seu príncipe já perdendo terreno. O Diretor estava lançando os feitiços com tanta rapidez, e atingindo árvores com tanta força que Tedros estava mergulhando atrás dos tocos para evitar ser frito vivo. Agatha não conseguia respirar. Seu príncipe ia morrer. Ela tinha que ajudá-lo! *Mas, como?* O Diretor da Escola era invencível. Não havia meio de salvar Tedros, a menos...

A aliança.

Ela olhou para todos os lados, desesperada, e viu Sophie vermelha de raiva, lançando feitiços nos pássaros stymph, e mandando-os, junto com seus pilotos, ao chão. Sophie sentiu algo e ficou imóvel, antes de se virar e ver Agatha encarando-a... olhando a aliança em seu dedo. Ela projetou o queixo

com determinação. Lentamente, as duas amigas fixaram os olhos uma na outra.

Sophie arrancou, fugindo pela Floresta. Agatha saiu correndo atrás, depois ouviu Tedros gritar de dor. Ela o viu rastejando em meio aos corpos em chamas, com o braço queimado, enquanto tentava se desviar dos feitiços de Rafal.

Ao mesmo tempo, o Exército Sinistro estava começando a recuperar terreno na batalha, graças ao gigante de João, que abatia stymphs com seu punho enquanto o Capitão Gancho golpeava os estudantes, derrubando-os no chão. Os gestos de Merlin eram cada vez mais frenéticos, e ele estava com a mesma expressão ansiosa de quanto perdera o controle de seu trem de pó mágico.

Agatha viu Tedros usando o cadáver de um stymph para se proteger de Rafal, enquanto o bruxo se aproximava. Petrificada, Agatha viu Sophie fugindo, cada vez mais longe... Ou ela ajudava Tedros, ou corria atrás da aliança. Ela ergueu os olhos para o brilho do sol, já morrendo ao leste. Não havia muito tempo...

“Me solte!”, a voz de Lancelot irrompeu em meio ao caos. “O menino vai morrer sem mim!”

Agatha olhou para ele, espetado à árvore. O cavaleiro estava encharcado de sangue, com os cabelos desgrenhados, o rosto estampado de fúria.

“*Eu* luto”, ele rugiu para Agatha. “*Você* vai atrás dela.”

Agatha sabia que não tinha argumento. Num piscar de olhos, ela correu, pulando por cima dos corpos em chamas, e arrancou a espada do ombro do cavaleiro. Lancelot uivou de agonia e alívio, antes de cambalear e arrancar a espada das mãos dela.

“Traga-a de volta para cá”, ele disse ofegante, apertando seu braço.

“Mas Tedros... e quanto ao Ted...”

“Ele estará aqui, são e salvo, com a Excalibur pronta para destruir a aliança, quando você voltar. Eu lhe prometo, Agatha: eu *vou* manter o menino seguro. Mas nós precisamos que você traga Sophie de volta”, pressionou Lancelot. “Não falhe comigo e eu não falharei com você. Entendido?”

Agatha assentiu, sem ar. Ele a empurrou e ela saiu correndo atrás de Sophie, embrenhando-se nas árvores depois de dar uma última olhada por cima do ombro, para Tedros, que tentava repelir os feitiços mortais de Rafal

com um osso quebrado de stymph, antes de ver Lancelot irromper na direção deles, com a gangue de velhos heróis logo atrás.

“Nós lutamos ou nos acovardamos?”, Lancelot gritou.

“Lutamos!”, a Liga rugiu.

Eles o seguiram para a batalha, enquanto Agatha se afastava rumo à última esperança que o Bem tinha de sobreviver.

32
O Significado do Mal

Com a luz das fadas negras e as flechas reluzentes iluminando seu caminho, Agatha disparou atrás de Sophie, que corria em direção ao leste, margeando a Floresta Stymph. Sophie tinha aberto uma boa distância e estava trinta metros adiante, mas quanto mais ela corria, mais se distanciava das luzes da guerra entre o Bem e o Mal, e logo Sophie começava a cambalear pelo escuro, com seu macacão preto de couro, tentando encontrar o caminho para sair da Floresta.

"Espere!", Agatha gritava, já sem conseguir vê-la. Se ela perdesse Sophie de vista ali, jamais voltaria a encontrá-la antes do pôr do sol. "Sophie..."

Um raio de luz rosa explodiu na direção de sua cabeça e Agatha mergulhou bem na hora. Ela olhou para cima e viu Sophie correr adiante. *Para onde ela está indo?*, pensou Agatha, estendendo também seu dedo aceso, como se fosse uma lanterna. Então, ela viu, por entre os vão dos galhos esqueléticos... os contornos de dois castelos da escola.

Agatha subitamente parou. Sophie era a Rainha do Mal. Agora, ela podia abrir e fechar os portões da escola, como qualquer professor. O que significava que se Sophie entrasse antes que Agatha pudesse pegá-la, ela fecharia os portões.

Agatha saiu em disparada, tentando ganhar terreno, enquanto as duas saíam da Floresta e adentravam um bosque de árvores imensas e roxas, cheias de espinhos, que separavam a Floresta Stymph da Escola do Bem e do Mal. Os espinhos letais se remexiam lentamente, como se despertados de um sono profundo, e Agatha soube que ela só tinha alguns segundos antes que eles a avistassem. Mais adiante, Sophie estava se aproximando dos portões da

escola, mas, de uma hora para outra, a visão de Agatha foi bloqueada quando os espinhos mortais começaram a golpear à sua frente, como estalactites em queda.

"Sophie!" Agatha se esquivava tentando fugir dos espinhos, sentindo-se cada vez mais acuada, enquanto mais e mais espinhos abriam buracos ao seu redor. Um espinho irrompeu da esquerda e ela escorregou por baixo, mas foi atingida por outro que cortou seu braço pela direita; Agatha conteve a dor e seguiu cambaleante, tentando manter os olhos fixos em Sophie, enquanto os portões magicamente se abriram para ela, e começaram a se fechar no segundo em que ela passou. Agatha derrapou na direção deles, ainda a dez metros de distância, sabendo que não conseguiria passar. Estava fechando depressa demais...



Ela olhou para trás e viu outro espinho chicoteando abaixo, como uma onda, prestes a esmagá-la contra o portão que se fechava. Só havia uma jogada possível.

De um fôlego, Agatha virou-se na direção do espinho. Bem na hora em que ele ia afundar em seu coração, ela margeou a beirada e se agarrou em sua lateral, como se fosse um Tarzan sem sorte, enquanto o espinho recuava surpreso, por cima dos portões da escola. Agatha atracou-se ao espinho roxo, balançando as pernas pelo ar, enquanto olhava para baixo, para as pontas das lanças afiadas do portão, abaixo dela. O espinho se enroscava e batia mais alto, prestes a lançá-la. Essa era sua última chance...

Agatha cravou as unhas no caule, bateu as pernas para tomar impulso e se jogou do espinho, passando por cima dos portões, e protegeu a cabeça, antes de aterrissar com força em cima de um arbusto de pinho. Qualquer alegria por ainda estar viva foi apagada pelo traseiro latejante. Agatha ficou de pé para correr novamente atrás de Sophie... mas gelou. Sophie a encarava da margem da Baía do Meio do Caminho.

Antes que Agatha pudesse se mexer, um feitiço rosado atingiu-lhe o peito e a derrubou no chão. O susto de ser atacada pela melhor amiga com um feitiço de choque deu lugar a uma dor violenta. Foi como se ela tivesse sido pisoteada por um elefante ou atingida no peito por um cometa. Por um segundo, Agatha só conseguia pensar em arranjar um jeito de respirar, mas seus pulmões estavam paralisados, rejeitando a respiração. Ela tentava inalar pela boca, mas seus ouvidos ecoavam com um tom tão agudo e perfurante que ela cerrou os dentes e fechou os olhos, esperando que parasse. Só ficava mais alto, reforçado por uma náusea paralisante. Cada segundo trazia uma surpresa, como uma casa de horrores, até que ela percebeu o problema maior e mais óbvio: ela não conseguia se *mexer*.

Agatha tentou abrir os olhos e ver o que estava atrás dela, mas sua cabeça parecia ter sido aberta por um machado. Seu campo de visão estava invertido e trêmulo, seus olhos lacrimejavam para que ela conseguisse enxergar mais que um borrão embaçado. Ela só conseguia identificar a escuridão tremendo num borrão verde vindo da Baía do Meio do Caminho... E uma sombra preta, de cabeça para baixo, correndo em direção ao castelo do Mal.

Agatha sentia o coração tentando, em vão, bombear sangue para seus músculos. Sophie... ela tinha que seguir Sophie... Só que ela estava presa ali na terra. *Quanto tempo dura um feitiço de choque?*

Ela tinha visto alunos se recuperarem deles com facilidade nas aulas de Yuba, e durante as duas últimas Provas. Por isso os professores nunca ensinaram um contrafeitiço: choque era tão inofensivo que mesmo o mais agressivo primeiro ano não poderia causar devastações com ele. Então, o que Sophie teria feito para tornar esse feitiço tão pernicioso e odioso...

A magia segue a emoção. Agatha sentiu a respiração acelerada. Sophie a atingira com toda a intensidade que trazia por dentro: fúria, frustração, vingança... ela transformara um feitiço comum numa bomba de ódio. E só havia um contrafeitiço para o ódio. *A magia segue a emoção*. Agatha pensou em seu príncipe, belo e corajoso, na Floresta Stymph, lutando contra um Diretor de Escola mortal. Ela focou no destemido Lancelot, que só queria ir para casa, para seu único e verdadeiro amor. Pensou nos nobres e incorrigíveis velhos heróis, correndo para dentro da batalha para repelir os antigos vilões que começavam a ganhar vantagem. Ela olhou para o céu e viu os leves tufos de fumaça soprando de um escudo protetor acima de Gavaldon, que ela não podia deixar que se rompesse...

Eles precisam de mim. Eles precisam que eu destrua a aliança.

Uma onda dourada de calor irrompeu na ponta de seu dedo e o ar inflou seu peito. Com um grito de dor, ela se encolheu em posição fetal e se ajoelhou.

Pelos primeiros passos, ela só conseguiu rastejar, a visão estava tão enevoada e ruim que ela quase entrou diretamente no limo mortal da baía. Estreitando os olhos para o castelo do Mal, ela pôde ver Sophie passando pelas portas principais. Agatha sabia o quão vasto era o interior do castelo do Mal; se Sophie abrisse uma distância grande demais, ela jamais conseguiria encontrá-la antes do cair da noite... Em pânico, ela olhou para o céu acima da baía, e viu um pontinho de luz se pondo, ao leste. Restavam, no máximo, algumas horas.

Agatha forçou-se a ficar de pé, braços e pernas ainda travados, as pernas com espasmos de dor. Ela seguiu mancando, passou pela baía, foi se arrastando colina acima, na direção da entrada do castelo, e passou pelas portas. Ela a encontraria... *Tinha* de encontrá-la... Seus pés seguiram cambaleantes pelo piso de pedras do foyer, antes que escorregasse encostada a uma parede de retratos, descendo ao chão, já sem forças. O castelo estava em silêncio, o único som era uma goteira que pingava nas molduras dos retratos. Sophie já sumira há muito tempo.

Com a cabeça latejando, Agatha olhou os corredores desertos do foyer... a escada da antessala que levava às torres...

Não consigo me mexer. Não consigo mais. Como posso encontrá-la se não consigo me mexer? Ela se encostou na parede, tentando não entrar em pânico, tentando ver com clareza... *Vozes*. Ela ouviu vozes ecoando suavemente do outro lado das grandes portas duplas, no final da sala da escadaria. Nauseada de dor, Agatha se contorceu adiante, arrastando-se de barriga para baixo, que nem uma foca, com as mãos e os braços ainda paralisados. Pingando de suor, ela empurrou o rosto nas portas e espiou pela fresta entre elas.

Dentro da escuridão do Teatro de Fábulas, Lady Lesso e a Professora Clarissa Dovey estavam ajoelhadas no palco de pedra, debruçadas sobre uma imensa rachadura que revelava a Brigada de Traidores congelada lá embaixo. Uma névoa espessa e azulada emanava de dentro do calabouço glacial, iluminando os rostos das Reitoras. Do local em que estava, Agatha podia identificar Dovey usando a varinha para derreter uma das tumbas de gelo na

parede da masmorra, enquanto Lady Lesso tentava tirar a Professora Emma Anêmona de dentro, batendo no gelo com a ponta de seu salto fino.

“Lesso, querida, deixe para fazer a parte em volta dos lábios dela por último”, Dovey pediu, acima dos gritos abafados da Professora Anêmona. “Eu posso ficar sem ouvir Emma falar até que seja absolutamente necessário.”

O coque grisalho de Dovey e seu vestido verde com asas de besouro estavam encharcados; sem dúvida, em decorrência de ter sido libertada de sua própria tumba de gelo. Seu sorriso, no entanto, estava mais radiante do que nunca, como se ela tivesse esquecido seu tormento gélido no instante em que se reuniu à amiga e colega Reitora. Enquanto isso, no canto dos fundos do porão de névoa azulada, Agatha viu um novo acréscimo à Brigada: Aric, que estava amarrado e amordaçado, debatendo-se no chão nevado da masmorra. Apesar de seus músculos e sua altura, agora ele não tinha nada de intimidador, pois gemia e tremia, deitado de lado, com “VERME” entalhado em sua testa.

“Mãe, por favor!”, ele rugia com a mordaça, mas Lady Lesso o ignorava.

“Nós não poderíamos trancá-lo em seu dormitório, como fizemos com o restante dos professores do Mal?”, perguntou a Professora Dovey, franzindo o rosto para sua varinha. “Nós só precisamos mantê-lo fora do caminho, até que a guerra seja venci...”

“Aric ficará na Brigada”, determinou Lady Lesso.

“Mãe, me desculpe!”, ele gritava, tentando morder a mordaça, mas Lady Lesso ainda não olhava para ele.

“Ele é seu filho, por mais vil que seja”, apelou a Professora Dovey. “E deixar seu filho na Brigada, sozinho, parece um tanto...”

“Estou começando a ficar em dúvidas quanto a minha decisão de libertar você”, Lady Lesso disparou.

A Professora Dovey calou a boca e voltou a se concentrar em derreter a tumba, só para ver sua varinha tilintar novamente.

“Minha nossa, o que foi que o Merlin fez com a minha varinha? Se eu não estivesse congelada e paralisada, jamais teria deixado que aquele rato a tivesse levado...”

“Aí, eu mesma a teria tirado de você”, disse Lady Lesso, refazendo sua trança.

“Quem você acha que deixou o rato entrar na Brigada, Clarissa? Quem

você acha que mostrou onde você estava!?", gemeu Lady Lesso. "Eu realmente espero que a idade avançada não danifique o meu cérebro como fez com o seu."

"Se danificar, estarei lá para lembrar-lhe o que você acabou de dizer, querida."

"Você estará *morta*, Clarissa."

O som de duas Reitoras discutindo fez com que Agatha desejasse poder sair correndo e abraçá-las, mas seus braços ainda continuavam dormentes e seu corpo estava encolhido no chão, fraco demais para chutar a porta e abri-la, ou bater nela. Ela tentou gritar, mas a voz estava presa em sua garganta e não saía. Impotente, ela olhava a fada madrinha do Bem se debruçar acima da lateral do fosso com Lady Lesso, e finalmente puxar a Professora Anêmona para fora de seu túmulo de gelo, enquanto Aric se debatia e choramingava no chão.

"Ainda não vejo como uma professora de Embelezamento vai nos ajudar durante uma guerra", disse Lady Lesso, ofegante, enquanto ela e a Professora Dovey ergueram a colega para o palco de pedra, antes caírem de lado.

"Emma é uma amiga, Lady Lesso", Clarissa bufava, limpando o suor. "Uma amiga que teve a cortesia de me dizer seu primeiro nome."

"Nem meu filho sabe meu primeiro nome, e eu prefiro manter as coisas assim", disse Lady Lesso. "Se bem que se eu tivesse um nome tão sem graça quanto Emma, isso já seria motivo suficiente."

Até a Professora Dovey caiu na gargalhada. A professora de Embelezamento, com seus cabelos desgrenhados, sentou-se toda encharcada e tirou do bolso um espelhinho, para o qual olhou, piscando, de olhos arregalados, vendo sua maquiagem toda borrada e sua pele amarelada.

"Tudo se resume a isso? O Poderoso Bem reduzido à sombra do que foi um dia?"

"Uma sombra pela qual lutamos, Emma", declarou Clarissa, puxando-a na direção das portas do lado esquerdo, do outro lado do Teatro, de onde Agatha estava observando. "Agora, ande logo! Temos que chegar à Floresta Stymph e ajudar Merlin. O sol já está quase se pondo..."

"Espere", disse Lady Lesso. Ela parou na margem da Brigada reluzente, olhando para o filho amarrado no chão do calabouço coberto de neve.

"Clarissa, você tem certeza de que ninguém consegue abrir a Brigada, exceto os Reitores do Mal?"

“Os Reitores do Mal e seus superiores, e somente pelo lado de fora. Nem eu, nem meus colegas do Bem conseguimos abrir”, disse Dovey, olhando triste, para Aric. “Nem poderemos nós, uma vez que você trancar. Mesmo que quiséssemos.”

“Por favor, mãe!”, Aric cuspiu a mordaça. “Eu não vou machucá-la!”, ele chorava, repuxando as amarras. “Por favor, não me deixe sozinho outra vez! Eu serei bom de agora em diante... Serei um bom filho...”

O olhar intenso de Lady Lesso oscilou, analisando o rosto aterrorizado dele.

“Você tem certeza, Lady Lesso?”, perguntou a Professora Dovey. “Ele certamente pode mudar. Certamente, o amor de uma mãe...”

“Essa é a diferença entre o Bem e o Mal, Clarissa”, a Reitora do Mal disse com suavidade. “Nós sabemos que o amor nem sempre é o bastante para um final feliz.” Ela olhou para o filho, contraindo o maxilar. Aric viu a expressão em seu rosto.

“Mãe, *não!”*

Lady Lesso apontou o dedo e o teto da Brigada começou a se fechar, enquanto Aric gritava de pavor, com um uivo infantil desesperado que preencheu todo o teatro. Por um instante, Lady Lesso começou a tremer, os olhos molhados de lágrimas. Então, ela sentiu a mão de Clarissa pegando a sua, apertada e afetuosa. A Reitora do Mal se recompôs, limpando o rosto.

“Venham, meninas”, ela disse, séria, desviando dos lamentos de Aric. “Merlin precisa de nós...”

Uma luz rosa passou por ela e colidiu na Brigada, magicamente detendo as paredes que se fechavam. O impacto arrancou um pedaço do gelo da antiga tumba da Professora Anêmona e caiu, atingindo Aric na cabeça e deixando-o desacordado.

Estupefatas, Lady Lesso, a Professora Dovey e a Professora Anêmona viram Sophie em pé, à esquerda das portas, com a ponta do dedo acesa em rosa.

“Você não vai a lugar algum, Lady Lesso”, ela disse, num tom gélido.

Agatha estava sem ar, do lado de fora das portas do lado direito. Ela podia ver a aliança reluzindo no dedo da amiga... a aliança que ela tinha que destruir para salvar a vida de seu príncipe... Pensando em Tedros, Agatha ergueu-se até a maçaneta da porta, querendo se jogar para dentro...

Mas, e se ela assustasse as professoras? E se Sophie aproveitasse o

momento para atacá-las?

Ela não teria forças para lutar nem ajudá-las, se as coisas dessem errado. Desesperada, Agatha se conteve.

“Pegue Emma e vá para a Floresta Stymph, Clarissa.”

“Lady Lesso...”, a Professora Dovey começou a dizer.

“*Agora*”, Lady Lesso ordenou.

Clarissa não discutiu. Ela agarrou a mão da Professora Anêmona e saiu correndo do teatro pelas portas da esquerda. Sozinhas no Teatro de Fábulas, Sophie e Lady Lesso se encaravam sob a luz verde das tochas.

“Você disse que queria que eu fosse uma rainha lendária”, Sophie fervia, tremendo de ódio. “Você disse que queria que eu fizesse o Mal voltar a ser grandioso. Disse que queria que eu fosse *feliz*.”

“E eu quero”, confirmou Lady Lesso.

“Então, como você pôde trair a mim e ao único menino que me faz feliz?”, Sophie rosnava, aproximando-se dela.

“Porque em todos os seus anos em minha escola, Sophie, eu só a vi feliz na companhia de uma pessoa”, Lady Lesso falava calmamente, mantendo-se firme. “E não foi do Rafal.”

“Bem, caso você não tenha prestado atenção, Tedros e eu não nos entrosamos muito bem...”

“Também não é o Tedros.”

Sophie parou de se aproximar.

“Com Agatha sua alma é completa, Sophie”, disse Lady Lesso. “Sem ela, você jamais terá paz.”

Os olhos de Agatha se arregalaram do outro lado da porta, igualando a expressão de Sophie.

“Mas você disse que ela é minha Nêmesis”, Sophie debochou. “Você me disse para matá-la se eu pudesse...”

“Porque eu sabia que você não poderia. Agatha é, sim, sua Nêmesis. Mas somente porque você sempre acreditou que ela tem o final feliz que *você* merecia. Tudo o que você fez em seu conto de fadas foi tentar tirar esse final feliz dela, seja ao procurar ficar com o Tedros ou tentando substituí-lo por Rafal. Mas, e se você interpretou o conto de fadas de modo totalmente errado, Sophie? E se um menino nunca foi seu final feliz? E se o seu final feliz estivesse dentro de você, o tempo todo?”, a Reitora olhava para ela.

“Então, Agatha não é sua Nêmesis, é? Pois uma Nêmesis é alguém que se

fortalece enquanto você enfraquece, mas você e Agatha fortalecem uma à outra. Cada uma de vocês ensinou a outra sobre o amor verdadeiro. Sem você, Agatha jamais poderia ter se aberto para Tedros. E, sem Agatha, você jamais poderia encontrar o final feliz para o seu conto de fadas —, que é deixar sua amiga ir para Camelot com Tedros e saber que a felicidade dela também é a *sua*. Será que você não vê, Sophie? A única Nêmesis em sua história é *você mesma*. Porque para encontrar o amor verdadeiro com outra alma, como Agatha encontrou, primeiro você tem que encontrá-lo dentro de si mesma. Para encontrar um final feliz com outra pessoa, primeiro você tem de encontrá-lo sozinha. Exatamente como Agatha fez um dia, antes de conhecer você."

"Sozinha?", Sophie sacudiu a cabeça, a ira aumentando. "Você acha que o meu final feliz é sozinha? Eu achei que você e eu fôssemos parecidas. Achei que você fosse do *Mal*."

"E eu sou. Certamente mais do Mal que você", Lady Lesso respondeu. "Só que a diferença entre mim e você, é que eu sei o que o Mal significa."

"Ser espiã do Bem?", Sophie deu uma risadinha debochada e amarga.

"Aceitar o Bem como nosso igual."

O sorrisinho de Sophie desapareceu.

"Esse é o verdadeiro amor do Mal, Sophie", disse a Reitora. "Saber que o Bem tem o direito de prosperar e lutar pela felicidade tanto quanto nós. Pois, no fim, o Bem e o Mal são dois lados da mesma história; todo Bem vem do Mal e todo Mal vem do Bem. Assim como a morte de sua mãe fez com que você quisesse encontrar a verdadeira felicidade. Assim como o Felizes Para Sempre de Agatha, com um príncipe, vai ajudar você a encontrar o seu. Esse é o *equilíbrio* que sustenta nosso mundo. O equilíbrio que permitiu que o Diretor da Escola permanecesse jovem por todos aqueles anos, amando seu irmão do Bem como seu igual, mesmo que ele também fosse seu inimigo... Até que ele se esqueceu do poder daquele amor. Como você também se esqueceu."

"O que você poderia saber sobre o amor? Olha o que você fez ao seu próprio filho!", Sophie debochou, vermelha como um pimentão. "Só porque ficou com medo que ele te matasse..."

"A mim, não", Lady Lesso a corrigiu, sorrindo melancólica. "Eu *nunca* tive medo que ele me matasse. Eu fiquei com medo que ele matasse o único e verdadeiro amor que eu tenho nesse mundo."

Sophie encarou-a, desarmada.

“Por que você acha que eu me tornei espiã do Merlin?”, disse a Reitora. “Porque isso significava que quando chegasse a hora, eu poderia libertar Clarissa Dovey. Minha melhor amiga. *Minha* Agatha.”

“Você... você traiu o Mal por uma *amiga?*”, Sophie ficou lívida.

“Como você tem de fazer, quando chegar a hora”, disse Lady Lesso. “Porque o final feliz dessa amiga também será o seu, se você se permitir encontrar a paz ficando sozinha. Assim, o livro de história irá se fechar. Esse é o seu verdadeiro final, Sophie. E esse é um Felizes Para Sempre digno de luta.”

O rosto de Sophie ficou paralisado, seus cílios batiam mais depressa. Junto às portas do lado direito do salão, Agatha observava as duas, e sua cabeça foi ficando mais leve, seus músculos começaram a destravar, como se as palavras de Lady Lesso tivessem removido sua dor. Ela via os imensos olhos de esmeralda de Sophie fulminando a Reitora, e, por um instante, ela teve um vislumbre da velha amiga, ali, dentro daqueles olhos. Mas então, as pupilas de Sophie se insensibilizaram, o fogo amarelado retornou, e ela respondeu a Lady Lesso com deboche.

“Eu não tenho mais amiga. Eu tenho amor. Tenho um amor de verdade que vai durar para sempre. *Jamais* ficarei sozinha.”

“Se ao menos você pudesse se ver como está agora, Sophie”, disse Lady Lesso, com uma voz carinhosa e maternal. “Porque você nunca esteve *tão* sozinha.”

Sophie mostrou os dentes e disparou uma rajada de luz rosa em direção à cabeça da Reitora, mas Lady Lesso facilmente desviou o raio, que ricocheteou em Sophie, fazendo-a cambalear em direção ao fosso. Perdendo o equilíbrio, ela estendeu a mão na direção de Lady Lesso, ao oscilar para trás. Mas a professora não pegou a mão dela. Sophie mergulhou na névoa do calabouço, aterrissando de costas, sobre o tapete frio de neve. Encolhida de lado, Sophie ouvia sua própria respiração e o eco dos passos de Lady Lesso se afastando em direção às portas da esquerda.

Ela se levantou, com as costas doendo, e olhou para cima, as paredes das tumbas embaçadas pelo ar quente que vinha do teatro. Ainda abalada por seu encontro com a Reitora, Sophie estreitou os olhos, vendo as longas fileiras de sepulturas reluzentes em azul, que se estendiam à direita e à esquerda, abaixo do palco do teatro, adentrando a escuridão. Segurando nos cacos da antiga

tumba da Professora Anêmona, ela se levantou e ficou nas pontas dos pés, procurando um meio de sair da Brigada, mas as paredes tinham quase três metros de altura.

“Socorro...”, uma voz sussurrou. “Me ajude...”

Sophie viu Aric, de mãos e pés amarrados, retorcendo-se num canto escuro da Brigada. Suas têmporas estavam manchadas de sangue, onde o gelo o atingira.

“Por favor...”, ele gemia. “Eu vou nos tirar daqui... apenas me solte...”

Sophie não tinha a menor afeição pelo menino, mas ela não tinha muita escolha. Sem hesitar, ela se abaixou e queimou as amarras com a ponta acesa do dedo. Aric esticou as pernas, gemendo de dor.

“Basta me dar um impulso daquele túmulo quebrado, que eu já consigo alcançar o palco”, ele disse. “Depois eu puxo você quando estiver lá em cima.”

“Não, você me dá um impulso. Eu vou primeiro”, Sophie respondeu.

“De jeito algum você vai conseguir me puxar para cima daquele palco”, Aric disparou de volta.

“Aric...”

“Nós não temos tempo pra isso, Sophie.”

Sophie bufou zangada. Ela cravou a ponta do sapato na beirada da antiga tumba da Professora Anêmona. “Use a minha perna. Ande logo.”

Aric pousou o calcanhar na coxa dela, segurou numa ponta quebrada do gelo e se impulsionou para cima, escalando a parede de gelo. Sophie rangeu os dentes de dor, sustentando o peso dele em sua coxa por uma fração de segundo, antes que ele usasse sua força muscular para subir a beirada de gelo e alcançar a plataforma acima.

“Me puxa para cima!”, Sophie vociferou. “*Anda logo!*”

Aric se debruçou sobre ela. Então, apontou o dedo aceso para o teto do calabouço, que começou a fechar de novo, mais depressa que antes...

“O que você está fazendo?!”, Sophie gritou.

“Se não fosse por você, eu teria liderado o treinamento. E a guerra já estaria ganha.”

Os olhos violeta de Aric faiscavam em meio à névoa. Então ele sumiu de vista e logo Sophie ouviu o som das portas batendo atrás dele.

Conforme a Brigada se fechava, Sophie sentiu seu dedo queimando de medo. Ela lançou um raio de luz ao teto da masmorra, para mantê-lo aberto,

mas as laterais estavam se fechando rápido demais. Ela tentou novamente, mas não conseguia focar sua emoção como da última vez. Lady Lesso a deixara hesitante — o pânico e a dúvida faziam com que seu dedo piscasse...

Você nunca esteve tão sozinha. Ela não conseguia tirar as palavras da cabeça.

"Socorro! Alguém me ajude!"

Mas faltavam apenas alguns segundos para que o palco fosse lacrado. Ela ficaria presa dentro das tumbas. Ninguém saberia onde encontrá-la, nem Rafal, nem...

"*SOCORRO!* ALGUÉM ME AJUDE! POR FAVOR..."

Subitamente, uma sombra recaiu sobre ela. Sophie olhou para cima, para a silhueta iluminada em azul, estendendo o braço para dentro do fosso.

"Segure em mim!", uma voz familiar gritou.

Sophie ficou olhando Agatha, boquiaberta.

"Ande longo, Sophie! Antes que feche!"

Sophie agarrou a mão dela instantaneamente, enquanto sua melhor amiga começou a puxá-la para a salvar. A mão de Sophie escorregou e ela despencou no chão. Petrificada, deu um salto, segurando novamente a mão de Agatha...

Tarde demais. A fenda estava quase fechada. Agatha jamais tiraria Sophie a tempo. Ou Agatha a soltava, ou Sophie seria esmagada pelas laterais do palco.

"Não me deixe aqui!", Sophie resfolegou, segurando-se a ela. "Por favor!"

Desesperada, Agatha olhou para a mão de Sophie segurando a sua... a aliança do Diretor da Escola brilhando em seu dedo, como o último brilho de sol sobre seu príncipe, lutando por sua vida.

Não falhe comigo e eu não falharei com você, ecoava a voz de Lancelot.

Agatha não falharia.

Num segundo, ela apertou a mão de Sophie com força e pulou acima da beirada, mergulhando na névoa azulada, puxando a amiga de volta para baixo, para dentro da masmorra gélida, antes que esta se fechasse acima delas, com uma batida retumbante.

33
Uma Inesperada Lição de História

Com o teto fechado e sem aquecimento vindo do teatro, a masmorra tornou-se mortalmente gélida. As duas meninas cambalearam para ficar de pé e recuaram junto paredes opostas, iluminadas pela luz fria que emanava das tumbas. Cada uma delas estendia a ponta do dedo aceso, tentando recuperar o fôlego, enquanto olhava nos olhos uma da outra.

“O que você vai fazer? Me matar?”, disse Agatha, ofegante, tremendo em sua capa preta. “Ainda assim, isso não irá tirá-la viva daqui.”

“E você, consegue?”, disse Sophie, de cara feia, com a ponta do dedo fumegante, em meio ao ar gélido. “Você, que faz qualquer coisa para me obrigar a destruir minha aliança? Que me persegue, me provoca, me machuca... aposto que você tem uma varinha nesse seu bolso, pronta para apontar para minha cabeça. Vá em frente. Pode me ameaçar, Aggie. Pode me fazer uma ameaça de vida ou morte. Eu prefiro morrer a destruir essa aliança por você.”

Agatha ficou quieta, fraca por causa do feitiço de choque e pelo frio. Ela olhou para além de Sophie, para as longas fileiras de túmulos que adentravam a escuridão. Ela não pôde deixar de dar risada diante da ironia de tudo isso.

“Você acha isso engraçado?”, Sophie irritou-se.

“É só que... foi assim que Tedros e eu começamos, quando voltamos para salvar você”, disse Agatha. “Ficamos presos numa sepultura.”

“E agora, você está aqui comigo, tentando encontrar um jeito de salvá-lo”, Sophie ironizou. “Sempre a salvadora, Aggie. Sempre tão do Bem. Como eu poderia me igualar a você, algum dia?”

“Amizade não é uma competição.”

“Olha só quem fala, a amiga que tornou a amizade uma competição”, respondeu Sophie, apontando o dedo aceso para o coração de Agatha. “Você e seus velhos subordinados querem que eu destrua o meu verdadeiro amor para que você possa manter o seu. E se, em vez disso, eu destruir *você?”*



“Ele não é seu verdadeiro amor”, disse Agatha, esforçando-se para se manter calma. “Ele está te usando para conseguir o final que ele quer.”

“Da mesma forma que você está tentando me usar para conseguir o seu”, Sophie retrucou, com o dedo reluzindo ainda mais quente. “Mesmo que eu acabe sozinha.”

“Meu final inclui você, Sophie”, Agatha enfrentou o olhar dela. “Mesmo que eu esteja com Tedros. Nunca deixarei você para trás, por mais que você seja do Mal, não importa quantos meninos entrem em nosso caminho, ou quão mais velhas estejamos. Nós somos mais fortes que o Bem e o Mal, que Meninos e Meninas, que Velhos e Jovens. Somos melhores amigas.”

A fúria sumiu do rosto de Sophie.

“E, ainda assim, não conseguimos encontrar um final feliz juntas, por mais que tentássemos”, ela disse, agora com a voz mais amena. “Todos os caminhos nos deixam encurraladas.”

Agatha se ateve às palavras de Cinderela.

“Não desista de nós, Sophie.”

“Você sabe o que está me pedindo, Aggie?”, o brilho do dedo de Sophie diminuiu, seus olhos brilhavam como esmeraldas lapidadas. “Você está me pedindo para jogar fora o meu Felizes Para Sempre em nome do seu, e ainda ser feliz. Você está me pedindo para acabar igual à minha mãe, só que pior, porque você quer que eu vá *viver* como vocês dois. Seria como as irmãs de criação de Cinderela indo viver com ela e o príncipe, no palácio, como uma imensa família feliz para sempre. Sabe por que nunca vimos isso em um livro

de história? Porque isso *jamais poderia acontecer*."

Agatha olhava para ela, com o brilho de seu dedo diminuindo também. O rosto de Sophie ficou sério outra vez.

"Mas também seria tolice matá-la agora", ela concluiu, com a voz gélida. "Ajude-me a encontrar um jeito de sair daqui e quem sabe você consegue voltar a ver seu precioso príncipe."

Ela ajustou a aliança no dedo e saiu andando, adentrando mais a Brigada. O coração de Agatha murchou, vendo a silhueta de Sophie vestida de couro preto, afastando-se dentro da névoa. Onde estaria Tedros, nesse momento? *Será que ainda estava vivo?* O sol devia estar em suas últimas gotas, com menos de uma hora restante...

Não. Eu não posso pensar nisso. Um herói sempre encontra uma saída. Tedros encontraria uma saída. Agatha respirou fundo e se forçou a ir atrás de Sophie.

"Deve haver uma porta secreta em algum lugar", a voz de Sophie ecoou.

Agatha não conseguia acompanhá-la, suas pernas ainda latejavam, seus dentes começavam a bater. Mancando, ela olhava os caixões em paredes opostas, ocupados pelos que haviam traído seus deveres para com o Mal. O Professor Espada, que dava aulas de esgrima... o Professor Lukas, que lecionava cavalheirismo aos meninos... Albemarle, o pica-pau de óculos que era encarregado da Sala de Embelezamento... cada um deles recém-sepultados, ao se recusarem a servir o jovem Diretor em sua nova escola. Lesso e Dovey não tiveram tempo de salvá-los, mas todos três ainda estavam vivos e saudáveis, com olhos arregalados, piscando como bonecos, através do gelo, encurralados. Pelo menos, eles ainda estavam vivos, ela pensou, porque agora ela via mais adiante caixões mais velhos, sombrios e cheios de teias de aranha, com cadáveres putrefatos dentro deles. Cada um tinha uma plaquinha de aço na lateral, em branco, esperando para ser preenchida.

Conforme Agatha seguia em frente, ela passou pelo túmulo de um menino adolescente de cabelos pretos cacheados e, subitamente, notou que as placas não estavam em branco. Havia marcas entalhadas no aço. Uma série de bolinhas em relevo, pequeninas como cabeças de alfinetes, dispostas em fileiras alinhadas.

Seu coração começou a bater mais depressa. O Professor August Sader, que era cego, não podia escrever história com palavras, como um historiador normal. Mas ele vira a história de uma maneira que ninguém mais podia ver,

e achou um meio de ajudar seus alunos a verem também, usando pontinhos mágicos como os que Agatha estava vendo agora. Sem ar, ela não pôde resistir a passar as pontas dos dedos em cima das bolinhas.

Um sopro de ar prateado emanou da placa, rodopiando e formando uma silhueta humana tridimensional do tamanho de uma fada. O Professor Sader sorria para Agatha, como se pairasse em pleno ar, usando seu habitual terno de trevos, seus cabelos grisalhos estavam arrumados e limpos, seus olhos castanhos cintilavam com vida. Por um instante, Agatha ficou radiante e surpresa, achando que ele estivesse olhando para ela, antes que o olhar de Sader se fixasse além dela, dirigido a uma plateia maior.

"O próximo traidor em nosso circuito é Fawaz, de Shazabah, um capanga ordenado por um sultão do Mal a esconder uma lâmpada mágica onde ninguém pudesse encontrá-la, mas Fawaz tentou ficar com ela. O sultão o capturou e mandou matá-lo, antes que ele fosse trazido aqui para a Brigada, para ficar em exposição permanente. Para sua prova final do segundo ano, você não precisará saber *qual* foi o sultão que ele traiu, mas fique de olho em Fawaz, que tem um papel crucial no modo como Aladim virá a encontrar sua lâmpada mágica..."

É claro que ele não me viu, Agatha suspirou, seguindo em frente. Primeiro, Sader era cego; segundo, ele estava morto; e, terceiro, agora ele não passava de um fantasma. Sem dúvida, ele deixara aquelas placas para trás para as futuras turmas de história, depois que previu a própria morte, assim como ele uma vez tinha retificado os livros para incluir seu obituário. Agatha não conseguia mais enxergar Sophie em meio à névoa.

O que o Sader me mandaria fazer?

O sol ia se pondo... o escudo estaria caindo... Tedros em dificuldades... uma aliança no dedo de sua melhor amiga era a única maneira de sair...

Um final feliz bem debaixo de seu nariz.

Isso que ele diria. As lágrimas brotaram nos olhos de Agatha. Ele sempre foi como um pai para ela. Às vezes, em seus sonhos, ela o via com seus cabelos grisalhos e olhos brilhantes, olhando para ela com o sorriso mais bondoso do mundo. Mas quando ela acordava, sabia que ele não era real, assim como não era real agora. Assim como não havia nada debaixo de seu nariz, além de escuridão e neve.

Enquanto passava apressada pelas tumbas, ela corria os dedos pelas placas, para poder ver o rosto dele surgindo, repetidamente, as vozes se

sobrepondo à imagem de Sader explicando sobre cada um, até que a masmorra inteira ecoava com os tons profundos da voz do Professor. Não importava se não era real, pensou Agatha. Havia algo tranquilizador em ouvi-lo, como se ela estivesse segura e protegida, contanto que Sader estivesse falando...

Só que agora ela podia ver a sombra de Sophie, parada diante de um dos túmulos à frente. Agatha sentiu um aperto na barriga.

"Você encontrou uma saída?", ela pressionou. "É uma porta secre..."

Sophie não respondeu. Ela estava contemplando uma bela mulher de vestido branco de seda, seus olhos estavam fechados dentro do caixão, seu rosto estava sereno, como uma princesa esperando para ser beijada. Ao contrário dos outros cadáveres em decomposição, ela tinha uma pele imaculada, cor de baunilha, lábios sedutores e os cabelos mais lindos, compridos e louros, como ouro em pó. A julgar pela palidez de sua boca e a pela com textura encerada, estava claro que ela foi morta e embalsamada muito antes de ter sido colocada em seu túmulo gélido.

"Quem é essa?", Agatha indagou, mas Sophie não respondeu.

Atrás delas, as vozes gravadas de Sader haviam se calado. Agatha franziu o cenho.

"Sophie, nós não temos tempo para ficar aqui paradas, olhando mulheres mortas que por acaso se parecem com você...", seu coração parou. *Não*. "Essa é... *é ela?*", Agatha falou sem pensar. "Essa é..."

"Minha mãe", disse Sophie, com a voz inexpressiva. "Seu corpo sempre esteve aqui na Floresta. A sepultura no Cume Necro não era um equívoco. Alguém deve tê-la trazido pra cá."

"Mas isso é impossível!", Agatha ergueu novamente os olhos para Vanessa e viu o quanto ela se parecia com Sophie. "Não é?"

"Só há um meio de descobrir", disse Sophie, com a voz rouca.

Agatha seguiu seu olhar até a placa na sepultura de Vanessa, e nos pontinhos prateados gravados no aço.

"A história dela está gravada nesses pontinhos", Sophie prosseguiu, com a voz trêmula. "A resposta para a lápide no Cume Necro. De por que ela está aqui, no calabouço do Mal", Sophie olhou para a amiga. "E, talvez, o motivo para que nós duas estejamos nesse conto de fadas, juntas."

Agatha ficou na expectativa, observando Sophie estender a mão trêmula e passar os dedos sobre o pontilhado. Uma nuvem prateada emanou da placa,

novamente se fundindo à miniatura da silhueta de Sader. Só que dessa vez, ele não estava mais sorrindo, nem à vontade. Ele estava com os ombros tensos, o maxilar contraído e os olhos castanhos fixos nelas.

"Não temos muito tempo, meninas. Se vocês estiverem vendo isso, minhas visões se provaram verdadeiras e vocês estão se aproximando do final de sua história."

"Mas, Professor Sader, o que acontece..."

"Videntes mortos tampouco podem responder perguntas, Agatha, embora eu já soubesse que você faria pelo menos uma, porque sou vidente e vi isso. Mas, até que essa gravação termine, nenhuma de vocês voltará a me interromper. Não há tempo para interrupções."

Agatha e Sophie se entreolharam. *Isso quer dizer que tudo acaba num final feliz,* pensou Agatha, *com a esperança renovada. Sader vê o futuro... ele sabe que nós saímos vivas...*

"Eu não sei como termina o conto de fadas de vocês duas", Sader continuou, sério, sustentando o olhar de Agatha que o observava novamente.

"Minhas visões param depois que você e Sophie surgem à minha frente, ouvindo esta mensagem. A partir daqui, eu não sei se vocês vivem ou morrem, se terminam como amigas ou inimigas, ou se alguma de vocês sequer terá um final feliz."

Agatha sentiu a esperança se esvair.

"O que eu sei, no entanto, é que vocês não têm como chegar ao final de seu conto de fadas, se não souberem como ele começou. E ele começou muito antes de vocês virem para a Escola do Bem e do Mal. Cada antiga história dá origem a uma série de acontecimentos que levam a uma nova história. Cada nova história tem suas raízes na história antiga. A história de vocês, mais que todas."

Ele elaborou um livro de história duas vezes maior que corpo de uma fada, e o deixou flutuar em direção às meninas. Ele tinha uma capa de madeira de cerejeira, exatamente igual ao *A História de Sophie e Agatha,* no qual o Storian está escrevendo, nesse momento, na Torre do Diretor da Escola. Só que quando Agatha olhou mais atentamente, ela percebeu que esse não era o conto de fadas dela e de Sophie. O título desse era:

A História de Callis e Vanessa

Agatha viu que o corpo inteiro de Sophie se contraiu.

"Ela *esteve* num conto de fadas", Sophie resfolegou.

“E agora está na hora de vocês entrarem”, Sader disse e abriu o livro na primeira página. Uma baforada de névoa emanou acima do livro, junto com uma cena fantasmagórica de uma casinha comum.

Agatha e Sophie ficaram olhando a pequena imagem, confusas.

“Eu nunca fui muito fã dos feitiços da minha irmã Evelyn, mas havia um que eu gostava um bocado”, explicou o Professor Sader, com um sorriso se abrindo. “Podem dizer o que quiserem sobre ela, mas quando Evelyn Sader contava uma história... ela fazia com que você se sentisse dentro *dela*.”

O professor ergueu o livro aberto e soprou a cena fantasmagórica. Com um crepitar, a cena se estilhaçou em mil pedaços que choveram nas duas meninas como se fosse uma tempestade de areia e vidro. Agatha protegeu os olhos, enquanto seu corpo flutuava pelo espaço, até que seus pés tocaram o chão, ao lado de Sophie. Elas lentamente ergueram os olhos.

Elas estavam dentro da casinha que viram na página do livro, o ar era pesado e nebuloso ao redor delas, dando uma sensação vaporosa ao ambiente, como se não fosse exatamente real. Agatha reconheceu o efeito, pois era assim que Evelyn Sader as trouxera para seus contos adulterados, um ano antes. Agora, August Sader as trouxera para dentro de uma história que elas nem sabiam ter existido. Agatha olhou a cozinha familiar e branca, a mesa redonda de jantar...

“Espere um segundo...”, ela começou a dizer.

“Essa é a minha casa”, disse Sophie, também percebendo.

“Mas, se essa é sua casa, então, quem é aquela?”, Agatha franziu o rosto.

Sophie seguiu seus olhos até uma menina magrinha de cabelos negros, num canto, olhando emburrada pela janela. Ela tinha um nariz empinado, olhos castanhos grandes, e lábios rosados e finos. Ela não poderia ter mais que 16 anos.

“É... *você*...”, respondeu Sophie, estudando-a. “Só que não é você.”

Decididamente, não sou eu, pensou Agatha, porque aquela garota tinha uma boca cruel e um brilho pernicioso nos olhos. Havia algo sombrio e venenoso nela que fez com que Agatha a temesse, mesmo sendo apenas um fantasma. Ela nunca tinha visto a menina. Não fazia ideia de quem era e por que ela estava na casa de Sophie. Mas uma coisa era certa: algo que a menina via através da janela, o que quer que fosse, tinha sua total atenção e profundo desprezo.

“Era uma vez, uma terra além da Floresta, onde morava uma menina

chamada Vanessa", disse o Professor Sader.

Sophie e Agatha ficaram imóveis, de olhos arregalados, a respiração ofegante. Elas não se olhavam. Nem falavam. Observavam, boquiabertas, a menina de cabelos escuros, que parecia profundamente diferente da mulher loura que elas tinham acabado de ver na tumba congelada. Porque se, essa era Vanessa, então elas tinham imaginado essa história totalmente diferente.

"Vanessa era uma alma miserável que se achava muito melhor que a cidade onde ela vivia", disse Sader. "Talvez ela tivesse se tornado uma aluna regular na Escola do Mal, exceto por um raio de luz em meio à escuridão de seu coração..."

A cena magicamente entrou em zoom, portanto, agora, Sophie e Agatha podiam ver o que a menina estava olhando pela janela... Um jovem adolescente ia passando, com seus cabelos louros ondulados, um porte altivo e vigoroso, olhos verdes-azulados e um sorriso temerário.

Stefan, pensou Agatha, mais uma vez arrebatada pela semelhança com August Sader, mesmo ainda menino. Mas não era para Stefan que Vanessa estava olhando, conforme ele passou por sua casa. Era a menina gorducha de cabelos desgrenhados e expressão meiga, caminhando de mãos dadas com ele.

"*Honora*", Sophie sussurrou. Sader continuou:

"Desde o dia em que pousou os olhos nele, Vanessa se apaixonara pelo jovem Stefan. Não que eles se conhecessem. Vanessa fantasiava com ele, de longe, desejando que ele a salvasse de sua vida horrenda. Dia após dia, ele era sua única fonte de felicidade. Apesar do fato de suas almas serem espelho uma da outra. Enquanto Vanessa era calculista, controladora e desdenhava de seus colegas moradores da vila, Stefan era jovial, gregário e um favorito dos Anciões. Não que ele não também tivesse os seus defeitos: Stefan era despreocupado de um jeito que obrigava as mães a manterem as filhas longe dele. Mas se Vanessa achava que isso abria o caminho para que Stefan a escolhesse, isso logo mudaria, pois Stefan se apaixonou por uma garota chamada Honora, que, apesar de sua aparência comum, compartilhava do mesmo espírito jovial e brincalhão que ele. Stefan não tinha olhos pra mais ninguém."

Vanessa olhava mais fixamente para Honora, que remexia nos cabelos de Stefan, até que Honora percebeu alguém olhando pela janela e Vanessa rapidamente fingiu que estava lavando louça.

“Desnecessário dizer que Vanessa não viu o menor traço de bondade em Honora, e a enxergava somente como uma bruxa do Mal. Vanessa passava a maior parte do tempo tramando um meio de separar aquela bruxa de Stefan, antes de bolar o plano perfeito. Afinal, que melhor maneira poderia haver para se aproximar de seu verdadeiro amor, do que tornar-se amiga da bruxa?”

A casinha em volta delas sumiu e foi instantaneamente substituída pela praça da cidade, onde Vanessa e Honora caminhavam, de mãos dadas, enquanto Stefan passeava ao lado delas.

“E Honora, que era tão afável quanto Stefan, foi mais do que receptiva a uma nova melhor amiga. Enquanto isso, Vanessa finalmente teve sua chance com o menino de seus sonhos...”

Vanessa se aproximava de Stefan, pelo caminho, e sorria pra ele... Ele se afastava, ignorando-a.

“Mas havia uma falha no plano de Vanessa: Stefan não gostava dela. E não havia nada que Vanessa pudesse fazer para mudar isso”, declarou o Professor Sader.

A praça da cidade se dissipou e agora Vanessa estava ajoelhada no cemitério, à noite, perto da margem da Floresta, rezando no escuro com as mãos unidas, em prece.

“Então, a jovem Vanessa fez aquilo que os livros de histórias a ensinaram a fazer quando se ama alguém que está fora de seu alcance. Ela pediu à Floresta que lhe desse um feitiço que ajudasse a ganhar seu único e verdadeiro amor.”

A cena começou a sumir ao redor das duas meninas.

“A história de Vanessa, no entanto, não é a única história de amor que importa nesse conto de fadas...”, ecoou a voz de Sader.

Cores ilusórias se mesclavam ao redor delas, e agora elas estavam na Torre do Diretor da Escola, enquanto o feiticeiro mascarado entrava voando pela janela, carregando uma jovem atraente nos braços, com cabelos castanhos curtos, olhos imensos e lindos braços esguios e bronzeados.

“Porque enquanto Vanessa rezava pelo coração de Stefan, o Diretor da Escola estava tentando ganhar o de Callis.”

“*Callis*?”, Agatha quase engasgou com a língua, arregalando os olhos, vendo a mulher de postura elegante, cachos castanhos, pele sardenta. “Mas essa não pode ser Callis. Ela não se parece em nada com...”

Algo pulou do vestido preto da mulher, dando um salto no chão. Um

gatinho pequeno, enrugado e careca. *Reaper*.

Agatha empalideceu. Merlin tinha contado parte dessa história, que o Diretor da Escola quis o amor de sua mãe, mas a mulher nos braços dele não se parecia em nada com sua mãe. Ou parecia?

Mas quando Agatha olhou mais atentamente para os olhos grandes e lúcidos, o nariz comprido, ela começou a ver traços da mãe, como uma escultura que havia sido deliberadamente alterada. Algo que Merlin dissera lhe ocorria agora, algo que ele mencionara no Celestium, quando ela estivera lá com ele, pela primeira vez... algo sobre Callis ser bem bonita, antes de Tedros bufar, incrédulo... Agatha viu o Diretor da Escola levando a mulher para seus aposentos, Reaper caminhando ao seu lado.

Era, sim, a sua mãe. Mas, então, por que não se parecia com ela?

Ela saiu do transe, pois Sader já seguira adiante.

"O Diretor da Escola estava curioso sobre aquela nova professora, Callis da Floresta de Baixo, que o Storian havia escolhido para sua história mais recente, depois que ela assumiu um cargo lecionando Enfeiamento, na escola. Segundo o Storian, Callis há muito sonhava em encontrar seu verdadeiro amor, embora ela lecionasse na Escola do Mal. Na verdade, Callis já não sabia mais se era realmente do Mal. Dessa forma, quando o Diretor da Escola se apaixonou por ela, um Diretor que, à época, todos julgavam ser do Bem, Callis viu sua saída. Uma chance de mudar de lado para o Bem e finalmente encontrar o verdadeiro amor.

O Diretor da Escola mascarado tirou do bolso uma aliança de ouro e se ajoelhou diante dela. Ela lentamente estendeu a mão para a aliança, mas... subitamente, parou. Ao olhar atentamente para a aliança, ela viu as marcas negras por baixo do ouro, como um veneno esperando para se fixar naquela que a colocasse no dedo.

"Até que ela percebeu quem o Diretor da Escola *realmente* era."

A cena surgiu num lampejo, mostrando Callis fugindo pela escuridão da Floresta, na chuva, com um gatinho careca e enrugado embrulhado em seus braços.

"Ela o enrolou por uma noite, mas na noite seguinte, depois das aulas, ela partiu em fuga. Ela tinha de alertar Merlin que ele estivera certo quanto ao Diretor da Escola ser do Mal e usá-la como arma contra o Bem. Tudo que Callis sempre quis foi o verdadeiro amor e, em vez disso, ela havia encontrado um vilão tentando usar esse amor para começar uma guerra. Ela

xingou a si mesma por não ter aceitado a ajuda de Merlin quando ele tentou vê-la, na escola. Agora, não havia tempo para encontrar o mago. Quando o Diretor da Escola percebesse que ela tinha fugido, ele certamente iria encontrá-la e a mataria, já que ela havia descoberto o segredo por trás de sua máscara. Só que não havia um lugar onde ela pudesse se esconder, onde ele não a encontrasse. Lugar algum que fosse isento de seu poder...”

Callis subitamente parou, ouvindo um coro de sussurros baixos flutuando ao vento.

Eu desejo. Eu desejo. Eu desejo.

“Como todas as bruxas, Callis ouvia os pedidos dos que estão realmente desesperados, a ponto de pagarem um preço. Mas esse pedido não vinha da Floresta. Vinha de Além da Floresta, onde o Diretor da Escola não exercia poder algum. Callis disse a si mesma que não pediria um preço para atender a esse pedido — somente uma chance de virar a página e viver uma vida livre do Mal. Atender a esse pedido seria sua primeira boa ação, algo em favor do Bem. E assim, a bruxa que sonhava com seu único e verdadeiro amor, seguiu o pedido... Callis rastreou os sussurros até o Cume Necro, a uma sepultura aberta e sem identificação, no alto da colina. Ela cavou até o fundo de uma cova vazia, com Reaper ajudando, cada vez mais fundo... até chegar à menina no Mundo dos Leitores, sonhando com o seu único e verdadeiro amor.”

Quando Callis saiu do outro lado da sepultura, ela se viu no cemitério de Gavaldon, em pé, diante de uma garota de cabelos escuros, ajoelhada no capim. Vanessa olhou para Callis e sorriu, sabendo que seu pedido finalmente havia sido concedido.

De repente, Agatha e Sophie estavam de volta à Torre do Diretor da Escola, enquanto o feiticeiro mascarado observava o livro de história aberto no altar, com o Storian paralisado em cima dele.

“Durante esse tempo, o Storian vinha escrevendo o conto de fadas de Callis, mas, quando ela desapareceu, a caneta ficou imóvel, como se tivesse perdido contato com ela. Desconfiando que tinha sido traído, o Diretor da Escola ordenou que seus stymphs encontrassem Callis e a trouxessem viva até ele. Mas quando eles não conseguiram encontrá-la e não havia qualquer sinal de que ela tivesse passado para o lado de Merlin, o Diretor da Escola presumiu que Callis estivesse morta. Suas suspeitas se confirmaram quando o Storian abandonou o conto de fadas dela e começou a escrever outro. Para o Diretor da Escola, a história de Callis havia sido concluída e esquecida.”

A cena desapareceu e as meninas estavam num breu absoluto, com a pequena silhueta de Sader levitando acima delas.

“Porém, ao contrário do Diretor da Escola, eu tinha o poder da vidência, o que significa que eu conseguia ver o que acontecia depois que o Storian parava de escrever. Sem que o Diretor da Escola soubesse, Callis não estava morta e sua história estava longe de terminar.”

Sophie e Agatha se olharam, abaladas.

“Depois de deixar a escola, Callis nunca mais quis ter algo a ver com o Mal nem com bruxaria. Mas ela não tinha desistido de seu sonho de um verdadeiro amor. Vendo o quão seguro e singular era Gavaldon, ela alimentou fantasias de recomeçar e encontrar um novo caminho como Leitora”, prosseguiu Sader. “Mas ela ainda devia um pedido a Vanessa, já que optar por atender a esse pedido lhe proporcionara um refúgio seguro do Diretor da Escola. Callis prometera que esse seria seu último ato de magia, antes de ingressar numa vida comum. Assim, ela fez a poção do amor que Vanessa havia desesperadamente desejado. Mas Callis alertou: a poção só duraria uma noite, pois as questões do coração eram delicadas demais para magia, e o uso de qualquer feitiço amoroso para objetivos de longo prazo levaria a finais muito infelizes. A magia sempre teve o seu preço.”

Uma nova cena se materializou, e Sophie e Agatha estavam num pub lotado, onde Stefan entrou com os amigos.

“Vanessa não deu a menor atenção”, disse Sader.

Stefan pousou sua bebida numa mesa e uma sombra encapuzada passou sorrateiramente e despejou um frasco de líquido vermelho dentro do copo, pouco antes que Stefan o pegasse.

“Ela enganou Stefan, que bebeu a poção enfeitiçada e instantaneamente se apaixonou por ela. E embora o feitiço logo tivesse passado, conforme Callis havia alertado, a poção tinha um efeito bem mais duradouro, pois não demorou para que Vanessa batesse na porta de Stefan e lhe dissesse que estava esperando um filho dele. O que significava, segundo a Lei do Conselho, que ele teria de se casar com ela.”

A cena mudou para Honora e Stefan numa discussão inflamada, na varanda da casa de Honora.

“Furiosa, Honora rompeu com Stefan. Como ele pôde trair sua confiança? E com ninguém menos que sua melhor *amiga*? Stefan jurou que havia sido magia negra. Ele não sentia amor por Vanessa e, quando foi à casa dela, para

confrontá-la, ele notou uma estranha convidada em seu quarto. *Ela* tinha feito isso, ele disse a Honora. A estranha. Ele viu a culpa nos olhos dela. Aquela bruxa havia lançando um feitiço nele — ele tinha certeza! Como Vanessa podia fazer algo tão cruel? Prendê-lo num casamento usando um filho? Uma criança inocente? Ele temia que, de alguma forma, o feitiço fosse um tiro pela culatra... Mas Honora não queria nem ouvir. Stefan implorou que ela não desistisse dele, mas não adiantou. Não importava o que ele dissesse, Honora não acreditava em sua história e não queria ter mais nada a ver com ele. Então, Stefan levou seu caso aos Anciões."

Agora as garotas estavam ao ar livre, na praça, à noite, com uma turba de espectadores assistindo Callis amarrada a uma pira com uma tocha acesa, enquanto três Anciões barbudos presidiam a cerimônia do palanque.

"Os Anciões acreditaram nele, pois Stefan sempre havia sido um filho amado. Além disso, há anos os Anciões vinham conduzindo caçadas às bruxas em busca de qualquer um que pudesse ser o responsável pelo sequestro das crianças que continuava a acontecer, a cada quatro anos. Portanto, quando Stefan apontou o dedo para Callis — uma mulher estranha e descasada, que eles nunca tinham visto na cidade — os Anciões finalmente encontraram sua bruxa.

O executor estendeu a mão até a tocha acima da pira de Callis. Sophie e Agatha viam Stefan na lateral do palco, olhando fixamente para Callis, enquanto o executor baixava a chama até os gravetos embaixo da bruxa. O rosto de Callis estava inundado de lágrimas de terror e arrependimento; ela se arriscara num último ato de magia em troca da chance de uma vida de bondade e amor, e agora, em vez disso, ela seria assassinada como uma bruxa do Mal. Enquanto ela chorava pelos erros de sua vida, as chamas iam se espalhando sob seus pés, Stefan a observava e seu rosto também começou a se abrandar.

"Quando ele a viu, naquele momento, uma alma de coração humano, como o dele, Stefan percebeu que não queria carregar a responsabilidade pela morte de outra pessoa", explicou o Professor Sader. "Embora ainda acreditasse que Callis fosse uma bruxa, ele mudou sua história e concordou em se casar com Vanessa para salvar a vida de Callis. Segundo as condições impostas pelos Anciões para poupá-la, Callis teria que se mudar para o cemitério e manter-se, para sempre, fora dos assuntos do povo da cidade. Ela jamais poderia se casar com um homem da vila, nunca poderia ter uma loja

na praça, ou uma casa na rua das casinhas... mas manteria sua vida, mesmo que fosse uma vida sem amor. Assim como Stefan, que, ao salvá-la, também havia sido condenado a uma vida sem amor ao lado de Vanessa."

Agatha não conseguia respirar, vendo Stefan libertar Callis da pira.

"A dívida", ela sussurrou. "Essa era a dívida que ela tinha com ele."

"Mas ela parece tão diferente de sua mãe, Aggie", Sophie meneou a cabeça.

"Sua mãe também", disse Agatha.

As garotas se viraram de volta para a história, conforme a cena se fundia a um casamento ostentoso e ensolarado, na igreja da cidade. Stefan estava em pé, no altar, ao lado de Vanessa, grávida. Ele nunca pareceu mais infeliz.

"Stefan se casou com Vanessa, enquanto os pais de Honora logo a obrigaram a se casar com o odioso filho do açougueiro. Agora, Vanessa tinha tudo que sempre quisera. Seu único e verdadeiro amor e, para mantê-lo, um filho a caminho. A garota que ele amara um dia, agora estava fora do caminho, casada com outro. Um final perfeito para um conto de fadas. Ou, assim ela pensava. Porque Vanessa não contava com uma coisa..."

A igreja sumiu e, agora, as meninas estavam em Graves Hill, no meio da noite. Com o rosto entristecido, Stefan jogava pás de terra para encher o restante das duas pequenas sepulturas. Vanessa observava, chorando.

"O medo de Stefan, de que o feitiço fosse um tiro pela culatra, tornou-se realidade. Vanessa deu à luz dois meninos. Ambos nasceram mortos."

A cena mudou e Sophie e Agatha estavam de volta onde começaram: na casinha de Sophie, acesa por um sol poente vermelho, com Vanessa olhando pela janela da cozinha. Seus olhos estavam em Stefan, que descia a rua apressado, com um casaco de capuz, antes que Honora o colocasse rapidamente para dentro de sua casa.

"Nos anos que se seguiram, Vanessa tentou tudo que pôde para ter um filho com Stefan, mas seus esforços fracassaram, repetidamente. Logo Honora desconfiou que Stefan sempre estivera dizendo a verdade: Vanessa o enganara para que ele se casasse com ela. Com Honora tão infeliz com o marido, quanto Stefan estava com Vanessa, Honora e Stefan começaram a se ver novamente, em segredo."

Agora, as meninas estavam na casa de Agatha, em Graves Hill, vendo Vanessa encarando Callis, com raiva.

"Vanessa visitou todos os médicos em Gavaldon, e todos concordaram

que ela jamais teria um filho. Enfurecida, ela voltou a Callis e exigiu uma nova poção que pudesse ajudá-la a ter um filho de Stefan. A menos que ela tivesse um filho — um filho que provasse que o amor dos dois era verdadeiro — Stefan jamais acreditaria no casamento deles. Callis recusou-se, insistindo que havia encerrado com a magia para sempre e só queria ficar na dela, conforme as ordens dos Anciões. Mas Vanessa lhe ameaçou: disse que procuraria os Anciões e lhes diria que Callis lhe jogara uma praga para que nunca tivesse filhos; que ela também estava praguejando outras mulheres da cidade; que ela era a responsável pelas crianças sequestradas... Callis sabia que não havia como impedir Vanessa. Sua única opção era ajudá-la."

A cena avançou e as meninas ficaram vendo Vanessa beber um tônico preto fumegante de uma tigela de madeira.

"Callis alertou Vanessa de que a magia não poderia forçar a união de almas para ter um filho, como o amor faz, já que a magia não é capaz de forçar o verdadeiro amor. Ao tentar unir duas almas com um filho, usando magia, você só separa ainda mais essas almas", Sader continuava. "Mas, assim como antes, Vanessa simplesmente não deu ouvidos, e estava determinada a ter um filho de Stefan. E não tardou para que uma criança saudável começasse a crescer dentro dela."

A noite recaiu mais escura sobre a casa. Vanessa agora estava num doloroso trabalho de parto, enquanto Callis a confortava.

"A Criança Milagrosa, conforme os médicos a chamavam. Vanessa prometera a Stefan que seria um menino, e tão bonito quanto ele. Ao ver Vanessa novamente esperando um filho seu, e o quanto isso significava para ela, Stefan tentou dar à esposa uma nova chance. Em seu coração, ele sabia que era errado ir escondido à casa de Honora, pois ambos tinham feito juras matrimoniais a outras pessoas. Além disso, não importava o que Vanessa havia feito no passado; eles estavam prestes a formar uma *família*. Ela era sua esposa agora e para sempre, e isso significava que se Vanessa tivesse seu filho, ele o amaria, assim como a mãe do bebê, o máximo que pudesse. Stefan até se permitiu dar o nome à criança, antes mesmo que nascesse: Filip, segundo o nome de seu pai", disse Sader. "E chegou a hora, a noite em que Vanessa finalmente teve o filho de Stefan, graças ao poder secreto da magia de Callis. Só que não era um menino. Era uma menina branca e radiosa, que era a cara de Stefan."

Fraca e suando, Vanessa afagou a linda menina nos braços, antes de

voltar a sentir fortes dores...

“Mas, exatamente como a bruxa havia previsto, as almas de Stefan e Vanessa nunca haviam se fundido, pois não havia amor entre eles. Cada alma produzia seu próprio filho, o que significava que Vanessa não teve um bebê, mas dois. Então, essa segunda menina não se parecia em nada com Stefan. Em vez disso, ela era igual à mãe.”

Vanessa resfolegou quando Callis segurou o bebê para lhe mostrar: uma menina com cabelos negros como as penas de um corvo, olhos grandes arregalados e um rosto medonho. Vanessa se retraiu de repulsa, empurrando o bebê de volta para a bruxa.

“Ela ordenou que Callis jogasse a menina na Floresta e a deixasse lá para morrer. Ela jamais poderia levar uma criança tão horrenda de volta para casa, para Stefan, debochou ela, antes de pegar sua linda filha loura e sair apressada, certa de que tudo entre ela e o marido estava prestes a mudar”, pontuou Sader. “Mas Callis, que só via beleza na criança que Vanessa jogou fora, ficou com a menina para si. Ela lhe deu o nome de Agatha, o que significava ‘Alma do Bem’. Finalmente, depois de tantos anos de solidão, Callis da Floresta de Baixo havia encontrado seu verdadeiro amor.”

Callis deu uma olhada no espelho, enquanto estudava os olhos grandes da criança, tão grandes que pareciam olhos de um inseto. Com mágica, Callis tornou seus próprios olhos maiores.

“Para garantir que ninguém fizesse perguntas quanto a ela ser mãe da criança, Callis foi aos poucos se transformando, ao longo dos anos, usando suas habilidades de Enfeiamento para ficar cada vez mais parecida com Agatha. Logo, os aldeões começaram a notar a filha de Callis à espreita, nas colinas, praticamente uma duplicata dela. Os Anciões fizeram perguntas à Callis, é claro, mas ela não deu respostas, e, com o tempo, a cidade simplesmente evitava a menina, como fazia com a mãe.”

A manhã irrompia pela janela da cozinha ordinária da casa, enquanto Callis, com os cabelos negros, pele branca e magricela, lia livros de história para a filha de cabelos negros, pele clara e magricela.

“Quando surgiam novos contos de fadas em Gavaldon, ano após ano, com o Bem sempre ganhando em cada história, Callis começou a questionar se ela tinha interpretado tudo errado. Talvez o Diretor da Escola nem fosse do Mal. Ela até se perguntava: será que ela havia cometido um equívoco ao não aceitar a aliança? À medida que os anos foram passando, ela começou a

desejar que a filha fosse levada para a Escola do Bem e do Mal, para que Agatha pudesse ter um futuro repleto de magia, aventura e amor, em vez de ficar presa naquela vida solitária e comum, por causa da mãe."

A cena mudou para Stefan, em sua casinha, sentado à mesa com Vanessa e a jovem Sophie. Ele olhava a filha de três anos com cautela, sem nenhum carinho no rosto.

"Enquanto isso, enquanto a pequena Sophie crescia, Stefan tinha uma certa aversão em relação a ela. Ele se esforçava muito para amá-la: levava a menina até Battersby para comprar biscoitos, lia livros de histórias na hora de dormir, sorria para os transeuntes que comentavam que a pequena Sophie era tão parecida com ele... Mas, no fundo, tudo que Stefan via na filha era a alma de Vanessa."

Agora, Stefan estava levando madeira para o moinho. Ele parou no caminho, reparando em Agatha, com 5 anos, brincando sozinha no meio do capim, numa colina próxima. Ela ergueu os olhos para Stefan e deu um sorriso dentuço. Stefan retribuiu o sorriso.

"E, no entanto, quando ele via a menina estranha e marota, que se evadia ao redor de Graves Hill, ele sentia tanta afeição por ela, mesmo quando os outros trabalhadores do moinho notavam sua incrível semelhança com Vanessa", disse o Professor Sader. "Ao dar à luz duas meninas, uma feia e uma bonita, Vanessa ficou com aquela que achou que o marido amaria. Aquela que poderia aproximá-la dele. Mas a que ela havia jogado fora, era a que havia ficado impressa no coração de Stefan."

A cena de Stefan desapareceu e as meninas estavam sozinhas com Vanessa, no banheiro, repleto de poções de beleza, cremes e elixires, enquanto ela engrossava os lábios com uma pasta especial, tornava seus olhos verdes com gotas de ervas e pintava os cabelos de louro-dourado com uma mistura caseira. Sophie, com seus 7 anos, imitava a mãe, passando creme de mel no rosto.

"Vanessa não conseguia entender por que Stefan ainda era frio com ela, mesmo após o nascimento de Sophie. *Sophie não era bonita o suficiente?* Pensava ela. *Eu também não sou boa o bastante?* Em pânico, Vanessa tentava, obsessivamente, tornar-se mais bonita. Sua filha também. No entanto, por mais que ela o fizesse, Stefan parecia fugir das duas."

A cena mudou bruscamente para Vanessa em pé, com a pequena Sophie, então com 10 anos, na janela da cozinha, ambas louras e deslumbrantes,

vendo Stefan brincando com dois meninos no quintal da frente de Honora. Vanessa já não parecia mais zangada. Ela parecia derrotada e magoada.

“Vanessa acabou morrendo sozinha, enquanto seu verdadeiro amor a abandonou por uma garota que ela um dia achou ser uma bruxa horrenda. Ela viveu para ver Honora ter dois filhos. Dois meninos que, até o dia de sua morte, Vanessa sabia que eram de Stefan, por mais que Honora fingisse o contrário. Ela sabia porque via como Stefan amava os meninos. Pelo jeito que Stefan abraçou os meninos no enterro do marido de Honora, depois que ele sofreu um acidente no moinho. E pelo jeito como Stefan olhava de forma tão distante para Sophie, a filha que ele tinha em casa.”

Enquanto Stefan brincava com os filhos de Honora, ele viu Agatha, curvada e magra, sorrateiramente subindo Graves Hill. Ele sorriu afetuosamente.

“No entanto, Stefan nunca se esqueceu da menina no cemitério, para quem ele olhava sempre que passava por ali... porque, no fundo, ela parecia mais sua filha do que qualquer um dos outros.”

A história foi sumindo com uma pintura na chuva, e Sophie e Agatha estavam na escuridão total, em profundo silêncio, ouvindo o som idêntico de suas respirações.

“Duas irmãs”, Sader concluiu. “Porém, irmãs apenas no nome, visto que não houve amor quando foram concebidas. Duas almas eternamente inconciliáveis, já que uma é um espelho da outra: uma do Bem, outra do Mal. De fato, se o destino algum dia unisse essas meninas, elas seriam inimigas mortais, mesmo que seus corações ansiassem por um elo. Não haveria caminho para a felicidade, como não houvera caminho rumo à felicidade para seus pais. Elas eram almas velhas que se tornaram novas, fadadas a ferir e trair uma à outra, repetidamente, como Stefan e Vanessa, até que elas também fossem separadas para sempre. E, para qualquer um que achasse que essas duas meninas pudessem desafiar esse final e encontrar um final feliz... bem, isso seria um conto de fadas, não é?”

A Brigada lentamente se materializou ao redor delas, e as duas meninas se viram no calabouço gélido, com os corpos fracos e os rostos pálidos. O Professor Sader flutuava diante da tumba de Vanessa, olhando para elas.

“Mas eu tinha esperança, mesmo que não pudesse ver o final de vocês. Olhem o quanto vocês já caminharam, contra todas as probabilidades. Foi por isso que transferi a mãe de vocês para cá, para que vocês pudessem saber a

verdade sobre sua história. Foi por isso que sacrifiquei minha vida por vocês duas. Porque ao quebrar todas as regras do nosso mundo, vocês têm chance de salvá-lo quando nós mais precisarmos. Para encontrar uma ponte entre o Bem e o Mal. Para colocar o amor em primeiro lugar, seja o de um Menino, ou de uma Menina. Para romper a corrente entre a Velha história de seus pais e a Nova história de vocês. Ninguém sabe se vocês terão êxito, crianças. Nem eu. Mas o Storian escolheu vocês por um motivo, e chegou a hora de enfrentá-lo. Chega de fugir. Chega de se esconder. A única saída é através de seu conto de fadas."

Os olhos dele cintilavam com as lágrimas.

"Agora vão e abram a porta."

O Professor Sader sorriu para as duas meninas pela última vez. Então, seu fantasma se dissolveu na escuridão, como as últimas lágrimas de um sol.

34
A Guerra de Todas as Coisas

Nenhuma das meninas conseguia olhar para a outra. Elas só olhavam para Vanessa, morta e linda, em seu túmulo congelado.

“Somos irmãs”, constatou Sophie, com um tom estranhamente frio na voz.

“Só que não”, redarguiu Agatha, baixinho. “Família, mas não da família. De sangue, mas não do mesmo sangue. Juntas, mas separadas”, ela sentia uma onda de emoções presas por trás de seu coração, grande e forte demais para deixar entrar. “Por isso que eu via Sader em meus sonhos, como se ele fosse meu pai”, ela disse, com a voz falhando. “Porque ele sempre me lembrou o seu pai. Em algum lugar, eu sempre soube que era filha de Stefan. As duas estavam quietas, olhando o reflexo embaçado da outra na tumba de gelo.”

“Sophie?”, Agatha finalmente olhou para ela. “Nós temos que ir. Temos que ir agora mesmo.”

Sophie não olhou nos olhos dela. Seus músculos estavam tensos, seu corpo inteiro com os nervos à flor da pele.

“Você me ouviu?”, Agatha pressionou. “Nós temos que ir...”

“Isso não muda nada, Agatha”, disse Sophie, friamente, ainda olhando para a mãe.

“O quê? Sophie, isso muda *tudo*...”

“Não”, ela respondeu. “Isso prova que eu era do Mal desde o começo. Que a minha mãe nunca foi do Bem e me amaldiçoou a viver sua vidinha infeliz, apodrecendo sozinha, enquanto você ganha seu final feliz com Tedros, do mesmo jeito que meu pai ganhou um final feliz com Honora. O

Bem ganha o Bem; o Mal não ganha nada. Só que eu tenho a chance de mudar meu final. Agora, mais que nunca, Rafal é minha única esperança de não acabar sozinha. De não acabar como *ela*."

Ela passou bruscamente por Agatha e começou a bater aleatoriamente nos túmulos.

"Mas que maldito inferno! Tem de haver uma porta em algum lugar."



"Sophie, será que você não entende?", Agatha ficou olhando para ela, perplexa. "Escolher Rafal só torna você *mais* parecida com ela. Sua mãe fez o Mal para forçar o amor e olhe o que aconteceu! Escolher o Rafal só vai acabar deixando você mais sozinha..."

"Aggie, você está agindo como se eu ligasse para sua opinião", Sophie vociferou, batendo nas sepulturas. "Você ouviu o que o Sader disse. Não existe amor algum entre nós. Não há elo. Você é do Bem. Eu sou do Mal. E agora, nós vamos ver quem chega primeiro ao FIM. Ou Tedros leva você para Camelot, ou Rafal e eu selamos nosso Felizes Para Sempre. Só uma de nós ganha um conto de fadas."

"Sader também disse que acreditava na gente", disse Agatha, aproximando-se dela. "Ele *morreu* por nós..."

"Exatamente como minha mãe morreu, sabendo que jamais encontraria o amor", disse Sophie, acotovelando-a para afastá-la. "Almas do Mal não encontram amor. Lição número um, na Escola do Mal. Almas do Mal são destinadas a terminar sem ninguém."

"Não vou deixar que isso aconteça com você", Agatha relutou.

"É mesmo? Porque você, o Tedros e eu viveremos um trio feliz? Porque eu serei seu bichinho de estimação do Mal?", Sophie disparou, socando os túmulos. "Será que você não entende? Minha alma é defeituosa! Eu não presto, sou doente da cabeça, podre até meu âmago! Sou *avariada*. Jamais

encontrarei o tipo de amor que você encontrou porque jamais serei feliz por dentro. Todos esses anos, eu quis ser igual à mãe que achei que tivesse — um anjo do Bem e de luz — e, em vez disso, vejo que *sempre* fui igual a ela. Detestável até o fundo de uma alma muito, muito ruim."

"Você não é como ela", disse Agatha, andando atrás da amiga. "No fundo, você não tem nada a ver com ela..."

"Você é *surda*? Não ouviu a história dela?", disse Sophie, agora batendo mais depressa nas tumbas. "Eu fiz amizade com você para poder arranjar um príncipe, do mesmo jeito que a minha mãe fez amizade com Honora para ter meu pai. Tentei todos os truques que minha mãe tentou para encontrar o amor: feitiços de amor, poções de beleza, pedidos às estrelas... só para acabar sendo odiada e sozinha, enquanto minha melhor amiga ganha tudo. E igual à minha mãe, vou acabar morta num calabouço congelado, com todos esses outros covardes que foram fracos demais para aceitarem que eram do Mal", ela se virou para Agatha com o rosto vermelho de raiva. "Portanto, é melhor você acreditar. Se eu sair daqui, farei tudo que for preciso para manter meu verdadeiro amor, não importa o quanto ele seja do Mal. *Qualquer coisa*."

Um *ping* agudo ressoou dentro da Brigada. Todas as placas de aço nos túmulos se acenderam e começaram a piscar, com setas num tom azul brilhante que apontavam para um túmulo, antes que a porta de seu caixão magicamente se abrisse.

A voz gravada de Lady Lesso berrava de todos os lados: *A saída dos alunos foi aberta. Por gentileza saia do calabouço com o restante de sua turma e retorne à escola. A saída dos alunos foi aberta. Por gentileza saia do calabouço com o restante de sua turma e retorne à escola*.

Agatha ficou olhando estupefata para o caixão aceso.

"Agora vão e abram a porta."

As últimas palavras de Sader. Ele deve ter posto um encanto ali, para destrancar quando elas chegassem perto o suficiente. Seus pensamentos foram interrompidos, porque Sophie já estava disparando em direção ao túmulo reluzente.

"Sophie, espere!", Agatha chamou, correndo atrás dela. Ela não podia deixar que a amiga chegasse até Rafal... Mas Sophie já estava se enfiando no caixão vazio e passando por uma parede falsa de neve, no fundo do túmulo. Agatha tentou agarrar Sophie por trás, mas Sophie a empurrou e Agatha se desequilibrou. Ela se recuperou e pulou atrás de Sophie, passando pela

parede, caindo dentro de um bloco branco congelado.

Ao sair do outro lado, Agatha sacudiu os flocos de neve de seus olhos e dos cabelos, e viu que estava no escuro, num túnel cheio de goteiras, que tinha uma inclinação íngreme acima. Sophie já estava bem à frente, quase na porta que ficava no final. Agatha seguiu atrás dela, ouvindo os ecos da respiração ofegante de Sophie e o farfalhar de seu macacão de couro, enquanto ela relutava com a maçaneta. Quando não conseguiu abrir, Sophie bateu com o ombro contra a porta, com a força que pôde, antes que Agatha se atirasse contra a porta e a escancarasse com um gemido, enquanto as duas garotas cambaleavam ao outro lado...

Agatha bateu a cabeça com força no chão de pedras. Quando conseguiu se ajoelhar e abrir os olhos, Sophie já tinha sumido. Agatha levantou-se no grande salão vazio, aceso por uma tocha verde fraca. Uma sala onde ela já estivera. A Exposição do Mal.

Ela seguiu até a saída do museu. Agatha se deteve, subitamente paralisada. Voltou devagar, e avistou uma pequena sombra encolhida no chão, embaixo da última pintura que Sader fez de Gavaldon.

“Reaper?”

A criatura careca e amassada miou para ela, antes de olhar para a pintura de Sader com seus olhos amarelos-acobreados. Agatha correu na direção dele e o pegou nos braços. Ele mordeu seu pulso e ela o soltou com um gemido. Reaper virou de volta para a pintura de Sader, com seus olhos de gato fixos na cena.

Todas as perguntas de Agatha sobre como seu gato havia entrado na escola onde ele passara as últimas semanas, ou por que ele estava no museu do Mal, ficaram de lado. Porque, naquele momento, Reaper queria que ela olhasse a pintura na parede. Conforme ela se inclinou na direção da tela, Agatha viu o motivo. A cena estava diferente de antes.

Estava mais sombria, com apenas um ponto minúsculo de luz no canto esquerdo do alto. E onde antes as sombras dos vilões se aproximavam de Gavaldon, enquanto os aldeões queimavam os livros de histórias, assustados, agora havia vilões realmente saindo das árvores, enquanto eles batalhavam com heróis jovens e velhos. A única barreira que separava os vilões de Gavaldon era um escudo fino e esburacado, prestes a se romper.

Agatha se endireitou como uma flecha. Antes, uma visão do futuro, agora, a pintura de Sader acompanhava de forma mágica, o presente. Ela

estava olhando para a guerra entre o Bem e o Mal enquanto ela se desenrolava... e o Bem estava *perdendo*.

Seus olhos vasculharam urgentemente a cena, à procura de Tedros, mas Sader sempre pintava com pinceladas obscuras, impressionistas, sem detalhe algum dos rostos.

Eu tenho que chegar até Sophie, ela pensava, em pânico.

Mas, como? Sophie estava muito à frente...

Reaper miou de novo, ainda fixo na pintura, como se as respostas que ela procurava estivessem dentro daquela moldura. O que ela deixara de ver?

Agatha pôs o nariz ainda mais perto da tela, passando os dedos na superfície de tinta à óleo... até que seus dedos pararam. A bigorna vazia, da qual ela havia arrancado a Excalibur, estava enfiada embaixo do toldo da livraria do Sr. Deauville, bem distante da ação da guerra.

Reaper miou com urgência, incitando-a a seguir adiante. *É claro,* pensou Agatha. O Diretor da Escola havia encantado a espada para escondê-la na pintura de Sader... O que significava que ele também teve de encantar a bigorna. E se ele encantou a bigorna... então, talvez... Com o coração disparado, Agatha deslizou a mão direita pela superfície molhada e esticada da pintura, até que viu seus dedos surgirem na pintura. Ela sentiu o frio do metal rijo da bigorna sob a palma da mão.

Sua mão não estava apenas dentro da pintura. Sua mão estava em Gavaldon. Um portal. Reaper enroscou-se em volta da perna de Agatha, garantindo que estaria com ela para a viagem. A garota sorriu, triste.

“Obrigada por me ajudar, Reap”, ela sussurrou, afastando-o. “Eu voltarei quando for seguro. Prometo.”

Enquanto o gato choramingava, Agatha segurou a bigorna com mais força e se impulsionou de cabeça para dentro da pintura. Seu corpo inteiro foi engolido por uma escuridão quente e molhada, antes que seu rosto passasse por outra barreira molhada, adentrando o ar frio da noite. Ainda levitando horizontalmente, Agatha atracou a bigorna com a segunda mão e se esforçou para passar o restante do corpo pelo portal, com o calcanhar da segunda bota atravessando, antes que ela despencasse no chão de paralelepípedos coberto de fuligem.

Quando Agatha levantou a cabeça, a primeira coisa que ela viu foram as hordas de aldeões berrando e fugindo para se protegerem. Encurralada no estampido, Agatha rolou como um toco de madeira para baixo do toldo do Sr.

Deauville, quase sendo pisoteada, antes de se esconder atrás da bigorna. Espiando por cima, ela pôde ver o povo de Gavaldon se espremendo na igreja, entrando nas lojas, e dentro das casinhas. Houve uma vez em que ela testemunhara as mesmas cenas, enquanto os pais tentavam proteger seus filhos do Diretor da Escola. Agora, não eram apenas as crianças que eles estavam escondendo dele.

Agatha se levantou por trás da bigorna, olhando para a Floresta a meia milha de distância. Era exatamente como ela havia visto na pintura de Sader. Chamas pontuando as árvores distantes, iluminando legiões de vilões zumbis, enquanto eles batalhavam com velhos heróis e alunos, na Floresta, recuando-os em direção a uma barreira invisível que separava a Floresta de Gavaldon. De dentro da cidade, Agatha não conseguia enxergar o escudo da forma como ela vira da Floresta. Ela só sabia que ele estava ali, porque um ogro golpeou um stymph saindo de umas árvores próximas, lançando o pássaro contra o escudo, e fazendo com que ele ricocheteasse e caísse no chão, derrubando o jovem cavaleiro montado em suas costas.

Agatha estreitou mais os olhos, tentando identificar os rostos em meio às árvores, mas, como nas pinturas de Sader, tudo que ela via era um borrão de corpos e fogo. Assustada, Agatha procurava o sol, mas não conseguia encontrá-lo em meio às nuvens de fumaça.

Quanto tempo ainda restava? Vinte minutos? Quinze? Menos?

De uma vez, tudo aquilo a deixou esgotada. Ela jamais encontraria Sophie a tempo. Ela nunca destruiria aquela aliança. Ela morreria ali, inútil e acovardada, na livraria de contos de fada. O pânico corria em seu sangue...

Não desista.

A voz de Cinderela ecoava dentro dela, como o batimento de seu coração.

Por nós duas.

O ar foi lentamente voltando aos pulmões de Agatha. Sua mentora estava certa. Ou ela ajudava seus amigos do Bem a vencer essa guerra... Ou ela morreria com eles.

Mas, primeiro, ela tinha que passar por aquele escudo. Tomada de determinação, ela disparou em direção à Floresta. Ao correr, ela passou por um pai mandando a esposa e o filho subirem uma escada e se esconderem na chaminé... uma mãe e filha entrando num barril... e um dos Anciões reunindo crianças na sede da escola, com Radley dentre eles, equilibrando um aquário de mão, enquanto entrava. Agatha olhou os aldeões espalhados, procurando

por Stefan e Honora, mas não havia nem sinal deles.

Passando pelo moinho e o lago, atravessando a campina, Agatha começou a ouvir o ruído horrendo da guerra: os metais colidindo, os ossos de stymphs esmagados, os gritos de meninos e meninas. Ela logo pôde identificar alguns rostos iluminados pela floresta em chamas: Beatrix em cima de seu stymph, ainda disparando flechas; Ravan lutando corpo a corpo com um duende; Kiko sendo perseguida por uma bruxa zumbi; mas a maior parte da guerra ainda estava camuflada pelas árvores e o céu negro azulado. Quando chegou mais perto das árvores, Agatha começou a olhar os furinhos no ar: centenas deles, cada um do tamanho de uma laranja. Ninguém jamais havia visto o escudo de dentro de Gavaldon, o qual antes estava separado por mágica, mas Agatha conseguia enxergar os vácuos que agora havia na barreira, o que significava que ela podia calcular exatamente onde estava o escudo. Correndo na direção desses buracos, ela notou que as cores do lado externo dos buracos eram mais vívidas e vibrantes do que as cores do lado de dentro e, por um momento, ela ficou maravilhada em como era realmente tênue a linha entre as histórias e a vida comum.

Escorregando na direção do escudo, ela estendeu os dedos e sentiu a superfície ovalada e invisível entre os buracos. Antes da guerra, cada conto de fadas que o Mal havia reescrito em seu favor tinha aberto buracos no escudo em volta do Mundo dos Leitores, da mesma forma como abrira buracos na fé que os Leitores tinham no Bem. Porém, com os maiores heróis do Bem ainda vivos, nenhum desses buracos era grande o suficiente para deixar que o escudo caísse, nem que o Mal passasse, adentrando o reino protegido. O que só deixava uma pergunta...

Como eu devo passar? Pensou Agatha, entrando em pânico.

Através do escudo, ela via parcialmente os heróis além das árvores, tentando conter a linha de ataque do Exército Sinistro. Se os vilões os empurrassem mais, eles ficariam encurralados contra o escudo...

Subitamente, Agatha teve um vislumbre de cabelos dourados e ombros largos.

Tedros?

Ele já tinha sumido. Não havia tempo para pensar em seu príncipe. Se ela queria ajudá-lo, tinha que passar pelo escudo e encontrar Sophie. Agatha voltou a se concentrar, e estendeu a mão por um buraco, apalpando as beiradas. Romper barreiras era seu talento pessoal. Ela tinha atravessado

aquela, na Baía do Meio do Caminho, toda vez que havia tentado; com certeza, ela também conseguiria atravessar essa. Mas não havia vigia no portão para ser enganado, nem lugar algum para atravessar os buracos tão pequenos, ou...

Algo mordiscou seu dedo.

Agatha recuou surpresa e viu um dos ratos pretos de Anadil plantado do outro lado do escudo, na Floresta, com suas patinhas segurando a beirada do buraco, para se apoiar. *Rato número 3,* Agatha se lembrou, o único que ainda tinha forças o suficiente para chegar tão longe assim, pois os outros dois ainda estavam se recuperando depois de pegar a varinha de Dovey e atravessar a névoa de chocolate. Agora, o Rato número 3 olhava sério para Agatha, através do buraco, ordenando que ela prestasse atenção, antes que ele tentasse passar pelo buraco e adentrar Gavaldon.

No instante em que o nariz do rato atravessou a superfície entre a Floresta e o Mundo dos Leitores, o rato foi atingido por um choque voraz que o fez sair voando até o chão. Através do escudo, Agatha viu o Rato número 3 dando um espasmo na terra, ainda vivo, apesar da descarga mágica do choque.

Então, o escudo não o deixou passar, pensou ela. Ela deslizou a mão novamente pelo buraco, com facilidade. *Então, porque ele deixa que eu passe?* Agatha afastou o pensamento. *Que importância tem isso? O buraco ainda é pequeno demais para que eu atravesse...*

Algo voltou a mordê-la. Agatha olhou para o rato de Anadil, que subiu novamente no escudo, apesar da dor aparente, e ele ainda estava olhando para ela. Agatha olhava para ele. O que o pequeno rato queria... Ela resfolegou.

Pequeno. Ele está me mostrando como passar. Mogrificar. Ele quer que eu me mogrifique.

E só havia um animal que Agatha sabia ser. Ela instantaneamente fechou os olhos e visualizou o feitiço, sentindo a ponta de seu dedo reluzir em dourado quente. Num flash, ela encolheu ao chão, sua roupa caiu por cima dela, antes que ela saísse rastejando debaixo delas, como uma pequena baratinha preta. Balançando as anteninhas, Agatha, a Barata, subiu pela lateral do escudo, deixando sua roupa para trás, e entrou por um dos buracos, antes de seguir o rato pela lateral do escudo e adentrar a Floresta.

No instante em que Agatha passou pelas primeiras árvores, uma bola verde de fogo passou voando por perto, quase incendiando o rato e ela.

Petrificada, ela corria atrás do bicho de estimação de Anadil, disparando a toda em meio à guerra; porém, como uma barata, ela era tão pequena que só conseguia ver os pés batendo e os corpos caindo, e o brilho das flechas fumegantes, e os feitiços mágicos, de um lado para o outro, acima dela. Agatha precisava procurar por Sophie, mas com toda aquela batalha ao redor, ela nunca a encontraria, como um inseto...

Uma flecha passou por cima de seu pequeno casco. Assustada, Agatha acelerou atrás do rato que a conduzia rumo a um arbusto de pinho. Agatha zuniu pelo arbusto, logo atrás dele, e os espinhos do pinho espetaram seu tórax, mas ela saiu do outro lado. Agatha parou subitamente. O belo Nicholas, de pele morena, estava caído de bruços na vegetação rasteira, com um corte enorme atrás da cabeça. Enquanto o rugido da guerra ecoava atrás do arbusto, Agatha olhava o jovem menino Sempre, sentindo um nó por dentro. O valente e meigo Nicholas... morto? Por causa do conto de fadas dela? A tristeza e a culpa irromperam, seus olhos de inseto se encheram de lágrimas...

O rato de Anadil chiou. Agatha o viu olhando para ela, e puxando o uniforme de Nicholas.

Ele quer que eu pegue a roupa dele.

De jeito algum, Agatha queria fazer o que estava prestes a fazer, mas ela não tinha escolha.

Não pense. Não pense. Não pense.

Com um profundo mal-estar, ela se reverteu à forma humana e se forçou a vestir o uniforme de Nicholas, agachada atrás do arbusto. Enquanto calçava as botas grandes e vestia a capa, o rato cutucava o arco de Nicholas e o estojo de flechas, que estavam caídos ao seu lado. Agatha se debruçou e tocou a mão trêmula nos cabelos negros de Nicholas.

Encontre Sophie, disse ela, com os dentes cerrados.

Encontre-a agora.

Ela pegou a arma da mão do rato e saiu do arbusto toda vestida de preto, com os olhos escurecendo e o maxilar contraído. Agatha respirou fundo e se infiltrou na guerra.

O ar estava escuro e nebuloso, repleto de fumaça das flechas que passavam voando e queimando os cadáveres dos zumbis, que, a princípio, ela só conseguiu ver sombras. Escondendo-se atrás de uma árvore para ter cobertura, ela estreitou os olhos e identificou Hort e Peter Pan, a seis metros

de distância, ambos tentando rechaçar o Capitão Gancho com varetas, pedras e o que pudessem encontrar no chão. Enquanto isso, Sininho lançava pó mágico em cima de Gancho, tentando afastá-lo, mas o Capitão girou e cortou-lhe a asa com seu Gancho, lançando Sininho ao chão. Enquanto a fada rastejava pela grama, tentando encontrar um lugar para se esconder, Gancho golpeava com mais força, contra Peter e Hort. Hort tropeçou para trás, no pé de Peter, tentando defendê-lo, e Gancho o empurrou de lado, partindo para cima de Pan.

De trás da árvore, Agatha sabia que só teria uma chance de salvá-lo. Com o dedo aceso, ela acendeu a ponta de sua flecha e mirou diretamente no coração de Gancho. Quando ele avançou na direção de Peter Pan, tentando cravar o gancho em seu pescoço, Agatha lançou a flecha que saiu voando...

Ela errou o coração, mas acertou sua bochecha, ateando fogo em seu rosto. Enquanto Gancho cambaleava para trás, surpreso, tentando em vão apagar as chamas, Hort e Peter nem sequer olharam pra ver quem havia salvado suas vidas. Ambos correram para se proteger, enquanto Agatha olhava Gancho sucumbir ao fogo e cair na terra.

Menos um. Mesmo que tenha sido por acidente. Agatha saiu de trás da árvore com outra flecha pronta. Ela vasculhava a Floresta em busca de Sophie, mas só via mais alunos e mentores tentando lutar com os vilões zumbis, que agora pareciam mirar exclusivamente nos heróis famosos: João e Maria brigavam com a bruxa, Chapeuzinho Vermelho e Dot lutavam com o lobo, João e Anadil contra o gigante... a cada segundo, os heróis do Bem perdiam terreno contra seus vilões, continuamente empurrados para fora das árvores, na direção do escudo de Gavaldon. O campo de batalha em volta deles estava pontilhado de stymphs fraturados, vilões mortos e alunos gemendo, feridos ou com membros quebrados.

À distância, Agatha viu um lampejo de Aric correndo na direção da Professora Dovey com uma faca dentada. A velha Reitora tentou atingi-lo com um feitiço, mas o jovem Reitor vinha depressa demais. Ele a derrubou no chão, deixando-a desacordada. Agarrando Dovey por seus cabelos grisalhos, ele se ajoelhou acima de seu corpo desmaiado.

Agatha ficou pálida. Se ela tentasse acertar Aric dali, teria que ser bem no alvo, ou acabaria acertando Dovey. Ela mal tinha conseguido atingir o Capitão Gancho, e ele estava a seis metros de distância. Agatha saiu correndo de forma instintiva na direção de Aric, remexendo o estojo em busca de uma

flecha, tentando se aproximar o suficiente para ter uma pontaria melhor. Mas era tarde demais. Aric ergueu sua faca acima da garganta da Professora Dovey, prestes a acabar com ela. Agatha gritou.

Por trás, Lady Lesso segurou o punhal, Aric deu-lhe um soco atrás do pescoço e dominou-a. Sua mãe caiu de barriga, mas deu um impulso à frente, pegando Aric pelas orelhas. Os dois estavam vermelhos, mãe e filho lutando pela faca, o brilho do metal desviando de um para outro, até que Aric deu um chute, mandando a faca para longe. Agatha mirou sua flecha de longe, tentando acertar a cabeça de Aric, mas ele e Lady Lesso agora estavam rastejando loucamente em direção ao punhal, empurrando e acotovelando um ao outro. Lady Lesso pegou a faca primeiro, mas Aric pulou em cima dela. Sua mãe virou ao contrário, segurando o filho pelo pescoço, os rostos dos dois encostando, a faca presa no meio deles... Os olhos de Aric se arregalaram e ele deu um grito atordoado.

Em pé, acima dele, a Professora Dovey cravou um osso de stymph quebrado mais fundo em suas costas. Os músculos volumosos de Aric perderam a firmeza e ele caiu em cima da mãe, sangue escorrendo da boca. Lesso empurrou o filho para o lado, tirando-o de cima dela, tentando respirar. Deitada de costas, a Reitora do Mal segurou o punho da Professora Dovey e deu um leve sorriso para sua melhor amiga.

Agatha soltou seu arco e correu na direção de Lesso e Dovey, grata porque as duas estavam a salvo. Algo trombou em Agatha, por trás, puxando-a para atrás de uma árvore.

“Onde está ela?”, Hester rugiu, acima do ruído do caos. “Onde está Sophie!?”

“Eu não sei!”, Agatha sacudiu a cabeça.

“Olhe!”, Hester pegou Agatha pelos ombros.

Agatha seguiu os olhos dela por entre as árvores, até um pontinho de luz, já enterrado no horizonte.

“Dez minutos. Isso é tudo que temos. Você precisa encontrar Sophie...”, Hester ordenou.

“Onde está o Tedros?”, perguntou Agatha.

“Merlin está tentando manter os meninos vivos pelo tempo que conseguir”, Hester disse, apontando para o mago, correndo de um aluno ferido para outro, cuidando de seus ferimentos com pó mágico do chapéu.

“*Onde está Tedros?*”, Agatha pressionou.

Elas ouviram um grito agudo e se viraram. Pinóquio estava sendo perseguido por vinte ogros e duendes, atravessando a Floresta. Bem na hora em que os vilões o pegaram, uma horda de animais irrompeu de dentro da floresta e colidiu contra os zumbis, soltando Pinóquio. Princesa Uma saltou de uma árvore, pendurada num cipó, e atracou o velho herói, levando-o para a segurança de seus galhos junto com Yuba e o Coelho Branco, enquanto o exército de animais de Uma lutava com os zumbis, lá embaixo.

Outro grito ecoou e Agatha viu Lancelot batalhando com Rafal, perto das primeiras fileiras de árvores. O ombro do cavaleiro estava encharcado de sangue, mas ele habilmente desviava os feitiços do jovem feiticeiro, apesar dos rugidos de dor. Agatha empalideceu. Tedros não estava com ele.

"Agatha, ouça-me", Hester disparou. "O Capitão Gancho está morto. Ani matou a fada Rosa e eu matei minha mãe zumbi, fingindo estar feliz em vê-la. Só sobrou o gigante do João, o lobo da Chapeuzinho Vermelho e a madrasta da Cinderela. Nós faremos tudo que pudermos para evitar que o escudo caia. Mas você tem que achar Sophie..."

"*ONDE ESTÁ TEDROS?*", Agatha berrou.

"*ELE ESTÁ BEM. O PRÍNCIPE PERDEDOR ESTÁ BEM!*", Hester disparou. "Lance está mantendo-o longe do Diretor da Escola, está bem?", ela apontou para o outro lado da floresta, para Tedros, empunhando a Excalibur e batalhando contra ogros, como fizera com Lancelot, no campo, enquanto Chaddick voava acima do príncipe, montando um stymph, derrubando os ogros feridos com flechadas vorazes. "Mas você não tem tempo de ajudá-lo, nem de ver como ele está, nem de chegar perto dele, portanto, nem tente", Hester ralhou. "Nós precisamos que você encontre Sophie, agora. Dez minutos, Agatha."

"Dez minutos", Agatha olhou em seus olhos.

"Ande logo", Hester implorou, antes de sair correndo para ajudar Dot e Chapeuzinho Vermelho.

Num piscar de olhos, Agatha disparou na direção oposta, com olhos atentos em busca de Sophie, enquanto pulava por cima de alunos e zumbis caídos. Um estrondo ecoou atrás dela, que se virou para ver o gigante de João caindo no chão, derrubado por Kiko, Beatrix e Reena, que o bombardearam do alto das árvores, enquanto Anadil, João e Rosa o distraíam, lá embaixo. Atrás delas, o lobo estava avançando para cima de Chapeuzinho Vermelho, com Dot aparentemente ferida no chão. Mas na hora em que o lobo ia fechar

as mandíbulas na cabeça de Chapeuzinho Vermelho, Dot apontou seu dedo aceso e transformou as mandíbulas do lobo em chocolate. Seus dentes de chocolate cravaram na Chapeuzinho Vermelho e esfarelaram em suas gengivas. Quando ele recuou, chocado, Hester tinha uma flecha com a ponta de fogo mirando nele.

Agatha respirou aliviada, olhando em volta, procurando Sophie. Os velhos heróis estavam a salvo, por enquanto. O escudo não cairia... Ela arregalou os olhos. Cinderela estava paralisada perto do escudo, vendo suas irmãs mortas-vivas, pela primeira vez. Agatha viu o rosto de Cindy se desmanchar de felicidade, olhando as irmãs adoradas, a quem ela um dia amou mais que qualquer outra pessoa. Não importava que elas fossem zumbis empunhando lanças, ou que estivessem do lado do Mal. Como uma mariposa indo de encontro ao fogo, Cinderela seguiu na direção delas, de mãos erguidas, em paz. Quanto mais perto ela chegava, os rostos enfurecidos das irmãs iam se abrandando, as mãos delas iam enfraquecendo nas lanças, como se elas também sentissem o revolver do antigo amor pela irmã, apagando todas as novas ordens para feri-la. Cinderela lentamente estendeu os braços para elas, com um lindo brilho em seu rosto...

Ela não viu a madrasta que veio por trás dela, empunhando um machado.

“Não!”, Agatha gritou, disparando na direção dela. Cinderela virou tarde demais.

O machado desceu com toda força. Conforme a velha princesa caia, a visão de Agatha ficou embaçada pelas lágrimas, seu coração quase parou de bater.

No centro infernal da floresta, a guerra parou. Até Lancelot e Rafal cessaram seus golpes, vendo Cinderela bater no chão, a apenas alguns metros do escudo de Gavaldon.

Merlin virou-se, ao lado de Ravan ferido, a quem ele estava cuidando. O corpo do mago enrijeceu, seus olhos voaram para Agatha. Chocados, tanto ela quanto o mago, ambos seguiram em direção ao escudo de Gavaldon. Havia um menino do lado de dentro da bolha protetora, observando-os. Ele não tinha mais que 7 ou 8 anos, e segurava um livro de história aberto nas mãos. Agatha o reconheceu imediatamente.

Jacob. Filho caçula de Honora.

Ele viu Cinderela morrendo, do outro lado do escudo fino, na mesma posição da pintura que mudava, na última página do conto de fadas que ele

trazia nas mãos. O livro reescrito escorregou de seus dedos e caiu na grama. Atrás dele, Agatha viu uma turba de sombras lideradas por um homem alto e forte, correndo na direção do menino, vindo da praça de Gavaldon. Ela ouvia Stefan chamando pelo nome de Jacob, dizendo a ele para se afastar... Mas agora, não importava mais. Os buracos no escudo acima de Gavaldon estavam magicamente se expandindo, se fundindo uns aos outros, aumentando cada vez mais...

De repente, o escudo explodiu com um estrondo ensurdecedor, detonando um clarão de luz branca cegante que sacudiu a Floresta como um terremoto. Os heróis velhos e jovens se espalharam pelo chão, enquanto os stymphs trombavam de cabeça nas árvores, explodindo com o impacto. Agatha se protegeu do clarão faiscante, seu corpo foi jogado na terra, enquanto ela cobria os olhos.

Então, a luz pareceu diminuir. Aos pouquinhos, ela foi espiando por entre os dedos e viu os pontos cintilantes brancos chovendo sobre o Mundo dos Leitores, como uma chuva de estrelas. O escudo entre a Floresta e Gavaldon se fora. Na Floresta, os heróis iam lentamente se levantando... mas os zumbis já estavam ficando de pé... Agatha não conseguia mais ver Tedros em lugar algum... nem Merlin, nem Lancelot...

Ela se virou para onde estivera o escudo. Jacob tinha sido levado pela turba de aldeões que vieram salvá-lo. Honora o segurou com força, junto aos quadris, e Adam, seu irmão mais velho, estava embaixo de seu outro braço, enquanto ela os levava para a segurança da multidão. Olhando o campo de batalha iluminado pelo fogo, o Ancião mais velho estremeceu diante da linha de frente da horda, assustado demais para discernir quem era amigo e quem era adversário. Ele estendeu as mãos em rendição, recuando junto com seu povo.

“A cada quatro anos, vocês destruíam nossas famílias. Vocês levavam nossas crianças! Isso não é suficiente?”, o Ancião suplicava. “Nós faremos qualquer coisa que vocês queiram. Por favor, não nos matem...”

“Eu não tenho intenção de matá-los”, disse uma voz fria e dura.

Agatha sentiu um frio na espinha. Ela se virou devagar, junto com os aldeões, e viu Rafal, sozinho, dentro da fronteira do Mundo dos Leitores.

“Bem... exceto por *ele*”, sorriu o jovem Diretor da Escola ao dar um passo para o lado e revelar Stefan ajoelhado na grama, amordaçado com uma vareta.

Sophie estava em pé, diante de seu pai, com olhos frios e fixos.

“Na verdade, não sou eu que farei a matança. Meu verdadeiro amor será responsável por terminar essa história”, Rafal beijou delicadamente a mão de Sophie e a aliança reluziu junto aos lábios dele. “Sacrificando o sangue do próprio pai por *amor*.”

Agatha começou a suar.

A pessoa mais perigosa num conto de fadas é aquela disposta a fazer qualquer coisa por amor.

Nunca foram os Leitores que Rafal queria em Gavaldon. Era somente um Leitor. Um Leitor cujo assassinato poderia desfazer a morte do próprio irmão do Diretor da Escola. As palavras de Merlin voltaram depressa para ela... aquelas que ele dissera no Celestium, na noite anterior à guerra... as coisas que não faziam sentido...

E se nós estivermos analisando a história de maneira inteiramente errada, Agatha?

No dia em que Rafal matou alguém do próprio sangue, ele tinha provado que o Mal não podia amar e amaldiçoou seu lado, fadando-o à derrota eterna. Mas, agora, ele tinha uma rainha que mataria alguém do próprio sangue para provar que o Mal *podia* amar.

Um pecado original seria apagado. A maldição sobre o Mal seria revertida. Um Diretor de Escola imortal sem ninguém para detê-lo, até que o último Sempre estivesse morto. Até que o Bem fosse apenas uma lembrança. Exatamente como ele havia prometido.

Apavorada, Agatha olhou para Sophie, em pé ao lado de Rafal, cujos cabelos brancos espetados contrastavam com o céu noturno. Enquanto Sophie olhava seu lindo e verdadeiro amor, não havia nada nos olhos dela, exceto um profundo vazio esverdeado. Abaixo dela, Stefan não relutava. Ele sabia que havia sido derrotado.

Agatha sentiu a ponta de seu dedo aquecer, sabendo que Tedros devia estar por perto. Lancelot e Merlin também. Eles certamente poderiam ajudá-la a chegar até Stefan a tempo. De alguma forma, eles tirariam Sophie de perto do Diretor da Escola. O mago sempre tinha um plano. Mas agora ela via Rafal rindo ironicamente para ela, seus olhos fixos em seu dedo aceso, como se ela estivesse atrasada, sempre dois passos atrás dele.

Com o pavor aumentando, Agatha viu os zumbis de Rafal contendo o exército de Merlin, jovens e velhos, todos com armas em seus pescoços.

Duendes zumbis e ogros quebravam os arcos dos heróis e esmagavam os últimos stymphs com seus punhos, triturando seus ossos. Presos diante de lanças e espadas, os heróis jovens e velhos rendidos e de joelhos, assim com Stefan. Primeiro, Hort e Peter, juntos... depois, João Rosa... Uma, Yuba e Pinóquio... até Hester sabia que seu demônio não era páreo para uma bruxa zumbi empunhando uma faca, e caiu de joelhos na terra, ao lado de Anadil e Dot.

Petrificada, Agatha procurava por Tedros, mas ela não conseguia mais vê-lo em lugar algum, enquanto olhava todos os lados do bosque, até os dois últimos duendes amarrando prisioneiros a uma árvore. Seu coração parou. Os prisioneiros eram Merlin e Lancelot.

O cavaleiro tinha um corte no rosto, estava com uma queimadura na coxa e seu ombro parecia ainda pior que antes, enquanto ele perdia a consciência e voltava, tentando manter a cabeça erguida. Merlin tinha sido despido de seu chapéu e da capa, e um dos ogros havia cortado sua barba. Encolhido na terra, com a túnica imunda, o mago olhava o sol por entre as árvores, minutos antes que ele se apagasse. Ela via o desespero em seus olhos azuis, refletindo os últimos raios de luz. Juntos, eles tinham fracassado em destruir a aliança de Sophie... fracassado em manter o escudo protetor... fracassado em impedir que o Diretor da Escola tivesse seu final. Em vez disso, eles tinham dado a ele tempo suficiente para selar a destruição do Bem para sempre.

Agatha esperava que Merlin olhasse para ela... que lhe dissesse o que fazer a partir dali... que desse ao Bem uma saída... Mas Merlin não fez isso.

Rafal olhava de esguelha para o mago sem sorte e o restante de seus reféns ajoelhados.

“Por que algumas almas não conseguem amar?”, ele perguntou, num tom abafado que ecoava noite adentro. “É uma pergunta com a qual relutei por muito tempo, vendo o Bem ganhar cada história, enquanto almas como a minha definhavam sem uma arma com a qual lutar. Tantos Nunca tentam amar do mesmo modo que o Bem, com a esperança de que também possamos encontrar um final feliz. Até eu: eu tentei amar meu irmão do Bem, com tanto fervor quanto a rainha do Mal um dia amou um príncipe do Bem. Mas o Mal não consegue amar do mesmo jeito do Bem, por mais que nos esforcemos para isso. Porque nossas almas não foram criadas com amor. Nós somos os descartados, os negligenciados, os derrotados. Somos os odiados, os expulsos, as aberrações. O desespero é nosso combustível; a dor é nosso

poder. O amor que ganha os Finais Felizes jamais pode ser o suficiente para nós. Nada jamais será o bastante para satisfazer o buraco negro em nossos corações. A menos que nós modifiquemos o que o amor significa...", um sorriso cortante surgiu no rosto dele ao erguer os olhos para Agatha. "...e então o Mal encontrará seus *próprios* finais felizes."

Um ogro atracou Agatha por trás e amarrou seus punhos. Ao mesmo tempo, gritos sufocados irromperam no silêncio e Agatha viu dois duendes empurrando Tedros até o lado dela, com as mãos amarradas, peito nu e amordaçado com sua camiseta. Ele não estava mais com a espada do pai. Rafal se inclinou no meio dos dois, com os lábios perto dos ouvidos de ambos.

"Eu lhe prometi um final que você jamais esqueceria", ele sussurrou, com a respiração gélida na pele de Agatha. "O Último Para Sempre do seu conto de fadas."

Um duende entregou a Excalibur para Sophie, que instantaneamente levou-a ao pescoço de Stefan. O segundo duende arrancou o machado do cadáver de Cinderela e entregou a arma a Rafal, que empurrou Agatha e Tedros, forçando-os a se ajoelharem lado a lado, antes de colocar a bota preta nas costas de cada um, primeiro Agatha, depois Tedros, empurrando seus rostos para encostá-los a um tronco caído de árvore, enquanto dois ogros seguravam seus corpos para que eles não se contorcessem.

O jovem Diretor da Escola cuidadosamente pousou a lâmina do machado sobre os pescoços de Agatha e Tedros, a extensão do metal era comprida o suficiente para dar conta dos dois de uma só vez. Agatha sentia o sangue pingando do aço, junto com fragmentos de ferrugem.

"O Bem encontra o Felizes Para Sempre com um beijo. O Mal o encontra com a morte", Rafal olhou para Sophie, com pele branca como a neve salpicada de manchas vermelhas. "Você foi ferida por todas as pessoas em que já confiou, minha rainha. Porém, uma machadada e eles terão sumido para sempre. Uma machadada e nosso amor ficará selado para sempre."

Agora, havia uma expressão de loucura, uma paixão luxuriosa no rosto dele.

"Porque essa noite, eu a tomarei, Sophie, como a minha Infelicidade Eterna. Desse dia em diante, na escuridão e no desespero, pelo Mal ou pelo Pior, pelo amor e pelo ódio, até que a morte jamais nos separe. Essa morte, eu dou a você. Meu único e verdadeiro amor."

Ele pressionou o machado junto ao pescoço de Agatha e Tedros, tomando a mira. O rosto de Sophie estava imóvel e rijo, uma máscara fantasmagórica. Ela pressionou a Excalibur na garganta de Stefan.

“Essa morte eu dou a você, Rafal. Meu único e verdadeiro amor”, ela repetiu.

“Sophie, não!”, Agatha gritou, virando para olhar nos olhos dela. “Ele é seu pa...”

Rafal apertou a bota nas costas dela, silenciando-a.

“*Espere*”, disse Sophie, com a voz tão afiada quanto um chicote, detendo o jovem Diretor da Escola. “Eu ainda não terminei com ela.”

Rafal tirou a bota de cima de Agatha, e ele sorriu maliciosamente para sua rainha, surpreso.

“Certamente, meu amor... *como queira*.”

Sophie virou-se para Agatha, com a rigidez em seu rosto se transformando em algo mais profundo e aterrador.

“Você acha que esse homem merece o nome de ‘pai’? Um homem que me despreza?”

Stefan tentou falar, mas Sophie apertou a lâmina da espada em seu pescoço.

“Eu tentei fazer com que ele me amasse. Tentei mostrar a ele meu verdadeiro eu. Mas ele só me odiou ainda mais. Assim como o Tedros. Assim como todos do Bem”, Sophie vociferou para Agatha. “Eu sou a minha mãe. Má até o osso. Isso é tudo que qualquer um sempre verá.”

“Menos eu.”, Agatha ergueu a cabeça do tronco.

A voz dela estava surpreendentemente calma, como se viesse de um lugar que ela não conseguia controlar. Ela via os últimos raios de sol refletindo na lâmina da Excalibur.

Merlin já tinha avisado: ela teria apenas uma chance com Sophie. *Use-a com sabedoria*.

Ela tinha tentado ouvir o mago. Ela tentara ter um plano... Mas não havia plano.

Jamais poderia haver plano para ela e Sophie. Só havia a verdade. Ela sentia Tedros relutando em suas amarras, como fizera na pira em Gavaldon, tentando ajudá-la. Mas, dessa vez, era ela que delicadamente tocava o pé na perna dele, acalmando-o. Agora, ninguém poderia ajudá-la. Esse era o seu conto de fadas com Sophie. E esse era o FIM.

“Eu conheço o que existe dentro de você, Sophie”, Agatha olhou para a amiga. “Além de sua mãe. Além do Mal. Eu conheço o seu verdadeiro eu.”

“*Esse* é meu verdadeiro eu. Esse sempre foi meu verdadeiro eu”, respondeu Sophie, segurando a espada com mais firmeza. “Aquela que não precisa mais fingir que é do Bem. Aquela que não tem que sentir que não é o suficiente. Aquela que não precisa sentir nada. Eu finalmente estou feliz, Agatha.”

“Não, não está”, Agatha disse baixinho. “Você não está feliz.”

“Prestes a morrer com seu amado príncipe e ainda pensando em *mim*”, Sophie irritou-se. “Minha história vai continuar sem você, Agatha. Não preciso mais de você, nem da sua piedade, como um de seus gatos decrépitos. Não sou mais a sua *Boa Ação*.”

“Mas eu ainda sou a sua”, Agatha respondeu. “Porque sem o seu amor, eu jamais teria me tornado quem eu sou. Portanto, mesmo que eu morra, sempre serei sua Boa Ação, Sophie. E não há Mal no mundo que possa apagar isso.”

Manchas rosadas surgiram nas bochechas de Sophie. Ela engoliu em seco.

“Você não deveria ter voltado para me buscar. Você devia ter ido viver sua própria vida e deixado que eu vivesse a minha. Nada disso teria acontecido.”

“Eu faria tudo outra vez”, disse Agatha.

“Por que nós somos *irmãs?*”, Sophie debochou, relutando com a emoção.

Stefan murmurou confuso. Sophie apertou mais a espada.

“Porque somos mais que irmãs”, Agatha corrigiu, encarando-a diretamente nos olhos. “Nós nos escolhemos, mutuamente, Sophie. Somos melhores amigas.”

“Uma princesa e uma bruxa jamais podem ser amigas”, Sophie desviou os olhos. “Nossa história sempre provará isso.”

“Não, nossa história prova que uma princesa e uma bruxa *precisam* ser amigas. Porque cada uma de nós interpretou ambos os papéis”, disse Agatha. “E sempre interpretaremos os dois papéis. É assim que somos. Por isso somos quem somos.”

Sophie ainda não conseguia olhar para ela.

“Tudo que eu sempre quis foi amor, Aggie”, ela disse ofegante, com a voz falhando. “Tudo que eu sempre quis foi um final feliz como o seu.”

“Você já tem um, Sophie. Você sempre teve um”, Agatha sorriu em meio

às lágrimas. “Comigo.”

Sophie finalmente olhou nos olhos dela. Pelo momento mais breve, o som e o espaço sumiram, as duas se olhavam fixamente, com tanta intensidade que se tornaram um reflexo uma da outra. Luz e Escuridão. Bem e Mal. Heroína e Vilã. Só que quanto mais profundamente cada uma delas olhava, nenhuma delas sabia mais quem era quem. Pois, nos olhos uma da outra, elas viam as respostas para as perguntas silenciosas de suas próprias almas, como se nem fossem reflexos, mas duas metades de uma mesma pessoa.

Uma lágrima escorreu pelo rosto de Sophie, sua boca se abriu e deixou escapar um leve ofego, como se o fogo dentro dela tivesse se apagado. O jovem Diretor da Escola parecia irritado, as mãos inquietas no machado, as pupilas desviavam entre a prisioneira e a rainha... Sophie piscou e o momento passou. Ela olhou para Agatha, como se ela fosse uma estranha, seu rosto novamente frio, com a mesma máscara dormente de antes. Sophie se virou para Rafal.

“Quando eu disser três”, ela ordenou.

Rafal sorriu cruelmente para Sophie e empurrou novamente a cabeça de Agatha, colando-a no tronco da árvore.

“No três”, disse Rafal, medindo a lâmina junto ao pescoço dela e ao de Tedros.

Agatha ficou mole, de coração partido.

“Um”, disse Sophie.

Tedros parou de se debater, como se soubesse que o fim tinha chegado. Ele pressionou o ombro nu junto ao de Agatha, e ela se aproximou ainda mais dele, querendo sentir cada parte dele, enquanto morriam.

“Dois”, disse Rafal, segurando o machado com as duas mãos.

Ela sentia o calor da respiração de Tedros.

“Para sempre”, ele sussurrou.

“Para sempre”, ela sussurrou.

Rafal ergueu o machado acima das cabeças deles. Sophie mirou a espada no pescoço de seu pai...

“*Três*”, gritou Sophie.

Agatha sentiu passar o vento do machado caindo e viu Sophie girando a espada de Tedros, o sol implodindo na escuridão, no espelho do aço. Mas quando a Excalibur raspou na pele de Stefan, prestes a cortar sua garganta, Sophie subitamente desviou o giro, erguendo a espada. Ela tirou a mão direita

do cabo por alguns segundos, resvalando-a pela mão esquerda e arrancando a aliança do Diretor da Escola, que voou pelo ar, o ouro captando o último raio de luz do céu, como um belo e novo sol.

O clarão cegou Rafal e ele paralisou o movimento do machado com o choque, precipitando-se em direção à rainha. Conforme a aliança caía na direção de Sophie, os olhos dele se arregalaram de pavor e ele estendeu a mão espalmada, lançando um facho de fumaça negra na direção dela.

Segurando a espada novamente com as duas mãos, Sophie olhou dentro dos olhos do Diretor da Escola e desceu a Excalibur com toda sua força, espatifando a aliança em milhões de estilhaços de ouro. A luz dourada envolveu o corpo de Sophie como um escudo, quando o feitiço mortal do Diretor da Escola colidiu contra ela e a nuvem negra se desintegrou com o impacto, dissipando-se como uma névoa remanescente de uma tempestade. Atônito, Rafal olhou as últimas brasas de sua aliança esfriando, a traição estampada em seu lindo rosto jovem.

Então, ele começou a mudar. Seu rosto enrugou como fruta azeda; seus cabelos brancos e grossos começaram a cair em tufos, revelando seu crânio mosqueado; sua coluna se curvou com estalos horrendos, lançando seu corpo com contorções horríveis. Manchas escuras começaram a surgir em sua pele, seus olhos azuis foram enevoando num tom acinzentado, seus membros musculosos encolheram até se tornarem gravetos ossudos. A cada segundo, ele ia ficando mais velho, envelhecendo milênios, e gritos de fúria irrompiam de dentro dele, conforme sua carne fervia de calor. Suas roupas queimaram e caíram, a fumaça emanando de sua pele mumificada, até que finalmente o Diretor da Escola foi desmascarado, restando apenas um cadáver de carne enegrecida e odiosa.

Seus olhos cruzaram com os de Sophie. Rugindo por vingança, ele cambaleou à frente, na direção dela, cada vez mais depressa, estendendo uma garra pútrida no rosto da Rainha. Sua mão virou pó ao tocá-la.

Rafal soltou um grito monstruoso e explodiu em cinzas, lançando uma chuva cinzenta no chão, como areia numa ampulheta. No meio das árvores, o Exército Sinistro de velhos vilões também sucumbia, suas armas caindo e tilintando no chão, em nuvens de poeira. Uma última rajada de vento varreu as trilhas de fumaça da Floresta como uma cortina. A noite estava mais quieta do que as profundezas de uma tumba.

Estupefato, Tedros arrancou a mordaça e, primeiro, se ajoelhou, olhando

boquiaberto para o céu negro.

“Nós estamos aqui”, disse ele, se virando. “Nós ainda estamos aqui. Agatha... nós estamos vivos! O livro de história fechou...”

Sua princesa não havia se mexido, ainda continuava com o rosto virado para baixo, sobre o tronco.

“Agatha?”

“Tedros, acho que vou desmaiar”, lentamente, Agatha olhou para ele.

“Você me segurou, eu seguro você”, seu príncipe sorriu.

A cor sumiu do rosto de Agatha e ela desabou nos braços dele.

De frente para eles, os aldeões petrificados soltaram Stefan que, com os olhos cheios de lágrimas, abraçou Honora e os dois filhos pequenos. Na vegetação rasteira da Floresta, heróis jovens e velhos se levantavam do chão, observando o massacre da guerra. Hester soltou Lancelot e Merlin, enquanto Hort devolvia o chapéu e a capa estrelada ao mago. Enquanto isso, Anadil e Dot circulavam em meio aos velhos mentores, ajudando-os a ficarem de pé.

“Nós lhe faremos uma asa nova, Sininho”, disse Peter, consolando sua fada, que estava aos prantos.

“Faça uma nova cadeira para mim, também”, disse João, franzindo a testa ao olhar a roda quebrada de sua cadeira de rodas.

Com os óculos quebrados, o Coelho Branco dependia de Yuba para guiá-lo, enquanto a Princesa Uma fazia uma prece silenciosa por todos os animais que haviam morrido durante a guerra.

“Alguém viu o João?”, perguntou Pinóquio.

Chapeuzinho Vermelho apontou para ele e Rosa se beijando atrás de uma árvore. Enquanto Merlin cuidava dos alunos feridos, Beatrix usava as habilidades que aprendera liderando a enfermaria do Mal para ajudar Lancelot a enfaixar o ombro ensanguentado.

“Gwen nunca mais vai me deixar sair de casa”, ele resmungou.

Enquanto recobrava a consciência, Agatha sentiu Tedros passando os dedos em seus cabelos.

A primeira coisa que ela viu foi Merlin agachado ao lado de Cinderela, envolvendo seu corpo com a capa. A velha princesa parecia tão serena e leve; do jeito que estava quando viu as irmãs de criação pela última vez. O mago cruzou com o olhar de Agatha e deu um sorriso muito afetuoso, como se para tranquilizá-la de que, embora não estivesse mais viva, Cinderela havia finalmente encontrado seu final feliz.

Agatha ficou olhando, enquanto Hort e Chaddick ajudavam o mago a carregá-la. Amanhã haveria um funeral, e ela poderia se despedir...

Amanhã.

“O sol”, ela disse com a voz embargada, olhando para o céu escuro. “Onde está o sol?”

“Esperando para nascer, pela manhã”, disse o príncipe de peito nu, ajudando-a a se levantar. “Graças a você.”

“São necessárias duas pessoas para um final feliz”, Agatha suspirou, procurando pela melhor amiga. Mas Sophie não estavam em lugar algum.

“Sabe o que passou em minha cabeça, quando o machado estava descendo?”, perguntou Tedros. “Que nós nunca arranjamos apelidos um para o outro, como todos os outros casais.”

“Nós não somos como todos os outros casais”, disse Agatha, olhando para ele.

“Não, não somos”, admitiu Tedros. “Nem todo rei encontra uma rainha mais inteligente, mais forte e melhor que ele em todos os sentidos.”

“Pelo menos você é o bonito”, Agatha pousou a mão em seu rosto dourado.

“Mmm, talvez você também me supere nisso”, Tedros sorriu, se aproximando.

Ele lhe deu um beijo longo e suave, deixando Agatha com as pernas ainda mais moles. Tedros amparou-a com o braço forte, trazendo-a para junto de seu peito suado. Depois de tudo isso, de alguma forma, ele estava mais cheiroso do que nunca. Ela o beijou novamente e um rubor surgiu em suas bochechas.

Então, o sorriso dela sumiu. Tedros percebeu e se virou.

Em meio às árvores, Sophie estava ajoelhada ao lado de Lady Lesso, tremendo, deitada de barriga para cima, enquanto a Professora Dovey segurava a mão da amiga.

O vestido da Reitora do Mal estava encharcado de sangue.

“Ah, não”, sussurrou Agatha.

Sophie afagava o rosto de Lady Lesso, olhando em seus olhos cor de violeta. A Reitora estava chiando baixinho, tentando, em vão, dizer alguma coisa.

“Shhh”, a Professora Dovey disse a ela, impassível e firme. “Apenas descanse.”

A Reitora do Bem soubera, assim que viu o ferimento feito pela faca de Aric, que magia não adiantaria. Sophie viu Agatha, Tedros e todos os outros heróis, jovens e velhos, reunidos à distância, olhando, solenes.

"O que... fez que você... fizesse aquilo?"

Sophie olhou para baixo.

"Diga... me...", disse Lady Lesso.

"A mesma coisa que também a fez dar as costas para o Mal", Sophie sorriu. "Uma amiga."

Lady Lesso pegou a mão de Sophie e, na outra mão, ainda segurava a de Clarissa.

"A Antiga e a Nova, juntas", ela sussurrou. "Ambas em boas mãos."

"Isso é culpa minha...", as lágrimas escorriam pelo rosto de Sophie.

"Não", disse Lady Lesso, resoluta. "Isso, nunca. Você é minha filha. Tanto quanto meu próprio filho. Você é amada, Sophie", a voz dela falhou. "Lembre-se, sempre. Você é *amada*..."

"Lady Lesso, por favor...", Clarissa tocou-lhe o rosto.

"Leonora", Lady Lesso olhou para a melhor amiga. "Meu nome... é Leonora."

Os olhos da Reitora se fecharam lentamente. Ela não respirou mais.

A Professora Dovey enfim chorou, debruçada acima da melhor amiga.

Sophie, em silêncio, deixou as duas sozinhas. Agatha estava esperando por ela, à margem de Gavaldon.

Elas ficaram ali em silêncio, vendo Dovey abraçar o corpo de Lady Lesso, do jeito que Agatha um dia havia abraçado o de Sophie. Os dedos de Sophie se entrelaçaram aos de Agatha. Agatha delicadamente apertou os de Sophie.

"Onde está Tedros?", Sophie finalmente disse.

"Reunindo os outros, para que possamos seguir até a escola", respondeu Agatha, vendo Tedros e Lancelot na Floresta, erguendo Ravan, a Professora Anêmona, e outros feridos, para pôr em cima da garupa dos poucos animais da Princesa Uma que haviam sobrevivido. "Tantos feridos que vamos precisar da ajuda dos outros professores."

"Venha. Vamos ajudar", disse Sophie, seguindo em direção às árvores.

"Ainda não", disse Agatha. "Primeiro, tem alguém esperando por você."

Sophie olhou por cima do ombro da amiga e viu Stefan em pé, na grama, e o restante dos aldeões reunidos, ao longe. O coração de Sophie

desmoronou.

Stefan não disse uma palavra. Ele apenas deu um abraço apertado na filha, enquanto os dois choravam.

“Me desculpe”, ela gemeu. “Me desculpe, pai.”

“Eu nunca odiei você. Nunca”, Stefan disse. “Tentei ser um bom pai... você não imagina o quanto eu tentei...”

“Você foi”, Sophie disse, fungando. “Você foi um bom pai.”

“Eu te amo mais que tudo no mundo”, Stefan sussurrou. “Você é minha filha, Sophie.”

Stefan viu Agatha chorando agora, ao vê-lo com Sophie.

“Embora você sempre tenha feito Agatha também parecer ser minha filha”, disse ele, sorrindo carinhosamente para ela.

“Venha, Aggie”, Sophie limpou o rosto.

Agatha também abraçou Stefan, aninhando-se junto a ele, enquanto as lágrimas molhavam sua camisa. Ela queria contar para ele. Queria contar tudo para ele. Mas ao olhar nos olhos de Sophie, a amiga claramente pensando na mesma coisa, nenhuma das duas disse uma palavra. Pois, num único instante, elas tinham encontrado tudo que precisavam. Elas não precisavam de mais nada. Ali, no espaço entre mundos, duas meninas abraçavam o pai, seus corpos estavam calmos e serenos, como se três pedaços finalmente tivessem se tornado um só.

Agatha olhou para Sophie, sorrindo. Com um ofego, ela se afastou dele... Pois Stefan estava tremulando, assim como o restante dos aldeões atrás dele. Em segundos, seus corpos ficaram translúcidos, enquanto Gavaldon começava a desaparecer num clarão de luz branca.

Perplexo, Stefan olhou para cima e viu um escudo descendo pelo céu...

Agatha sentiu a mão de Sophie segurando a sua, afastando-a dele.

“Não. Fique conosco, Sophie...”, Stefan suplicou, sumindo mais depressa. “Fique com a sua família!”

“Eu te amo, pai, mas você agora tem uma nova família”, disse Sophie, com os olhos cheios d’água. “A família que você sempre mereceu. A família que o fará verdadeiramente feliz”, ela abraçou Agatha mais forte. “Eu também tenho uma nova família. Uma família que finalmente pode me fazer feliz. Portanto, não se preocupe comigo, pai. Por favor. Nem olhe para trás. Nunca olhe para trás.”

“Não... Sophie, não...” Stefan estendeu a mão para a filha, enquanto o

escudo surgia entre eles... “Espere!”

A luz passou por entre seus dedos.

E ele se foi.

35
Nunca Para Sempre

Sophie levantou cedo para ver o sol.

Embrulhada em um cobertor de lã, ela recostou na varanda dos Empalhados de Merlin, cercada por esculturas de cerca-viva exibindo as cenas da história de amor de sua melhor amiga, olhando a imensa bola de fogo brilhante, em meio aos riscos arroxeados do céu. Ela havia se esquecido como era o sol, tão cheio e forte, batendo em sua pele como um beijo morno e dourado.

Sob a luz do amanhecer, ela via as torres de vidro azul cintilante da Honra e da Coragem; abaixo dela, as torres rosadas da Pureza e da Caridade, ligadas por um corredor aberto e, do outro lado da baía, os castelos negros da Malícia, Injúria e Vício. A morte do Diretor da Escola havia restaurado o equilíbrio da Escola do Bem e do Mal, embora tanto o lado do lago, quanto o do fosso da Baía do Meio do Caminho ainda continuassem a emanar uma névoa verde nociva. Merlin insistia que isso se resolveria sozinho, uma vez que os Sempre e os Nunca retomassem suas aulas e a onda de magia responsável por classificar os alunos entrasse em ação.

Fora necessária boa parte da noite para que o mago e Sininho voassem com a Torre do Diretor da Escola da Floresta Azul de volta ao seu local legítimo, entre as duas metades da baía. Para começar, Sininho, a fada que estava ficando idosa, deslocava a estrutura com mais lentidão que um caramujo; além disso, Sininho ainda estava se adaptando à sua nova asa que Merlin lhe fizera, a partir de uma borboleta azul que ele havia encontrado no escritório da Reitora.

O mago ainda teve que evitar que os Nunca voltassem para o castelo do

Mal, preferindo que todos eles permanecessem juntos para passar a noite no conforto dos dormitórios do Bem. Uma vez que os professores do Bem e do Mal foram libertados, o corpo docente passou a maior parte da noite tratando dos alunos e heróis feridos, enquanto o restante dos Sempre e Nunca tiveram um jantar de almôndegas de peru, sopa de cenoura e gengibre, salada de ervas verdes e torta de framboesa, tudo providenciado pelo chapéu de Merlin. Se algum dos professores do Mal se ressentiu pela perda do Diretor da Escola, nenhum deles demonstrou — talvez, porque eles viram a extensão dos ferimentos sofridos na batalha, ou, mais provavelmente, porque a morte de Lady Lesso significava que um deles seria escolhido como novo Reitor do Mal. Na ausência do Diretor da Escola, e na impossibilidade de Lady Lesso escolher um sucessor, era amplamente especulado que o Professor Manley assumiria o lugar dela (ele tinha passado a noite redecorando o escritório).



Quando o sol se escondeu por trás de uma cortina de nuvens, o frio do inverno voltou, e Sophie ficou sentada junto a um topiário de Tedros pedindo Agatha em casamento, no Circo dos Talentos. Pousando a cabeça entre eles, ela se permitiu fechar os olhos, grata por não precisar estar em lugar algum, em não ter ninguém para procurar e nenhuma carência em seu coração.

Ela nunca amara Rafal de verdade, por mais que dissesse a si mesma que amava. Ela o usara, tentando curar o buraco em sua alma... da mesma forma que ele havia tentado usá-la. Mas agora ele se fora e o dedo que antes usava sua aliança estava nu e vazio. Os sonhos flutuavam e ela se viu diante de lindas torres azuis e brancas, com bandeirinhas apontando para o céu.

Camelot.

Ela podia ver o caminho de mármore branco que levava em direção ao reino... os portões altos e prateados inteiramente abertos... Agatha e Tedros, de mãos dadas, esperando por ela, do outro lado, com sorrisos radiantes...

“Sophie?”

Os olhos dela tremularam e se abriram para a manhã já em pleno vapor.

“Eles vão começar em breve”, disse Hort.

Ele estava em pé junto à porta do telhado, seu porte musculoso oculto por uma túnica preta que antes era o uniforme do Mal.

Ele segurava uma túnica igual nas mãos.

“Não”, Sophie resfolegou. “Sério?”

Hort abriu um sorriso.

“Sério.”

Os funerais de Cinderela e Lady Lesso foram realizados na Floresta Azul, que já começava a recuperar a vida por volta da hora que as ninfas começaram a colocar cadeiras no Jardim de Tulipas.

Todos os Nunca vestiam seus uniformes pretos e sentavam do lado esquerdo do gramado, enquanto todos os Sempre estavam sentados à direita, com as meninas usando os habituais aventais cor-de-rosa, e os meninos as camisas azul clara, paletós azul marinho e gravatas finas. Muitos dos alunos tinham hematomas, ataduras e gesso, que eles ostentavam para os colegas de classe com sussurros furtivos e muito orgulho. Realmente, não havia olhares maliciosos de um lado para o outro do corredor, nem o rancor habitual entre as escolas do Bem e do Mal... em vez disso, uma gratidão silenciosa pela presença da outra escola.

Os velhos heróis também estavam lá, caprichosamente trajados de terno e vestidos que haviam encontrado nos armários do corpo docente. Só Lancelot estava ausente, pois ele não pôde mais suportar ficar longe de sua Guinevere, e partiu durante a noite, depois que os alunos estavam a salvo, dormindo.

Todos esperavam que Merlin fosse presidir a cerimônia, quando ele entrou no palco diante dos dois caixões, mas o mago convidou a Professora Dovey para dizer algumas palavras.

Vestindo seu traje formal, Clarissa Dovey assumiu o lugar junto ao aparador de livros, com os olhos lacrimejantes e a ponta do nariz vermelha.

“Muito foi escrito sobre Cinderela, uma aluna cujo conto de fadas será perpetuado”, ela começou. “Mas não haverá histórias sobre Lady Lesso. Nenhuma história repassada de Leitor para Leitor, mantendo seu nome vivo. Por isso, ela ficaria grata. Porque Leonora Lesso só quis uma coisa em sua vida: encontrar o verdadeiro significado do Mal. E foi na busca desse significado que ela nos mostrou por que essa escola deve continuar. Pois, no fim, foi a Reitora do Mal que provou que, às vezes, o Bem não é o maior

inimigo do Mal... mas um amigo inesperado.”

Ela falou um pouquinho mais, porém, foram essas palavras que ficaram nas mentes dos jovens e velhos, enquanto cada um deles passava pelos caixões e se despedia, depois que a Reitora do Bem terminou de falar.

Mais tarde, as ninfas carregaram os caixões para fora da Floresta Azul e pela Floresta adentro, onde seriam apropriadamente enterrados por um novo Guardião da Cripta, e os demais seguiram para o outro salão, para o chá. Reena e Millicent tocavam suas flautas, e Beatrix cantou uma ária que ninguém ouviu, enquanto o chapéu de Merlin abria uma bela toalha colorida com biscoitos amanteigados, bolo de coco, macarons de caramelo e bolinhos mentolados. Ali perto, os alunos se dividiram em grupos e os rostos sérios foram, aos poucos, abrindo sorrisos.

Hester, Anadil e Dot olhavam Sophie, do outro lado das abóboras, trajando a túnica preta do Mal, e caminhando ao lado de Agatha, de rosa, e de Tedros, de azul.

“A parte mais estranha é que sentirei falta deles”, disse Anadil, com os ratos espiando, com a cabeça para fora de sua túnica. “Até daquele príncipe cretino.”

“Pelo menos, com a partida de Sophie, Hester finalmente será Capitã da Turma”, disse Dot, acrescentando gotas de chocolate ao seu bolinho.

“Isso não será muita coisa sem ela, não é?”, disse Hester, saudosa. “De todas nós, ela é a melhor bruxa.”

Do outro lado do caminho, Sophie notou Hester, Anadil e Dot compartilhando pedaços de um bolinho e, por um breve instante, desejou poder levá-las para Camelot com ela.

“Você é pior que a Sophie”, dizia a voz de Agatha.

Sophie se virou e a viu discutindo com Tedros, com a boca cheia de bolo.

“Fica dizendo que está com fome, mas depois não come nada”, Agatha argumentou, derramando farelos no vestido rosa.

“A coroação é amanhã, o que significa que eles irão fazer uma pintura real que ficará pendurada pelos próximos mil anos. Perdão, se quero estar com minha melhor aparência”, Tedros se queixou.

“Eles também vão me pintar, e nem eu, nem Reaper, estamos agindo com bobos”, disse Agatha, olhando radiante para seu gato medonho, que corria atrás de Kiko, por entre os salgueiros.

“Reaper?”, Tedros disparou. “Se você acha, por um segundo, que eu vou deixar aquele venerador de satã entrar no meu castelo...”

“Seu castelo? Achei que fosse nosso castelo.”

“O que significa que nós teremos um bicho de estimação que *os dois* gostem.”

“Sem o Reaper, sem mim.”

“Então, sem você.”

“Seu metidinho, cabeça de mula...”

Agatha parou e viu Sophie olhando de olhos arregalados para os dois.

“Eu realmente estou melhor sozinha, não?”, disse Sophie.

Os três caíram na gargalhada.

“Tedros! Olhe!”, Chaddick gritou.

O príncipe viu um grupo de Sempres reunidos nos portões da Floresta Azul, vendo uma carruagem azul e branca entrando, puxada por dois cavalos brancos, com bandeirinhas vermelhas em cima.

“É isso?”, Agatha perguntou, nervosa.

“Venha, amor. Camelot está esperando”, Tedros disse sorrindo, puxando-a rumo à carruagem. Ele deu uma olhada para trás. “Ande logo, Sophie! A carruagem tem espaço para três!”

“O que significa que sua mãe e eu teremos que seguir atrás!”, gritou uma voz grave.

Tedros ergueu os olhos e viu Lancelot com Guinevere, sobre a sela do cavalo Benedict, correndo ao lado da carruagem. Quando Guinevere desmontou, Tedros quase a esmagou com um abraço.

“Vocês vêm conosco?”, ele perguntou, com as lágrimas brotando.

“Eu e o ogro”, disse Guinevere, dando um beijo no rosto dele. “Um rei precisa de sua mãe.” Ela olhou para Agatha. “E de sua rainha também.”

“Você não tem ideia”, Agatha disse, ofegante, abraçando-a.

“Obrigado, mãe”, Tedros fungou, passando os braços em volta das duas. “Obrigado...”

“Você pode agradecê-la mandando retirar a pena de morte decretada contra ela”, Lancelot resmungou.

“Ora, Lance, você precisa estragar tudo!”, Guinevere suspirou.

Enquanto Lancelot cedia e se juntava ao abraço do grupo, Sophie olhava, afastada, enquanto Agatha abraçava mais forte, nos braços de um príncipe amoroso e de sua nova e bela família. Vendo o resplendor no rosto da amiga,

o coração de Sophie ficou leve como uma nuvem. Lady Lesso estava certa. A felicidade de Agatha era a felicidade dela. E isso já era um Para Sempre e tanto.

“Sophie, venha!”

Ela deu uma olhada para Tedros e Agatha segurando a porta da carruagem aberta para ela. Com um sorriso, Sophie foi seguindo na direção deles...

“Querida garota, importa-se em pegar a minha capa no escritório da Professora Dovey?”, pediu Merlin, aproximando-se com sua camisa de manga. “Esses ossos velhos não vão conseguir subir outro lance de escada.”

Sophie franziu a testa, apontando para os amigos, adiante

“Mas estão me espe...”

“Não se preocupe”, disse Merlin, passando calmamente por ela. “Nós vamos segurar a carruagem.”

A porta do escritório da Professora Dovey estava aberta e Sophie entrou apressada, sem querer deixar os amigos esperando. A segunda mesa havia sido tirada e o escritório da Reitora do Bem havia sido restaurado como era antes, com cheiro de canela e cravos. Mas Sophie não via a capa de Merlin em lugar algum: nem nos ganchos para casacos, nem numa cadeira ou escrivaninha...

Mas havia outra coisa em cima da mesa que fez Sophie parar.

Entre os pesos de papel em forma de abóboras e o cesto de ameixas frescas havia uma caixa branca e comprida, com um laço roxo. Preso à caixa havia um cartão que dizia:

Sophie

“Estava em minha mesa quando nós voltamos.”

Sophie virou-se e viu a Professora Dovey junto à porta.

“Lady Lesso deve ter deixado antes de me libertar da Brigada”, disse Clarissa, parando ao lado dela. “Não havia nenhum testamento, nenhuma carta... apenas isso.”

Sophie passou os dedos nas bordas rijas da caixa e em seu nome escrito no cartão, sem mais nada na frente ou atrás, antes de olhar para a Reitora.

“Nós não saberemos, até que você olhe aí dentro, querida”, disse Dovey.

Sophie puxou o laço roxo devagar e o viu se soltar. Ela se debruçou sobre a mesa e ergueu a tampa branca, abrindo a caixa. Sophie engasgou.

“Não... Como... como...”

Ela se virou para a Professora Dovey, mas a Reitora do Bem estava sorrindo para a caixa, em meio às lágrimas.

“Ela nos disse, não foi”, Clarissa sussurrou esperançosa. “A Antiga e a Nova, juntas...”, ela tocou o rosto de Sophie. “Ambas em boas mãos.”

Do lado de fora da carruagem, Tedros trouxe xícaras de chá para a mãe e Lancelot. Recostada numa roda, Agatha tirava fiapos da pele verruguenta de Reaper, enquanto Merlin estudava seu rosto sem barba, na janela de vidro da carruagem.

“Depois de toda jornada épica, algo tem que ser perdido”, disse ele, cutucando seu novo queixo visível.

“Merlin, tenho pensado”, disse Agatha. “Por que eu consegui atravessar o escudo entre Gavaldon e a Floresta, quando ninguém mais conseguiu?”

“O escudo foi feito para evitar que o Mal invadisse o Mundo dos Leitores, minha querida”, disse Merlin. “Mas, às vezes, para evitar que o Mal entre, você tem que deixar o Bem sair.”

Agatha ficou olhando para ele, sentindo um aperto na garganta. “Ah, Merlin... eu vou sentir tanto a sua falta.”

“Sentir minha falta?”, disse Merlin se virando. “Você não acha que eu vou deixar aquele menino governar um reino sem a minha ajuda, acha?”

“E eu aqui achando que já estava velho demais para ter um tutor”, disse Tedros, sorrindo, aproximando-se do lado de Agatha.

“Você só faz 16 anos amanhã, menino”, disse o mago, olhando o casal. “Além disso, com o tempo, vocês terão um ratinho que também precisará de um tutor.”

Agatha e Tedros ambos olharam para ele, com os rostos vermelhos. Merlin limpou a garganta.

“Talvez seja melhor focarmos primeiro na coroação.”

“Se tivesse lugar na carruagem, você poderia passar todo o trajeto deixando Agatha e eu constrangidos”, Tedros disparou. “Mas com Sophie, nossa carruagem está cheia.”

“Está?”, Merlin olhou além deles, os lábios se curvando num sorriso.

Tedros e Agatha se viraram. Sophie correu até eles, vestindo a toga roxa majestosa de Lady Lesso.

Agatha soltou o gato. Sophie estava sem maquiagem, com bolsas sob os

olhos por falta de sono, e seus cabelos estavam meio desgrenhados, mas, mesmo assim, quando elas se olharam, em silêncio, Agatha nunca tinha visto a amiga tão calma, tão determinada, tão... linda.

Foi quando Agatha soube.

"Era o que ela queria, Aggie", disse Sophie, com a voz rouca.

"Você... você não vem conosco?", os lábios de Agatha tremeram.

"Eu serei a Reitora do Mal, enquanto a Professora Dovey continuará como Reitora do Bem. Nós duas vamos trabalhar lado a lado, como Lesso e Dovey trabalharam antes", disse Sophie. "Juntas, vamos manter o Storian bem guardado, até que um novo Diretor da Escola seja nomeado."

Ela via a aglomeração de Sempre e Nunca, professores e heróis, velhos e jovens espantados, conforme a notícia se espalhava (o Professor Manley quebrou sua caneca de chá). Agatha não conseguia falar.

"Mas... mas..."

"Você queria que eu fosse feliz, Agatha", disse Sophie. "Aqui é meu lugar. Isso é o que eu quero. Ensinar a alunos como eu o que o Mal realmente significa."

"Ah, Sophie", Agatha sacudiu a cabeça, as lágrimas brotando. "Você será uma Reitora maravilhosa", ela disse, jogando os braços em volta dela. "Eu vou... vou sentir muito a sua falta."

"Você será uma rainha melhor ainda, Aggie", Sophie prometeu. "Você vai mudar a vida deles. Como mudou a minha."

Agora, até Tedros agora estava com os olhos molhados.

"É um trajeto de apenas um dia até Camelot, Sophie. Você certamente irá nos visitar, não é?", ele falou.

"Sempre que vocês dois queiram me receber", disse Sophie.

Agatha abraçou-a com mais força, o rosto coberto de lágrimas colado ao da amiga.

"Eu te amo, Sophie. Eu te amo mais do que você pode saber."

"Eu sei, sim, Aggie", Sophie sussurrou. "Porque eu te amo do mesmo jeito."

As duas meninas ficaram abraçadas até que Merlin finalmente conduziu Agatha e o príncipe para dentro. Enquanto a carruagem partia, Guinevere e Lancelot seguiam atrás, a cavalo, e Sophie acenava um último adeus aos amigos. Eles adentraram a Floresta na direção das sobras das torres, acima do horizonte, antes que a última roda desaparecesse adentrando as árvores.

Agatha e Tedros se foram.

Em pé, sozinha, junto ao portão, Sophie se permitiu chorar, derramando lágrimas tenras e purificadoras. Não era uma despedida para sempre. Só por hora. E se a distância fosse demais para que ela suportasse, ela simplesmente olharia dentro de seu coração, pois Agatha já estava ali dentro.

"Hmm... talvez o seu Príncipe Encantado esteja bem ali na esquina", alguém disse.

Sophie ergueu o rosto e viu Hort ao seu lado. Ela observou seu rosto brincalhão, o corpo bem feito, o sorriso adorável...

"Receio que eu já tenha encontrado o meu final feliz, Hort", disse Sophie.

"O quê? Com quem?", Hort perguntou, aflito.

"Sozinha", disse ela, com a voz determinada e clara. "Estou feliz sozinha."

E, pela primeira vez, ela sabia que era verdade.

Enquanto Hort procurava as palavras, os sinos tocaram acima das duas escolas, convocando os alunos para seus castelos. Os Nunca sussurrantes lançavam à sua nova Reitora olhares espantados ao entrarem pelos portões do norte ("O que vocês estavam dizendo quanto a sentir falta dela?", Dot deu uma cotovelada em Hester e Anadil, ambas pálidas como um cadáver).

Sophie respirou fundo e seguiu atrás delas.

"Primeiro, as coisas mais importantes. O Mal precisa de um novo visual, já chega de preto e tudo pesado, quando devemos celebrar nossa ousadia, nossa singularidade", disse ela, pensativa. "Claro que teremos que eliminar professores de baixo rendimento e incentivar os Nunca a encontrarem seus Nêmesis. Assim encontraremos os melhores talentos para o Circo... e o Baile! Deixaremos que a escola vencedora da Prova seja anfitriã do Baile da Neve... Ah, isso vai cozinhar a batata do Bem, não vai...?"

"Sophie!", disse Hort, seguindo atrás dela.

"Mmmm?"

"Você não está com ciúmes que a Agatha tenha um príncipe, uma coroa e um reino, e tudo mais?", Hort insistiu, incrédulo. "Não está com ciúmes por Agatha ser uma *rainha*?"

Ele a viu parar junto aos portões, com o rosto de lado, enquanto os alunos passavam.

"Um pouquinho, é claro", ela admitiu, baixinho. "Mas, depois eu me lembro..."

Sophie se virou de volta, olhando para ele, com um sorriso radiante como diamantes.

“Eu sou *eu*.”

Copyright © 2015 Soman Chainani (texto)
Copyright © 2015 Iacopo Bruno (ilustração)
Copyright © 2016 Editora Gutenberg

Esta edição foi publicada de acordo com a HarperCollin's Children's Books,
uma divisão da HarperCollin's Publishers.

Título original: *The School for Good and Evil #3: The Last Ever After*

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

EDITORA RESPONSÁVEL
Silvia Tocci Masini

EDITORAS ASSISTENTES
Carol Christo
Nilce Xavier

ASSISTENTE EDITORIAL
Andresa Vidal Branco

PREPARAÇÃO
Carol Christo

REVISÃO
Nilce Xavier
Mariana Paixão

ILUSTRAÇÃO
Iacopo Bruno

CAPA
Guilherme Fagundes

DIAGRAMAÇÃO
Guilherme Fagundes
Larissa Carvalho Mazzoni

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Chainani, Soman
A escola do bem e do mal : infelizes para sempre / Soman Chainani ; ilustrações Iacopo Bruno ; tradução: Alice Klesck. – 1. ed. – Belo Horizonte : Editora Gutenberg, 2016.

Título original: *The School for Good and Evil #3: The Last Ever After.*
ISBN 978-85-3940-391-2

1. Ficção - literatura infantojuvenil I. Bruno, Iacopo. II. Título. III. Série.

16-05487 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção: Literatura infantil 028.5
2. Ficção: Literatura infantojuvenil 028.5

A **GUTENBERG** É UMA EDITORA DO **GRUPO AUTÊNTICA**

São Paulo	**Belo Horizonte**	**Rio de Janeiro**
Av. Paulista, 2.073,	Rua Carlos Turner, 420	Rua Debret, 23, sala 401
Conjunto Nacional, Horsa I	Silveira . 31140-520	Centro . 20030-080
23º andar . Conj. 2301 .	Belo Horizonte . MG	Rio de Janeiro . RJ
Cerqueira César . 01311-940	Tel.: (55 31) 3465 4500	Tel.: (55 21) 3179 1975
São Paulo . SP		
Tel.: (55 11) 3034 4468		

www.editoragutenberg.com.br


Soman Chainani
Best-seller do The New York Times
A
ESCOLA
do BEM e do MAL
"Um passeio emocionante e perigoso pelos contos de fadas. Eu amei este livro."
R.L. STINE
GUTENBERG

A Escola do Bem e do Mal

Chainani, Soman
9788582351666
352 páginas

Compre agora e leia

No povoado de Gavaldon, a cada quatro anos, dois adolescentes somem misteriosamente há mais de dois séculos. Os pais trancam e protegem seus filhos, apavorados com o possível sequestro, que acontece segundo uma antiga lenda: os jovens desaparecidos são levados para a Escola do Bem e do Mal, onde estudam para se tornar os heróis e os vilões das histórias.

Sophie torce para ser uma das escolhidas e admitida na Escola do Bem. Com seu vestido cor-de-rosa e sapatos de cristal, ela sonha em se

tornar uma princesa. Sua melhor amiga, Agatha, porém, não se conforma como uma cidade inteira pode acreditar em tanta baboseira. Ela é o oposto da amiga, que, mesmo assim, é a única que a entende. O destino, no entanto, prega uma peça nas duas, que iniciam uma aventura que dará pistas sobre quem elas realmente são.

Este best-seller é o primeiro livro de uma trilogia que mostra uma jornada épica em um mundo novo e deslumbrante, no qual a única saída para fugir das lendas sobre contos de fadas e histórias encantadas é viver intensamente uma delas.

Compre agora e leia


AGENTE Amélia
Vacas Zumbis!
GUTENBERG
MICHAEL BROAD

Agente Amélia

Broad, Michael

9788582352649

144 páginas

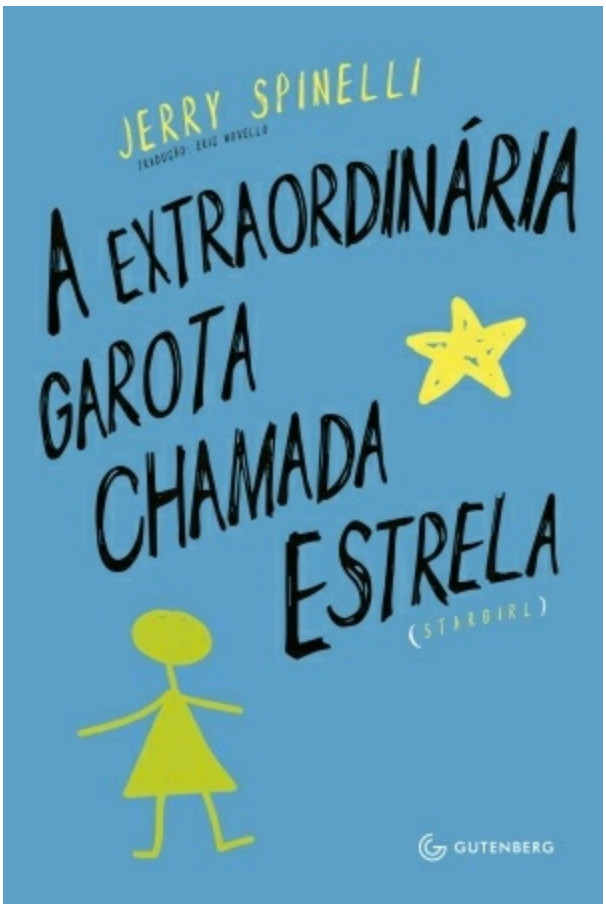
Compre agora e leia

"Três histórias cheias de mistério - e diversão - sobre eu mesma, Agente Amélia, e sobre como salvo o mundo todos os dias, sozinha! Beijos, Amélia"

Este é o segundo volume de uma série empolgante, indicada para crianças e jovens leitores. Com disfarces criativos, a garota Amélia desvenda os mais complicados mistérios de sua escola e de seu bairro, e agora até quando está de férias, evitando que "terríveis vilões dominem o mundo". Nesta obra, Amélia Kidd desvenda três

casos: o das Vacas Zumbis, na fazenda em que ficou hospedada nas férias; o da Flauta Peralta, na escola; e o dos Bolinhos do mal, na padaria de seu bairro. A série, que também conta com Agente Amélia - O Diamante Fantasma! explora de maneira divertida a vida de uma criança imaginativa e inteligente e instiga a curiosidade dos jovens leitores.

Compre agora e leia


JERRY SPINELLI
TRADUÇÃO: ERIC NOVELLO
A EXTRAORDINÁRIA GAROTA CHAMADA ESTRELA
(STARGIRL)
GUTENBERG

A extraordinária garota chamada Estrela

Spinelli, Jerry
9788582351437
192 páginas

Compre agora e leia

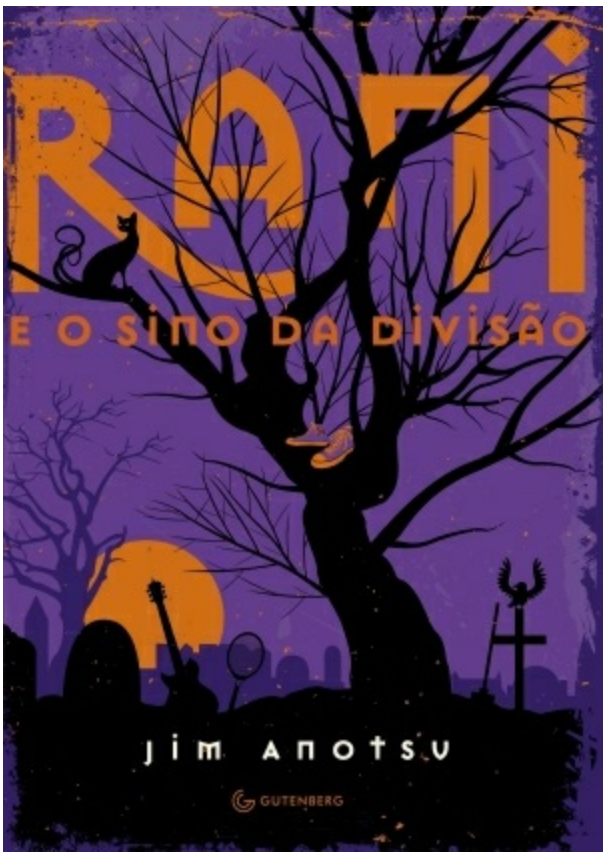
A garota chamada Estrela. Ela é tão mágica quanto o céu do deserto. É tão estranha quanto seu rato de estimação. É tão misteriosa quanto seu próprio nome. Com um simples sorriso, ela cativa totalmente o coração de Leo Borlock. Com sua alegria, ela incendeia uma revolução por liberdade e autenticidade no espírito de sua escola.

No começo, os colegas encantam-se com ela por tudo o que a faz ser diferente. Mas isso começa a

mudar, e Leo, apaixonado e apreensivo, percebe que a única coisa que pode salvá-la das críticas é a mesma que pode destruí-la: ser alguém comum.

Nesta celebração do inconformismo, o premiado Jerry Spinelli tece um conto tenso e comovente sobre os percalços da necessidade de ser popular e da emoção e inspiração do primeiro amor.

Compre agora e leia


RATI
E O SINO DA DIVISÃO
Jim Anotsu
GUTENBERG

Rani e O Sino da Divisão

Anotsu, Jim

9788582351888

320 páginas

Compre agora e leia

Quem não conhece bem Rani pode até achar que ela é uma adolescente comum, que mora em uma cidade do interior, acorda cedo para frequentar o ensino médio, e toca em uma banda de punk death metal com sua melhor amiga, Marina.

Só que sua vida começa a se distanciar totalmente da normalidade quando, um dia, ao ir para a escola, ela resolve cortar caminho pelo cemitério, onde vê um garoto estranhamente bonito, vestido com roupas coloridas e tênis fluorescente, que a olha de uma maneira

intrigante. Mais tarde, para sua surpresa, ela descobre que Pietro é aluno novo em sua classe. Dias depois, ele revela a Rani que faz parte de uma turma de excluídos, chamados Animais de Festa, uma facção de jovens (e nem tão jovens) seres sobrenaturais. E mais: que ela deve se juntar a eles, já que é uma xamã adormecida que precisa de treinamento imediato, pois está sob a mira de Aiba, um xamã poderoso que se alimenta da força vital de seus semelhantes.

Cética mas curiosa, de repente ela se vê mergulhada em uma aventura com seus novos e estranhos amigos para encontrar o Sino da Divisão, o único artefato mágico capaz de derrotar o destrutivo e cruel Aiba.

Compre agora e leia


MANDY HUBBARD
Faça seu pedido
GUTENBERG

Faça seu pedido

Hubbard, Mandy
9788565383745
296 páginas

Compre agora e leia

Kayla McHenry está tendo o pior aniversário de dezesseis anos da história! E não é só porque ela é diferente. Fica difícil se divertir quando você está apaixonada pelo namorado da sua melhor amiga.

Na hora de assoprar as velinhas, Kayla faz um pedido: "Eu desejo que todos os meus desejos de aniversário se tornem realidade. Porque eles nunca se realizaram".

Na manhã seguinte, ela acorda e vê um Meu

Querido Pônei cor-de-rosa pastando em seu jardim. No dia seguinte, depara-se com um carregamento de chicletes de bolinha para um ano inteiro. E, então, um cara meio plastificado chamado Ken aparece e começa a segui-la por toda a cidade, a bordo de um conversível!

A cada dia, um novo desejo se torna realidade. Mas… isso PRECISA PARAR. Porque, quando fez quinze anos, Kayla desejou ganhar um beijo de Ben Mackenzie… E Ben, agora, é nada menos que o namorado de sua melhor amiga!

Compre agora e leia